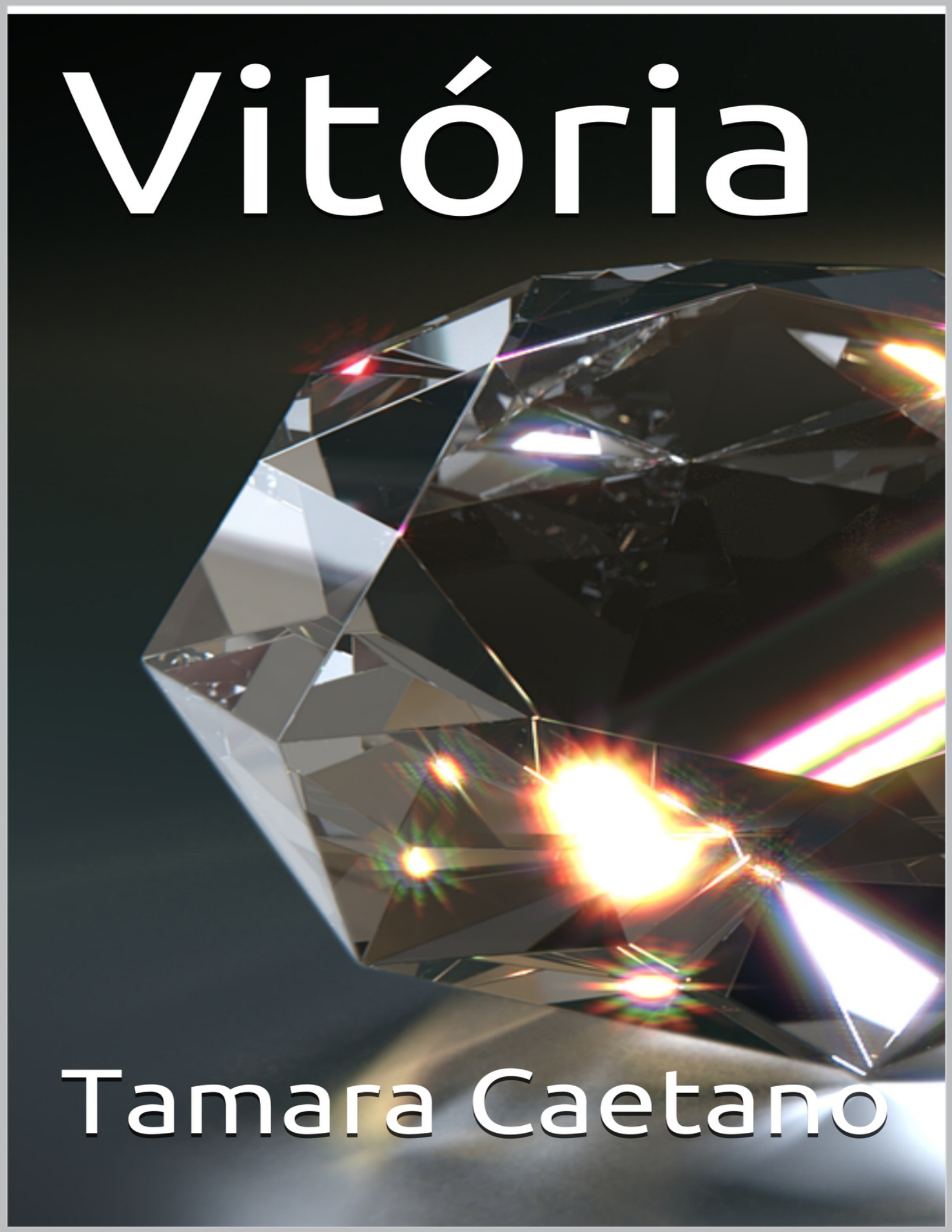
Vitória



Tamara Caetano

CAPÍTULO 01

Janeiro de 2020 – São Paulo

Apesar de passada a época das festas de final de ano, o terminal aeroviário de Guarulhos encontrava-se um verdadeiro caos. Quem se arriscava a entrar no campo lidava com a chegada e saída de turistas, executivos e um grupo de mais de trinta jornalistas que esperavam o voo de Fernandes Navarro, um deputado estadual que estava sendo acusado de participar de um poderoso esquema de corrupção dentro da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Maria Fernanda Ribeiro Vaccara, 43 anos, não fazia parte de nenhum dos grupos citados acima. Não estava nem em seus planos passar perto do aeroporto naquela manhã, mas teve que mudá-los quando sua sogra, Antônia Vaccara pediu que buscasse Vitória, a neta mais velha da família, no aeroporto. Inicialmente estava combinado do motorista pegá-la, mas na última hora ele precisou sair.

- O Romeu teve que buscar o gelo. – Antônia explicou enquanto resolvia alguns contratempos pelo celular. – O entregador que você providenciou deu bolo.

- Meu Deus! Mas vai dar tempo de chegar aqui antes de derreter? - Fernanda questionou. – Quanta irresponsabilidade!

- Dá para acreditar? Você devia de providenciado outro. – Antônia disse enquanto procurava um número de telefone no celular. – Bom... Você vai até o aeroporto, não é, minha querida? – Antônia já fazia a chamada. - Melhor se apressar porque o voo chega em vinte minutos... – Se afastou com o celular nas mãos. – Gaspar?

Logo Antônia foi para longe com seu ar esnobe. Fernanda sentia que nunca agradava a exigente mãe de seu esposo. “Vinte minutos”, repetiu. Só teve tempo de pegar sua bolsa. A mulher saiu tão apressada de casa que se esqueceu de um detalhe importante, apenas relembrou no aeroporto: não sabia mais como era Vitória.

A última vez que tinha visto a sobrinha de seu marido, Filipo Vaccara, ela devia ter uns doze anos. Vitória era uma garota franzina que vivia com os pés no chão. Sapeca e curiosa. Seu nascimento trouxe muita discórdia para família. Vitória era filha de Miguel, irmão do meio de Filipo, com a cozinheira da casa, Eliane.

Miguel estava noivo quando iniciou o romance com Eliane e ela engravidou. Apesar da condição, Miguel não fugiu do dever e assumiu a filha. Antônia e Francesco, os patriarcas da família, não tinham muito apreço por Eliane, mas não se opuseram em momento a presença de Vitória. Filipo era o único que nunca engoliu a garota. Para ele era um absurdo a filha de uma cozinheira carregar um sobrenome tão importante.

Mesmo sendo filha assumida, Vitória resumia sua convivência com a família Vaccara durante as férias e só. Eliane preferia assim, mesmo com a insistência de Miguel em aproximar Vitória de seus familiares. Maria Helena, noiva de Miguel, nunca aceitou a enteada e quando a menina perdeu a mãe, logo no começo da adolescência, ela impediu que o marido levasse a filha para a casa.

Vitória foi criada por uma irmã de Eliane que morava em Curitiba e viveu com essa tia até completar dezoito anos. Com a maior idade, Vitória encontrou a solidão. Sua tia solteirona faleceu por conta de uma doença pulmonar. Sem nenhum grande laço que prendesse a Curitiba, Vitória seguiu para Paris a fim de estudar gastronomia.

Os professores afirmavam que tinha muito potencial para se tornar uma *chef de cusine* de

sucesso. Seu tempero já havia sido elogiado por diversos críticos europeus. Miguel visitava a filha periodicamente, mas há um bom tempo a garota não via sua família paterna. Essas eram as únicas informações que Fernanda sabia da sobrinha. Filipo cruzou com a esposa antes de ela se retirar.

- Você vai sair? A mamãe está toda enrolada, Fernanda...

- Eu sei, querido, mas ela mesmo que me pediu... Teve um problema...

- Problema? Que problema? – Preocupado. – Foi com o Guilherme? Aquele moleque aprontou? Fernanda, nada pode dar errado nessa festa! – Filipo disse aflito. - São os cinquenta anos da Vaccara Joias. Você imagina o quanto isso é importante para os meus pais?

Sem nem deixar a mulher se explicar, Filipo iniciou um discurso quilométrico falando de coisas que Fernanda já estava cansada de saber. Lógico que ela tinha noção do quanto aquela data era expressiva para todos. Antônia e seu esposo, Francesco Vaccara, começaram do nada e construíram uma carreira sólida dentro do ramo dos diamantes e pedras preciosas. Agora a Vaccara era uma das marcas mais bem-sucedidas do país à custa de muito trabalho. Filipo jogava isso em sua cara diariamente. Fernanda havia decorado cada palavra de seu discurso. Como poderia esquecer?

A verdade é que Filipo andava muito chato! Fernanda até se arrependeu de indicar Guilherme, seu irmão caçula, para servir o buffet aos convidados. Guilherme não era incapacitado, pelo contrário, Fernanda tinha certeza que toda a nata quatrocentona paulista, convidada para a comemoração, sairia satisfeita. O problema era que Filipo descredenciava Guilherme apenas por ele ter pouca idade. Fernanda só concordou em indicá-lo após Guilherme prometer que cumpriria os prazos. Agora já questionava se aquela foi a melhor decisão. Se algo saísse errado, com certeza sobraria para ela.

- Não, Filipo. Ainda não deu o horário do Guilherme chegar. Sua mãe pediu que eu buscasse a Vitória no aeroporto.

- A Vitória? - Inconformado. – Vai virar chofer de empregado, Fernanda?

- Sua sobrinha.

- O Miguel se engraça por uma qualquer e a gente que paga o pato ouvindo essa coitada me chamando de tio. – Filipo disse em tom enérgico. – Inacreditável... Nem sei porque a convidaram... – O celular dele tocou para a sorte de Fernanda. Ela aproveitou a deixa para seguir seu caminho. – Alô?

Fernanda sabia que aquela fuga custaria uma bela bronca no final do dia. Filipo e Miguel viviam em pé de guerra e Vitória, mesmo distante, era um dos pontos de maior conflito entre eles. Saiu de casa com a cabeça tão cheia que nem checou dados do voo. Sem uma melhor ideia, Fernanda rascunhou o nome de Vitória em uma folha e com o cartaz improvisado seguiu para área de desembarque. Até poderia procurar uma foto de Vitória nas redes sociais, mas não seguia a garota em nenhuma delas. Há tempos não entravam em contato.

- Vó, não precisava. -...- Incomodar a tia Nanda? Vocês precisam parar de me tratar feito bebê. -...- Eu pego um táxi, sei lá. -...- Tudo bem. Beijo. – Vitória desligou o celular e comentou com a moça que a acompanhava. – Minha tia vem nos buscar. Não a vejo há mais de dez anos e já chego atrapalhando a mulher...

Valentine Colin, a tal moça que a acompanhava, retirou sua bagagem da esteira.

- Você lembra desta pessoa?

- Lógico... Meu tio é um escroto, mas uma coisa que não se pode negar é que ele tem bom gosto por mulher e dificilmente esqueço uma mulher bonita... – E completou. – Tia Nanda é uma gata.

As palavras da estudante fizeram Valentine fechar sua expressão. Mal Vitória pegou a mala na esteira e Valentine empurrou sua própria bagagem com raiva.

- Quero ver após dez anos se ela continua a mesma.

Em resposta recebeu o silêncio. Vitória sabia que ela esperava um pedido de desculpas, mas fez questão de não pedir. Estava farta daquelas crises de ciúmes. Não havia sentido nenhum elas existirem já que ela e Valentine nem namoravam. O que valia entre elas era um acordo: quando pintava vontade ficavam, do contrário eram apenas amigas. Situações como aquelas faziam a vontade de Vitória pintar cada vez menos.

Alheia à cena que a amiga fazia, Vitória puxou sua mala de rodas até o saguão do desembarque. Uma grande confusão de entre e sai. Olhou para os lados e se deteve em um rosto familiar. Tão lindo que Vitória até mediu a mulher de cima abaixo com atenção e sorriu encantada.

Ao perceber o olhar nada discreto da outra a mulher, Fernanda sentiu seu rosto queimar. Não reconheceu Vitória. Em sua cabeça, apenas estava sendo paquerada por uma bela jovem. Vitória leu a "placa" em suas mãos: "Vitória Vaccara". Retirou os óculos escuros. Já sabia o que responder a Valentine.

- Não está mais a mesma... – Debochou. – Ela se superou. – Seguiu na direção da esposa de Filipo. - Tia Nanda?

Alguns segundos foram precisos para Fernanda assimilar que a mulher loira, de cabelos curtos, sorriso aberto e inegável charme falava com ela. Só se deu conta que era sua sobrinha quando mirou em suas vistas, essas não mudaram nada. Os mesmos olhos azuizinhos e rasgadinhos de garota levada.

- Vitória? – Sorriu um tanto abobada. Como o tempo passava rápido. Vitória era uma mulher feita. – Como você está... Está...

- Uma mocinha? – Brincou irônica. Apesar de manter o corpo mignon, Vitória incontestavelmente era uma mulher crescida. Os cabelos lisos não eram mais retos, mas repicados em um corte "Joãozinho" moderno. Ao invés de pés no chão, ela usava um par de botas confortáveis e uma produção que em nada lembrava a garotinha Maria Moleque de alguns anos atrás. – Posso te abraçar?

- Claro... Desculpa. – Vitória envolveu seus braços no pescoço de Fernanda. Impressionante, ela parecia usar o mesmo perfume de anos atrás. O cheiro de natureza, frescor com aroma de chocolate. Era o mesmo. Sua pele era tão macia. Quando se separaram, Fernanda a olhou novamente. – Você está ótima, Vitória. Está linda.

- Eu fico até sem graça de te chamar de tia, você está praticamente à mesma. – Na verdade estava melhor, era como uma fruta amadurecida. Suculenta, no ponto. Os cabelos castanhos e rebeldes combinavam com sua pele negra e com os olhos cor de café, grandes, expressivos. Na juventude, Fernanda participava de competições de natação e fazia ballet. Ainda continuava esbelta. Muita gente dizia que ela tinha grande potencial para trabalhar o corpo. Vitória adorava espiar a tia treinar na piscina da mansão com o maiô colado em seu corpo ou

observar ela ensaiando ballet. Era leve como uma pluma. Foi a primeira, de muitas mulheres, que Vitória gostou na vida. Como podia continuar tão linda, mesmo depois de tanto tempo? – Tia, esta é a Valentine.

Fernanda estendeu à mão a mocinha ruiva que acompanhava Vitória.

- Prazer...

Valentine apertou sua mão de má vontade.

- Podemos ir? Como está quente...
- Quente? Em janeiro? No Brasil? – Vitória brincou. – Jura?
- Vocês devem estar cansadas da viagem... – Fernanda disse entre risos. - Vamos.

As três começaram a caminhar, Fernanda um pouco à frente. Vitória aproveitou para falar com Valentine.

- Assim que chegarmos à casa da minha vó, você toma um comprimido para dor de cabeça que o seu humor está péssimo. – Apertou o passo e alcançou Fernanda. – E os preparativos da festa? Minha vó está enlouquecendo você?
- Um pouquinho... – Fernanda confessou com ar de riso.

As duas seguiram na frente conversando. No carro a mesma divisão: Fernanda e Vitória na frente e Valentine atrás. O assunto entre tia e sobrinha seguiu animado para surpresa de ambas. Nem parecia que tinham passado tantos anos sem se ver. Vitória adivinhava até os problemas da tia.

- O tio não chiou por você ter vindo?
- Com seu tio eu me entendo... Não esquenta.
- Ah sabia... Desculpa, Fer, eu não queria incomodar e... – Sorriu. – Eu te chamei de Fer, desculpa, saiu. É estranho ver você como tia, sabia? – Admitiu. – Minha última namorada tinha a sua idade. Ela terminou comigo porque me achava um bebê, os vinte e um anos de diferença pesaram. – Lamentou. - Eu posso te chamar de Fer?

Sem graça, Fernanda fez um gesto afirmativo. Não pela citação da namorada, Vitória era assumida a família, os avôs preferiam fingir que nada sabiam e Filipo não aceitava de jeito nenhum, mas ela, Fernanda, nunca teve nenhuma objeção quanto a isso. Fernanda considerava incabível julgar a orientação sexual de alguém, apenas ficou sem jeito pelo elogio. Tão raro ser reconhecida que até se sentia desconfortável. Fernanda achou melhor continuar aquela conversa em outro momento.

A cara de Valentine não estava nada boa. Apesar de caladas, tia e sobrinha não conseguiam cortar completamente o contato. Valentine observava tudo. Fernanda e Vitória ora se espiavam pelos retrovisores, ora as mãos de Fernanda resvalavam, sem querer, nas pernas da loirinha quando se distraia. Em uma das trocas de olhares, Vitória ousou até em jogar uma risadinha.

A música do player do carro era o único som ambiente. Por sorte o trânsito estava menos intenso que na ida e chegaram à mansão dos Jardins em pouco menos de uma hora. Ricardo, chofer de Antônia, e Leandro, o copeiro, descarregaram toda a bagagem das hóspedes enquanto Vitória era recepcionada. Francesco abraçou a neta.

- Como você está bonita, *mia caríssima* Vitória... – Francesco estendeu a mão e Vitória beijou seu anel. – Eu devia puxar sua orelha por ficar tanto tempo longe.

- Melhor né, vô?

- Aqui você é bem vinda. – Antônia afirmou a neta. – Não ligue para o seu tio. O Filipo tem boca grande e temperamento difícil. – Vitória riu. – Não vamos falar de coisas tristes agora que você está aqui.

- Por alguns dias. – Ressaltou. – Eu tenho que terminar meu curso e seguir com as obras para abrir o bistrô. Não posso me afastar.

- Conversamos depois, meu amor... – Antônia disse. – Agora vocês descansem. – Olhou Valentine. – É a amiga que você disse que viria?

- A princípio era, mas o trajeto é tão longo que já ficamos inimigas. – Brincou. – Ela precisa descansar...

Da porta da cozinha, Guilherme observava toda a movimentação da família. Ele só percebeu a presença da irmã em seu "esconderijo" quando ela o chamou.

- Que susto, Fer! Vem sorrateira! Sorte que eu deixei minha faca na cozinha se não era capaz de te espetar.

Ela, que estava pronta para bronquear o bisbilhoteiro, acabou se divertindo.

- Posso saber o que o senhor está fazendo aqui?

- Eu vim perguntar o horário certo que eu devo soltar esse jantar. Eu já cruzei com seu marido e pela cara dele eu já devia estar servindo agora. – Fernanda riu. Nem eram três da tarde. – Eu cheguei no horário, vim limpinho e uniformizado. Trouxe equipe.

- Oito e meia está ótimo. Não é de bom tom deixar as pessoas com fome.

- Certo. – Guilherme comentou. - Gostosa a neta da italianada, hein? Me apresenta. – Fernanda imaginou a cena e riu, não sabia ao certo o tipo de mulher que interessava Vitória, mas com certeza Guilherme não fazia parte de seu gosto. – Fala que seu irmão é gato, que vai cozinhar para ela e...

- E para mais de duzentos convidados que vão jantar hoje à noite aqui nesta casa. Não deu nada errado?

- Não, não, está tudo certo. Só o cara que ficou de me ajudar a fazer a salada da entrada faltou, mas eu chamei um "parça" meu, o Micróbio, aprende rápido, ele já está dando jeito nas paradas. A Bia conhece o cara.

- Micróbio? – Se Filipo sonhasse ia matá-la. – O nome do saladeiro é Micróbio?

- O Micróbio é de boa, não fala dele assim não e... – Pensou um pouco, aquele não era um nome que atraía a freguesia. Se Micróbio tinha esse apelido era porque alguma razão existia. – Melhor eu descobri o nome do Micróbio!

- Sem dúvida. – Disse com um humor ácido. Ia falar qualquer coisa, mas até esqueceu do assunto quando flagrou os olhos azuis de Vitória observando-a do alto da escada. Vitória abriu um sorriso ao ser pega. Apesar de encabulada, Fernanda se obrigou a sorrir de volta e ganhou um aceno. Guilherme, avoado, acenou de volta arrancando risadas de Vitória que seguiu para o quarto. Ele, todo contente, comentou com a irmã.

- Viu? Ela gostou do material aqui e... – Sem pensar duas vezes Fernanda guiou Guilherme em direção a cozinha segurando o irmão pelos ombros. – O que você está fazendo, cara?

- Te colocando para trabalhar... – Ele ia abrir a boca. – Já falou besteira demais, vai!

(...)

- Custava ser mais cortês? São minha família! – Vitória questionou Valentine. - Se você viajou para ficar assim era melhor nem ter vindo. Eu falei que o problema era meu...

- Só estou cansada da viagem... Demoramos quase uma hora para chegar.

- E no aeroporto? O que a Fer te fez para você ser tão grosseira com ela?

- Vitória, eu espero que você se recorde que você veio aqui apenas para participar de uma festa em família...

- O que você está falando?

- Mulher do tio? Eu sei que você não é uma pessoa que prima pelo tradicional, que você não gosta do seu tio, mas não é um pouco demais, não? Até para você? – Vitória não respondeu, estava ocupada desfazendo as malas. – Eu vou tomar um banho.

"Que demore duas horas e saia de cabeça fria", foi o que Vitória pensou assim que ouviu Valentine fechar a porta. Apesar da discussão, estava feliz. Valentine era uma de suas amigas mais próximas, conhecia cada passo seu, cada pensamento que surgia em sua mente. Se ela, Valentine, não havia desconfiado, tinha conseguido esconder seu real objetivo. Era melhor mesmo que todos pensassem que ela apenas voltou ao Brasil, depois de tantos anos apenas para a festa dos Vaccara e para dar um "alô" a família. Era melhor que ninguém soubesse de seu real propósito.

CAPÍTULO 02

Cada centímetro do jardim parecia ser inspecionado por Fernanda de cinco em cinco

minutos. Essa era a impressão que Vitória, de sua mesa, tinha enquanto admirava sua tia à distância. A beleza de Fernanda a impressionava desde quando era criança, mas aquela noite, especialmente, ela parecia ter escolhido ultrapassar todos os limites. Belíssima e reluzente em um vestido claro, preso ao pescoço que deixava suas costas completamente de fora. Muito melhor do que os tons berrantes e chamativos escolhidos pelas outras mulheres. Elas pareciam se vestir para um desfile de escola de samba. Fernanda era uma das poucas que sabiam que menos era mais.

Aquilo era o que mais gostava em Fernanda, ela ousava sem assustar. Linda. “É como a lua cheia iluminando uma noite escura”, Vitória pensava todas às vezes que seus olhos buscavam pela esposa de Filipo. Só não ficava ainda melhor porque sentia um clima de tensão. O jantar já estava sendo servido, os convidados pareciam muito satisfeitos com todo serviço oferecido, a banda responsável pela animação da festa tocava músicas agradáveis, entretanto Fernanda não conseguia relaxar. O fato de ter deixado a alimentação dos presentes nas mãos do irmão a colocou em um patamar de responsável por toda organização do evento.

Como toda capricorniana, Fernanda era perfeccionista, não ia se perdoar caso algo saísse errado. A vontade de Vitória era levantar da mesa que dividia com Valentine e falar para sua tia:

- Sei que você está com medo, mas relaxa, está tudo ótimo.

Era o que Fernanda precisava ouvir, mas não era ela que ia até lá falar. Não tinha intimidade para isso. O máximo que poderia fazer era, vez ou outra, enviar um sorriso encorajador para tentar tranquilizá-la. Valentine ainda estava com dor de cabeça e seu humor estava péssimo, com certeza faria cena caso testemunhasse uma aproximação.

- Meu império por seus pensamentos, *mia caríssima,* Vitória!

Se fosse Valentine ou qualquer outra pessoa que dissesse isso, com certeza Vitória se aborreceria, era extrovertida sim, mas tinha seu lado reservado. Agora com aquele sujeito alto, de sotaque paulistano e incrível bom humor, não tinha como se chatear. Com um sorriso nos lábios ela se virou ficando frente à frente com o homem. Atirou-se praticamente em seus braços.

- Pai!

- Aí que abraço gostoso de receber... É disso que eu falo. – Miguel disse ao sentir Vitória apertá-lo com carinho. – Sabe que você é a mais italiana dos meus filhos? - Deu um beijo em sua testa, Vitória riu com a observação de Miguel. Beijou a mão do pai. – A Clarisse e o Fabinho me dão um “joinha", um “e aí velho?” e só. Italiano gosta de *abbraccio, spremere, bacio, passione*... – Fez um afago nos cabelos de sua garota. – Estava com saudades.

- É... Mas me ver que é bom...

- Você fala como se Paris fosse há vinte minutos daqui. – Sorriu. - Podia, né? – Vitória fez um gesto afirmativo. – Queria ter ido ao aeroporto, mas marcaram um compromisso, eu consegui chegar na festa agora... Sua avó falou que teve uma confusão e ela mandou a Fernanda. Deu tudo certo?

- Tudo certíssimo. Aliás... Coitada dessa mulher, já não basta o trabalhão que ela tem em ser casada com o Filipo, vocês ainda a colocam de motorista, organizadora de festas. Olha a exploração, doutor Miguel.

- Você tem razão, seu tio não é fácil... Falou com eles?

- Não deu para conversar muito porque eu quis descansar um pouco, falei muito rapidamente com os meus avôs, tio Marcelo, tio Filipo. O Fabinho e a Clarisse acenaram para mim. – Informou apenas porque sabia que Miguel ia lhe perguntar. Miguel não gostou de ouvir

aquilo, tanto tempo sem ver a irmã e eles acenam, como se fosse uma simples conhecida? - Podia ser pior, eles podiam sei lá, me pedir um drinque, pedir para eu limpar um dos cinzeiros da mesa. – Vitória debochou. – Está tranquilo, pai. Pelo menos eles sabem quem eu sou.

A ironia sempre foi característica presente na personalidade da filha, desde pequena ela era assim. Miguel e Eliane diversas vezes foram chamados no colégio por conta disso. Vitória perdia as notas, os amigos, o respeito com o professor, mas não perdia a piada. Com o tempo Miguel descobriu que aquele era uma espécie de mecanismo de defesa. A maioria das vezes admirava, antes ela rir do que se deprimir com uma determinada situação, mas às vezes lhe preocupava.

Fabinho e Clarisse eram seus filhos mais novos com a esposa, Maria Helena. Vitória nasceu por conta de um rompimento de noivado entre Maria Helena e Miguel, eles ficaram alguns meses separados, Miguel se envolveu com Eliane, mas depois acabou sucumbindo à pressão da família e noivou com a moça rica, herdeira de um frigorifico. Meses depois, Miguel descobriu que Eliane estava grávida e estava prestes a tirar o bebê, pois não tinha estrutura para cuidar de uma criança.

Miguel assumiu Vitória e isso custou o ódio de sua esposa pela filha da cozinheira. Após inúmeras tentativas e tratamentos, Maria Helena engravidou e teve o casal de gêmeos Fábio e Clarisse. Influenciados pela mãe, aprenderam desde cedo a manter distância da irmã mais velha. Tinham apenas cinco anos de diferença de idade, mas eram separados por um abismo. Miguel se levantou decidido.

- Vou chamar eles aqui. Eles não são más pessoas.

- Eu acredito, pai. Está tranquilo mesmo, sabe que eu não me incomodo. É o jeito deles. Eu também não me aproximei.

- Jeito deles... Isso não é certo, Vitória. A Maria Helena não pode fazer isso , são meus filhos e eles têm uma irmã.

- Vamos mudar de assunto?

Para sorte de Vitória, nem foi preciso pensar em uma pauta nova. Valentine, que tinha se ausentado para ir ao banheiro e retocar sua maquiagem, retornou à mesa. Ela parecia muito mais disposta. Finalmente o analgésico começava a fazer efeito e sua enxaqueca diminuiu consideravelmente. Ao ver Miguel, Valentine sorriu. Eles se conheceram em uma das visitas do pai de Vitória à Paris e ela simpatizava bastante com ele. Ao se aproximar dos dois até brincou:

- Mas que cena mais linda de se ver, pai e filha juntinhos, em confraternização. – Valentine estendeu e cumprimentou o pai da amiga com um beijo no rosto. – Como vai, Miguel? Ah... Antes que eu me esqueça, parabéns por sua família, a festa está ótima. – Olhou para Vitória. – Sua tia sabe organizar um evento... Está tudo muito bonito e eu achei as flores maravilhosas...

- Se abriram porque sabiam que você ia entrar nesse jardim. – Miguel brincou arrancando risos de Vitória e de Valentine. Ele deu um gole no uísque. – Obrigado pelos parabéns, mas quem merece mesmo é a Fernanda que tem trabalhado há dias e realmente deixou tudo incrível. Ela é uma mulher admirável ...

- Dona Maria Helena vai ficar com ciúmes, hein? – Vitória alertou e em seguida imitou o jeito galanteador paterno. – “Se abriram porque sabiam que você ia entrar nesse jardim”... “Fernanda é uma mulher admirável”...

Valentine riu.

- Na verdade eu acho que ela já está com ciúmes... – A moça observou. – Ela não tira os olhos daqui da mesa.

- Jura? – Vitória abriu um sorriso. – Então vocês vão me dar licença, eu vou me retirar e deixar vocês conversando sozinhos porquê... – Pensou um pouco. – Eu não sou gente e quero arranjar problemas para o senhor. – Apontou para o pai que revirou os olhos de um jeito humorado. – Volto em um instante.

Aquela oportunidade era única. Vitória não podia deixar passar. Ela não tinha problema algum com os irmãos, mas com a madrasta era uma história diferente. Se podia irritar, se podia trazer algum transtorno ou aborrecimento, ela fazia sem pensar duas vezes. Maria Helena não fazia questão de viver pacificamente, ela não ficaria dando murros em ponta de faca.

Além disso, precisava circular um pouco, analisar as pessoas presentes, ver se tinha alguém realmente interessante na festa ou apenas conhecidos da família. Algumas pessoas Vitória lembrava dos tempos de criança. A maioria não se recordava dela. Quem vai querer papo com a filha bastarda, não é mesmo?

- Eu acho que podemos soltar o prato principal. – Fernanda dava ordens a Matilde, governanta da casa, que auxiliava Fernanda na organização de tudo. – Será que teria como você ver isso com o Guilherme?

- Claro, dona Fernanda.

- Ah... Matilde, por favor... Você acha que está faltando alguma coisa? Água para os convidados, guardanapo, petiscos ou...

- Sabe o que falta dona Fernanda? A senhora curtir a festa. Parece que está trabalhando. – Matilde brincou. Fernanda era uma das únicas da casa que permitia aquele tipo intimidade. Ela era muito amável com os funcionários. Miguel também era assim, mas já havia se mudando há tempos, agora era visita. Marcelo, o caçula dos Vaccara também lhe dava espaço para intimidades. – Você precisa é beber alguma coisa... Um uísque para relaxar, como os patrões dizem.

- É... – Olhou em volta e sorriu. – Acho que você tem razão.

A governanta se despediu com uma piscadela cúmplice. Um garçom passou com uma bandeja com diversos drinques. Fernanda acatou a sugestão de Matilde e escolheu uísque. Não tinha tomado nada durante a noite toda.

- Obrigada.

- Por nada, com licença...

O funcionário do *buffet* foi servir outros convidados. Com o uísque, Fernanda se dirigiu para a mesa que ela e Filipo se instalaram. Agora era ocupada por mais pessoas. Conhecidos do marido, todos executivos. Sempre ficava meio por fora da conversa deles pois passavam o tempo todo falando em negócios, mas decidiu se acomodar por ali. Os pés estavam doendo. Precisava sentar por alguns minutos.

Ao chegar na mesa, a banda começou a tocar *Can't take my eyes off you*, uma das músicas preferidas de Fernanda. Ela mesmo incluiu quando foi escolher o repertório. Sorridente, ela se aproximou de Filipo e comentou.

- Lembra dessa música, amor?

- Ãh?

- A música do nosso casamento...

- Eu não estou escutando nada. Porcaria de música alta! – Resmungou. – O uísque aqui dá mesa acabou. Providencia mais. Moleza destes garçons...

Antes de se levantar, Fernanda encarou Filipo por alguns segundos, mas desistiu de falar qualquer coisa porque ele voltou a dar atenção aos colegas. Quando entrava naquelas conversas, Filipo ficava surdo para o restante do mundo. Principalmente em relação à Fernanda. Ela atendeu ao pedido e procurou um garçom para levar uma garrafa de uísque cheia até a mesa do marido.

Enquanto a garrafa chegava a mesa, solitariamente Fernanda bebericou sua dose. Observava alguns casais dançando na pista, as pessoas pareciam se divertir com a festa que tinha organizado milimétricamente e ela mesmo não conseguia interagir. Não que não gostasse de dançar, que não gostasse de festas, mas era como Matilde disse, parecia estar muito mais cumprindo um dever do que fazendo parte da vida da família.

Ainda emergida em suas reflexões, Fernanda terminou seu uísque e ficou durante algum tempo parada, observando o trabalho da banda que cumpria bem o seu papel em prender a atenção dos convidados. Apenas olhou em outra direção quando ouviu alguém cantarolar acompanhando o vocalista do conjunto musical.

Curiosa, Fernanda girou pelo ambiente até descobrir que a voz que se destacava era de sua sobrinha mais velha, Vitória. A jovem estudante de gastronomia tinha sido pega em um raro momento de distração. Também gostava da canção e resolveu parar por um instante para apreciar a banda. Vitória estava tão entretida com a música que nem percebeu que ensaiava alguns passos, mesmo fora da pista de dança.

O gesto, completamente natural, arrancou um sorriso espontâneo de Fernanda. Agora trocavam de posição, ela tomava o lugar de observadora e Vitória era o objeto a ser apreciado. Era impressionante como o tempo passava tão rápido. Fernanda ainda se lembrava de Vitória brincando pela casa, sempre serelepe e muito inteligente, fazendo perguntas que toda criança adora fazer para deixar adulto encabulado e agora via uma mulher na sua frente.

Uma bela mulher por sinal. Que fazia sucesso entre os homens e outras mulheres, que parecia possuir dentro de si um polo contrário ao do resto de mundo e atraía olhares como se fosse um imã. Como se fosse inevitável. Essa era a palavra certa para descrevê-la: inevitável.

- Bebida, senhora?

- Ãh?

Só após a pergunta do garçom, Vitória voltou aos jardins da casa dos avos. Sua cabeça estava distante, viajando com a música. Ao olhar para o lado viu Fernanda se desculpando com o rapaz que trazia as bebidas em uma bandeja. Ela parecia ter se assustado quando ele perguntou sobre as bebidas. Sem querer esbarrou nele e derramou um pouco de champanhe em sua camisa. Vitória também estava surpresa, não tinha notado Fernanda tão próxima. Sentiu curiosidade em perguntar o que a distraiu, mas não o fez.

Primeiro esperou o rapaz sair de perto para então tentar uma aproximação. Fernanda parecia mais aliviada, até ensaiou um sorriso para a sobrinha. Vitória fitou seus olhos castanhos e retribuiu o gesto, aproximou com um passo, mas nem teve tempo de dizer um “oi”. Uma garota jovem passou entre as duas. Em um gesto indelicado esbarrou em Vitória deslocando-a para trás. Parecia um ônibus desgovernado. Fernanda arregalou os olhos e entreabriu os lábios. Primeiro pensou em socorrer Vitória, afinal, ela tinha sido “atropelada”, mas desistiu e foi atrás da moça que pegou duas doses de uísque de uma vez só com o garçom.

- Aí meu Deus. BI-AN-CA!

Foi a última frase que Vitória ouviu da tia antes da mesma sair em socorro da jovem alcoolizada. Ao ouvir o nome Bianca, Vitória logo compreendeu a preocupação da organizadora da festa. Bianca era sua única prima, filha de Filipo e Fernanda. Tinham apenas quatro anos de diferença, mas Vitória não a conhecia pessoalmente. Bianca chegou à casa dos avós após a partida de Vitória. Miguel sempre lhe falou da garota. Bianca foi adotada pelos tios com nove anos de idade.

De longe, Vitória conseguiu avistar Fernanda conversando com a filha. Na verdade, parecia uma discussão já que a expressão de Bianca não era amistosa. No final, Fernanda tomou os copos das mãos da filha e parecia lhe censurar. Provavelmente bronqueava por conta do excesso de álcool, era visível. Bianca tinha passado da conta. Pensou em ajudar a tia, mas desistiu quando ouviu alguém chamá-la.

- Vitórinha. – Era Marcelo, seu tio caçula. Filipo nunca a chamaria assim. – Posso te roubar um pouquinho? Dois segundos?

Não era o convite que Vitória esperava ouvir. Desde pequena sempre teve receio de Marcelo. Apesar de ser o tio mais jovem (tinham doze anos de diferença), Miguel nunca permitiu que se aproximassem. Ele falava que Marcelo era fria. Formado como administrador, Marcelo trabalhava como Diretor da Vaccara. Sempre foi o mais irreverente dos irmãos. Gostava de esportes radicais e motos, vivia se metendo em confusões. Muitas vezes exagerava na bebida e em outras substâncias.

Seus contratempos paravam nas delegacias. As queixas eram sempre as mesmas: desordem, arruaça, embriaguez e confusões. Os escândalos eram encobertos por Antônia e Francesco, mas quem protegia mesmo Marcelo era Filipo. Nem Bianca conseguia tanta atenção do pai como Marcelo. Miguel acreditava que a ligação dos dois era pelo fato de Filipo não ter conseguido ter um filho homem, como sempre desejou ee projetou tudo no irmão caçula. Foi o que estragou Marcelo, apesar de já ter passado dos trinta anos e ter até fios de cabelo grisalho, se portava feito um eterno adolescente.

- É rápido?
- É sim, Vitórinha, o Emílio e o Mário querem te conhecer.
- Emílio e Mário?
- Meus filhos... Eles estão ali... – Marcelo apontou com o queixo para uma mesa e Vitória acabou abrindo um sorriso, viu dois garotinhos que deviam ter entre dez e seis anos de idade. Pareciam miniaturas do pai. – O Emílio está na terceira série e o Mário na primeira. Pode me acompanhar?

Como dizer não, não é mesmo? Vitória se encaminhou até a mesa e trocou algumas palavras com os simpáticos priminhos e Daniele, a mãe das crianças. Só retornou ao seu lugar quando anunciaram que o jantar já estava servido. Valentine provava o salmão feito por Guilherme, Micróbio e o restante da equipe.

- Demorou.
- O tio Marcelo me chamou para conhecer meus priminhos.
- Seu tio é gatinho. Sua madrasta veio buscar seu pai aqui... Como um homem tão simpático como o seu pai consegue ser casado com aquela intragável e... – Valentine se interrompeu. – Vitória você está me ouvindo?

- Que?
- Já vi que não... Está aérea, distraída... O que foi?
- Nada, Valentine. Nada.

A moça voltou a saborear seu salmão. Sabia que alguma coisa estava acontecendo. Vitória olhava para todos os lados como se procurasse alguém. Valentine podia apostar que a loirinha buscava pela esposa do tio, mas não disse nada para evitar discussões.

(...)

- A Vaccara Joias que vocês conhecem como um empreendimento, como um império de pedras preciosas representa muito mais que isso. Nós vendemos mais do que brincos, colares, pulseiras, peças... Nós produzimos sonhos. – A atenção de todos na festa era de Filipo que fazia um discurso de agradecimento aos convidados presentes. – E nós não poderíamos produzir esses sonhos se não fosse a força desta família aqui. Se não fosse o nosso amor, a nossa tradição, a nossa união, o carinho que temos uns pelos outros...

A vontade de Vitória era gargalhar com aquele discurso antiquado que o tio achou de fazer após o jantar. Amor que ele fazia questão de guardar para si já que vivia em pé de guerra com Miguel, volta e meia destratava Francesco, parecia não dar um pingo de atenção a esposa e renegava a sobrinha. Do outro lado tinha Maria Helena, que morria de inveja de Filipo por ocupar o cargo de vice-presidente da Vaccara, jogava os filhos contra a irmã e infernizava o marido. Fora os problemas que Marcelo, com seu gênio explosivo, trazia a família. Parecia até um show de anedotas.

- Eu queria agradecer a presença dos meus pais, Francesco e Antônia, dos meus irmãos, minhas cunhadas e meus sobrinhos adorados. – Valentine não resistiu e neste exato momento olhou para Vitória, que ironicamente balançava a cabeça. – Eu deixo aqui o meu muito obrigado e...

Antes de Filipo encerrar suas palavras foi interrompido por um debochado aplauso vindo da plateia. Foi instantâneo, todos olharam na direção que vinha as palmas. Vitória reconheceu de longe a jovem que lhe atropelou. Fernanda, que estava no palco, ao lado do esposo, também logo identificou a filha. Na festa havia toda a nata da sociedade paulistana e todos olhavam para Bianca que continuava a aplaudir o pai, de forma irônica. Finalizou seu gesto baixando a cabeça em um ato de reverência.

- Muito bem senhor vice-presidente, Filipo Vaccara. Belíssimas palavras... – Em duas frases já era possível perceber que Bianca estava bêbada. Logo começaram sussurros e conversas paralelas. – Eu gostaria de complementar o seu discurso e erguer um brinde citando uma frase de um filme que é praticamente matéria obrigatória para você ser selecionado para participar da família Vaccara, O Poderoso Chefão: Um homem que não se dedica à família nunca será um homem de verdade. – Bianca se encaminhou até a mesa mais próxima que era a de um importante empresário que estava acompanhado de toda sua família. Roubou a garrafa de champanhe que estava enterrada em um balde de gelo, caiu bem no colo do empresário e levantou se desculpando e deixando um beijo na careca do homem. – UM BRINDE A HARMONIA DA FAMÍLIA QUE VOCÊ AMA TANTO E ESPECIALMENTE A FERNANDA VACCARA, SUA ESPOSA E MINHA MÃE... MINHA MÃE! – Cambaleando se aproximou de uma outra mesa e comentou com os convidados. – Vocês sabiam que o Filipo é meu pai? Ele tem

vergonha de dizer, mas é meu pai. Filipo Vaccara. – E continuou. – UM BRINDE A SUA ESPOSA QUE VOCÊ AMA TANTO E AO MENOS SE LEMBROU DE CITÁ-LA NESTE DISCURSO DEMAGOGO... MESMO ELA TRABALHANDO DIA E NOITE PARA ESSA FESTA ESTAR DE PÉ! VOCÊ NÃO SE LEMBROU DELA PORQUE NÃO É HOMEM DE VERDADE! – Encarou o pai. – NUNCA SERÁ! JAMAIS SERÁ!

CAPÍTULO 03

- Você não serve nem para cuidar da sua filha?

Filipo podia ser ouvido claramente de dentro do banheiro da suíte do quarto de Bianca. Ele estava no quarto, em uma severa discussão com Fernanda, que tentava acalmá-lo. Só de escutar aquelas palavras, a vontade de Vitória era deixar Bianca embaixo do chuveiro e ir até o cômodo vizinho para exigir que tio se comportasse melhor. Após a cena apresentada pela prima na frente de todos, finalmente alguém resolveu agir.

Vitória e Miguel se levantaram simultaneamente. Por estar em uma mesa mais próxima do local que a garota estava, Miguel chegou antes da filha. Retirou o paletó de seu smoking e jogou nos ombros da sobrinha que tinha se tornado alvo principal dos flashes de celulares. Todos presentes eram amigos da família, posavam como pessoas exemplares, mas garantiram imagens para o provável *cyber bullying* que aconteceria nos próximos dias. Acompanhada de Miguel, Vitória tentava levar Bianca embora.

- Titio! – Bianca exclamou rindo. – Te Amo! - Agarrou Miguel. – Quer ser meu pai?

- Miguel! – Maria Helena seguiu o caminho do marido, tentava inutilmente se esconder das lentes com as mãos. – As fotos!

- Maria Helena! – Ela segurou seu braço, irritado ele se afastou. - MARIA HELENA!

Os dois se encararam, estavam prestes a iniciar uma discussão. Vitória se aproximou.

- Pai, acompanha a Maria Helena até a mesa... E dá um jeito no pessoal. Eu levo a Bia. – Olhou para Maria Helena. Ela infernizaria Miguel se alguma foto dele parasse no jornal naquelas condições. – Pode deixar... Eu cuido disso.

Meio contrariado, Miguel soltou os ombros de Bianca e deixou a garota sobre os cuidados da filha. Ao retornar para sua mesa, viu que Filipo não estava mais no palco armado pela produção da festa. Fernanda também estava ausente. Quem assumia o microfone era Marcelo.

- Queridos amigos, sei que esse pequeno incidente com a minha sobrinha é lamentável, mas como diria o poeta... A bebida entra e a verdade saí, não é? Atire o primeiro copo de uísque quem nunca ficou de pilequinho uma vez na vida. – Brincou provocando risos. Os Vaccara não acharam tanta graça, mas deram graças a Deus por Marcelo ter sido tão rápido e tomar controle da situação. – Festa boa é assim mesmo, entra para a história. Eu sei que a nossa Biazinha foi um pouco longe demais, mas ela é apenas uma garota de dezenove anos que está aprendendo sobre os males do uísque... Peço perdão em nome dela e de toda minha família. E por favor, ninguém

se retire porque a festa não acabou. – Ao vocalista da banda. – Música, maestro, por favor!

Em resposta Marcelo recebeu alguns aplausos por seu jogo de cintura e essa foi a última imagem que Vitória assistiu da festa. Com cuidado tentava guiar Bianca até o interior da mansão. A garota fazia gracejos provocando algumas risadas na prima que, assim como Marcelo, levou a situação com bom humor. Estavam quase chegando no casarão quando foram alcançadas por alguém.

- Filha? – Fernanda aproximou de Bianca e Vitória. Ainda estava em choque. Mediu da cabeça aos pés. O vestido que usava estava rasgado, tinha perdido um dos sapatos pelo caminho e cheirava a uísque puro. – Bianca, não dá para acreditar. Quantas vezes eu te pedi, quantas vezes eu...

- Não fiz por mal... – Fernanda soltou um riso nervoso. Bianca apertou os lábios. – Juro!

- Sério? – Fernanda questionou enfurecida. – Você quer mesmo falar sério?

- Calma, Fer... – Vitória se intrometeu. – Agora não adianta sermão. – Olhou para Bianca que parecia estar em outra dimensão. Sorriu. – Ela não está em condições de ouvir.

"Condições nenhuma", Fernanda avaliava enquanto acompanhava a filha ao lado de Vitória. Finalmente alcançaram o interior da mansão. No dia seguinte conversaria com Bianca. Naquele momento não conseguiria dizer nada que tivesse algum proveito. Com ajuda de Vitória a levou até a cozinha. Queria que Bianca se hidratasse. Ao ver a irmã e a sobrinha naquele estado, Guilherme largou o fogão na mesma hora.

- Que aconteceu? – Preocupado. – Bia, o que foi?

- Você não sabe o que essa louca aprontou . – Fernanda disse ao irmão. Observou mais ao fundo um rapaz assistindo aquela cena inusitada com curiosidade. Ele não era muito bonito, mas engraçadinho. Magro, ruivo, branquelo e sardento. Devia ter no máximo vinte anos. – Você pode conseguir um copo d'água para ela, por favor?

- Deixa que eu pego. - Guilherme se ofereceu e deu ordens ao rapaz. – Micróbio, pode terminar de empratar? - Micróbio fez um gesto afirmativo e correu para acatar as ordens do *chef*. Gui providenciou o copo d'água. – Aqui! – Entregou a sobrinha que deu uma grande golada. – O que você aprontou, doidinha?

- Nem te conto... – Fernanda olhou para a filha. - Acho que o pior já passou.

Enquanto Bianca se hidratava, Fernanda se explicava. Vitória nem precisou ser apresentada a Guilherme, pelo tom de intimidade entre Fernanda e o rapaz, logo percebeu que se tratava do irmão caçula de Fernanda. Ao escutar tudo, Guilherme riu, para desespero de Fernanda.

- Essa é minha sobrinha!

- Guilherme!

- A garota está certa, aquele engomadinho tem que fortalecer vocês! – Levantou-se e se serviu de um copo d'água. – Canguinha! Tem um império e se negando a pagar a faculdade da menina.

Após trocar mais algumas palavras com Guilherme, Fernanda resolveu que era

hora de subir com Bianca. Ela precisava de um banho e de cama. Como ainda estava tonta, a menina precisou ser levada para o quarto com o auxílio de Micróbio que carregou a garota até seu aposento. Guilherme não podia se ausentar da cozinha pois estava confeccionando a sobremesa. Micróbio deixou a garota sentada sobre a cama.

- Obrigada, Micro... – Fernanda se interrompeu. – Qual seu nome?

- Wellington.

- Obrigada, Wellington.

- De nada, tia. Posso ajudar em mais alguma coisa?

- Pode tirar meu vestido? - Bianca disse e logo em seguida começou a se despir. Micróbio abriu um sorriso que morreu ao perceber a cara nada amável de Fernanda.

- É... – Sorriu paquerando a jovem bêbada. – Tchau, Bia!

- Bons sonhos, Micróbio! – Fernanda rosnou quase expulsando Micróbio do quarto, esperou ele sair e fechou a porta. – Abusado!

Vitória sorriu.

- Eu acho que a Bia quer tomar banho...

- Eu cuido disso. As pessoas estão esperando por você. Você já me ajudou bastante.

- Faço serviço completo. Barba, cabelo e bigode... – Brincou e disse a Bianca. – Consegue caminhar até o banheiro?

- Quem é você? – Bianca questionou desconfiada. Emma Watson?

- Bianca...

- Deixa ela... – Vitória disse divertida. – Digamos que sou uma versão tupiniquim dela. – Se ergueu. – Vamos ao banho?

- Eu não vou transar com você! – Bianca disse a prima arrancando mais risos de Vitória. Fernanda não sabia onde enfiar a cara. – Tenta alguma graça...

- Chega, Bianca! – Fernanda rezingou. – Levanta, vamos tomar esse banho logo.

Com a ajuda de Vitória, Bianca conseguiu se erguer e entrou embaixo do chuveiro de calcinha e sutiã. Fernanda relutava com a filha quando de relance olhou para o lado e percebeu que a sobrinha usava os mesmos trajes que Bianca. Um conjunto de duas peças negros que lhe cobria os seios e a virilha. As peças eram muito bonitas e pareciam desenhadas para o corpo da jovem. Vitória percebeu que estava sendo observada quando tirou o vestido azul que usava e o pendurou no suporte de toalhas.

- Gostei da sua filha, mas não vou estragar um *Dior* por causa dela. – Entrou no box e colocou Bianca embaixo do chuveiro. – Aí Bia, que água gelada... – Reclamou. – Fecha um pouco mais esse registro, vai ficar doente!

Tudo começou com Bianca. De pirraça espirrou água nos olhos de Vitória, Vitória repetiu o gesto e quando perceberam estavam fazendo uma guerrinha de água. Pareciam crianças. Poucos anos separavam as duas, mas para Fernanda, que assistia tudo de fora, era como se aquele curto período fosse um abismo. Vitória, apesar de ser uma mulher mignon, possuía um corpo já adulto que provocava olhares pouco inocentes, que fazia as mulheres sonhar. Que fazia Fernanda sonhar.

As gotas d'água escorriam por suas curvas e alcançavam partes que Fernanda não conseguia ver por conta do tecido, mas sua cabeça tratava de imaginar a continuação daquele

caminho. Ela fitou a sobrinha apenas por alguns segundos, mas foi o tempo suficiente para Vitória perceber o que acontecia. Era a segunda vez na mesma noite. Primeiro quando tocou a música e agora no chuveiro. Vitória nem teve tempo de pensar, foi atingida por um jato e logo ouviram Filipo a procura da esposa.

- Fernanda, eu sei que você está aí!

Vitória e Bianca pareciam se entender bem, por isso a loira liberou Fernanda.

- Vai lá... Eu troco a fralda do seu bebê...

Apesar da brincadeira da loirinha, Fernanda não conseguiu sorrir. Não por conta de Vitória, mas se ela conhecia bem seu marido, ele devia estar furioso. E de fato estava. Mal colocou os pés no quarto e já ouviu de Filipo.

- Você não serve nem para cuidar da sua filha? ELA NÃO PODIA TER FEITO ISSO! NÃO PODIA! IRRESPONSÁVEL!

- Você disse coisas muito pesadas para ela ontem! Ela é uma menina sensível.

- MIMADA! CHEIA DE VONTADES! ESTRAGADA POR VOCÊ! NÃO SE INTERESSA POR NADA, NA IDADE DELA MEU PAI JÁ ME FAZIA DAR EXPEDIENTE NA VACCARA.

- Dá para parar de gritar? – Fernanda tentava conter os ânimos do marido. – Nós estamos de cabeça cheia, é melhor a gente não conversar agora. A Vitória está me ajudando com a Bia.

- Avisa para essa garota aí, que ela vai pagar pelo que ela fez... E fala para ela rezar para que eu acorde amanhã com o humor melhor. – Irônico. – Boa noite, querida!

E sem deixar Fernanda reagir, Filipo bateu a porta do quarto de Bianca.

(...)

- Você tem certeza que vai ficar bem? – Guilherme perguntou a irmã pela enésima vez. – Quer que eu procure o Filipo? – Se ofereceu. – Posso conversar com ele... Meter um soco na cara dele, se você preferir. – Disse tentando fazer sua irmã sorrir. – Fer, ele não pode te tratar assim.

- Eu sei... Mas, ele estava de cabeça quente, tinha bebido também. Amanhã eu converso com ele.

Sempre era assim. As conversas eram adiadas para o dia seguinte, ou porque Filipo estava ocupado ou porque estava de cabeça quente, quando não era o caso dos dois. Fernanda preferia esperar. Tentar dialogar com Filipo com raiva era besteira, não sairia nada que prestasse. Logo após a discussão dos dois, soube que ele pegou o carro e saiu de casa. Com certeza só apareceria no dia seguinte.

A festa se encerrou por volta das quatro da manhã e o serviço de *buffet* continuou trabalhando até as cinco. Guilherme apenas tirou seu uniforme quando soube que tudo estava desmontado e em ordem na casa dos Vaccara. A noite poderia até não ter sido perfeita, mas do serviço ninguém poderia reclamar.

- Tudo bem, agora podemos mudar para um assunto muito mais agradável do que o coxinha do seu marido? – Fez uma pausa. – Mana, aquela sobrinha do Filipo... – Guilherme suspirou imitando uma expressão de apaixonado. – Que mulher!

Fernanda sorriu.

- Ela é bonita mesmo e querida. Acredita que me ajudou a colocar a Bianca para dormir?

- E você cometeu a falta de educação de não apresentar a gata formalmente ao seu irmãozinho...

- Desculpa. Depois eu mesmo notei isso, mas é que minha cabeça estava... Ainda está, na verdade, uma loucura. Mas não faltará uma oportunidade de vocês se apresentarem e trocarem umas receitinhas. Ela adorou sua comida.

- Sério? – Guilherme riu triunfante. – Sabia que o tempero do Guizinho é imbatível. A gente combina... Ela gosta de cozinha, eu também... Ela é bonitona, eu também...

- Você gosta de mulheres, ela também.

O sorriso de Guilherme morreu.

- Brincou? Aquela gata? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Sabia que tudo estava perfeito demais... Quem te disse?

- Ela mesmo. Falou que a última namorada tinha a minha idade e terminou porque achava ela um bebê.

- E você?

- O que tem eu?

- Também acha ela um bebê?

- Ela é dois anos mais nova que você, três mais velha que a Bia.

- Ótimo. Você sabe as nossas idades. Agora me responde, pra você ela é um bebê ou...

- Ou?

- Ou! – Salientou. – Você sabe que eu estou falando.

- O que eu sei é que está tarde e pelo jeito você roubou uísque da festa, encheu a cara, e está falando mais bobagem que sua sobrinha. – Desviou do assunto. – Eu estou exausta... Você se incomoda se eu for dormir?

- Se eu disser que eu me incomodo você fica e me responde?

- Não... – Levantou-se da cadeira foi até o irmão e aplicou um beijo em seu rosto. – Obrigada por tudo. Você foi perfeito. Dá um beijo no pessoal da cantina por mim?

- Está dado. Dorme bem...

Guilherme foi o último integrante do *buffet* a deixar a casa dos Vaccara, vinte minutos após Fernanda se despedir. Antes de seguir para casa deixou o furgão no *buffet*. Fernanda não foi dormir diretamente, primeiro retirou o vestido e se presentou com um banho de chuveiro quente. Ao sair da ducha vestiu seu robe vinho de seda por cima de um baby dool do mesmo tecido. Estava se preparando para escurecer o quarto quando ouviu batidas na porta. Abriu.

- Você aqui? – Fernanda fitou a bandeja que estava a sua frente sem entender nada. – O que é isso?

- Creme de queijo servido no pão italiano. – Vitória esclareceu. – Não sei se está da altura do salmão que o seu irmão serviu hoje, mas, modéstia à parte, está gostoso para um improviso. Eu vi que você quase não comeu durante a festa, imaginei que estava cansada e lembrei que você gostava do creme de queijo que a minha mãe fazia. – Fernanda sorriu encantada com aquele mimo da sobrinha. Ela tinha razão. Estava tão nervosa que apenas enganou o estômago com alguns canapés. – Posso te fazer companhia?

CAPÍTULO 04

- E aí? – Vitória questionou um tanto insegura. – Está igual ao da minha mãe?

Fernanda demorou alguns segundos para responder. De olhos fechados, ela tentava se concentrar no gosto do alimento que estava sobre sua língua. Era um sabor que trazia lembranças de uma época distante e muito boa. Nem era casada com Filipo quando experimentou pela primeira vez o creme de queijo oferecido por Eliane, cozinheira da casa, mãe de Vitória.

Ao provar o creme, Fernanda teve que conhecer a cozinheira e pedir a receita. Eliane não gostava de contar muito seus segredos, entretanto simpatizou com a namorada do patrão e lhe passou a receita. Até os dias atuais Fernanda sabia de cor. Cebola, manteiga, farinha de trigo, leite, queijo meia cura cortado em cubos, sal e creme de leite. Abriu os olhos e encontrou uma Vitória aflita.

- Errei em alguma coisa?

- Você trocou meia cura por queijo *gruyère* e adicionou pimenta do reino branca e um fundo de cebolinha verde, não é? – Sorriu. – Está parecido, mas o seu está melhor.

E sem cerimônia alguma voltou a provar da iguaria oferecida pela sobrinha deixando uma atônita Vitória sentada bem à sua frente. As duas dividiam a cama de casal de Fernanda. Logo após permitir a entrada da garota no recinto, a esposa de Filipo encostou a porta dando assim maior privacidade as duas. Vitória assistia a tia provar do seu prato com uma expressão bem satisfatória no rosto.

- Está falando sério?

- Claro. Não sou de mentir. – Divertida. - Você não confia no seu talento, não? – Mergulhou a colher na casca do pão italiano e trouxe um pouco do creme. – Prova.

Vitória deixou que a mulher mais velha introduzisse a colher em sua boca. O sabor estava realmente agradável, mas a loira foi modesta.

- Você esqueceu um tempero importante que dá esse sabor especial. – Fernanda repassou a receita mentalmente, Vitória esclareceu. – Sua fome. – A outra sorriu. – Sério, você não parou um minuto... E perdeu. A comida estava ótima, seu irmão é excelente.

Ao ouvir falar em Guilherme, Fernanda mudou o semblante.

- Falta de educação a minha, né? Nem apresentei vocês.

- Imagina... Foi tudo corrido. Não faltarão oportunidades. Sabe que eu estou surpresa? – Vitória confidenciou. - Você entende de cozinha, o *gruyère* tem sabor mais frutado. As pessoas não conhecem.

Fernanda gargalhou.

- Eu sou um desastre na cozinha... A pior do mundo. – Vitória sorriu. – Mas eu sou bom garfo, o Guilherme brinca que sou degustadora. Ele me chamou de doente porque saiu uma notícia sobre um queijo encontrado no fundo do mar de 340 anos de idade e que ainda estava em boas condições porque o sal conservou. Eu contei para ele que fiquei com vontade de provar o queijo e ele acabou comigo. Disse que eu devia ser estudada... – Vitória sorriu. – Isso... – Apontou para o creme de queijo feito pela sobrinha. – É de gente que entende. Não estou

dizendo só para agradar.

- Também gosto de comer bem... Gosto tanto que o prato do meu creme de queijo é comestível... – Disse arrancando risadas de Fernanda. – Sou magra de ruim.

- Você está ótima, está linda.

O elogio foi solto de forma tão espontânea que Fernanda nem se deu conta das palavras. Vitória não, se calou por alguns para refletir o que tinha acabado de ouvir e soltou um riso ao constatar que Fernanda tinha mesmo elogiado sua aparência. Um prestígio daquele tipo era bem comum entre tia e sobrinha, mas para Vitória sempre soava mais especial por se tratar de Fernanda.

- Sabe o que cairia muito bem? Um vinho. – Vitória comentou. – Esqueci.

- Só o queijo está ótimo. Acho que não quero ouvir falar em vinho ou álcool durante os próximos meses... – Fernanda argumentou. – A Bianca que entornou, mas eu que vou ter ressaca.

Vitória não duvidava. Só de ouvir a forma que Fernanda foi tratada por Filipo dentro do quarto, ela tinha certeza que a dor de cabeça sobraria para a tia. Era o perfil de Filipo esse tipo de comportamento, machista, como se a filha fosse apenas da esposa. Com certeza o porre de Bianca não acabaria naquela madrugada.

Herdeiros rebeldes dão lucro aos jornais e a imprensa. A prova era o tio Marcelo. Quando tinha o nome envolvido em escândalos se tornava alvo da mídia. Com a internet então... A história demoraria, no mínimo, semanas para ser esquecida. As pessoas compartilhavam fotos, faziam piadas sem ao menos julgar como aquilo poderia machucar o envolvido e até a família. Agora não tinha o que ser feito, apenas lamentar.

- Fer, a culpa não foi sua... As pessoas são muito hipócritas, quem nunca ficou de porre e deu um vexame ? A Bianca é uma garota, esse tipo de coisa, na idade dela, na minha, ás vezes acontece.

- Eu não queria que ela sofresse mais do que está sofrendo. Ver um filho machucado é o mesmo que apanhar de mãos amarradas. – Fernanda largou a colher dentro do pão italiano, finalizou o creme, agora só restava a massa e um resto de queijo. – As coisas têm sido tão complicadas entre o Filipo e Bianca

- Sem querer eu ouvi alguma coisa. Eu lamento...

- É complicado. Eles sempre tiveram diferenças, mas depois que ela prestou vestibular as coisas pioraram muito. A história da matrícula foi a gota d'água.

- Que matrícula?

Tudo começou com a escolha da faculdade de Bianca, há pouco mais de um ano. Ela chegou em casa com o uniforme do ensino médio, a inscrição do Enem e folhetos de diversas universidades. A escola estava participando de uma feira de profissões. Bianca tomou sua decisão final e comunicou aos pais. Escolheu Jornalismo, bem distante de Direito e Administração, as alternativas favoritas de Filipo.

A primeira discussão entre eles aconteceu quando Filipo soube da escolha. Ele nem quis ouvir argumentos da filha. Uma profissão que não pudesse exercer dentro da administração da Vaccara não era para ser levada a sério. Fernanda também ouviu broncas, mesmo afirmando ao marido que soube da decisão no instante que ele soube.

Fernanda sabia que Português e Redação eram as matérias favoritas da filha, mas não imaginava que Jornalismo era uma possibilidade, como ela, Fernanda, optou um dia. De

formação, Fernanda era jornalista, mas tinha pouquíssima experiência na área. Bianca não gostou das críticas do pai e os desentendimentos se tornaram rotina até chegarem ao ponto de se falarem apenas na forma de agressão. Em dezembro a briga ganhou novo capítulo quando Filipo fez um comunicado.

- Só pago alguma coisa ligada à faculdade se eu ver na sua matrícula Administração.

- Como é? – Bianca questionou. – Você não vai pagar a rematrícula?

- E nem as mensalidades. Você é nova, entendo que faça umas burradas de vez em quando. Eu dei um ano de prazo para você cair em si. Não caiu, perca o seu dinheiro e não o meu. Não vou gastar.

- Não tenho nada a ver com Administração. Meu sonho é ser repórter.

- Ninguém está impedindo isso. Pague você a faculdade. Você não é maior de idade? Então... Trabalha ou vai para uma universidade pública. Assim que muita gente se forma, sabia? Ralando. – Irônico. – É bom que você se acostuma. Falam que jornalista é meio duro, né?

Ao ouvir toda a história Vitória sentiu seu estômago embrulhar. Nunca foi com a cara do tio, mas agora ele tinha ido longe demais. Como poderia ser tão podre com a filha? Agora começava a entender Bianca. Ela tinha feito muito pouco. Devia ter feito um escândalo muito, mas muito maior. Aquilo era um absurdo.

- Nossa família é podre de rica... Isso não tem cabimento. E os velhos? Não manifestaram? – Preocupada. – Você concorda com isso?

- Não, não concordo. Não sei o que tem acontecido com o Filipo. Ele anda estressado, áspero. Eu não entendo. A Bia é geniosa, para tudo não desandar, eu fico entre eles.

- Ela vai parar de estudar?

- Não! Eu paguei a rematrícula e assumi as mensalidades. Graças a Deus não me falta trabalho. Não me chamo Fernanda se Bia não se formar.

Vitória fez um gesto afirmativo, mas ainda assim não conseguia digerir aquela informação.

- Não entendo como você pode suportar passar por essa situação! – Fernanda não disse nada, na verdade muitas vezes ela se questionava onde encontrava forças para lidar com Filipo. Vitória ainda complementou. – Na verdade, nunca entendi o que você viu nele para um dia casar. - Logo que soltou a frase, Vitória se arrependeu. Eles eram casados. Fernanda poderia se sentir ofendida com aquela crítica. Sem querer foi longe demais. Sabia reconhecer quando errava. - Desculpa. Não devia falar isso.

Fernanda fez um gesto negativo e por fim sorriu.

- E você não me falar ou fingir que não vê vai mudar a situação? – Foi a vez de Vitória se calar, não sabia responder à pergunta da outra. A própria Fernanda tratou de responder. – Não vai... – Admitiu. – Isso me cansa, sabe Vitória? As pessoas fingirem que estão vendo um casal perfeito e eu me sinto pressionada a seguir com esse teatro. Eu gosto do meu marido, amo minha família, mas as coisas entre nós estão difíceis e não consigo ter uma válvula de escape. – Fez uma pausa. – Meus amigos, amigos mesmo são o Guilherme, a Dani e o Dudu que é meu chefe. Eu evito de falar com o Gui porque ele é estourado, o Filipo também, não quero criar um conflito entre eles. Os outros percebem o que acontece, mas elas têm medo de perguntar... Não medo de me magoar, me ferir de alguma forma, mas medo de se comprometer. Nós vivemos em um

mundo frio. – Olhou para a sobrinha, sorriu e segurou sua mão em um gesto de afeto. – Se comprometer é um ato corajoso e você, como sempre, foi corajosa. – Confessou. - Eu estava precisando disso.

Vitória aplicou um beijo carinhoso nas costas da mão de Fernanda.

- Você é admirável. – Riu. – Nós estávamos falando sobre isso hoje. – Fernanda fitou Vitória. – Meu pai comentou que você é uma mulher incrível. E eu concordo com ele. - Fernanda sorriu. – Aliás... Você revelou um talento esta noite. – Brincou. - Organizadora de festas?

Fernanda riu. Se não fosse Marcelo, a festa estaria arruinada após o escândalo. Se tivesse sido contratada, com certeza os Vaccara iriam entrar na justiça pedindo indenização ou algo do tipo.

- Eu agradeço o elogio de vocês, mas acho que não levo jeito... Sobre essa festa eu quero apenas esquecer.

Vitória fez um gesto de acordo com a cabeça.

- Tudo bem, sua ordem é um decreto. Vamos esquecer, mas que estava incrível... Estava. – Fernanda sorriu. – Bom... Você deve estar querendo dormir né? Essa mudança doida de fuso horário me fez perder o sono.

- Na verdade o banho também me tirou um pouco do sono. – Fernanda admitiu. – Como está sua vida?

- Oi?

- Até agora só falamos sobre família, casamento, Bia... Só falamos da minha vida... E você? Me conta um pouco sobre sua vida... Lá é muito diferente do que aqui? Eu estive algumas vezes, mas não se compara com a experiência de morar.

Fernanda esteve na França três vezes e todas após seu casamento. Na primeira viagem, em sua lua de mel, conheceu a badalada Paris e compreendeu porque a cidade possuía tantos admiradores. Era simplesmente encantadora.

A segunda viagem foi uma boia salva vidas de casamento. Ela e Filipo estavam quase separando. Fernanda não conseguia engravidar e Filipo repudiava a ideia de fazerem algum tratamento. Todo dia ele saia para beber com Marcelo. Um jornal o flagrou duas vezes e começou a fazer comentários maldosos. Com o intuito de abafar a crise, Antônia comprou passagens de avião e reservou um aconchegante chalé em Colmar, uma das regiões mais floridas da França. Os dez dias passados no vilarejo fez muito bem para aos dois que chegaram ao Brasil com o casamento renovado.

- Não deve se comparar mesmo... – Apesar de ter comido bem na festa e ter saído satisfeita, Vitória não resistiu a casca do pão italiano sobre o prato de Fernanda. O interior da massa ainda estava umedecido pelo creme de queijo. Sem cerimônia rompeu um pedaço generoso e levou a boca. – Desculpa... Paquerei este pão desde que vi na cozinha. – Confessou. – Adoro fazer uma boquinha de madrugada.

Fernanda sorriu.

- Comer é uma das melhores coisas da vida, né?

Vitória concordou.

- Acho que eu seria a pessoa mais infeliz do mundo se não existisse o trigo... Imagina, ficar sem pão, sem pizza? – Brincou. – Vamos lá... Vamos começar falando dos franceses. Choque cultural imenso. Aqui você entra em uma fila de supermercado e saí de lá com um milhão de amigos planejando o churrasco do próximo final de semana. Os franceses são fechados. Para você entrar para uma turma de amigos, ter uma galera, precisa quase assinar um contrato de três vias... Eu conheci pessoas maravilhosas por lá, mas são reservados. A maioria dos meus amigos são estrangeiros.

- A última vez que eu fui em Paris, fui muito bem tratada. Eu trabalhei na semana de moda de 2006. Um amigo meu ia, não pode ir e eu fui no lugar dele... Oito dias.

- Que legal, Fer. Deve ter sido uma experiência e tanto.

- Bastante trabalho, mas foi maravilhoso. – Fernanda concordou. – Um pouco antes de conhecer a Bia também estive em Colmar... Você conhece?

- A Valentine me levou. A gente aproveitou para visitar, nessa mesma viagem, a Alemanha e a Suíça.

- Um dia ainda volto para Colmar. E levo a Bia comigo porque foi lá que decidimos adotar uma criança.

Vitória aproveitou aquela brecha e fazer uma pergunta a Fernanda.

- Desculpa perguntar, mas vocês foram em um abrigo adotar a Bia?

- Não. Ela era filha da designer de joias que trabalhava para os seus avos. O nome da moça era Maria Luísa Mendes, ela faleceu em um desastre horrível de carro na estrada Rio-Santos. Essa moça não tinha mais ninguém no mundo. Sem irmãos, os pais já eram mortos, o pai de Bia a abandonou quando ela era bebê e ninguém tinha mais notícias dele. Ela ia ser encaminhada para um abrigo, mas quando eu vi aquela garotinha sofrendo tanto no velório da mãe. Ela estava no carro quando tudo aconteceu, foi salva por um milagre. Só cortou o braço direito. Até hoje ela tem a cicatriz perto do pulso. – Disse um tanto transtornada pela comoção. – A primeira vez que eu olhei para a Bia eu chorei tanto, tanto... Parecia que... Era como se eu sentisse. – Baixou os olhos em uma tentativa de esconder as lágrimas. Chegou até a se arrepiar com as lembranças. – Eu sabia que eu era mãe daquela menina. Era um choro de emoção e ao mesmo de alegria, de alívio...Não sei explicar... Eu tenho uma ligação muito forte com a minha filha. – Vitória aproveitou que Fernanda fez uma pausa e com o polegar colheu uma lágrima que escorria por seu rosto. - É horrível querer engravidar e não conseguir. Todo o mês aquela expectativa, aquela esperança e em uns dias... Caia por terra. No mês seguinte a mesma coisa, no outro a mesma e no outro também... Foi assim por dois anos. Você não imagina o quanto é doloroso.

- Não fica assim. – Fernanda baixou os olhos e Vitória tocou seu queixo, obrigando a erguer o rosto e encará-la. – Tenho certeza que você é uma mãe incrível. – Garantiu. - Vocês tinham que se encontrar.

Fernanda fez um gesto negativo.

- Desculpa... Sua primeira noite de volta... Não queria te trazer problemas. Acho que hoje eu não estou muito boa de assuntos.

- Eu não preciso bons assuntos quando eu estou com você. – Abriu um sorriso charmoso. – Eu já tenho uma boa companhia...

Fernanda sentiu seu rosto esquentar e sorriu. Era péssima com elogios. Na faculdade tinha um amigo chamado Renato. Antes de enaltecê-la, Renato sempre dizia em tom de gracejo: “Só vou falar isso porque adoro te ver encabulada”, e em seguida a elogiava. Sorriu. Apesar de sem graça, gostou de ouvir aquilo. Ainda mais de Vitória.

- Você sabe escolher bem as palavras...

- Consequência de sair com mulheres, dependendo suas palavras podem ser uma sentença de morte. – Fernanda riu. – Uma ex-namorada me disse isso.

- A ex que te achava um bebê?

- Não. Essa que me achava um bebê é a Claire. Foi outra. Francesa também. Nicole. – Fez uma observação. – É um adicional de fábrica, as francesas são malucas.

Pelo jeito ex-namoradas era o que não faltavam na vida de Vitória. Apesar de jovem, era possível notar que ela já tinha uma certa bagagem amorosa. Vitória aproveitou a deixa de Fernanda para falar de mulheres. Não de suas mulheres, mas da diferença entre as francesas e brasileiras, assunto que provocou mais risadas em Fernanda. Contou alguns casos de paqueras frustradas em seus primeiros dias em terras parisienses, relatou também um pouco de sua vida com os amigos europeus e se calou quando percebeu que Fernanda cochilava. Era hora de voltar ao seu quarto.

Antes de sair cobriu a tia com uma coberta e aplicou um beijo em sua testa, em um ato de proteção. Estava prestes a sair do quarto quando ouviu passos. Por instinto se colocou atrás da porta e logo descobriu quem era que estava acordado.

Filipo não acendeu as luzes. No escuro, Vitória apenas conseguia enxergar seus cabelos aloirados e os olhos claros. Nem era preciso se esconder dele. Filipo estava tão bêbado que não notou sua presença. Ele falava com alguém pelo celular.

- Eu sei que acabamos de nos ver... – A voz estava bem enrolada, mas Vitória ainda conseguia distinguir as palavras. – Não importa, eu sinto falta sua... Saudade. Eu sou um homem apaixonado, você quer o que? -...- Estou no meu quarto. -...- Não, Fernanda capotou já... Ah foda-se a Fernanda. -...- Ela que escute o que quiser... Ele equilibrou o telefone entre o ombro e a orelha, com as duas mãos livres abriu a calça e retirou, também se livrou da cueca preta que quase caiu nos pés de Vitória. Filipo estava de costas para Vitória, mas ainda assim a garota conseguiu ver seu movimento com as mãos, tinha começado a se masturbar. – Daqui a pouco eu te mando a foto para você ver o quanto estou apaixonado.

Filipo jogou os sapatos em um canto e seguiu para o banheiro. Antes que ele voltasse para o quarto, Vitória saiu e encostou a porta. Filipo não ia se dar contar que tinha deixado a porta aberta. Se estava masturbando de porta aberta, com certeza deixaria esse detalhe passar batido.

“Filho da puta”.

E ssas eram as palavras que não saiam da mente de Vitória após testemunhar aquela cena. “Faz um caos na vida da mulher, da filha e ainda arranja uma amante”, quem era ele para condenar Bianca ou qualquer outra pessoa? Não conseguia crer.

“Apenas sendo muito burro para desprezar uma mulher como Fernanda”, Vitória pensava enquanto atravessava o corredor. Seu quarto ficava no final, mas fez uma parada dois quartos antes que o seu. Abriu a porta vagarosamente e encontrou uma Bianca desmaiada de bruços. As luzes estavam apagadas, mas ainda podia ver sua silhueta. Se não soubesse que ela era adotada, afirmaria que a garota tinha puxado Fernanda. Era alta como a mãe, o corte e a textura do cabelo

parecidas, apenas a pele era mais clara e as feições do rosto eram diferentes, Bianca tinha os olhos azuis e lábios carnudos. De costas se pareciam.

A rejeição de parte da família e da madrasta fizeram com que Vitória se tornasse uma mulher desconfiada. Não era amarga ou algo do tipo, mas dificilmente se dava com alguém como se deu logo de cara com Bianca. Era como se combinassem.

Até Fernanda tinha percebido. Ao saber da história da adoção com mais detalhes, se sentiu mais cativada pela garota. Era um sentimento inédito que surgia dentro de si que nunca tinha experimentado por ninguém. Observou o quarto da garota e viu alguns elementos que faziam parte de seu universo. Não resistiu e escreveu um bilhete para Bianca em um bloco de notas que estava sob sua escrivaninha. Quando a garota acordasse logo encontraria. Assim como entrou, saiu discretamente, e seguiu direto ao seu quarto. Estava exausta.

(...)

- *Merde*! – Vitória resmungou logo que abriu os olhos e os raios solares invadiram suas vistas. Colocou a mão na frente para se proteger. Identificou um vulto naquele meio segundo. – Valentine, fecha isso! Não são nem oito da manhã.

- Vitória, onze e meia! – A loirinha deu um pulo da cama, tinha marcado com o pai, meio-dia, em um restaurante. – Acorda!

Ainda sem acreditar, Vitória tateou o criado mudo até encontrar seu celular.

- Já acordei! Por que você não me chamou? Te falei ontem que ia sair com meu pai...

- Seu pai ligou, vai atrasar e remarcou para as duas. – Valentine informou. – Estou te chamando para você acordar para a vida!

Dessa vez Vitória tinha bugado. De duas a uma, ou Valentine estava bêbada ou falava coisas que não faziam sentido algum.

- Que?

- Te acordei para saber quais são os seus planos?

- Almoçar com o meu pai, como você mesma acabou de dizer? – Debochada. – Sair desse quarto ainda enxergando alguma coisa?

- Estou falando de vida. Quem te interessa?

- Que?

Valentine respirou fundo e então explicou.

- Ontem eu fui beber água de madrugada e vi você no quarto do seu tio. Depois de uma hora mais ou menos eu fui ao banheiro e vi que você saiu do quarto da pirralha que não sabe beber. – E perguntou. - Você está interessada em quem, na mãe ou na filha? O que você pretende com esse jogo duplo?

CAPÍTULO 05

Risadas.

Essa foi a resposta de Vitória ao questionário da amiga. Valentine costumava ser cuidadosa com as pessoas que amava. Ás vezes seu cuidado era exagerado e Vitória se aborrecia, mas não foi aquele caso. Ela percebeu que o tom de Valentine era muito mais de preocupação do que ciúme. Com certeza estava aflita com as consequências de seus "passeios" noturnos.

Se irritava com Valentine? Sim, diversas vezes, mas este lado protetor também era uma das qualidades que Vitória mais admirava na amiga. Valentine gostava de fazer pose de arrogante, de ácida, mas possuía uma grande generosidade dentro de si.

- Fico feliz que você tenha acordado de bom humor... Agora pode responder minha pergunta? Vitória, elas são mãe e filha...

- Você acha mesmo que eu estou interessada na minha prima? – Sorriu. – Ontem, na festa, você chegou a ver quem era a Bianca?

- Vi... Acho que não teve ninguém que deixou de ver quem era a Bianca. Ela parece ser uma pessoa bem interessante.

- Uma criança!

Foi a vez de Valentine rir.

- Nossa... Incríveis o que? Quatro anos separam vocês duas?

- Três... Ela tem dezenove

- Três anos... – Valentine constatou irônica. – Coisas que não se vê todo dia. Um casal com incríveis três anos de diferença... – Séria. – Vitória, me poupe, se poupe e nos poupe! Você já teve desculpas melhores para me dar... Três anos? Isso não é nada! Você e a Fernanda tem vinte e um anos e vê se te impede de pensar alguma coisa... – Vitória baixou a cabeça. Dormiu pouco, tinha bebido na festa e ainda acordava com um sermão daqueles. – Eu não sei se você sabe, mas ontem bastava ter um par de olhos e prestar dois minutos de atenção em você para sacar o que estava rolando. – Vitória mirou seus olhos em Valentine. Receosa. – Não é por mal, mas isso realmente me preocupa... Você ficou tão infeliz quando a Claire te deixou, eu não queria te ver ferida outra vez.

Claire. Apesar da dor ser bem menos intensa que há alguns meses, Vitória ainda sentia o machucado recém cicatrizado. Vitória e Claire se conheceram logo que a loirinha chegou à Paris. Claire era proprietária de uma aconchegante adega-bar na região de *Marais*, o mesmo local que Vitória resolveu se estabelecer ao se mudar para a Cidade Luz. Vitória residia em um prédio que possuía diversos estudantes, um deles indicou a adega por conta da proximidade, da qualidade dos produtos e do bom preço. Ela resolveu conhecer o estabelecimento.

Assim que entrou no comércio deu de cara com uma mulher que devia ter o dobro de sua idade, muito bonita. Seus olhos eram grandes e esverdeados. A pele alva ficava um pouco rosada devido ao frio e contrastava com os cabelos escuros que batiam um pouco abaixo dos ombros. O nariz afilado de Claire combinava com seus lábios finos. Era dona de uma beleza delicada.

Ao ouvir a porta se abrir e ver a loirinha, Claire a mediu de cima abaixo e voltou a sua tarefa, conferia as prateleiras para ver o que estava em falta e anotava tudo em uma prancheta. Ela parecia concentrada e Vitória não queria incomodá-la, mas como não havia mais nenhum funcionário, não teve jeito, teve que recorrer a Claire.

- Bonjour, je voulais acheter un peu de vin et je suis ici une liste, pouvez-vous me dire si vous disposez?

(- Olá, eu queria comprar um pouco de vinho e tenho uma lista, você pode me dizer se você tem?)

Os olhos de Claire miraram o rosto da estrangeira e desceram até seus pés. Fitou o rosto da garota e apenas respondeu.

- Bonjour!

(Olá)

E voltou sua atenção as garrafas de vinho, como se Vitória não existisse. Um tanto ressabiada Vitória tentou novamente.

- Bonjour, je voulais un peu de vin...

(- Olá, eu queria comprar um pouco de vin...)

O mesmo olhar arredio seguido de um seco "*Bonjour*" e Claire seguiu com seus afazeres. Vitória olhou para os lados a procura de outro funcionário e não viu ninguém, além de uma bela jovem ruiva que almoçava enquanto consumia uma taça de vinho. Ironicamente a jovem lhe disse com sotaque francês:

- Bonjour...

E levantou o vinho como se oferecesse. Vitória abriu um sorriso amarelo.

- Bonjour... – Aproveitou que ninguém a compreendia e extravasou. – Vaca...

- É você! – E soltou uma gargalhada de leve ao ver o rosto da loirinha se avermelhar de vergonha. Como ia imaginar que aquela figura que exalava Paris compreendia muito bem sua língua? A jovem estendeu a mão. – Valentine, prazer...

- Brasileira?

- Se for esse seu nome, sua mãe deve te odiar.

- Não... Meu nome é Vitória. Você é brasileira?

- Nascida em Floripa. – Valentine revelou. - E você aposto que tem pouco tempo de Paris, né? *Un moment.* – Deu o último gole em sua taça de vinho, levantou da mesa e foi até onde estava Claire. - *Madame Claire, désolé de l'interrompre, pouvez-vous me aider? (Claire, desculpe interromper, você pode me ajudar?)*

- *Oui. (Sim)* – Claire colocou a prancheta sobre uma das prateleiras. - *Qu'est-ce que je peux aider? (O que eu posso ajudar?)*

Vitória não podia acreditar. Graças a Valentine, em poucos minutos estava com sua encomenda em mãos. Em agradecimento resolveu acompanhar Valentine até seu apartamento, ela estava cheia de sacolas e não morava muito longe dali. Caminharam por três quadras juntas. Valentine aproveitou para mostrar alguns pontos interessantes da região para Vitória enquanto falavam dos primeiros dias da loira em Paris. A estudante também conhecia mais detalhes da vida da garota catarinense.

- Minha mãe é francesa, nascida em Bretanha, ela foi para o Brasil com vinte anos... Sempre buscou nos ensinar detalhes da nossa cultura, mas quando eu me mudei para cá, há uns cinco anos, eu também senti muita dificuldade.

- O que você faz?

- Trabalho com moda.

- Desfila?

- Eu? – Riu e brincou. – Como você é fofa... Eu trabalho em uma revista especializada em moda.

- Estou estudando para ser *Chef* de cozinha.

- Ou seja, engordar minhas modelos. – Vitória riu. – Você foi à adega atrás de algum ingrediente especial?

- Apenas queria conhecer mesmo. Um vizinho meu falou que era um local muito aconchegante... Eu achava que era mito o que as pessoas falavam sobre os franceses não gostarem de estrangeiros, mas essa Claire... Que educação, viu!

Valentine riu.

- Aposto que ela pensa o mesmo de você. – Vitória a encarou sem entender. – O brasileiro é ansioso e o francês gosta de formalidade... As duas coisas não combinam. Quer ver as coisas melhorarem... Comece a usar um *"Madame", "Monsieur", "Mademoiselle"*. Eles amam uma bajulação... E outra coisa. Você desejou um bom dia, mas não perguntou se ela poderia ajudá-la ou se estava ocupada no momento, certo? Você precisa ser bem clara.

Foi a vez da loirinha sorrir e fez um gesto afirmativo.

- É, depois que você chamou a Claire de *madame* ela foi super atenciosa. Formalidade... – Reflexiva. - *Madame*... Ela é casada?

- *Oui*, o *monsieur* Le Blanc trabalha com ela na adega, logo você o conhecerá. O nome dele é Marc... Um casal muito bonito.

- Que ela é bonita sem dúvida... Agora não sei se volto lá não...

- Claro que volta. Desfaz a má impressão. Amanhã é aniversário de um amigo meu, vamos para lá... Seria legal se você fosse, você precisa conhecer pessoas, certo? – Vitória confirmou. - Só diga para eles que nos conhecemos do Brasil. Franceses são desconfiados, será melhor para você.

- Tudo bem. –Sem graça. – Desculpe por ter te xingando lá na adega.

- Tudo bem... – Divertida. - Vou te ensinar ofensas francesas - Divertida. - Eu tenho certeza que você vai precisar.

- *Oui, madame!*

- *Mademoiselle*.– Valentine corrigiu. - Eu sou solteira.

Após combinarem o horário correto, Vitória e Valentine se despediram na porta do edifício da catarinense. No dia seguinte encontraram-se na adega de Claire, conforme o que foi acordado e Vitória pode conhecer uma face muito mais simpática da proprietária do local. Pierre, o aniversariante, era melhor amigo de Marc. Ele e a esposa fecharam a adega para o aniversário e até participaram da comemoração.

Vitória virou uma assídua frequentadora da adega e a má impressão que teve de Claire ficou para trás. Uma amizade nasceu entre as duas e logo se transformou em uma paixão platônica. Com o intuito de esquecer seus sentimentos por Claire, Vitória se envolveu com Valentine e diversas outras garotas até que um dia Valentine chegou em seu apartamento com novidades.

- Claire saiu de casa.

- Como?

-Ela pegou o Marc na cama com outra. Uma loucura...

A separação de Claire, o envolvimento com Vitória e a separação da *chef* de cozinha durou menos de um ano. A proprietária da adega resolveu voltar com o ex-marido. Sentia-se mais segura com ele. Toda relação precisava de alguém forte e por Vitória ser jovem, Claire se via obrigada a exercer esse papel, mas não se sentia pronta para isso. As palavras de Claire de certa maneira ainda perseguiam Vitória.

- *Engager avec vous est de savoir comment vous impliquer avec un enfant en bas âge.*

(- *Envolver-se com você é como se envolver com uma criança pequena*.)

Vitória ainda insistiu, pediu que ela não desistisse e protagonizou todas as cenas de um roteiro de um fim de um relacionamento amoroso, mas o resultado era irreversível. Após um mês de lamentações, Vitória resolveu entregar os pontos e desistiu oficialmente de Claire. Outras mulheres apareceram em sua vida, namorou algumas, mas as palavras de Claire ainda machucavam como uma bofetada. Apenas percebeu que a dor tinha se tornado fraca quando falou dela com Fernanda. Perto da tia, Claire não passava de uma lembrança boa. Uma paixonite da juventude.

- Alô... – Valentine estalou os dedos próximo do rosto de Vitória. – Terra chamando.

- Deixa eu me levantar? Já estou atrasada e meu pai detesta esperar, embora ele sempre deixe os outros esperando.

- Você ouviu o que te disse sobre a Claire?

- Não posso prometer o que eu não sei se consigo cumprir. – Fez uma pausa. – Tomarei cuidado...

A conversa das duas foi interrompida por gritos. Uma discussão acalorada. Vitória e Valentine se entreolharam até que escutaram perfeitamente a voz de Marcelo.

- ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM, VOU MATAR AQUELA VACA!

- Aí aí... Saudades de Paris... – Valentine suspirou em um tom debochado.

Vitória descobriu o que houve alguns minutos mais tarde, na cozinha. A mesa de café da manhã estava toda montada na sala, mas como todos já haviam tomado café ela preferiu a cozinha. As empregadas faziam o almoço enquanto Leandro, o copeiro da casa, lavava a louça do café. Matilde que lhe contou o que aconteceu. Tudo começou quando Marcelo desceu de seu quarto com seus filhos. Daniele, a mãe das crianças, tomava café acompanhada dos ex-sogros, de Fernanda e Filipo. Ela passou a noite em um dos quartos de hóspedes da casa porque a festa terminou tarde. Os meninos adormeceram no quarto do pai.

Marcelo havia separado da esposa e voltava a ocupar seu quarto dos tempos de solteiro na casa dos pais. Os garotos, com saudade do pai, pediram para passar a noite com ele. Os três desceram juntos para o café. Marcelo usava um short, blusa regata e óculos escuros, as crianças vestiam sungas e chinelos.

- Mãe... – Emílio correu para junto de Daniele. – Papai vai comprar uma boia para eu nadar na praia...

- Praia?

- Nós vamos passar o fim de semana em Ubatuba, passear de lancha. – Marcelo anunciou como se tivesse combinado isso há tempos com Daniele. Leandro servia os ovos mexidos de

Filipo, Marcelo aproveitou sua proximidade e fez um pedido ao mordomo. – Bom dia, Leandro. Faz uma cesta com frutas para gente comer no caminho. Seleciona as mais bonitas, por favor.

- Papai me ensinou uma música nova... – Mário comentou e cantarolou. – O barquinho cai... A tardinha vai...

Marcelo riu.

- O certo é ao contrário. O barquinho do papai não pode cair de jeito nenhum, senão a gente vai parar no fundo do mar. – Apertou a bochecha de Mário. – Bochechudo!

- Bochechão! – O pequeno Mário respondeu.

Se não fosse a tensão, a cena era até bonita de se admirar. Marcelo sempre foi ligado a crianças e era um pai bem carinhoso com os filhos, uma pena que aquela história não terminaria bem. Ele só podia ficar com os garotos em finais de semanas alternados com a presença de Daniele ou de alguém de sua confiança. Essa foi a decisão judicial após um longo processo pela guarda das crianças. Aquele final de semana era de Daniele, ela abriu uma exceção por conta da festa de aniversário da empresa da família e levou as crianças até a mansão. Agora ir passear na praia? Marcelo era um impulsivo mesmo, estava abusando de sua boa vontade!

- Marcelo, a gente não combinou isso. – Daniele tentava manter a calma. - Você não disse nada. Você sabe que as coisas não são assim.

- Mãe, eu quero ir nadar com o papai... – Emílio choramingou.

- Emílio, estou conversando com seu pai. Toma o seu café. – Daniele ordenou. Disse ao ex-marido. – Você não me avisou nada.

- Não? Acabei de avisar... – Sonso. – Vamos passar o fim de semana em Ubatuba, os meninos querem passear de lancha, tomar sorvete...

Daniele soltou seus talheres sobre o prato que utilizava em um gesto de protesto. Estava esgotada. Toda vez era a mesma coisa.

- Dá para parar de ser cínico? Você sabe muito bem que esse final de semana é meu! Irresponsável!

- As crianças estão presentes! – Antônia se manifestou. – Se controlem!

- Qual o seu problema, Dani? – Marcelo insistiu. – Não veio preparada? A gente passa em algum lugar, compra o que você precisar... – Olhou para Emílio. – Papai aproveita e compra a sua boia, né, filhote?

Daniele perdeu a paciência de vez. Em tom ríspido mandou os garotos subirem e juntarem as coisas, pois iriam para casa. Emílio e Mário ainda tentaram reagir, mas Daniele seguiu firme em sua decisão.

- Eu estou mandando! A-GO-RA!

Contrariados, os meninos obedeceram às ordens. O clima da mesa que não era bom ficou completamente insustentável. Marcelo e Daniele, agitados, começaram a trocar acusações. Filipo tentava acalmar o irmão, Fernanda e Antônia procuravam fazer o mesmo com Daniele, mas não obtiveram sucesso. Ambos odiavam ceder.

- VAGABUNDA SIM, SENHORA! ENCHE A BOCA PARA FALAR QUE É UMA BOA MÃE, QUANDO NA VERDADE DEIXA OS GAROTOS TRANCADOS NO

CUBÍCULO QUE A BRUXA DA SUA MÃE MORA E SAI PARA SE ENCONTRAR COM SEU AMANTE, SUA CACHORRA!

- O FINAL DE SEMANA ELES PASSAM COM A MINHA MÃE SIM! NÃO FOI SÓ PORQUE EU ME TORNEI MÃE QUE DEIXEI DE SER MULHER, ENCONTRO QUEM EU QUISER E VOCÊ NÃO TEM NADA COM ISSO! CADÊ VOCÊ NA HORA DE UMA ESCOLA? DE TIRAR UMA FEBRE? DE ACORDAR DO MEIO DA NOITE? O SUPER PAI SOME!

- DEPOIS EU QUE SOU CÍNICO! – Ele reagiu. – VOCÊ QUE REJEITOU O ACORDO DE GUARDA COMPARTILHADA! E OUTRA COISA, O SEU NAMORADO ME DIZ RESPEITO SIM, PORQUE VOCÊS COMEÇARAM A FICAR QUANDO A GENTE ERA CASADO! VOCÊ ACABOU COM O NOSSO CASAMENTO AGINDO FEITO UMA PIRANHA!

- ASSASSINO!

A sorte era que Filipo era maior que Marcelo e ele não conseguiu escapar de seus braços. Fernanda também usou de força e puxou Daniele até outro ambiente.

- Controle-se, mulher! As crianças podem ouvir você!

Na outra sala, Filipo exercia o mesmo papel com o irmão que foi derrubado em um sofá. Se não fosse ele, era bem capaz de Marcelo matar Daniele. Marcelo nunca havia encostado em mulher alguma, mas ele estava possesso e abalado.

- Calma, Tchelo, a Dani pode te denunciar.

- É algum crime eu querer curtir um fim de semana em paz com os meus filhos? Ela larga eles nas mãos da mãe e vai sair com macho... – Arremessou uma almofada longe descontando toda sua ira. – MERDA!

- Decisão do juiz, filho... – Antônia tentava ponderar. – Assim ela vai te tirar os meninos totalmente.

- ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM, VOU MATAR AQUELA VACA!

Em nada lembrava o rapaz brincalhão da noite anterior que salvou a festa da família. Assassino! Aquela história ainda mexia muito com Marcelo. Era capaz de mexer a vida toda. Quando os meninos vieram se despedir do pai ele ainda estava com o ar bastante chateado. Mário tentou animá-lo.

- Fica para outra vez, papai... Cinco dias passam rápido.

Cada vez que via o desenrolar daquela história, Fernanda entendia menos Marcelo. Como pode ser um pai tão carinhoso e de uma hora para outra se tornar um sujeito agressivo e transtornado? Marcelo era realmente uma incógnita. Suas dúvidas foram levadas para o andar de cima da casa. Bianca acordou, ouviu a gritaria, interfonou para a cozinha e pediu que levassem seu café no quarto.

Não gostava de abusar muito dos empregados, mas ainda não estava se sentindo 100% por conta do pileque e nem tinha ânimo para uma crise familiar no começo do dia. Ao ver Matilde com a bandeja nas mãos, Fernanda se prontificou em levar o café da filha. Precisavam ter uma boa conversa. Deu batidas na porta para anunciar sua chegada.

- Não bate não, Matilde... – Bianca lamuriou fazendo Fernanda sorrir. – Minha cabeça ainda dói.

- Bom dia.

- Oi, mãe... – Bianca sorriu. – Achei que era a Matilde.

- Ela estava subindo, mas resolvi vir... Precisamos conversar.

- Não pode deixar o sermão para outra hora? Estou com dor de cabeça.

- Sem problema... Não tem sermão. – Retirou do bolso um molho de chaves. – Confiscada até a segunda ordem.

Bianca abriu a boca sem acreditar.

- Ah... Mãe! Castigo? Quantos anos eu tenho? Onze?

- Não é castigo, é proteção. Quem não sabe beber não anda de moto... Foi esse nosso acordo quando você quis a moto, lembra? Bebeu, tchau CNH!

- Como é que eu vou a faculdade?

- Como grande parte dos estudantes brasileiros. De metrô, ônibus... Até a segunda ordem.

Bianca suspirou e por fim fez um gesto de acordo.

- Tudo bem, dona Fernanda, a senhora está certa. – Admitiu. – Pisei feio no tomate. – Fez uma pausa. - Ele está aí?

- Não. Apagou mais um incêndio do seu tio e foi para o aeroporto. Ele vai assinar um acordo com uns empresários do Rio, deve voltar só amanhã à noite ou segunda de manhã. – Bianca sorriu e soltou um graças a Deus. – Bia, você não pode agir assim... O que está acontecendo entre você e seu pai?

- Ele está agindo como o tirano que sempre foi.

- Bia, isso está insustentável... Vocês tem que, pelo menos arrumar um jeito de conviverem, passou de todos os limites. Ontem foi uma festa para os seus avos. – Fez uma pausa. – Falei com ele hoje de manhã, eu fiz um pedido e vou fazer o mesmo para você. Quando ele voltar promete que vocês vão conversar? – Bianca fez uma careta. – Bianca?

- Está bem... Vou tentar! – Esfregou os olhos. – Parece que a gente nem fala o mesmo idioma, mas eu vou tentar. – Bianca mordeu um pedaço de pão. – Tio Marcelo deu defeito de novo? O que foi agora?

- O mesmo de sempre. Daniele. Ele queria sair com as crianças sem a autorização dela...

Bianca fez um gesto de lamentação.

- O tio é foda, né?

- Não consigo entender. – Fernanda admitiu. – Ao mesmo que eu fico revoltada porque a Dani é minha amiga, eu tenho dó dele, sabe? Imagina o peso que deve ser você tirar a vida de alguém, mesmo que seja sem querer. – Respirou fundo. – Por isso que eu te digo, resolveu que vai beber... Não leva o carro, não leva moto para nem levantar a hipótese de voltar dirigindo.

Bianca fez um gesto afirmativo.

- Mas aí juntou tudo né mãe? A bebida, o fato dele ter descoberto que a mulher tinha um amante... Não estou culpando a Dani, mas o tio já é todo problemático, saiu por aí feito uma bomba relógio.

- Isso é coisa da cabeça dele. Tenho certeza que a Dani não tem ninguém, o Marcelo que sempre foi neurótico. – Fernanda garantiu. – Sempre teve problema de ciúmes com as namoradas, uma vez ele deu uma surra no ex-namorado de uma antiga namorada dele, só porque

viu que os dois se falavam pelo celular. Tenho certeza que esse amante é invenção do Marcelo.

- Será, mãe?

- Claro... Eu conheço a Dani, você esqueceu que fui eu que apresentei os dois? – Fez uma pausa. – Você não tem ideia o quanto eu me arrependo. Marcelo tinha tudo para levar uma vida feliz, sabe? É um homem lindo, super amoroso quando quer... Mas a maldita dessa droga... A Dani é uma boa menina, batalhadora, não devia estar passando por isso.

- Mesmo assim. – Bianca afirmou. - Eu acho que a principal vítima do tio Marcelo é ele mesmo.

- Sem sombra de dúvidas!

(...)

O quarto de Bianca era um dos últimos do corredor, o de Marcelo ficava no lado oposto. Após se despedir dos filhos na sala, ele resolveu subir e se deitar. Sentia vergonha de encarar os empregados, os pais, Fernanda e as sobrinhas que ainda estavam em casa e com certeza ouviram todo o escândalo dele com a ex-esposa.

Assassino! Tudo tinha acontecido há três anos. Após ouvir Daniele falar com outro homem no telefone, chama-lo de meu amor, Marcelo pegou seu carro e saiu de casa. Se ficasse no mesmo ambiente que Daniele era capaz de cometer uma besteira na frente dos filhos. Por isso resolveu sair. Passou a noite fora. Teve uma recaída depois de anos limpo. Se meteu em uma biqueira, cheirou todas e depois pegou o carro outra vez para ir atrás de Filipo. Precisava de dinheiro. Precisava de alguém que o impedisse de fazer mais besteiras.

A imagem de Daniele chamando outro de meu amor não saia de sua mente. Ele já via achado alguns indícios, não transavam há meses e Daniele se arrumava mais a cada dia, usava lingeries sexys, mudou a cor de cabelo. Quando ele se aproximava sempre alegava que não estava se sentindo bem. Insistia que a esposa tinha um amante, mas todos falavam a mesma coisa, que estava ficando louco. Que tudo não passava de mania de perseguição. Alucinações. Paranoia. Nas casas de recuperação que havia frequentado sempre falavam que esse era um dos efeitos a longo prazo do consumo de cocaína. Precisava de provas para que todos vissem que ele falava a verdade Resolveu investigar até chegar em casa mais cedo e ouvir o maldito “meu amor” da esposa para outro homem.

As crianças ainda não haviam chegado da escola, por isso resolveu escapar antes que eles chegassem. O que tinha feito de errado para Daniele lhe trocar por outro? Por que? Estava limpo há anos. Dando expediente como diretor, sem se envolver em confusões. Será que o pó queimou tanto sua cabeça que começou a ver e ouvir coisas que não existiam?

Se fez essa pergunta tantas vezes que até esqueceu de onde estava. Quando acordou era tarde demais, passou um sinal vermelho e jogou longe um carrinho de bebê. Ao descer do carro para prestar socorro apenas viu a sandália do garotinho de dois anos que tinha acabado de tirar a vida. Réu confesso, foi indiciado por homicídio culposo, aquele que não existe a intenção de matar. Graças ao batalhão de advogados contratado pelo pais sua pena foi aliviada.

Após cumprir um terço da pena em regime semi-aberto foi liberado por bom comportamento. Pagou uma indenização vultuosa a família do garoto, mas mesmo assim não conseguia ter paz. Tirou a vida de um garoto que podia ser seu filho. Assassino. Volta e meia escutava essa alcunha. Quando saiam notícias relacionadas ao acidente sempre vinha nos portais de internet alguns comentaristas que lhe chamavam de monstro, de desumano ou coisas do tipo. Não conseguia mais saber se o que lia era verdade ou imaginação. Resolveu recorrer a um de seus subterfúgios. Retirou das gavetas do armário um pequeno frasco de uísque e virou um

grande gole de quem não deseja matar a sede, mas fugir da realidade. A realidade lhe chamava de assassino, drogado, marginal entre outras coisas, precisava de minutos de paz.

(...)

- O tio Marcelo matou um garoto de dois anos? – Vitória questionou o pai. – Por que eu nunca soube disso?

Os dois almoçavam em um restaurante na Paulista. O local não era muito luxuoso, oferecia chope e mesinhas ao ar livre. Miguel parecia ter escolhido a dedo, o que Vitória mais via em sua vida em Paris era restaurantes chiques, queria tirar a filha do lugar comum.

- Não gosto de te chatear com essas coisas.
- Pai, é minha família também... Eu preciso saber o que acontece. Como foi isso?

Miguel despejou um pouco de refrigerante em seu copo.

- Mesma história de sempre, ele cheirou tudo que tinha direito, teve uma alucinação e começou a fantasiar que a Dani estava traindo. Saiu todo descompensado e quando viu já tinha acontecido.

A forma que Miguel relatava era como se contasse as peraltices de um garoto de oito anos. Não que ele não se importasse com irmão ou com o sofrimento da família do garotinho, mas Marcelo já tinha aprontado tanto na vida que aquilo era uma tragédia anunciada. Só bastava saber a hora e o local mesmo. Já tinha corrido muito atrás de Marcelo, feito muitas visitas em casas de recuperação, cultivado esperança e se frustrado. Estava era farto das maluquices do mais novo.

- Que loucura isso tudo...
- Infelizmente a Dani está mais que certa em não deixar os meninos na mão dele. Capaz de fazer uma besteira e colocar os filhos em risco...
- Mas se ele é dependente químico, porque não procura ajuda?
- Porque ele não quer. – Afirmou Miguel. – É meu irmão... Dói ver o Tchelo se acabando desse jeito, mas o que a gente pode fazer? Seu tio estragou muito o Marcelo, sempre passando a mão na cabeça... É complicado demais para gente ficar debatendo isso. Enfim... Agora vamos tratar sobre um assunto importante?
- O que?

Miguel sabia que Vitória não ia gostar, mas sua decisão estava tomada.

- Eu tomei uma decisão, filha... Eu queria aproveitar que você está passando dias aqui no Brasil e te dar um presente. Quero comprar um apartamento para você.
- Pai! Que mania! Será que tudo temos que resumir a dinheiro?

Como era esperado, Vitória não reagiu bem. Odiava essas surpresas de Miguel, não porque era mal-agradecida, mas já carregava o fardo de filha bastarda, a inimizade da Maria Helena, a desconfiança de boa parte da família, aqueles mimos acabavam repercutindo mal. Miguel já havia lhe assegurado um apartamento em seu nome em Curitiba, custeava seu intercâmbio para França, comprou o bistrô em Paris pois segundo ele era um ótimo investimento. Agora mais aquela?

- É o seu futuro

- Não quero.

- Por que? Não estou fazendo loucura nenhuma, como ninguém está comprando nada os preços caíram. A Maria Helena até deu ideia de comprar um para cada um de seus irmãos e fazer renda. Não seria justo com você

- Você paga meu intercâmbio.

- Provavelmente vou pagar o deles também. O Fabinho e a Clarisse com certeza vão cair fora de São Paulo. Para que eu vou deixar dinheiro parado se ele pode se valorizar muito mais? – Vitória ficou sem saber o que responder. – Olha... Eu vou comprar de qualquer jeito... Só que eu acho justo que você escolha, vou passar um teto salarial e você vê, só peço que seja dentro de São Paulo.

- A Maria Helena vai endoidar quando souber...

- A Maria Helena já é doida por conta própria. – Brincou Miguel.

- Há anos que eu não moro aqui, nem sei por onde começar.

- Fala com a Fernanda ou com a Dani. Elas conhecem duas corretoras de imóveis que são ótimas e lindas. Vão te mostrar apartamentos ótimos.

- Sério?

- Sim... Tenho certeza que você não vai se arrepender... – Deu um piscadinha cumplice. – Não esquece de dizer que foi que indiquei.

(...)

Vitória retornou a mansão dos avôs por volta das cinco da tarde. Após almoçar com Miguel, resolveu dar um passeio pela Paulista. Quando voltou para casa encontrou um clima bem mais tranquilo. Francesco e Antônia aproveitavam a tarde de sábado para descansar e desfrutavam do sol da piscina. Fernanda estava no escritório analisando alguns contratos de trabalho. Bianca saiu, Marcelo apagou no quarto e Valentine já tinha ido para o aeroporto, ia para Florianópolis, provavelmente voltaria na segunda-feira. Leandro a informou que Fernanda estava no escritório. Deu algumas batidas na porta.

- Oi...

- Oi... Entra.

- Eu estou atrapalhando?

- Não, pode falar...

- Eu queria um favor... Hoje eu saí com meu pai, almoçamos juntos e ele veio com uma surpresa. – Revelou. – Ele quer que eu compre um apartamento aqui.

Fernanda retirou os óculos de grau que utilizava, já tinha acabado sua tarefa com os contratos.

- Que ótimo. Imóvel é sempre um investimento.

- Ele disse isso. Então... Ele falou que você ou Dani podiam me indicar umas corretoras que são ótimas... – Vitória nem conseguiu terminar a frase, Fernanda já estava rindo. Sem entender. – O que eu disse?

Fernanda fez um gesto negativo.

- Seu pai é um palhaço. – E revelou. – Tanto eu quanto a Dani somos corretoras.

Trabalhamos na mesma construtora.

- Sério? – Vitória questionou ainda confusa. – Mas você não se formou em Jornalismo?

- Sim... Mas é uma área que exige muito da gente... E com a Bia eu não queria ficar muito fora de casa, então eu esperei ela ficar um pouco maiorzinha e fiz o curso para tirar a licença e vender imóveis. Conheci a Dani na construtora.

- Entendi... Se puder me ajudar.

- Posso, claro. A Dani também tem alguns imóveis ótimos para passar.

- Não! – Vitória reagiu rápido. Aquela oportunidade não poderia perder. – É... Eu prefiro que você me atenda porque conhece mais meu gosto, acho que será mais fácil.

- Tudo bem. Que tipo de imóvel você procura?

- Eu ainda não sei. Morei em São Paulo só quando criança, nem sei como começar...

- Primeiro você pensa em um imóvel, depois me fala e posso começar a procurar nos meus catálogos se tem algo parecido. – Vitória fez um gesto afirmativo. – Agora eu vou precisar sair porque tenho que levar esses contratos para um comprador. A noite podemos conversar sobre isso.

- A noite? – Vitória questionou. – Mas você não tem nenhum compromisso? Não quero que o tio Filipo se aborreça por minha causa.

- Ele foi para o Rio. Volta segunda.

Filipo no Rio de Janeiro. Valentine em Florianópolis. Era o destino lhe dizendo: Por que não? Em um ato de coragem, Vitória resolveu fazer um convite.

- Podemos conversar fora daqui?

- Fora daqui?

- É... Que tal se gente saísse à noite para conversar? Você topa sair comigo?

CAPÍTULO 06

"Não dá. Não posso. Acho que podemos conversar aqui mesmo".

O intervalo entre a pergunta de Vitória e a resposta durou cinco segundos, mas o foi o tempo suficiente para que a *chef* de cozinha imaginasse diversas desculpas vindas da tia. Valentine tinha razão quando afirmava que Vitória era ineficaz em esconder seu interesse romântico pela esposa do tio, por esse mesmo fato que Vitória acreditou que Fernanda arrumaria algum jeito de escapulir de seu convite.

- Você tem preferência por algum lugar ou posso escolher?

- Oi?

- Podemos sair para jantar, mas que lugar você quer ir? – Fernanda mirou os olhos de

Vitória e sorriu por conta de sua surpresa. – Você me chama para sair e se assusta quando eu aceito?

- É que... – Vitória percebeu que sua face estava corada. Apesar da pouca idade, a *chef* se considerava uma mulher experiente na divisão de relacionamentos e flertes. Sua mente não conseguia conceber nenhum argumento concreto que explicasse porque se sentia tão insegura ao lado de Fernanda. – Achei que você pudesse não aceitar.

- Por quê?

"Para não alimentar nenhum tipo de esperança que eu possa ter", Vitória respondeu mentalmente. Logo se desfez daquela ideia. Fernanda nem notava seus sentimentos, como evitaria algo que ela nem sabia que existia?!

- Sei lá... É mais comum esse tipo de conversa, entre cliente e corretor, em ambientes mais formais, não é?

- Não... Muita gente nem tem tempo para isso, aí eu pego a pessoa em um almoço, no intervalo de um café no serviço e até no horário de academia, dá para acreditar? – Fernanda revelou em tom divertido. Vitória sorriu realmente surpresa. Corretores sempre pareciam ter uma aparência tão séria, nunca imaginaria um deles trocando a pasta de documentos e o escritório com ar condicionado por uma calça de lycra e os gritos irritantemente motivadores dos professores de academia. – Mas então, que lugar você quer ir?

- Eu prefiro que você escolha o lugar. Ás nove estou pronta.

- Por mim tudo bem, está ótimo. Agora eu vou ter que ir porque preciso mesmo passar no escritório para pegar umas coisas que ficaram por lá. – Aplicou um beijo no rosto da jovem loirinha. – Te vejo às nove.

"Te vejo às nove". Aquelas palavrinhas pareciam mágicas. A vontade da loira era voltar para seu quarto saltitando de felicidade. Ao encostar a porta deu graças a Deus pelo fato de Valentine ter viajado, caso contrário estaria ouvindo um sermão.

Até imaginava as palavras de Valentine. "Você toma cuidado porque pode ser perigoso". Sem dúvida poderia ser mesmo. Não Fernanda em si, mas um possível envolvimento sentimental poderia pôr seus planos a perder. Qualquer pessoa com o mínimo de bom senso se afastaria de Fernanda para evitar o florescimento de sentimentos, porém havia um pequeno detalhe que a impedia de fugir de Fernanda. Não tinha a mínima vontade de ser responsável, de ser comedida ou racional quando estava junto dela. Seu desejo era um fenômeno natural. Que pessoa conseguia impedir a chuva de chover ou o sol de nascer e brilhar?

(...)

O voo entre São Paulo e Florianópolis durou cinquenta minutos, como era previsto. Valentine chegou na ilha por volta das três horas da tarde. A pousada da mãe da ruiva ficava na praia de Jurerê, um dos endereços mais badalados de Floripa. Seu plano era almoçar com a família, descansar um pouco e aproveitar o final da tarde para assistir ao pôr do sol da bela Jurerê, mas Valentine foi interrompida.

Um telefonema de trabalho a fez mudar de trajetória. O celular tocou logo após o almoço, Valentine pediu licença da mesa e foi atender. Era a executiva de uma importante marca de roupas que queria umas fotos que estavam salvas em seu pen drive. Procurou o pequeno objeto em seus pertences, quando espetou no computador veio a surpresa desagradável. Por engano, pegou o pen drive de Vitória. As peças eram iguais pois os dois tinham o logotipo do grupo de

comunicação que Valentine trabalhava. Ela tinha presenteado Vitória com um daqueles para que a amiga salvasse os conteúdos de suas aulas do curso gastronômico.

Após ver seu lapso, Valentine mandou uma finitude de mensagens até encontrar alguém que tinha as fotos salvas e pudesse resolver a situação. Enquanto ligava para se desculpar com a executiva, foi desconectar o pen driver de Vitória. Ao abrir o aparelho percebeu uma pasta que havia sido criada recentemente. O nome da pasta era detetive particular. Por que Vitória precisava de um profissional daquele ramo? Não resistiu em bisbilhotar os arquivos salvos na pasta. A maioria se tratava de e-mails salvos, algumas fotos e por fim um PDF intitulado como resultado de Exame. Abriu e quase caiu para trás ao ler o conteúdo.

Se não estivesse tanto tempo sem ver a família, pegaria um avião para São Paulo naquela mesma hora. Precisava olhar para Vitória e fazer as perguntas que tinha para fazer pessoalmente. Ela devia estar sofrendo muito sem dividir aquilo com alguém. Saiu de seu quarto tão passada com tudo que leu que até sua irmã percebeu algo errado.

- Tudo bem, Vale? – Era assim que os irmãos a chamavam. – Está com uma cara.
- É que... Eu fui usar meu notebook e acho que o pen drive pegou algum tipo de vírus.
- Vixê, mas você sabe qual?
- Nitroglicerina pura... Eu só quero ver quando isso tudo explodir.

(...)

- Agora eu quero ver se eu não pego você... – Marcelo disse em alto e bom som, apesar de estar sozinho no quarto. – Eu vou descobrir quem você é...

Com os pés sobre a cadeira do computador, Marcelo fixava em cima de uma prateleira um pequeno dispositivo que mais parecia uma peça de decoração, mas na verdade se tratava de uma microcâmera que gravava e transmitia imagens. Além da prateleira tinha escondido dispositivos como aquele em outros lugares do quarto, como a persiana (para captar a porta de entrada), uma escondida no lustre (que filmava a cama), a da prateleira (que captava outro ângulo do quarto) e uma na suíte do banheiro.

Ás vezes tinha impressão de escutar uma voz lhe chamando de assassino, monstro, “noiado” entre outras ofensas. Também achava que alguém remexia em suas coisas. Só não sabia se de fato aquilo acontecia de verdade ou se era fruto de sua imaginação. O vício o deixou um tanto paranoico. Volta e meia tinha alucinações. Foi então que teve a ideia de instalar o jogo de câmeras de segurança no quarto.

Assim que teve a ideia, Marcelo decidiu pôr em pratica logo. Aproveitou para sair de casa quando todos estavam ocupados com seus afazeres e voltou apenas à noite, já com as microcâmeras compradas. Dona Antônia soltou um suspiro de alívio ao ver Marcelo entrar pela porta de casa, já por volta das oito horas da noite.

- Por que você saiu sem avisar?
- Calma, dona Antônia, resolvi dar uma volta de moto, espairecer um pouco, mas como eu não queria preocupar ninguém, voltei cedo para casa. Não bebi, não fiz nada de errado. – Sorriu. - Estou limpinho.
- Graças a Deus! – Francesco disse abraçando o filho caçula. – Toma juízo, Tchelo!
- Estou tomando... Juro que estou!

Ao subir para o quarto, Marcelo tomou um banho e instalou o jogo de câmeras. Não foi difícil. Através de um sistema de redes todas se ligavam por seu celular. Dentro

do quarto parecia funcionar bem, agora precisava testar a distância. Com o celular nas mãos, desceu a escadaria da mansão e se encaminhou até o jardim. Abriu o aplicativo do fabricante das micro câmeras e lá estava uma visão completa de seu quarto. Satisfeito, Marcelo começou a caminhar pela casa para testar se havia alguma queda de sinal ou algo que interrompesse a transmissão. Seu passeio foi finalizado na sala. Funcionava perfeitamente em todos os locais da casa.

- Agora eu pego você, desgraçado. Eu sei que você está entrando escondido lá. Todo mundo vai ver que eu não estou ficando louco.

Marcelo sempre teve uma natureza agitada. Os anos de uso de cocaína lhe deixaram muito mais falante, volta e meia conversava sozinho, respondia perguntas que ele mesmo fazia. Sempre foi muito ansioso.

- Oi, tio... Está falando comigo?

- Oi, Vitória eu... – Marcelo estava tão distraído com seu monólogo que só percebeu que não estava sozinho na sala quando Vitória o chamou. Tirou os olhos do celular para responder a sobrinha. – Nossa!

A loirinha sorriu insegura.

- Que foi?

- Você está maravilhosa. – E complementou em tom brincalhão. – Que os desempregados te encontrem, hoje você vai dar trabalho... – Vitória riu. – Está gata!

Aquela frase tranquilizou Vitória. Sempre gostou de andar bem arrumada, Valentine a viciou com roupas de grife, quis caprichar naquela noite e estava morrendo de medo de estar tons acima. Optou por um vestido vermelho queimado, ajustado perfeitamente ao seu corpo, sandálias e acessórios metalizados. Finalizou seu visual com uma maquiagem bem marcada, que destacava seus olhos, e os cabelos propositalmente bagunçados com uma mousse. Não tinha muita intimidade com Marcelo, mas sentiu vontade de abraça-lo forte por tranquiliza-la.

- Obrigada, tio.

- Vai sair com a Bia?

- Não... Vou sair com outra pessoa.

- Entendi. Meus pais saíram?

- Eles foram jantar fora na casa de um amigo do vovô, mas a vovó deixou ordens para a Matilde servir o jantar quando você quiser.

- Acho que eu vou pedir uma pizza, ou um lanche, não estou com fome de comida. Você já vai sair?

- Estou esperando a pessoa chegar.

- Tudo bem... Então logo sua carruagem deve estar aí para te pegar, eu não vou bancar o tio corta onda, acho que é mais a cara do Filipo, né? – Mais uma vez Vitória riu. - Vou ficar lá no meu quarto... Bom passeio.

- Obrigada.

Marcelo subiu e logo Vitória ouviu a porta de seu quarto encostar. Cada vez se sentia mais confusa em relação ao tio. Ele era tão amoroso, tão carinhoso, não conseguia entender como Marcelo podia mudar tanto de uma hora para a outra. Vitória olhou no relógio de

parede da sala de estar. Faltavam cinco minutos para as nove horas. Estava ridiculamente ansiosa. Nem se lhe contassem acreditaria que chegou a ficar com cólicas e a boca seca enquanto estava à espera de Fernanda.

(...)

- Oi, Gi... Então... – Bianca espiou o horário na tela de descanso de seu computador de mesa. – Mais dez minutos e eu saio de casa. -... - É o tempo de chamar o carro.

Enquanto terminava de conversar com Giovanna pelo celular, Bianca caminhava pelo quarto recolhendo as roupas que tinha experimentado antes de se decidir pela qual usava. Após guardar tudo em seu armário e se despedir de Giovanna, fechou a porta do aposento e ganhou o corredor. Desceu as escadarias e já ia em direção a porta de saída quando viu de relance alguém sentado no sofá.

A sala estava toda escura, Leandro provavelmente apagou as luzes e não viu que tinha uma pessoa cochilando no sofá. Só após acionar a energia elétrica que identificou quem era. Por que Vitória dormiu no sofá toda arrumada? Será que estava bem? Se aproximou da prima e com cuidado chamou por seu nome.

- Vitória... Vitória... – Como não obteve resultado nenhum, passou a mão sobre seus cabelos e chamou pela terceira vez. – Vitória...

- Ãh?! – Vitória murmurou de olhos fechados. Balbuciou qualquer coisa e vagarosamente abriu as vistas. Ainda estava confusa. – Er... – Passou a mão pelos olhos para desembaçar a visão. – Bia?

- Tudo bem? – Vitória a encarou sem entender. – Dormiu aí... Você está bem?

- Eu? – Aos poucos a mente começava a acordar. – Que horas são?

- Quase onze.

- Já? Nossa. Ferrei totalmente no sono. – Esfregou mais uma vez os olhos. – Meu corpo ainda está sentindo o fuso horário...

Bianca deu risada. A situação era um tanto inusitada. A pessoa se arruma toda para pegar no sono na sala de casa.

- Você resolveu tirar um cochilo, foi isso?

- Não... Eu estava esperando uma pessoa e dormi. – Bianca usava relógio de pulso, Vitória puxou levemente e olhou o horário. – Pelo jeito essa pessoa esqueceu que eu existo. Grande retorno ao Brasil, Vitória! – Disse em um tom irônico fazendo Bianca sorrir. Se levantou e alongou os braços. - Quer saber... Já virei abobora mesmo, vou dormir. Bom... Bom aniversário...

- Ei, dorminhoca... Calma! Você gosta de forró?

Foi a vez de Vitória rir.

- Não sei... Nunca pensei nisso, por quê?

- Minha amiga vai comemorar o aniversário em uma casa de forró, o noivo dela toca lá... O nome é Zoeira Boa. Vem comigo. Aí te pago por ter bancado minha babá ontem e te mostro que eu sou uma pessoa maravilhosa sóbria ou bêbada.

Vitória coçou a cabeça.

- Será? – Deu uma risada. - Vou te fazer passar vergonha. Nunca dancei forró não.

- Uma Vaccara que não manja de "bate coxa"? Nossa, que inusitado! – Disse em um tom de deboche. Vitória acabou rindo. Era inconcebível mesmo ver alguém da tradicional família Vaccara se remexendo ao som de acordeom, zabumba e triângulo. Bianca insistiu. – Vamos... Você vai gostar!

- Só me dá quinze minutos para me trocar... – E explicou. – Não vou bater coxa com um vestido apertado desses.

- É o tempo de beber uma água e chamar o carro.

(...)

- Não devíamos ter vindo!

- QUE?

- NÃO DEVÍAMOS ESTAR AQUI! – Fernanda disse. – VOCÊ É LOUCO, DUDU, E EU SOU MAIS AINDA, PORQUE EU VOU PELA SUA CABEÇA.

Fernanda estava agitada, mas os gritos não saíram por uma questão de nervoso, mas sim porque era o único modo possível de se conversar dentro da casa de shows. Sua intenção era apenas ir ao escritório, pegar os contratos que tinha esquecido lá e voltar para casa para encontrar com Vitória e saírem. Se viu obrigada a desviar de seus planos por conta de seu chefe de departamento, Eduardo Feitosa, conhecido pela maioria das pessoas como Dudu.

Ao chegar em sua sala, Fernanda ouviu uns ruídos na sala ao lado. Primeiro pensou que era algum faxineiro ou algo do tipo, mas logo o ruído se tornou mais intenso. Um tanto ressabiada, caminhou até a sala do chefe, que devia estar vazia por ser sábado e encontrou com o transtornado Dudu. Ele batia a cabeça contra a mesa de mármore enquanto soltava resmungos. O computador estava ligado, Fernanda logo imaginou o que estava aconteceu. Dudu espionava seu ex-namorado, Wagner, pelas redes sociais.

- Meu Deus do céu, Dudu! O que você está fazendo?

- Você não vai acreditar...

- É o Wagner...

- Você está sabendo o que ele aprontou?

- Não, mas ele sempre está aprontando... E você sempre sofrendo... E eu sempre te aconselhando a esquecer esse cara... E você sempre não me ouvindo e perdoando ele... E eu sempre levando no... Você sabe bem onde eu levo...

- Credo! – Dudu murmurou. – Você fala de um jeito...

- Do jeito que as coisas são, Dudu!

Fernanda não estava exagerando. Desde o começo do namoro era assim, eles rompiam, Dudu se acabava enquanto Wagner aproveitava a solteirice. Depois que se enjoava de galinhar, ele ligava para Dudu, dizia meia dúzia de promessas e voltavam jurando que nunca mais iam se separar. Durava menos de três meses e rompiam novamente voltando ao começo do ciclo. A vontade de Fernanda era nem ligar mais para as lamentações do chefe, mas no fundo sabia que jamais ia conseguir isso.

Ela e Dudu se conheceram em sua pós-graduação em gestão imobiliária. Ele era seu professor e foi a pessoa que mais apoiou quando decidiu se dedicar a venda de imóveis. Os dois tinham idades próximas, Dudu era divertido, doce e sensível, logo se tornaram amigos. Dudu era

uma ótima pessoa. Jamais viraria as costas para ele.

- Dessa vez é diferente, Fernanda... Ele trocou o status para solteiro. Postou fotos em uma balada. E o pior... Usando a camisa que eu esqueci na casa dele. Aquela vermelha que eu adoro. A minha camisa da sorte.

"Tudo que ele já cansou de fazer", Fernanda pensou. Respirou fundo para manter o equilíbrio.

- Ok, Dudu. Você teve uma recaída... Mas o que você está fazendo aqui? Hoje é sábado.
- Justamente, eu tive uma recaída. Lembra que você bloqueou o instagram do computador da minha casa e me fez apagar o aplicativo do celular?
- Sim... E lembro que bloqueamos o instagram dele do seu perfil...
- Mas não bloqueamos do seu... – Fernanda abriu a boca, não estava acreditando. – E como ficou logado no meu computador do escritório...
- Dudu você tem entrado no MEU istagram para fuçar a vida do Wagner?
- Agora a culpa é minha de você deixar sua senha memorizada em qualquer máquina? – E complementou. – E agradeça que eu não vou reclamar de você com o meu superior por usar o meu computador sem permissão. Quem é essa loirinha @vitoriavchef que começou a te seguir? Gata!

Ás vezes, Fernanda se perguntava de onde tirava tanta paciência para conviver com Dudu. Mais uma vez respirou fundo.

- Tudo bem. Você já viu o que tinha que ver, eu já peguei meus contratos e agora podemos ir para casa. Ok?
- Pode me dar uma carona? Deixei o carro na revisão, vim de metrô.
- Tá, eu deixo você em casa.
- Na verdade me deixa no prédio do Wagner.
- Você vai atrás dele?
- Vou pegar minha camisa. – Fernanda não acreditou muito em Dudu. – Eu avisei para ele que qualquer dia ia passar lá para pegar. O Wagner é todo descuidado, se deixar na mão dele vai acabar estragando. – E argumentou. – É a minha camisa da sorte!

Apesar de meio contra vontade, Fernanda levou Dudu até o prédio de Wagner. Ao chegar no local, Dudu não desceu do carro para pegar a camisa enquanto ela esperava, como foi combinado anteriormente.

- Ele está em casa essa hora. – Justificou-se
- Ótimo, então liga pra ele descer com a camisa e... – Fernanda abriu a boca surpresa, tinha entendido a intenção de Dudu. – Você vai entrar no apartamento escondido?
- Escondido não, eu tenho a chave.
- Tem para uma situação de urgência.
- A camisa ressalta meu tom de pele! É uma situação de urgência! – Dudu rebateu. – Se você quiser ir embora, eu chamo um carro na volta...
- Pra você revirar as coisas do Wagner e arrumar confusão sozinho nesse apartamento? Negativo. Prefiro entrar com você porque eu supervisiono tudo. E também economizo tempo, porque você vai me contar o que aconteceu. – Dudu teve que concordar. – Espero que ele não demore.

- O Wagner não para em casa. Em dez minutos ele deve estar saindo.

(...)

Três horas. Esse foi o tempo que ficaram parados dentro do carro, em frente ao prédio. A motorista chegou até a pegar no sono. Acordou já passava das nove.

- Por que você não me acordou antes?
- O Wagner não saiu de lá... Será que esse homem morreu lá dentro? Eu li um caso assim, acharam o corpo uma semana depois, coisa horrível...
- Dudu! Vamos embora agora!
- Só mais cinco minutos.
- Há cinco minutos completou uma hora e meia que você me pediu os primeiros cinco minutos. – Decidida. – Vamos embora!
- Nanda, só mais... – Dudu interrompeu sua frase. Parecia ter sido atingido por algo. – Filho da puta!
- Eu? Estou aqui a tarde toda e...
- O Wagner... – Fernanda virou o rosto em direção da entrada do prédio e avistou Wagner saindo com um rapaz bem mais jovem que Dudu. – Esse filho da puta me trocou por um... Moleque de fraldas e está usando a minha blusa da sorte!
- Ele fica bem de vermelho, né? – Fernanda espontaneamente soltou.
- SEGUE O CARRO DESSE FILHO DE UMA PUTA!
- Que?
- SEGUE O CARRO DESSE FILHO DE UMA PUTA!

Dudu era uma ótima pessoa, mas tinha um dom incrível para fazer bobagem. Fernanda não quis deixa-lo sozinho, sabia que se deixasse Dudu solitário ia ser bem pior. Antes de seguir para seu destino final, Wagner rodou por boa parte da cidade. Os dois carros até tiveram que parar para abastecer. A corretora ainda tentava tirar Dudu de cabeça, mas ele estava determinado.

- Mas você pretende o que com isso?
- Esse homem me deixou noites e noites sem dormir, eu tenho o direito de dizer umas poucas e boas para ele. Esse jogo acaba hoje!
- Dudu, você está nervoso, será que é uma boa ideia?
- Claro que é. – Determinado. – Eu vou olhar na cara do Wagner e vou cantar a minha vitória. Eu tenho todo esse direito.
- Eu sei que você tem direito de cantar a sua... Vitória!
- Claro que tenho e...
- Não é disso que eu estou falando! – Fernanda reagiu. – A Vitória! Ela deve estar me esperando até agora!
- Que?

Fernanda olhou no relógio do carro. Dez e vinte. Tarde demais.

- Deixa pra lá... – Dudu já estava sofrendo com Wagner, ainda ia se sentir mal por conta dela. - Depois eu te explico.

- Eles estão saindo.

Fernanda voltou a colocar o carro em movimento. Mais meia hora dirigindo e

finalmente encostaram em uma rua bem movimentada. Wagner desceu do carro com seu acompanhante. Dudu e Fernanda fizeram o mesmo. Apesar de muita gente na rua, eles conseguiram acompanhar os passos dos dois.

- Eles entraram nessa balada aí... É um forró.

- Zoeira Boa. – Fernanda leu o letreiro em voz alta. – A Bia tinha me falado qualquer coisa dessa casa de shows. Foi essa semana ainda.

- Vem... Vamos!

Após enfrentarem alguns minutos de fila, finalmente conseguiram entrar na casa de shows. Agora a missão era achar Wagner, já que o local possuía diversos ambientes. No térreo havia uma apresentação de uma banda de forró universitário que reproduzia músicas de bandas de forró famosas. Próximo do bar, Fernanda avistou algumas mesas de uma turma grande. Pareciam comemorar um aniversário. O segundo andar era animado por uma dupla sertaneja e o terceiro um DJ tocava música eletrônica. Passaram um bom tempo caminhando até que Fernanda reclamou que estava com sede. A fila do bar estava gigantesca, mas era o único jeito de pedirem alguma coisa.

- Não devíamos ter vindo!

- QUE?

- NÃO DEVÍÁMOS ESTAR AQUI! – Fernanda disse. – VOCÊ É LOUCO, DUDU, E EU SOU MAIS AINDA, PORQUE VOU PELA SUA CABEÇA.

- Mas é por um bom motivo. Dessa vez terminou.

Como o barulho dificultava qualquer tipo de conversa, os dois continuaram na fila em silêncio. Fernanda aproveitou que estava parada e foi mexer no celular, abriu a pasta de contatos e se deu conta de um pequeno detalhe. Não pegou o número de Vitória. Pensou ainda em ligar para casa, mas logo desistiu da ideia, todos já deviam estar dormindo naquele horário. Apenas Miguel devia ter o contato, mas decidiu não incomodá-lo. Depois procuraria por Vitória e explicaria tudo que aconteceu.

- Nanda, pega uma cerveja pra mim... Eu vou ao banheiro.

- Tá... Vai lá...

Mais dez minutos e finalmente chegava sua vez. Uma jovem veio atendê-la. Decidiu acompanhar o amigo e também pediu uma cerveja. Ao sair da fila mandou uma mensagem para Dudu.

“Não demora, sua cerveja vai esquentar”.

Dois minutos depois recebeu uma mensagem de volta:

“Banheiro estava cheio, já estou indo”.

(...)

- Você tinha razão... – Vitória disse com a boca próxima ao pé do ouvido de Bianca. Confessou. – Estou adorando...

- Cola em mim, priminha... Não tem erro! – A conversa das duas foi interrompida pela chegada de um amigo de Bianca. Ele trazia nas mãos uma garrafa de vodca, energético e copos de plástico. Vitória achou seu rosto familiar, mas apenas o reconheceu quando Bianca o

cumprimentou. – Grande, Micróbio... – Micróbio entregou copos nas mãos das duas primas, despejou a vodca junto do energético nos copos. Bianca agradeceu o favor do rapaz com um selinho. – Demorou!

- A fila estava grande...

- GENTE BONITA! – Giovanna, a amiga de Bianca, que dividiu o carro com as primas, se aproximou. Ela já estava meio alegre, mal chegou e quis virar dois shots de tequila. – Bora fazer um brinde em homenagem a Vitória? – A Micróbio. – ME SERVE!

- Vai misturar? – Vitória questionou.

- Tô acostumada! – Giovanna a tranquilizou.

Micróbio obedeceu às ordens de Giovanna e logo o brinde foi realizado. Bianca logo puxou Micróbio para mais beijos e o arrastou para a pista de dança. Animada, Giovanna decidiu dançar e puxou Vitória para fazer o mesmo. A princípio, a loirinha se negou, mas logo Giovanna a convenceu e começaram a dançar juntas.

Após a quarta música seguida e a segunda dose de vodca com redbull, Vitória decidiu parar, precisava beber água para refrescar os ânimos. Giovanna não era o tipo de garota que estava acostumada a sair, mas era muito bonita. Ela tinha cabelos castanhos que batiam no meio das costas, pele queimada de sol e um piercing no septo. Sua pele era perfumada e seu corpo esculpido por muitas horas de academia. Dançando com o corpo colado ao dela, Vitória logo sentiu vontade de beijá-la e percebeu que Giovanna também estava bastante interessada.

- Já volto... – Disse junto do ouvido de Giovanna. – Vou pegar uma água.

- Também vou... – Giovanna mirou os olhos na boca de Vitória. Provocativa. – Estou morrendo de sede.

(...)

Nas imediações do bar, Fernanda ainda esperava por Dudu e nada de ele aparecer. Já faziam vinte minutos que enviou uma mensagem e não obteve nenhuma resposta. Quando finalizou sua cerveja sentiu o celular vibrar. Era Dudu.

“Nanda, encontrei com o Wag na saída do banheiro, disse tudo o que tinha para dizer e pedi minha camisa de volta. Ele me pediu perdão por tudo”.

Fernanda digitou rapidamente

“Ok. E cadê vc?”

Mais um minuto e a resposta de Dudu:

“Sai com o Wag. Decidimos voltar. Quando ele tirou a camisa para me devolver, não resisti e voltamos. A camisa deu sorte para nós dois =). Beijo e bom fim de noite”.

E para completar o desaforo, Fernanda ainda teve que aguentar uma selfie que Dudu e Wagner postaram juntos se intitulando como presente de Deus um do outro. A vontade de Fernanda era atacar o celular na parede, mas não o fez porque tinha um plano melhor. Atacaria o celular na cabeça de Dudu assim que o visse, na segunda feira. Deu um gole na cerveja e ao mesmo tempo devolveu tudo para lata. Estava choca. Deixou a lata em cima de uma mesa qualquer e decidiu ir para a fila do bar novamente. Depois de tudo aquilo precisava tomar

qualquer coisa gelada para relaxar. Seu intuito era comprar uma bebida e sair fora daquele lugar. Dudu era inacreditável, fez perder horas de seu dia e ainda deu um bolo em Vitória por causa dele. Vitória... O que será que foi feito dela?

Sua pergunta foi respondida instantaneamente. Parecia até brincadeira do destino. Assim que se questionou sobre o que foi feito de sua sobrinha, Vitória se materializou quase ao seu lado. A loirinha não reconheceu Fernanda pois estava distraída, trocando beijos com Giovanna. Logo que precisasse de ar e se separasse da moça, Vitória a veria. Só fugiria se saísse da fila e desistisse da bebida. Foi o que fez.

Fernanda não sabia explicar, mas por algum motivo que até ela desconhecia, não queria que Vitória a visse emburrada. Vitória tinha lhe dito que namorava mulheres, ela sabia mesmo antes de encontrar a garota, mas parecia que só naquele momento sua ficha caiu. Quando viu Vitória com uma mulher. Por que aquela cena lhe causava tanto incômodo? Não tinha ideia.

Apenas sabia que não era aversão a homossexualidade pois já tinha visto Dudu e outros casais do mesmo sexo se beijarem. Estava acostumada a frequentar lugares com predominância LGBT por conta de sua amizade com Dudu. Nos *happy hours* sempre iam a bares ou boates desse tipo e nunca achou nada demais. Não queria que Vitória achasse que ela tinha algo contra porque nunca teve, apenas não tinha gostado de presenciar aquele beijo.

Um tanto confusa, Fernanda caminhou sem saber ao certo para onde ir até trombar em um homem e derrubar sua bebida no chão.

- Aí meu Deus... Por favor me desculpa, eu... – Olhou para o sujeito que sorriu para ela. Que bom ver aquele rosto novamente. – Renato?

- Tudo bem, Fer? – Simpático. – Que bom te encontrar!

Renato Guadalupe. Era um grande amigo de muitos anos. Formaram-se em jornalismo juntos, mas seguiram por caminhos diferentes. Renato era um renomado colunista político de uma das revistas mais lidas de São Paulo, Fernanda exerceu pouco a profissão e logo decidiu se encaminhar para os imóveis. Esses lhe davam muito mais lucro e tempo de curtir a filha. O contato com Renato e muitos amigos jornalistas diminuiu por conta da mudança de profissão e também por causa de Filipo. Ele morria de ciúmes do colunista. Renato era um homem bonito, charmoso e nunca escondeu seu interesse por Fernanda.

- Eu derrubei sua bebida... Desculpa... Eu continuo a mesma atrapalhada de sempre.

Renato sorriu.

- Você está sozinha?

- Acho que sim. – Ela se aproximou dele e sussurrou em seu ouvido. – Vim com um amigo que passou mal, teve que ir embora com o namorado.

- Eu vim para o aniversário de uma aluna minha, Denise... Senta lá com a gente... Você vai gostar do pessoal. Aí aproveitamos e botamos o papo em dia.

- Não sei, Renato... Eu só ia pegar alguma coisa no bar e... – Olhou de relance para a fila e viu Giovanna ainda grudada em Vitória que parecia muito à vontade com aquele contato. As duas trocavam um beijo. Renato sempre foi seu amigo, não tinha nada demais tirar uma noite para curtir um amigo, não é mesmo? – Acho que eu vou aceitar sim... Você me acompanha em uma cerveja?

- Perfeito!

CAPÍTULO 07

- Então você dá aulas para o primeiro e segundo ano da PUC? – Fernanda quase encostava os lábios no rosto de Renato, a música estava muito alta, não conseguiam se comunicar de outra forma. – A Bianca estuda lá... Ela deve ter aulas com você...

- A Bianca... – Renato vasculhou em sua memória. – Lógico! Bianca Vaccara. Conheço a Bia, uma das minhas melhores alunas... Bom, tem a quem puxar!

Fernanda já havia apresentado Bianca a Renato em uma festa de aniversário da sua turma de faculdade. Bianca era pequena, tinha apenas onze anos. Nunca iria relacionar a garotinha, filha da amiga, a uma de suas alunas. Renato era um sujeito que chamava a atenção das mulheres. Para não criar problemas com as estudantes, ele procurava se manter afastado longe da sala de aula.

Apenas foi no aniversário de uma delas após muito custo e porque outros professores também aceitaram o convite, mas gostava de criar a barreira porque muitas se atiravam sem pudor algum. A maioria delas era jovem e não tinham nenhum compromisso com a responsabilidade, cabia a ele ser consequente.

Os dois chegaram à mesa quase meia hora depois do convite feito pelo professor. As filas no bar estavam enormes. Giovanna e Vitória tinham se juntado ao grupo dos jovens pouco antes deles chegarem. Bianca e Micróbio estavam na pista, trocavam beijos apaixonados nem viram Renato e Fernanda.

- Agora entendemos porque o *"fêssor"* demorou... – Um rapaz negro, que usava tranças rastafári, brincou. Se tratava de Alex, colega de classe de Bianca. Ele estava acompanhado de duas meninas, uma ruivinha de cabelos curtos chamada Mayara e uma moça gordinha com um sorriso muito simpático no rosto que atendia pelo nome de Bruna. Do outro lado da mesa estava mais um garoto, de cabelos pretos e óculos. Seu nome era Leonel. Vitória e Giovanna estavam em um amasso, nem notaram a presença de gente nova. Alex ainda completou. – Fica a vontade, viu? Chegada do Renato é amiga nossa.

Renato e Fernanda se entreolharam e riram. O professor resolveu esclarecer.

- Bom saber que as minhas chegadas são amigas de vocês... A Fernanda é uma amiga de carnavais bem distantes... Uma colega de turma minha, que por acaso é mãe de uma colega de turma de vocês, a Bianca.

- Eu já tive na sua casa. – A menina gordinha lembrou Fernanda. – Fui fazer um trabalho com a Bia.

- Bruna, não é? – A garota fez um gesto afirmativo. – Prazer em revê-la.

- Bom... Pelo jeito você vai se enturmar logo... A Bruna você já conhece. Esse é o Alex, Mayara, Leonel... Todos da classe da Bia...

- Todos seus alunos?

- Quase todos... – Leonel corrigiu. – A intrusa ali com a Giovanna é prima da Bia... – De brincadeira o rapaz amassou um guardanapo e jogou em cima do casal. – Vai ter que jogar água fria em vocês?

Ao escutar a frase dita por Leonel, Vitória deu um risinho e tratou de encerrar o beijo. As mulheres francesas eram mais contidas que as brasileiras. Giovanna lhe atiçou e acabou exagerando na dose. Ia responder qualquer coisa, mas até perdeu a fala quando notou a presença

de sua tia na mesa. Empalideceu.

Fernanda estava sentada ao lado de Renato, que Vitória tinha apelidado mentalmente de “mestre galã”, devido aos seus atributos físicos. A consultora imobiliária não desviou o olhar da loirinha que ainda não compreendia o que ela estava fazendo ali. A sorte de Vitória é que Mayara logo quebrou o silêncio.

- Deixa de ser burro, Léo... – Era assim que os amigos chamavam Leonel. – Se a Vitória é prima da Bia é lógico que a Fernanda conhece... Ela é tia da Vitória. Não é, Vitória?

No automático Vitória fez um gesto afirmativo.

- É... Tu- Tudo bem, Fer?

- Tudo... – Fernanda respondeu sem deixar a ironia de lado. – Não vai dar um beijinho na titia, Vitória?

Os mais jovens começaram a rir da falta de jeito da loira.

- Já pede a “bença"... – Alex gracejou fazendo boa parte da mesa rir.

Um tanto sem graça, a estudante se levantou, deu um beijo em Fernanda e voltou ao seu lugar. A tensão entre as duas não foi percebida na mesa porque logo Bruna criou um assunto que roubou as atenções. Renato mais escutava os alunos do que falava. Giovanna foi a única que percebeu algo estranho, até chegou a comentar com a loirinha quando ela se acomodou.

- Nossa... Você ficou pálida de uma hora para a outra. Está tudo bem?

- Está sim... Tudo bem. – Giovanna sorriu e se aproximou para beijá-la, mas Vitória jogou levemente a cabeça para trás desviando do beijo. Sussurrou – Tem mais gente na mesa, vamos ficar mais de boa...

A garota apenas fez um gesto afirmativo. Aproveitou que o balde de gelo com a garrafa de vodca estava ao seu lado e se serviu. Também botou mais uma dose para Vitória que agora não tirava os olhos da cabeceira da mesa, onde Fernanda bebericava uma cerveja acompanhada por Renato.

- Mas Fernanda você pode satisfazer uma curiosidade dos tempos de alunato do nosso nobre mestre? – Mayara questionou já provocando risos nos colegas de classe.

- Ih... Lá vem... – Renato deu um gole em sua cerveja. – Só quero ver...

- Não é nada demais... É assim, Fer... – Mayara já estava tão bêbada que até usufruía de uma intimidade que não tinha com a mãe da amiga. – Não sei se você sabe, o Renato é tipo um muso da PUC... – Bruna, envergonhada pela amiga, colocou a mão no rosto enquanto os outros riam. – Na época que ele era aluno, já era assim ou foi uma coisa que mudou com o tempo?

- Eu nem sou chegada na fruta, mas essa eu quero ouvir... – Giovanna se manifestou. – E aí, Fer... O Renato era pegador ou nem?

O professor estava cor de vinho, tentou trocar o assunto. Os alunos não deixaram, estavam curiosos. Fernanda acabou respondendo.

- O Renato sempre gostou muito de esportes, isso chama atenção da maioria das mulheres... Na época da faculdade não era diferente.

- Ou seja... - Mayara soltou. - Todas querem esse corpinho nú, não sou só eu...

A declaração da ruivinha não provocou surpresa em ninguém, todos os amigos e até mesmo Renato, já sabiam da admiração da aluna pelo professor. Ela não fazia questão de esconder. Renato acompanhou os alunos na risada. Nunca levou Mayara a sério. Para ele tudo não passava de uma paixonite de criança, não seria aquela vez que ligaria para as palavras dela.

- A única musa que a PUC teve está aqui. – Renato gracejou apontando para Fernanda que morreu de vergonha das palavras do amigo. - Na frente de vocês...

Vitória fechou a cara sem esconder a irritação.

- Eu quero ser Fernanda quando crescer... – Mayara brincou continuando com o flerte com o professor.

- Mayara, bora pra pista que você já está falando besteira demais. – Alex puxou a amiga pela mão. – Juízo, meu povo!

Ao se juntar com a massa, os dois sumiram da vista do pessoal da mesa. Assim que saíram chegaram mais alguns alunos de Renato que foram apresentados para Fernanda. Logo emendaram em um assunto qualquer da faculdade que Vitória e Fernanda ignoravam. A corretora pediu licença e foi ao banheiro.

A fila estava enorme. Pacientemente esperou por sua vez. Usou rapidamente o reservado e saiu. Terminava de lavar as mãos, quando viu, pelo espelho, a porta do reservado ao lado se abrir. Reconheceu a moça que saiu do cubículo. Vitória escolheu a pia ao lado de Fernanda para higienizar suas mãos.

- Problemas no escritório? – Se Fernanda sabia usar da ironia, ela também iria entrar naquele jogo.

- Mais ou menos. Meu chefe estava com um problema pessoal, eu tentei ajudá-lo e parei aqui. Ele foi embora e me deixou. Eu ia te avisar.

A loirinha fez um gesto afirmativo. A intimidade de Fernanda com Renato na mesa não a agradou nem um pouco. O ciúme misturado com excesso de bebida deu em um resultado desastroso. Vitória não estava nem um pouco gentil.

- Problemas com o chefe. – Fez um gesto afirmativo. – Pelo menos sua noite não foi tão perdida assim né? O superman apareceu para te salvar.

Fernanda sorriu.

- Superman?

- Jornalista, bonitão, irritantemente perfeito... Sempre aparece para cuidar de mocinhas indefesas. – Fez uma pausa. – Ele veio te ajudar, com seu chefe? Com os superpoderes? Ele ia me avisar por telepatia?

- Bom... Como eu não tenho o seu telefone, só poderia te avisar mesmo por telepatia ou depois que chegasse em casa. Mas não esquenta com isso não... Eu pego com a Giovanna. Vocês estão tão íntimas, não é mesmo? Já deve ter passado o seu número para ela. – Secou as mãos e atirou a toalha de papel no lixo. - Com licença...

(...)

Vitória não foi diretamente para a mesa. Antes de seguir para onde estavam seus mais novos amigos, a garota decidiu pegar mais uma bebida. Se sentiu mal. Fez papel de ridícula,

beber pelo menos a distraía. Ao chegar no grupo de colegas encontrou os amigos de Bianca, a prima acompanhada de Micróbio e um outro professor da turma que conversava com os rapazes sobre futebol.

- Demorou, gatinha... – Giovanna constatou. - Saiu logo atrás da Fernanda e ela já voltou faz tempo...

- Não fala em Fernanda não... – Vitória sussurrou. – Por favor...

- Está tudo bem, Vitória?

- Já disse que sim. – A loirinha insistiu. – Só não quero falar da... Minha tia.

- Ela e o Renato foram dançar um pouco. Quer dançar?

Vitória fez um gesto negativo. Leonel, que ouviu apenas o convite de Giovanna para a loirinha, resolveu fazer um convite.

- Eu quero. Bora, Gi?

- Bora!

O casal de amigos logo se juntou ao pessoal da pista de dança que balançava ao ritmo de um sertanejo universitário lento. Os dançarinos bailavam coladinhos. Os olhos de Vitória passaram a procurar por algo que logo encontrou.

Fernanda e Renato dançavam como a maioria dos casais, abraçados, se movendo no ritmo mais calmo da música. Vitória bebericou mais uma dose lentamente, sem tirar os olhos dos dois. Logo descobriu que não era a única que observava o professor e a consultora imobiliária.

- A Mayara que não me ouça, mas até que eles fazem um casal bonito. – Bianca comentou com a prima. – Você não acha?

Vitória olhou para a prima.

- Bia!

- Ué... É verdade... Meu pai fica pisando na bola... – Bianca aproveitou que a cadeira de Giovanna estava vazia e se acomodou ao lado da prima para conversarem melhor. – Minha mãe merece ser feliz, Vitória... E eu não sou idiota. Não é com meu pai que ela vai conseguir isso.

Vitória também concordava. Não queria dar a mão à palmatória e dizer que Renato e Fernanda combinavam, apesar de lhe parecer óbvio.

- Bia, todo casal que é casado há muito tempo passa por crises. Isso é normal, pode acontecer com qualquer um. Ela e o Tio Filipo podem se acertar.

- Só se ela for muito idiota. Ele vive botando chifre nela. Agora nem faz mais questão de disfarçar. Eu já ouvi ele conversando com uma mulher por telefone. – A fase esfuziante do álcool havia passado para Vitória e começava sua depressão pós-bebedeira. – Quer saber? Eu até torço que ela dê o troco... Vai ser muito mais que merecido. Meu sonho é que eles se separem...

A conversa entre Vitória e Bianca distraiu tanto as duas que nem perceberam quando Renato e Fernanda se afastaram da pista de dança. O movimento deu sede nos dois e eles voltaram as filas do bar. Um dos professores da faculdade avistou Renato e veio cumprimenta-lo. Ele apresentou Fernanda ao amigo que logo se despediu deles.

- Prazer te rever, Renato, mas eu vou mesmo, está tarde... – Olhou para Fernanda. – Sua namorada é linda... Parabéns.

E se afastou sem nem deixar eles se explicarem.

- Pelo jeito o seu estado civil é um dos assuntos mais populares da PUC. – Fernanda brincou. – Não mudou nada.

- Um quarentão solteiro causa curiosidade. – Fernanda fez um gesto afirmativo. Ela sabia que Renato era solteiro por opção. Desde a faculdade sempre fez muito sucesso com as mulheres e chegava a arrancar olhares admiradores até de homens. – Talvez seja hora de mudar isso...

- Você sempre gostou dessa vida. Você falava que a liberdade era a mulher da sua vida, lembra?

Renato riu.

- Você lembra disso? Quando a gente é jovem diz muita besteira... – Fernanda concordou. – Você sabe que eu falava isso da boca para fora, não sabe? – Dessa vez a consultora não se manifestou. – A segunda mulher da minha vida foi a liberdade. A primeira sempre foi você.

- Não estou gostando do rumo dessa conversa.

- Nunca te escondi isso e sempre respeitei sua posição em querer apenas minha amizade e não acho pouco. O que eu fico inconformado é que... Você não me quis por causa do FilIpo, Nanda... Do Filipo? Eu não consigo ser melhor que esse cara?

- Eu não te quis por causa do Filipo ou de qualquer outro, mas é porque... Eu acho que a gente é muito melhor amigo do que seria como casal. Eu odiaria que ficasse algo estranho entre nós e você também odiaria. Sua mulher sempre vai ser a liberdade... – Ele sorriu. – E o meu marido... Eu o respeito e tenho certeza que, apesar dos nossos problemas, ele também me respeita.

Renato fez um gesto afirmativo.

- Só me promete uma coisa? – Fernanda o encarou um tanto ressabiada. – Promete?

- O que?

- Não precisa ser comigo. Não sei o que acontecerá futuramente, mas promete que quando você encontrar o amor da sua vida... O amor de verdade... Você vai viver esse amor? – Fernanda levantou os olhos em uma expressão de tédio acreditando que ele já estava bêbado. – Você deve isso a você mesmo... Promete?

- Tá bem... Está prometido!

- Eu vou cobrar... – Fernanda riu. – Quem sabe esse dia está mais perto do que a gente pensa?

- Quem sabe!

(...)

- Esse dia chegou, Lipo! Seu casamento está no fim.

Apenas de cueca branca, Filipo, deitado sobre o colchão de um flat em Ipanema, assistia sua jovem companheira passando cremes por todo corpo. Fernanda tinha um ritual de beleza parecido com aquele. Antes de dormir gostava de passar hidratante na pele. A garota espalhava o creme corporal pelas coxas desnudas. Filipo sorriu.

- Fácil assim? Vamos ver... Eu chego na segunda-feira e peço a separação para a Fernanda... – Ela fez um gesto afirmativo. Filipo se sentou na cama. – E tudo que está no nome dela? Você sabe que se o Navarro Fernandes cair, a coisa pode ferrar para o meu lado e eu quis

me proteger usando a Fernanda.

- A procuração que eu consegui fazer ela assinar? Não te dá plenos poderes?
- Dani, as coisas não são assim. – Filipo ponderava. - E você sabe que tem o Marcelo.

Aquele conflito entre os dois já passava a se tornar corriqueiro. Daniele não aturava mais lidar com o ex-marido, Marcelo, e apertava Filipo que não tinha pressa nenhuma em agir. O plano dos dois era bem simples, desviar um belo montante de dinheiro da Vaccara e fugir. Filipo pensou, pensou e não tinha outra saída. Marcelo nunca o perdoaria por ter se envolvido com sua esposa.

O caso dos dois se iniciou pouco antes do acidente fatal que fez Marcelo matar uma criança. Tudo começou quando o filho caçula dos Vaccara voltou para casa com toda sua família. Daniele e Marcelo andavam brigando muito pois ele queria tentar ter uma menina e Daniele não suportava a ideia de engravidar mais uma vez. Ela inventou então uma grande reforma no apartamento pois era uma excelente desculpa para adiar os planos de Marcelo e ela acreditava que com o tempo ele iria desistir da ideia. E foi o que aconteceu, com a breve mudança para a casa dos pais e a reforma de seu apartamento, Marcelo aos poucos foi deixando se desfazer a ideia de um terceiro filho.

Todos no mesmo teto, Daniele logo se aproximou do cunhado e não demorou para que se envolvessem. Como melhor amiga de Fernanda, ela sabia que o casamento de Filipo estava em crise. Certa noite, ela discutiu fortemente com Marcelo porque ele não queria transar protegido. Os dois se desentenderam e ele resolveu dormir no quarto dos filhos para não brigarem mais.

Transtornada, Daniele desceu para pegar um copo d'água e cruzou com Filipo que estava na cozinha fazendo o mesmo. Ele e Fernanda também haviam discutido. Filipo queria que Fernanda deixasse a construtora que trabalhava pois achava que ela saia muito de casa.

- Desculpa, não sabia que você estava aí.
- Entra, Dani... Também com insônia?

Daniele deu risada. Só podia ser graça de Filipo. O quarto de Marcelo ficava ao lado do dele. Era impossível não ter ouvido a discussão dela com o marido.

- Seu irmão atende pelo nome de insônia? – Brincou. – Eu queria uma água.

Filipo estava com a garrafa d'água nas mãos. Ele mesmo serviu um copo para a cunhada que agradeceu a gentileza. Conversaram sobre um assunto qualquer e logo enveredaram a falar de seus casamentos quase destruídos. Filipo comentou sobre o descontentamento com Fernanda. Daniele se sentiu à vontade e desabafou também sobre seus problemas. Não tinha a mínima vontade de ter mais filhos e Marcelo insistia. O pior de tudo não era isso.

- Marcelo é inseguro entende? Ciumento. Outro dia ele implicou com o porteiro do nosso prédio.
- Eu entendo o Marcelo.

Daniele riu.

- Claro. Dois machões.
- Você é uma mulher linda, Dani... Deve chamar a atenção de muitos homens.

Daniele já tinha reparado em um olhar mais íntimo de Filipo há alguns dias. Achou

normal. Homens olham para mulheres. Ainda mais Filipo, todo mundo sabia que ele sempre foi mulherengo. Seu corpo ainda estava quente por conta de Marcelo. Quase transaram no quarto, apenas brigaram por conta do preservativo, mas a endorfina e o desejo ainda estavam em alta. Filipo era um homem interessante. O perigo de serem pegos e a censura por se tratar de seu cunhado mexiam fortemente com sua libido. Filipo parecia preso no mesmo estado que o seu, estavam próximos. A troca de olhares era intensa.

- Pode até ser... – Instigou aproximando-se ainda mais do rosto dele. – Mas eu não dou motivo...

- Eu acho que você dá...

Foram as últimas palavras do filho mais velho dos Vaccara antes de avançar sobre a boca da bela morena que estava na sua frente. Transaram ali mesmo, na cozinha, sobre a mesa. E vários encontros como aquele se repetiram durante meses até Filipo conseguir um apartamento para se encontrarem escondidos. Ninguém sonhava com aquele envolvimento. Nem tudo entre eles eram flores. Chegaram a brigar, ficaram semanas sem se falar. O desejo parecia ainda mais forte quando voltaram. Filipo lhe fez uma proposta.

- Se a gente fugisse?

- Como assim?

- A gente nunca vai conseguir paz com a sombra do Marcelo e da Fernanda... Pegamos uma grana violenta e vazamos... Eu odeio essa ilha de índio, você se acostuma rápido com outra país. Podemos morar nos Estados Unidos, Europa, Emirados Árabes... Você escolhe...

- Com que dinheiro?

- A Vaccara também é minha...

- Seus pais são vivos...

- Por isso que eu vou precisar pegar a minha parte sem pedir permissão a ninguém. Eu tenho um plano... Na verdade eu já estou fazendo isso há algum tempo, mas ninguém sonha... Eu já tenho um bom montante guardado... Eu tiro da minha conta, limpo em um lugar seguro e mando para fora do país.

- Que lugar seguro?

- É melhor você não saber agora, mas eu te garanto que esse esquema não tem sujeira.

- E a sua filha?

- Ela se vira. Na selva, o mais forte ganha. Só vou precisar de sua ajuda. Você precisa fazer a Fernanda assinar uma procuração me dando plenos poderes de tudo que está no nome dela. Vocês vivem assinando contratos, não vai ser difícil.

- Como vai reconhecer isso no cartório?

- Você vai no cartório e se passa por ela. Eu tenho meus contatos, consigo um RG para você com o nome de Maria Fernanda Ribeiro Vaccara fácil. Vamos lá...

Filipo explicou seu plano em detalhes. A presença de Daniele era indispensável para que desse certo. No final do relato, Daniele se convenceu de que aquela era a melhor chance para se livrar de Marcelo e de quebra recomeçar sua vida em um novo lugar. Após a morte acidental da criança, a separação, a perda da guarda dos dois filhos e a recaída para as drogas, ela andava com muito medo de Marcelo. Ele poderia ser um bom pai para Emílio e Mário, mas era agressivo e doente. Uma pessoa com a mente em desordem e encorajada pelo álcool ou pela química é capaz de qualquer coisa. Daniele apenas se sentia segura com alguém tão poderoso quanto a família dos Vaccara para ampará-la. Nada melhor que um deles para assumir esse papel.

Logo o plano foi colocado em ação e Daniele conseguiu a procuração de Fernanda que dava poderes a Filipo. Se passou por ela no cartório e Filipo passou vários bens para o nome de Fernanda. Caso fosse pego, nada que era seu estaria bloqueado pois tudo estava em nome da esposa. Com a procuração em mãos, Filipo não tinha mais tanta pressa assim. Na cama ainda se entendiam muito bem, entretanto, quando se tocava nos negócios, entravam em rota de colisão. Filipo teve a ideia da tal viagem para o Rio de Janeiro para ver se fazia Daniele esquecer um pouco de seus planos, mas as cobranças voltaram.

- O Marcelo é uma bomba relógio. Logo está explodindo por aí, você quer o que? – Daniele deixou o hidratante sobre a cômoda do flat. – Você não sabe o que a gente faz quando encontra uma bomba? Saí correndo antes de ser atingindo por ela! Escuta o que eu estou dizendo... Você vai acabar sendo atingido.

Filipo fez um gesto de acordo. Daniele não estava errada no que dizia, mas ele também tinha suas razões. Razões sólidas para segurar sua ansiedade.

- Eu perdi um dinheiro violento. A grana que a gente tem agora não tem um quinto do que eu tinha nas mãos. Não vale a pena sumir agora. – Daniele o encarou sem entender. – Eu investi uma boa parte do dinheiro nas ações de uma empresa que faliu de um dia para o outro... O cara me garantiu que as ações iam supervalorizar em quase 200%, íamos dividir o lucro, mas deu merda e a empresa faliu. Quebrei a cara.

Daniele se sentou na cama, completamente decepcionada.

- Você demorou anos para juntar esse dinheiro...
- Vida de investidor é assim... Uma hora dá certo, outra hora... Não podia imaginar... O cara que me passou a informação é advogado da diretoria da empresa, o escritório dele cuida de toda a parte jurídica, como eu ia imaginar que daria errado? Ele também perdeu uma grana porque eu ia compensá-lo muito bem pela informação...
- Só que ele perdeu um dinheiro que já não tinha, você não! – Nervosa. – Filipo, e agora? Não aguento mais!
- Calma... – Filipo aplicou um beijo no ombro desnudo de Daniele. – Eu estou de olho nas ações de uma empresa de aviação, é coisa muito melhor que essa construtora. Só que eu preciso ser mais cauteloso... Comprei bem menos ações, mas renderam bem e a expectativa é que rendam mais. Estou esperando um dinheiro sair aí para fazer uma jogada mais arriscada, mas isso é coisa minha...
- Lipo...
- Meu amor... Confie em mim tá bom? – Com um olhar malicioso ele fez um gesto para que ela se aproximasse, primeiro Daniele relutou, por fim cedeu e sentou sobre seu colo. Trocaram um beijo apaixonado. – Agora me mostra o que essa cidade tem de tão maravilhosa... – Levou um tapa na cara. – Aí...
- Sem vergonha... Cachorro... – Daniele mordeu fortemente os lábios carnudos do marido da amiga e antes de aprofundar o beijo sussurrou em seu ouvido. - Você não presta!

E se entregaram a um novo beijo apaixonado.

(...)

“Finalmente em casa”, foi o que Fernanda pensou assim que seu carro cruzou os portões da mansão dos Vaccara. Como só tinha bebido dois copos de cerveja, se sentiu completamente

segura e dirigiu sem problemas até em casa. No carro ainda estavam Bianca, que cochilava no banco da frente, Giovanna e Vitória no banco de trás. Apenas a loirinha estava acordada quando finalmente estacionaram. Giovanna dormiu no quarto de Bianca, como já haviam combinado antes da festa. Fernanda seguiu direto para o seu e Vitória se recolheu ao seu aposento.

Não chegaram a trocar uma palavra a mais depois da conversa do banheiro. Fernanda notou que Vitória bebeu demais e a loirinha não quis puxar assunto. Apenas deu boa noite para a sobrinha e seguiu para seu quarto. Tomou um banho, fez seu ritual de beleza e dormiu. Acordou horas depois com o sol no rosto. Levantou e foi fechar a janela. Espiou pela varanda. Bianca e Giovanna tomavam um banho de piscina. O sogro pegava sol enquanto bebericava seu café da manhã. Espiou no relógio e viu que já era quase meio-dia. Hora de se levantar. Um tanto preguiçosa, Fernanda se arrastou até o banheiro, lavou o rosto, escovou os dentes, separava uma roupa para tomar banho quando ouviu batidas no quarto.

- Fernanda, sou eu. – Reconheceu a voz de Vitória. – Posso entrar?

Ela demorou um pouco, mas por fim decidiu abrir a porta.

- Bom dia, Vitória.
- Bom dia. – Vitória já estava trocada, mas parecia abatida. Com certeza a cabeça latejava por conta da ressaca. – Posso entrar?
- Entra. – Deu a passagem. – Tomou café?

Fez um gesto afirmativo.

- Só bebido. Café preto, a cabeça está a mil...
- Imagino.

Ela estava fria. Fez questão de ser fria. Vitória não tinha sido nem um pouco gentil no banheiro, quando se referiu a Renato.

- Eu não queria te incomodar... Só vim te pedir desculpas por ontem.
- Desculpas?
- É... Eu bebi demais e acho que fui um pouco áspera com você... Não queria ser grosseira. Desde que eu cheguei aqui você me tratou muito bem... Me desculpa?

Fernanda fez suspense por segundos, mas por fim sorriu. Vitória ajudou sua filha na festa de aniversário dos Vaccara, ainda chegou a conversar com ela, fez o creme de queijo. Não conseguia sentir raiva da garota.

- Está desculpada... – Segurou nas mãos de Vitória. - E eu também tenho que me desculpar, afinal eu furei mesmo com você.
- Mas eu não precisava ser grossa.
- Bebida faz a gente agir de uma forma que nem nós entendemos. Não precisa se preocupar não, está tudo bem. – Fez uma pausa. – Se quiser, nós podemos ver alguns apartamentos amanhã. Eu tenho o dia livre.
- Por mim está ótimo. Então eu estou desculpada mesmo?
- Está...Podemos tomar café juntas. Ontem não jantei, estou morrendo de fome.

Vitória sorriu aliviada.

- Tudo bem... Te espero lá embaixo.

A loira saiu do quarto e Fernanda aproveitou para passar a chave na porta. Um minuto depois, Fernanda ouviu novas batidas na porta. Colocou seu roupão para atender. Era Vitória de novo.

- Oi?

- Oi... – Vitória respirou fundo. – Eu sei que eu fiquei de te esperar lá embaixo para tomar café, mas eu criei coragem agora, se eu não falar acho que não falo nunca mais. – Dessa vez nem esperou a autorização de Fernanda para entrar. – Você falou que às vezes a gente bebe e age de uma forma que não entendemos depois. – Fez uma pausa. – Eu não acho isso. Acho que ontem, tudo o que eu fiz tinha um porquê... Existiu um motivo sim para eu ter sido grossa com você, para ter falado do seu amigo daquela forma...

Fernanda a encarou confusa.

- Mas qual é a razão de tudo isso?

- Por causa disso.

Sem vacilar, Vitória puxou Fernanda para junto de seu corpo e selou os lábios da consultora com os seus.

CAPÍTULO 08

Inicialmente, a resposta de Fernanda para a ação concebida foi nula. O movimento gentil dos lábios de Vitória pressionando suavemente os seus a fez perder qualquer tipo de reação. Talvez se fosse um homem estranho, ou qualquer outra mulher, Fernanda se separaria na hora. Não existia tarefa mais fácil do que afastar Vitória de si, ela era maior que loira, nem precisaria fazer muito esforço físico. Seu problema era outro. Como iria relutar se simplesmente havia gostado da atitude da sobrinha?

Sim... Não tinha como negar. Vitória não podia ter tido uma atitude aprovável, mas seu beijo irresistível. Em momento algum teve forças para relutar ou algo parecido, pelo contrário, quando Vitória arriscou introduzir a língua entre seus lábios, ela não apenas deixou como ainda abaixou a cabeça permitindo assim que Vitória tivesse total acesso a sua boca. Foi como deixar um fósforo aceso perto de um pavio. Era como se Vitória conhecesse um lado B seu que nem ela, Fernanda, conhecia muito bem. Assim como a bebida, o beijo de Vitória a fazia agir sem entender direito o que fazia. A intensidade do contato, o jeito que as mãos da consultora tocavam seu rosto e deixava que Vitória envolvesse seu corpo fazia com que a menina já sentisse viciada nessa outra Fernanda.

Um breve lapso de juízo bateu na cabeça de Vitória e fez com que a estudante colocasse

uma das mãos para trás para passar a chave na porta antes de se entregar de vez ao momento que a tia lhe proporcionava. Fernanda apenas esperou que Vitória terminasse de fechar a porta e voltou a lhe dar a atenção. A loirinha não resistiu. Em passos trôpegos fez com que Fernanda se acomodasse no maciço móvel que a consultora devia usar como penteadeira. Vitória estava tão ansiosa que encurralou Fernanda contra a peça de madeira e colou em seu corpo com uma vontade tão grande que até arrancou um gemido da mais velha.

- Machucou?

Em resposta, Fernanda fez um gesto negativo. Sorriu ao olhar para Vitória. Ela era branquinha, sua boca, que naturalmente era cor de rosa, estava vermelha e com um leve inchaço devido a todo exercício feito. Novamente não resistiu e buscou os lábios da jovem com um leve mordida que acendeu as duas por completo. Vitória puxou levemente os cabelos castanhos e fez com que Fernanda erguesse um pouco seu queixo. Não hesitou e aplicou um beijo ali. Desceu para o pescoço. Fernanda fechou os olhos, estava pronta para se entregar ao momento quando ouviu batidas na porta seguida da voz de sua sogra.

- Fernanda, está acordada? – Antônia questionou. - Você viu a Vitória?

Ao ouvir seu nome, Vitória interrompeu o ato e deu um passo para trás. Ela e Fernanda se entreolharam e a mais velha agiu rápido. Vitória foi empurrada para o banheiro da suíte. Aproveitou e pegou a toalha. Rapidamente se livrou do pijama que usava e enrolou-se no tecido felpudo. Abriu a porta, não completamente, mas só até um ponto que Antônia pudesse ver seu rosto e um pedaço do colo envolvido pela toalha.

- Oi, dona Antônia... – Fernanda estava agitada, sentia que a qualquer momento a matriarca dos Vaccara invadiria seu quarto e puxaria Vitória de seu banheiro privado. – Aconteceu alguma coisa?

- Não sabia que você estava no banho. Era sobre a Vitória, queria saber se você a viu hoje? Eu bati no quarto dela, mas está tudo fechado. Acho que ela voltou a dormir. O Leandro me disse que vocês chegaram tarde ontem.

- Mais ou menos... As meninas foram para um aniversário e eu as trouxe...

- Eu fico tranquila quando elas estão junto de você... Sei que estão bem cuidadas.

Ao ouvir a frase da avó, Vitória teve que colocar a mão na boca para prender a gargalhada. Fernanda sentiu sua pele arrepiar.

- Obrigada, dona Antônia.

- Bom, vou deixar você terminar seu banho... Com licença...

- Tem toda.

Fernanda se despediu e Antônia com um sorriso amarelo nos lábios. Trancou a porta e se deparou com Vitória que saia do banheiro com um sorriso de orelha a orelha.

- Sabia que ela tem total razão? – Se aproximou. – Estou me sentindo muito bem cuidada por você... – O sorriso da loirinha morreu no rosto quando viu que Fernanda deu um passo para trás e baixou a cabeça. – Fer...

Nem era preciso dizer nada. A presença de Antônia fez com que Fernanda voltasse a sua razão.

- Vitória, isso não podia ter acontecido! – Disse culpada. Fernanda olhava para a sobrinha como se tentasse compreender algo. – O que eu fiz, meu Deus?

- Ei... Quem fez alguma coisa aqui fui eu... Eu invadi o seu quarto, eu que falei tudo e eu que te dei o beijo.

- Que eu não devia ter correspondido! – Fernanda colocou as mãos na frente do rosto e as levou até os cabelos. – Você tem ideia... Tem ideia de quanto foi errado isso que acabou de acontecer?

Vitória nem se surpreendeu. Beijou Fernanda porque senão perderia a coragem depois, mas sabia que essa reação, cheia de remorsos, era a mais esperada de acontecer. Conhecia aquela mulher desde pequena, Fernanda era responsável, sempre muito contida e analítica. Dificilmente se entregaria aos seus sentimentos assim, de uma hora para outra. Vitória falava isso com toda propriedade, não por mera presunção ou confiança, mas porque simplesmente se ateava aos fatos.

Era óbvio que Fernanda estava presa em um casamento fadado ao fracasso e era óbvio que ela se sentia mexida quando estava próxima da sobrinha. Vitória já tinha sacado isso desde seu primeiro dia na casa dos avos. Apesar da pouca idade, ela tinha experiência o suficiente para saber quando despertava olhares de interesse em alguém. Se Fernanda fosse bater naquela tecla, Vitória tinha seus argumentos.

-Errado, por quê? Você mesmo falou que seu casamento está em uma fase difícil... – Vitória respirou fundo. – Fer, eu não sou cega e eu sei que você também não é... Desde que eu cheguei, eu não estou conseguindo disfarçar que te acho uma mulher interessante. – Fernanda ia abrir a boca para falar algo, mas Vitória não lhe deu a vez. – Eu acho, Fer... Te acho linda, te acho doce, te acho inteligente, te acho incrível e acho o seu marido um verdadeiro escroto por não valorizar tudo isso que ele tem ao lado dele... Que é muito mais que o Filipo merece...

- Vitória...

- Espera... Deixa eu concluir... Eu te acho maravilhosa, Fer...

- Você é só uma criança.

Vitória fez um gesto negativo.

- Não sou não... Mas desde criança sempre te achei maravilhosa... Eu gosto de você desde antes de saber que era de mulher que eu gostava. – Confessou. - Quando revi você naquele aeroporto eu... Eu fiquei maluca... Primeiro achei que era uma coisa que eu podia lidar, que era só um resquício de admiração, de carinho que ficou na minha cabeça e que eu podia resolver isso sozinha... Mas ontem quando eu vi você com aquele Renato eu entendi que não dá...

- Vitória, você é sobrinha do meu marido!

- E daí?! Você fala como se algum dia ele tivesse se importado com alguém dessa família. Destrata você, trata a Bia com se ela fosse uma estranha... Até o tio Marcelo que é julgado por todo mundo como doido se importa com os filhos, sofre por estar longe deles... E esse cara aí?

- O Filipo tem os estranhamentos dele com a Bia, mas...

- Mas nada! Eu acho esse cara um escroto, e daí que ele é meu tio? Devo algum tipo de gratidão por isso agora? Caguei para ele, Fernanda... – Vitória nem gostava de ficar falando em Filipo porque tinha medo de falar coisas que não devia. – Fer... Nunca tive nem aí para esse cara, mas eu estava na minha porque eu pensava que você era apaixonada por ele, que era incapaz de enxergar algo além desse casamento. Ontem eu vi que estava errada. Eu posso ter bebido, posso

ter passado da conta com você, mas eu sei reconhecer quando uma mulher está enciumada... Não pode ser apenas coisa da minha cabeça... Você ficou magoada comigo sim, mas não apenas porque eu fui grosseira. – Afirmou. - Você sentiu ciúmes da Giovanna. Estou errada?

Adiantava Fernanda negar alguma coisa? Vitória a conhecia muito bem e tinha matado a charada a pau. Fernanda não faria uma cena de ciúme no banheiro, não aceitaria aquele beijo no quarto caso não quisesse também. Era até covardia deixar Vitória pagar pela conta sozinha e manipular para que ela pensasse que seus sentimentos não eram correspondidos.

- Você está no seu papel, Vitória... Se eu tivesse a sua idade e sua experiência com o Filipo eu não sei se tomaria a mesma atitude, mas com certeza pensaria do mesmo modo que você está pensando... Meu papel nessa história tem que ser outro, eu devo agir como adulta. Eu preciso voltar a razão. Esquece o que acabou de acontecer entre a gente e me promete que nunca mais vai se repetir... Por favor?

- Você acha errado o que acabou de acontecer... Tem sérios problemas com a minha idade, mas sente ciúme de mim e não nega que gostou do que acabou de acontecer... Eu não vou te apertar, não vou te cobrar... Eu tenho certeza que esse beijo é o primeiro de muitos que vão acontecer. – Vitória respirou. – Isso não é uma pretensão, é uma certeza... – E sem nenhum tipo de receio, a estudante se aproximou e esboçou um afago com as mãos no rosto da tia. – Não é de razão que você precisa, é só tempo para se acostumar ... Eu não tenho pressa. Tenho certeza que o tempo está ao meu favor.

As certezas das palavras de Vitória deixaram Fernanda completamente embasbacada. Apenas conseguiu respirar aliviada quando viu a garota sair do quarto. Como ela conseguia ser tão convicta assim? Fernanda sempre foi uma mulher que tratou seu casamento com seriedade, nunca agiu levianamente com o marido, não se deixava levar por atitudes irrefletidas e nem rompantes para Vitória ter tanta propriedade em dizer que ainda ficariam juntas.

Ao mesmo tempo que estava chocada pelo beijo da garota, se sentia orgulhosa em saber que era objeto de uma jovem. Vitória podia muito bem se interessar por qualquer outra mulher. Por que foi olhar justo para ela? Acima de tudo se sentia muito confusa. Precisava falar com alguém. Resolveu se movimentar.

- Alô? -...- Oi... Tudo bem? - ... – Está ocupado? -... – Podemos conversar? -...- É... -...- Tudo bem... Eu vou até aí... -...- Sei onde é... -...- Tá... Beijo, tchau!

Desligou o celular. Em pouco menos de duas horas estava arrumada, pronta para sair. Não se despediu de ninguém. Apenas de Marcelo, quem por acaso encontrou na garagem da mansão. Apesar de estar com as chaves do carro nas mãos, ele não estava com trajes de sair de casa, apenas usava uma bermuda que estava molhada. Provavelmente Marcelo havia acabado de sair da piscina.

- Vai sair, Fer?

- Compromisso de última hora. E você? Essa chave é do carro do Filipo, não é?

- Ele esqueceu uma pasta de documentos dentro do carro, uns contratos lá da empresa e o papai está precisando ler, falei com ele e ele pediu para eu pegar... Você vai usar o carro?

- Não, eu vou com o meu mesmo. Se a Bia perguntar você avisa que eu não tenho hora para voltar, por favor? – Marcelo fez um gesto afirmativo, despediram-se com acenos. – Boa tarde!

- Boa tarde!

Antes de abrir o carro, Marcelo assistiu Fernanda partir. A pasta de documentos estava no porta luvas, como Filipo havia lhe informado por telefone. Ao pegar a pasta nas mãos, sem querer, deixou cair um papel no solo do automóvel.

- Droga!

Agachou-se para pegar o papel que parecia preso embaixo do banco. Ao puxar o papel encontrou um objeto. Era um batom. Provavelmente era da cunhada. Sem dar muita importância ao fato, Marcelo fechou o carro e entregou os documentos a Francesco. Guardou o batom. Mais tarde entregaria a Fernanda.

(...)

- Vale, sua mãe fez aquele bolo de cenoura que você adora... Quer um pedaço?

Valentine sorriu. Se ficasse na pousada da mãe por uma semana ia voltar com o dobro do peso que chegou em casa. Era sempre assim, não podiam vê-la à toa que já arrumavam algum jeito de lhe empurrar comida. Já tinha experimentado toda a sorte de guloseimas desde que tinha chegado em Jurerê. Estava no refeitório da pousada, mas não sentia fome.

- Não, obrigada... Eu estou esperando um amigo...

Como em um passe de mágica, Adonias, uma espécie de faz tudo da pousada da mãe de Valentine, apareceu.

- Vale, o Giba está aí fora...
- Ah... Vou dar uma volta com ele.

Giba era Gilberto Mendonça, um amigo de Valentine, se conheciam desde pequenos. Eles chegaram a namorar, mas com a mudança de Valentine para Paris, o romance acabou se rompendo. Se falavam por mensagens, mas já fazia um bom tempo que não se viam. Ao ver a francesinha, Giba sorriu.

- Grande, Valentine! Finalmente tomou vergonha na cara e resolveu rever os pobres?
- Até parece, Giba... Todo mundo sabe que seu pai brinca de banco imobiliário em Jurerê... – Os dois trocaram um longo abraço e um beijo. – Saudade...
- Mente mal, hein? – Valentine sorriu. – Vamos pegar uma praia? Dar uma volta...
- Praia estou meio enferrujada pra pegar... Mas a gente pode dar uma volta. Tenho um assunto importante pra falar com você. Sobre seus serviços.
- E o que um hacker pode te oferecer?
- Eu preciso que você invada o e-mail de uma amiga. Tem uma informação muito importante lá que eu preciso confirmar. Tem como?

Giba abriu um sorriso, costumava atender pedidos muito mais difíceis que aquele.

- Coisa de criança, meu bem... Qual o nome da felizarda que vai receber a visitinha?
- Vitória Vaccara!

(...)

Apesar de toda a confusão da noite anterior, Dudu acordou cedo. Seu namorado, Wagner, já tinha se levantado da cama e até saído de casa. Wagner organizava um churrasco com os

amigos e precisava providenciar ainda algumas coisas. Dudu não conhecia muito bem os amigos de Wagner, ia participar do churrasco muito mais para agradá-lo do que por vontade própria, por isso ficou muito feliz com a ligação de Fernanda. Não pensou duas vezes e a convidou para a confraternização. Fernanda foi uma das últimas convidadas a chegar.

- Nem precisava trazer cerveja... – Wagner comentou ao ver Fernanda com duas caixas. - Vamos lá para o terraço, o pessoal está todo lá.

- Já vamos... – Dudu disse. – Preciso falar com a Fer. – Deu um selinho no namorado. – Vai lá... – Esperou Wagner virar as costas e subir as escadarias para pedir a amiga. – Deixa a minha bronca para amanhã?

Fernanda fez um gesto positivo.

- Tá bom... Eu precisava falar com você...

- Vai lá no quarto que eu já vou...

Dudu demorou alguns segundos, apareceu com um prato com pedaços de carne e caipirinha. Fernanda aceitou a bebida.

- Estava precisando disso.

- Nada como uns bons drinques para desacelerar de vez em quando. Mas e aí menina? O que aconteceu para você fugir de casa em pleno domingo?

- Eu fiz uma loucura. Um desatino!

- O que?

- Eu beijei a minha sobrinha. E gostei.

CAPÍTULO 09

- Você beijou a sua sobrinha? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – E gostou?

- Beijei minha sobrinha. E gostei.

- Mas você... Beijou?

- É... Ela me beijou e eu beijei de volta.

- Mas é a sua sobrinha? Tipo, uma mulher? – Dudu novamente perguntou. – Foi um beijo, beijo mesmo? Assim... Beijo? De beijo ou...

- Dudu, eu achava que nossa conversa seria mais produtiva que isso.

- É que eu não esperava... Você beijou uma pessoa fora do casamento. Uma mulher. Uma jovem. Sua sobrinha. – Dudu recapitulou. – É muita impulsividade para você que é a pessoa que não atende a porta sem pensar dez vezes sobre. - Dudu que estava sentado se

levantou. – Na nossa dupla quem traz os problemas sou eu. Você é a voz da razão... Eu não estou acostumado com isso!

Se não tivesse com a cabeça tão cheia de preocupações, Fernanda riria. Dudu disse a verdade. Quem costumava precisar de conselhos era sempre ele e Fernanda era a sua pessoa de confiança. Ela insistia em injetar um pouco de juízo em sua cabecinha acelerada. Em anos de convivência, Dudu nunca tinha visto a amiga agir de forma inconsequente. Sentia até um pouco de inveja do autocontrole da consultora de imóveis.

"Beijei minha sobrinha", Fernanda estava calada, mas mentalmente repetia isso diversas vezes. Foi a maneira que encontrou para se convencer que, de fato, beijou Vitória. Se toda vez que fechasse os olhos não pudesse sentir o gosto de Vitória em sua boca, ela mesmo não iria crer que aquilo realmente aconteceu. Estava tão envergonhada de seus sentimentos que sentia dificuldades até de manter a cabeça erguida. Só de pensar que ainda teria que voltar para casa e encontrar Vitória e o esposo, suas pernas estremeciam. Dudu só falou alguma coisa depois de terminar seu drinque e se servir da segunda dose.

- Isso aconteceu hoje?

Fernanda confirmou.

- Sim. Ela me procurou para pedir desculpas por ontem...
- Por ontem?
-É... Ontem depois que você foi embora, eu encontrei com o Renato, da faculdade... Ele me convidou para tomar uma cerveja com a galera que estava com ele e adivinha? Era aniversário de uma aluna do Renato e a minha filha era uma das convidadas, a Bia levou a Vitória e acabou que nos encontramos ali...
- Esse Renato... – O nome não soou tão estranho para Dudu e logo ele associou Renato a uma figura familiar. – Já sei! É aquele gostoso, que a gente encontrou uma vez na fila do banco? Que ficou de papinho com você enquanto eu imaginava aquele corpo maravilhoso dele dentro de uma cueca branca?
- Eu costumo chamar ele de Renato.
- Porque você é idiota... Um "homão" charmoso daqueles. Gostoso, cheiroso, bumbum de Rodrigo Lombardi... Aquelas mãos enormes... Aquela voz... Aquilo é uma dádiva de Deus e... – Dudu resolveu se cortar. – Continuando...
- Continuando... – Fernanda tomou a palavra. - Depois que você foi embora, eu encontrei com o Renato, nós fomos pegar as cervejas no bar e na fila ao lado estava a Vitória, com a Giovanna, amiga da Bia.
- Amiga da Bia? – Dudu tentou prender o riso, mas não obteve sucesso. Estava entusiasmado. – Menina, a cada segundo essa história está melhor...Conta!

Se a cada segundo a história se tornava mais interessante, ela também se tornava mais pesada. Pelo menos para Fernanda que começava a se remoer de remorso. Filipo estava fora há menos de 48 horas. Como pode acontecer tanta coisa em tão pouco tempo? Fernanda respirou fundo e respondeu todas as perguntas de Dudu fornecendo cada detalhe ao amigo. Fernanda terminou seu relato após mais duas doses da caipirinha que Dudu tinha preparado. Ele estava tão pensativo que Fernanda teve que cutucá-lo para falar alguma coisa.

- Você está vivo?
- Estou... – Dudu deu um gole em seu drinque... – Sabe o que eu estou pensando?

- O que?

- Esse foi o seu final de semana mais emocionante dos últimos anos... – A bebida começava a fazer efeito e Dudu se sentia mais solto. – Você não pode reclamar.

O tom brincalhão de Dudu não foi bem aceito pela consultora.

- Eu achando que eu podia desabafar sobre os meus problemas... – Se levantou decidida. – Foi um erro eu ter vindo...

- Fernanda Ribeiro, não faça a louca e sossega... Estou brincando para fazer você relaxar... – Pegou a garrafa de caipirinha e despejou mais um pouco sobre o copo de Fernanda. – Que coisa mulher! Da agonia olhar para sua cara tensa 100% do seu dia. Parece que carrega uma bomba relógio na sua bolsa e que em vinte segundos tudo pode ir para os ares...

- Fernanda Ribeiro? Por que você me chamou pelo meu nome de solteira?

- Para você se lembrar que não nasceu casada com o Filipo. – Dudu encarou a amiga. – Fernanda... De coração, você é uma das pessoas mais práticas, mais racionais que eu conheço... Quando você vai encarar os fatos?

- Eu estou tentando encarar os fatos. Procurei um amigo para discutir sobre eles e te contei tudo. O Renato apareceu com aquela conversa estranha e minha sobrinha se declarou para mim. O que eu faço?

- Já te disse... Encare os fatos. Mas o maior deles todos. O que você não tem coragem nem de contar para você mesmo: Seu casamento chegou ao fim.

- Dudu...

- Estou sendo sincero, gata... Seu maior problema não é Renato, não é a Vitória... O seu problema tem nome e sobrenome... Filipo Vaccara.

- Todo casamento passa por problemas...

- E você acha que seu casamento seria abalado por causa de um beijo? É água demais para pouco incêndio, criatura... Quanto tempo vocês estão juntos? Mais de vinte anos? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – E você conhecendo o seu marido acha que ele nunca fez coisa pior?

- Em tempo de separado sim, mas nós estamos juntos. Ele não teria coragem.

Dudu sorriu e fez um gesto negativo.

- Para você, traição é tipo aqueles filmes densos e complexos do Darren Aronofsky, tipo Cisnei Negro, enquanto para o Filipo é enlatado de sessão da tarde. Curtindo a Vida Adoidado, com ele dançando Twist and Shout na sua cara. Você está colocando peso demais na bagagem e aliviando a dele. Não é um beijo que te abalou tanto assim não... São os anos desse infeliz te tratando como se fosse uma cueca velha... Aquela de estimação. A gente não descarta porque é confortável, mas em hipótese alguma sai com ela de casa. A Vitória é só a cereja do bolo... E se eu fosse você pegava essa cereja antes que uma espertalhona tome no seu lugar.

Fernanda desistiu de ir embora da casa de Dudu, mas o arrependimento era verdadeiro. Dudu sempre foi um desmiolado, vivia às turras com o namorado, qual era a chance de falar alguma coisa que fizesse sentido? Como poderia simplesmente ficar com Vitória?

- Você só pode estar ficando louco... Eu duvido que você encontre alguma pessoa que concorde com essa ideia sua. E... Onde você vai?

- Preciso ir ao banheiro. Já volto.

Quinze minutos depois...

- Eu acho que você deve dar uma chance para a Vitória... – Wagner, o namorado de Dudu opinava. – Vinte dois anos e beijar a esposa do tio... Não podemos negar que a nossa garotinha é determinada...

- E pelo que me contaram o interesse é mutuo... – Gisele, uma das convidadas de Wagner também participava da conversa. – Ou estou errada?

- Fernanda, a única pessoa que você deve satisfação é a sua filha... – Íris, a esposa de Gisele fez questão de ressaltar. – Pelo que você me disse ela está grandinha o bastante para entender que você tem a sua vida, não é mesmo?

Apenas uma ida ao banheiro. Esse foi o tempo que Dudu precisou para não achar uma, mas três pessoas que concordassem com ele. Apesar de estar furiosa com o amigo, Fernanda apenas escutou o que Wagner, Gisele e Íris tinham para dizer. Ela apenas deixou para explanar sua raiva em um momento mais íntimo. Dudu se levantou avisando aos colegas que ia servir a sobremesa e Fernanda aproveitou a brecha para se retirar com a desculpa que ia ajuda-lo.

Na cozinha o clima entre os dois não era nada amistoso. A discussão entre Dudu e Fernanda ocorria enquanto, de forma sincronizada, ela colocava as bolas de sorvete de morango na taça e Dudu lavava as colheres de sobremesa que estavam guardadas para usarem.

- É claro que eu estou com raiva... Você contou sobre a minha vida para a festa inteira...

- Em primeiro lugar... Eu não lembro de você ter pedido sigilo... – Fernanda cruzou os braços. Precisava pedir segredo de um assunto tão particular? – Em segundo lugar, eu achei que era um desafio...

- É o meu casamento!

- Você falou duvido. – Dudu argumentou. – Em terceiro... Eu estou certo... Você disse que eu não acharia ninguém que concordasse comigo, mas eu achei... Ou seja, seu casamento está no fim! – Fernanda voltou a servir as taças, provavelmente para não tocar no assunto. – Não estou falando para o seu mal e muito menos torcendo por isso... Só que eu não aguento mais ver você do lado de um cara que não te enxerga... Fernanda, você é uma mulher interessante. E quem está falando isso é um cara que não se interessa por mulheres...

Fernanda sorriu.

- Sou uma idiota... Você faz as suas, depois vem todo fofo, eu esqueço e já saio logo mostrando os dentes.

Dudu fez um gesto negativo.

- Não quero brigar com você... Só que eu acho um absurdo uma mulher como você ficar sofrendo pelo Filipo. Tenho certeza que se não existisse o Filipo na sua vida, teria uma fila de gente interessada em conhecer Fernanda Ribeiro... Vitória talvez seja a primeira da fila, mas teria muita gente atrás dela...

- Dudu...

- Sua aliança vai cair em uma das taças de sorvete...

- Aliança? – Fernanda olhou para a mão esquerda. – Está escorregadia porque eu lavei a louça.

- Deixa que eu guardo no meu bolso... Senão você vai acabar perdendo.

Fernanda acabou aceitando a decisão do amigo e retirou a aliança. Os dois colocaram as

taças sobre uma bandeja e seguiram para o terraço. Após servirem, Dudu se aproximou de Fernanda e fez uma pergunta inusitada.

- Qual das mulheres você acha mais interessante aqui?

A corretora de imóveis não compreendeu muito bem onde ele queria chegar.

- Por que isso agora?
- Curiosidade...
- Não sei... – Olhou em volta e sua atenção se concentrou em uma mulher ruiva, que devia ter sua idade, tinha cabelos longos e usava um vestido vermelho. Ela não aceitou o sorvete pois ainda bebia cerveja. – A ruiva ali... Ela é muito bonita.

Dudu deu uma leve espiada de longe.

- É a Tatiana. Amiga do Wag desde criança... Ela é personal trainner... Trabalha na minha academia e o melhor de tudo, se divorciou da esposa há um ano... Ela é ótima. – Sorriu. – Vai conversar com ela.
- Não... Mesmo se eu fosse solteira e interessada em pessoas como ela, eu acho que não teria coragem de chegar nela, sem um plano, sem ter ideia do que...

Como se adivinhasse, Tatiana saiu de onde estava para pegar uma nova lata de cerveja. A geladeira estava bem próxima de Dudu e Fernanda.

- Hora de você dançar um pouco de *Twist and Shout...* Se prepara.
- Que? – Fernanda não entendeu nada.

Tatiana abriu a geladeira ao lado de Dudu, ele deu um cutucão em seu ombro chamando sua atenção.

- Ouviu falar na Nanda?

E logo se afastou das duas deixando uma encafifada Tatiana e uma envergonhada Fernanda para trás. Tatiana mediu Fernanda de cima abaixo e logo sorriu. Costumava a ficar com lindas mulheres e aquela amiga de Dudu não devia nada à nenhuma delas.

- Oi...
- Posso adivinhar? – Tatiana brincou. – Nanda?
- É... Eu sou... – Casada. Era o que estava pronta para dizer. Passou rapidamente o polegar sobre o dedo esquerdo e se lembrou que estava sem a aliança pois tinha dado para Dudu guardar. Procurou por ele pelo terraço e o encontrou conversando com Íris e Gisele. Parecia mais ouvir do que falar. O olhar dos dois amigos logo se encontraram. Dudu pegou a aliança de Fernanda que estava em seu bolso e deixou cair sobre a taça de espumante que ele saboreava. Debochado ainda fez um sinal de “timtim” para Fernanda que não resistiu e acabou sorrindo. Olhou de volta para Tatiana que a esperava pacientemente. – Eu sou a Nanda...
- Tati... Muito prazer... Posso fazer um drinque para você enquanto conversamos?
- Claro...

(...)

Vitória sentia que os dedos de seus pés já estavam ficando enrugados de tanto tempo que

caminhou à beira do mar. Após toda aquela situação com Fernanda, não conseguiu passar o restante do domingo na casa dos avos. Tudo ali parecia conter o cheiro, a personalidade de sua tia. Ela pretendia fazer o que Fernanda lhe pediu, mas se quisesse esquecê-la ali era o lugar menos indicado.

Também resolveu sair pois Giovanna, a amiga de Bianca, tinha dormido e iria passar o restante do domingo por ali. No café da manhã ela deu indícios que queria repetir a dose da noite anterior e Vitória sentia que era melhor não seguir adiante. Apenas deixou avisado ao copeiro que passaria o dia fora para não ter que dar maiores explicações a ninguém. Antes de sair da cidade passou em uma locadora de automóveis e escolheu uma moto. Era ideal para o trânsito caótico de São Paulo e de quebra ainda ia relaxar levando um pouco de vento no rosto. Resolveu explorar o litoral do estado. Quem sabe o cheiro de maresia conseguisse lhe distrair?

Uma hora e meia de estrada. Decidiu parar nas Pitangueiras. Era a praia mais frequentada da cidade, mas felizmente, naquele domingo, estava vazia. O tempo havia se fechado repentinamente e com a ameaça de chuva a maioria dos banhistas decidiu fazer outro programa para alívio de Vitória.

Era bem mais agradável caminhar pela praia sem o corre-corre de crianças, sem bolinhas de frescobol pelo caminho, sem vendedores de mate e picolé. Com o intuito de se isolar completamente em seus pensamentos, colocou os fones e deixou o celular selecionar automaticamente as músicas enquanto caminhava pela beira do mar, chutando a água.

“Você tem ideia... Tem ideia de quanto foi errado isso que acabou de acontecer?”. Aquelas duas frases não saiam da cabeça de Vitória. Por mais que tentasse distrair com a bela paisagem à sua frente não conseguia. Nunca tinha odiado tanto Filipo como naquele dia. Se existisse alguém que fez algo errado, com certeza, aquela pessoa era ele. Era a segunda pessoa que mais odiava no mundo. A primeira era a pessoa que lhe enviou o e-mail há menos de dois meses.

Lembrava-se perfeitamente do dia que recebeu a mensagem. Tinha combinado de sair com Valentine. Ela ficou presa no estúdio e pediu para Vitória aguardá-la na redação da revista. Como precisava fazer hora, Vitória decidiu usar um dos computadores vazios da redação para matar o tempo. Abriu seu e-mail para ver se tinha algo e recebeu a notificação da seguinte mensagem no setor assunto: Pai. Nunca recebia mensagens dos familiares, sentiu curiosa e abriu a correspondência eletrônica. Antes não tivesse aberto. Quando Valentine conseguiu sair do estúdio a encontrou com uma cara nada boa.

- O que aconteceu?

- Hoje tive aula de *pâtisserie*. Degustei muito doce e não caiu bem... Podemos ir para casa?

- Mas você estava toda animada para sair... Dor de barriga poderosa essa, hein?! Para te tirar da noite de Paris...

Vitória bufou.

- Deu indisposição... Se quiser pode ir... A gente não nasceu grudada mesmo...

- Calma! Para quem comeu doce demais você está muito azeda... Vamos para casa... Ai, quem sabe, você resolve me contar sobre esse docinho que desceu amargado pela sua garganta?

- O que você está falando?

- Não nasci ontem, Vitória... O que aconteceu de verdade para você desistir de sair?

Quando Valentine colocava alguma coisa na cabeça não existia santo que tirasse. Ela insistiu pela noite inteira até quando pegou o elevador para sair do prédio de Vitória, mas a

loirinha resistiu e não contou nada. O conteúdo daquele e-mail só dizia respeito a ela, Filipo e Miguel. O tio tinha muito a pagar e ela fazia questão de cobrar. Por que Fernanda tinha que ser justamente esposa de Filipo? Eram pessoas tão diferentes, quem os visse na rua não acreditaria que um dia decidiram dividir uma relação tão importante como o casamento.

Sem resposta para suas perguntas, Vitória decidiu caminhar mais para tentar se distrair. Apenas voltou para o estacionamento onde tinha deixado a moto guardada quando já anoitecia. Chegou em casa por volta das dez da noite com uma decisão tomada. O andar debaixo estava completamente às escuras. Apenas encontrou Bianca do lado externo da casa, estava sentada na beira da piscina. Pés na água... Tão reflexiva que Vitória teve que anunciar sua chegada com um "boa noite".

- Ah... Apareceu é? Pode aproximar sem medo. – Alfinetou. – A Giovanna já foi embora...

Vitória sorriu sem graça.

- Ela ficou muito chateada?

- Ela não quis ficar por minha causa, né? – Bianca comentou. – Mas não precisa se desculpar não, você não fez promessa nenhuma... A Gi que gosta de se apegar fácil, canceriana é foda... Deu uns beijinhos e já quer dar uma de namoradinha se deixar. Toda sentimental.

- E você não é assim não? Ontem estava toda grudadinha com o Micróbio...

Bianca sorriu.

- Sou de Virgem, 06 de setembro. Praticidade em pessoa. Tio Gui e meu pai vão me matar quando souberem do Micróbio... – Vitória sorriu. – Segredo, hein?

A loirinha juntou o dedo indicador e polegar e fechou um zíper imaginário instalado em sua boca.

- Sei de nada não... Seu pai também não é de falar muito comigo.

- Não é exclusividade sua. Ele chegou agora a noite do Rio, bateu boca com a minha mãe e já caiu fora. Dá para acreditar?

- Como assim?

- Não vai dormir em casa hoje... – Bianca resolveu se levantar, estava ali há algum tempo já, nem tinha jantado, sentia fome. – Seo Filipo é inacreditável... Vem cá, já jantou?

- Se eu te falar que nem almocei, você vai achar que estou mentindo?

- Ih... Greve de fome é? Bora pedir uma pizza?

- Duas... Porque com a fome que eu estou uma não dá nem para o cheiro...

Após debaterem sobre os melhores sabores e fazerem o pedido pelo aplicativo do celular, as duas primas seguiram para o quarto da mais jovem. Bianca precisava tomar um banho para tirar o cloro da piscina e, enquanto esperava a prima sair do banheiro, Vitória se distraia com um jogo de corrida de vídeo game. Bianca saiu do banheiro já com uma roupa de dormir.

- Deu tempo de tomar banho? Tem certeza?

- Vai te ferrar! – Bianca jogou a toalha sobre Vitória que estava com os olhos na TV, disputando a "pole position" de uma prova com um carro vermelho. – Quem não é acostumado com banho é aquele povo lá do país que você vive...

Vitória riu.

- Olha o preconceito... Não é bem assim.

- Não sabia que você curte game, não. Maior cara de Patricinha.

- Uma porrada de coisa que você não sabe... Principalmente jogar né? – Vitória provocou. – Tenho certeza que os filhos do tio Marcelo batem teu recorde nisso aí... - Bianca jogou a toalha outra vez sobre Vitória, dessa vez fez perder o jogo. – Sacanagem, hein?!

- Tem um caderninho e caneta ali dentro da gaveta... Pega ali pra mim, faça o favor...

Meio sem entender Vitória obedeceu a prima.

- Pra que isso?

- Abre o caderno e anota a lição que você vai levar agora... – Divertida. - Bota esse jogo aí para dois que eu vou te ensinar a jogar...

- Vai á merda, Bianca!

O desafio feito por Bianca foi aceito. As duas jogaram e ficaram conversando amenidades durante meia hora até alguém interfonar e avisar para Bianca que as pizzas haviam chegado. Ela desceu e voltou não apenas com pizzas, mas uma garrafa de refrigerante, talheres e copos. Durante a refeição voltaram a conversar até que Vitória falou qualquer coisa sobre Filipo. Não tinha tocado no assunto à toa. Bianca tinha falado que ele e Fernanda brigaram, ficou curiosa em saber porque. O recurso fez efeito, Bianca acabou relatando aconteceu.

Filipo chegou em casa por volta das sete da noite. Giovanna tinha acabado de sair. Francesco assistia qualquer coisa na TV, Antônia se recolheu em seu quarto e Marcelo também havia saído. Ele perguntou sobre Fernanda ao copeiro e ele informou que ela não estava em casa, saiu de manhã e ainda não havia voltado. Vinte minutos depois Fernanda chegava da casa de Dudu.

- Isso são horas?

- Oi, meu bem... Faz tempo que você chegou?

- Se você estivesse em casa... – Ele respondeu em um tom ríspido. – Você saberia a hora que cheguei e que deixei de chegar...

- Que isso, Filipo? Por que você está falando assim?

- POR QUE? VOCÊ SAI DE CASA, SOME O DIA INTEIRO E AINDA PERGUNTA POR QUE EU ESTOU FALANDO ASSIM? VOCÊ NÃO DEVIA PASSAR O DIA ENFIADA EM SEI LÁ ONDE!

- Em primeiro lugar, você pode falar baixo que eu escuto muito bem, por favor? Em segundo... Eu não estava em sei lá onde, estava na casa do meu amigo e meu chefe que você conhece muito bem.

- Eu não gosto daquele cara...

- Isso é um problema seu... Fernanda retribuiu. – Agora muito me admira alguém que some o final de semana inteiro, não responde uma mensagem e vem tirar satisfações de um jeito tão áspero!

- Eu estava trabalhando!

Bianca resolveu se trancar no quarto antes que o mau humor de Filipo sobrasse para ela. Apenas ouviu quando Filipo disse que iria sair para relaxar porque Fernanda estava intragável. Espiou pela janela quando o carro dele cruzou os portões de saída e foi procurar a mãe. Fernanda não estava muito para conversa, apenas comentou que almoçou na casa de Dudu, que estava

cansada e que iria dormir cedo pois tinha compromisso logo pela manhã.

- Você acha que ele vai dormir fora?

- É foda dizer isso, ele é meu pai, mas é um canalha. – Bianca disse a Vitória. – Eu não conformo em ver minha mãe nesse casamento. Ela é tão gente boa, tão legal com todo mundo... Ás vezes eu tenho um inveja de você sabe?

- De mim?

- Tio Miguel é o oposto do meu pai. Límpido, franco, atencioso... Por que a gente não pode escolher, né? Se pudesse eu escolheria ser filha do tio Miguel. Eu olho para o meu pai e sinto como se tivesse alguma coisa fora do lugar. Desde pequena foi assim...

Vitória sorriu.

- Duvido que você preferia ser filha da Maria Helena do que da Fernanda... – Bianca deu risada. – Não vai falar por aí que eu estou te dizendo, mas ser enteada dela já é um saco.

- Nossa, Vitória... Grandes revelações. – Bianca ironizou. – Se você não tivesse me contado eu nem notaria... Vou te contar um negócio... Você nem sabe disfarçar quando está perto dela. Deve ser uma péssima mentirosa.

- Eu sou indiferente... Quem não vai com a minha cara é ela. Coloca meus irmãos contra mim. Você viu aquele dia na festa? Eu parecia uma estranha pra eles... – Refletiu. – Na verdade eu sou uma estranha para eles... Sabe eu não me imagino tendo uma conversa como...

- Como?

Vitória olhou para Bianca. Se distraiu tanto que falou o que não devia. Agora que tinha começado, precisava terminar.

- Como agora...

Do lado de fora, Fernanda ouvia parte da conversa das duas. Ainda não tinha dormido, resolveu descer para beber um copo d'água e quando subiu percebeu a luz do quarto da filha acesa. Pensou que ela tinha dormido e esquecido a energia ativada. Quando se aproximou escutou a voz de Vitória e não teve coragem de entrar.

- Estranho isso, né? – Bianca comentou desarmada. – A gente nunca se viu antes, mas... Eu gosto muito de você, Vitória. Parece que a gente se conhece há um tempão... Como se a gente tivesse uma sintonia, como fosse amiga, mas é algo mais doce... Eu não sei explicar direito. Não entendo o que é...

Por muito pouco Vitória não derrubou o copo de refrigerante que estava em suas mãos sobre a cama. Ela sentia o suor nas palmas. Mesmo sem intenção, Bianca a atingiu em cheio. Desde que chegou sentia a diferença entre planejar algo e cumprir o que foi traçado. Era difícil olhar para a prima sabendo de tudo e não deixar se abalar. Baixou a cabeça tentando desviar de Bianca mas acabou não dando certo e sentiu seus olhos empoçarem. Tentou limpar com as mãos, mas foi tarde demais.

- Você está chorando? – Bianca perguntou aflita. – Eu falei alguma coisa que não devia, ou que... – Vitória fez um gesto negativo. – O que eu posso fazer por você?

- Me dá um abraço? – Vitória pediu.

Sem maiores questionamentos, Bianca obedeceu às ordens de sua prima mais velha e a

abraçou com vontade, logo após aplicar um beijo em sua testa. Julgou que Vitória se emocionou por causa de suas palavras. Ela sempre foi rejeitada por parte da família, devia ser bom ouvir de alguém que mal a conhecia algo diferente do que escutou a vida inteira.

De certa forma Bianca se identificava com a loirinha, muitas vezes sentia-se como uma estranha no ninho quando estava junto dos Vaccara. Ninguém falava disso abertamente, mas ela sabia que não foram todos que aprovaram a atitude de Fernanda em adotar uma criança negra, filha de uma falecida ex-funcionária da empresa. Após conseguir conter sua emoção, Vitória pediu desculpas a prima e resolveu justificar seu choro com um subterfugio.

- Estava me sentindo mal, sabe? Lembra que ontem à noite eu fiquei aguardando uma pessoa e ela não apareceu?

Bianca fez um gesto afirmativo.

- É aquela garota que veio com você? A Valentine?
- Vocês chegaram a se encontrar?

Bianca negou.

- Não... Mas o tio Marcelo comentou dela comigo, disse que a maior gatinha... – Vitória riu. – Vocês brigaram?
- A Valentine é só minha amiga. Meu problema é outra pessoa.
- Outra mulher...
- É outra mulher. Ela é incrível... É a mulher dos meus sonhos, mas...
- Mas...
- É casada com um crápula... E embora ela goste de mim, ela não vai largar dele porque eles têm uma vida juntos. Eu esperava isso já, mas não deixa de doer... Pensei até em antecipar minha volta para ver se eu tiro ela da cabeça, mas... Eu decidi ficar...
- Fez bem... Você vai ver, logo pinta outra e você tira ela dá cabeça... Fora que se esse cara é mesmo um crápula, ela logo vai entender que não pode ficar com ele e talvez as coisas fiquem mais fáceis para você. – Se levantou da cama. – Se bem que...
- Se bem que o que?
- Eu acho que isso aí é conversa sua pra eu ficar com peninha de você e te deixar ganhar...

Vitória sorriu.

- Abre seu caderninho aí e vamos ver quem vai tomar a lição de quem, convencida.
- Vou lavar a mão e a gente já tira essa história a limpo.

Bianca deu alguns passos, ia entrar no banheiro quando escutou seu nome.

- Bianca... – A garota mais jovem se virou ficando de frente a loirinha. - Nada, só pra dizer que... Eu também sinto como se a gente já se conhecesse. - Vitória confessou. – Eu gosto de você pra caramba!

(...)

- Ela falou isso?
- Falou. – Fernanda confirmou para Dudu. – Disse para a Vitória que gosta muito dela,

como se elas fossem amigas há muito tempo, mas é algo diferente de amizade, que é muito mais doce.

A conversa entre a consultora e seu chefe ocorreu logo após o encerramento de uma reunião que Dudu fez com todos os corretores de seu escritório. Fernanda já ia retornar ao seu computador, mas ele pediu para falar com ela a sós e perguntou sobre a situação em casa.

Apesar de não gostar de focar em assuntos pessoais no horário de trabalho, Fernanda resolveu se abrir com Dudu ali mesmo. Tinha dormido mal por conta da discussão com Filipo e também pensava nas palavras que Bianca tinha dito a Vitória.

- Mas depois que ela disse isso, o que a outra respondeu?

- Não sei... Eu achei melhor não ficar ali escutando conversa particular das duas.

- E o que tem demais? São primas, tem idades próximas... É normal que elas conversem.

- Eu sei que é normal, mas é que a Bianca falou de uma forma... Parecia que... Desde o dia da festa que a Bianca deu aquele vexame por causa de bebida que eu percebi que elas iam se dar bem... A Vitória deu banho nela, no dia seguinte elas foram praquela balada juntas, têm quase a mesma idade, gostos parecidos, falam a mesma língua.

- Não seria coisa de outro mundo.

- A Bianca nunca me contou e eu nunca notei que ela tivesse interesse por mulheres.

- Alô... Já ouviu falar em bissexualidade? – Dudu alertou. – Eu mesmo sou bissexual.

- Você é gay, Dudu... – Ele ia abrir a boca e Fernanda rebateu. – Eu já sei que a única mulher que você transaria é a Beyonce, mas você não tem chances, ou seja, existe bissexualidade, mas você é gay.

Dudu fechou a cara.

- É esse tipo de coisa, Fernanda, que faz você sofrer porque você é uma pessoa ruim. Desfaz sonhos. – Fernanda riu. - Mas retomando ao assunto. Você acha que a Vitória pode estar interessada na Bia?

- Você acha que pode?

- Boa parte das famílias já viram primos namorarem. Já ouvi falar que amor de primo é para sempre. Você mesmo disse... – Dudu relembrou. – Elas têm idades próximas, gostos parecidos, falam a mesma língua, têm afinidades... A Bia é bonita, interessante. Você acha que seria impossível isso acontecer?

Fernanda respirou fundo e meio à contragosto fez um gesto negativo.

- Não... Não acho... – Por fim confessou. - Elas podem estar se gostando...

Os dois foram interrompidos por uma batida na porta seguida de uma voz feminina.

- Sou eu, posso entrar?

Logo identificaram a voz de Daniele. Fernanda foi abrir a porta. Daniele a cumprimentou com um beijo no rosto.

- Oi, Fer... Está bonita!

- Obrigada, Dani...

- Nem fala comigo... – Dudu disse fingindo um falso ressentimento arrancando risos da corretora mais jovem. – Mandei mensagem para você ontem para ir lá no Wag e a senhora

fazendo a egípcia... – A Fernanda. – Foi me responder onze da noite... Eu posso?

As duas riram e Daniele se justificou.

- Ah Dudu... Queria passar o domingo com os filhotes... A Fer viu o espetáculo que o Marcelo deu no sábado, na frente dos meninos. Eles estão com as cabecinhas tão confusas. Achei melhor ficar em casa, com os dois, embaixo da minha asa. Só saímos a noite para dar uma volta no shopping. – E disse a Fernanda. – Comprei um negócio para você. O livro de poesia do Ricardo Domenek que você estava procurando... Achei!

- Jura? Aí, Dani... Quanto foi?

- Não, não... Presente. Você já fez muito por mim. – A Dudu. – Eu precisava falar com você... Aquela planta do projeto do Itaim que o cliente pediu desapareceu dos arquivos.

- Para ela presente e pra mim abacaxi? – Dudu questionou. – Bonito, dona Daniele... Muito bonito... Deve estar em algum lugar nesta bagunça chamada meu computador...

- Bom, crianças... Eu tenho um cliente me esperando do outro lado da cidade... – Fernanda se despediu. – Beijo para vocês...

- Beijo!

(...)

Valentine chegou na mansão dos Vaccara bem na hora que era servido o café da manhã. Nem foi preciso que o copeiro anunciasse a chegada a Vitória. A loirinha descia as escadas acompanhada de Bianca no momento que Valentine cumprimentava Francesco e Antônia. Ao ver a neta mais velha, a matriarca dos Vaccara sorriu.

- Aí está você... Eu passei pelo seu quarto e vi a porta aberta, a cama arrumada. Achei que você tivesse saído.

- Não, vó... Ela dormiu no meu quarto. Nós ficamos assistindo série até tarde.

Bianca não havia mentido, após jogarem mais um pouco, Vitória sugeriu que escolhessem alguma coisa para assistir e escolheram uma série. Só foram dormir depois das três da manhã.

- Jura, Bianca? – Valentine palpitou. – Aposto que a Vitória quis ver Friends. Ela ama.

- É... Percebi que ela é viciadinha mesmo... Sabe as falas...

- Eu também sou viciadinha. Ah sabe qual eu gosto também? Seinfeld. Já assistiu?

Durante o café as duas papearam bastante sobre séries e Marcelo também participou da conversa deixando Vitória e os mais velhos como ouvintes. No término de seu desjejum, Valentine subiu para o quarto com o intuito de desfazer suas malas. Vitória foi logo atrás para se trocar, queria aproveitar o dia para visitar o escritório da família. Valentine prendia os cabelos para tomar banho quando Vitória entrou no quarto.

- E aí? Deu para curtir Jurerê? Matou a saudade da família?

- Bastante... Tirei o domingo para ficar ao lado deles... – Provocou. - E pelo visto você fez o mesmo, né? Você tem uma nova fã...

- Não aconteceu nada entre a Bia e eu... Só assistimos TV juntas e peguei no sono lá... Não é nada do que você está pensando...

- Ela gosta de você, Vitória... De um modo muito especial pelo jeito. – Sorriu. – E depois

duvidam do sexto sentido de mulher.

- Que história é essa de sexto sentido?

- Qual é a outra explicação para a Bianca desenvolver uma identificação forte, em tão pouco tempo, pela própria irmã? – Ao ouvir a palavra irmã, a loirinha sentiu sua espinha gelar. Arregalou os olhos assustada. – Já sei de tudo, Vitória.

CAPÍTULO 10

"Já sei de tudo, Vitória".

A curta frase dita pela francesinha/catarinense caiu como uma bomba nos ouvidos da loira. Valentine não blefava quando disse que sabia de tudo. De alguma forma ela havia descoberto. Vitória precisava saber como. Foi cuidadosa por bastante tempo e, mesmo assim, Valentine decifrou o mistério. Será que outras pessoas na casa também perceberam algo?

Valentine precisava responder essa e outras perguntas. Ali não era o lugar ideal para tratar de um assunto tão delicado. Sem questionamentos, Vitória pediu que Valentine a esperasse na garagem da mansão que logo ela a alcançaria. Alguns minutos depois apareceu com dois capacetes.

- Eu peguei um só na locadora, eu tive que pedir emprestado para o meu tio.

- Você devia pensar seriamente em comprar uma moto. – Valentine gracejou. – Te deixa com um ar bastante sexy.

Vitória estendeu um dos capacetes a Valentine e logo colocou o seu. Não estava nem um pouco humorada. O clima entre as duas seguiu tenso até o destino final. Praça do Pôr-do-Sol, no bairro de Pinheiros. Era um dos poucos lugares que Vitória conseguia chegar em São Paulo sem precisar de GPS e de pedir informações a ninguém. Um de seus locais preferidos na megalópole.

Devido ao horário, elas encontraram o espaço verde quase vazio. Apenas alguns casais de adolescentes namoravam e um grupo de uns cinco alunos de alguma escola da redondeza aproveitava para fumar um cigarro que Valentine tinha plena certeza que era ilícito. Vitória passou pelos casais de namorados, pelos uniformizados e escolheu ficar embaixo da uma árvore frondosa, afastada de todos. A mulher ruiva, que não conhecia a praça, encantou-se com o espaço. Dava para visualizar boa parte da cidade. Nem mesmo as guimbas de cigarro no chão conseguiram tirar o entusiasmo de Valentine.

- Nossa, eu nunca ia imaginar um lugar desses em São Paulo... Olha que luz maravilhosa essa para fotos ao ar livre.

- Vale, como você soube?

Valentine olhou para Vitória.

- Como você está tensa... – Brincou. – Acho que você vai ter de pedir um teco do cigarrinho para a pirralhada do colégio para relaxar...

- VALENTINE!

- Calma... – A mulher de cabelos vermelhos pediu. Segurou nas mãos de Vitória. – Respira fundo e calma...

Aquela história devia mesmo estar torturando Vitória por meses. Nunca tinha visto ela perder o controle daquele jeito. Sempre tão segura, agora Valentine sentia as mãos da loirinha

trêmulas. Vitória seguiu as ordens dela e respirou fundo. Ao invés de se acalmar, deixou que um choro contido de muito tempo fosse colocado para fora. Precisava daquilo há meses.

Desde que descobriu a verdade, a única pessoa para quem contou tudo foi o detetive particular que lhe passava algumas orientações. O contato entre os dois era meramente impessoal. Todo feito por e-mails e mensagens de aplicativo. Bem diferente de falar sobre um assunto tão delicado olhando nos olhos de um amigo que conhecia os personagens da narração e entendia suas reações.

Vitória chorava tanto que deixou que Valentine a acolhesse nos braços e a consolasse. Não sabia quanto tempo ficaram ali, protegidas na sombra daquela árvore. Quando conseguiu cessar o choro, Vitória percebeu que a praça estava quase sem ninguém. Até o grupo de moleques da escola já tinha ido embora. Valentine estava sentada com as pernas esticadas permitindo que ela deitasse a cabeça em suas coxas enquanto aplicava alguns carinhos em sua cabeça. Ao perceber que as mãos de Vitória tinham parado de tremer, ela abriu um sorriso.

- Que bom que você está melhorando... – Vitória abriu um sorriso encabulado. – Não acredito que você aguentou isso sozinha esse tempo inteiro...

- Como você descobriu? – Vitória questionou. Com o retorno da calma, agora voltava a raciocinar melhor. Levantou a cabeça e se sentou de modo que pudesse olhar para o rosto de Valentine. – O que eu disse para você descobrir?

Valentine abriu um sorriso e por fim fez um gesto negativo.

- Nada. Você sabe esconder mesmo um segredo. – Brincou. – Eu que peguei seu pen drive por engano achando que era o meu e lá estava alguns arquivos do seu e mail salvos... Depois eu consegui entrar no seu e-mail e vi tudo. Que loucura isso tudo em Vitória.

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Imagina a minha cabeça... Estou lá em Paris, achando que está tudo bem. Abro um e-mail que muda a vida de trezentas pessoas. Minha, da Bia, do meu pai, da Fernanda...

- Eu não entendo como você suportou tudo isso esse tempo inteiro. Você e a Bia são irmãs. – Fez uma pausa. – Se bem que pode ser um teste falsificado, né? Você não fez ainda o exame de DNA comparando...

Outro não de Vitória.

- Eu roubei a escova de dentes dela... Eu vou fazer, por uma questão de segurança, mas no fundo não precisa. Eu sinto, sabe? Desde a primeira vez que eu bati os olhos nela, naquela festa eu senti. Temos uma ligação que eu nunca tive com os meus irmãos mesmo e... – Valentine olhou para Vitória. – Você entendeu o que eu quis dizer? – Confessou. – Tudo é tão confuso pra mim...

Valentine fez um carinho no ombro de Vitória.

- Pode ser confuso, mas sabe que até que faz sentido... Combina, entende? O olhar, o formato da boca. – Vitória olhou para Valentine sem entender. – A Bia parece ser uma pessoa legal. Você vai precisar de um DNA para comprovar que está falando a verdade, lógico. Mas eu também sinto que vocês são irmãs... – Vitória abriu um sorriso. Ficou satisfeita em ouvir aquilo. – Agora uma pergunta... A pessoa que denunciou tudo para você... Ela odeia o seu...

- Pai? – Vitória disse em tom decepcionado. Valentine ergueu os ombros como se

quisesse dizer que não tinha outro jeito. – É... Pai...

Era algo que Vitória pensava o tempo inteiro. Só uma pessoa muito próxima para saber de tudo aquilo em detalhes. A pessoa tinha acesso a objetos pessoais seus e livre acesso a casa dos Vaccara. Ela desconfiava quem era.

- Alguém que quer vê-lo destruído e me destruiu também de certa forma. Só uma pessoa que eu conheço me odeia desse jeito, mas eu não quero levantar falso testemunho antes de ter certeza.

- Mas depois que esclarecer tudo, o que você vai fazer com essas informações? Você vai ter coragem de confrontá-lo?

Era a mesma pergunta que Vitória se fazia todos os dias desde que abriu aquele maldito e-mail anônimo que chegou em sua conta. O mensageiro quis acabar com sua vida. Além de revelar sobre sua ligação com a Bianca, ainda fez acusações sobre seu suposto pai. Se tudo que estava naquele e-mail era verdade, ela e Bianca eram filhas de um crápula. Era decepcionante pensar daquela forma, mas era a mais pura verdade.

- Ele é um canalha, Vale... Tem que pagar pelo que fez... Isso é justiça.

- Justiça cada vez mais parece coisa de cinema. Vida real, se a gente não abre os olhos, a pessoa sai ilesa, lépida e feliz...

- Por isso mesmo eu tenho que deixar tudo bem armado para ele cair... Eu não estou me fazendo de morta esse tempo todo à toa. O que me motiva é que o meu papai vai pagar por ter enganado todo mundo esse tempo todo usando a fantasia de bom moço. Vou acabar com a vida dele, nem que toda a minha família me odeie para sempre. – Afirmou determinada. – Esse cara vai pagar por tudo que ele fez ou eu não me chamo Vitória Vaccara.

- Só toma cuidado. Quando a gente olha para um precipício, o precipício também olha para gente. Cuidado para não se machucar e machucar quem não deve. – Valentine aconselhou. - Aliviada?

- Parece que eu tirei uma geladeira das costas. – Vitória brincou. Olhou no relógio de pulso. – É melhor a gente voltar para casa. Meus avos almoçam cedo e eu prometi que depois do almoço sairia com o vô Francesco para ir até o escritório da Vaccara.

- Tá bom... – Valentine foi a primeira a se levantar seguida de Vitória. – Só uma coisa, garota... Eu sei que você está toda babona pela Bia... Que é carne nova no pedaço e tal, mas eu estou do seu lado para o que der e vier... Você sabe disso, não sabe? Você sempre teve uma irmã, não sabe?

Vitória fez um gesto afirmativo e em seguida deu um abraço em Valentine. No fundo se sentia até agradecida por ela ter invadido sua privacidade. Se não conversasse com alguém sobre aquilo, era capaz de explodir.

(...)

Na construtora, as coisas estavam corridas. Fernanda não conseguiu almoçar, estava na entrada de um restaurante com Dudu quando recebeu uma mensagem de Daniele. Teria atender um cliente no lugar da amiga.

- Mas o que aconteceu com a Dani?

- Ela foi chamada no colégio do Emílio... Parece que ele não está muito bem e ela vai ter que levá-lo ao médico. O Marcelo foi encontrar com ela.

- Desmarca com o cliente, marca para outro dia.

- É aquela advogada de Recife, representante do escritório Werneck. Lembra que você pediu para ela carregar a mulher no colo se fosse possível?

- A Ligia Werneck? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Então esquece o que eu disse e vai... Essa mulher é uma das maiores advogadas do país. Só cuida de empresa top de linha e eu estou doido para deixar a construtora com ela, vai que depois eu te levo uma quentinha deliciosa... Essa mulher não pode esperar nem por um minuto.

Fernanda deixou seu prato sobre a mesa e a conta para Dudu pagar. O apartamento que teria que mostrar a Lígia Werneck ficava quase do outro lado da cidade, não podia perder tempo em filas. Por sorte o trânsito fluía bem nas ruas de São Paulo. Chegou alguns minutos antes da advogada que era cliente de Daniele. Juntas visitaram quatro apartamentos até Ligia se agradar de uma cobertura localizada entre os bairros de Pinheiros e Vila Madalena. Após o término da compra, Fernanda confessou a Lígia sua impressão.

- Esperava que você fosse escolher aquela primeira cobertura que vimos no Brooklin, pelo que você disse ficava praticamente na esquina do seu serviço...

- É, para mim ficaria bem mais prático mesmo, mas minha esposa foi criada na Vila Madalena, artista, né? Acho que ali ela vai se sentir mais em casa... E outra... Ela está largando aquele mar maravilhoso de Boa Viagem por minha causa, o que são alguns minutos de carro para ela se sentir melhor, não é?

Fernanda abriu um sorriso simpático.

- Verdade, ela vai adorar... Eu vou ter que ir, eu posso te deixar onde?

- Não, não se preocupa comigo, eu tenho umas coisas para fazer na rua antes de voltar ao hotel.

As duas se despediram e Fernanda finalmente pode parar e almoçar. No término de sua refeição olhou no relógio e viu que já passava das quatro da tarde. Conseguiu chegar na imobiliária quase cinco. Dudu a esperava em sua sala, parecia ter roído todas as unhas das mãos.

- Mulher, você estava mostrando apartamento ou construindo o prédio com a advogada? Conta!

- Cliente exigente, ué... – Fernanda se explicou. – Mas não foi caroço não... Ficou com a cobertura mais cara.

- Aquela entre Pinheiros e Vila Madalena? – Dudu abriu a boca surpreso. – Jurava que ela ia ficar com a do Brooklin.

- Quis agradar a esposa que preferia Vila Madalena.

- Esposa? – Fernanda fez um gesto afirmativo. - Menina, não sabia... – Riu. – As LGBT’s tão ficando cada vez mais poderosas né? Que tudo... Fica a dica, viu, querida...

- Fica a dica? – Fernanda brincou. – Voltamos a 2010?

- Não se faz de tonta não... Você entendeu o que eu quis te dizer...

Fernanda fez um gesto negativo.

- Entendi, mas prefiro focar em serviço que eu faço melhor... E a Dani, voltou?

- Voltou, toda amuada... Parece que o Emílio tem é sério viu... Ele vai precisar fazer um exame chamado mielograma. O Dirceu fez ano passado, lembra?

Fernanda se lembrava. Dirceu era um ex-corretor da imobiliária. Um dos mais competentes que conheceu, muito dedicado. Aos poucos foi adoecendo, adoecendo, negligenciava a saúde e quando viu estava com leucemia. Fez todo o tratamento necessário, mas foi em vão. Tinha falecido há três meses.

- Aí meu Deus... A Dani deve estar arrasada...

- Está sim... Ainda discutiu com seu cunhado, já viu. Eu dei dispensa, mas ela insistiu em ficar, disse que se distrai... Vai lá falar com ela?

- Claro... Licença...

(...)

- Tem certeza que vai mais Marcelinho?

- Tenho... Tenho sim... Deixa a garrafa... – O balconista olhou para Marcelo um tanto desconfiando, ele tomou a garrafa das mãos do rapaz. – PODE DEIXAR, PORRA!

O The Joy, bar que ficava próximo ao campus da faculdade Mackenzie era praticamente a segunda casa de Marcelo em São Paulo. Começou a beber ali na época da faculdade e se tornou um dos clientes mais gastões do local. Mesmo após encerrar os estudos, não conseguiu se afastar do The Joy (quando não estava internado ou em período de recuperação). Os garçons o tratavam pelo nome e alguns clientes mais jovens o julgavam como lenda urbana da área.

Assim que saiu do consultório médico com a fatídica notícia de que o filho mais velho poderia ter algo mais grave, Marcelo decidiu seguir para seu bar preferido. Não ia conseguir lidar com aquilo de cara limpa.

Primeiro pediu uma cerveja. O garçom questionou se estava mesmo decidido a seguir em frente e por pouco não apanhou. Quinze minutos depois já trazia a segunda garrafa para a mesa de Marcelo que a liquidou em menos de quinze minutos. Então começou a pedir doses de uísque. Primeiro uma comum, depois uma dupla e assim foi até completar uma garrafa inteira. Fez um sinal que ainda não estava satisfeito.

O garçom veio com a segunda garrafa. Ao vê-la cheia decidiu compra-la. Com medo de agressões, o sujeito deixou a garrafa na mesa e foi se comunicar ao gerente. Marcelo já estava para lá de bêbado na mesa. Não dizia coisa com coisa, se continuasse no estado que estava era capaz de sair sem pagar ou então fazer escândalo.

- Mas não são nem seis horas da tarde... – O gerente comentou. – Ele já enxugou tudo mesmo?

- Esse cara vai dar ruim... Daqui a pouco ele apaga. – O garçom avisou. – Quer que eu cobre ele? Pelo menos a gente não toma prejuízo...

Ele fez um gesto negativo.

- Uma vez o pai dele veio aqui e deixou o telefone da casa. Eu vou ligar para lá e vejo se tem alguém para busca-lo. Assim a gente recebe e esse maluco não bota a vida dele e de mais ninguém em risco. Só não deixa ele ir embora antes de aparecer alguém.

- Beleza...

Quarenta minutos. Esse foi o tempo que Marcelo levou para acabar com a segunda garrafa de uísque. Decidiu levantar para pegar outra e sem querer esbarrou com um sujeito que

tinha acabado de sair da Mackenzie. O restante do uísque da garrafa entornou na blusa do rapaz. Parecia ser uma peça cara, de marca. Ele, nada feliz com o episódio, descontou toda sua revolta em Marcelo.

- Aê, tio... A merda que você fez!
- Calma... Roupa não é descartável não...
- Tá me tirando? – E sem pensar duas vezes aplicou um empurrão em Marcelo que já não estava muito firme. – Tá me tirando, filho da puta?! VAI PAGAR UMA CAMISA NOVA!

Marcelo foi devolver o empurrão e foi derrubado com um soco na cara. Aquela altura os dois já eram o centro das atenções do bar. Os garçons tentaram conter a briga, mas o rapaz que bateu em Marcelo era bem forte. Quando Valentine chegou na porta do The Joy e avistou a confusão, correu entre os dois para tentar entender o que acontecia. Inconformado, o rapaz cobrava a camisa e só sossegou quando Valentine lhe deu uma gorda quantia em dinheiro que cobrisse o gasto da camisa. Além da peça ela também arcou com a conta do bar. Marcelo mal conseguia andar. Além do álcool sentia dor por causa do soco que levou na cara, Valentine se viu obrigada a ampará-lo até o carro.

- Meu Deus, o que dá na cabeça de alguém beber tanto assim?
- O que você está fazendo aqui hein, ô...Coisinha?
- Valentine! – Valentine o recordou. – Estou combatendo todo o mal da cidade, donzelo... – Ironizou. – O que você acha? Ligaram para sua casa falando que você estava dando defeito pela rua. Por acaso eu atendi, peguei o endereço daqui e vim... Suas sobrinhas estão na rua, seu pai saiu, a Fernanda saiu, fiquei sem graça em falar para sua mãe.

Marcelo se desesperou.

- Minha mãe vai dizer que eu estou doente.
- E uma pessoa que bebe tudo que você bebeu em menos de duas horas é o que?
- Não quero internar, Valentim.

Valentine riu.

- Valentine... Eu sou mulher. - Ela abriu o carro e jogou Marcelo no banco carona. – Valentim é nome de mosqueteiro.

Marcelo sorriu.

- Então me ajuda, mosqueteira... Não quero ser internado.

Valentine riu.

- Mosqueteira, é? – Olhou para Marcelo, Vitória tinha mesmo uma família muito interessante. Marcelo era o mais bonito dos irmãos, tinha os olhos azuis e grandes de Filipo, mas alguma coisa de Miguel. Talvez a barba por fazer e os cabelos escuros. – Não conta pra minha mãe...

Ela fez um gesto negativo.

- Um homem desse tamanho, já com cabelo branco falando em mamãe... Mereço viu... Devia ter vergonha de dar esse tipo de trabalho.

- Meu filho está doente...

- Devia ficar sóbrio então pra ajudar a cuidar dele. – Valentine bronqueou. – Não vou contar pra sua mãe nem deixar ela ver você assim, mas pode pensando em um presente bem legal para me recompensar... Vai ser nosso segredo. – Marcelo olhou para Valentine e riu. – Ri não, vocês não são donos de joias, tesouros de piratas e tal? Pensando o que, bem? Quem trabalha de graça é relógio... Vai... Coloca o cinto!

(...)

Vitória e Francesco passaram a tarde inteira envolvido com os escritórios da Vaccara. Primeiro foram conhecer as acomodações que ficavam localizadas no bairro dos Jardins e depois algumas lojas espalhadas por diversos shoppings de São Paulo. Por fim participaram de um café da tarde com outros empresários em um hotel em Alphaville.

Chegaram em casa já de noite, Francesco subiu para os seus aposentos e antes de fazer o mesmo, Vitória decidiu tomar um copo d'água. Na cozinha encontrou com Fernanda, que tinha acabado de chegar do serviço. Era a primeira vez que ficavam a sós desde o dia anterior. A tensão entre as duas era praticamente visível.

- Desculpa, eu não sabia que você estava aqui, tia.

- A casa é sua, Vitória... Da sua família, você pode entrar onde quiser.

- Só vim pegar um copo d'água mesmo.

Fernanda fez um gesto afirmativo, assistiu ela se servir do copo d'água e beber com pressa, como se desejasse acabar com aquele momento logo.

- Vitória, eu acho que não precisamos de nada disso. O que aconteceu não deve acontecer mais, mas acho que nada impede de ficarmos no mesmo ambiente. Não é mesmo?

Vitória até gostaria de ter essa visão prática de Fernanda, mas não conseguia agir daquela forma. Era mais forte que ela. Se estava no mesmo ambiente que Fernanda, se sentia a respiração dela era impossível estar indiferente.

- Eu só queria a água mesmo, tia Fernanda, já estou indo para o meu quarto.

- Por que você está me chamando de tia? Você nunca foi de me chamar assim.

- Porque eu tenho que me acostumar com essa ideia, não é, tia Fernanda? Vou para o meu quarto.

Vitória se virou, chegou a dar alguns passos, mas deteve-se quando ouviu Fernanda chama-la.

- Que foi?

- Sobre os apartamentos. Eu queria te avisar que eu separei alguns hoje que talvez te interessem.

Vitória fez um gesto negativo.

- Meu pai que está interessado em apartamento, eu não. Se ele quer comprar, o dinheiro é dele, eu vou pedir para ele escolher e cuidar de tudo para mim. O que ele escolher para mim está ótimo. Acho que será mais confortável para todo mundo, não é mesmo?

"Não. Não vai ser mais confortável", foi o que Fernanda pensou. Não imaginava que

Vitória pudesse ser tão distante daquele jeito com alguém. Nem parecia ser a mesma garota que alguns dias antes tinha ido lhe paparicar com um creme de queijo no quarto, que se declarou para ela, fez cenas de ciúmes. Quando disse a Vitória que o que fizeram foi errado nunca imaginou que ela agiria daquela forma.

- A decisão é sua.

- Eu prefiro assim. Qualquer coisa referente ao apartamento você fala com meu pai, ele dá a palavra. – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Boa noite, tia.

- Boa noite.

Aquela foi praticamente a única conversa que tiveram durante toda a semana. Quando a família estava reunida trocavam poucas palavras, Vitória fazia questão de falar apenas o extremamente necessário. Ninguém comentou nada, mas todos percebiam que a loirinha estava mais recolhida que o de costume. Apenas viam ter longas conversas com Bianca ou Valentine. Miguel, que sempre foi um grande observador da filha, decidiu procurar pela ruivinha para saber o que acontecia. Vitória não tinha dito nada a Valentine sobre Fernanda, mas ela sabia que alguma coisa tinha acontecido. Claro que não contou nada a Miguel.

- Acho que é impressão sua mesmo, Miguel... Não aconteceu nada demais com a Vitória.

- E os apartamentos que a Fernanda está mostrando para ela? Ela não gostou de nenhum?

- Olha, Miguel, ela não foi ver apartamento nenhum. Outro dia a Fernanda até comentou na mesa sobre alguns lançamentos de condomínio, mas ela disse que era para a Fernanda falar com você. Acho que a Vitória não está interessada em ver os apartamentos.

A resposta não deixou Miguel nada feliz. Como Vitória ainda não tinha descido para tomar café, ele resolveu bater em seu quarto. Ao ver que se tratava de Miguel, Vitória abriu um sorriso.

- Oi pai, tudo bem?

- Não... Não estamos nada bem... – Miguel entrou e fechou a porta do quarto. – Por que você está se desfazendo de um presente que eu estou te dando com tanto amor e carinho?

- Eu?

- Você... Eu soube que a Fernanda veio te mostrar uns apartamentos e você nem se interessou em conhecer... – Fez uma pausa. – O que está acontecendo?

(...)

Aquele não era o único conflito matinal na casa dos Vaccara. Daniele, Mário e Emílio dormiram na mansão na noite anterior pois naquela manhã Emílio ia fazer o exame de mielograma. Como teria que colher sangue, o menino quis ir acompanhado do pai e Daniele resolveu passar a noite na casa da família do ex-marido. Como era de costume, quando estavam hospedados ali, Marcelo foi dormir no quarto dos meninos e Daniele ficou na cama do ex-marido.

Ela acordou, foi pegar uma toalha no guarda roupa e sem querer deixou cair uma caixa aveludada em formato de quadrado. Uma embalagem daquelas só podia ser alguma joia. Curiosa, Daniele abriu a caixinha e encontrou uma tornozeleira de ouro com um pingente em ouro branco com o formato de um chapéu de mosqueteiro. Era uma peça de excelente gosto. Marcelo entrou em seu quarto para pegar uma roupa limpa e encontrou a mulher com a joia na mão.

- Que isso, Dani? Está mexendo nas minhas coisas?

- Eu fui pegar uma toalha limpa e essa coisa caiu. – Daniele se explicou. Olhava para a peça encantada. – Nossa, mas é tão bonita, Marcelo, tão delicada... – Olhou para o ex-marido. – Faz tempo que você não me dá nada.

Marcelo abriu um sorriso amarelo.

- Olha, Dani... Que bom que você gostou porque eu confio no seu bom gosto, mas isso não é pra você... É presente para uma amiga. – Marcelo retirou sua roupa que estava separada dentro do guarda roupa. – Vou tomar banho, os meninos já estão trocados, depois você guarda na caixinha direitinho.

E sem mais explicações entrou no banheiro. Daniele não acreditava no que estava ouvindo. Marcelo estava interessado em outra mulher, era isso? Precisava descobrir quem era.

(...)

Fernanda passou boa parte da manhã fora do escritório. Teve que acompanhar um cliente até o Ipiranga e em seguida foi ao cartório fazer a documentação do apartamento. Conseguiu sair do local ao meio dia, decidiu seguir para o almoço antes de voltar para a construtora. Ao chegar lá encontrou com Dudu no corredor. Ele tinha novidades.

- Tem uma cliente à sua espera no escritório. Está aí há uns vinte minutos. Ela vai ver uns apartamentos.

- Cliente minha? Mas eu não marquei com ninguém aqui. Tenho um cliente me esperando em Santana.

- Eu vou no seu lugar. Você atende a nova cliente.

Fernanda cruzou os braços desconfiada.

- Desde quando você deixa cliente esperando sozinha no meu escritório?

- Cliente nova, mas velha conhecida...Ela está a sua espera e eu estou indo para Santana. Beijinhos! – Antes de se retirar, Dudu gracejou. – Não se esquece, hein? Curtindo a vida adoidado, Twist and Shout.

Fernanda fez uma careta confusa e Dudu foi embora antes que a amiga viesse lhe cobrar mais explicações. Sem saída, Fernanda entrou em seu escritório, logo reconheceu sua “velha conhecida” e entendeu a referência de Dudu.

- Vitória? O que você está fazendo aqui?

- Eu falei com meu pai sobre o apartamento e ele prefere que eu escolha. Disse que é um presente e eu não quero que ele pense que eu estou me desfazendo de algo que ele me deu... – Sem graça. – Desculpe por ter sido grosseira com você durante essa semana. Será que você pode me ajudar a escolher um apartamento?

CAPÍTULO 11

- Até hoje eu não entendo porque eu ainda não matei você. – Fernanda jogou na cara de Dudu que ouvia tudo com ar divertido. – Eu estou falando sério, porque motivo não me faltou! – E por fim cobrou dele. – Por que você não disse que a Vitória estava no meu escritório?

- Por que? Você pretendia se preparar melhor? Quer colocar aquela lingerie que eu vi você comprando na hora do seu almoço? – Dudu gracejou tirando completamente a cor da face de Fernanda. – Quem não está sendo nada profissional é você. A Vitória é uma cliente como outra qualquer. Quer dizer, ela é linda de rosto, tem aqueles olhos azuis que parecem duas piscinas olímpicas e aquela boca maravilhosa, divina de corpo, possui aquele brilho radiante na pele que só se tem aos vinte anos, mas não é por causa de pequenos detalhes como esses que ela deve ser tratada de forma diferenciada dos outros... Ou estou errado?

A conversa dos dois ocorria no escritório de Dudu. Fernanda pediu um minuto para Vitória, com a desculpa de que iria pegar dados sobre os apartamentos e foi tirar satisfações. Dudu imaginava que seria aquela reação de sua amiga, ele já estava à sua espera e com uma ideia traçada. Como os dois se conheciam muito bem, Fernanda logo adivinhou os planos de Dudu.

- Você acha que vai me manipular a sair com a Vitória colocando meu profissionalismo em jogo?

- Olha, se você não se sente capacitada para lidar com essa situação, posso chamar outro corretor.

- Eu vou sair por aquela porta, passar o dia inteiro mostrando apartamentos e não porque eu caí nessa sua manipulaçãozinha barata, mas porque é o correto a se fazer... Sabe o que acontecerá entre nós? Nada! – Dudu sorriu debochadamente. – Não vai rolar, não vai acontecer nada. Aposto com você.

- Feito! Um bolo de cenoura daquela confeitaria da Sé?

- Aquele fofinho com cobertura de chocolate?

- O próprio. Se não rolar nada, eu te trago um bolo inteiro daquele. Caso contrário você traz. – Dudu propôs.

Fernanda concordou e selaram o acordo com um aperto de mão.

- Como você vai saber se eu estou falando a verdade?

- Confio em você. Você é burra, entretanto é honesta.

- Sou honesta mesmo. – Fernanda garantiu. – Temos uma aposta.

(...)

- Olha, não falamos sobre o apartamento que você quer, eu separei alguns para visitarmos hoje. – Fernanda se explicava a sobrinha. – Manteremos na faixa de preço que seu pai pediu e em bairros que talvez você simpatize.

- Todos aqui na cidade?

- Sim. – Fernanda abriu a porta do carro para Vitória e tomou o seu lugar de motorista. Entregou uma pasta a loira. – São folders dos condomínios que vamos visitar.

- Para onde estamos indo agora?

- Pinheiros. Um conjunto muito organizado, você vai gostar.

Enquanto dirigia, Fernanda passava detalhes sobre os apartamentos a Vitória. A estudante tentava prestar atenção no que ela dizia, mas volta e meia se perdia admirando-a. Não sabia ser indiferente a Fernanda e não tinha o mínimo desejo de algum dia saber ser. Era inevitável.

Parecia que toda vez que se viam, seu corpo inteiro exclamava: Fernanda!

Em alguns momentos se pegava espiando Fernanda pelo retrovisor. Uma das vezes Fernanda chegou a notar, mas nada disse. Agiu naturalmente e continuou a falar de seu serviço. O mercado imobiliário devia ser mesmo sua praia. Ela falava de modo entusiasmado. Nessas horas, Vitória se permitia admirar demoradamente pensando no que a tia diria se soubesse tudo que passava por sua cabeça. Em vinte minutos fizeram a primeira parada.

- Aqui será meu futuro endereço?

- É um projeto interessante, mas eu aconselho a visitar o máximo de apartamentos possíveis. – Fernanda acionou o alarme do carro. – Pronta?

- Prontíssima!

(...)

- Não dá para acreditar, Filipo! – Daniele retrucou. – Você vive reclamando de falta de foco da minha parte e agora vai dar showzinho por causa ciúme?

A discussão do casal ocorria na sauna da mansão da família. Durante a semana era raro ver alguém ali, por isso o local era visitado pelos dois em diversas ocasiões. Tudo era feito com discrição. Diante dos outros, quase não se falavam, a maior parte da comunicação era feita por mensagens. Primeiro saia um e depois o outro. A maioria dos encontros na sauna era de cunho sexual, a chance de serem flagrados atiçava a libido de ambos.

Daniele entrou na sauna acreditando que seria um encontro como os outros, mas percebeu algo errado quando foi beijar e Filipo desviou. Ao chegar em casa, ele havia encontrado Marcelo e os filhos de saída, iam encontrar com Bianca para tomar sorvete. Após o encontro com Marcelo, Filipo avistou Leandro que veio com um recado da esposa, ela trabalharia até tarde.

- Droga! – Bufou com raiva. – A Fernanda sabe que eu detesto chegar e encontrar a casa assim, abandonada! Por isso que a Bia está solta na vida. Ela não cuida da filha! – Com raiva tirou o paletó. – Esse calor está de matar.

- O senhor aceita um suco de abacaxi? – Leandro ofereceu. – Eu levei um copo para a dona Daniele e ela gostou.

- Daniele está aí?

- No quarto do doutor Marcelo, tomando banho.

- Do Marcelo? – Questionou. Daniele estava acostumada sim a dormir na mansão dos Vaccara, mas no quarto de hóspedes. – O que aconteceu com os outros quartos?

- Sua sobrinha está hospedada em um e o outro está com um problema de infiltração, sua mãe não quer ninguém lá. – Leandro respondeu. – O senhor aceita o suco?

- Traz um uísque. Puro!

Enquanto Leandro foi providenciar o pedido do patrão, Filipo mandou uma mensagem exigindo que Daniele o encontrasse na sauna. Tomou banho e em seguida foi apreciar sua bebida. Encontrou com Daniele após a segunda dose. Ela lhe devia explicações sobre dividir o quarto com Marcelo. Ao ser questionada, Daniele riu. Filipo não gostou.

- Não é ser coerente, a questão é que não quero você metida lá dentro! Inventa uma desculpa e dorme com os moleques.

- Eles não me deixam dormir, não vou! – Riu. – Seria cômico se não fosse deprimente essa cena. – Provocou. – Tá inseguro é? – Debochada. - Até que você tem um pouco de razão... O Marcelo voltou a malhar, está ficando bem interessante e... – Daniele foi interrompida pelo

copo de uísque do amante que voou em sua direção. Só não atingiu porque ela desviou rapidamente. Um estilhaço de vidro rasgou sua perna. Filipo nunca se mostrou tão violento. Assustada. – VOCÊ ESTÁ FICANDO LOUCO?

- Para você aprender que quando eu falo sério, eu gosto que falem sério comigo! – Afirmou com o dedo em riste. – Entendeu?

- Porra nenhuma! – Ela reagiu de forma severa. – EU NÃO VOU ACEITAR SEUS COICES NÃO, EU NÃO SOU A FERNANDA!

Filipo a mediu de cima abaixo.

- Claro que não, ela se dá ao respeito, não age feito uma vagabunda de calçada! – Decidido. – Estou indo, você já sabe o meu recado, né? Fica longe do meu irmão! – Antes de sair disse. – E limpa isso, não quero ninguém fazendo fofoca depois.

A vontade de Daniele era juntar todos os cacos do copo quebrado e jogar sobre Filipo, entretanto atendeu as ordens dele. Daniele era esperta, se Filipo não tinha interesse que os empregados soubessem de algo, ela tinha muito menos. Se alguém descobrisse sobre o caso, os dois estariam com um problemão, mas o de Filipo era bem menor do que o dela já que, mal ou bem e,le tinha uma conta recheada no banco. Ela era o lado mais fraco e sabia muito bem de seu papel no jogo, por isso deixou o chão intacto. Existia outras formas de machucar Filipo sem precisar usar aqueles estilhaços.

(...)

Bianca tinha saído de casa logo cedo. Apesar de ainda estar de férias da faculdade, o grêmio estudantil estava funcionando a todo vapor. Passou o dia na rua, estava cansada, mas não conseguiu dizer não ao convite de seu primo mais novo, Emílio. Os filhos de Marcelo eram seus “xodós” pessoais. Encontrou o tio e os primos na sorveteria. Apesar da aflição pelo exame de Emílio, eles pareciam bem. Marcelo estava diferente. Bianca tentou adivinhar o que acontecia com o tio, insistiu tanto que por fim ele contou.

- Acho que a Dani sente algo por mim ainda. Dá para acreditar?

Era realmente difícil de crer. Bianca tinha cansado de aconselhar o tio a esquecer Daniele e buscar por uma nova paixão. Ela percebia que Daniele estava em outra. De onde surgiu aquele interesse súbito?

- Tio, você tem certeza? Vai acabar se machucando de novo...

- Não é viagem. Tudo que eu digo para vocês é viagem!

- Não falo por mal. É que... Ela parecia tão decidida em encerrar a história de vocês. Até você parecia ter fechado esse ciclo.

- Eu pensei que estava fechado, mas hoje no meu quarto aconteceu um lance estranho.

- Que lance?

- Ela foi guardar uma coisa no meu armário e encontrou um presente que eu comprei para uma amiga... E ficou enciumada. Eu vi nos olhos da Dani, ela sentiu ciúmes de mim.

Bianca já tinha assistido aquele filme diversas vezes. Marcelo se enchia de esperanças, eles ensaiavam uma volta e quando tudo terminava Marcelo acabava pirando. Ele parecia tão bem, seria um retrocesso. Por isso, Bianca resolveu seguir por um caminho diferente.

- Presente para uma amiga? – Brincou. - Que amiga é essa, não tem nome, CPF, RG, CEP, CNH?

Marcelo riu.

- Garota boba... É só um agradecimento, nada demais. – Por fim revelou. – É a Valentine.
- Valentine? – Gracejou. - Vou ser sobrinha da francesa de Taubaté?
- Mas que bobagem a sua, não é nada disso. – Fez uma pausa. – Há uns dias eu me meti em uma confusão na rua e ela me ajudou. Em agradecimento eu comprei uma correntinha para ela. Nada demais.

Bianca riu. Estava se divertindo em ser confidente de seu tio.

- Correntinha é presente romântico. – Maravilhada. – Tio, de início ela me pareceu antipática, mas essa semana a gente se aproximou... Ela é legal. Vocês gostam de várias coisas incomuns...
- Inclusive de mulher... – Marcelo debochou.
- Acontece, senhor Marcelo, que existe algo chamado bissexualidade.

Marcelo sorriu. Ele já sabia que Valentine era bissexual. Não foi apenas Bianca que se aproximou da francesinha durante a semana. No dia seguinte da confusão no bar, Marcelo foi procurar por Valentine para mais uma vez agradecer sua ajuda e discrição. Encontrou a ruiva na academia da casa praticando um de seus hobbies preferidos, dança. Valentine se remexia ao som de uma música eletrônica agitada. Ao perceber que estava sendo admirada, não se intimidou.

- Vem?

Marcelo fez um gesto negativo.

- Sou tipo inimigo do ritmo... De verdade...
- Vem... Todo tenso, aí...

E para que Marcelo não fugisse, Valentine foi até onde ele estava e o puxou. Dançaram por quase uma hora juntos. Marcelo não tinha noção de dança, mas procurava imitar os passos da ruiva e se divertia cantando as músicas em voz alta. No término da playlist, os dois se esticaram no chão permitindo que os corpos relaxassem.

- Meu Deus... O que acabou de acontecer aqui?
- Vai dizer que não gostou? – Valentine questionou. – Eu sou super preguiçosa para malhar, mas dança é muito o amor da minha vida.
- Você manda bem mesmo... Nunca pensou em trabalhar com isso?
- Deus me livre... Eu trabalho porque o capitalismo me obriga... A dança não tem nada a ver com obrigação... – Valentine brincou fazendo Marcelo rir. - Não tem algo que você faça, que você ama tanto que é até incapaz de colocar um preço?
- Música. Tocar violão e cantar...

Valentine fitou Marcelo surpresa.

- Você toca? – Marcelo confirmou. – Meu sonho aprender a tocar violão...
- Se quiser tocar umas aulas de violão por algumas de dança. Tecnicamente não estamos nos rendendo ao capitalismo.

- Adorei!

As aulas de dança e as de violão aconteceram, fato que aproximou bastante os dois. As conversas andavam cada vez mais esticadas, Marcelo e Valentine descobriram afinidades, assuntos, mas Marcelo jurava que não passava disso.

- Você está olhando nos meus olhos e dizendo que a Valentine não é interessante? – Bianca questionou.
- Claro que não. Ela é interessante. – Marcelo afirmou. – Mas é só amizade mesmo. Papo furado, essas coisas.
- Papo furado? – Marcelo fez um gesto afirmativo. – Papo furado é o que você está jogando em cima de mim agora.
- Ela não está procurando por ninguém.
- Mas você acha que ela é cega? Tio, você é gato... Esses olhos lindos que parece duas safiras, voz bonita, sorrisão. Duvido que ela não tenha ao menos reparado em você.

Marcelo fez um gesto negativo.

- Não tem espaço para mulher nenhuma, Bia...

- Tudo bem, você está perdendo uma oportunidade ímpar, mas tudo bem...

O assunto entre os dois logo foi desviado. Emílio e Mário voltavam para mesa com seus sorvetes. Eram melhor continuar aquela conversa longe das crianças.

(...)

O último apartamento que Fernanda e Vitória foram visitar ficava localizado na Rua Osório Duque Estrada, há poucos minutos do Parque do Ibirapuera. De todos os imóveis, aquele foi o que a loirinha mais simpatizou. Era um apartamento de dois quartos, espaçoso e que podia se tornar muito acolhedor com a decoração certa. Bem mais discreto que os outros, fato que conquistou Vitória. Ela e Fernanda acordaram que antes de fecharem qualquer negócio iam mostrar o imóvel a Miguel. Apenas por esse motivo que Vitória não saiu do prédio com o negócio selado.

- Quando eu separei os apartamentos, eu tive impressão que esse era o que você ia mais gostar.
- Acertou em cheio. Eu adorei tudo... – Vitória comentou animada. – Obrigada, Fer!

Fernanda sorriu.

- Fico feliz em ter agradado.
- Foi mesmo agradável passar essa tarde com você. – Vitória espontaneamente soltou. – Quer um suco? Estou morrendo de sede...
- Vitória...
- Por favor... – Fez uma pausa. – Sei que as coisas estão estranhas entre a gente e eu odeio isso! – Outra pausa. – É chato estar na mesma casa que você e a gente mal se falar, ficar se evitando por medo, por mágoa. – Respirou fundo e olhou nos olhos Fernanda. – Sei que essa confusão é culpa minha, os sentimentos são meus e eu posso lidar com eles... Só que você é uma das poucas pessoas que realmente me entende naquela casa. Além de minha tia, você é minha amiga e eu perdi isso. Machuca mais do que qualquer coisa...

Fernanda abriu a boca surpresa, não esperava ouvir aquilo.

- Não quero te machucar. Não imaginava que você se sentisse assim.
- Então toma um suco comigo... Vamos tentar pelo menos voltar a ser amigas... – Sorriu. – A gente sempre se deu tão bem.

Fernanda fez um gesto afirmativo.

- Tudo bem... A gente pode tomar um suco juntas. – Sorriu. – Me convenceu!

Elas não precisaram andar muito para acharem uma casa de vitaminas. Fernanda optou por um suco de maracujá e Vitória escolheu acerola com laranja. Durante a tarde já tinham iniciado uma conversa pessoal, logo não foi muito difícil retomarem o assunto. Após o término dos sucos, elas pediram a conta que foi paga por Fernanda após muita luta com a sobrinha. Antes de saírem do estabelecimento, Vitória resolveu ir ao banheiro.

- Já volto.
- Tudo bem...

Enquanto Vitória não voltava, Fernanda resolveu folhear o jornal que estava sobre a mesa (justamente para os clientes folhearem), mas teve que interromper sua leitura devido ao celular.

- Alô... -...- Oi, Filipo... -...- Calma, Filipo. -...- Calma... Filipo...

(...)

O banheiro da casa de vitaminas ficava no andar de cima do sobrado. Após utilizar a toalette, Vitória desceu as escadarias do charmoso local e avistou sua tia. Ela a esperava na mesinha que tinham ocupado, sua expressão estava bem diferente do que quando subiu para usar o banheiro. Fernanda parecia assustada e triste.

- Que foi?
- Vamos embora, por favor...
- Mas o que aconteceu?
- No carro eu explico...

Apesar da insistência de Vitória, Fernanda cumpriu o que prometeu e contou a história apenas no carro. O veículo ainda estava parado no estacionamento. Ela estava nervosa para dirigir.

- Meu tio falou esse bando de absurdos para você, bateu o telefone na sua cara só porque soube que você encontrou com o Renato?

Vitória era a última pessoa que Fernanda gostaria que soubesse da briga que teve com seu esposo por telefone, mas ela tinha chorado, estava transtornada. Vitória descobriria de qualquer jeito.

- Foi... Ele sempre teve muito ciúmes do Renato, desde quando eu fazia faculdade. Eles se encontraram por acaso e o Renato comentou que teve comigo no sábado passado e ele ficou furioso. Eu decidi não comentar nada com ele justamente por isso.
- Mesmo assim. Ele não tem o direito de te destratar. – Vitória soltou furiosa. – Belo exemplo que ele é!

Apesar de ter falado a verdade a Vitória, Fernanda ocultou parte da sua discussão com o marido. Não falou por exemplo que ele exigiu que ela largasse o emprego. Para Filipo o encontro entre Fernanda e Renato aconteceu apenas por conta de Dudu. Fernanda estava decidida, não ia atender à exigência do esposo nem que isso culminasse no término de seu casamento. Quando chegasse em casa sabia que tinha uma longa jornada pela frente.

- Não estou me sentindo bem. Você pode levar o carro, Vitória? Não estamos muito distantes de casa.

- Claro... Eu vou fazer o seguinte, vou comprar uma água para você, você se acalma e vamos.

- Tudo bem.

Vitória voltou ao interior da casa de vitaminas e em poucos minutos aparecia com uma garrinha, mas ao invés de água trouxe outra coisa.

- É suco de maracujá, dizem que acalma, né?

- Obrigada. Aí... Desculpe por estar metendo você nisso.

Vitória fez um gesto negativo.

- Todo mundo tem seus problemas. Relaxa. Toma seu suco.

Fernanda acatou à ordem. Só depois de acabar com a garrafinha de meio litro do suco que Vitória colocou o carro para funcionar. Cerca de vinte minutos estariam em casa, mas deram azar e pegaram o trânsito de começo de noite.

- Você sabe algum caminho alternativo? – Vitória questionou. Já fazia vinte minutos que estavam andando em velocidade mínima. Pegou mais um sinal vermelho. – Fer?

Como estavam paradas no trânsito, Vitória se permitiu olhar para o lado. Fernanda ressonava no banco carona. O cansaço do dia trabalhado, somado ao estresse que havia acabado de passar com Filipo, deixou a cabeça de Fernanda latejando. Com o intuito de tentar amenizar a dor, Fernanda cerrou os olhos e encostou a cabeça no vidro para tentar descansar um pouco e acabou pegando no sono. Provavelmente o suco de maracujá também havia contribuído para seu desligamento.

Querendo não incomodá-la, Vitória abaixou o volume do rádio do carro e colocou o celular da tia no modo silencioso. Quando ia colocar de volta no lugar sentiu vibrar e um nome apareceu no visor: Filipo. Decidiu não atender e desligou o aparelho. Estava há poucos minutos de casa e Fernanda ainda cochilava. Dava até dó de acordá-la para uma tarefa tão difícil que seria encarar Filipo quando chegasse. Se pudesse arrumar um jeito de não acordá-la de seus sonhos...

No término da avenida havia uma placa de trânsito grande que trazia a distância de diversos destinos: Ipiranga 9 km, Centro 11 km, Pirituba, 20 km, Interlagos 21 km, Baixada Santista 83 km. Ao se deparar com o enorme painel e aquelas informações, Vitória abriu um sorriso. Tinha uma maneira sim de deixar Fernanda distante de aborrecimentos. Era um plano ousado, mas poderia dar certo.

- Eu espero que você não me mate por isso. – Vitória sussurrou a Fernanda que continuava ferrenha em seu sono. – É para o seu bem.

Sem pensar duas vezes virou o volante a caminho contrário de casa. Só esperava que

Fernanda não acordasse tão cedo.

(...)

Valentine chegou na casa dos Vaccara por volta das onze da noite. Tinha saído para ver alguns velhos conhecidos na cidade e fazer contatos profissionais. Apenas o quarto de Bianca estava aceso. Era bem provável que todos estivessem recolhidos. O motorista do aplicativo a deixou na porta da mansão. Assim que colocou os pés no jardim, Valentine escutou o som do violão. Marcelo devia ter aproveitado o silêncio da casa para ensaiar. Como esperado o encontrou na beira da piscina. Super concentrado. A ruiva esperou a música acabar para se aproximar de Marcelo.

- Você está aí há muito tempo?
- Só há tempo de ouvir a última música. Infelizmente, né?

Marcelo fez um gesto negativo.

- Perdeu dois shows. O de violão e o do Filipo... Fernanda e Vitória até agora não voltaram para casa. Ele saiu daqui furioso.
- Jura? Não tenho nada com isso. Vitória não me disse nada. – Acomodou-se ao lado de Marcelo. – E acho que prefiro só o seu show. – Marcelo sorriu. – Canta alguma para eu ouvir?
- Cantar? – Marcelo fez uma careta.
- Deixa de ser chato, já te ouvi cantar, vai...

Marcelo fez um varredura em seus cantores favoritos e acabou escolhendo uma música do grupo Legião Urbana. Índios. Inicialmente sua voz saiu tímida, fechou os olhos e se soltou, deixou que sua voz grave tomasse a música para si. Mesmo só no violão e voz era notório o quanto ele tinha talento e personalidade musical. Ao término da canção, Marcelo abriu os olhos e se deparou com uma admirada Valentine.

- Pior que você tem voz, né, danado...
- Cantor de chuveiro...
- Você tem talento, uma voz maravilhosa, estampa de gato. Ia ser um sucesso se investisse... – Marcelo fez um gesto negativo. - Deixa de se colocar para baixo, garoto. Modéstia está tão fora de moda.
- Você é a segunda pessoa que me diz hoje. A Bia me falou o mesmo.
- Que modéstia tá fora de moda? Concordo!
- Não. Ela comentou que às vezes eu não enxergo o que está na minha frente, essas coisas. Ela acha que tem uma mulher interessada em mim...
- Dá para entender ela... – Valentine comentou sem pensar. Os dois se entreolharam. – A Bia. Dá para entender a Bia.
- Claro...
- Se você se render ao capitalismo, se lançar no meio musical e ficar famoso... – Valentine brincou. – Eu vou querer ser sua empresária, nada mais justo!
- Fechado!

Apesar da intervenção e das brincadeiras de Valentine, o clima entre os dois ficou um tanto esquisito. Como se tivessem algo a mais para falar, mas ambos estavam receosos. Marcelo então se lembrou de algo importante.

- Comprei um presente para você.

- O que?

- Comprei um presente para você, mas deixei no meu quarto. Eu vou buscar e já volto. Tudo bem?

- Eu estava brincando com você... – Valentine falou sobre o presente.

- Talvez eu não saiba brincar. – Marcelo gracejou erguendo os ombros. Valentine sorriu. – Eu já volto.

- Tá bem... Então eu espero aqui.

Marcelo se levantou e seguiu em direção ao interior da mansão. Enquanto fazia o caminho até o quarto, ele pensava na conversa com sua sobrinha na sorveteria e também nos momentos passados com Valentine. Tinha certeza que Valentine não estava se referindo a Bianca quando soltou "Dá para entender ela". Será que Bianca estava certa e Valentine o enxergava com olhos diferentes do que ele imaginava? Essa pergunta o perseguiu até a entrada de seu aposento, ao abrir a porta se espantou.

- Da- Dani... Você aqui? – Perguntou em um fio de voz. Mediu de cima abaixo. Daniele estava bem diferente do que ele estava acostumado a ver nos últimos meses. Usava uma camisola preta, quase transparente, muito provocativa e parecia estar à sua espera. – O que foi?

Daniele se aproximou de Marcelo com um sorriso instigante e começou a aplicar beijinhos em seu pescoço, ele tentou desviar.

- Que é isso, meu amor?

- Dani, qual é a sua? – Marcelo desviou o rosto para o lado. Ainda era apaixonado pela ex, era difícil encará-la naquelas roupas e se controlar. – O que está acontecendo?

- O que devia acontecer sempre... A gente está se entendendo, meu bem... – Marcelo foi puxado pela camisa. Daniele fechou a porta do quarto. Ele tentava escapar, mas ela aproveitava de sua vulnerabilidade. – Estava com saudade de você.

- Dani, espera... Espera! – Sem outra saída ele a segurou pelos braços e afastou seu corpo do dela. – O que está acontecendo aqui? Não é melhor conversar?

Daniele sabia perfeitamente que aquela seria a reação de Marcelo, por isso tinha traçado um plano B. Abaixou a cabeça e forçou os olhos até cair as primeiras lágrimas.

- Desculpa... Desculpa... Marcelo, eu não sei o que estou fazendo da minha vida. Deixa eu ir...

- Calma, você não pode sair daqui assim, vai que alguém vê... Senta. Eu vou pegar uma água pra você e você me explica...

- Não... Fica aqui comigo... Deixa eu dormir com você essa noite?

- O que está acontecendo?

- Senta aqui. – Ela fez um sinal para o espaço vazio ao lado dela. – Eu te explico...

Receoso, Marcelo se acomodou ao lado da ex-esposa que o abraçou e começou a chorar em seu ombro.

- Calma, por favor... Você não quer que eu pegue uma água pra você?

- Não. Só fica aqui. Estou tão preocupada, Marcelo... Com tanto medo do exame do Emílio amanhã.

- Calma... Eu também estou apreensivo, mas não vai dar nada. Certeza.

- Eu tenho tanto medo. Fica abraçado aqui comigo? Eu sinto sua falta.

- Tá... – Marcelo concordou. Deu um beijo no rosto de Daniele. – Eu fico...

Não demorou para que o abraço evoluísse para um beijo. Ela logo o puxou para emendar o segundo beijo e quando Marcelo viu já estava tarde demais para arrependimentos. Ele dividia um lençol com Daniele que estava nua sobre sua cama. Ela logo apagou, mas ele não conseguia desligar. Resolveu apelar. Com cuidado, Marcelo desviou seu corpo do de Daniele e abriu uma gavetinha do criado mudo. Pegou uma garrafinha que parecia ser de perfume e deu uma golada no uísque, o verdadeiro líquido da garrafinha. Se deixasse na garrafa original era capaz de alguém da família ver. Consumiu a garrafinha toda e apagou. Esqueceu completamente de Valentine.

(...)

- Fernanda... Fer... Acorda... Chegamos.
- Que?
- Chegamos! – Vitória anunciou um ressabiada e rezando para que a reação de Fernanda não fosse das piores.

Vagarosamente a corretora de imóveis abriu os olhos. Ao fundo escutou uma música que tocava no rádio do carro. Demorou alguns segundos para reconhecer onde estava e quando percebeu o que acontecia tomou um susto.

- Isso é uma praia? – Olhou em volta. - O QUE ESTAMOS FAZENDO AQUI?
- Fernanda calma... Eu vou explicar...
- O QUE ESTAMOS FAZENDO AQUI, VITÓRIA?

Não tinha jeito de falar o que iria falar sem soar de modo estranho, por isso, Vitória decidiu ser direta.

- Bom, não fica nervosa. - Pediu. - Eu meio que... – Sorriu. - Sequestrei você.

CAPÍTULO 12

- Fernanda, calma. Eu não fiz por mal. – A corretora não estava nem um pouco disposta a ouvir as palavras da sobrinha. Ela saltou do carro e bateu a porta revoltada. Vitória foi atrás. Perdeu algum tempo porque parou para travar o veículo, por isso teve que correr para alcançar Fernanda. Até se esbaforiu. – Fernanda, me escuta!
- Não existe cristão que me faça te escutar!
- Fernanda, por favor...

A perseguição entre as duas durou cerca de um quarteirão. Um grupo de senhoras caminhantes passou entre elas e Fernanda aproveitou-se daquele inusitado obstáculo para ganhar mais tempo e se afastar de Vitória que a perdeu de vista. A interrupção das senhoras não durou dez segundos, mas foi o suficiente para Fernanda desaparecer, como se possuísse o poder de se desmaterializar.

Irritada, Vitória voltou ao local onde estava o carro. Foi sincera quando disse a Fernanda que não teve más intenções. Não queria que a tia voltasse para casa e encontrasse com Filipo de

cabeça quente. Normalmente ele não usava meias palavras, no auge de uma crise de ciúmes ele poderia ser perigoso. Se ele machucasse Fernanda ainda mais? Se partisse para uma agressão física? A melhor solução era evitar o encontro deles por algumas horas. Como Fernanda adormeceu profundamente enquanto dirigia, Vitória teve a ideia de desviar a rota até o Guarujá.

Desde pequena sempre acreditou nos poderes calmantes do oceano, mas Fernanda parecia não compartilhar de sua opinião. Não ficou nada feliz ao se deparar com o mar da praia das Astúrias. Sem opção, Vitória entrou no carro para procurar Fernanda aos arredores, mas logo desistiu porque não sabia para onde ir. Pegou seu celular e discou para o número da tia. O aparelho de Fernanda tocou dentro do porta-luvas. Irritada derrubou a ligação e jogou o próprio celular no banco ao lado.

- Droga! – Bufou.

Sem muitas alternativas, Vitória deu algumas voltas de carro pelo quarteirão. Na terceira passagem pela avenida da praia avistou, em um ponto distante, Fernanda no calçadão. Uma mulher vestida de social naquele ambiente chamava atenção. Partiu com o carro até o local. Fernanda logo reconheceu seu veículo. Vitória aproveitou que a via estava vazia e dirigia a 20km por hora, acompanhando o ritmo da caminhada da tia. Baixou a janela e ironicamente lhe acenou.

- Vitória, você não sabe o significado de privacidade? Qual parte do “me deixa sozinha” você não entendeu?

A chef sorriu. Fernanda era gentil com todos, entretanto quando sua paciência se esgotava, saí de baixo.

- Você tem bom condicionamento físico, sabia? Eu comi poeira. – Fernanda continuava de cara fechada. – Deve se matar na academia. – Mais silêncio. Vitória não se intimidou. – Você está sendo injusta. Você é maior que eu, logo tem as pernas maiores, portanto, um passo seu são dois meus. Eu vou ter que correr o dobro atrás de você... – Fez uma expressão de pena. – Entra no carro, por favor. Eu sou sedentária. Vou morrer se tiver que correr o dobro. Me perdoa. Eu não fiz por mal.

Fernanda respirou fundo e finalmente parou de caminhar.

- Você não pode agir assim, tem que pensar nas consequências.
- A culpa não é minha. Nasci em 05 de dezembro, sou sagitariana com ascendente em gêmeos. – Disse em tom divertido. – Impulsiva ao quadrado.

A corretora de imóveis fez um gesto negativo.

- Não dá para falar sério com você.

E voltou a caminhar em ritmo acelerado. Vitória pensou em continuar a perseguição, mas perderiam tempo naquilo. Havia um jeito mais fácil de fazer Fernanda voltar ao carro. Estacionou no meio da pista e colocou o carro atravessado, impedindo a passagem de outros veículos. Não havia ninguém atrás, mas qualquer fluxo de carros que viesse iria encontrar a confusão armada. Fernanda a fitou sem entender.

- Vai deixar o carro assim no meio da avenida?
- É rápido! Eu só preciso que você me escute...
- Se você não voltar até aquele carro, eu juro que nunca mais falo com você!

As pessoas olhavam para o carro parado no meio da pista sem entender. Vitória respirou fundo e voltou para o carro. Não entrou. Com uma agilidade invejável, subiu no capô.

- FERNANDA!

Fernanda ficou tão surpresa com aquela cena inusitada, armada pela sobrinha, que perdeu qualquer reação. O pessoal do quiosque, curioso com o desfecho, parou para assistir e até alguns moradores dos prédios da orla colocaram a cabeça para fora da janela para ver o que se tratava aquela gritaria.

- FERNANDA, POR FAVOR... ME PERDOA POR TER FEITO O QUE EU FIZ! EU NÃO FIZ NADA POR MAL, SÓ QUERIA TE PROTEGER PORQUE EU TE AMO. – Reação das pessoas em torno. - PODE PARECER IMATURO TUDO QUE EU ESTOU FAZENDO, MAS EU SOU IMATURA MESMO. – Fez uma pausa. - EU SOU NOVA, NUNCA SENTI ISSO POR NINGUÉM SEM SER VOCÊ E NÃO ESTOU SABENDO LIDAR DIREITO COM OS MEUS SENTIMENTOS, MAS EU TENHO CERTEZA DE UMA COISA. – Bateu no próprio peito. – MEU NOME É VITÓRIA VACCARA, EU AMO VOCÊ! E ESTOU FALANDO MUITO SÉRIO. - Fernanda baixou a cabeça, sentia seu rosto pegar fogo. Vitória pulou do capô para o chão e caminhou até onde Fernanda estava. Alguns carros começaram a se aproximar do local que era travada a passagem pelo carro de Fernanda. – Por favor, me perdoa... – Fernanda continuava de cabeça baixa, Vitória se ajoelhou no chão. – EU IMPLORO PELO SEU PERDÃO! FAÇO QUE VOCÊ QUISER, MAS ME DÁ UMA CHANCE, EU SOU LOUCA POR VOCÊ, FERNANDA, E NÃO VOU DESISTIR DE VOCÊ... PORQUE O AMOR NÃO BATE DUAS VEZES NA MESMA PORTA. – Olhou para o pessoal do quiosque que parecia simpatizar com a loirinha. – É OU NÃO É, MINHA GENTE?

- ÉÉÉÉÉÉ... – A “plateia” divertidamente respondeu. Um bêbado animado começou a bater palmas e puxar um coro que logo foi acompanhado pela plateia e por parte dos moradores do prédio. – DÁ UMA CHANCE, DÁ UMA CHANCE, DÁ UMA CHANCE...

E para piorar a situação de Fernanda, um buzinaço se formou. Alguns motoristas entraram na onda da cozinheira e participavam da brincadeira, a maioria xingava querendo passar. A barulheira das buzinas ia atrair ainda mais gente, por isso Fernanda decidiu dar fim naquele “espetáculo”. Puxou Vitória pela mão.

- Vamos embora!

O público interpretou o ato delas saírem de mãos dadas como uma reconciliação e aplaudiu a performance de Vitória que saudou seus “novos amigos” como se fosse uma atriz no fim de uma apresentação teatral. Fernanda tomou as chaves de suas mãos, tomou a direção e puxou Vitória pela camisa para dentro do carro.

- Eu não acredito nisso. Coloca esse cinto e chega de show. – Olhou para a sobrinha. – Eu devia matar você!

Finalmente colocou o carro em movimento e partiu. Vitória abriu um sorriso.

- Mas não vai matar... – Vitória afirmou. – Desculpa, não tinha outra forma de parar você.

- E você acha que eu estou menos revoltada do que antes do seu showzinho, por quê? Vitória, eu... – Vitória fez um carinho em seu rosto com as costas da mão. Fernanda parou o carro. –Vitória, para com isso, agora!

Vitória obedeceu.

- Eu te amo, nunca amei outra mulher como eu amo você. – Fez uma pausa. – E por mais que você fale que não dá para me levar a sério, tudo que eu te disse agora é muito sério e eu tenho a impressão que você sabe disso. Você diz que não dá, mas leva a sério tudo que eu disse, tanto que está tremendo até agora.

- É... Perturbação! – Fernanda garantiu sem passar muita certeza para Vitória e muito menos para si mesmo. – Deve ser isso! Você me deixa perturbada.

- Ou... Eu sou correspondida? Sua cabeça racional diz que não, mas o seu corpo, o seu coração grita outra coisa, aí como seu cérebro manda dizer não, seu coração começa a bater cada vez mais rápido querendo gritar “Eu também te amo, Vitória”?

- CHEGA! Você passou de todos os limites, não tem perdão o que você fez. Eu quero silêncio daqui até São Paulo. Pode ser?

Vitória concordou e assim ficaram por uns dez minutos, até a loirinha quebrar o acordo.

- Podemos parar em um bar lá na frente?

- Vitória, eu acho que fui bem clara quando pedi silêncio.

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Eu tenho meus motivos.

- Que motivos?

- Tudo bem, vou ser bem clara. Tomei meio litro de suco antes de descer a serra, fiquei quase duas horas dirigindo. Se você não parar no próximo local que tenha algum banheiro, eu vou estragar o banco do seu carro. – Fez uma pausa. – Não é exatamente algo que se diz depois de uma declaração de amor, mas você não dá uma brecha... Sempre estraga tudo!

As duas se entreolharam, Fernanda tentou prender o riso, mas não conseguiu ao perceber que Vitória estava de pernas cruzadas e com uma expressão bem aflita no rosto. Acabou rindo.

- Não tem graça nenhuma. – Vitória retrucou.

- Tem sim. – Divertida. - Muita. Você é doidinha, né?

- Você vai parar no bar ou vou deixar a tragédia acontecer?

- Nessas circunstâncias, eu paro. – Fernanda disse em tom divertido. Colocou o carro em movimento. Para provocar Vitória começou a imitar um efeito sonoro de água em movimento. Quem nunca esteve próximo a uma cachoeira ou ouviu alguém fazer xixi e não sentiu vontade de fazer o mesmo?

- Para! – Vitória rebateu. – Isso é psicológico... Estava com toda pressa de ir embora, o que deu, hein?

- Está bem apressadinha agora? Já estamos chegando.

Por sorte acharam vaga para estacionar próxima do bar. Fernanda quase morreu de rir quando viu que Vitória deu um salto para fora do carro e correu em direção ao estabelecimento. Devia estar mesmo apertada. Como desceu depois da loirinha, a corretora pode observar melhor o local.

O bar era despojado, algumas mesinhas ficavam na calçada. Dava para ver que seus clientes pertenciam a uma classe mais alta. Havia uma DJ que comandava uma pista de dança e mesas de sinuca. Nas paredes uma infinidade de cervejas para todos os gostos: nacionais, importadas, artesanais. Quadros de músicos famosos, referências de séries de TV e uma bandeira

enorme do arco-íris. Fernanda compreendeu do que se tratava de um bar LGBT.

- Boa noite. – Um garçom veio atende-la. – A mesa é só para as duas?

- Não, não vamos querer nada. – O garçom olhou para ela e fez um sinal para um quadro negro na parede. Era um informativo que explicava que apenas consumidores poderiam usar o banheiro. – Exceto uma limonada suíça, por favor.

- Tudo bem.

Enquanto o rapaz foi providenciar sua limonada, Fernanda se acomodou em um dos bancos vazios do balcão. Não ficou nem um minuto sozinha. Uma moça apareceu. Ela era maior que Fernanda, tinha a lateral da cabeça raspada e os cabelos descoloridos. Seus olhos eram verdes e enormes. Fernanda logo a reconheceu, era a DJ.

- Tudo bem? Meu nome é Monalisa. – Estendeu a mão cheia de anéis. – E o seu?

Cordialmente Fernanda estendeu sua mão para cumprimentar Monalisa. A DJ aproveitou, puxou-a levemente e aplicou um beijo no canto de sua boca. Nada sútil. Fernanda rapidamente se afastou.

- Fernanda.

- Lindo nome. – Elogiou. - Está sozinha? – A mão de Fernanda estava no balcão. Monalisa colocou sua mão sobre a dela. Fernanda não gostou daquela proximidade forçada. - Posso te fazer companhia?

- Na verdade eu estou com a minha... Com a minha namorada. – Mentiu para se livrar da tal moça. Monalisa tinha um jeito que não se conformava em ouvir um não. - Ela está no banheiro e... – Como em um passe de mágica, Vitória surgiu na porta do banheiro. – Vitória... – Fernanda acenou apressadamente. – Vem aqui! - Um tanto ressabiada, a loirinha se aproximou. Fernanda a segurou pelo braço. – Amor, essa é a Monalisa. - Vitória arqueou as sobrancelhas. – Ela estava me fazendo companhia enquanto você não voltava. – Fernanda sorriu e disse a Monalisa. – Essa é a Vitória.

- Sua namorada? – Monalisa disse com certo desdém. Em sua cabeça, Fernanda poderia estar acompanhada de uma mulher com idade próxima a sua, não de uma garotinha. - Desculpe, eu não poderia imaginar... Bom, com licença, boa noite. Eu tenho que voltar a picape, só vim pegar uma água mesmo.

- Toda.

Monalisa não tirava os olhos delas. Vitória aproveitou e roubou um beijo de Fernanda. Quando surgiu uma distância mais segura, Fernanda tratou de bronquear com ela.

- Você não perde uma chance, né? Eu fiquei com medo da Monalisa, mas quem não sabe ouvir um “não” é você.

- Você notou que até agora quem está me agarrando é você? – Vitória observou. Fernanda soltou seu braço. – Vamos?

- Eu pedi uma limonada. O banheiro só pode ser usado por clientes.

A loirinha fez um gesto de acordo e em seguida chamou o balconista.

- Vê uma taça de vinho branco...

- Já trago...

Fernanda esperou o rapaz se afastar para chamar a atenção de Vitória.

- Você vai beber?
- É um costume das pessoas rejeitadas... Chutadas pela vida. Mal amadas...

Fernanda revirou os olhos e fez um gesto negativo. Em silêncio aguardaram seus pedidos. O garçom logo chegou com a taça de vinho e a limonada. Fernanda estava no meio de sua limonada quando ouviu alguém chamá-la. Conheceu a voz, mas não sabia dizer exatamente de quem era. Virou de frente a mulher que lhe chamava.

- Lígia?
- Fernanda, que surpresa boa!

As duas haviam se conhecido há cerca de uma semana. Lígia era a renomada advogada que estava se mudando de Recife para São Paulo acompanhada de sua esposa. Comprou um apartamento com Fernanda e acabou fazendo amizade com ela. Combinaram de qualquer dia saírem para que Fernanda conhecesse Thaís, sua esposa. Uma semana depois se encontravam naquele bar, sem precisar combinarem antecipadamente. O destino conspirava a favor da amizade.

- Menina, quão raro isso deve ser? – Lígia brincou. – Praticamente a única pessoa que eu conheci durante esse curto tempo em São Paulo, que é imensa, e reencontro aqui?

Fernanda sorriu.

- É verdade, mas o que você está fazendo aqui?
- Vim com a minha esposa, aquela morena linda ali na mesa. – Lígia fez um sinal para Thaís, era mesmo uma mulher muito bonita. Ela mandou um beijo para Lígia. - A DJ é amiga de infância da Thaís, nossa amiga. – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Você não quer se juntar com a gente? – Fernanda olhou para Vitória como se implorasse para ela dizer não. Lígia percebeu um breve contato entre elas e se corrigiu. – Quer dizer, vocês. – Diretamente a Vitória. – Desculpe.
- Aí. Desculpa a falta de educação, Lígia. Essa é a Vitória. Ela é minha...
- Namorada. – Vitória a cortou já que observou que Fernanda estava prestes a falar sobrinha. Como tinham mentido a Monalisa, agora precisavam manter aquela informação. E para Vitória não seria sacrifício nenhum. - Sou namorada da Fernanda.

Lígia abriu a boca pasma. Não queria ser inconveniente, mas não resistiu em comentar.

- Nossa, eu jurava que você era casada com um homem...
- E eu sou. Quer dizer, só no papel, mas estamos nos separando. – Segurou na mão da sobrinha. – Eu estou com a Vitória.
- Vocês formam um casal lindo. Dá para ver que estão apaixonadas. – Vitória apertou os lábios para não gargalhar. – Por que vocês não se juntam com a gente? Aí você e a Thaís já se conhecem...
- Eu não sei... – Fernanda disse. - Estamos com pressa, a gente ainda vai subir para casa essa noite.
- Ah... Temos tempo para uma conversinha sim. – Vitória a interrompeu. Segurou em sua mão de modo carinhoso e a olhou de um jeito “pidão” – Vamos, Fer?
- É, Fernanda. Uma cervejinha não vai atrasar tanto... A Thaís vai adorar te conhecer...

Fernanda acabou se convencendo.

- Tudo bem, acho que a gente tem tempo para uma cervejinha.

- Ótimo... – Lígia fez um sinal para o garçom. – Por favor, transfere a conta das duas para aquela mesa ali. E coloca mais duas cadeiras lá para gente.

(...)

Um distante ruído de sirene de carro de polícia fez Valentine despertar abruptamente. Deu um pulo tão desesperado que acabou até batendo o joelho em algum lugar. Abriu os olhos e encontrou a mesinha de centro. Precisou de alguns segundos para compreender que havia adormecido na sala dos Vaccara.

Já passava das três da manhã. Olhou em volta, tudo escuro e nem sinal de Marcelo. Ele tinha comentado que só iria em seu quarto para pegar o presente e logo desceria, mas não voltou. Algo devia ter acontecido. Com os sapatos de salto nas mãos, Valentine galgou as escadas e alcançou o segundo andar da imponente residência.

O quarto que ocupava com Vitória era o penúltimo do corredor. Antes vinha um quarto de hospedes que teoricamente era ocupado por Daniele, o quarto de Emílio e Mário, o de Marcelo, o de Fernanda e Filipo, o seu e por último o de Bianca. O antigo quarto de Miguel e o de Francesco e Antônia ficavam do lado oposto do corredor. Tirando o quarto de Filipo e Fernanda que não estavam em casa, todos os outros quartos estavam com as portas fechadas. Ela passou pelos dois primeiros e ia passando pelo terceiro, mas resolveu parar diante da porta do quarto de Marcelo.

Por que ele não voltou? Será que passou mal ou algo do tipo? Preocupada, ensaiou algumas vezes bater na porta, mas nem precisou concluir sua ação. Alguém abriu.

- Oi?

- Daniele? – Valentine perguntou surpresa. – Você aqui?

- É. Estou no quarto do meu marido... – Sorriu. – Levantei para pegar um copo d'água. Você ia falar com o Marcelo? Ele está dormindo.

- Eu... Eu confundi com o quarto da Bia. – Mentiu. – Desculpe.

- O quarto da Bia é aquele último. A Bia dorme tarde, pode bater lá.

- Licença.

- Toda.

Sem alternativa, Valentine bateu no quarto de Bianca rezando para que ela estivesse dormindo. Sem sucesso. Bianca abriu um palmo da porta depois de um minuto.

- Oi, Vale.

- Deixa eu entrar aí... – Como Daniele a espiava, Valentine teve que sussurrar. – Pelo amor de Deus.

- Tá... Mas promete que não vai falar nada pra ninguém o que você vai ver aqui. – Abriu a porta, colocou Valentine para dentro e fechou em seguida. Valentine olhou surpresa para o jovem rapaz, de cueca dos Vingadores, oculto no quarto. Ele estava bem assustado. – Vale esse é o Micróbio. Mi, essa é a Vale...

- E aí, tia? Firmeza?

Valentine respirou fundo. Que noite, primeiro foi esquecida. Depois o constrangimento com Daniele. Agora era chamada de tia por um garoto que atendia pela alcunha de Micróbio e devia ter no máximo cinco anos a menos que ela.

- Vingadores, Micróbio? Adoro! – Brincou para quebrar o gelo. A Bianca. – Excelente, estraguei a noite de vocês.

- Bobagem, Vale, a gente só estava vendo um filme. – Apontou com o queixo para a TV, passava Homem Aranha-De volta ao lar. - Estava com cólica e ele veio me fazer companhia. Só que ninguém sabe, se meu pai ver o Micróbio aqui, já viu. – Bianca explicou. – O que aconteceu?

- Aí... Não vou atrapalhar vocês, só dar uns dez minutos aqui e vou para o meu quarto. Inventei para a Daniele que confundi o quarto do seu tio com o seu.

- Para a Dani? – Bianca se questionou. – Como assim, cara? Conta aí...

- Eu subi, ia bater na porta do seu tio, mas fiquei meio em dúvida por causa do horário. Estava lá, parada feito uma planta na porta dele e a Dani abre a porta e me vê lá. Ela perguntou se eu queria falar com o Marcelo e eu menti que confundi o quarto dele com o seu. Foi isso.

- A Dani saiu do quarto dele? Você acha que eles... Que rolou?

- Claro. – Valentine respondeu. – Se ela tivesse usando aquela camisola e ficasse em um quarto trancada comigo eu também transaria com ela.

Bianca coçou a cabeça preocupada. Ela cresceu vendo desentendimentos de Marcelo e Daniele. Toda vez que os dois retomavam o casamento era um mar de rosas e depois tudo se desfazia no ar. Era questão de tempo. Não conseguiu esconder nem de Valentine e nem de Micróbio que aquela notícia a desagradou.

- Tio Marcelo é teimoso! A pergunta que não calar, até quando vai durar dessa vez?

- Existe outra pergunta que não quer calar. – Micróbio levantou a questão. – O que você foi fazer no quarto desse Marcelo?

De branca, Valentine passou a cor de vinho. Bianca olhou para o namorado surpresa.

- Esse é o homem da minha vida. – O casal bateu as mãos em cumprimento. Era uma mania dos dois, sempre que um recebia a aprovação de algo do outro se cumprimentavam daquele jeito. – O que você foi fazer no quarto do tio Marcelo?

- Só o que faltava, eu me abrir com a terceira série. – Era assim que Valentine se referia a Bianca por causa de sua pouca idade. – E só por causa dessa graça, senhor Micróbio, você vai ter que me aguentar de vela a noite toda. – E confessou. – Tenho crush no Tom Holland.

Bianca sorriu.

- Tudo bem Valentine, mas depois conversaremos, ok? Tô de olho!

(...)

Já passava das quatro da manhã quando Vitória e Fernanda fecharam suas contas no bar. A conversa com Lígia e Thaís estava tão boa que Fernanda até esqueceu dos seus problemas por algumas horas. Entrou na brincadeira de faz de conta de Vitória e se tornou sua namorada aquela noite.

A corretora concordou com histórias que a loirinha inventava sobre as duas e acrescentou alguns detalhes. Fazia tanto tempo que não aprontava uma molecagem que até se esqueceu como era gostoso sentir um friozinho na barriga com medo de ser pega na mentira. Saíram do bar de mãos dadas, rindo relembrando das histórias que inventaram a Thaís, Lígia e Monalisa. Também riam porque a advogada e sua esposa também tinham histórias engraçadas, eram companhias bem agradáveis.

- Dá para acreditar? – Fernanda dizia indignada, Vitória ria. - Quando você foi no banheiro, aquela amiga delas veio jogar charadinha dizendo que eu sou sua... Como é mesmo o nome?

- Sugar Mommy... – Vitória disse entre risos imaginando a cara de Fernanda ouvindo aquilo. A mais velha fechou o cenho. Oras, ela não precisava trocar o desejo de Vitória por dinheiro algum. Vitória respirou fundo e então disse. – Bom... Eu lamento, lamento de verdade dizer isso... Mas acho que nosso namoro acabou.

Fernanda fitou a sobrinha de um jeito afetuoso e por fim sorriu.

- Obrigada por tudo.

- Obrigada? Então quer dizer você não está mais chateada comigo?

- Você é louca, devia ter me levado para casa, mas ainda bem que não fez isso. – Admitiu. – A última coisa que eu queria ver hoje é a cara do Filipo. E eu tenho que te pedir desculpas também... Fui imatura com você.

- Fernanda, você só ficou no suco porque ia dirigir, então estou realmente preocupada. Nem bebeu e está falando coisas que normalmente não falaria.

A corretora sorriu.

- Estou falando sério. Estou sendo imatura com você. Vivo dizendo que você é criança, mas quer gesto mais infantil que julgar a veracidade do seu sentimento por causa da idade? Apesar de ser nova, você não é exatamente uma criança. Sabe bem o que faz... O que estou fazendo é sendo preconceituosa. Não tenho sido legal com você e nem sei se sou merecedora desse carinho que você tem por mim.

Vitória aproveitou que estava de mãos dadas com a mulher mais velha e apertou com carinho, como um ato acolhedor.

- Claro que você é... Merecedora de todo carinho, todo amor. E eu lamento de verdade que nosso namoro tenha acabado em menos de três horas.

- Se a gente adiasse um pouco isso? – Olhou em volta. – Sabe que eu adoro passear de mãos dadas pela beira do mar? Acho romântico.

- Eu notei você com um olho comprido para a praia quando estávamos sentadas lá no bar. – Fez o convite. – Quer ir até o mar?

- Você não está cansada não para isso?

- Não. Vantagem de sair com a garotona, eu não me canso fácil. – Brincou. - Vai na frente. Eu vou comprar uma água. Te encontro lá...

- Está bem...

Apesar de já ser de madrugada, Fernanda não teve medo de caminhar sozinha pela areia da praia das Astúrias. O local estava bem iluminado e mais ou menos a uns 100 metros da onde estava acontecia uma festa. Pelo que Fernanda pode ver, era um casamento. Quando colocou os pés na areia cruzou com o casal de noivos, saindo à francesa. O rapaz carregava a moça vestida de noiva no colo.

Aquela era uma bela imagem para ser guardada. A troca de olhares dos dois era tão apaixonada que Fernanda até sentiu um pouco de inveja por nunca ter experimentado aquela sensação com seu marido, com tantos anos de casados. Ficou com Filipo porque ele era envolvente. Sentiu um carinho muito especial por aquele belo rapaz de olhos azuis que acreditou

que poderia se tornar amor algum dia, com o passar do tempo.

Nunca aconteceu. O rapaz de olhos azuis a cada dia se tornava um homem frio, áspero e asqueroso. Chegava em casa cheirando a uísque e só sabia falar em negócios ou dar broncas. Com a chegada de Vitória tudo se tornou claro e agora ela tinha uma certeza. Seu casamento estava no fim. Podia até não ficar com Vitória, não tinha ideia da dimensão de seus sentimentos, mas de uma coisa sabia, nada mais a prendia a Filipo. Continuar naquela relação era puro comodismo. Era se contentar com o mínimo do mínimo. Por isso agradeceu a Vitória que a fez enxergar tão amplamente.

- Te olhando de longe, na beira desse mar, pensativa, eu lamento mais ainda sabe? – Vitória quebrou o silêncio. Se acomodou ao lado de Fernanda que estava sentada na areia. Os pés eram molhados pelo mar. Trazia nas mãos uma garrafinha d'água. – Que o nosso namoro durou menos de três horas.

As duas trocaram um olhar mais demorado.

- Me dá um pouco da sua água? – Vitória entregou a garrafinha a corretora. Ela deu um bom gole. Precisava de coragem para seguir seu coração. Entregou a garrafa a Vitória, respirou fundo. – Eu também...

- Você também o que? – Vitória deu um gole em sua água.

- Lamento. – Fernanda admitiu.

Vitória, que ainda estava com a garrafa na boca, engoliu o restante de sua água acompanhada daquela pequena palavra que dizia tanta coisa. Uma nova troca de olhares entre as duas. Fernanda parecia um tanto encabulada em se abrir. Seu rosto esquentava. Vitória não resistiu e acariciou sua face com os dedos. De olhos fechados, Fernanda permitiu o gesto até sentir que a loirinha substituiu seus dedos pelos lábios. Vitória beijou toda a lateral de seu rosto e conseguiu arrancar um sorriso da outra. Ao se aproximar da boca, a loirinha entreabriu os seus olhos e encontrou com as íris castanhas. Foi o último olhar que trocaram antes de se entregarem ao beijo iniciado pela mulher negra.

Primeiro Fernanda aplicou um selinho para em seguida puxar o lábio da jovem com uma mordida de leve. Só de tocar o nariz de Fernanda com seu e experimentar a respiração dela tão próxima a sua, Vitória sentiu calor. Aceitou o convite sem pensar duas vezes. Deixou que Fernanda primeiro ditasse o ritmo para se sentir segura e aos poucos foi se aproveitando da situação. Acariciou a nuca com os dedos, arranhou levemente os ombros enquanto buscava a língua da outra. Ao perceber que estava perdendo o folego , a loira separou e passou a aplicar alguns beijos na região da bochecha e ouvido.

- Fiquei louca quando te vi assim, toda executiva, sabia? – Vitória deu algumas mordidinhas na bochecha, assoprou de leve o pescoço. Fernanda mordeu os próprios lábios para conter um suspiro de prazer. – Você me deixa louca!

Em resposta Fernanda voltou a procurar sua boca de forma ainda mais passional. Aplicou um beijo nada mais que perfeito. Molhado na medida exata. Forte, mas sem ser sufocante, excitante, quente. Não se aguentando mais, Vitória deixou sua mão descer e tocar a coxa direita de Fernanda. Aplicou um carinho que eriçou toda a pele da corretora. Deu uma mordida de leve em seu lábio e aproveitou que Fernanda estava bem entregue e subiu com as mãos acariciando sua virilha por cima da calça de tecido leve. Fernanda enterrou as unhas em seus ombros.

- Vitória, não... Não... Assim não...

- Por que? – Vitória questionou em um tom quase choroso. – Está tão gostoso.... Por que você não quer?

Fernanda sorriu.

- Eu quero, sua boba. Você não me entendeu. – Separou dela o suficiente para olhar a loirinha nos olhos. – Quero muito, mas não aqui. Vamos para outro lugar?

Vitória sorriu. Agora estava entendendo os planos de Fernanda.

CAPÍTULO 13

"Vamos para outro lugar?". Aquela pequena frase soava como música nos ouvidos de Vitória. Encontrou Fernanda tão na defensiva por dias que custou a acreditar no que escutava. Por alguns segundos cogitou que era sonho. Só voltou a crer em sua sanidade porque uma leve brisa passou entre as duas espalhando o cheiro da mulher mais velha pelo ar. Alguma essência de chocolate misturada com componentes cítricos, como laranja ou limão.

Vitória nunca soube ao certo se aquele aroma era de algum perfume, hidratante corporal ou produto de cabelo. Na cozinha já havia misturado centenas de vezes esses mesmos ingredientes, mas nem de longe o efeito era o mesmo que tinha sobre a pele da tia. Aquela era a marca registrada de Fernanda. Algo tão pessoal que se ela fosse em algum ambiente e depois saísse, o cheiro permaneceria ali.

Do outro lado, a corretora estudava a jovem à sua frente com curiosidade. Sentia-se insegura, pois nunca tinha saído ou estado na companhia de uma mulher em circunstâncias como aquelas. Teve que ser corajosa para quebrar o silêncio. Apesar de sorrir, Vitória não lhe disse nada.

- Você não quer?

- Eu? – Vitória então se tocou que ainda não tinha respondido e sentiu medo de ser interpretada de forma errônea. Não iria se perdoar se Fernanda escapasse dela. Precipitadamente respondeu. – Não!

- Não?

- Não, não... Eu quero! – Vitória se cortou, mal conseguia formar uma frase. Fernanda acabou rindo. – Eu quero... – Com urgência se pôs de pé, estendeu a mão a Fernanda que se ergueu também. Vitória aproveitou que estavam próximas para procurar por seus olhos castanhos. Deixou as duas mãos envolverem o rosto da mais velha. – Você não tem ideia o quanto eu quero...

E para sanar qualquer incerteza, Vitória se beneficiou que Fernanda segurava sua mão e a puxou para junto de si.

- Vitória, eu... – Antes de completar a frase sentiu a boca decidida de Vitória sobre a sua. A movimentação gentil dos lábios, o sabor e o modo firme e afetuoso que Vitória escolheu para lhe abordar a fez ceder. Permitiu cerrar os olhos e entregar-se a troca de carinhos. Apesar de não se tratar de alguém exatamente inexperiente, Vitória conseguiu lhe apresentar uma sensação que nunca havia provado: sentiu o mundo girar enquanto dava uma pausa no tempo. Contrariada, Vitória afastou dois centímetros dos lábios da esposa do tio para retomar um pouco de seu fôlego. Fernanda deixou que seu nariz tocasse o rosto da loirinha. Com a mão esquerda segurou a

face da garota, esfregou seus lábios carnudos sobre os de Vitória e retificou seu convite de alguns minutos. – Vamos sair daqui? – Desviou os lábios para a lateral e mordiscou a pele alva. – Eu tenho um lugar que podemos ir...

(...)

- Bia, você não está preocupada á toa?
- Isso está estranho... – Bianca dizia a Micróbio. Estendeu o celular a ele. – Olha só.

Rapidamente o rapaz passou os olhos pela conversa de mãe e filha no aplicativo de mensagens. Fernanda não se estendia muito, apenas dizia que achou melhor dormir na casa de Dudu porque não queria discutir com Filipo que estava alterado. Avisou que estava bem e falou que Bianca poderia encontra-la no celular.

- Bom... Essas coisas acontecem mesmo... São chatas, mas fazer o que? Por que você não liga para ela e pergunta se está tudo bem?
- Minha mãe deve estar dormindo. Deve estar bem.
- E por que você está tão preocupada?

Bianca coçou a cabeça, movimento típico de quando se sentia indecisa sobre algo.

- Porque tem coisa nessa história. Ela nunca agiu assim. Eu não sei explicar, mas tem alguma coisa estranha. Não sei se ela está mesmo no Dudu.
- Você acha que ela tem alguém?

Bianca sorriu e por fim fez um gesto negativo.

- Duvido. Você não conhece direito a minha mãe. Ela é caxias. Duvido que ela tenha alguém. Não que meu pai não merecesse, mas isso não é dela, sabe? Duvido.
- Ah... Eu sei que é sua mãe, mas eu não boto a mão no fogo por ninguém. Se fosse com você... Você não chegaria mesmo nem a pensar em procurar fora de casa?
- Claro... Pensar poderia, talvez ela tenha pensado, mas tenho certeza que não. – Espreguiçou. – Posso te confessar uma coisa? Eu estou com um pouquinho de cólica sim... E com uma vontade de comer chocolate...

Micróbio sorriu.

- Sabia. Quer mais alguma coisa? Eu busco pra você.
- Você vai mesmo na rua? Traz chocolate.

Deu um beijo na namorada e se ergueu da cama.

- Seu pedido é uma ordem.

Depois de anotar o remédio e o chocolate que Bianca queria, Micróbio deixou a namorada com suas dúvidas. Sem querer plantou na mente de Bianca a sementinha da desconfiança. Fernanda era uma mulher bonita, elegante, inteligente, profissionalmente bem colocada. O que não devia faltar era gente interessante e interessada em sua volta. Será? Logo em seguida a ideia se desfazia em sua cabeça. Fernanda era tímida demais, nunca tomaria uma atitude como aquela. Micróbio só levantou aquela hipótese por não conhecê-la direito, mas Bianca era capaz de colocar a mão no fogo pela mãe. Era a pessoa mais centrada que conhecia.

Jamais teria um caso.

(...)

- AIII... VI...– A voz da corretora de imóveis saiu entrecortada, estava tão presa a sua excitação que era difícil controlar o volume. – Vitória!

- Shiuu... – Vitória murmurou enquanto continuava se dedicando aos beijos nas costas e ombros da mulher. Fernanda procurava as chaves do imóvel que estava em um dos bolsos de sua bolsa, lutava para encontrar o molho, mas sua tarefa era dificultada, já que Vitória roubava toda sua atenção. – Você vai acordar os vizinhos... E o seu chefe vai te matar...

- Então não me desconcentra. – Fernanda aplicou um selinho na boca da loirinha para ver se a aquietava por alguns instantes. Outra missão complicada, Vitória estava impossível. Apenas deu alguma folga enquanto Fernanda dirigia. Assim que desceram do carro começou a rodeá-la como um leão circunda sua caça. Até deu as costas para a garota, mas logo se arrependeu. Em segundos Vitória descobriu que a nuca e a clavícula eram alguns dos seus pontos mais sensíveis. Dentro do elevador abusou o quanto pode, assim como no corredor que levava ao apartamento que seria o abrigo das duas naquela noite. Aproveitou que a loirinha resolveu tomar um ar para fazer uma busca completa na bolsa e finalmente encontrar as chaves. Abriu um sorriso. – Estão aqui.

Vitória retribuiu o gesto, assistiu a outra abrir a porta e deixou que ela entrasse primeiro. Não se aguentava mais. Sua vontade era se livrar das roupas e agarrar Fernanda ali mesmo, mas sabia que não poderia ser assim. Como uma profissional da cozinha, Vitória tinha tenência que haviam pratos que não mereciam ser devorados, mas sim saboreados. Apesar de não ser uma garotinha, era a primeira vez de Fernanda com uma mulher. Todos os atos deveriam ser especiais e seriam. Vitória fazia questão de prová-la com cuidado. Retirou a chave do lado de fora, encostou a porta e passou a chave.

Para controlar seus instintos, Vitória se obrigou a respirar fundo e olhar em volta de onde estava. Era um belo apartamento, acolhedor, mobília de bom gosto, tudo bem limpinho, mas um tanto impessoal. Sem porta-retratos de ninguém, sem louça em cima da mesa, sem nada fora do lugar.

- É da irmã do Dudu?

- É...Ela aluga para temporada, mas não vai alugar essa temporada porque vai reformar para vender. O Dudu deixou as chaves comigo para eu entregar para o porteiro que vai passar ao arquiteto. Ia vir essa semana para resolver isso.

Vitória sorriu.

- Santa irmã do Dudu... – Brincou. – E sorte a minha, né?

- Sorte a nossa você quer dizer, né? Vem cá... Quero te mostrar um negócio. - Puxou Vitória pela mão, atravessaram pela sala e foram direto para a sacada. –Olha isso.

Fernanda nem precisava ter pedido, pois, por conta própria, a loirinha se admirou com a bela vista proporcionada pelo apartamento. O prédio ficava bem na ponta da ilha e dava impressão que estavam praticamente dentro do mar. Era realmente de perder o fôlego.

- Nossa... Como alguém pensa em vender uma vista dessas? Só pode ser louca... Imagina abrir os olhos e encontrar esse marzão, esse céu... Ver o pôr do sol daqui... Isso não tem preço... – Olhou para Fernanda. – Quer dizer, tem e você sabe, não é?

Fernanda confirmou com um gesto, mas não tocou em números. Apesar de ser uma peça valiosíssima, a última coisa que estava pensando naquele momento era falar em trabalho e dinheiro.

- Sei sim. – Aproveitou que estava próxima de Vitória para arrumar uma mecha rebelde de seu cabelo, jogou para trás da orelha e envolveu a mão no rosto da garota. Deixou suas unhas riscarem suavemente a parte de trás da orelha da loirinha, percebeu que aquele ato deixou Vitória com a respiração mais pesada que o comum. – Sabe por que eu te trouxe aqui?

- Por que?

- Porque essa vista é ótima para namorar...

As palavras saíram mais tímidas do que Fernanda havia planejado. Estava nervosa porque Vitória era sua primeira mulher e não sabia ao certo os protocolos de uma situação como aquela. Cada centímetro do seu corpo experimentava a sensação de insegurança. Por alguns segundos achou que tinha dito algo errado e que Vitória desistiria. Logo a impressão foi deixada para trás por conta da atitude da loirinha que a tomou nos braços e roubou um dos beijos mais passionais que havia recebido na vida.

A personalidade introvertida e discreta da tia sempre foi algo que chamou atenção de Vitória. Ao ouvir aquela frase sair de sua boca de modo tão encabulado, não resistiu e se entregou de vez aos apelos de seu corpo e alma. Antes de procurar a boca, buscou contato através de seus olhos desejando que Fernanda decifrasse todo o sentimento que carregava dentro de si através da troca de olhares.

O hálito fresco e adocicado da mulher mais velha colidia com sua face criando uma improvável carícia. Fernanda conseguia escutar a respiração mais forte da sobrinha e muito distante o som das ondas quebrando nas pedras da praia. Vitória roçou sensualmente a boca sobre a sua, Fernanda entortou levemente o rosto para encaixar o beijo e pode sentir um cheiro suave de amêndoas emanado da pele alva, aspirou mais forte, em busca do aroma, e Vitória aproveitou para submergir a língua entre os lábios de sua parceira.

Fernanda não era a única insegura em cena. Vitória tinha muito medo do que estava por vir depois. Medo de ser rejeitada, de Fernanda fingir que nada aconteceu entre outras inúmeras possibilidades. Qualquer anseio ou dúvida foi esquecido no momento que iniciou aquele beijo na varanda. O modo que Fernanda tocava seus lábios e permitia que ela também tocasse, o jeito que enroscou as mãos em seu corpo arranhando seus braços e explorando suas costas, a maneira que puxou a gola de sua camisa emendando um segundo beijo, apenas se ela não fosse humana seria indiferente a tudo aquilo. Vitória perdeu qualquer tipo de senso ou defesa quando Fernanda passou a se sentir mais à vontade e envolveu suas mãos de um jeito carinhoso e firme. Pressionou a nuca e a cintura da garota arrancando um gemido. A loirinha respondeu à altura mordendo os lábios da mulher negra, puxou-a pela camisa e a pressionou contra uma parede. Estava tão ansiosa que chegou a exagerar na força usada para o ato.

- Te machuquei?

- Não, não. – Fernanda mordeu levemente os próprios lábios e fez um sinal indicativo com os dedos. – Vem cá, vem... – Com os dentes esfolou de leve a bochecha esquerda da garota e assoprou em seu ouvido. – Quero ser toda sua, faz o que quiser comigo, Vitória...

Até tinha machucado um pouco sim, mas nada que fosse insuportável ou algo do tipo. Fernanda tratou de ouvir o que seu corpo realmente pedia e trouxe Vitória para junto de si com

uma mordida nos lábios da estudante iniciando um beijo um pouco mais selvagem.

(...)

- Vitória, criatura, você foi sequestrada, raptada ou abduzida? – Valentine gravava um áudio para enviar a amiga. - Assim que pegar esse recado me manda notícias. Beijos.

Valentine travou seu celular e o colocou no criado mudo, ao lado da cama. A madrugada já estava em sua segunda metade e não havia conseguido pregar os olhos. Não tirava Marcelo e Daniele da cabeça. Alguma coisa de errado estava acontecendo com ela e precisava de conversar com alguém sobre. Se estivessem em Paris procuraria talvez pelo seu terapeuta, mas como não era o caso, se contentaria em se abrir com algum amigo. E onde estava a melhor amiga? Sabe-se Deus!

Vitória tinha dito no dia anterior que iria atrás de Fernanda para tentar se acertar com ela e negociar o apartamento, depois não se encontraram mais e não recebeu notícia alguma. Foi então que Valentine se deu conta de um detalhe importante. Quando passou pelo corredor o quarto de Fernanda e Filipo estava aberto. Nenhum dos dois tinha dormido em casa. Marcelo comentou que o casal discutiu por telefone e Filipo saiu de carro. Fernanda estava sumida, Vitória também, não era difícil chegar ao resultado daquela equação. Levantou subitamente da cama.

- Será? - Valentine se questionou em voz alta para em seguida negar sua própria indagação com um gesto de cabeça. Tudo bem que o clima para isso sempre existiu desde o primeiro dia e Vitória estava quase com ideia fixa, mas Valentine não acreditava nisso e tinha um motivo forte. Fernanda. Ela podia até estar interessada, excitada naquele joguinho das duas, mas Valentine a considerava acomodada demais para seguir em frente. Duvidava que ela fosse até o final. Acreditava piamente que lhe faltava coragem para isso. Deitou-se na cama. – Coisa da sua cabeça, Valentine! Você está imaginando coisas.

(...)

- Você tem certeza? – Fernanda questionou ainda surpresa com o pedido da garota. – E se você não gostar?

Vitória abriu um sorriso sacana.

- Eu vou adorar qualquer coisa feita por você. – Confessou. – Mas se você não se sente à vontade, eu vou entender.

Fernanda demorou alguns segundos para decidir. Já fazia algum tempo que transar tinha se tornado algo burocrático. Ela e Filipo estavam cada vez mais afastados, o sexo já tinha perdido a paixão, envolvimento e qualquer coisa parecida com prazer. Era como uma outra necessidade fisiológica qualquer. Depois cada um virava para o lado e dormia. Ás vezes ficavam semanas sem se tocarem. Fernanda estava até começando a acreditar que a culpa era dela, que não era mais uma mulher interessante e por isso Filipo a dispensava ou mal olhava em sua cara.

A chegada de Vitória fez despertar uma Fernanda que estava adormecida há anos devido ao casamento morno. Uma mulher que apesar de ser introvertida, sempre foi quente e apaixonada entre quatro paredes. A corretora de imóveis estava com saudade dessa Fernanda e ficou tão feliz em reencontrá-la que decidiu agradecer a loirinha por ajuda-la e disse:

- Faz o que quiser comigo...

Nunca imaginou que Vitória levaria aquele agradecimento ao pé da letra, mas foi o que a garota fez. Após a ardente troca de beijos na sacada, Fernanda sentiu calor e solicitou que Vitória soltasse os botões de trás de sua blusa porque ela ia retirar a peça. A loirinha negou ajuda.

- Por que?
- Eu quero que você tire a sua roupa de outro jeito. – Mordiscou o pé da orelha de Fernanda. – Dança para mim?

Aquele pedido pegou Fernanda de surpresa. Não que não soubesse dançar, pelo contrário, apesar de tímida sempre dançou muito bem e fazia aulas de dança duas vezes por semana. Há uns meses, Dudu encasquetou que queria aprender a dançar Stiletto, a dança das divas pop, e com muito custo convenceu Fernanda a entrar na aula com ele. Fernanda acabou tomando gosto pela prática e deu continuidade à atividade. Seu receio não era dançar, mas se apresentar na frente de alguém que não estava acostumada a vê-la naquela situação.

- Você tem certeza? – Fernanda questionou ainda surpresa com o pedido da garota. – E se você não gostar?

Vitória abriu um sorriso sacana.

- Eu vou adorar qualquer coisa feita por você. – Confessou. – Mas se você não se sente à vontade, eu vou entender.
- Não... – Abriu um sorriso fraco. – Eu vou dançar para você... – Olhou em volta. – Só me dá alguns minutos?
- Vou tomar uma ducha.

Fernanda apertou os lábios de Vitória em um selinho.

- Não demora.

Despediram-se com outro selinho. A mulher esperou a garota entrar no banheiro para correr ao quarto e encostar a porta. Agradeceu a Deus por ter mandado faxinarem o apartamento naquela mesma semana. Tudo estava muito límpido e com um cheirinho agradável. Abriu a bolsa e encontrou o que precisava, seu celular com a playlist das aulas de dança, seu perfume e umas compras que havia feito no horário de almoço em um loja de lingeries. Pegou a sacola e seguiu para a suíte. Também precisava de uma ducha.

(...)

- Você não está exagerando, meu irmão? – Miguel perguntou a Filipo que apenas fez um gesto negativo. Ele fez um sinal para o balconista lhe servir mais uma dose. – Lipo...
- Me deixa, Miguel... Nem te chamei aqui!

Era verdade. Miguel estava dormindo quando foi despertado pelo seu celular. Era Rossi, um amigo de longa data que era proprietário de um bar que Marcelo frequentava. Para Rossi ligar àquela hora só significava uma coisa, problemas com Marcelo. Maria Helena, a esposa de Miguel acordou com o celular.

- Que é isso, Miguel?
- Eu tenho que atender, é o Rossi.
- Uma hora dessas?

- Deve ser alguma coisa importante. – Se levantou da cama, antes de sair do quarto ouviu um resmungo da esposa. Atendeu. – Oi? -...- Sou eu, sim... -...- Meu irmão? Cara, o Marcelo é foda! O que ele... -...- O meu outro irmão? -...- Tem certeza? -...- Ok, estou indo!

Desligou o celular. Após tomar um banho e travar uma discussão com a esposa, Miguel finalmente conseguiu sair de casa. O bar ficava no mesmo bar que ele residia, Aclimação. Não teve problemas em estacionar pois aquele horário as ruas estavam vazias. Logo reconheceu o carro do irmão em frente ao estabelecimento. Encontrou um acabrunhado Filipo encostado no balcão.

- O que você está fazendo aqui? – O mais velho questionou ao ver o pai de Vitória. – Como você me achou?

- Tenho os meus recursos. O que está acontecendo, Filipo? O que você está fazendo bêbado nesse copo sujo?

Miguel perguntou sem esperança alguma do irmão responder. O queridinho de Filipo sempre foi Marcelo e nunca ele. Na infância e adolescência viviam trocando socos, chutes, tapas, gladiando pela atenção dos pais e das garotas. Qualquer menina que demonstrava algum interesse em Miguel, Filipo fazia questão de conquista-la antes. Depois saia dizendo que o irmão se conformava com seus restos.

Na vida de adulto, a garota que Filipo fez questão de tomar de Miguel foi a presidência do grupo Vaccara. Miguel não ligava muito para status algum, mas Maria Helena fazia questão e travavam brigas épicas por isso. Filipo nunca deixava transparecer seu lado mais sensível na frente do irmão porque, para ele, o fraco sempre foi Miguel. Aquela noite as coisas aconteceram de uma maneira diferente.

- Meu casamento acabou.

- Como assim?

- A Fernanda destruiu nosso casamento.

Filipo, bêbado, não falava coisa com coisa. Demorou cerca de vinte minutos para tentar desenrolar alguma história e por fim desistiu. Miguel, solidário ao irmão, resolveu se sentar e pediu um chope para si. O casamento com Maria Helena também não andava às mil maravilhas, mas sabia que era só uma fase. Acreditava que com Filipo acontecia o mesmo e ele não estava sabendo lidar.

- A Fernanda gosta de você... Ela é louca por você. Você que vive pisando na bola com ela e com a Bia. Haja paciência também, né, cara?

- Louca por mim, louca por mim... Ela dormiu fora de casa. Até o marginal daquele irmão dela falou que não sabe onde ela se meteu. Deve estar com o bichinha do chefe! – Nervoso. - Eu vou exigir que ela saia daquele emprego. Eu não gosto da influência daquele viado!

- Filipo, baixa a bola... Você é muito machista, intolerante... Olha como você está falando do amigo dela. Cadê o respeito pelas pessoas? É isso que pode acabar com seu 2casamento.

- Aquele baitola fica no ouvido da minha mulher e eu sou obrigado a ficar quieto?

- Respeita o cara, meu! Se liga... – Respirou fundo. – E eu sei onde a Fernanda está. Não é nada demais.

Filipo olhou para o irmão.

- Como assim?

- A Vitória me mandou uma mensagem que estava com a Fernanda no Guarujá... Ela achou a tia muito nervosa e convenceu ela dar um tempo. Só isso!

- A VITÓRIA É LOUCA? – Filipo reagiu. - ENTÃO É ELA QUE ESTÁ INFLUENCIANDO A FERNANDA?

- Calma cara... Elas estão ali... Devem voltar entre amanhã e depois. O que tem demais?

- Mas foi ela e a Vitória! Não é certo. Por que ela não me avisou? Eu aqui sofrendo, preocupado e a Fernanda no bem bom!

- Eu duvido que ela esteja no bem bom... – Miguel disse. – A Fernanda é uma mulher muito sensível. Deve estar se sentindo destruída, deve estar sofrendo também... Você não conhece sua mulher?!

Filipo refletiu por alguns segundos e por fim fez um gesto afirmativo concordando com o irmão.

- Você tem razão... A Fernanda é muito frágil... Não aguenta qualquer coisa. Tudo fica abalada, ela deve estar sofrendo mesmo. Só não entendi porque ela foi com a Vitória.

- Fica tranquilo... A Vitória sempre gostou muito da Fernanda, vivia grudada nela quando era menor... Eu conheço a minha filha, ela não vai fazer mal nenhum a Fernanda. Mulheres se entendem...

- É... E ela tem quase a idade da Bia, né? – Filipo comentou e cravou. – Ela gosta muito da Vitória, considera como se fosse uma filha.

- Claro! A relação delas é essa. – Miguel afirmou. - De mãe e filha.

(...)

Ao sair do banheiro, Vitória encontrou a porta do quarto encostada, só conseguia ouvir a música tocando lá de dentro. Os dez minutos que Fernanda havia pedido já haviam se esgotado, ela estaria pronta? Antes de bater na porta, Vitória ajeitou melhor o roupão felpudo que vestia. Tinha encontrado a peça no banheiro, estava dobrada e guardada no armário, devia ser da dona da casa. Passou a mão nos cabelos aloirados que estavam molhados e ganhavam um tom mais escuro, jogou-os para trás. Respirou fundo e deu três toques na porta.

- Fecha os olhos. – Fernanda pediu antes de abrir a porta. Vitória obedeceu, ouviu o ranger da porta se abrindo e em seguida sentiu o cheiro do perfume de Fernanda misturado com de algum sabonete. Ela também tinha aproveitado para tomar banho. Ia levantar as pálpebras, mas a outra adivinhou sua ação. - Continua de olhos fechados... – Sentiu as mãos macias tocarem em seu ombro e guiarem para dentro do quarto. – Continua assim... – Deu alguns passos. – Ainda não abre. – Vitória ouviu a porta se fechar e o barulho de algum objeto sendo arrastado. Fernanda a empurrou levemente para um lugar e percebeu que sentou sobre uma cadeira. Sua boca foi tomada pela de Fernanda.

O som da canção ao fundo misturado com o ruído dos lábios se encontrando para um beijo molhado era a música mais perfeita que a loirinha havia escutado. De olhos fechados parecia que todos seus outros sentidos estavam mais aguçados que o normal e aquele mistério todo a deixava mais excitada. Fernanda finalizou o beijo com uma mordida no lábio que a deixava com mais vontade do que já estava.

- Fernanda, não aguento mais. - Sentiu o dedo indicador de Fernanda sobre os seus lábios em um pedido de silêncio. Obedeceu-a mais uma vez, o dedo invadiu sua boca e Vitória

entendeu o que ela queria, chupou vagarosamente finalizando com um beijo na ponta do indicador. – Delicia... – Deixou escapar em um gemido. - Posso abrir os olhos?

- Pode, mas tem que se comportar, você é muito teimosa! – Brincou. - Mãos para trás. Abre os olhos devagar.

Mais uma vez obedeceu Fernanda e vagarosamente ergueu as pálpebras. A luz do quarto era mínima. Sabiamente Fernanda jogou um pano sobre o abajur enfraquecendo a iluminação. Abriu a janela provocando um facho de luz mínimo que permitia Vitória enxergar a linda mulher na sua frente. Sempre achou Fernanda muito interessante, mas ela fez questão de caprichar naquela noite. Usava uma camisola branca, de renda, que contrastava com sua pele cor de chocolate. Ela tinha comprado a camisola naquele dia mesmo, em seu almoço, sem planos. Não imaginava que ia usá-la tão cedo.

A peça parecia ter sido feita sob medida. Ficava rente ao abdômen sequinho de Fernanda e quando chegava nos quadris a renda se soltava dando liberdade para Fernanda desfilar com todo seu gingado. Boquiaberta, Vitória olhou para o rosto da mulher e percebeu que ela usava um batom rosa deixando seus lábios carnudos ainda mais sedutores. Como se estivesse em frente de um apetitoso prato de comida, Vitória passou a língua sobre os lábios.

- Meu Deus, você está maravilhosa e... – Suas mãos foram em direção a mulher mais velha que desviou. – Fer...

- Você disse que ia obedecer... – Vitória riu. – Mãos para trás. - Um tanto contrariada, Vitória colocou as mãos no local indicado por Fernanda. – Agora que vai começar.

Fernanda pegou o celular e mudou de música. Agora tocava algo próximo ao heavy mettal. Fernanda começou a acompanhar as batidas da música que iniciava lenta. Soltou levemente o quadril apenas para aquecer e ouviu um suspiro forte vindo da cadeira de Vitória.

Com um sorriso nos lábios e um olhar ardiloso, Fernanda desfilou próximo da estudante. Deixou o celular tocando a música sobre a cama e ao passar de volta resolveu provocar e soltar um afago entre os cabelos da loira. Só aquele toque fez a garota se tremer por completo. Vitória mordeu os próprios lábios, não conseguia disfarçar sua respiração descontrolada.

A medida que a música corria, os passos de Fernanda esquentavam quase enlouquecendo Vitória. Tinha certeza que suas unhas marcariam o encosto da cadeira. Vitória cravava a ponta dos dedos com força no móvel para não “desobedecer” Fernanda. A corretora fazia de tudo para que ela quebrasse a regra, soltava o quadril à centímetros de seu rosto, rebolava de frente e de costas entre suas pernas, as unhas riscavam desenhos em seu braço e pescoço. Fernanda se divertia ao ver o estado que deixava Vitória. A garota estava enlouquecida sobre a cadeira, quase pegando fogo. Seu olhar ensandecido e a pele rubra denunciavam que não suportaria por muito tempo.

Fernanda resolveu ir pouco mais além na sua brincadeira, colocou a mão por dentro do roupão com a desculpa de abrir mais um pouco para Vitória se sentir mais à vontade.

- Fernanda! – Vitória reagiu.

- Que foi... Ainda tá com calor? – Brincou. – Ou sou eu que te deixo assim?

- Você me deixa tensa!

- Deixa eu ver... - Colocou o pé sobre a cadeira e separou as pernas de Vitória que não resistiu e soltou um gemido. Passou a mão entre as pernas, parecia encostar em brasa. Sorriu. – É verdade...

E novamente passou os dedos sobre a virilha da garota que fechou os olhos tentando buscar algum resto de juízo. Desceu um pouco mais e Vitória resolveu entregar os pontos. Soltou as mãos da cadeira, agarrou firme a coxa de Fernanda e começou a beijá-la. Fernanda decidiu ceder também, mas não sem antes jogar a última alfinetada.

- Garota desobediente!

Vitória, em um movimento decidido, virou Fernanda de costas e se levantou. Puxou as alcinhas da camisola para a lateral, fazendo a peça cair embolada sobre os pés de Fernanda que agora apenas usava um conjunto de lingerie branco, também novo, adquirido junto da camisola. Vitória ergueu os cabelos da mais velha deixando sua nuca amostra. Com a língua desenhou uma reta da nuca até o cóccix, mordeu levemente a lateral de sua bunda fazendo Fernanda soltar um gemidinho. Em outro movimento se ergueu e esfregou seu corpo ao da esposa do tio. Fernanda deixou escapar outro arfar ao perceber que Vitória havia desfeito do roupão e estava apenas usando uma calcinha. A loirinha ainda sussurrou em seu ouvido antes de caírem na cama.

- Gostosa!

E sem mais interrupções se entregou ao seu desejo. Empurrou Fernanda para trás até ela cair sobre a cama e caiu sobre ela. Dedicou alguns minutos explorando sua boca, como se nunca houvesse beijado antes, Fernanda quis iniciar aquele jogo? Ótimo, era sua obrigação mostrar que também sabia brincar. Colocou suas pernas entre as da tia e começou a pressionar sua virilha. Percebeu que a mais velha estava deixou sua coxa umedecida e passou a ousar ainda mais nas carícias. Desceu com a boca pelo pescoço, ombro, colo até chegar aos seios. Parou para admirá-los deixando a mais velha sem graça.

- Eu... Não tenho mais vinte anos.
- Você é perfeita. – Vitória afirmou. Fernanda abriu um sorriso tímido. – Maravilhosa. Quero você todinha...

Carinhosamente acariciou os seios, ainda sobre o tecido do sutiã com as mãos. Fernanda fechou os olhos para curtir melhor aquele gesto e alguns segundos depois sentiu que estava praticamente nua. Vitória livrou-se de seu sutiã e aproveitou para tirar a própria calcinha. Enquanto se deliciava com os seios da mais velha, esfregava o sexo molhado sobre sua perna. Ao perceber o que acontecia, Fernanda deixou que suas mãos trabalhassem. uma acariciava os cabelos de Vitória, incentivando que ela continuasse o que estava fazendo. A outra arranhava a lateral de seu corpo enquanto buscava circundar o dorso da jovem.

A medida que Vitória foi acelerado o ritmo, Fernanda gemia mais alto. Estando prestes a gozar, Vitória marcou a região do abdômen de Fernanda com dentes e lábios. Antes de se desfazer da calcinha da tia, beijou as duas pernas e com os dedos acariciou por dentro da peça intima. Testou três vezes, na quarta quando ia aumentar o ritmo, Fernanda solicitou mudar de posição. Queria gozar beijando a boca da loirinha. Foi atendida imediatamente. Sem tirar os dedos de onde estava, Vitória se sentou na cama e permitiu que Fernanda fizesse o mesmo. A boca da mulher mais velha logo procurou a sua e entre um beijo e outro Vitória percebeu o corpo de Fernanda pressionar todo o seu até ela se desfazer em um orgasmo e cair sobre o colchão. Vitória a acompanhou na queda, ainda trocavam beijos quando Fernanda separou de sua boca e disse:

- Falta você... Vem cá... – Aproximou a boca de seu ouvido e lhe fez um pedido que a

loirinha realmente não esperava receber.

- Tem certeza?

- Tenho... Vem logo, vem... Você vai gostar.

Disso Vitória não tinha dúvida. Só estava mesmo surpresa com a performance da outra. Por fim atendeu seu pedido. Ajoelhou-se na cama jogando uma perna de cada lado, na altura do rosto da outra, como a própria tia havia pedido. Sentiu as mãos de Fernanda se espalhar por sua bunda enquanto ela chupava seu sexo inundado. Estava se segurando durante a noite inteira, Fernanda não precisou de muito tempo para fazê-la gozar fortemente. Suas pernas tremiam tanto que depois de limpar toda sua cavidade, Fernanda ajudou Vitória a se acomodar na cama de maneira mais confortável. Precisaram de uns minutos para se recompor. A loirinha quebrou o silêncio do quarto.

- Fer?

- Oi? – Fernanda acariciava os cabelos loiros. A vontade de Vitória era pedir para que a outra lhe beliscasse para ver se não se tratava de um sonho. Havia sido muito melhor do que em sua imaginação. Fernanda era realmente fogosa e apaixonante, além de carinhosa.

- Você nunca transou com nenhuma outra mulher mesmo?

- Não. Nunca... Você foi a primeira...

Vitória riu.

- Olha, não estou aqui para rotular ninguém... – Divertida. – Mas você leva jeito para a carreira viu... – Fernanda começou a rir. – Estou falando sério, talento puro...

Fernanda gargalhou. Depois sentiu seu rosto esquentar.

- Eu... – Sem graça. – Desde que você me beijou aquele dia de manhã eu fiquei meio curiosa e fui procurar algumas coisas para assistir, uns vídeos... Eu fiquei com vontade. – Vitória começou a rir imaginando os vídeos que Fernanda havia assistido. Estava adorando ver a carinha envergonhada da tia. – Você me entende, né?

- Não... – Vitória se fez de sonsa. – Me explica.

- Você é besta... – Fernanda empurrou levemente Vitória fazendo a outra rir.

- Sou. Sabe o que eu também sou? – Fernanda fez um gesto negativo. – Apaixonada por você. – Fernanda sorriu abobada. – Posso te fazer outra pergunta?

- Você pode tudo.

- Mesmo depois de tudo isso que rolou aqui e quando a gente estava lá na praia, mesmo depois de tudo, você ainda pensa em continuar casada com o tio Filipo?

CAPÍTULO 14

Ao finalizar a pergunta, Vitória fez uma careta, como um jogador de game que erra uma manobra. “Cedo demais”, mentalmente avaliou. Aquele era o primeiro passo de Fernanda. Um grande passo, mas ainda assim era o primeiro. Sua ideia não era pressioná-la, até porque ela, Vitória, não tinha nada para garantir a Fernanda, mas sua espontaneidade, mais uma vez, foi à frente da razão.

- Desculpa, eu não quero te apertar, é porquê... Me dá agonia! Como se você visse alguém usando um casaco de lã no verão, por exemplo. Dá vontade de chegar e perguntar: “Meu

Deus, o que está acontecendo?”... – Fernanda sorriu e a garota fez um gesto negativo. – Você tem razão, eu sou uma besta. Falo que não vou pressionar e digo isso. – Fez uma pausa. – Desculpa...

Em resposta recebeu um carinho. Fernanda afagou os cabelos loiros.

- Ei... Não se sinta mal... Depois de tudo... Dessa noite maravilhosa, você tem o mínimo direito de me perguntar sobre isso.

- Não quero te obrigar a nada.

- Mas você não está me obrigando, Vitória. Eu que acho que te devo mesmo uma satisfação. – Fez uma pausa. – Talvez eu te decepcione...

- Não estou esperando um conto de fadas. - Se sentou na cama. – Pode falar. Eu sou mulher o bastante para ouvir e lidar com isso.

Fernanda fez um gesto afirmativo, mas não falou imediatamente. Precisava de alguns segundos para recapitular tudo que estava pensando e transformar em palavras. Vitória não era a única insegura naquele quarto.

- Quando eu sugeri que a gente viesse para cá eu tinha muitas incertezas sobre a minha vida e ainda tenho muitas, imensas. Eu não sei exatamente o que quero fazer agora, mas eu sei o que não quero e acho que já é algo.

- E o que você não quer?

- Não quero mais o Filipo. Não tem mais como continuar. – Por fim admitiu para espanto de Vitória. – Vitória, por favor... Eu juro que não estou fazendo nada disso de propósito. Só não posso te prometer nada porque é tudo muito novo para mim, meu casamento desmoronando desse jeito, isso agora... Seria desonesto da minha parte te dar uma certeza de algo que eu não sei se lá na frente eu sou capaz de cumprir... A única certeza que eu tenho agora é que eu não quero mais o Filipo e está sendo extremamente difícil aceitar isso. Ninguém se casa para separar, entende? - Vitória tentou se conter, mas sem sucesso. Deixou escapar um sorriso. – Vitória!

- Calma... Não estou rindo por causa do seu casamento. – Fernanda apertou os olhos desconfiada e entre risadas Vitória voltou a confirmar. – Eu juro...

- E eu posso saber qual é a graça então?

- Finalmente descobri que você é humana e tem as inseguranças que qualquer outra mulher no seu lugar também teria. Não, porque eu já estava com medo... – Fernanda começou a rir. – É sério. Você é uma pessoa maravilhosa. Na cama é... – Fez o número dez com os dedos e Fernanda riu envergonhada. – Se você falasse que ia largar seu casamento por minha causa, seria perfeição demais. Eu ia desconfiar que transei com um robô... – Vitória disse. - Você passou uma vida como heterossexual, de repente acontece essa noite, é normal que você se sinta confusa. –. Vitória emendou. – Fer, eu te disse que não esperava um conto de fadas e vou saber lidar com isso... Eu só te perguntei porque, acima de tudo, eu gosto demais de você para te ver colecionando decepções do lado de um cara como o meu tio. Não me julgue mal, eu sei que ele é seu marido e pai da sua filha, mas você sabe que eu nunca fui com a cara dele. – Fez uma pausa. – Eu não quero te cobrar nada porque eu não posso oferecer... Só estou no Brasil de férias, lembra? Eu tenho minha vida para tocar em Paris...

Por alguns instantes Fernanda havia esquecido daquele pequeno detalhe. A procura pelos apartamentos alimentou a ideia de que Vitória pudesse ficar mais do que alguns dias. A loirinha nunca lhe fez promessas nesse sentido, mas sentiu entristecida por lembrar que logo ela iria

embora. Para evitar qualquer constrangimento, Fernanda usou um tom mais leve para disfarçar sua decepção.

- Quer dizer que eu fui seu passatempo de férias, dona Vitória? – Brincou. – O brinquedinho que você se aproveitou?

A loirinha logo compreendeu que se tratava de uma brincadeira, aproveitou que Fernanda estava sentada com as pernas estendidas no colchão e encaixou em seu corpo. Percebeu a pele da outra se eletrizar com o contato. Acariciou seu rosto envolvendo-o com as mãos. Surpreendeu Fernanda com um beijo calmo e cheio de afeto. Separaram-se preguiçosamente sem a menor vontade de interromperem o ato.

- Isso é muito bom, né?

- É... – Fernanda deu um selinho na boca de Vitória. Admitiu. – É maravilhoso. – Desceu com beijos pelo queixo e pescoço que serviram para eriçar os poros da loira. Entre beijos questionou. – Não está mesmo magoada comigo?

Vitória separou apenas o possível para olharem nos olhos, fez um gesto negativo.

- Acho que estou ainda mais encantada por você ser franca... – Envolveu os lábios de Fernanda e acariciou com os seus. – Vai ser difícil pra caramba entrar naquele avião de volta para Paris, sabia? Eu nunca mais vou esquecer essa noite, Fernanda... – Prendeu os cabelos castanhos em suas mãos. Deixou que os lábios passassem pelo rosto da outra, colou sua testa na de Fernanda. – Antes de voltar para casa, eu quero gravar cada pedaço de você, quero aproveitar cada minuto que eu ainda tenho com você. Você é aventura mais doce, mais linda e quente que eu vou ter na vida, eu tenho certeza. – Aplicou um selinho em sua boca. – E se um dia você for para Paris, passa pelo Bistrô Art Dans La Cuisine e pede uma Quichê a lá Fernanda. É um prato que eu vou fazer em sua homenagem... – Aplicou mais um beijo em Fernanda. – Eu vou estar esperando lá...

Fernanda sorriu.

- Quichê a lá Fernanda... – Repetiu. – Eu adoro a cozinha francesa. Esse seu convite é a segunda coisa mais tentadora dessa noite...

- E qual é a primeira?

- Você! – Como Vitória estava sentada sobre suas pernas, o busto da garota estava mais ou menos na altura do rosto de Fernanda. Seus olhos mediram a garota loira de cima abaixo. Vitória sentiu duas mãos percorrerem seus cabelos, cervical e quadril. Os olhos de Fernanda buscaram contato com os seus, a corretora aproximou os lábios da boca da outra. – Você é tão linda... Também não vou te esquecer.

Foram as últimas palavras que disse a garota loira antes de tomar sua boca em um beijo cheio de acalanto. Vitória, que era sempre tão decidida, deixou ser dominada por Fernanda. A mais velha venerou seu corpo por completo com beijos, chupadas, mordidas. Apenas se deu por satisfeita quando sentiu novamente o gosto da mais jovem misturado com seu próprio gozo. Sem trocarem mais palavras, ambas adormeceram lado a lado, Vitória nos braços de Fernanda, torcendo para que o perfume da corretora se fixasse em sua pele e não saísse nunca mais.

(...)

Filipo foi o primeiro a se levantar na mansão dos Vaccara. Apenas não acordou antes que os empregados da casa que já haviam até posto a mesa do café da manhã. Ele mal havia dormido. Chegou em casa quase de manhã, Miguel o trouxe e depois foi embora. Deitou na cama e se revirou de um lado para o outro tentando não pensar em Fernanda, mas foi em vão. Cochilou por quarenta minutos e acordou com a correria dos sobrinhos.

Irritado por causa da esposa e da noite em claro, Filipo tomou banho, trocou de roupa e saiu do quarto. No corredor cruzou com Emílio que batia na porta do quarto de Marcelo.

- Emílio, é melhor ir no quarto da sua mãe, você sabe que o seu pai dorme até tarde.
- Mamãe disse que ia dormir no quarto do papai porque eles tinham que conversar.
- Ela não dormiu no quarto dela?
- Não tem ninguém lá.

Era a notícia que faltava para azedar de vez a manhã de Filipo. Furioso, deixou o garoto sozinho com a desculpa que estava com pressa e desceu para tomar café. Na mesa, além de pães, frutas, frios e sucos, havia também um saco plástico que trazia uma revista especializada na cidade de São Paulo. Era uma publicação mensal assinada por Francesco. Resolveu folhear para se distrair e se interessou por uma sessão batizada de pinga fogo que trazia pequenas notas de bastidores sobre alguns figurões da cidade. Uma nota lhe chamou atenção, leu duas vezes para acreditar no que estava publicado.

Rei de Midas?

Em nota publicada em seu site e todas as redes sociais, a Ordem dos Advogados do Brasil declarou que o profissional Conrado Novaes está oficialmente proibido, até a segunda ordem, de exercer sua profissão. O advogado está sendo acusado de vender informações confidenciais de clientes da Novaes e Associados para terceiros. Quem deve lamentar o afastamento de Novaes é um grande amigo seu, herdeiro de um império que vende sonhos. De acordo com alguns testemunhos, Novaes passava orientações a esse renomado executivo sobre empresas clientes da Novaes e Associados. O empresário comprava as ações no pregão e o lucro era dividido entre os dois amigos. Com o afastamento de Novaes, o que será do nosso Rei de Midas, Dio Santo?!

Apesar de não citar nomes, quem acompanhava um pouco sobre Economia podia concluir facilmente que falavam da Vaccara. Todos sabiam que Império das Joias era um dos slogans mais famosos da empresa italiana e a lenda do Rei de Midas (tudo que encostava virava ouro) estava sendo utilizada atualmente pelos publicitários da Vaccara em propagandas de TV e impressa. Entrelinhas o jornalista deixou claro que se tratava de um dos três irmãos: Marcelo, Filipo ou Miguel. Marcelo e Novaes nunca haviam se visto na vida. Miguel o conhecia de vista. Filipo jogava golfe com o advogado toda semana. Não era difícil descobrir quem era o Rei de Midas citado pela revista, em claro tom de ironia. E para não haver dúvidas, ainda encerrou a matéria com uma expressão italiana, clara referência à família Vaccara.

Inconformado, Filipo correu os olhos pela revista até encontrar o editor responsável no Expediente da publicação. Ao ver o nome sentiu os punhos pegarem fogo.

- Vou te matar, Renato Guadalupe e acabar com esse Pasquim que você trabalha!

(...)

- Vitória... – Fernanda foi calada com um selinho. Sorriu desarmada. – Vitória!
- Fica calma... Aqui não estamos tão perto de casa. Vem cá, vem...

Fernanda ainda se sentia insegura, mas qualquer incerteza ficou para trás quando sentiu a língua de Vitória pincelando sobre os seus lábios convidando-a para um beijo mais intenso. A boca da mulher mais velha ainda tinha gosto do cappuccino que haviam tomado de café da manhã, em uma padaria ali mesmo na região dos Jardins. Fernanda aplicou alguns selinhos na boca da jovem e quando ela tentou emendar o segundo beijo se afastou. Precisava voltar a agir com a razão.

- Fer... –Vitória choramingou.
- Não estamos tão perto de casa, mas também é tão longe assim... E daqui a pouco o seu carro chega.

Apesar de não ter gostado da resposta da outra, Vitória sabia que Fernanda tinha razão. Não era bom dar sorte ao azar e além disso o carro que havia pedido por meio de aplicativo poderia chegar a qualquer instante. Saíram do apartamento da irmã de Dudu logo cedo, pararam para tomar café da manhã e iriam se separar ali. Fernanda achava melhor não chegarem juntas para evitar mais falatório de Filipo. E, além disso, precisava ver uma pessoa antes de seguir para casa.

- Você tem certeza que prefere assim? Não prefere inventar qualquer coisa?
- Não. Você falou a verdade ao seu pai, se contar outra história agora vai ter desencontro. Fala que estávamos juntas, que você me acompanhou em uma saída minha com algumas colegas e depois dormimos no apartamento de um amigo meu. O que não é mentira já que eu considero a Lígia uma colega minha e dormimos mesmo no apartamento da irmã do Dudu. Eu devo chegar em casa por volta da hora do almoço.

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Aí... Queria poder voltar para a noite de ontem... – Confessou. - Na verdade queria poder morar naquela madrugada. – Seu rosto foi tocado por Fernanda de maneira carinhosa. – Eu achei tudo maravilhoso.
- Eu também... – “Queria morar na madrugada de ontem”, Fernanda pensou, mas se calou. Estava sofrendo e sabia que Vitória ia sofrer também, queria evitar frases que alimentassem algum tipo de esperança em Vitória. Pelo menos por enquanto. – Eu também gostei muito da nossa noite.

As duas trocaram um último beijo e Vitória teve que descer do veículo, seu carro finalmente aparecia. Chegou em casa e encontrou Valentine tomando café.

- Bom dia.
- Graças a Deus você apareceu. Enrolei para descer, queria achar um Starbucks por aí ou qualquer coisa para tomar café e a dona Matilde ainda com essa mesa de café da manhã de novela me esperando. – Valentine comentou com Vitória. – Fiquei sem graça.

Vitória riu.

- Achei que você estava acostumada. Na pousada da sua mãe vocês também não montam mesa para os hospedes, não?
- Lógico, mas eu visito minha mãe duas vezes ao ano para a manutenção do meu IMC saudável. Senta comigo e toma um café, por favor... Não gosto de dar trabalho para os outros. - A loirinha se acomodou em uma cadeira ao lado de Valentine e se serviu de café preto. – Só

isso? Você acorda de manhã parecendo que tem um peão de obra dentro da sua barriga... Problemas?

A loirinha fez um gesto negativo.

- Já tomei café.

Valentine fez um gesto afirmativo.

- Certo. Espero que a Fernanda não tenha se assustado com o tamanho do seu prato e nem com seu ronco. – Vitória encarou Valentine confusa, não tinha nem mandado mensagem para a amiga. Como ela poderia saber? – Porque a primeira vez que eu ouvi, eu fiquei me perguntando por dias como pode caber tanta coisa e sair um barulho tão grande de alguém tão pequeno.

- Eu não te disse que estava com a Fernanda.

A francesinha se serviu de mais suco de laranja, olhou para a Vitória e sorriu.

- Mon amour, não te conheci semana passada. Você some a noite inteira, sem dar notícias, e ela também. Você aparece como quem não quer nada, roupa de ontem, cabelinho molhado... Cara de quem nem dormiu e bem disposta... Não sou boba... – Vitória abriu um pequeno sorriso. – Eu espero que tenha ao menos atendido suas expectativas.

- Superou na verdade...

A outra fez um gesto afirmativo e riu.

- Eu sei... Dá para ver nos seus olhos, no seu sorriso, na sua pele, em cada passo seu... Olha, é triste admitir isso, mas eu nunca te vi mais apaixonada, Vitória.

- Vale, por favor... Não fala essas coisas não.

- Por que? Não foi acima das expectativas? Hashtag Fernanda tudo de bom?

- É... Mas tem um grande problema. Prazo de validade para vencer. – Fez uma pausa. – Ela não quer continuar casada, mas também decidimos não prometer nada uma para outra, apenas deixar as coisas rolarem até eu ir. Então eu prefiro que você não diga essas coisas para eu não criar qualquer tipo de ilusão...

Quando Valentine disse a Vitória que a conhecia bem, não estava mentindo. Conseguia até imaginar o que passava de verdade em sua cabeça. Vitória não queria admitir, mas no fundo tinha sim um fiozinho que fosse de esperança.

- Prazo de validade? Interessante. – Valentine constatou. – Então você acha que se não for dessa maneira não pode dar certo?

- E você vê alguma maneira de dar certo se não for assim?

- Deixa eu pensar... Você está apaixonada por ela... Ela, que deve ser a criatura mais caxias de São Paulo, traiu o marido de anos com você, portanto deve ter algum sentimento... A filha dela te adora, o casamento dela está uma bosta, você não tem nenhum tipo de consideração pelo marido que te faça sentir culpada ou algo do tipo, vocês são maiores, independentes financeiramente e donas das próprias vidas... Ficar com a Fernanda é a coisa que você mais desejou desde que voltou a pôr os olhos nela... Com tantos obstáculos porque daria certo, não é mesmo? – Debochou. – Bom... Não está mais aqui quem falou.

Vitória acabou sorrindo. Aquele era o modo Valentine de dizer que, acima de tudo, a apoiava. A francesinha era assim, gostava de colocar uma banca de pessoa fria, tinha um que dê

acidez em seus comentários, mas bem lá no fundo ela torcia para que o amor sempre vencesse.

- Vem cá, por que essa mesa está tão vazia? Cadê o Filipo, Bia, tio Marcelo?

- Filipo eu não vi, mas ouvi os empregados comentarem que ele saiu cedinho. Bia foi levar o namorado em casa, mas essa informação deixa em off porque só eu sei que o Micróbio dormiu aqui. – Vitória fez um gesto afirmativo. – E seu tio Marcelo saiu cedo com os filhos e a esposa... – Fez questão de enfatizar a palavra esposa. – Foram levar o menino para fazer um exame.

- Claro... Outro dia o tio comentou que o Emílio ia fazer um exame importante. Acabei esquecendo. – Pausa. – Vem cá, impressão minha ou você se referiu a Dani como esposa do meu tio?

- E não é isso que ela é? Porque foi assim que me apresentaram ela.

- Bom... Você que tem conversado com o tio Marcelo, deve saber o que está falando. – Parou por cerca de um minuto e então fez uma observação. – Vocês andam conversando demais, né?

- Seu tio, parece que engoliu um rádio, fala mais que a preta do leite. – Riu. – Saudade de falar isso, viu... Que lugar, além do Brasil, que eu poderia dizer que alguém fala mais que a preta do leite e não ser olhada de lado?

- Há Há... Valentine, também te conheço muito bem e sei quando você quer desviar de um assunto.

- Que assunto? Seu tio? – Questionou. – Eu hein, nada demais. Você some, a Bia com namorado e eu vou ficar muda, olhando para as paredes? Não tem nada demais...

- Sei... – Deu um gole em seu café. – Será que o Emílio já fez o exame? Criança se assusta tanto com essas coisas de médico. Acho que vou mandar uma mensagem para o tio perguntando.

- Eu mandei.

- E ele respondeu?

- Sabe que eu não sei? – Valentine comentou. Sacou o celular. – É o que vamos ver agora.

(...)

- Você fala assim... Tia Valentine, eu sou forte igual ao meu pai... – Marcelo orientava o filho. – Eu não tenho medo de nada! E depois que a gente sair daqui nós vamos comemorar.

- Eu posso chamar ela para tomar sorvete? – Emílio perguntou. – Eu quero tomar sorvete quando sair daqui!

- Pai... Eu também posso comprar chocolate? – Mário, o caçula, perguntou. – Eu quero sorvete e chocolate!

- Mais meu Deus, nós estamos em um hospital, será que vocês não conseguem ficar em silêncio? – Daniele interviu asperamente antes de Marcelo responder. – Emílio, senta! Você tem que se preocupar com seu exame, deixa o celular do seu pai para lá. E você Mário para de ficar pedindo coisas. Já está ficando gorducho e feio, assim quando crescer ninguém vai gostar de você! E você está tossindo para tomar sorvete!

- Você ficou louca? – Marcelo reagiu. – O Mário é criança, não fale assim com ele!

- Eu falo com meu filho como eu quiser.

Marcelo teve que contar até dez para não começar uma discussão com Daniele. Era verdade que Mário estava acima do peso ideal, Marcelo e Daniele foram até chamados pela

direção da escola do garoto para que tomassem uma atitude em relação a isso. Além de ser motivo de chacota de alguns amigos, Mário andava exagerando nos doces, o que era motivo de preocupação. Marcelo e Daniele passaram a vigiar mais de perto a alimentação do garoto, mas o modo que Daniele se dirigiu ao filho perturbou fortemente Marcelo.

Para evitar qualquer desentendimento, ele sugeriu aos garotos uma ida até a brinquedoteca do hospital enquanto aguardavam o médico chamar Emílio. Quando percebeu que os meninos estavam bem entretidos, deixou os dois aos cuidados de uma monitora e se aproximou de Daniele.

- Será que você pode explicar o que acabou de acontecer aqui? – Alfinetou. – Que foi? Se desentendeu com o namoradinho e achou de descontar no Mário? Eu não vou deixar você maltratar o meu filho não!

- Nosso filho! Nosso! – Daniele corrigiu. – E que história é essa de namoradinho? Marcelo, ontem eu achei que a gente tinha se entendido.

Marcelo respirou fundo. Tinha que se controlar pois sua vontade era estapear Daniele, mas não o fez. Não queria perder a razão e seu trunfo.

- Achou errado, Dani... Você que foi atrás de mim, você foi no meu quarto... – Fez uma pausa. – As coisas continuam do jeito que estão entre nós. Essa noite só serviu pra eu ter certeza que você não me interessa mais!

Ela nunca tinha visto Marcelo reagir assim. Depois de passarem a noite juntos esperava que ele fosse mais receptivo. Só podia ser uma coisa.

- Você está assim por causa daquela francesinha amiga da Vitória? – Questionou. – Porque só pode ser isso! Você está se sentindo culpado e como o covarde que é esta jogando a culpa em mim! – Sorriu. – Esse é o seu maior castigo... Ontem o que houve entre a gente foi consensual, eu não te obriguei a nada. Não preciso disso sabe por quê? Porque eu tenho você a hora que eu quero. Por mais que você sinta qualquer coisa por aquela mulherzinha, quem controla o seu corpo é a minha mente! Aceite isso, querido...

Marcelo fez um gesto negativo.

- Você é ridícula. Eu tenho pena de você, mas antes sinto nojo.

- Ou é isso ou você é mais doido do que parece... – Riu. – Sabe que eu vou achar até bom que esse seu lado maluco apareça de uma vez, assim eu recorro o processo das crianças e proíbo eles de te ver e... Você tá ficando doido?

Marcelo havia desferido um soco na parede para amenizar sua fúria.

- Olha aqui... Tenta... Tenta... Daniele, se você ousar a fazer alguma coisa, qualquer coisa para separar dos meus filhos eu juro que você vai pagar e pagar caro!

(...)

Com um embrulho em mãos, Fernanda chegou em frente ao prédio de Dudu por volta das onze da manhã. Após a autorização do porteiro, entrou no prédio e subiu até o apartamento do amigo. Dudu lhe esperava na porta de casa, devia estar dormindo pois usava apenas uma samba-canção estampada e os olhos estavam semi-cerrados.

- Pac Man? Que sexy! – Fernanda brincou se referindo a estampa da cueca do amigo.

- Você não pode ser exigente chegando essa hora em um sábado na casa de alguém. – Esfregou os olhos. – O que aconteceu?

Os dois entraram no apartamento, Dudu fechou a porta.

- Sábado, onze da manhã, Dudu... Nem é tão cedo assim, tem gente trabalhando, estudando, limpando a casa a essa hora.

- Me poupe, Fernanda. Vê se uma princesa, como eu, tem que ficar limpado casa em pleno sábado. – Fez um sinal para que ela o seguisse até a cozinha. – Não tem muita coisa gostosa, além de eu, nessa casa. Posso passar um café preto pra gente.

- Tá ótimo... Vai combinar com o bolo de cenoura que eu trouxe... Lá daquela doceria do centro que você adora, lembra?

- Claro! Você vai me pagar um desses assim que você e a Vitória... – Foi então que Dudu se deu conta do que acontecia. Fernanda lhe pagava a aposta que tinham feito no dia anterior. – Mentira... – Fernanda fez um gesto negativo. – Fernanda, você e a Vitória? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Dançaram Twist And Shout?

- E mais toda a discografia dos Beatles.

Dudu abriu a boca.

- Me conte tudo, sem poupar os detalhes... – Riu. – Meu Deus do céu... Antes de tudo... E você com o Chupa Cabra?

Fernanda respirou fundo e por fim admitiu.

- Você estava certo... Meu casamento acabou e depois dessa noite eu tenho certeza que não tem mais volta. Já era, Dudu.

- Mas então... Você vai sair de casa? Já falou com ele?

Fernanda fez um gesto negativo.

- Não... Antes eu precisava fazer uma coisa. Eu não quis contar para a Vitória porque... Acho que sobrecarregaria ela demais com os meus problemas e eu não quero isso, ela tem a vida dela... Mas você é meu amigo... Eu fico a vontade de falar com você.

- Falar o que, mulher? Você sabe que estamos juntos em qualquer coisa. O que foi? Você sabe como é... Se precisar esconder um corpo, estamos juntos!

Ela sabia. Dudu era cheio de brincadeiras, se fazia de egoísta, mas na verdade sempre foi um sujeito amigo e leal. Parceiro. Fernanda sabia que ele iria apoiá-la em qualquer circunstância.

- Eu sempre fiquei desconfiada do Filipo. Ele está envolvido com uma mulher e eu sei que é um caso mais sério do que os outros. Eu tenho percebido que ele anda mais nervoso que o de costume e que essa mulher tem arrancado dinheiro dele. Muito dinheiro. Dinheiro do nosso patrimônio que um dia vai ser da Bianca. Eu preciso saber quem é essa mulher, Dudu. – Pegou a sua bolsa, vasculhou e retirou um batom. – Olha isso aqui...

- Um batom? Encontrou nas coisas dele?

- O Marcelo encontrou no chão do carro do Filipo e me entregou achando que fosse meu ou da Bia... É dela, dessa mulher que ele está tendo um caso.

Dudu coçou a cabeça.

- Aí, Fernanda... Mas pra que você quer chafurdar nisso? Será que é saudável?

- Não sei... Mas eu preciso disso! Desse último ato para dar fim no meu casamento. Eu não quero fazer nada, culpá-la, me vingar, nada disso. Mas eu preciso de um nome, de um rosto pra encerrar esse ciclo da minha vida. – Fez uma pausa. – Eu não sei o que está acontecendo comigo, Dudu, mas depois que o Marcelo me entregou esse batom... Eu não sei explicar, eu sinto que eu devo saber que é essa mulher.

- Intuição feminina! Detesto essa vagabunda porque quando ela aparece não é para trazer boas notícias e infelizmente ela nunca está errada! A minha é uma piranha...

- Dudu você é homem.

- Mas você é agarrada em um detalhe, Fernanda. Pelo amor de Deus. – Fez uma pausa. – Olha, amiga... Eu sei que eu devia fazer você desistir disso, devia te aconselhar a largar aquele Chupa Cabra de vez e ser feliz... Mas se o seu coração está te pedindo isso, escuta ele, Fer porque não deve ser á toa. Você sabe que estou aqui para o que precisar. Vem cá, me dá um abraço agora...

Ordem gostosa de ser obedecida. Fernanda deixou os braços de Dudu a envolverem de um modo carinhoso. Ficaram assim por alguns segundos até ela quebrar o silêncio.

- Você está tão fofinho...

- Gostoso é a palavra. – Fernanda deu risada, não tinha feito aquele comentário com aquela intenção. Dudu era muito palhaço. – Vem cá? E a Vitória... Como foi? – Fernanda abriu um sorriso largo. – Você e ela são aquele caso, né? Olha a água que eu não bebereis na minha cama...

Fernanda riu.

- Eu queria entender dá onde saí tanta besteira e... – O celular de Fernanda começou a tocar dentro da bolsa. Atendeu. – Alô? -...- É ela. -...- Sim, esposa dele. -...- QUE? -...- MAS...Mas como aconteceu isso? -...-Sei.. Sei...

Só pela cara de Fernanda, Dudu percebeu que as notícias não eram boas. Em poucos minutos ela desligou.

- O que aconteceu, criatura? – Perguntou apreensivo. – Fala!

- O Filipo... - Espantada. – Ele passou de todos os limites. Ele foi lá na revista que o Renato trabalha e o agrediu.

- O Renato... Renato seu amigo da faculdade? – Dudu lembrava-se bem de Renato, ele era alto, forte, praticante de artes marciais. Filipo devia estar muito atordoado para achar que venceria Renato em um combate físico. – Mas e aí?

- Foi parar no hospital... Levou uma surra do Renato.

CAPÍTULO 15

- Gente, com licença... Licença. – Um repórter de TV colocou o microfone na boca de Fernanda. Dudu intrometeu-se na frente do jornalista. – Amigo, qual o seu problema? – O chefe de Fernanda questionou. Nem esperou por alguma resposta. – Não está vendo que ela não está em condições de dar declaração nenhuma? – Aborrecido. - Eu, hein?!

Nem de longe Dudu lembrava o despojado e brincalhão amigo de Fernanda. Mal encostaram o carro na porta do hospital e uma avalanche de jornalistas se aproximaram querendo novidades sobre o desentendimento entre o colega de profissão deles, Renato Guadalupe e o famoso empresário Filipo Vaccara. A notinha publicada por Renato sugerindo proximidade entre um dos Vaccara e um advogado envolvido em crime de privilégio de informações já havia dado o que falar.

A história só piorou (na verdade para alguns melhorou) quando Murilo Dos Anjos, um apresentador de TV sensacionalista, ex-colega de classe de Renato e Fernanda, lembrou que Renato e Fernanda já tinham tido um “ensaio” de romance na época da faculdade. Murilo soprou aquele novo dado ao produtor do seu programa. Alguém próximo ouviu e a história acabou vazando e se tornou uma aposta de audiência.

- Vai no hospital, planta gente na porta do Renato, na porta da Fernanda, na redação da revista, na construtora, na sede da administração da Vaccara, no escritório do advogado que foi preso. – Murilo dizia animado. – Melhor novela do país, desde que Avenida Brasil acabou... – Murilo gracejou. - Amor de juventude, traição, dinheiro, porrada, chifração... Vai dar audiência, Formiga.

- Cara... – Formiga, o produtor do programa ainda se encontrava meio reticente. Também era ex-colega de classe de Renato e Fernanda. - O Renato e a Fernanda não vão gostar disso...

- Deixa que eu cuido do nosso galã e da nossa protagonista... Agora vai...

Quando Fernanda e Dudu chegaram no hospital já encontraram o circo armado. Alguns profissionais optavam pela inconveniência e chegavam a ser pouco amistosos. Dudu e Fernanda se viram obrigados a tomarem a mesma postura.

Fernanda compreendia que a corrida pela informação às vezes era daquele jeito mesmo, se formou em jornalismo, já esteve do outro lado algumas vezes, mas não tinha mesmo nada a declarar. Nem sabia dizer ao certo porque Filipo e Renato chegaram nas vias de fato, só poderia falar suposições aos seus colegas de profissão.

Após alguns pedidos de licença e empurrões, Fernanda conseguiu alcançar a entrada principal do hospital. A recepção do local estava lotada de pacientes e acompanhantes, eles tiveram que capturar uma enfermeira que estava de passagem pelo corredor para saberem dos dois brigões.

- Eles foram encaminhados para a enfermaria.

- Mas então se machucaram gravemente? – Fernanda questionou. – Eles explicaram o que aconteceu?

A enfermeira fez um gesto negativo.

- Não sei o motivo da briga, só sei que brigaram. O moreno alto está com a mão inchada, desconfiança de luxação. O loiro teve uma fratura no nariz. Vai precisar fazer uma sutura no supercílio e provavelmente terá algumas escoriações pelo corpo.

Dudu e Fernanda se entreolharam. Pelo jeito Filipo tirou Renato do sério. Ele esqueceu de qualquer senso de disciplina e bateu com vontade.

- E será que a gente pode ver o loiro? – Dudu pediu. - Ele é esposo da minha amiga.

- Ah... A senhora é Fernanda Vaccara? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Pode entrar, ele está na enfermaria, só passar a porta de vidro a esquerda.

- Obrigada! – Fernanda agradeceu.

Acompanhada de Dudu, Fernanda seguiu as instruções da enfermeira e logo localizou Filipo. Ele estava sentado sobre uma cama hospitalar, sem camisa, os cabelos bem desgrenhados. De longe dava para ver uma mancha arroxeada pouco abaixo de seu ombro e outra próxima da costela. Parecia que tinha sido atropelado por uma carreta ou caminhão desgovernado.

- Filipo! – Ao reconhecer a voz da esposa ele fechou o cenho. Fernanda deu alguns passos até se aproximar da cama. – Filipo, meu Deus do Céu... – Levou a mão a boca. De perto o resultado era ainda pior, o rosto estava todo sujo de sangue por conta do nariz fraturado e do supercílio aberto. – Meu Deus!

- Satisfeita com o que o seu amiguinho fez? – Irado. – A sorte dele é que me pegou desprevenido. – Olhou para Dudu que estava tão desnorteado quanto Fernanda. – O que esse cara está fazendo aqui?

- Mas o que aconteceu, criatura? – Fernanda questionou aflita. – O que você fez para o Renato agir desse jeito?

- Você trouxe essa bichinha para rir da minha cara? – Cobrou Filipo. Dudu ergueu os olhos. Precisava de paciência para não responder as provocações do marido da amiga. Sabia que Filipo não ficaria satisfeito em vê-lo. Mais ferido que o supercílio e o nariz, estava o seu ego. Ele era orgulhoso, devia estar envergonhado por ter levado a pior na briga e agora perseguia Dudu para se sentir um pouco mais forte. Dudu apenas não respondeu à altura porque não queria piorar as coisas para Fernanda. – Você passou a noite com ele é?

- FILIPO, O QUE DIABO VOCÊ FEZ PARA O RENATO AGIR DESSE JEITO? – Fernanda estourou com o marido. Respirou fundo e perguntou entredentes. – O que aconteceu?

Filipo abriu um sorriso cínico. Mesmo precisando de tantos cuidados, Fernanda não conseguia sentir um pingo de misericórdia pelo marido. Parecia que ele fazia questão de lhe tirar do sério propositalmente. Queria machucar quem estava em sua volta, jogar a culpa nas costas dos outros.

- O que você acha, hein? – Ele questionou. – Você passa a noite fora, não me dá satisfações... Eu sou homem, Fernanda! Como seu marido eu merecia uma satisfação. Eu fui atrás do seu amiguinho perguntar, numa boa, e ele perdeu o controle.

Fernanda sabia que Filipo não falava a verdade. Estava ao lado de Vitória quando a estudante escreveu a mensagem para o pai avisando que passaria a noite fora com Fernanda e pediu para que ele avisasse Filipo. Miguel deu o recado, ele quis ir atrás de Renato para armar uma cena e levou a pior.

- O Renato não perderia o controle por uma idiotice dessas. – Ela descartou. - Você pode dizer o que aconteceu? Ou eu vou ter que perguntar diretamente para ele?

- Está doidinha para correr atrás dele, né? Aquele galãzinho, esquerdopata de merda! Nunca esqueceu seu amorzinho do passado...

Em resposta Fernanda deixou Filipo falando sozinho. Estava sem paciência para suas crises de ciúmes infantis. Se ficasse mais um minuto que fosse perto dele era capaz de deixa-lo ainda mais machucado por conta de todo aquele papelão. Como ele não lhe deu outra alternativa, decidiu procurar por Renato. Uma enfermeira indicou que ele estava na sala de Raio X. Teria que esperá-lo.

Renato saiu da sala de Raio X já com as chapas da mão reveladas. Apesar do inchaço não teve nenhuma fratura de osso. Apenas uma leve luxação, cinco dias tomando medicamentos corretos e estaria pronto para outra. Ao ver Fernanda abriu um sorriso sem graça. Não queria envolvê-la em sua briga com Filipo, ela era sua amiga, não queria prejudica-la, mas Filipo o deixou sem opções quando invadiu a redação da revista.

- Oi, Fer...

- Deus... – Ela fez um gesto negativo ao ver o tamanho que estava a mão dele. – O que aconteceu, Renato? O que deu em vocês?

- Desculpa, Nanda... Eu tentei me controlar, mas você sabe como o Filipo é... Ele provoca, me deixou de cabeça quente...

- Eu sei... Mas o que aconteceu?

- Vou te contar. – Fez um gesto com o queixo em direção a umas cadeiras da sala de espera. – Vamos sentar ali e a gente conversa enquanto o ortopedista não me chama.

A conversa com Renato foi breve. A explicação dele foi bem resumida, primeiro mostrou a nota que havia sido publicada e em seguida contou sobre a reação de Filipo. Ele chegou na redação transtornado, peitando Deus e o mundo. Uma das secretárias tentou contê-lo e sobrou para a coitada que foi empurrada e caiu no chão. Ao ver a cena, Renato perdeu completamente a razão, desferiu um soco e quando deu por si estava embolado com Filipo pelo chão como se fossem dois moleques.

- Ele agrediu uma mulher? – Fernanda questionou surpresa. Está certo que ele era um homem explosivo, mas nunca imaginaria que ele pudesse chegar ao ponto de agredir uma mulher fisicamente. Passou a mãos nos cabelos, estava completamente pasma. – Meu Deus!

Renato fez um gesto afirmativo.

- A Aninha, minha secretária. – Fez uma pausa. – Quando eu vi que ele machucou a Aninha eu perdi completamente a cabeça. Me desculpa.

- Como ela está? Ela fez queixa?

- Está bem. Deve estar fazendo a queixa. Eu mesmo dei essa ordem para ela e pretendo fazer o mesmo assim que sair daqui. – Olhou para a Fernanda. – Você sabe o quanto eu gosto de você, da sua filha, mas desculpa, Nanda. Infelizmente não tem jeito...

Fernanda refletiu um pouco. Precisava de alguns segundos para buscar as palavras corretas porque o que ia pedir para Renato não é fácil.

- Renato... Por favor, não presta queixa.

- Que?

- Está sendo muito difícil te pedir isso, mas por favor, não presta queixa. Para sua segurança. Eu entendo e apoio que a sua secretária registre, é direito dela e acho que ela deve correr atrás, registrar mesmo, mas por favor... Você não. - E explicou. – Ele morre de ciúmes de você, se fizer essa queixa ele não vai me dar paz e não vai te dar paz também. Não estou pedindo

para encobrir ele e nem a nada disso, mas é por nós dois e pela minha filha. A minha casa está insustentável esses dias. Se essa queixa chegar eu acho que ele enlouquece e me enlouquece de vez.

- Ele entrou no meu local de trabalho, me fez ameaças, agrediu uma colega...

- Mas ele também saiu machucado. Também pode registrar queixa contra você...

Renato a encarou.

- Que registre, se tem um processo que eu vou adorar responder é dar uma surra na cara desse pilantra. – Fernanda o encarou. – Me desculpe, mas é verdade! Eu não sei como você suporta isso!

- Eu não suporto. – Fernanda então confessou. – Estou me separando do Filipo. Aconteceram umas coisas que você não sabe... Se você fizer a queixa, ela vai achar que estou me separando por sua causa. – Agora Renato começava a compreender. – Muita coisa aconteceu. – Olhou em volta. Aquele não era o local adequado para falar sobre sua vida pessoal. – Quer jantar comigo hoje?

Renato abriu a boca sem entender.

- Como?

- Quer jantar comigo hoje? Eu precisava conversar com você. Explicar coisas que aconteceram nessa semana. Aí você vai ver como eu não estou encobrindo ele.

Renato precisou de alguns segundos, mas por fim tomou sua decisão. Abriu um sorriso.

- Acho que vamos ter que jantar na minha casa. Na sua eu não deve ser muito bem-vindo, não é mesmo?

Fernanda sorriu.

- Bobo! Pode ser lá na cantina do Gui? Eu peço para ele deixar alguma coisa pronta.

- Comida italiana, um bom vinho, você solteira novamente... Que homem diria não? – Brincou e em seguida fez um gesto afirmativo. – Oito e meia?

- Por mim está ótimo.

A conversa entre os dois teve que ser adiada pois o médico logo chamou por Renato para passar pelo retorno da consulta. Dudu apareceu com dois cafés e logo se juntou a Fernanda, estava ansioso.

- Você vai jantar com o Renato? Como assim?

- Simples, Dudu. Nós dois em volta de uma mesa cheia de comida e algo para beber.

- Sua grossa, você sabe muito bem o que estou falando! – Dudu rebateu. – Vem cá, o que você tomou de ontem para hoje? Primeiro, Vitória, depois deu um chute no Chupa Cabra, agora Renato...

- Não é nada disso que você está pensando não... Eu só acho que eu devo uma satisfação para o Renato depois de tudo que aconteceu e também quero saber da moça que registrou a queixa. – Ele fez um gesto afirmativo. – Dudu, eu vou ver o Filipo, se ele já está melhor, se você quiser ir, eu já estou mais calma. Vou ficar bem...

- Você tem certeza? – Ele questionou. – É que eu fiquei de passar na minha mãe hoje.

- Pode ir, eu estou bem...

- Claro que está, com um jantar marcado com aquele Deus, quem não estaria? – Fernanda gargalhou. – Sortuda! Deixa sua “marida” descobrir.

- Com a Vitória eu me entendo.

Os dois se despediram e Fernanda se encaminhou de volta a enfermaria. Não pode entrar pois terminavam de fazer a sutura em Filipo. Aproveitou os minutos livres para fazer uma ligação.

- Alô?

- Oi, minha linda. – Vitória disse do outro lado da linha. – Saudade, é?

- Convencida você, hein garotinha? – Ouviu o riso de Vitória. – Só queria saber se você chegou bem em casa...

- Estou ótima. E você? Vai passar o dia com o Dudu?

- Na verdade estou no hospital.

- Hospital? – Vitória repetiu preocupada. – Fazendo o que?

- Acompanhando seu tio. É uma longa história, mas está tudo bem... – Fez uma pausa. – Vi, você tem alguma coisa para fazer a tarde?

Vitória sorriu já imaginando o que viria adiante.

- Nada, nada, agenda livre.

- Quer sair?

- Claro... Onde você quer ir? -...- Por mim tudo bem... -...- Você me passa o endereço por mensagem? -...- Tá bem, vou esperar... -...- Outro, vários beijos... Na boca. No corpo inteiro, meu amor... – Riu. – Tchau, linda!

Vitória desligou o celular e deixou sobre o colchão de seu quarto. Chegou em casa morta de cansaço, Valentine e Bianca até tentaram arrastá-la para um banho de piscina com umas amigas de Bianca, mas recusou. Primeiro por um motivo óbvio, ficou sem dormir por quase toda noite e estava pregada. E também queria ficar um pouco sozinha.

Bastava fechar os olhos, por alguns segundos, para imagens de sua noite com Fernanda passar como frames de um clipe musical. Queria curtir cada um daqueles detalhes, pensar em Fernanda em paz, sem ser interrompida por ninguém que pudesse despertá-la daquele sonho. Era como se finalmente a primavera tivesse chegado em sua vida. Infelizmente não pode usufruir daquele sossego por muito tempo. Minutos depois que desligou da ligação de Fernanda, alguém a chamava pelo celular. Atendeu.

- Alô? -...- Oi... -...- Sim, é ela, quem deseja? -...- Ah sim... Tudo bem. Sophia? -...- Hoje? -...- Não, à tarde fica ruim para mim, podemos marcar para o horário do jantar? -...- Por mim está ótimo. -...- Ok, até mais tarde.

Desligou já sem o sorriso que Fernanda lhe deixou há poucos minutos. Aquela ligação a deixou inquieta. Só conseguiu dormir mesmo porque seu corpo estava esgotado, caso contrário não pregaria os olhos até o horário do encontro com Sophia.

(...)

- Que foi? Calma, por favor... Você não quer que eu pegue uma água pra você?

- Não, não só fica aqui ao meu lado. Estou tão preocupada, Marcelo... Com tanto medo do exame do Emílio amanhã.

- Calma... Eu também estou apreensivo, mas não vai dar nada. Essas coisas que ele tem é coisa que criança pega mesmo, não é nada grave, você vai ver...

- Eu tenho tanto medo... Fica abraçado aqui comigo? Eu sinto tanto sua falta.

- Tá bom... – Marcelo concordou. Deu um beijo no rosto de Daniele. – Eu fico...

Não demorou para que o abraço evoluísse para um beijo. Daniele logo o puxou para emendar o segundo e quando Marcelo viu já estava tarde demais para qualquer arrependimento.

- Não acredito! – Marcelo enterrou a mão sobre os próprios cabelos castanhos e os puxou com raiva. E disse para si mesmo. – Cara, que dom é esse de fazer merda que você tem?

Marcelo voltou a gravação de sua noite de sexo com Daniele mais três vezes para acreditar no que tinha acontecido. Há alguns dias tinha instalado no próprio quarto um circuito de câmeras de vídeo para tentar capturar a imagem ou ao menos a voz de alguém. Ele queria saber se estava tendo alucinações ou se alguém estava mesmo lhe soprando coisas no ouvido. Desde então a voz perturbadora desapareceu de sua mente. Parecia até proposital. Mesmo não ouvindo mais a tal voz, Marcelo resolveu deixar o circuito de câmeras ativado para tentar flagrar alguma coisa e sem querer produziu um sex tape seu com Daniele.

A microcâmera pegou tudo em alta resolução a partir do momento que sentaram na cama. A conversa entre os dois, o abraço, o início dos beijos, Daniele descendo com a boca por seu pescoço, peito, barriga, praticando sexo oral, o orgasmo e em seguida a penetração. O rosto dela aparecia em primeiro plano. Se aquilo caísse em mãos erradas estariam perdidos.

Na verdade, Daniele estaria perdida. Mulheres sempre levam a pior em situações como aquela. Homem não. A maioria passa a mão na cabeça, fala que homem tem a carne fraca mesmo e alguns até elogiam o sujeito, mas mulher? O machismo e os machistas não perdoam. Mulher vira piranha, puta, vadia, sem vergonha...

Marcelo apenas se lembrou do circuito de câmeras por mero acaso. Estava no hospital, à espera do término do exame de Emílio e resolveu fuçar o celular para passar o tempo. Encontrou o aplicativo do circuito alojado e então lembrou das câmeras e que tinha esquecido de desativá-las. Só teve a confirmação que a noite de sexo havia sido gravada quando chegou em casa e foi mexer em seu notebook. Automaticamente o aplicativo mandava tomadas de vídeo diárias para o seu e mail. Lá estava o vídeo. Imediatamente jogou na lixeira. Tinha medo que Daniele, por algum motivo, tivesse acesso ao vídeo e o acusasse de ser tarado ou qualquer outra coisa do tipo.

Ela estava furiosa porque Marcelo a dispensou no hospital, mas ele sabia muito bem o que estava fazendo. Passaram a noite juntos, Daniele quis se fazer de carente, mas na manhã seguinte, logo que acordou, Marcelo escutou Daniele falar com outro homem. Ela se fechou no banheiro, mas mesmo assim ele conseguiu ouvir. Apenas não descobriu o nome do outro porque no momento certo, Daniele abriu o chuveiro. Foi ali que tomou a decisão que encararia aquela noite apenas como uma fraqueza. Ela o enganou, não iria bancar o trouxa. Seus pensamentos foram interrompidos por batidas na porta.

- Quem é?

- Sou eu pai... – Logo identificou a voz de Mário, seu caçula. – Posso entrar?

Marcelo se levantou e destrancou a porta.

- Oi, filhote... Cansou de jogar vídeo game?

- Cortei o dedo. – Mostrou o dedinho da mão com um corte pequeno e um pouco de

sangue. – Foi sem querer...

- Aposto que foi roer unha de novo, né? – Mário tinha essa mania. Vivia levando broncas, mas não se emendava. – Não adianta falar...

- Desculpa...

- Vem... Aqui não tem curativo, deve ter lá embaixo.

Os dois saíram do quarto e desceram as escadarias juntos. A casa estava silenciosa, só se ouvia o ruído do aspirador de pó que Michele, umas das faxineiras, passava na sala e a música do lado de fora.

- Michele...

- Oi, Marcelo... – Desligou o aspirador. – Desculpa, a gente aproveitou que seus pais saíram para fazer uma faxina boa.

- Saíram?

- Não vão almoçar em casa.

- E o resto do pessoal?

- A Bia e a Valentine estão na piscina com uma meninada que a Bia trouxe aí... Daniele disse que ia se juntar a elas. Vitória chegou de manhã, se trancou no quarto e deve estar dormindo. Leandro e Matilde saíram para fazer compra de mês, Emílio está lá em cima, na sala de TV, Dona Fernanda foi dormir no quarto da Bia porque está batendo os cascos com o doutor Filipo. Ele chegou nervoso.

- Filipo fala de mim, mas anda muito estressado.

- É que o jornalista lá deu uma estragada feia na cara dele.

Marcelo não compreendeu.

- Jornalista?

- Soube não? Seo Filipo arranjou uma briga com um tal de jornalista. Imagine que foi brigar com o sujeito, pois o homem não fez farinha dele? Tá todo estourando, lascado de dor. Dona Fernanda não gostou nada, tanto que foi dormir no quarto da Bia.

- Não sabia não... Ele está na cozinha?

- Está sim... Chegou cheio de fome.

- Vou lá falar com ele. Tem curativo nessa casa?

- Tem sim. No armário embaixo da pia. Esses meninos são todo os dois desastrados, vivem remendados. Curativo é que não falta. Pode procurar lá que tem.

Marcelo pediu licença e Michele voltou aos seus afazeres. Marcelo foi até a cozinha acompanhado de Mário, achou a caixa de primeiros socorros onde Michele havia indicado. Fez o curativo e logo liberou Mário para voltar as brincadeiras. Guardou a caixa de curativos e se acomodou em uma das cadeiras da cozinha. Havia um prato vazio com faíscas de pão e um copo de suco pela metade. Devia ser de Filipo que comeu e nem tirou a louça do lugar. Juntou tudo e foi lavar a louça na pia, ia abrir a torneira, mas se conteve ao ver uma inusitada cena pela janela da cozinha.

Filipo e Daniele conversavam na área externa. Não nas vistas de todos, mas em um local mais reservado, na lavanderia. Quem estava na piscina não tinha vista deles, apenas da cozinha, de onde Marcelo estava, eles poderiam ser vistos. Marcelo teve a impressão que não eram cunhados conversando e sua impressão se confirmou quando viu Daniele acariciar e em seguida selar os lábios do irmão. Seu ódio era tanto que apertou o copo que estava em sua mão até

quebrar e transformar tudo em cacos.

CAPÍTULO 16

- Marcelo, isso precisa de pontos. – Valentine insistia enquanto estancava o sangue que escorria de suas mãos com gaze. – Tem certeza que não quer ir até um pronto socorro?

- Não... Foi um corte bobo... – Ele afirmou. – Se eu for para o hospital, os meninos podem se assustar... Só fecha para mim, por favor...

- Tá bem. – Valentine concordou mesmo contrariada. Riu. – Você é desastrado mesmo, hein? Vai cuidar do corte do menino e faz um maior. – Brincou. – Parece criança com a cabeça na lua.

Depois que quebrou o copo e soltou os cacos no chão, Marcelo enrolou a mão em um pano de prato e subiu para seu quarto. Como não estava dando conta de limpar o corte sozinho (feriu a mão direita e era destro), mandou uma mensagem para Valentine pedindo ajuda. Logo ela pareceu em seu aposento com a maleta de primeiros socorros.

- Marcelo?

- Oi? – Valentine riu mais uma vez, ele parecia assustado. – Falou comigo?

- Falei. Disse que você era desastrado. Foi limpar o corte do menino, invejou e fez um ainda maior. – Repetiu no mesmo tom divertido. – E ainda disse que você parece criança com a cabeça na lua.

- Desculpa, eu ando distraído.

- Nota-se, né, querido? – Ela debochou. – Vou tentar fazer um curativo pequeno senão vai te atrapalhar. Vamos ver se levo jeito para enfermeira.

Valentine continuou falando, mas Marcelo voltava a se distrair. Sua cabeça não estava na lua, mas sim no andar de baixo da mansão. Estava doido para saber se Filipo e Daniele ainda continuavam em seu encontro clandestino na área externa da casa. Várias questões giravam em sua cabeça e apenas uma certeza “Eles não podem sonhar que eu sei”. Não podia se perder.

Era uma missão ingrata, um remédio amargo que precisava engolir, entretanto não tinha jeito. Se chegasse fazendo escândalo, colocando dedo na cara de Daniele, agredindo Filipo e cobrando explicações dos dois, ia perder a razão e qualquer apoio da família. Capaz até de pensarem que ele estava tendo alucinações ou que tinha se drogado.

Apesar de não externar o que acontecia, Valentine percebia que tinha algo estranho. Os olhos de Marcelo pareciam que não piscavam, as mãos estavam trêmulas, molhadas de suor e geladas. Discretamente olhou de relance e percebeu que ele mordia os próprios lábios, atitude dos ansiosos. Fechou o curativo e ele nem percebeu. Perguntou se ele se sentia bem e não obteve resposta.

- Ô Marcelo! Está me escutando?

- O que você falou?

- Minha nossa, hoje você está em outra galáxia. – Valentine observou. – Vem cá... Você está sentindo bem? Porque eu estou sentindo sua mão tremer e... – Pensou por alguns instantes. – Você acordou com crise de abstinência alcoólica, foi isso? Eu já trabalhei com um fotografo que dava essas crises, ele dizia que era péssimo.

- Eu? – Marcelo perguntou surpreso. – Vale, eu... – Pensou um pouco. – Não é nada... Eu já tive esses tremores outras vezes.

- Verdade?

- Sim... Mas não se preocupa... Eu posso cuidar disso sozinho.

- Sozinho, Marcelo? Tem certeza? – Olhou pra ele. – Você não está pensando em beber ou usar nada não, né? Marcelo...

- Não. Eu juro. – Percebeu a dúvida nos olhos de Valentine. Não queria deixa-la preocupada. Aproveitou que sua mão ainda estava em contato com a da ruiva e envolveu com firmeza, querendo passar segurança. – Vale... Olha pra mim. – Ela obedeceu. – Eu juro que eu não vou chegar perto de bebida e muito menos de droga.

- Marcelo, não estou querendo me meter na sua vida e nem tenho esse direito, só não quero ver você mal... Desculpa se estou sendo evasiva, mas...

- Shiiiu... – Marcelo carinhosamente tapou os lábios de Valentine com seus dedos. – Vale, você não se meteu na minha vida, eu que meti você na minha vida... Me aproximei de você, me abri... – Olhou para ela e sorriu. – Não é muito o meu perfil isso. Eu meio que sou programado para ter dificuldade com as pessoas. – Valentine riu. – Mas nada é difícil com você... A dependência química acaba fazendo a gente ser desonesto porque muitas vezes mentimos para a família, para os amigos, para nós mesmos, mas você é verdadeira e me desarma quando eu penso em mentir para você. Nunca vou te enganar. Eu sei que é complicado acreditar na palavra de dependente químico e é normal você desconfiar, mas por favor, confia em mim, eu sinto vontade sim, mas não vou fazer besteira nenhuma.

Valentine fez um gesto afirmativo.

- Só uma coisa. Você é dependente também, mas isso não é você inteiro, Marcelo e você sabe disso.

Ele sorriu.

- Você não tem noção como é bom ouvir isso agora...

A conversa dois foi interrompida pela abertura da porta. Primeiro Marcelo acreditou que fosse um dos filhos, mas depois viu que estava enganado. Finalmente Daniele dava as caras. Pelo semblante carregado não tinha gostado nada da cena que viu.

- Não sabia que você estava recebendo visitas.

- Só uma conversa entre amigos, nada demais. – Valentine justificou.

- Você sempre simpática, né, Valentine? Vitória, Marcelo... Pelo jeito você é uma mulher que gosta de amizades íntimas, né? De dividir a cama e tudo mais...

- Dani, o que é isso? – Marcelo se levantou da cama chocado com o cinismo da ex-mulher. – Você está sendo indelicada...

- Deixa, Marcelo... – Valentine o cortou. – Deixa ela concluir... Pode falar, Dani. Sou toda ouvidos.

- Eu não tenho mais nada para falar. Foi apenas uma observação.

Valentine fez um gesto afirmativo.

- Bom você não está enganada... Realmente eu tenho muitas amizades íntimas sim, uma pena que nem todos os meus amigos são tão interessantes quanto o seu marido. Por isso eu me aproveito tanto dele. – Debochou. – Gente, vou voltar pra piscina, qualquer coisa estou ás ordens...

Antes de fechar a porta, Valentine jogou um beijo para Marcelo que acabou se divertindo com a quase discussão das duas. Daniele não se aguentou e estapeou o ombro do ex-marido que não teve uma reação muito amistosa.

- O que deu em você, hein? Tá ficando louca?

- Você está adorando né? Essa vadia enfiada no seu quarto dia e noite...

- Em primeiro lugar, ela não está se enfiando aqui... Ela foi convidada para entrar, você não foi. Em segundo, não era você que há uma semana queria a separação? Pois então estamos separados! Vai viver a sua vida e deixa eu viver a minha. – Daniele cruzou os braços. – Em terceiro. Eu só chamei ela aqui porque eu cortei a mão e precisava de alguém para fazer curativo.

Só então Daniele percebeu o esparadrapo nas mãos de Marcelo.

- Meu Deus, mas por que você não me chamou? Essa casa precisa de uma benção... Sabia que o seu irmão se meteu em uma briga com um troglodita que estourou a cara dele? Filipo devia dar queixa na polícia...

- Vai ver tem medo de entrar em uma delegacia e não deixarem sair de lá... - Se estendesse o assunto era pior, já estava estourando de vontade de jogar o que viu na cara de Daniele, as perguntas que tinha que fazer estavam na ponta da língua. Ela se acomodou sentada na cama, pegou uma revista qualquer que estava sobre o móvel e começou a folhear. – Dani, eu vou me trocar...

Ela fez que não escutou, seus olhos estavam nas páginas da tal revista. Era uma matéria sobre turismo. Passeios pela Europa.

- Tchelo, eu estava pensando... O que você acha da gente levar as crianças para conhecer Paris no final desse ano? – Marcelo não conseguia acreditar no que estava escutando. - A Vitória comentou que o apartamento dela é confortável.

- Dani, eu quero me trocar...

- Os meninos são caipiras... Conhecem o que fora do país? Só a Disney.

- DANI, SAÍ DO MEU QUARTO AGORA! – Daniele se levantou assustada. Só tinha visto o ex-marido transtornado daquele jeito quando ele estava drogado. Não parecia ser o caso. Não satisfeito, Marcelo puxou a revista das mãos dela e jogou longe. – ANDA!

- Você só pode ter enlouquecido de vez. – Daniele murmurou amedrontada. Passou por Marcelo quase correndo. – Maluco!

Daniele mal colocou os pés para fora do quarto e Marcelo bateu a porta com tudo. Ainda alterado com toda aquela confusão, Marcelo bateu diversas vezes a própria testa contra a porta em um ato de auto censura. Não queria passar dos limites, mas Daniele parecia ter o poder de tirá-lo do sério. Sob o efeito da raiva, Marcelo descontou toda sua tensão na cadeira do quarto com um chute violento. Um chute que queria dar na cara do irmão.

Por que Filipo tinha feito isso com ele? Marcelo nunca foi cego ou iludido. Não foi à toa que comentou com Daniele que o irmão tinha receio de entrar na delegacia com medo de ficar por lá, mas agora era diferente. Era como se enxergasse o irmão pela primeira vez. Desde pequeno Filipo sempre teve uma ética um tanto elástica. Gostava de cobiçar o que não era seu por puro prazer. Miguel era seu alvo preferido.

Os dois viviam discutindo, brigando porque Filipo tomava as coisas do irmão para si. Na infância eram brinquedos, revistinhas, na adolescência eram roupas até chegarem na época das namoradas. Com ele não. Filipo era diferente porque Marcelo sempre soube seu lugar dentro da

família Vaccara. Sua mãe, dona Antônia Vaccara, nunca escondeu a preferência pelo filho mais velho. A matriarca enxergava Filipo como um sucessor natural do pai nos negócios e assim o fez. Miguel era mais sensível que o mais velho. Caiu nas graças de Francesco e era o mais grudado com o velho. E ele?

Marcelo nasceu anos depois que os irmãos, uma gravidez inesperada que não foi muito comemorada pela família. Para Dona Antônia, dois filhos era o retrato perfeito. Não contava com aquele acidente de percurso e não fazia questão de esconder isso. Francesco também não conseguia lidar com Marcelo. Com dois filhos já grandinhos, o bebê descoordenava a harmonia da casa. Esquecido pelos pais, o pilar que Marcelo criou dentro da casa foi o irmão mais velho. Nunca se colocou como um concorrente de Filipo, mas como seu seguidor. Egocêntrico como sempre foi, Filipo abraçou a ideia e uniram-se então. Muitas vezes se pegava questionando a ética um tanto elástica do irmão para alguns casos, principalmente em relação à maneira que tratava Fernanda, mas logo esquecia do assunto. Filipo tem falhas como qualquer pessoa. Por que ele tinha que julgar? E se a própria esposa se entendia com ele, então não tinha nada a fazer. Mais uma vez bateu a cabeça na porta com ódio.

- Como você pode ser tão cego, cara? – Se perguntou em voz alta. – Como?

Não ia suportar aquilo por muito tempo. Ele não era o cara que guardava segredos, que deixava as coisas para lá... Nunca foi assim. Ia enfartar se não exportasse o ódio que tanto sentia pelo irmão e por si mesmo. Parecia que todos seus órgãos pegavam fogo. Só tinha dois jeitos de apagar aquele incêndio. Ele precisava cheirar para fugir da realidade ou machucar Filipo da mesma forma que o feriu.

Marcelo prometeu a Valentine que não ia usar drogas e cumpriria sua jura. Se fosse cheirar, toda a cocaína de São Paulo seria pouca perto do que precisava para esquecer o que tinha visto na cozinha. Não se machucaria de novo, então só lhe restava a segunda opção. Filipo sempre foi o sujeito que gostava de ter muitas mulheres, mas não suportava que suas mulheres tivessem outros caras. Era aí que ia machucar o irmão, ia bater onde mais doía. Em seu ego de garanhão.

Já tinha um plano traçado. Abriu o notebook, entrou na pasta “Lixeira” e lá, no arquivo morto estava o vídeo de sua noite com Daniele que tinha gravado acidentalmente. Marcelo hesitou por alguns segundos até decidir e selecionar a opção “recuperar arquivo”.

(...)

- É essa aqui mesmo, moço? – Vitória questionou. – Tem certeza que a praça Benedito Calixto é essa aqui?

- Tenho sim. – O rapaz fez um sinal com o queixo em direção as barracas da feira. – Olha aí a feira que não me deixa mentir. – Ainda completou. – Licença.

Vitória olhou mais uma vez no relógio de pulso. 16h:18. Fernanda demorava, já passava mais de quarenta minutos do horário combinado. Ansiosa do jeito que estava, quarenta minutos era uma eternidade! Em meia hora de espera já tinha parado três pessoas diferentes e todos confirmaram a mesma coisa, estava no lugar correto. Fernanda não respondia suas mensagens, por quê?

Sem respostas para sua pergunta, Vitória resolveu gastar seu tempo. Sentou em um bar e pediu um suco enquanto observava um músico se apresentar próximo dali.

“Deve ter acontecido alguma coisa com o carro, só pode ser isso”, Vitória disse a si mesmo. Alguns instantes depois outro pensamento veio à sua cabeça. “Talvez ela tenha parado para abastecer ou ficou presa no trânsito. São Paulo é assim mesmo”. 16h:28. Nenhuma mensagem. “Será que foi alguma coisa mais séria? O pneu furou? Ou pegou uma batida pelo caminho? Quase uma hora de atraso. Claro que alguma coisa aconteceu. Talvez o carro dela que bateu”. Terminou o suco e resolveu dar um nova olhada no celular. 16h:39. Fernanda visualizou a mensagem e não respondeu. “Ela nem saiu de casa, provavelmente desistiu”, Vitória concluiu um tanto desanimada. Jogou o celular dentro da bolsa, tirou a carteira para pagar o suco. Seu ato foi interrompido por um toque suave de mãos que lhe tapou as vistas de surpresa, como em uma brincadeira infantil. Apesar de não enxergar nada, Vitória sorriu. Sabia perfeitamente quem era porque não tinha dito a mais ninguém onde estaria e também pelo cheiro do perfume. Cobriu as mãos femininas com as suas, desceu os dedos da outra pelo seu rosto e aplicou um beijo de leve sobre eles.

- Ei, não vale... – Fernanda brincou. – Você tinha que adivinhar.
- Eu sei que é você, meu amor... – Protestou. – Demorou muito!

Ouviu o riso de Fernanda, ela retirou as mãos. Vitória se levantou e então ficaram frente a frente. O sorriso que estava no rosto da loirinha morreu.

- Não quis fazer você esperar. – Fernanda explicou. – Eu saí de casa cedo, resolvi passar no salão e acabei me atrasando. – Vitória não respondeu. – Que foi?

Vitória não respondeu de imediato. Antes queria gravar cada pedacinho da imagem da corretora em sua mente. Achava Fernanda bonita de qualquer jeito, mas naquela tarde ela estava especialmente bela. Os cachos naturais pareciam mais definidos e revoltos. Seus lábios, bem desenhados, eram marcados por um batom escuro, cor de ameixa, mas o que mais chamava atenção eram seus olhos. Vitória não sabia explicar, mas de alguma forma eles pareciam mais vivos.

- O que você fez no salão?
- Nada demais... Só uma hidratação de cabelo e manicure. Essa semana foi muito corrida pra mim, me descuidei toda...
- Eu não acho... Mas valeu a pena te esperar... – Admitiu. - Você está maravilhosa! Eu queria poder te beijar agora. – Fernanda sentiu seu rosto esquentar, baixou os olhos. – Que gracinha... Está com vergonha de mim, é?
- Você é tão carinhosa comigo. Não estou acostumada. – E admitiu. – Também queria poder te beijar agora.

As duas trocaram um olhar carinhoso. Vitória mordeu os próprios lábios e resolveu pagar sua conta no estabelecimento e sair dali antes que seu desejo vencesse a resistência. Antes de tomarem rumo à cantina do irmão, Fernanda puxou Vitória em direção aos ambulantes que vendiam mercadorias pela praça.

A Feira de Antiguidades da praça Benedito Calixto era famosa. Além de reunir os transeuntes das adjacências, também atraia decoradores, artistas e produtores de cinema interessados em peças vintages ou mais inusitadas para ajudar na composição do seu trabalho. Alguns cantores também se apresentavam no local atraindo um público bastante diversificado.

- Esse lugar é fantástico... – Vitória comentou com Fernanda enquanto apreciavam uma

barraca que vendia óculos de sol, uma das peças indispensáveis do guarda roupa da jovem. Experimentou um de armação redonda que devia ter pelo menos o dobro de sua idade. – Olha isso aqui... – Riu ao se olhar no espelho da barraquinha. Entregou um cartão de débito ao ambulante. – Vou levar esse e aqueles outros três que eu também separei! – Fernanda riu. – Que foi?

- Está parecendo o John Lennon. - Gracejou. - Devia cobrar comissão por te trazer aqui... Pelo jeito você vai levar a feira toda hoje...

- É... – Riu. – Digamos que você é uma excelente observadora, para o meu azar, e acertou no meu gosto. Eu adoro esse tipo de passeio. Acho que não existe um brechó em Paris que eu não tenha visitado.

- Não entendi... Você se sente azarada por eu ser observadora?

Vitória fez um gesto afirmativo e se explicou.

- Claro... Mulheres observadoras tem tendência a serem mais inteligentes, mulheres inteligentes tem tendência a serem mais perigosas, mulheres perigosas tem tendência a serem mais interessantes... – Discretamente tocou nas mãos de Fernanda. – Mulheres interessantes tem tendência a serem apaixonantes... E mulheres apaixonantes...

A corretora sorriu um tanto envergonhada.

- Acho que gosto desse raciocínio...
- Não terminei ele.
- Não? E qual é o final?

Vitória fez um gesto negativo.

- Te conto depois... – Provocou. - Em um lugar mais apropriado.

Fernanda cruzou os braços.

- Não acredito. Vai me deixar curiosa? – Vitória fez um gesto afirmativo. – Isso é coisa de pessoa ruim.

- Talvez eu seja um pouco ruinzinha... - Em resposta, Fernanda lhe deu um safanão de leve na cabeça como um ato de censura. A estudante aproveitou que ela estava próxima e aplicou uma mordidinha discreta em seu ombro. – Que isso, Vitória?

Vitória deu um beijinho no ombro mordido.

- Violência gera violência, meu amor.

- Boba... – Sorriu. – Te trouxe aqui por um motivo especial... Queria que você escolhesse uma coisa para sua casa... Para o seu novo apartamento. Quero te dar um presente.

- Presente... Mas por quê? Não precisava se preocupar.

- Não é preocupação... Eu adoro dar presente, mais até do que receber. E esse lugar as coisas são especiais porque elas já vêm com uma personalidade. Eu acho mais interessante que, sei lá... Ir em qualquer loja de departamento comprar um jogo de copos, um tapete ou qualquer coisa que não significasse nada para ninguém. Quando eu era criança parecia que as coisas tinham mais utilidade do que hoje em dia. Se alguma coisa quebrasse em casa, a gente consertava, colava, restaurava... Fui criada assim, em uma casa simples, mas muito cultivada pelos meus pais. E mesmo que não estivesse em estado perfeito dávamos valor porque era

realmente importante para gente. Hoje parece que o mundo ficou descartável. Eu vivo falando para Bianca e... – Percebeu que era observada por Vitória. – Meu Deus... Eu te enchendo com isso... Você deve estar me achando uma velha, né?

- Estou te achando incrível... – Comentou fascinada. – E eu vou adorar ter algum objeto que me lembre a você... E esse dia maravilhoso que estamos passando juntas.

Após a pausa na barraca de óculos, Fernanda e Vitória seguiram pela ferinha com o objetivo de achar algo que fosse especial para ambas. Por fim encontraram não um, mas dois artigos que Vitória julgou perfeito para sua nova casa: um jogo de mantimentos de cozinha à moda antiga, estampado com desenhos de coruja e um livro de receitas de pratos mineiros publicado em 1930. A parada seguinte foi uma surpresa para loirinha.

- Vocês têm o restaurante há muito tempo?

- Desde a minha adolescência. O restaurante leva o nome do meu pai, mas quem abriu a cantina foi minha mãe. Depois que ela morreu, quem assumiu foi o Guilherme... Você lembra do meu irmão? Apresentei vocês na festa...

- Claro... Ele fez um peixe delicioso.

- Ele é muito talentoso e esforçado. Acredita que ele assumiu a cozinha do restaurante com dezesseis anos?

- Dezesseis?

- Ele ama cozinhar... – Parou com o carro em frente à cantina batizada com o nome “Luigi’s” – E ama esse lugar aqui.

A cantina “Luigi’s” era um sobrado grande, sem luxos. Seu público era gente do próprio bairro, mas tinha seu charme. Como Fernanda previu, encontrou Guilherme na cozinha. Para variar estava enrolado com trabalho. Fernanda e Vitória tiveram que esperar para cumprimenta-lo.

- Fernandinha, minha gata, já estava mandando rezar uma missa encomendando sua alma... Sumiu...

- Se eu morresse ia fazer questão de aparecer aqui para puxar seu pé irmão desnaturado. Não aparece em casa. – Trocaram beijinhos. – Lembra da Vitória?

- É claro, tudo bem? – Os dois trocaram um beijo no rosto. – Sobrinha do Filipo, né? E aí... Aproveitando as férias ou Nandinha está te destratando?

- Sua irmã é uma ótima anfitriã... – Trocaram um olhar cúmplice. – Estou muito bem...

- Eu costumo também ser um bom anfitrião, mas hoje eu vou deixar a Fernanda fazer às honras... Meu assistente me deixou na mão com uma encomenda de dezoito lasanhas.

- Você está precisando de ajuda? Você sabe que somos colegas de trabalho, eu posso te dar uma mão...

- Eu agradeço, mas me viro aqui, está sob controle. A Fer não perdoaria se eu furasse suas férias por minha causa. Fer...Vocês querem alguma coisa em especial?

- A gente vai subir... Depois voltamos aqui...

O casal se despediu de Guilherme e subiu as escadarias que levava ao segundo andar, onde se localizava a casa que Fernanda foi criada. Vitória comprovou que Fernanda não mentiu quando disse que passou parte da vida em um lugar simples, mas bem cultivado. O que mais chamou sua atenção foi uma cristaleira antiga.

Sobre o móvel havia algumas fotos da família. Fernanda e Guilherme em diversas fases

da vida e de uma mulher muito parecida com Fernanda que Vitória compreendeu que era sua mãe. Não resistiu e pegou o porta retrato para admirar a imagem. Fernanda sorriu ao vê-la com a foto.

- Ela parece com o Gui, né?

- Eu achei ela a sua cara... – Analisou melhor. – Vocês dois saíram parecidos com ela... Seu pai é Luigi, qual era o nome da sua mãe?

- Rosa Maria. Dona Rosa. – Pegou a foto das mãos de Vitória e analisou com carinho. – Acho que ela é uma mistura minha com o Gui... Uma pena que ela não soube se cuidar. O casamento dos dois era muito conturbado. Depois que a gente nasceu então...

- Por quê?

- Assunto delicado...

- Desculpa, não queria ser inconveniente.

- Não foi não, minha linda. – Acariciou o rosto de Vitória que percebeu uma expressão entristecida no rosto da mais velha. – Meu pai era italiano... Loiro, olhos claros... Veio para cá, se apaixonou por uma mulher linda... Eles passaram a morar juntos. Pra ele estava bom assim. Quando ela engravidou, ele enlouqueceu... Pediu pra ela tirar o bebê. Antes de eu nascer minha mãe fez dois abortos pressionada.

- Mas por que isso?

- Porque ele até tolerava se envolver com uma mulher negra, levavam uma relação e tal, mas ter filhos negros? - Vitória abriu a boca assustada, Fernanda fez um gesto negativo. – Minha mãe cortou um dobrado com ele pra gente nascer...

- Que horror, Fer... – Vitória comentou abismada. Não podia crer que em pleno século XXI ainda existiam pessoas com um pensamento tão mesquinho como aquele. – Mas você tem certeza?

- Sabe quando ele começou a demonstrar um pouco de sentimento por mim? Quando eu me casei com o rapaz loirinho de olhos azuis.

- É revoltante, é... – Refletiu. – Posso te fazer uma pergunta?

- Claro...

- Você se casou com o meu tio... Lá na nossa família todo mundo é aloirado... Ele ou alguém lá de casa já te falou alguma coisa que te ofendesse referente a sua cor?

- Ás vezes tem um comentário, alguma colocação que a gente escuta, a pessoa não se dá conta, mas ela foi ofensiva... Mas sabe o que mais me machuca? O fato que muitas vezes eles esquecem que eu sou negra ou não aceitam... Uma vez a esposa de um amigo do Filipo comentou que eu não devia me declarar negra porque eu era morena escura. No máximo parda e meu cabelo era até bom... Por fim disse que embora eu tenha nascida com um pé na cozinha, eu era clarinha.

- Que absurdo... Você não mandou essa mulher se foder, não?

- Eu dei uma boa puxada de orelha naquela coitada e nunca mais ela apareceu na minha frente. Ela não merecia se foder não... Não mando ninguém se foder... Só quando eu desejo coisas boas para a pessoa. – Vitória riu. Fernanda voltou a acariciar o rosto da jovem. – Mas eu não quero falar disso não... – Começou a provocar espalhando beijinhos pelo rosto de Vitória que fechou os olhos para curtir o momento. – Quero aproveitar o tempo do seu lado com coisa muito melhor...

Vitória não resistiu e cedeu as carícias da mais velha. Com um toque lânguido e doce contornou os lábios de Fernanda, aprofundou o beijo envolvendo seus braços no pescoço da

corretora e sentiu a pele da nuca da outra se arrepiar. A mão de Fernanda tocou seus cabelos, desceu por suas costas e estacionou sobre seu quadril. Não queria encerrar aquele contato agradável, mas Fernanda achou mais prudente.

- Eu estava doida para fazer isso desde o momento que te vi... Você está linda. – Vitória admitiu arrancando um sorriso de Fernanda. – Melhor dizendo, você é linda! – Deu um selinho. – Por que a gente tem que parar?

- Porque estamos no meio da sala, se alguém chegar, imagina o rolo... – Encostou os lábios na orelha de Vitória e mordiscou de leve eriçando toda sua pele. – Se você quiser a gente pode ir para o meu antigo quarto...

- Antigo quarto? – Riu. – Gostei disso, hein?! – Trocaram um novo beijo. – Eu acho que vou adorar conhecer...

Fernanda deu uma breve olhada em volta. Nem sinal de Guilherme. Dessa vez beijou Vitória com mais tranquilidade e a conduziu pelo corredor até a porta de seu antigo quarto. Mal entraram e Vitória apressadamente se desfez da própria camiseta provocando um ataque de risos na corretora.

- Que pressa é essa, hein, fedelha?! – Instigou. - Você fez uma promessa de concluir aquele pensamento, como é? – Lembrou. - Mulheres observadoras tem tendência a serem mais inteligentes...

- Mulheres inteligentes tem tendência a serem mais perigosas, mulheres perigosas tem tendência a serem mais interessantes, mulheres interessantes tem tendência a serem apaixonantes, mulheres apaixonantes...

- E mulheres apaixonantes?

- E mulheres apaixonantes tem tendência a serem irresistíveis. – Vitória concluiu enquanto voltava a tomar os lábios de Fernanda. Agarrou a cintura de Fernanda. – Você é irresistível!

Fernanda segurou o rosto da loirinha com uma das mãos e disse em tom de deboche para provoca-la.

- Isso é coisa que se fale pra sua tia?

- Minha tia ou não... - Vitória lhe surpreendeu e a empurrou na cama. – Aqui, nesse quarto, você é minha mulher!

CAPÍTULO 17

Ao ouvir a frase dita pela sobrinha, Fernanda sentiu um princípio de queimação surgir na boca de seu estômago e aos poucos a sensação se alastrou por todo seu território corporal. Apesar de sempre ter sido bela, Fernanda não teve muitos amantes em sua vida. Sempre foi reservada. Dos poucos homens que se deitou, nenhum era comparável a Vitória. O sexo com a loirinha não era uma consequência da relação como acontecia com Filipo e os seus outros namorados, mas sim fruto de um desejo intenso. Não sabia explicar, mas Vitória parecia ser feita de um fogo que a aquecia sem lhe queimar.

Fogo que aquecia sem queimar. Aquilo só poderia ser loucura! Loucura nascida da paixão, do desejo, do tesão, da vontade! Sua boca se enchia d'água. Os lábios, as mãos, a pele formigava como se passasse por uma crise de ansiedade, mas não sentia nada parecido com agonia.

- Sou tua, só tua! – Mordeu os lábios da garota. – Só tua, Vitória!

Estava faminta e sedenta por aquela garota. Só sairia daquele quarto com suas necessidades todas atendidas. O beijo doce e urgente já era pouco pela demanda que seu corpo exigia. De forma apressada, Fernanda ajudou Vitória a se livrar do restante das roupas que usavam e fez com que ela mergulhasse sobre seu corpo dando início aquele jogo temerário que ambas adoravam competir.

Os lábios voltaram a se buscar de forma intensa e o beijo logo evoluiu para carícias ousadas, desenhadas pela língua da mais nova. Vitória explorava o queixo, pescoço e colo da corretora. Com medo de ser escutada por alguém, Fernanda extravasava toda a tensão provocada pela outra arranhando sua espinha dorsal e ombros. Suas unhas afiadas enterravam nas costas da garota. Vitória passou a língua entre os seios da tia e deixou se perder na maciez de seu busto, nas curvas do ventre, no calor que seus poros emanavam. Os dedos de Fernanda enroscaram nos seus, a mais velha levou a mão da loirinha e submergiu os dedos de Vitória na sua boca. Ouviu um suspiro arrastado.

- Vitória... Vitória... – A garota ergueu a cabeça. Fernanda que estava deitada se colocou de joelhos sobre o colchão, a puxou para um beijo preguiçoso e ao concluir o beijo aproximou a boca no ouvido da garota e lhe pediu. - Você tá me deixando louca... – Vitória, que também estava de joelhos, voltou a explorar seu pescoço e nuca. – Não consigo parar de pensar... – Uma das mãos da loirinha afastou os cabelos da outra e começou a beijar a pele revelada. – Em ser tua outra vez...

- Como você quer?

- Do jeito que você quiser!

Vitória voltou a tomar os lábios de Fernanda com paixão. Queria ela de um jeito especial. Encaixou-se em suas costas com liberdade para beijar seu pescoço, nuca, espinhal dorsal enquanto suas mãos estavam livres para brincar com o busto de Fernanda e passear pela barriga. Propositalmente, ao alcançar a região do umbigo, se demorou nas carícias até avaliar que Fernanda estava pronta para recebe-la.

A mão desceu suave pela virilha e encontrou o sexo encharcado à sua espera. Enterrou os dedos equilibrando sua urgência com o conforto e prazer da outra. Sentia sua calcinha molhada,

precisava ter Fernanda naquele instante. Ter seu corpo em estado quase febril e os beijos molhados. Seus dedos passaram a massagear o corpo de Fernanda por dentro. Vitória tinha sua língua tomada e procurava seguir o ritmo imposto por Fernanda. Os dedos alvos se revezavam em explorar o clitóris e a entrada do sexo da corretora. Fernanda logo passou a soltar o quadril.

Em uma manobra hábil ficou por cima da loirinha. Vitória vibrava ao sentir suas digitais seguirem pela cavidade de Fernanda. O sexo, cada vez mais molhado da corretora, seguido de seus gemidos no pé do ouvido indicavam seu estado intenso de excitação. Vitória aproveitou que os seios rijos de Fernanda estava em seu alcance e os tomou prazerosamente com a boca. Fernanda, não se aguentando mais, pressionou os dedos de Vitoria com suas entranhas em um orgasmo ardente que revirou seu corpo todo. Ao notar que Fernanda havia chegado no ápice com seu toque, Vitória sentiu seu corpo reagir de maneira parecida.

O contato entre as duas foi tão intenso que praticamente caíram desfalecidas sobre o colchão. Precisarem de um minuto para se recompor.

- Eu adorei ser tua mulher... – Fernanda acariciou o rosto de Vitória que não conseguia esconder o sorriso de satisfação. Selou os lábios da loirinha. – Garota abusada...

Vitória riu.

- Você sabe que isso foi só o começo, né? Não estou nem um pouco saciada. – Aproveitou que Fernanda estava deitada e subiu sobre seu corpo jogando uma perna de cada lado, raspou propositalmente sua virilha sobre o sexo da tia. Ao notar o estado de Vitória e sentir o corpo suado da garota contra o seu, Fernanda deixou escapar um suspiro forte. – Tá gostando, tá?

- Você é uma delícia... – Beijou Vitória. – Faz o que você quiser comigo...

Mais uma vez se entregaram ao desejo e durante um par de horas apenas trocaram palavras praticamente impublicáveis. Quando o cansaço bateu, Fernanda se sentiu tão relaxada que deixou Vitória a envolver em seus braços e adormeceu em seu abraço. Para seu azar o cochilo não durou muito. Acordou com um ruído vindo da rua. Já havia anoitecido e ainda estavam no quarto.

- Eu acho que nosso recreio acabou... – Vitória lamentou em um tom divertido. Beijou Fernanda. – Ou pelo menos vai ter que ser interrompido...

- Jura? Está tão gostoso aqui...

Vitória sorriu, acariciou os cabelos cacheados.

- É bom ouvir isso, sabia? - Brincou. – Eu ia adorar ficar aqui, sendo usada e abusada por você. – Vitoria afirmou.

- Nossa, “cê” jura que eu forcei a barra? – Perguntou arrancando um riso da loirinha. – Se bem que... – Começou a dar beijinhos na boca de Vitória. – Não era má ideia não... – Riu. – Acho que estou tarada por você... Querendo recuperar o tempo perdido ou...

- Tempo perdido? – Vitória questionou curiosa. – Como assim? Fazia tempo que você...

Um tanto sem graça, Fernanda acabou confirmando com um gesto de cabeça.

- Uns dois meses ou pouco mais.

Vitória arregalou os olhos surpresa.

- Nossa! Tô boba porque não conhecia esse lado gay do meu tio...

- Lado gay? – Fernanda perguntou em um tom divertido. – Não seja inocente, né...

- Ele podia ter outras, mas deitar no mesmo quarto que você todos os dias e ficar todo esse tempo sem... – Fernanda riu. – Estou falando sério...

- Você está me acostumando mal... – Fernanda então refletiu. – Esses últimos meses eu andei trabalhando muito talvez tenha me descuidado da aparência e ele não sentiu atraído... Pode ser isso...

- Você é louca? – Vitória a questionou. – Fernanda, olha para você... Você é linda. – Com o polegar contornou as feições do rosto da mais velha. –Tio Filipo só pode ser cego para não ver a mulher que tem em casa. Eu tenho certeza que teria uma fila de gente querendo estar no lugar dele. E quer saber? Eu sou a primeira pessoa dessa fila... – Fernanda sorriu com aquela confissão inusitada. – Porque para mim, você é perfeita...

Fernanda agradeceu as palavras de Vitória com um beijo prolongado. Antes que desistissem de seus respectivos planos, as duas levantaram da cama para se vestir. Tinham dois importantes compromissos para a noite. Fernanda jantaria com Renato e Vitória também tinha um encontro.

(...)

Marcelo já tinha perdido as contas quantas vezes tinha assistido o vídeo de sua noite de sexo com Daniele. Jogou o arquivo na lixeira e o recuperou de volta. Seu intuito era jogar na internet e fazer o vídeo viralizar. Dessa forma acertaria um belo golpe no ego de garanhão do irmão e de quebra ainda se vingaria da ex-mulher. O plano não era difícil de executar e poderia nunca ser pego. Bastava copiar o arquivo em um pen driver qualquer e postá-lo de uma conta fake de uma máquina pública como uma lan house. Era quase impossível conseguirem comprovar que foi ele. Estava com a faca e o queijo nas mãos, mas faltava um item crucial para seguir em frente: ausência de escrúpulos.

Por mais que fosse inconsequente e desajuizado, Marcelo não conseguia ser cruel. Não de cara limpa. A cocaína e a bebida ofereciam a frieza de sentimentos que agora ele precisava para se vingar. Ao mesmo tempo que faltava coragem para postar o vídeo, sobrava raiva do irmão e de Daniele. Não se conformava deles saírem impunes. Seus pensamentos foram interrompidos pelas batidas na porta do quarto.

- Marcelo, sou eu...

Valentine. Ela não poderia nem sonhar com aquilo. Rapidamente ele fechou o arquivo e abaixou a tela do notebook. Abriu a porta. A francesinha já havia tirado os trajes de piscina, agora utilizava um vestido preto que salientava seu colo, maquiagem e um discreto perfume de baunilha. Um visual que a deixava com mais cara de mulher. Marcelo demorou alguns segundos admirando-a.

- Oi, Vale...

- Já vi que continua em outra galáxia... – Brincou. – Vou sair com a Bia, a amiga dela, o Micróbio... A gente está pensando em comer uma pizza, quer ir?

- Pizza?

- Vai dizer que estou na frente do único italiano que não gosta de pizza da face da terra? – Gracejou. - Se você não gostar podemos comer outra coisa... Nachos, comida japonesa, churrasco...

- Não, não é isso. Acho melhor não ir não... Não estou muito legal hoje...

- É aquele lance da abstinência? – Perguntou sem esconder a aflição. – Não é melhor você procurar um médico?

- Não... Isso já passou... É mais dor de cabeça, indisposição mesmo... Fica para uma próxima.

Valentine fez uma careta.

- Uma pena... Bom, então aproveita para descansar. Estou indo...

- Espera, Vale... Eu... Queria te pedir desculpas, mais uma vez, pelas coisas que a Dani te disse. Eu não sei o que está acontecendo com ela...

- Eu sei perfeitamente.

Marcelo a encarou assustado.

- Nossa, que bom que tem alguém que sabe para me explicar porque eu não tenho ideia. – Ele admitiu. – Por favor, me explica.

Valentine refletiu por alguns segundos e então disse:

- Ela está vendo uma diferença em você, Marcelo... Eu não tenho muita propriedade para falar sobre isso porque a gente se conhece só há alguns dias... Enfim, você vai descobrir isso sozinho...

- O que? Por favor... – Ele suplicou. – Você não tem ideia como eu estou perdido.

- Como eu posso dizer? Sei lá, o cara que eu conheci há alguns dias tinha um olhar mais cansado de tudo, mais cheio e hoje... Apesar de todas as suas neuras, você parece que tá renovado, está mais limpo... Eu não sei se eu me faço entender... Eu acho que você já sacou que alguma coisa dentro de você mudou. Só não quer enxergar...

- A questão não é não querer enxergar... É que tantas vezes eu achei que minha vida tomaria um rumo diferente e acaba da mesma forma... Eu decepcionando as pessoas... Me maltratando. – Fez uma pausa. – Eu daria tudo... Tudo para ser esse cara que você tá falando aí...

Valentine sorriu.

- Mas você é... Ele tá meio escondido aí, ainda dentro do armário... Mas eu tenho certeza que você é.

- Você mesmo disse que me conheceu há pouco tempo, que ainda não tem propriedade em falar sobre mim...

- Talvez eu seja uma especialista em Marcelo. –Valentine brincou. – Eu não descobri um dançarino aí? – Olhou para ele. – Marcelo, você tem que parar de se autodestruir... Deixa esse moleque legal, que eu tenho certeza que existe, sair do armário... – Riu. - Porra, o que custa dar uma chance para ele uma vez na vida?

- Eu... Eu vou pensar...

- Não tem que pensar... Tem que pôr esse moleque para agir e deixar de ser teimoso... – Sem pensar ela deu um tapinha no peito do Marcelo que saiu tão fraco que lembrou mais uma carícia. O contato espontâneo acabou deixando os dois ruborizados. Valentine logo se afastou. – Tenho que ir porque as pizzas não vão se comer sozinhas.

Despediram-se com um beijo no rosto. Marcelo aproveitou e aspirou um pouco mais da fragrância de Valentine. Tinha gostado daquele perfume. Parecia ser alguma colônia francesa, mas tinha um quê de diferente que ainda não havia identificado o que era.

- Até mais...
- Até...

Após trocarem acenos, Valentine se encaminhou para o quarto de Bianca com a intenção de verificar se a garota estava pronta. Encontrou-a entre risos ao lado de Giovanna, a garota que Vitória havia ficado na balada.

- Que foi?
- Nada demais... – Bianca comentou. – A gente estava espiando vocês pelo corredor... Mais um pouco e posso te chamar de tia, hein?
- Como é que é? – Valentine questionou fingindo displicência. – Deu para ver coisa agora, garota?
- Qual é, Vale? – Giovanna resolveu se manifestar. – O Marcelo é bem gato.
- O Marcelo é meu amigo. Vocês acham cada cabelo em ovo...
- Só pega inimigo? – Bianca brincou, recebeu um olhar da ruiva equivalente a um fuzilamento. – E não vem com esse papo de cabelo em ovo não... Eu devia filmar vocês dois conversando, mãozinha ali, carinho, sorrisinho... Vocês ficam aí nesse banho maria, mas quando a água ferver...
- Bia, não adianta... Não vou discutir minha vida amorosa com alguém que namora um sujeito chamado Micróbio. Esse fato te faz inapta de comentar a vida amorosa de qualquer ser vivente.
- Vida amorosa? – Giovanna botava lenha no fogo. – Jeito interessante de se referir a relação com o seu amigo... – Bianca riu. – Né?
- Vitória vai me pagar caro por me deixar na companhia da terceira série e sumir... – Gracejou. - Ninguém merece!

No quarto de Marcelo as coisas estavam bem menos amenas que a conversa das três garotas. Após rever o vídeo pela enésima vez, ele tomou uma decisão. Pegou o celular e ligou para Ícaro, um jovem funcionário da Vaccara que era chefe do setor de informática, já haviam trabalhado juntos algumas vezes.

- Ícaro... -..._ Oi é o Marcelo Vaccara. -...- Tudo bem? -...- É... Você tá ocupado hoje? -...- Não. -...- Quer quebrar um galho para mim? -...- Eu estou com meu notebook aqui e ele está com muitos problemas... Você formataria ele pra mim? Te pago bem. -...- É... Hoje... Pode ser? -...- Maravilha, onde encontro? -...- Bar do Bill... -...- Vou anotar...

Pegou um papel qualquer e rascunhou o endereço do bar. Não longe de sua casa. Despediu-se do rapaz e desligou. Aquela era a melhor decisão. Daniele merecia sim um castigo, mas não precisaria se rebaixar para se sentir bem. Desconectou o pen drive do notebook e jogou a pecinha pela janela, com intuito de fazer o pen driver parar na piscina. Após o pequeno objeto emergir na água não faria mal a mais ninguém. Guardou o notebook e o carregador em uma mochila e saiu. Ícaro comentou que não morava longe do bar, não queria esperar nem mais um minuto para se livrar daquele vídeo.

Ao chegar no estabelecimento olhou em volta e nada do rapaz. Se acomodou em uma mesa e logo um garçom veio atendê-lo.

- Senhor... Vai querer o que?

Antes de responder, Marcelo escutou um ruído muito familiar. O garçom que atendia a mesa ao lado abria uma garrafa de cerveja para um freguês. A garrafa estava esbranquiçada de tão gelada. O rapaz da outra mesa deu um gole e sujou um pouco o buço de espuma. Marcelo sentiu seus lábios formigarem, uma leve camada de suor em seu rosto e a garganta secar.

- Senhor...
- Eu quero uma... – Respirou fundo. – Uma coca. Bem gelada. Por favor...
- Tá certo, com licença...

O garçom se afastou. Marcelo desviou o olhar para o relógio de parede. Marcava quinze para as nove da noite. Ícaro tinha marcado oito e meia. Olhou novamente para a mesa do rapaz da cerveja. Ele já se servia do segundo copo. Desviou o olhar e mentalmente começou a implorar a Deus para que Ícaro não demorasse.

(...)

Gnocchi ao sugo acompanhado de filé ao creme de quatro queijos. O menu sugerido por Guilherme fez muito sucesso entre Fernanda e Renato. O cheiro da massa era de inebriar. A única coisa que não ia bem no jantar dos colegas de faculdade era o conteúdo da conversa que desagradava Fernanda. Não ficou nada feliz com o que Renato tinha acabado de lhe falar.

- Você tem certeza, Renato?
- Tenho sim. Minha fonte da Federal é de absoluta confiança. Parece que o Filipo anda bem encrencado. Ele financiou a campanha desse deputado Navarro e em troca pediu a ele que apresentasse um projeto de lei que perdoaria uma infinidade de impostos atrasados da Vaccara.
-Mas o Filipo que cuida de tudo isso lá ... Você acha que pode ter acontecido o que?
- Sinceramente? Eu não confio nem um pouco no caráter do seu marido. Ele é ambicioso, capaz de passar por cima da própria família em nome de dinheiro. Eu acredito que ele desviou tudo para algum paraíso fiscal, empresa offshore... Sei lá...
- Você acredita que ele pode ser preso?
- Acredito que é questão de tempo. Ainda não divulgaram nada porque acreditam que esse doleiro que trabalhava para o Filipo tem peixe ainda maior na rede dele... Mas quando conseguirem achar alguma coisa todo mundo dança. E o Filipo é um dos primeiros... – Fernanda fechou os olhos, sentia-se completamente arrasada. Apesar do término do casamento, não queria aquele fim a Filipo. Era pai de sua filha, foi seu companheiro de anos. Renato apertou seus dedos em um gesto de consolo. – Eu sinto muito em ser o portador dessa notícia.
- A vida é muito absurda, né cara? Ou será que sou eu que estou ficando louca? Ou sempre fui... Você conheceu o Filipo na mesma época que eu conheci... O que aconteceu com aquele cara? Ele sempre foi ambicioso, tá certo... Quem não quer ficar bem na vida? Mas se transformar desse jeito? Ele tinha tantos sonhos, planos... Eu já fui apaixonada por esse... Esse bandido, Renato... Eu nunca enxerguei como ele era? Eu não conheço o homem que eu convivo por mais de vinte anos?
- Não se culpa assim, Fer... Você sabe que eu, por motivos que sempre deixei claro, nunca fui com a cara dele... Mas ele não era esse cara que a gente conhece hoje... Se era, ele é um psicopata, porque disfarçou muito bem... Desde muito novo ele teve muito poder, assumiu um império... Tem gente que não sabe lidar com isso. Não fica assim...

Fernanda deu um gole em sua taça de vinho.

- Eu tenho que te contar uma coisa... Uma coisa que aconteceu comigo nos últimos dias. Só contei ao Dudu... Eu... Eu me envolvi com uma pessoa. Dormi com essa pessoa.

- É a sua sobrinha? – Renato a jogou contra a parede. – Tá rolando alguma coisa entre você e a Vitória, não é?

Fernanda sentiu a espinha gelar. Será que além de Renato mais alguém havia notado?

(...)

- Vitória Vaccara... Finalmente eu tenho uma resposta para te dar sobre sua paternidade. Os exames chegaram ontem. – Macedo, o detetive que Vitória havia contratado para seu caso, entregou um envelope de um laboratório médico. – Infelizmente as notícias não são boas.

- Então... – Vitória segurou os exames nas mãos, mas nem sequer abriu. - Tudo que estava naqueles e-mails era verdade?

- Sim... Hoje eu fui para o interior checar com a antiga copeira da casa do seu avô... Não foi fácil localizá-la e muito menos fazer ela se abrir...

- Então meu pai é...

- Filipo Vaccara. Você e essa Bianca são mesmo irmãs de sangue por parte de pai.

Vitória sentiu como se o chão se abrisse sob seus pés. Os e-mails anônimos haviam falado, mas no fundo ainda tinha a esperança de ter sido apenas vítima de um trote, equívoco ou algo parecido. Quem lhe pregou a verdadeira peça foi sua própria mãe?! Não dava para acreditar.

- Não tem como isso estar enganado? Minha mãe sempre teve repulsa do meu tio. Ela mentiu para mim durante toda a vida?

Macedo respirou fundo. Não seria anda fácil contar a segunda parte da história a pobre garota que estava na sua frente.

- Filha, eu lamento o que vou dizer... Você vai precisar ser forte.

- O que?

- Eu acredito que a repulsa da sua mãe pelo seu tio não era uma mentira... Acredito até que ela tinha nojo dele. E muito, muito medo.

- Do que o senhor está falando?

- Sua mãe e o Filipo não tiveram um relacionamento. O Miguel, que é seu pai de criação, realmente teve um romance com ela... Os dois eram muito jovens. Sua avó não aprovava a ideia e resolveu manda-lo para estudar por alguns meses na Inglaterra.

- Eu sei... Minha vó o chamou as pressas para voltar quando soube que minha mãe engravidou. Ele ficou três meses lá, passou alguns dias no Brasil, ficou com a minha mãe. Após dois meses, minha vó o chamou para voltar de vez.

O detetive fez um gesto negativo.

- Segundo a dona Valquíria, a antiga copeira da casa da sua avó, não foi isso que aconteceu. A sua mãe engravidou do Filipo e sua vó resolveu solucionar o caso mentindo para o Miguel que o bebê era dele. Sua mãe não quis abortar, fazia questão de ter o nome do bebê registrado pela família Vaccara, mas ela tinha verdadeira repulsa ao Filipo. Como ela e o Miguel tiveram um affair, sua vó encontrou essa solução...

- Por que dessa repulsa? – Aflita. – Ele fez o que estou imaginando?

- Sua mãe e o Filipo não tiveram nenhuma relação consensual. Ela foi violentada.

CAPÍTULO 18

“Os exames chegaram ontem”.

“Filha, lamento o que vou dizer”.

“Filipo Vaccara. Você e essa Bianca são mesmo irmãs de sangue”.

“Acredito até que ela tinha nojo dele”.

“A sua mãe engravidou do Filipo e sua vó resolveu solucionar o caso mentindo para o Miguel que o bebê era dele”.

“Sua mãe e o Filipo não tiveram nenhuma relação consensual. Ela foi violentada”.

As palavras ditas pelo detetive Macedo martelavam na cabeça da jovem cozinheira como um escritor entusiasmado martela seu instrumento de trabalho, o teclado, e deixa ali suas emoções. Medo, terror, raiva... Esses eram os componentes do roteiro criado pelo narrador da mente de Vitória. Asco. Essa era a única palavra que vinha na cabeça da loirinha caso alguém perguntasse como estava se sentindo em relação a tudo. Só de ouvir o próprio coração bater, sentia-se enojada.

Já sabia que não tinha sido uma criança planejada. Muitos a apontavam como um golpe da barriga dado por uma garota que não se conformava com a miséria. O resultado de um casinho banal de um playboy com uma pobre cozinheira. Já tinha escutado diversos absurdos em relação à sua origem. Todos eram “cafés com leite” perto da verdade. Antes tivesse nascido do namorico de Miguel e Eliane. A vida não quis assim. O destino era cruel. Vitória era resultado de uma violência. Fruto de um estuprador. Um repugnante e desprezível estuprador. Era apenas um pedaço de um monstro.

A revelação final a deixou tão transtornada que saiu do escritório do detetive sem dizer palavra alguma. Apenas pegou o resultado do exame, atravessou a saleta e bateu a porta de saída. Macedo tentou impedi-la, mas ele era gordo e lento, a perdeu de vista em um piscar de olhos. Ao ganhar a rua, Vitória se pôs a caminhar. Para onde? Não tinha ideia. Por quanto tempo? Não sabia. Apenas queria se mover e afastar de onde estava. Parada se obrigaria a pensar e não queria pensar em nada e nem em ninguém. Apenas precisava caminhar e sentir a chuva forte, que caia na cidade toda abraçar sua pele por completo. Talvez uma nova Vitória, mais madura e sofrida, renascesse e a antiga fosse embora pelos esgotos de São Paulo, junto da água pluvial que desabava do céu.

- QUER MORRER? LOUCA!

Foi o que rosnou o condutor de um automóvel que quase passou por cima de Vitória. Talvez quisesse mesmo morrer. Atravessou uma avenida com o semáforo verde para os carros. Só se deu conta que tinha furado o sinal quando o carro parou pouco mais de dez centímetros de seu corpo. Irritada com os desaforos proferidos pelo aborrecido motorista, Vitória esmurrou o capô do carro. Bateu com tanta força que sua mão chegou a cortar com o impacto da porrada. Ao ver o acontecido, o motorista esqueceu que estava com o sinal aberto e desceu para verificar seu prejuízo e tirar satisfações com a loirinha. Ele era um homem alto, musculoso e estava bem insatisfeito com tudo. Agarrou a garota pelo braço de forma agressiva.

- Olha aqui, sua vagabunda, eu...

A frase ficou pelo meio. Um segundo carro chegou com tudo e bateu junto do porta malas do carro que estava parado com o sinal aberto. Vitória aproveitou que o motorista se distraiu com o incidente e se desvencilhou dele com um empurrão. Correu sem olhar para trás. Apenas parou depois de cinco quarteirões, após ter certeza que não seria alcançada. Exausta e sedenta. Recostou-se em um muro verde e então olhou em volta. Só então reconheceu que estava em um ambiente bem familiar.

Rua Caraíbas esquina com a Palestra Itália, a antiga Turiassu. Bem junto ao estádio do Palmeiras, time de coração que aprendeu a amar com Miguel. Hoje todos na cidade chamavam de Arena Palmeiras ou Allianz Parque, mas para Vitória seria sempre o bom e velho Parque Antártica. Era como Miguel gostava de chamar. Passou a infância frequentando aquele lugar com ele. Francesco e os três filhos eram palmeirenses. Italianos, se renderam ao verde da colônia. Miguel era o mais fanático de todos, com menos de três anos de vida, Vitória já era sócia do Palmeiras e frequentadora das arquibancadas alviverdes.

Pai e filha eram figuras tarimbadas ali. Chegavam as duas e só saiam depois das oito da noite, após participarem de uma via sacra pelos bares ao redor para bebemorar ou chorar pelo resultado do jogo. Isso foi rotina até seus dez, onze anos. Vitória não entendia perfeitamente as regras do futebol, mas gostava daquela festa e principalmente de estar na companhia do pai sem ter que dividi-lo com ninguém. Tornou-se palmeirense, era a maneira que encontrou para sempre estar perto do pai. Quando foi morar com sua tia, no Paraná, e até mesmo em Paris sentia muita falta de Miguel. Se a saudade apertava de verdade ligava para o pai e perguntava:

- E aí cara? Esse teu Palmeiras toma jeito ou não toma?

Era como se fosse um código entre eles para dizer: “sinto sua falta”. Ficavam um bom par de horas conversando sobre esquema tático, jogadores, técnicos e sobre as próprias vidas. Miguel mais falava que ouvia, Fabinho e Clarisse, seus filhos do casamento não eram muito ligados à futebol. Vitória preferia ouvi-lo. Sentia falta de escutar a voz do pai e de sua risada. Por que Filipo tinha que estragar isso? Por quê?

Cansada por todo esforço físico, Vitória se sentou na guia de um dos bares fechados da rua, ao lado de uma calha d’água. Retirou do bolso interno do moleton que usava o resultado do exame. Leu mais uma vez e picou todo o papel. Sua vontade de sumir com aquela realidade impressa em suas mãos era tanta que engoliu pedaço por pedaço do papel. Sentiu o exame queimar pelo esôfago e vomitou logo em seguida. Querendo tirar o sabor da boca, se levantou e bebeu água da chuva. Banhou-se por completo até as pernas sucumbirem a tensão. Despencou no chão com a cara no asfalto. A cabeça girou tanto que não se aguentou em pé, sua última lembrança daquela passagem era o gosto amargo sendo substituído por algo mais doce. Passou a língua entre os lábios e identificou que sangrava. Foi sua última recordação após perder todos os sentidos.

(...)

- VOCÊ É INACREDITAVEL, FILIPO! – Fernanda estava praticamente fora de si. Andava de um lado para o outro. – INACREDITAVEL!

- FIZ O QUE QUALQUER PAI FARIA NO MEU LUGAR! EU NÃO QUERO MINHA FILHA SE ENVOLVENDO COM SUJEITO APELIDADO DE... – Filipo estava enfurecido. – Micróbio... Será que você é cega?! Isso é nome de bandido... Sua filha deve estar saindo com um

delinquente, um vagabundo, vai ver é traficante!

- O Micróbio é vizinho do Gui... Amigo do meu irmão... – Fernanda sentou na cama. – E MESMO SE NÃO FOSSE! É CONHECIDO DA NOSSA FILHA, COMO O MENINO APANHA DE DOIS SEGURANÇAS ASSIM?!

Apesar de estarem trancados no quarto, a discussão poderia ser ouvida por todo andar superior da mansão dos Vaccara. Fernanda chegou em casa e encontrou a seguinte cena: Maltide, a governanta, e seo Francesco com os rostos rubros de tanto chorar. Marcelo, Valentine e Dona Antônia tentavam acalmar os ânimos enquanto Daniele cuidava dos filhos que também estavam assustados.

- O que foi que aconteceu, gente?

- Coitadinha da Bia... Sair assim, nessa chuva... – Seo Francesco dizia arrasado. Estava tão nervoso que até se esqueceu do português e comentou em sua língua materna. - Ma, come Filipo é difficile. La mia povera ragazza!

- Calma, papai... A Bia vai voltar...

Ao ouvir o nome de Bianca, Matilde respirou fundo em um lamento. Fernanda se desesperou.

- O que foi que aconteceu?

Marcelo e Valentine se confrontaram. Quem deveria falar? Os outros não tinham condições, precisavam ser acalmados. Marcelo por fim tomou a palavra.

- A Bianca estava se preparando para sair com a Valentine e mais uma amiga. O namorado dela chegou e ela ordenou que ele entrasse no condomínio. Dois seguranças pararam ele, ele disse que era namorado da Bia, o Filipo ordenou que os seguranças colocassem ele para fora. O menino reagiu e os seguranças foram truculentos com ele... A gente soube depois que tudo aconteceu.

- Era o Micróbio?

- O Micróbio. – Valentine confirmou. – Ele não fez nada demais...

- Eu cheguei e encontrei uma confusão... Você sabe como o Filipo é... – Marcelo explicou. - A Bia perdeu a cabeça, discutiu com ele e ele acabou acertando um tapa no rosto dela, ela pegou umas roupas e disse que ia embora de casa. Saiu com a moto nessa chuva.

- QUE? ELE BATEU NA MINHA FILHA?

- Fernanda, você também se acalma... – Dona Antônia se manifestou. - Você sabe como são filhos... Ás vezes, nós, como pais, temos que exercer o tapinha de amor.

- Pelo amor de Deus, mãe! – Marcelo reagiu irritado.

- Troglodita nenhum vai encostar na minha filha e sair andando... Nem que esse troglodita seja meu marido! - Fernanda rosnou.- Onde ele se enfiou? Está no quarto?

- Você está sendo muito dura com o Filipo... – Dona Antônia reagiu. – A Bianca anda geniosa. Você precisa dar mais educação para sua filha.

Fernanda, que já se preparava para subir a escada, se virou e ficou de frente para dona Antônia.

- Eu não quero discutir a educação e a criação da minha filha com a senhora.

- Falta pulso firme em você, Fernanda... A Bianca precisa de limite e você foi falha. Eu acho...

- Eu sou casada com um dos seus filhos há quase vinte anos... E tirando pelo convívio com ele, eu chego à conclusão que a senhora é uma péssima mãe. – Fez uma pausa. - Pouco me importa o que a senhora acha ou não acha da educação da minha filha... Não está apta para avaliar a educação de ninguém. – Antônia não acreditava no que ouvia, Fernanda sempre foi tão contida. - Com licença...

Sem olhar para trás, Fernanda subiu as escadarias que ligavam os andares. Imaginou os comentários que deveriam ser feitos com seu nome por causa da resposta que deu na sogra, mas aquilo era o que menos lhe afligia no momento. Precisava saber exatamente o que aconteceu entre Bianca e o pai. Entrou no seu quarto e encontrou Filipo.

- Ah, finalmente em casa e... – Quando ele se aproximou, Fernanda não pensou duas vezes e devolveu o tapa no rosto que Filipo havia acertado em Bianca. – FERNANDA!

- O QUE VOCÊ FEZ COM A MINHA FILHA?- Ela questionou sem se intimidar.

- FERNANDA, SE ACALMA... E- Eu nunca te vi assim...

- O QUE VOCÊ FEZ COM A MINHA FILHA? – Ela repetiu pausadamente. Não iria aceitar meias explicações. – FALA, FILIPO!

Filipo podia ter diversos defeitos, mas não era burro. Sabia exatamente o momento que devia recuar. Fernanda já estava farta por conta da briga com Renato, se agisse de forma mais agressiva, ela poderia explodir e acabar perdendo o controle de vez. Respirou fundo e então disse:

- Eu... Eu não fiz por mal.

- O que você exatamente fez?

- Já disse que não foi por mal. A Bianca está saindo com esse garoto estranho... Eu já tinha visto eles pelos cantos por aí... A gente acaba vendo as coisas, mas é melhor cortar o mal pela raiz – Fez uma pausa. – Eu sei que ela nova, que está na idade de experimentar, pesquisar coisas...

- Pesquisar coisas? – Fernanda perguntou. – Como assim?

- Ela está saindo com esse garoto aí... Tá saindo porque ele é diferente de nós, é pobre... Vai ver ela está saindo pra ver como é... Se tem alguma diferença de pegada, essas coisas... Eu não me importo mesmo, mas aqui dentro? Na minha casa? – Filipo fez um gesto negativo. – Alguém pode saber... Já pensou escapa uma nota em um jornal qualquer, em um revista, nessas redes sociais aí que ela está saindo com um bandidinho? O que vão pensar da gente? Só queria que os seguranças dessem um susto no moleque, não foi nada para machucar sério.

- Filipo, eu não estou acreditando que estou ouvindo isso!

- A culpa é sua, Fernanda... Dá liberdade demais a Bianca. Não fica mais em casa. Eu posso saber o que você está fazendo até essa hora na rua?

Diversas desculpas passaram pela cabeça de Fernanda. Podia dizer que estava em uma reunião de trabalho, que precisou ir ao escritório buscar algum documento importante, resolveu dar uma volta com alguma amiga para arejar, qualquer explicação servia, mas não optou por nenhuma. Não era segredo para ninguém que seu casamento não andava bem das pernas, resolveu que não passaria mais pano para evitar catástrofes. Andava cansada, não tinha mais paciência.

- Não é do seu interesse, Filipo.

- Como é que é? Eu sou seu marido. – Disse em um tom indignado. - Mulher não pode

sair assim...

- Por que? Tem uma lei que me impeça? – Questionou. - Porque se tem, eu desconheço. Mulher nenhuma é obrigada a passar cada coordenada que ela anda. E sobre o fato de você ser meu marido... – Fez uma pausa. - Isso não é irreversível.

- Como é? Fernanda, o que você está insinuando?!

- Que a qualquer momento você pode deixar de ser meu marido. Não gosto de insinuar as coisas, sou bem clara.

Antes que pudesse reagir, Filipo foi interrompido por batidas na porta. Fernanda abriu. Era Daniele com o celular em mãos.

- É o Dudu. Ele tem notícias da Bia.

- O Dudu? – Fernanda se surpreendeu. Pegou o aparelho das mãos da amiga. – Oi, Dudu... Pode falar... Ela te ligou?

(...)

Tempo fechado durante todo o final de semana. Essa foi a conclusão de Bianca ao observar que a chuva não dava uma trégua. Ela gostava do tempo do jeito que estava, mais para o frio. Quando era pequena e fazia manha para se levantar e ir para escola em dias de chuva, Fernanda sempre lhe dizia: “Quem não gosta de sair de casa por causa de chuva é chato, então se você sair vai ter possibilidade de encontrar menos chatos na rua”. Bianca nunca lhe perguntou de onde havia tirado aquele raciocínio, mas Fernanda tinha certa razão. Se aborrecia menos em dias como aquele. Mãe tem cada ideia...

- Dois X-Bacon no capricho, batata frita com muito barbecue e refri... Não tem remédio melhor para espantar o bode. – Micróbio comentou ao se aproximar da mesa que a namorada estava acomodada. – E aí, marrentinha... Pensando em que?

- Na minha mãe.

Após toda a confusão com Filipo, Bianca foi atrás do namorado em seu bairro e juntos resolveram dar uma volta de moto para desanuviar a mente. Apesar da truculência dos seguranças, o ruivo estava bem. Depois de muita chuva e muitos quilômetros rodados, resolveram parar em um trailer de lanches localizado bem embaixo de um viaduto. Apesar do local inusitado, os sanduíches trazidos pelo rapaz pareciam apetitosos. Até abriu a fome de Bianca.

- Capricharam, hein?! – Bianca comentou. Deu uma mordidinha em seu pão. – Dona Maria Lúcia sempre comentava que dos piores pés sujos saem as melhores iguarias.

- Quem é Maria Lúcia? – Micróbio questionou enquanto beliscava algumas fritas.

- A Malu. – Bianca deu um gole em sua coca. – Minha outra mãe... A de sangue.

- Ih... Você estava falando dela agora que eu perguntei?

- Não... Quando eu digo mãe eu sempre penso na Fernanda mesmo. Eu liguei para o Dudu que é melhor amigo dela e pedi para ele dar um recado, dizer pra ela que estou bem e que vou ficar no meu tio Gui.

- Engraçado, né? A Fernanda você chama de mãe, a outra...

- Chamava também... Mas preferia chamá-la de Maria Lúcia. – Sorriu saudosa. – Ela odiava esse nome, ficava nervosa quando eu a chamava assim. Preferia que chamasse de Malu.

- Você lembra de bastante coisa dela? – Micróbio mordeu seu lanche. – Quase não

comenta nada.

Era verdade. Bianca falava pouco da mãe biológica e de sua vida antes da morte da mãe. Ao chegar na casa de Fernanda não falava praticamente nenhuma palavra. Demorou quase um mês para um simples “Oi, tia Fernanda” que fez Fernanda se debulhar em lágrimas. Apenas chamou Fernanda de mãe após um pesadelo terrível. Fernanda acordou com a garotinha de apenas dez anos quase derrubando a porta aos murros e implorando:

- Mãe, mãe... Dorme comigo!

Fernanda era sua mãe, tornou-se em um momento de desespero e aos poucos aprendeu a amá-la. Já Malu, era uma lembrança... Algumas vezes boa, outras nem tanto, mas apenas uma recordação.

- Ela era muito bonita e talentosa. Foi uma designer de muito sucesso na Vaccara. Os caras ficavam loucos por ela. Ás vezes ela aparecia com algum namorado em casa. Tinha um rockeiro que se chamava Raul... Ele parecia o Kurt Cobain... Era lindo. Me ensinou a nadar, tocava Guns. – Confessou. – Eu gostava do Raul. Acho que até queria que eles terminassem para que ele pudesse casar comigo. Meio que disputava por ela.

Micróbio riu.

- Menina tem disso, né? Uma vez eu li, se chama...
- Complexo de Édipo... É. Acho que era isso mesmo. Eu projetei no Raul o meu pai que nunca se apresentou. Nós moramos juntos pouco mais de um ano, mas acho que ele é o cara mais próximo que tive de um pai... Se pudesse escolher, ele ia ser o cara.
- Não é assim também... Tem o Filipo. Mal ou bem ele te criou.

Bianca fechou o cenho.

- E daí, Micróbio? O que o meu sentimento tem com isso?
- Credo, você fala de uma forma... – Fez uma pausa. – Bia, eu sei que ele pega pesado, esse jeito dele, todo cheio de si, não é legal... Mas ele é seu pai. Vocês não podem ficar sem entender a vida inteira. Ele não é um cara de todo mal... Sua mãe morreu e ele te levou para a casa dele...
- E por isso que eu tenho que enxergar esse cara como meu pai? O Filipo é qualquer coisa, menos meu pai! Porque pai dá amor e ele não tem isso dentro dele, não pode dar para ninguém. Eu chamo ele de pai porque eu sei que minha mãe ia ficar triste se eu me referisse a ele de outra forma, mas sabe o que eu realmente sinto pelo senhor Filipo Vaccara? Des-pre-zo!

Micróbio quase não reconheceu a namorada. Bianca era difícil muitas vezes, mas nunca se mostrou tão agressiva. Não gostava do que via nos olhos de Bianca quando ela falava de Filipo. Como uma garota adotada podia ter tanta raiva do homem que lhe deu a oportunidade de ter uma família? Aquilo não passava pela cabeça do rapaz ruivo. Devia ter algo a mais que ninguém sabia.

- Bia... Você não sente nem gratidão? Você está falando sério?
- Não quero falar disso...
- Bia, nós vamos falar disso sim...

Nervosa, Bianca se levantou, retirou uma nota amassada de cinquenta reais de sua jaqueta

e jogou sobre a mesa. Aquilo devia cobrir toda a despesa do casal na barraca de lanches. Micróbio foi atrás da namorada

- Bia! Bia!

Apenas a alcançou já no alto do viaduto. Bianca tinha subido para apreciar o vai e vem de carros. Parecia não se importar com a chuva. Ao ver Micróbio tentou escapar, mas ele a segurou pelo braço e pressionou o corpo da garota entre o seu e a mureta. Apesar de franzino, ele tinha um pouco mais de força que ela. Bianca tentou se desvencilhar, em vão.

- Bia, que foi isso cara?
- ME SOLTA!
- Não!
- ME SOLTA!
- EU NÃO VOU TE SOLTAR ENQUANTO VOCÊ NÃO ME DISSER O QUE ESTÁ ACONTECENDO! – Olhou para Bianca. – QUAL O LANCE? ENTRE VOCÊ E SEU PAI...
- Micróbio...
- FALA! Grita, abre essa boca, eu estou aqui para te escutar, cara. – Micróbio respirou fundo. – Você precisa falar, senão vai explodir... Eu sinto isso. – Bianca começou a chorar. – Por favor... Me diz... Eu tô do seu lado, você não está sozinha, mano... Me diz... Qual o problema que você tem de verdade com seu pai?

Bianca precisou de alguns segundos.

- A única coisa que sinto pelo Filipo é desprezo. Ele é uma das piores pessoas que eu conheci na vida, pouco me importa se algum dia ele se deitou com a Malu... Eu não vou ser grata a esse cara só porque um dia ele comeu a minha mãe. Eu sinto nojo de quem ele é... Minha mãe é uma ótima pessoa, merecia coisa muito melhor... E o pior de tudo é saber que eu me tornei cúmplice dele.
- Espera... Você está dizendo que ele e a sua mãe... A Malu...
- É. – Bianca fechou seus olhos. Parecia que tinha soltado uma geladeira. Há anos segurava aquele peso. – A Malu... A Malu e o Filipo tiveram um caso de anos... As pessoas acham que criança não entende as coisas, que não sabe pensar sozinha, que não se lembra, mas não é verdade. Minha mãe, a Malu, foi vítima desse doente por anos... Eles se conheceram dentro da Vaccara, tiveram um caso, uma filha que ele não quis assumir e ela não conseguia sair dessa fria. Arranjava uns namorados, mas sempre voltava com o Filipo porque achava que dessa vez ele seria diferente, que ele iria largar a esposa, que ele não ia mais machucá-la, não ia ser mais agressivo... Que tinha aprendido a lição. – Fez uma pausa. – Ele nunca chegou e me contou ou disse: Oi, eu sou seu pai. Não foi ver apresentação nenhuma minha, nunca demonstrou carinho... A única coisa que ele fazia era deixar um cheque com a minha mãe para as despesas do mês. Eu sempre tive certeza que ele é meu pai verdadeiro... Quando eu era pequena acreditava que ele não contava a verdade porque tinha a mulher dele. – Apertou os lábios. – Achava que ela era uma bruxa, que separava o meu pai da minha mãe... Que apenas por isso ele não dizia quem era de verdade e não me amava como um pai ama a sua filha. Entende?

Bianca sentia seu pulso mais leve, Micróbio apenas segurava com carinho. Ela puxou os braços e esfregou a mão no pulso levemente dolorido.

- Não quis te machucar, desculpa. – Ele pediu envergonhado.

- Tá tranquilo...

- É sério, Bia... Eu não quis...

- Mi, eu passei minha infância vendo minha mãe sendo tratada de forma abusiva... Eu reconheço um escroto só pelo cheiro... Eu sei que você não fez por mal. Você não é esse tipo de cara e é por isso que a gente namora.

Os dois se entreolharam. O silêncio reinou por alguns instantes até Micróbio se manifestou.

- Essa história toda que você me contou... Eu não sei o que te dizer... Ele é teu pai de verdade e esse tempo todo...

- Se fazendo de bom moço. Fingindo que aceitou criar a filha de uma ex-funcionária, quando na verdade eu sou uma bastarda dele. – Respirou fundo. – A Malu morreu em um acidente de carro, depois de uma briga terrível que teve com o Filipo. Ela estava pensando em fugir para o litoral para começar uma nova vida e se ver livre dele. Vendeu nosso apartamento, tudo que tínhamos, me colocou dentro do carro e fugiu para Bertioga, em uma casa de veraneio de uma amiga. De lá a gente ia pra Trancoso, com a grana que ela juntou queria abrir uma pousada. Só estava esperando uns documentos falsos ficarem prontos. Ela queria mudar de nome para despistar o Filipo. Se ele descobrisse que a gente estava no inferno, ele ia atrás porque ele ficou vidrado nela.

- Credo, Bia.

- Ficamos uns dias em Bertioga, estava tudo bem, até que ouvimos alguém invadir a casa. Era ele, armado. Ameaçou nós duas. Minha mãe conseguiu pegar o carro, entramos e tentamos fugir pela Rio-Santos. Ele veio atrás, perseguiu, perseguiu, perseguiu até que quando estávamos chegando em Maresias ela perdeu o controle do carro e despencou da serra. – Bianca limpou os olhos que estavam marejados. – O carro foi parar em cima de uma árvore. Eu renasci... Os paramédicos diziam que eu tinha que comemorar um novo aniversário, mas a Malu... – Fez um gesto negativo. – Ela morreu na hora. Apertou os lábios com os dentes em um gesto de tensão. – Ela era tão bonita, Micróbio... Teve que ser velada com o caixão fechado porque as ferragens deformaram o rosto dela. Essa história só não vazou porque o Filipo deve ter molhado a mão de muita gente. – Limpou mais uma vez o rosto. – A Malu morreu nessas condições, o Filipo nunca me reconheceu de verdade como sua filha... É uma história pesada para qualquer criança... Mas apesar de tudo isso, eu não me considero uma pessoa infeliz... E eu devo isso a uma mãe calorosa, generosa, amável que eu sempre tive que foi a Fernanda. Ela é o meu porto seguro que eu nunca encontrei nem nos braços da minha mãe verdadeira... Se existe alguém que eu devo algum tipo de gratidão, que eu amo de verdade esse alguém é apenas a Fernanda. Por ela eu morro e mato. Agora o Filipo? Eu nunca vou ser grata pelo Filipo por algum dia ele ter comido a Malu, ter feito a vida dela um inferno e de quebra me enfiar nessa teia de mentiras que ele vive. Toda vez que eu olho para cara dele, minha vontade é de vomitar...

- Eu sinto muito por tudo isso.

- Esse infeliz tinha que sofrer.

- Bia, não fala essas coisas, não faz bem para você.

- Mas é verdade. – Bianca afirmou. – Se o meu pai morresse, seria um grande ganho para a humanidade.

- Não esquenta... A justiça vai ser feita. – A aninhou em seus braços. – Cedo ou tarde, a justiça vai ser feita.

(...)

Já passava da meia noite quando Fernanda ouviu batidas na porta de seu quarto. Julgou que era Filipo que veio pegar qualquer coisa. Depois da discussão que tiveram, era impossível dividirem a mesma cama. Pediu que ele dormisse em um dos quartos de hóspedes da casa. De má vontade abriu a porta e se deparou com Daniele. Ela trazia uma bandeja e duas xícaras fumegantes. Desfez o semblante sério.

- Desculpa, eu te acordei...
- Imagina, Dani... Achei que fosse o Filipo. Entre, por favor.
- Eu fiz um cházinho de hortelã para você... É ótimo, calmante, relaxante, tudo que você está precisando agora.

Fernanda sorriu. Daniele era uma menina adorável. Podia ter seus desentendimentos com Marcelo, mas Fernanda não conseguia enxerga-la de outra forma. A primeira vez que botou os olhos na garota já simpatizou com ela. Era muito educada, sempre doce com todos, preocupada. Após Daniele começar a namorar Marcelo, a parceria entre as duas se solidificou de vez. Fernanda lamentava muito que o casamento entre Daniele e o cunhado não foi para frente, mas era melhor assim. Marcelo era de lampejos, Daniele merecia alguém que realmente a fizesse feliz.

- Você sempre minha amiga.
- Imagina... eu sei como esses momentos são complicados. Eu sou mãe de dois. E mãe de dois do Marcelo que é uma bomba-relógio.

Fernanda pegou a bandeja das mãos de Daniele e a convidou para entrar no quarto. Encostou a porta.

- Aí... Você apareceu em uma boa hora, Dani... Eu precisava mesmo conversar com alguém... – As duas se acomodaram sentadas na cama, Fernanda deu um gole em seu chá. – Huuum... Delicioso.

Daniele sorriu.

- Minha mãe sempre diz que chá de hortelã é um carinho na alma da gente.
- Sua mãe está certa... – Fernanda deu mais um gole. – E eu estou precisando desse carinho. – Fez uma pausa. – Eu nem preciso dizer, acho que toda casa ouviu minha discussão com o Filipo.
- Ele está cada dia mais difícil, né? De manhã essa confusão com o Renato, agora a noite com a Bia.
- Nem fale. Pior que eu odeio gritos, essas coisas... Minha cabeça está doendo até agora, eu nem sei se vou conseguir dormir.
- Você quer que eu vou até a cozinha e pegue um comprimido? – Daniele se ofereceu. – Eu volto em um minuto.
- Não... Na minha bolsa tem um analgésico ótimo que o Dudu me deu outro dia. Ele é tiro e queda... – Olhou por cima do ombro de Daniele. – A bolsa está atrás de você... Pega ele pra mim... Está no bolsinho.
- Claro...

Daniele se virou e logo encontrou a bolsa de Fernanda. Abriu, abriu o bolsinho e encontrou a cartela de remédios junto de um objeto familiar.

- Meu batom!

- Oi?

- Esse batom. – Daniele entregou a cartela de comprimidos na mão da mulher mais velha. Pegou o batom e abriu. – Esse batom é meu...

Fernanda congelou. O batom que Marcelo havia achado no carro de Filipo e entregou acreditou que era seu. O batom que atestou a traição de Filipo. Ela tinha guardado ali, separado de sua maquiagem justamente para não se confundir. Não podia acreditar. Sentiu os lábios secarem, suas mãos formigarem. Então a amante de Filipo estava ali, na sua frente? O tempo inteiro?

- Você tem certeza?

-Tenho. Eu perdi esse batom há alguns dias e comprei até outro da mesma cor, é esse que estou usando. O nome é Red Velvet. – Inocentemente, Daniele abriu o batom encontrado nos pertences de Fernanda e riscou na própria pele. Era idêntico ao que estava em seus lábios. Mostrou o nome do batom localizado no fundo da embalagem. Fernanda passou os olhos. Red Velvet. – Viu? Acho que te emprestei e esqueci... – Disse em um tom divertido. Encarou Fernanda. – Que foi, Fernanda? Tá tudo bem?

CAPÍTULO 19

“É ela”. Essas foram as duas primeiras palavras que vieram na mente de Fernanda. Era Daniele. O tempo todo ela. Daniele. Sua rival era aquela que sempre julgou ser a grande confidente dentro da família. “Como começou? Quando? De quem foi a iniciativa?” Todas essas perguntas giravam em torno de sua cabeça. O estômago embrulhou como se provasse um xarope amargo e ao mesmo tempo a garganta se fechou. Daniele. Filipo era muito, muito, muito mais sujo do que conseguia imaginar.

- Fer... – Daniele disse em um tom aflito. – Você está com uma cara estranha, está sentindo alguma coisa?

A mulher mais velha não respondeu. Em um movimento suave capturou o batom das

mãos de Daniele que a observava atentamente. Sem pressa alguma, Fernanda girou o bastão colorido até o fim, vermelho vivo. A cara de Daniele. Ela adorava essa cor. Fernanda sempre soube disso e mesmo assim não levantou a hipótese do batom encontrado por Marcelo ser dela. Pobre Marcelo. De certa forma enxergava quem era Daniele de verdade e todos os julgavam como louco, surtado. Talvez fosse o mais sensato daquele lugar.

Calmamente Fernanda pegou um espelho em sua bolsa, pelo reflexo do objeto conseguia visualizar a interrogação na sua agora adversária. Passou o batom sobre seus lábios e em seguida contornou com os dedos para retirar qualquer excesso. Fechou o punho direito, sua mão de apoio. A intenção que tinha era pegar Daniele de surpresa. Já se virar e soltar o punho com tudo em seu rosto, sem dó, entretanto teve que mudar os planos por conta de um chamado.

- É seu celular... – Daniele lhe avisou. Olhou para o visor de relance. – Número desconhecido.

- Desconhecido?

Fernanda logo se apressou em atender. Sentiu o estômago queimar e uma aflição súbita. “Bianca", pensou.

- Alô?

- Fernanda? – Uma voz masculina perguntou do outro lado.

- É ela. Quem fala?

- A senhora não sabe quem eu sou. Meu nome é Ivan, estou emprestando meu celular para uma menina que é conhecida sua... Vou passar para ela.

Fernanda esperou por alguns segundos. O presságio agora estava mais forte.

- Alô?

- O-oi... – O nome estava entalado na garganta de Fernanda, mas não falou pois Daniele estava ao seu lado. – Oi... Tudo bem? -...- O que aconteceu? -...- Nossa! -...- Onde você está? Estou indo praí! -...- Não, não vou ficar aqui... Por favor, me passa o endereço... -... – Sei... -...- Sei... Só colocar uma roupa e estou aí... Pede para a pessoa que está com você ficar aí até eu chegar, qualquer coisa eu ligo para o celular dele. -...- Beijo. Me espera. – Desligou. – Dani, coloca tudo na minha bolsa, vou ter que sair.

- O que aconteceu, Fer?! Eu posso ajudar? Quem era?

- Meu irmão foi assaltado, levaram tudo. Vou encontrar com ele...

- Que horror! – Daniele disse em choque. – Nossa, parece que o mundo resolveu cair em cima de você hoje. Eu vou com você...

- NÃO! – Reagiu de imediato. Daniele a fitou sem entender. – Eu posso me virar... Seus filhos vão ficar assustados de ver nós duas saindo. Eu mando notícias.

- Tem certeza, Fer?

- Tenho, Dani... Prefiro assim.

Fernanda não levou quinze minutos entre colocar uma roupa confortável e calçar os tênis. Daniele a acompanhou até a garagem e a viu sair de carro pelos portões da mansão. A chuva prendeu o paulistano em casa. Não viu quase ninguém nas ruas. Agradeceu por ter escolhido um carro alto, caso contrário estaria arriscada a ficar presa na água, já que as vias começavam a alagar. Fez o trajeto Jardins- Caraíbas em tempo recorde. Dezoito minutos. Não se debateu muito para encontrar o ponto de encontro.

Logo avistou dois rapazes negros, com um cachorro da raça labrador, preso em uma guia

e uma moça loira de cabelos curtinhos. Cavalheiramente um dos rapazes cedeu o agasalho a moça. Eram eles. Encostou o carro de qualquer jeito e foi ao encontro do trio. O labrador, sem ter ideia do que acontecia, recepcionou Fernanda chacoalhando-se todo, fazendo festa e teve que ser contido por seu tutor.

- Vitória? Meu Deus! – Levou a mão a boca. – Você está toda machucada...

- Eu estou bem... Esse é o Ivan. – Vitória tratou de apresentar. – O primo dele, Pablo, eles me emprestaram o celular.

- Aí, desculpa... – Fernanda apertou a mão dos dois rapazes. – Eu não tenho como agradecer vocês.

- Imagina... – Ivan disse. – Sempre saio essa hora com o Bóris para dar uma volta. Ele que viu primeiro a moça desacordada e foi farejar.

- Você estava desacordada? – Fernanda se assustou.

- Fer, não precisa ficar assim...

- Precisa sim, porque eu acho que ela bateu a cabeça na guia. – Pablo comentou. – Não sabemos ao certo que aconteceu porque já encontramos ela desmaiada na calçada... Levaram o celular e a carteira. Ela disse que não lembra ao certo... Se eu fosse vocês ia já para um hospital porque para se cortar desse jeito ela bateu a cabeça em algum lugar. Tem um hospital público aqui perto...

- Nós vamos sim.

- Não, não... Eu estou bem... – Vitória olhou para os dois rapazes. – Não tenho como agradecer vocês... – Bóris abanou o rabo feliz. – E você também, menino... – Sorriu. – Mas eu estou bem... Não preciso de hospital.

- Bom... É uma decisão de vocês... – Pablo respondeu. – Vamos, Ivan? O pessoal de casa deve estar estranhando nossa demora.

- É verdade... – Ivan apertou a mão de Fernanda. – Bom... A gente já vai. – Apertou a mão de Vitória. – E você, hein... Se cuida, menina.

- Espera... – Ela ia retirar seu casaco, mas Ivan não permitiu. Vitória insistiu. – Já te dei trabalho demais, não é justo...

- Imagina, casaco velho, de ficar em casa... Fica como um presente...

- Obrigada, meninos. – Fernanda entregou um cartão com seus contatos a cada um. – Se tiver alguma coisa que eu puder ajudar vocês, por favor, me procurem. Muito obrigada por tudo.

Bóris e os primos se despediram mais uma vez de Fernanda e Vitória. A corretora e imóveis não conseguia esconder sua preocupação com o estado da loirinha e principalmente e indignação com todo o episódio.

- Fer, desculpa te ligar, mas o seu celular era o único número que eu lembrava de cabeça... – E disse mais uma vez. – Não queria dar trabalho para ninguém.

- Imagina... – Dentro do carro Fernanda conseguia observá-la com mais atenção. – Vitória, você está com a boca machucada, o supercílio... É melhor a gente ir para um hospital, você faz uma tomografia, tira um raio x... Você estava desacordada... A pessoa que te roubou pode ter feito mais coisas...

- Fer... Eu não contei a história toda pra eles. Depois eu te explico melhor, mas eu não preciso de hospital não... Estou bem.

- Se você prefere assim... Eu ainda acho que a gente devia procurar algum médico... – Colocou o carro em movimento. – Pega o meu celular e confere qual é a delegacia mais próxima, por favor...

- Delegacia?

- Lógico. Você foi assaltada, atacada por alguém... Precisa fazer um BO para tentar recuperar ao menos os seus documentos.

- Não... Não estou com saco pra ir para hospital, delegacia muito menos... Fernanda, eu só quero ir para... – Ia falar minha casa, mas se cortou. Também não queria ir para casa. Primeiro porque todos perguntariam o que aconteceu, o que deixou de acontecer e não estava disposta a ficar respondendo perguntas. E depois, precisava de ao menos algumas horas para encarar Filipo e dona Antônia. Ainda não tinha sangue frio o bastante para isso. – Eu não quero ir pra casa também não.

- Como assim? Por que você não quer ir pra casa?

- Todo mundo vai ficar perguntando, você sabe como é família... Me deixa em um hotel qualquer...

Fernanda resolveu encostar o carro. Era melhor voltar a circular apenas quando tivessem um destino pré-definido.

- E como você vai se hospedar sem documentos? – Vitória bufou. Tinha esquecido desse detalhe. Não estava completamente sem documentos pois o passaporte, tanto o brasileiro quanto o italiano e a carteira de identidade italiana, a chamada Carta d'Identità, estavam em casa. Na carteira estavam o RG, CPF e a CNH. Não ia mesmo conseguir se hospedar em lugar nenhum sem documentos. – Qualquer hotel vai pedir...

- Você tem razão... – Lamentou. – Eu apenas não queria ir pra casa, não queria que ninguém me visse assim... Eu já estou te dando trabalho.

Em resposta, Fernanda acolheu o rosto de Vitória com suas mãos e aplicou um beijo suave em seus lábios. O contato foi feito de forma tão afetuosa que Vitória chegou a se emocionar. Fernanda era muito boa para estar em sua família. A corretora percebeu que suas mãos estavam levemente molhadas.

- Chora não, amor... Isso pode acontecer com qualquer pessoa. Infelizmente o Brasil virou esse faroeste... Mas o importante é que você está viva. – Aplicou mais um beijo em Vitória. – Não ia me conformar se acontecesse alguma coisa com você. Espero que esse filho de uma égua que te atacou se dê muito mal.

Vitória a abraçou e enterrou o rosto na curva de seu pescoço e ombro. Não via a hora de contar toda a verdade a Fernanda. Se tinha alguma coisa de bom nessa história toda é vê-la livre de Filipo. Ela merecia coisa bem melhor que os Vaccara. Permaneceram assim por alguns minutos até que foram interrompidas pelo toque de celular. Fernanda leu o nome no visor e fez uma careta.

- Daniele! Não vou atender. – Derrubou a ligação. - Ela estava comigo no quarto quando você me ligou. Menti pra ela que meu irmão que foi assaltado.

- Você acha que ela está desconfiada da gente?

Fernanda fez um gesto negativo.

- Não. Mas ela não é de confiança. Você não tem noção... Se não fosse por você ter me ligado e me feito sair de casa, eu acho que estava dando na cara da Daniele até agora.

Vitória encarou Fernanda surpresa. Nunca tinha visto ela falar daquela forma.

- O que aconteceu?
- Daniele e Filipo estão tendo um caso.

Vitória quase caiu para trás.

- QUE? – Fernanda notou que os olhos arregalados da loirinha pareciam ainda mais azuis.
- Daniele e Filipo estão tendo um caso. – Repetiu. Ela mesmo ainda não conseguia acreditar. – Eu vou te contar tudo... Eu tive uma discussão horrível com seu tio, praticamente avisei que estou me separando dele, é uma longa história que não vai dar para te contar agora porque primeiro nós temos que resolver o problema de onde você vai ficar.
- Pelo jeito vou ter que ir pra casa, né?
- Vamos ver...
- Eu também tenho uma coisa para te contar. – Não seria uma conversa fácil, mas não podia deixa-la de tê-la. Queria que Fernanda se afastasse do estuprador o mais rápido possível.
- O que?
- Vamos primeiro arranjar um lugar para dormir. Essa conversa tem que ser tranquila.
- Tudo bem.

Fernanda pegou o celular e começou a digitar mensagens para alguém. Cinco minutos depois o aparelho apitou anunciando a resposta.

- E aí?

A corretora sorriu.

- Já temos abrigo para essa noite.

Vitória sorriu aliviada. Ao menos não seria obrigada a ver a cara de Filipo e Dona Antônia por algumas horas.

(...)

Valentine avistou o maitrê do restaurante se aproximando com um balde de gelo, e taças. Fitou Marcelo que estava bem ao seu lado com um olhar de garoto que tinha acabado de aprontar. Ao ver que o balde de gelo e as taças eram para a mesa dos dois, Valentine já se preparou para dar uma bronca no amigo, mas acabou gargalhando quando o maitrê anunciou:

- Dois refrigerantes?
- Aqui mesmo.

Apesar de não ser champanhe francesa, o garçom fez todos os salamaleques para servir a bebida gaseificada. Quando ele se retirou, Marcelo caiu na risada.

- Te peguei dessa vez, né?
- Você é muito bobo...

Depois que os ânimos na mansão dos Vaccara se acalmaram e cada um se recolheu em seu quarto, Marcelo enviou a seguinte mensagem a Valentine:

“Tá a fim de aprontar uma?”

Valentine achou graça naquele inusitado pedido.

“Sempre.”, respondeu.

Logo recebeu a resposta de Marcelo:

“Me encontra em quinze minutos na garagem”.

Apesar dos receios, Valentine acabou topando o convite do Vaccara caçula e o encontrou. Ele estava com dois capacetes na mão. Quando a francesinha perguntou o que ele pretendia fazer, apenas pediu para que ela ficasse tranquila, deu sua jaqueta para Valentine usar e saíram das imediações da família italiana. A chuva tinha dado uma trégua, puderam experimentar o vento gelado cortando o corpo sem se molhar. Pararam em frente a um arranha céu que passava dos trinta andares. Devia ser um dos maiores da região.

- Pinheiros Plaza... A gente vai nesse hotel?
- No terraço tem um bar que funciona 24 horas, de um amigo meu que tem música ao vivo. Você vai adorar à vista e o clima... Vamos subir?
- Marcelo, Marcelo... Olha lá...
- Vou me comportar, eu juro...

Marcelo acertou em cheio. O bar era discreto e agradável. A cantora tocava sucessos de MPB e a vista a do bar era de tirar o fôlego. As luzes coloridas da cidade de São Paulo davam um espetáculo à parte. Como o estabelecimento era todo envidraçado, os clientes tinham a visão de 360 graus do bairro de Pinheiros e adjacências. Valentine deu um soquinho no braço do amigo ao se deparar com a paisagem.

- Não acredito que você demorou esse tempo todo pra me trazer aqui... Eu devia ter trazido a máquina, porque foto de celular fica uma porcaria. – Olhou em volta. – Se bem que é difícil sair alguma imagem feia desse visual, né? – Sorriu. – Obrigada, viu. Estou te devendo um lugar assim.
- Imagina. – Se aproximou dela. – Tenho que tirar a má impressão da minha família, né?

Valentine sorriu.

- Bobagem, toda família tem seus dias ruins. Amo a minha família, mas porque você acha que vivo em outro continente? Eu entendo.
- Vamos pegar uma mesa?

O casal de amigos se acomodou em uma mesa próxima a uma cascata de água que era mais uma das atrações do local. Valentine resolveu ir ao banheiro e pediu que Marcelo providenciasse algo para que consumissem. Apesar de não ser uma grande consumidora de refrigerante, não reclamou da Coca Cola, ficou feliz por Marcelo.

- Se eu tinha alguma má impressão da sua família, acabou, você pode ter certeza...
- Que bom... Mas eu não te chamei aqui só por causa disso. Queria comemorar com alguém...
- Comemorar? – Valentine questionou.
- Acabou de sair no site do hospital o resultado do exame que o Emílio fez para verificar se tinha chance de ser Leucemia. – Sorriu. – O moleque está limpo.
- O QUE? – Valentine abriu a boca. – Que notícia maravilhosa. – Não se conteve,

levantou e deu um abraço em Marcelo. – Deus é pai, ouviu minhas preces. – Olhou para o rapaz e sorriu. – Queria estar com a minha câmera aqui pra registrar esse teu sorriso. Você é todo marrento, mas fica bonito também quando está sorrindo. Devia experimentar mais vezes... – Fez um sinal para o maitrê e pediu mais duas latas de Coca. – Vamos brindar porque coisa boa tem que ser festejada, as pessoas não costumam valorizar as coisas boas. Já percebeu?

Marcelo fez um gesto afirmativo. Logo vieram as duas Cocas. Brindaram. Bebericaram o refrigerante enquanto escutavam a cantora tocar todo seu repertório. Vanessa da Matta, Ana Carolina, Adriana Calcanhoto.

- Ela até que não é ruim, mas você dá de dez a zero, tá ligado, né?

Marcelo riu.

- Nada exagerada você, né?
- Sou não, bem... Isso se chama realidade. Simplesmente aceite que você é um puta cantor e um puta instrumentista.
- Sou nada...

A discussão entre os dois não se estendeu muito. Valentine logo deu um jeito de tirar a prova dos nove. A cantora encerrou o seu show, despediu da plateia, quando ela ia começar a desmontar o microfone, Valentine foi até ela e então fez um pedido.

- Meu amigo aqui ele leva muito jeito pra essas coisas... Será que você não podia ouvir ele um pouquinho?
- Vale... – Marcelo a censurou. A cantora. – Desculpa, viu... Ela está brincando.
- Tô nada. O que acontece é que... Marcelo tem sérios problemas de auto estima e não entende o que eu falo, mas talvez com a opinião de uma profissional...

A cantora achou tão divertida o desentendimento do casal que quis ouvir uma palhinha de Marcelo. Timidamente ele cantarolou um trecho da música Again do cantor Lenny Kravitz. Assim que foi se sentindo mais a vontade e soltando sua voz, Marcelo abriu os olhos e percebeu o quanto estava impressionando a cantora. No término da canção, Marcelo recebeu elogios por sua performance.

- Eu acho que sua amiga tem razão... O seu problema deve ser auto estima porque a afinação e a técnica, muito boas... O palco gosta de você garoto. Você devia gostar mais dele. – A moça olhou para Marcelo. – Não quer brincar um pouco, lá em cima dele?

- Você diz... Agora?
- Ele topa... – Valentine se precipitou.

A princípio, Marcelo resistiu, mas após alguns minutos de conversa foi convencido pela cantora. Subiu no palco em sua companhia e apresentaram três músicas apenas no violão e voz. O show de improviso mereceu aplausos e aprovação do público. Marcelo desceu do palco com um sorriso de orelha a orelha. Diversas pessoas elogiaram sua “estreia" e o incentivaram a se apresentar mais vezes.

Marcelo e Valentine apenas tiveram sossego quando o bar esvaziou. Ele se levantou para ir no banheiro e não encontrou Valentine na mesa. Ela estava grudada em um dos vitrais, observando mais uma vez o jogo de luzes da cidade.

- Tão raro te ver quieta.
- Me chamou de tagarela na cara dura? – Ela gracejou. – Deselegante.

Marcelo riu.

- Não é isso não... Mas é que você parece que está sempre ligada no 220... Tá chateada com alguma coisa?
- Não. Só pensando mesmo como a vida é engraçada... Maior quebra pau na sua casa e olha que noite maravilhosa que a gente teve... Passeio de moto, essa vista, a notícia que seu filho não tem nada grave, você cantando Lenny Kravitz. A noite foi perfeita...
- Acho que não, hein... Ainda faltou uma coisa...
- O que? – Valentine questionou sem entender.
- Isso aqui...

Sem dar chances de Valentine se afastar, Marcelo roubou um beijo de seus lábios. Valentine cruzou os braços por trás de seu pescoço e aprofundou o beijo. Sim, agora a noite estava completamente perfeita.

(...)

- Dudu, tem certeza que não vai atrapalhar? – Fernanda questionou. – A gente pode ir para outro lugar.

Assim que a porta do elevador se abriu, Vitória avistou o chefe de Fernanda. Ele esperava pelas duas na entrada de seu apartamento. Só tinha visto Dudu uma vez na vida, quando foi até o escritório onde Fernanda trabalhava, ele a atendeu e foi muito simpático. Não pensava que o reencontraria naquelas condições.

CAPÍTULO 20

- Imagina... Se você fosse para outro lugar eu ia dar na sua cara. – Disse de um jeito engraçado. Olhou para Vitória. – Coitadinha, olha o que fizeram com essa carinha de bebê... – Abriu passagem. – Entrem meninas... Vitória, fica à vontade, eu não sei o que a Fernanda falou de mim, mas garanto que só a parte boa é verdade...
- Não houve partes boas para falar. – Fernanda gracejou.

As duas entraram, Dudu encostou a porta e passou a chave.

- Porque você morre de inveja de mim, bonde do recalque... Todo mundo sabe. – Dudu acusou fazendo Vitória rir. – Bom, a vinda de vocês já valeu a pena, pelo menos consegui por um sorriso nesse rostinho maravilhoso.

- Obrigada viu, Dudu. – Vitória agradeceu. – Você mal me conhece, não tem ideia o quanto está me ajudando deixando eu dormir aqui. – E completou. – Se eu pudesse esquecer essa noite...

- Imagino como você está se sentindo. – Dudu disse, Vitória o encarou sem entender. – Ano passado eu fui passar a virada de ano em Copacabana e me assaltaram também... Você tá lembrada, né Fer? Perdi tudo... Celular, relógio, RG, CPF, Carteira de Motorista, dinheiro, cartões de crédito, de débito... Tremenda dor de cabeça. Fora que o bandido me deu um soco no olho só porque eu estava acompanhado do meu namorado, me chamou de viadinho... Viadinho coisíssima nenhum, eu sou é o senhor dos viados. Gente mal amada.

Vitória apenas fez um gesto afirmativo, Fernanda contou mais ou menos a Dudu os detalhes do assalto. Todos estavam acreditando na história que Vitória inventou. Achavam que ela foi agredida por um bandido quando na verdade se feriu quando bateu com o rosto no chão. Estava ainda sem sentidos quando levaram sua carteira e o celular. Apenas acordou com as lambidas de Bóris em sua boca. Provavelmente o cachorro acreditou que se tratava de uma brincadeira.

Não estava preocupada com os pertences. No dia seguinte era só fazer um BO online. Enquanto o RG não estivesse pronto exerceria sua cidadania italiana e se viraria com a Carta d'Identità, esse era o menor de problemas que teria que enfrentar. A verdadeira turbulência picou em mil pedaços, engoliu e depois vomitou. O exame de DNA. Não tinha ideia o que fazer com as informações que tinha em sua posse.

- Vitória... – Fernanda a chamou tirando dos seus pensamentos. – O Dudu está perguntando...

- Ãh? Oi... – Fernanda fez um sinal com o queixo apontando para Dudu. – Desculpa gente, eu me distraí...

- Você ainda está em choque. – Dudu concluiu. – A gente tem toda calma do mundo. – E então perguntou. – Você já jantou?

- Não. Mas eu também não estou com fome.

- Imagina... Não pode ficar sem comer. – Fernanda disse. – Tem alguma coisa aí, Dudu?

- Querida, o que não falta é comida nessa casa. Eu sei que você, Vitória, é nível masterchef... Eu não ouso cozinhar pra você, mas eu vou preparar uma merendinha deliciosa. E você, Fer, apresenta a casa para Vitória. Eu deixei separado em cima da minha cama umas roupas minhas que vocês podem usar, toalhas limpas e escovas de dente novas, vocês vão dormir no quarto de hospedes. Fiquem à vontade... Eu já volto.

- Vem cá, vem... – Fernanda segurou na mão da loirinha. – Eu acho que você prefere tomar banho antes que eu te mostre o resto da casa, né?

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Dudu está sendo um máximo... – Sorriu. - Quem tem escovas de dente para hospedes em casa?

Fernanda riu.

- O namorado do Dudu, Wag, é dentista, o que mais você vai encontrar nesse apartamento é artigos para deixar seus dentes limpos. Vamos para o banho?

A loirinha meneou um sim com a cabeça. Apesar do casaco do Ivan, suas roupas estavam

encharcadas. Se continuasse com aquelas peças era capaz de adoecer.

(...)

- Dudu, você pode não ser nível masterchef, mas está tudo delicioso. – Vitória comentou. – Até abriu meu apetite...

- Então trate de se alimentar muito bem. – Fernanda pegou o copo de Vitória e encheu de leite com achocolatado. – Até porque é desperdício deixar esse tanto de comida que o Dudu preparou na mesa.

- Eu disse que ia caprichar. E comida faz milagres. – Apontou para a Vitória. – Ela está até coradinha agora... Chegou aqui sem cor.

De fato, Dudu havia caprichado. Após saírem do banho, Fernanda e Vitória encontraram uma mesa farta na sala. Pão de frios, pão francês, tapioca de peito de peru, goiabada, queijos, suco de laranja e leite com achocolatado.

Fernanda já tinha jantado ao lado de Renato, mas resolveu comer alguma coisa para animar Vitória. Deixou a mesa apenas para colocar as roupas de Vitória para lavar na máquina. Quando voltou a mesa, Dudu e Vitória conversavam sobre Paris, ele super animado. A conversa dos dois foi cortada pelo toque de celular de Fernanda. Espiou no visor, fechou a cara e não atendeu.

- Que foi? – Dudu perguntou curioso. – Maridinho tentando dar uma de GPS?

- É a Dani? – Vitória arriscou.

- É a Dani sim. Não quero falar com ela. Não estou com estômago para isso agora.

- Ela deve estar achando que aconteceu alguma coisa séria com seu irmão. Vai procurar o Filipo para saber se ele tem notícias suas. – Vitória alertou. – Manda pelo menos uma mensagem avisando que está bem.

Dudu olhou para uma e depois para outra. Não estava entendendo nada. Fernanda resolveu considerar a observação de Vitória e enviou a seguinte mensagem a Dani: “Não posso atender agora, mas está tudo bem. Beijo.”

- Gente, eu boiei... Que história é essa de irmão e Daniele?

- A Dani estava do meu lado quando a Vitória ligou. – Fernanda se explicou. – Menti para ela que assaltaram o meu irmão...

- Ok... Mas você fez uma cara quando viu o nome dela...

- Bom, é que você não sabe da última... Eu contei para Vitória, mas não entrei em detalhes porque ela estava muito atordoada. – Fez uma pausa. – Lembra do batom que o Marcelo encontrou no carro do Filipo e me entregou achando que fosse meu ou da Bia? Eu cheguei a te mostrar.

- Lembro, claro... – Dudu disse. - Rubro Assediadora de Marido Alheio. O que tem o batom? – Apertou os olhos. – Você está usando? Que ousada!

- Sabe quem é a dona dele? – Fernanda fez uma pausa de suspense. - Daniele.

- Daniele? – Pensativo. A ficha então caiu, Dudu quase ficou roxo de susto. Seu queixo despencou. – Não... Não pode ser... A Dani?

- É ela! Dudu, é a Dani...

Dudu se levantou agitado. Não conseguia se conter.

- Fernanda, não pode ser a Dani. Vai ver você se equivocou.

- Eu discuti com o Filipo fortemente, quase dei na cara dele porque ele deu um tapa na minha filha e ela saiu de casa. A Dani foi no meu quarto, me consolar, eu pedi pra ela pegar um remédio na minha bolsa, ela encontrou o batom e reconheceu como dela. Me disse que perdeu há alguns dias e até comprou um igual.

Agora quem estava surpresa era Vitória.

- Aquele covarde bateu na Bia? – Revoltada. – A Bianca é uma menina! – Filipo continuava destruindo sua família. Agora era a vez de sua irmã. Puxou os cabelos loiros para trás, ato de quem estava nervosa. – Onde ela está? Por que você não me disse?

- Calma, Vitória... – Dudu pediu. – Ela está bem e eu garanto porque ela mesmo que me ligou e pediu pra eu dar o recado para a mãe. Ela falou que vai passar um tempo na casa do Gui até ver o que vai fazer da vida...

- Amanhã mesmo eu vou até lá... – Fernanda disse. – Eu só não fui hoje porque pelo que conheço da minha filha, ela quer ficar sozinha para esfriar a cabeça. Quer ir comigo?

- Eu vou. Claro que eu vou! Coitada, deve estar arrasada...

- Se a Bia não quiser dar trabalho ao Gui, pode mandar ela aqui para a creche do tio Dudu. – Dudu disse. – Comprei um apartamento enorme para isso mesmo, você sabe que eu amo receber pessoas.

- Eu vou dar o recado pra ela sim, obrigada, meu amigo.

Como a pauta Bianca estava sobre controle, Vitória resolveu perguntar sobre Daniele. Aquele assunto também lhe interessava.

- Então você tem certeza que a Dani e o tio...

Fernanda fez um sim com a cabeça.

- Vitória se não fosse você ter me ligado, eu teria dado na cara dela... No final das contas quem me ajudou essa noite foi você, porque eu estava prestes a perder o controle. Enquanto eu dirigia para te buscar eu fui pensando em tudo e cheguei à conclusão que não tem como eu estar errada. Eles convivem na mesma casa, ela é próxima dele, o mesmo batom... E os finais de semana que ela não trabalhava, ele sempre viajava, ou chegava em casa muito tarde. E tem o Marcelo...

- Tio Marcelo não sabe de nada... – Vitória garantiu. – Ele não ia segurar isso... Ele já teria partido a cara do meu tio, estouraria ele todo.

- Mas ele sabia de alguma coisa. Várias vezes ele acusou ela ter um amante... A Dani nunca me apresentou cara nem um... Nem chegou a tocar no nome de ninguém. Mas eu sabia que ela tinha alguém.

Dudu concordou.

- Isso estava na cara. Que a vaca é uma vaca premiada... Você vai me perdoar, mas ela é linda, se eu tivesse aquele corpo dela e aquela carinha, meu bem, eu já era primeira dama de São Paulo. Desculpa, Fer...

- Não, você está certo... Uma garota bonita, separada, bem sucedida, ela não ficaria sozinha tanto tempo... E de algum tempo pra cá, ela começou a ter um comportamento misterioso.

- É mesmo. – Dudu mais uma vez concordava com Fernanda. – Não comentava com ninguém, não aparecia com ninguém, mas a gente sacava que tinha uma pessoa. Eu nunca toquei

no assunto porque, embora não apareça, eu sei ser discreto. E você também é... Se ela tinha um caso com alguém que ela não poderia falar sobre, nós íamos respeitar, mas o natural era que ela falasse com a gente, já que somos os melhores amigos dela.

- Ela não podia falar porque é o Filipo.

Dudu já havia passado por diversas traições com namorados, mas nada parecido com o que Fernanda vivia. Não se conformava.

- Bem que eu te falei... Que as mulheres mais próximas dos homem da gente são as nossas amigas... Lembra uma vez que comentei isso? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Que cachorrada... Eu não entendo como você está aqui na minha frente, e não está lá, dando na cara dela.

- Simples. Não sou casada com a Daniele. Não criei uma filha ao lado dela. E ela, eu tenho certeza, foi apenas a mais escancarada... Foi uma traição de amizade sim, mas se tem alguém que eu tenho que acabar com a raça, que eu tenho que dar na cara, esse alguém é Filipo Vaccara.

Sem perceber, Vitória abriu um sorriso. Já tinha visto vários casos de esposas traídas que a mulher procurava a amante para ter um acerto de contas enquanto o verdadeiro traidor era perdoado. Achava esse tipo de atitude o cúmulo. Ficou orgulhosa de ver Fernanda agir diferente. Quem devia mesmo alguma satisfação a ela era Filipo e ele devia ser cobrado antes de Daniele.

- Nossa, você é irritante, criatura... – Dudu comentou. – Fina até para ser traída. Essas horas eu já estaria quebrando metade da casa na cabeça daqueles dois e mijando no portão deles! – As duas gargalharam. – Vocês estão vendo essa cobertura, tudo chique assim, mas eu nasci na Vila Carrão, na minha terra, as mais bobas correm de salto 15 e de costas. – Vitória voltou a rir. Ainda bem que encontrou Dudu, pelo menos esquecia um pouco de seus problemas. – Comigo o buraco é mais embaixo e os dois iam pagar...

Fernanda sorriu. Guardava um trunfo e tinha certeza que Dudu ia adorar essa parte.

- Mas quem disse que não vão? Eu vou cozinhar o Filipo no banho-maria.

- O que você está falando? – Vitória se interessou. – O que pretende fazer?

- Lembra que eu te disse que tinha um compromisso importante hoje e não podia faltar? – Vitória confirmou com um gesto. – Esse compromisso era um jantar com o Renato. Lembra do Renato?

Sim, se lembrava perfeitamente.

- Lembro. – Vitória disse um tanto enciumada. - Digamos que daquele tamanho todo, ele não passa despercebido...

- Aaaah... DR sapa na minha casa... – Dudu gracejou. – Essas horas que eu me pergunto o que deu errado com aquele meteoro que está previsto para se chocar com a Terra?

- Bobos! Não tem nada de DR. – Continuou. – Saiba que eu contei para o Renato sobre nós duas... E ele me deu total apoio.

Dessa vez Vitória abriu a boca. Não esperava.

- Sério?

- Aposto que sim. – Dudu disse. – Renato é meu bofe sonho impossível. Sonho porque é moreno, alto, ombro largo, mão grande, bunda dura, gostoso, transante, usa perfume bom, tem

voz bonita e ainda é digno. Impossível porque é heterossexual. Bem que dizem que ninguém é perfeito.

- Bom... – Fernanda interrompeu. – Continuando... Eu falei com o Renato sobre você, mas nosso assunto principal foi o Filipo. Ele está muito encrencado. – Baixou o tom de voz. – Essa informação não pode vazar daqui, senão o Renato me mata, mas a Polícia Federal está atrás dele. Parece que é questão de tempo para ser preso. O Renato conseguiu essa informação com uma fonte que sempre fornece conteúdo para ele escrever a coluna.

Dudu e Vitória se entreolharam.

- Ele está enrolado como? – Vitória questionou.- Você pode explicar?

Como os dois eram pessoas de confiança, Fernanda contou com detalhes toda a conversa que teve com Renato durante o jantar e explicou seu plano. Contribuiria com o que Renato precisasse para ajudar a denunciar Filipo. Se ele roubou mesmo a empresa da família e ainda entrou em conchavos políticos, merecia ser julgado e condenado. O dinheiro que lucrou deveria ser devolvido.

Por tudo que Filipo havia feito, Vitória julgava que ir para a cadeia, ainda com a denúncia de seu grande desafeto seria um castigo razoável para ele. Com certeza sua pena não era pouca, ainda incluiria aí a história do estupro de sua mãe. Ajudaria Fernanda no que fosse preciso. Como a madrugada já se estendia e Dudu apresentava sinais de cansaço, Vitória resolveu se recolher e Fernanda a acompanhou. Apesar da corretora não querer demonstrar, estava claro que ela não estava bem. Vitória a surpreendeu com um abraço enquanto escovava os dentes. Fernanda a fitou pelo espelho e sorriu.

- A gente até que faz um casal bonito, concorda? – Com uma expressão tristonha, Fernanda fez um gesto afirmativo. – Não está sendo fácil pra você, né? – Fez um carinho no rosto da mulher negra, Fernanda não resistiu e permitiu que suas lágrimas caíssem. – Coloca para fora vai te fazer bem... Você vai conseguir se livrar desse cara.

Fernanda fez um gesto afirmativo.

- Eu sei... É que ele... Ele não deixa de ser pai da minha filha, né? – A mão de Vitória segurava seu rosto, Fernanda beijou sua mão com carinho. – Sabe, eu nunca fui o tipo de garota que sonhava com um príncipe encantado, com o homem dos sonhos... Eu nunca fui desse tipo. Meus pés sempre tiveram no chão... Eu chegava a rir dessas meninas que sonhavam com um homem perfeito. – Apertou os lábios. – Eu achava que... Que eu ia me casar e ser feliz justamente porque não procurava esse sonho, porque vivia acordada... Agora eu vejo... A minha filha, o Renato... Parece que todo mundo conhece melhor o meu marido do que eu... Parece que eu passei esses anos todos com uma venda nos olhos.

- Não é verdade. Você sempre soube que o tio Filipo tinha defeitos. Nunca tapou o sol com a peneira.

- Eu sempre soube que ele tinha defeitos, mas eu fechei os olhos sim quando não quis ver que ele tinha defeitos piores que as outras pessoas. – Fez uma pausa. – Ele é agressivo, ele é desonesto, ele não é só infiel, ele é desleal. Comigo e com o irmão... O Marcelo é uma bomba-relógio. Se ele sonha com essa história... Filipo não tem amor pela filha... – Vitória sentiu seus olhos empossarem. – Com quem foi que eu me casei? Como um dia eu me apaixonei por esse homem? Sabe o que eu tenho medo, Vitória?

- O que? – Perguntou em um fio de voz. – Tem medo de ele te machucar? – E afirmou. –

Ele não vai chegar perto de você! Eu vou te proteger nem que eu tenha que ir no inferno por você. Eu não vou deixar ele te machucar...

Fernanda sorriu encantada com a loirinha. Vitória mal tinha corpo para se proteger e mesmo assim se comprometia tanto por ela. Sua pequena gigante.

- Não... Não estou falando de agressão física, nem de verbal... Disso eu não tenho medo não. Eu tenho medo do que eu não conheço.

- Como assim?

- De descobrir que ele... Que ele é pior ainda do que estou pensando agora... Que fez algo que abominasse ainda mais que tudo que ele já fez e eu simplesmente não enxergasse... Eu acho que eu não ia suportar... Eu não ia me perdoar nunca, acho que seria um sofrimento que iria além da minha vida, se é que isso existe... Eu vou te contar uma coisa que eu não contei a ninguém... Quando você estava pra nascer eu estava recém-casada e grávida. Com cinco meses eu perdi meu bebê porque eu caí da escada de casa. Escutei ele no telefone com uma mulher. Eu saí tão atordoada do meu quarto que pisei em falso e caí. Infelizmente não deu pra salvar o meu filho. Ele me pediu desculpas... Chorou no meu colo porque ele queria ser pai... Era um menino. Eu acabei perdoando ele porque eu vi que ele estava sofrendo de verdade... Depois de um mês que eu perdi meu filho, eu resolvi me desfazer de tudo que eu tinha comprado para o bebê... Eu tinha praticamente montado o quartinho dele. Comprado berço, carrinho, cômoda, brinquedos, enxoval... Me desfiz de tudo... Esperei todo mundo sair de casa e entrei no quarto sozinha. – Fez uma pausa. Comovida. – Pra mim, Deus erra quando permite que uma mãe, um pai perde um filho, eu não consigo entender. Devia ser proibido. Não tem dor maior do que entrar no quarto de um filho morto. Você morre um pouco também. – Limpou os olhos de Vitória. – É uma dor que eu vou levar até depois de morta. E eu acho que se eu descobrisse alguma coisa mais grave do Filipo, pior de tudo que ele já fez, seria uma dor que chegaria perto dessa. Eu ia sentir como se consentisse com tudo. Você me entende?

- Você é diferente dele, você nunca consentiu com as coisas que ele fez. Você foi enganada. – Respirou fundo. – Fernanda, olha para mim... Você tem que acreditar em mim. Você é a melhor pessoa daquela casa. É a mais digna, mais honesta. Você não tem nada a ver com as pilantragens do meu tio...

- EU SEI, EU SEI... – Bufou. – Mas o que eu posso fazer? A gente não controla o sentimento. Não controlo o que sinto por você, como vou controlar uma culpa?!

Vitória a abraçou com carinho. Enterrou mais uma vez o rosto na curva entre seu ombro e pescoço. Chorava copiosamente, por Fernanda, por Bianca, por ela mesmo. Estava em uma encruzilhada. Filipo merecia pagar por tudo que tinha feito, era o mínimo, mas se revelasse a verdade, arrasaria de vez com Fernanda. Ela tinha razão. Não existe fórmula para se controlar sentimentos.

Beijou os ombros de Fernanda, o pescoço, a boca, a pele, queria transmitir todo seu amor através de carinhos. Fernanda estava muito abalada com tudo. Não era o momento de ela saber sobre sua paternidade. Se a verdade ficou oculta por tantos anos, poderia esperar mais alguns dias. Deu um beijo próximo a orelha da tia.

- Você está mais calma?

- Tô sim... – Abriu um sorriso triste. – Eu fico mais calma quando estou perto de você...

- Então você vai passar a noite mais tranquila de sua vida. - Vitória garantiu. – Não vou

sair de perto de você.

Mais uma vez a abraçou por trás e a guiou em direção a cama, apagando as luzes acesas. Deitaram no centro do colchão e permaneceram juntas, Fernanda com a barriga para cima e Vitória abraçada em seu corpo, com a cabeça entre seu braço e busto. A mão da mulher mais velha deixava alguns cafunés sobre seus cabelos úmidos. Conversavam entre sussurros pois estavam bem próximas e já estava tarde.

- Você me deu um susto enorme... Ainda acho que a gente devia ter ido ao hospital e a delegacia.

- Estou bem, Fer... Só foi um susto mesmo, íamos perder o nosso tempo, dos médicos e da polícia. – Beijou a pele da corretora de imóveis. – Amanhã vou acordar nova em folha.

- Eu sei... – Fernanda voltou a fazer cafuné em sua cabeça. – Vitória...

- Oi...

- Estou lembrando aqui. O que você ia me contar?

Vitória deu graças a Deus que as luzes estavam apagadas, caso contrário, Fernanda veria seu semblante se transformar em uma careta de desespero. Realmente tinha dito no carro que tinha algo muito importante para contar a Fernanda, mas desistiu. Só tinha uma solução que não era a melhor: enrolar.

- Eu?

- É... Lembra que falei que primeiro teríamos que arranjar um abrigo, e depois você me contaria? Então, o que era?

- É que... Eu... Eu... – Não podiam se ver, mas institivamente procurou os olhos de Fernanda. Não mentiria a ela, não tinha coragem, entretanto contaria uma meia verdade. – Eu estava muito atordoada, Fernanda... Acho que não sei o que estava dizendo.

- Tem certeza?

- Tenho, claro... Eu estava muito nervosa, foi só isso... Juro.

Fernanda sorriu.

- Calma, acredito em você... Você seria incapaz de me enganar. – Fernanda afirmou. - Eu também estava nervosa, não era pra menos, né?

- Pois é... Olha, eu não sou o tipo de mulher que acredita que a culpa de uma traição é dá amante e isenta marido. Acho isso o cúmulo...

- Eu também...

- Então, eu acho o cúmulo... Mas você me surpreendeu. Porque a Daniele não é apenas a mulher que tem um caso com seu marido. Ela é sua concunhada, sua melhor amiga. Como você conseguiu se controlar?

- Já disse... Não consegui, mas o celular tocou e quando você me disse que precisava de mim, eu não pensei em outra coisa. Eu queria ter um coração melhor sabe... Perdoar a Dani, afinal, eu também não estou sendo fiel ao meu marido.

- Mas você aguentou as puladas dele sempre. Só me deu brecha porque seu casamento já estava praticamente acabado. E pelo que você me contou, fez questão de falar a ele.

- É... Ele falou que era meu marido e eu falei que ele poderia deixar de ser a qualquer momento.

- Quem sabe ler um pingo é uma letra. E você quer saber? – Vitória complementou. – O tio Filipo merece traições, merece todo tipo de coisa ruim, por tudo que ele fez.

- Credo, Vitória... – Fernanda se assustou. – Você fala de um jeito.

- É que... – Vitória se censurou por pensamento, às vezes passava do ponto. – Ele fez muito mal pra você e para a Bia. Essas coisas me deixam revoltada! – E espertamente mudou o foco. – Essa Dani também... Tá certo que o seu marido é o maior culpado, mas ela não respeitou o tio Marcelo. Ele tem milhões de problemas, mas eu nunca soube que ele foi infiel a ela.

Fernanda fez um gesto negativo.

- Pelo contrário. Era Deus no céu e Dani na terra. O Marcelo sempre foi piradinho por influência do Filipo, mas a Dani o fez piorar muito. Uma vez a gente saiu para uma balada. Filipo e eu, ela com o Marcelo. Ela cismou que tinha uma garota olhando para o Marcelo e de raiva resolveu flertar com um cara, sabendo como o Marcelo era... Não sei como o Marcelo conseguiu se drogar dentro do banheiro, saiu quebrando tudo... O cara, que era muito mais forte que ele, se reuniu com mais três e quebraram todo o Marcelo. Acredita que eu fui tirar o Marcelo do meio dos caras e o Filipo ficou de canto, disse que não podia se meter em confusão porque era o nome da família e ainda brigou comigo? Depois a Dani disse que bebeu demais e por isso agiu assim. Marcelo pode não ser santo, mas a Dani também não é... Não quero dar uma de vingadora, mas eu estaria sendo hipócrita se falasse que não desejo o mal dela. Seria injusto ela ficar impune no final disso tudo.

- E você vai fazer alguma coisa?

- O Filipo vai cair, a polícia está no pé dele... Essa bomba vai estourar e eu tenho certeza que vai respingar nela. A justiça vai ser feita.

- Tomara... – Vitória aconchegou melhor seu corpo ao de Fernanda. – Mas quer saber? Vamos esquecer de Filipo, de Dani, de tio Marcelo... Beijou os lábios da mais velha. – Lembra só de mim... Pensa só em mim...

Fernanda concordou devolvendo o beijo que a loirinha lhe roubou. Preferia mesmo lembrar, pensar e fazer outras coisas com Vitória do que ficar remoendo aquele tema. Muito em breve aquele assunto deixaria de ser seu.

(...)

- Você... Você só pode estar ficando louca... – Leandro, o copeiro/mordomo da casa dos Vaccara, comentou ao ver Daniele encostando a porta de seu quarto de empregado. Ela girou a chave. – Dani, imagina o BO se alguém te pegar aqui dentro.

- Você tá muito medroso... – Daniele disse com um sorriso nos lábios. Mediu o rapaz de cima abaixo. Leandro era alto e forte. A musculação e a capoeira que praticava desde a adolescência lhe deu um corpo bonito que Daniele podia admirar à vontade, já que ele usava apenas uma cueca branca que contrastava com sua pele negra. Riu. – Medroso e delicioso, né? Vem cá, vem...

Assim que Leandro começou a trabalhar na mansão dos Vaccara, começou a reparar na esposa do patrão. Volta e meia Daniele e as crianças apareciam para ver Marcelo, participar dos eventos familiares. Primeiro Leandro acreditou que sentia apenas uma admiração pela morena, mas o sentimento, que era para ser passageiro, não sumia de forma alguma, se tornava mais forte. Sempre percebia quando ela estava no ambiente por conta do seu perfume adocicado. Depois notou que contava os dias da semana para chegar logo sábado, dia oficial de Daniele trazer as crianças para ver Marcelo. Seus sábados preferidos era quando tinha sol, pois assim Daniele colocava um biquíni e passava horas na piscina. Irremediavelmente apaixonou-se.

Apesar de saber que seu sentimento não era algo tão simples, Leandro se conformava em ser apenas um observador de Daniele. De tanto prestar atenção na patroa, acabou decorando alguns de seus atos de rotina. O mais estranho de todos era quando dormia na mansão e acordava no meio da noite para dar uma volta no jardim. Por quase um mês o ritual era o mesmo. Levantava de madrugada, após todos se recolherem e se encaminhava para área externa. Como gostava de assistir TV até altas horas, Leandro esperava o horário certo que Daniele ia passar para sair do quarto e pegar qualquer coisa na cozinha. Certa vez saiu um pouco antes para ir ao banheiro e deu de cara com Filipo abrindo a porta de saída cozinha que dava para o jardim. Ao ver Leandro, o empresário quase caiu para trás.

- O que você está fazendo aqui? – Perguntou. – O que foi fazer na sala?

- Eu? Eu fui no banheiro, doutor Filipo. O banheiro dos empregados está com um problema de encanação e estamos usando o social...

- O nosso banheiro? – Questionou enojado. – Mas é muito atrevimento! Daqui a pouco vai querer usar o que? O meu carro?

- Mas...

- Tem nada de “mas” não, moleque! Se vocês esculhambaram o banheiro, vocês que se virem. Amanhã eu quero encanador aqui para resolver essa merda. E vai ser descontado do salário de vocês! Agora entra no seu quarto e não sai mais de lá!

A vontade de Leandro era esquecer que Filipo era seu patrão e descer a mão em sua cara. Apenas não o fez porque embora Filipo fosse um sujeito difícil de engolir, os patrões lhe pagavam bem. Leandro gostava muito de seo Francesco, o dono da casa e Fernanda que era uma boa pessoa. Não entendia como tinha se casado com Filipo. Obedeceu às ordens do patrão. Pelo menos fez que obedeceu. Assim que Filipo tomou seu rumo para o jardim, saiu do quarto e foi até a sala. Se escondeu embaixo da escada. Poucos minutos depois ouviu o barulho de passos. Era Daniele. Ele tinha certeza por conta do perfume. Não demorou para desvendar o que acontecia. Os dois tinham um caso e se encontravam secretamente na sauna, de madrugada.

A aproximação de Daniele surgiu por conta de uma briga dela com Filipo. Os dois discutiam fortemente por conta de dinheiro. Filipo estava bêbado. Apenas se cortaram pela chegada de Leandro que sempre procurava estar por perto. Ele conseguiu controlar Filipo, o colocou embaixo do chuveiro, trocou suas roupas e o guiou até o quarto. Na volta foi cuidar de Daniele que estava em seu quarto de empregado, muito abalada.

- Leandro... – Ela enxugava o rosto com um guardanapo de pano que o copeiro havia providenciado. – Eu só queria te dizer que o que você viu...

- Eu não vi nada, dona Daniele. Bons mordomos são cegos, surdos e mudos. Eles apenas servem.

Daniele abriu um sorriso triste.

- Você está sendo muito delicado.

- Estou fazendo meu serviço... – Fez uma pausa. – Eu tenho notado... Notado que você e o doutor Filipo... Enfim, que coisas acontecem.

- Leandro...

- Eu sei que eu não devia falar isso a senhora, mas eu sinto que tenho a obrigação de avisar. Ele pode ser uma pessoa perigosa. – Outra pausa. – Se a senhora precisar de alguém que lhe ouça, se precisar de algum amigo, eu estou à disposição. Eu saberei ser discreto.

- Você está sendo muito legal comigo. Qualquer outra pessoa me julgaria como vagabunda, como puta.

- Infelizmente a paixão é uma péssima selecionadora. Ela não diferencia laços de sangue, classes sociais, cor da pele, nacionalidade, patroa e empregado.

- Claro...

Como Filipo se tratava de um sujeito abusivo, não demorou muito para que Daniele o procurasse para desabafar. A princípio ela aparecia na cozinha torcendo para encontrá-lo sozinho. Logo os encontros evoluíram para fora da mansão. Em bares, parques, restaurantes. Em um dos encontros, Leandro criou coragem para se declarar. Pensou que Daniele ia se afastar, que não falaria mais com ele, mas terminaram a noite de folga de Leandro em um motel. Os encontros passaram a ganhar caráter amoroso, embora Leandro não engolisse dividi-la com Filipo. A desculpa de Daniele era sempre a mesma.

- Meu amor, nós dois, duros, não vamos pra frente... A gente tem que arrancar o que pode desse idiota do Filipo, montar um bom pé de meia para cair fora e começar a vida em outro lugar. Ou você acha que o doido do Marcelo vai deixar a gente em paz morando aqui? Você criando os filhos dele.

- Dani, esse Filipo não é bom da cabeça também, se ele descobre... E pelo que você falou, o que ele te deu de joia, já dá pra começar alguma coisinha em outro lugar.

- Não! As joias são para emergência. Uma garantia para o futuro... A gente tem que arrancar dinheiro... E nada de pensar pequeno, coisa de cinco milhões pra cima...

- Dani, não sei se é certo.

Daniele riu.

- Como você é bobo. Sabe a vida de quanta gente esse filho da puta do Filipo já deve ter ferrado? Milhares porque esse cara tem conchavo com político, enfia a faca nas costas do pai, dos irmãos... Ele tem mais é que se foder bonito... E você, tonto, com dó.

- Eu não tenho dó. Só não suporto ver você com ele!

- É por pouco tempo. Eu te juro... E é para o nosso bem...

A conversa era sempre a mesma e o roteiro também. No final os dois se entendiam e iam para cama. Aquela noite não foi diferente. Daniele percebeu que seu namorado estava muito pensativo. Com a ponta das unhas brincou com os cabelos em seu peito.

- Tá caladinho hoje...

- Sou um idiota... – Leandro disse. – Hoje está tudo flores, mas amanhã você está se esfregando naquele idiota e eu...

Daniele colocou seu dedo indicador sobre os lábios de Leandro.

- Falta pouco, meu amor. Muito pouco...

- Como assim?

- O Filipo está com os dias contados. A Fer veio me contar toda desesperada, coitada. – E anunciou. – Ele vai ser preso... Polícia Federal está atrás dele.

- Sério?

- Seríssimo. E a gente vai levantar nossa grana em cima disso. O Filipo me deu uma lista de políticos que ele tem negócios paralelos... Sabe quanto essa informação vale? A gente pode levantar o dobro do que estou pensando.

- E como?

- Dona Antônia... Ela paga o preço que for para livrar a cara do bebezinho mais velho... A gente vai ficar rico.

Leandro se animou.

- A gente vai poder ficar junto!

- Amanhã mesmo eu vou procurar a velha... Ela arranja o dinheiro e a gente cai no mundo. O Marcelo vai realizar o sonho dele de ter os meninos em tempo integral... – Sorriu. - Olha, eu sinto que será um grande dia... Essa família não será a mesma depois de amanhã.

(...)

De certa forma, Daniele estava certa. Assim que amanheceu um fato surgiu e mudou completamente a rotina dos Vaccara. A primeira pessoa que viu a novidade foi Valentine. Ela e Marcelo acordaram cedo com os ruídos dos funcionários do hotel que faziam faxina no quarto ao lado. Trocaram alguns beijos até que Valentine fez uma observação.

- É melhor a gente encerrar a conta e ir para casa. Já devem estar estranhando.

- Hoje é domingo, todo mundo acorda tarde. – Marcelo beijou Valentine. – E eu estou grandinho para dar satisfação a minha mãe.

Valentine sorriu.

- O que me preocupa não é a sua mamma, mas sim a mamma dos seus filhos.

- Para Daniele é que não devo satisfação nenhuma.

- Mas é bom evitar, né? – Roubou um selinho de Marcelo. –Foi tudo tão bom, não vamos estragar isso por nada... – Se aconchegou sentada sobre as pernas de Marcelo. – Por favor...

O segundo beijo saiu bem mais ousado que o selinho, Marcelo já ia se preparar para deitar sobre Valentine, mas ela se levantou, enrolou-se no lençol para cobrir a nudez.

- Vale...

- Melhor a gente pedir café aqui no quarto e se preparar pra ir... Senão não deixo você sair daqui hoje...

- Não é uma má ideia...

Trocaram novos beijos, mas Valentine não permitiu que Marcelo fosse adiante. Não por falta de vontade. A noite que passaram juntos parecia não ter saciado, mas sim intensificado os sentimentos e desejo de ambos. Com muito esforço conseguiu fazer Marcelo se levantar da cama e seguir para seu banho. Enquanto ele tomava a chuveirada, Valentine solicitou por telefone o café da manhã, desligou e foi verificar seu celular. Uma das primeiras coisas que fazia assim que acordava era espiar suas redes sociais. Mal abriu o whatsapp e quase caiu para trás com um link que lhe mandaram. Era um sex tape de um casal desavisado. O ambiente não era estranho, mas só reconheceu de quem se tratava quando viu o rosto da mulher engolindo o órgão sexual do seu parceiro. Abriu a boca assustada.

- Não... Não pode ser...

O tal vídeo estava há menos de três horas no ar, mas já havia se tornado viral. O rosto da mulher era identificável. Assim que lhe mandaram o link e Dudu viu de quem se tratava correu

para esmurrar a porta do quarto de hóspedes de sua casa, pouco se importando se acordaria Fernanda e Vitória. A loirinha atendeu a porta com uma expressão aflita.

- O que aconteceu?
- Menina, você não vai acreditar... Cadê a Fer?
- Está no banho.
- Eu não vou aguentar esperar por ela.

Rapidamente voltou o vídeo no começo e entregou o celular nas mãos de Vitória que caiu sentada sobre a cama. Também boquiaberta. Fernanda saiu do banheiro alguns minutos depois, encontrou Dudu e Vitória em estafo de choque e excitamento.

- Bom dia.
- Bom dia, Fernanda? Eu não devia falar com você... – Dudu respondeu. – Tantos anos de amizade e você esconde uma coisa dessas...

Fernanda não entendeu nada.

- Oi?
- Seu cunhado, Fernanda... Como você esconde que ele é dono de um... Patrimônio desse tamanho. – Dudu bem que tentou segurar, mas não resistiu a piadinha. – Aí Deus, me perdoa.
- Eu não estou ouvindo isso. – Vitória disse. – Não estou.
- O que vocês estão dizendo? – Fernanda perguntou ainda confusa. – Não estou entendendo nada.

Vitória e Dudu se entreolharam, a loirinha tomou a palavra.

- Lembra o que falamos ontem sobre uma bomba explodir e respingar na Daniele? – Fernanda se lembrava, claro. Falaram isso antes de dormir. – Então explodiu e atingiu a Daniele...
- Respingou na cara da Daniele. – Dudu completou em tom maldoso. – Você quer dizer.
- Dudu! – Vitória o repreendeu. – Piada com isso não... – Pediu. – Mostra para ela.

Dudu obedeceu Vitória, mais uma vez voltou o vídeo desde o começo. A mesma cena vista por Valentine. A mulher praticava sexo oral em seu companheiro. Fernanda logo reconheceu o quarto onde corria toda ação e os “atores” do espetáculo. Abriu a boca assustada.

- É a Dani e o Marcelo? – Levou a mão a boca. – Meu Deus!
- É, amiga, a Dani e o Marcelo... – Dudu disse. – E esse vídeo está perto dos 500 mil acessos, em menos de três horas no ar... Parece que a vingança de alguém veio à cavalo e fervendo.

Vitória abriu um sorriso curto.

- Deus que me perdoe. Mas que dia maravilhoso para o Filipo ter celular.

CAPÍTULO 21

- Vale, não tenho ideia do que aconteceu! – Marcelo tentava explicar a Valentine que não estava nem um pouco disposta a ouvir. Os dois estavam muito agitados, andavam por toda a suíte do hotel. Ela procurava seus pertences e ele tentava se justificar. – Não sei como isso foi vazar!

Valentine colocou as mãos na cintura, sem esconder sua insatisfação.

- Deixa eu pensar... Talvez parou na rede porque alguém filmou? – Debochada. – AH LEMBREI! FOI VOCÊ QUE DIRIGIU O MAIS NOVO LANÇAMENTO CINEMATOGRÁFICO NACIONAL... – E completou. – Você tem futuro, Marcelo. Capaz de ganhar um Oscar.

- QUANTAS VEZES EU VOU TER QUE DIZER? FOI UM ACIDENTE!

Apesar dos gritos, a ruiva não lhe deu ouvidos, voltou a procurar por suas coisas. Marcelo e Valentine desceram do bar, entre amassos, em um estado tão animado que deixaram os objetos pessoais pelo caminho. Marcelo, apenas de cueca, se acomodou sentado sobre o colchão, puxava os lábios com os dedos em um ato de desespero.

Estava em choque por conta do vazamento do sex tape. Jurava que tinha se livrado daquele pesadelo e de Daniele quando decidiu formatar seu computador e inutilizar o dispositivo que havia sido usado para salvar o arquivo. Só podia ter vazado pelo computador, pois o pendriver só poderia estar no fundo da piscina da mansão, onde tinha jogado na noite anterior. Aquele vazamento apenas estragava seus planos de se manter longe de encrencas. Não tinha motivos para jogá-lo na internet.

Repetiu uma, duas, dez vezes as mesmas palavras, entretanto a francesinha não acreditava em suas explicações. Não conseguia acreditar como em menos de dez minutos a vida de alguém podia desabar, como aconteceu com a sua. Saiu do banheiro todo contente, jurando que tomaria um saboroso café ao lado de Valentine enquanto namoravam. Ao colocar os pés no quarto, encontrou a moça com um semblante aflito.

- Que foi, Vale? Tudo bem?
- Marcelo, aconteceu uma coisa horrível.
- Coisa horrível? O que?
- Eu vou mostrar...

Valentine pegou o próprio celular, abriu o whatsapp e acessou o link que um de seus amigos compartilhou. O site que o vídeo estava hospedado se abriu, acionou o player e entregou ao rapaz. Não tinha o que falar, Marcelo precisava ver para tirar suas próprias conclusões e entender a gravidade do assunto. Valentine assistiu todas as reações dele. Não precisou nem de dois segundos para reconhecer seu próprio quarto e compreender toda a situação. Assustado, Marcelo soltou a toalha que usava e sentou na cama completamente nu.

- Não acredito... Qua-Quantas pessoas já viram isso? – Marcelo questionou entre um gaguejo e outro. – Quem te passou?

- Um primo lá de Floripa. – Florianópolis. Se o vídeo já estava sendo comentado em Florianópolis, já devia ser o principal assunto das redes sociais. – Sei lá quantas pessoas viram...

- Isso não podia... NÃO PODIA TER VAZADO! – Daniele não o perdoaria. – Vale, eu... Eu destruí tudo...

Ela fitou-o com uma expressão confusa.

- Destruiu tudo? Tudo o que?

- O arquivo... – Marcelo respondeu em um fio de voz. – Todas as cópias. Eu destruí... – Puxou os próprios cabelos. – Eu tô muito ferrado!

- Calma, Marcelo... Você foi vítima. Como ia imaginar que alguém ia, sei lá... Filmar o seu quarto? – Valentine tentava tranquiliza-lo. – Tem tanta gente louca, como você ia saber? Você também é vítima e... – Marcelo se levantou e vestiu a cueca. Precisava ir logo para casa. Seus filhos tinham acesso à internet pelo celular. E se alguém com má intenção repassasse? Valentine tentou olhar em seus olhos, ele se desvencilhou, ela o segurou pelo braço e fez com que a encarasse. Desconfiada. – Você foi vítima também, não foi? Você sabia disso?

Marcelo pensou em negar. Podia jogar a culpa em um empregado da casa. Todos eles tinham acesso ao seu quarto. Poderiam muito bem ter instalado as câmeras, filmado e tentado extorquir algum dinheiro. Não seria o primeiro a cair nesse golpe e estaria isento da culpa. As pessoas iriam acreditar em sua palavra. Seria uma solução rápida. Não quis optar por esse caminho. Valentine não merecia ser feita de boba, ouvir inverdades.

- Eu que instalei as câmeras no quarto. – Confessou e viu o rosto de Valentine se transformar em uma máscara de decepção. – O arquivo original estava no meu notebook. Tinha uma cópia no meu celular e em um pendriver que eu destruí! – Choroso. – Eu não sei o que aconteceu.

Valentine meneou a cabeça em um gesto negativo. Estava visivelmente desapontada. Seu príncipe da noite anterior se transformou em sapo bem na sua frente. E um sapo bem indigesto.

- Você é inacreditável.

- É... – Marcelo comentou cabisbaixo. – Isso é inacreditável! Não dá pra entender.

- Isso não! VOCÊ É INACREDITAVEL, MARCELO! – O rapaz a encarou e enxergou asco em seus olhos. – PORCO, NOJENTO!

- Vale, eu não sei...

- Para com esse teatrinho! – Ela se levantou e começou a procurar sua lingerie. Sua revolta era tanta que tinha vontade até de sair nua para não olhar mais a cara de Marcelo. – VOCÊ É NOJENTO! – Inconformada. – Meu Deus... A Vitória me avisou! O Miguel, todo mundo me avisou... – Começou a chorar, deixando Marcelo sem reação. – Como é que você pode? Será que nem nos seus filhos você conseguiu pensar?

Aconteceu o que Marcelo mais temia. Tinha perdido a confiança da única que ainda acreditava em suas palavras.

- Vale, não fui eu que fiz isso! Eu juro! Eu coloquei as câmeras porque... Eu estava surtado. Eu ouvia umas vozes que eu não sabia se era alucinação ou se era verdade. Achava que alguém entrava no meu quarto. Esse dia a Dani me pegou de surpresa.

Valentine abriu um sorriso debochado.

- Tadinho, ela te estuprou, menino indefeso? – Irritada. – SERÁ QUE EU TENHO TANTA CARA DE IDIOTA ASSIM, MARCELO?

- EU SOU UM VICIADO, PORRA! UM MERDA DE UM VICIADO! – Choroso. – TODO DIA EU ACORDO PENSANDO QUE EU QUERIA DAR UMA ÚLTIMA CARREIRA! – Confessou. – No auge da loucura da droga você tem sonhos, tem essas coisas, ás vezes... Eu não estava sabendo o que era verdade ou mentira, mas eu não joguei isso na net. Eu não fiz isso!

- Como não? Você acabou de admitir... E essa noite que a gente passou? – Chorosa. – Não teve importância pra você? Só foi para completar a sua vingança contra a Dani?

- Vingança? EU DESTRUÍ OS ARQUIVOS! - Marcelo manifestou. – Não existe vingança nenhuma. Você não pode estar achando que eu publiquei isso! – Fez uma pausa. – Eu estaria sendo mentiroso em te dizer que eu não pensei em me vingar... – Valentine o fuzilou com o olhar. – Mas eu não fiz! Eu juro! Eu desisti! – Marcelo estava tão nervoso que sentia o corpo inteiro tremer. - Vale, eu te juro que eu não fiz isso! Quando você me procurou e disse aquilo, que tinha uma pessoa melhor dentro de mim e que eu tentava abafar, eu escutei tudo que você me disse e desisti. – Completou. – Eu desisti por mim, mas eu desisti muito mais por você! Você me disse isso, lembra? Que eu era melhor que aparentava ser? – Inconformado. – Será que você não vê esse cara agora? EU TO TENTANDO, PORRA!

- Falei de idiota que eu sou! Cega! – Valentine complementou. – Não vi o grande filho da puta que você sempre foi! – Marcelo socou um abajur que voou do criado mudo. – Um cara que toma uma atitude escrota dessas, de expor a mulher desse jeito, não passa de um merda! VOCÊ É UM MERDA!

Era como Marcelo realmente se sentia. Tentou de todas as formas convencer Valentine do contrário, mas a situação não foi revertida. Após se vestir e recolher todos seus pertences, ela saiu do quarto com a certeza que foi apenas um objeto da vingança de Marcelo a ex-esposa. Marcelo pensou em ir atrás da francesinha para tentar convencê-la do contrário, mas logo abortou o plano. Valentine estava de cabeça quente, seria perda de tempo tentar conversar. E tinha algo mais urgente a fazer, conversar com os filhos. Estendeu o braço até o telefone e ligou no ramal da recepção.

- Bom dia. -...- A conta por favor... -...- Ok, muito obrigado.

Desligou o aparelho e passou a capturar suas roupas. Precisava voltar para casa, ficar ao lado de Mário e Emílio, eles precisavam de seu apoio. Se não fosse pelos filhos entraria na primeira boca que encontrasse pela frente. Seu corpo inteiro clamava pelo cocaína naquele exato momento.

(...)

- Vitória, presente é presente.

- Se você não disser, eu vou pegar o preço na Internet, descubro o número da sua conta e faço um depósito. – Vitória insistia com Fernanda. – Sério, Fer. Eu faço questão de pagar.

- Eu vou ficar chateada com você. – Aproximou os lábios do ouvido da loirinha. - E você não vai ter mais isso...- Deu um beijo no lóbulo de sua orelha. – Nem isso... – Beijou o osso do maxilar de Vitória que sentiu sua pele eriçar. – Nem isso. – Beijou a bochecha alva. – E nem isso. – Deu um selinho na jovem e em seguida emendaram para um beijo mais longo e carinhoso. Separou-se da estudante com um sorriso. – Presente da tia...

Vitória acabou concordando.

- Virei sua sugar baby, agora? – Vitória ainda implicou. – Ganhando presente...

- Nem é bem um presente, na verdade é um ato egoísta meu, já que eu comprei para poder continuar mantendo contato com você.

- Você está saindo uma tratante. – Trocaram um sorriso curto. – Obrigada, viu.

Vitória e Fernanda saíram da casa de Dudu ás dez da manhã. O destino das duas era a cantina de Gui. A corretora de imóveis não iria para a mansão dos Vaccara sem antes falar com Bianca. Precisava ver a filha, apertá-la em seus braços e sentir que ela estava bem antes de encarar Filipo e a família. Quando comentou com Vitória que ia no shopping para sacar dinheiro, a loirinha não desconfiou de nada. Tanto acreditou que Fernanda não demoraria que resolveu permanecer no carro. Ainda estava com o rosto marcado, não queria encarar o olhar de curiosidade das pessoas.

Fernanda se ausentou por tanto tempo que Vitória pensou até em sair do carro para procurá-la e saber se aconteceu algo de errado. A atitude foi descartada, assim que Vitória decidiu sair do veículo. Logo avistou Fernanda aparecer atrás de um dos portões automáticos que davam acesso ao estacionamento. Ela carregava três sacolas, além da bolsa. Assim que entrou em seu automóvel estendeu uma das sacolas a jovem.

- Pra você, espero que goste.
- Que isso?
- Presente. Abre.

Um tanto sem graça, Vitória desfez do embrulho. Adorava presentes, mas preferia dar do que receber. Ainda mais quando se tratava de algo caro, como o objeto que Fernanda lhe deu. Um celular de última geração, modelo até mais avançado do que o perdido.

- Fer, você está doida? Eu não posso aceitar.
- Como não? Já está habilitado e até com número. Por isso que demorou tanto.
- Mas é muito caro. Você não pode gastar seu dinheiro assim.
- Posso gastar meu dinheiro como eu bem entender. – Gracejou. - Senão eu não aturaria o Dudu o mês inteiro no meu pé. Ah, também comprei um presentinho para Bia e para o Gui. – Fez um carinho no rosto da garota. – Posso mimar os meus bebês?
- Sou seu bebê, é? – Vitória questionou achando graça. – Bela tentativa, bebê. – Tinha gostado de ser chamada daquele jeito. – Mas eu vou pagar.

Apesar da insistência da loira, Fernanda estava irredutível e não quis informar o preço pago no aparelho. O debate das duas pelo presente se encerrou na chegada da cantina. O cheiro de molho de tomate e manjericão aromatizava o local.

- Esse cheiro me fez lembrar da sua mãe... Ela fazia um molho de tomate divino. Eu gostava muito da Eliane.

A citação de Eliane deixou Vitória pouco à vontade. Fernanda percebeu algo estranho no ar, mas nem teve tempo de levantar questionamentos. Guilherme ouviu as vozes e logo apareceu com um sorriso nos lábios para recepcionar as duas. Cumprimentou Vitória com um beijo no rosto e abraçou sua irmã.

- Só assim pra te ver duas vezes na semana, hein, coisa feia?! – Ele disse a Fernanda que deu um tapinha de leve em seus ombros. Quando ele queria irritá-la sempre a chamava de coisa feia. A Vitória. – E essa marca aí no rosto? – Perguntou entre gargalhadas. – Fugindo de marido ciumento?

Fernanda quase caiu para trás com a brincadeira de Guilherme. Ele sempre foi metido a engraçadinho desde pequeno. Fazia piada com tudo e com todos, mas dessa vez ela não conseguiu identificar se suas gracinhas tinham fundo de verdade ou foi mero acaso. Vitória riu, muito mais pelo susto da mulher mais velha do que pela piada em si.

- Vitória, desculpa... Minha mãe deixou esse menino cair do berço quando ele era pequeno e ficou assim, meio desparafusado.
- A história mudou? – Guilherme questionou e explicou a loirinha. – Antes ela dizia que eu fui achado em um caixote de alface no meio da feira.

Fernanda complementou.

- E foi mesmo. A gente só trouxe para casa porque achou que era algum cachorrinho, até hoje late. – Em resposta Guilherme ergueu seu dedo do meio arrancando risadas de Vitória, a corretora encerrou a desavença fraterna abraçando o irmão e aplicando alguns beijos em sua testa. – Você sabe que eu te amo, né? – Entregou uma sacola a ele. – Trouxe presentinho...
- Ai sim... – Guilherme abriu seu presente, era um camisa social preta. – Tirou o escorpião do bolso, hein... - Os dois riram encerrando as provocações. – Maninha, eu sei que apesar dos meus lindos olhos, vocês vieram aqui pra ver a Bia. Certo?
- Ela acordou já?
- Acordou e foi dar uma volta de bike. Daqui a pouco está estourando por aí. Mas e aí... O machucado no rosto?
- Ela foi assaltada. Levaram o celular e a carteira. Dá para acreditar?

Guilherme compreendeu o que acontecia.

- Então você também foi assaltada, Vitória? Ontem eu também fui.

Fernanda o encarou preocupada. Ele nem tinha dito nada.

- Sério? Onde?

- Não sei. Seu querido marido que ligou aqui hoje, logo cedo e me avisou. – Vitória e Fernanda se entreolharam. Somente uma pessoa poderia ter falado a Filipo: Daniele. Guilherme continuou. – Se vai dar um perdido tem que avisar aos envolvidos, irmãzinha.

- E você? – Fernanda se preocupou. – O que disse?

- Mandei aquele maldito filho da puta se foder. – A Vitória. – Com todo respeito a sua avó, mas eu não suporto aquele verme.

- Guilherme! - Fernanda o repreendeu, muito mais pelo palavreado na frente de Vitória do que pela atitude do irmão. Há um bom tempo queria fazer o mesmo.

- Gui, acho que temos algo incomum além da profissão e do carinho pela Fernanda e pela Bia. – Vitória comentou bem humorada. – Adorei.

- Ele merecia era um belo de um soco naquela cara de mauricinho dele, mas eu vou deixar essa passar porque ele é tão covarde que é capaz de descontar na Bia ou até na Fer... Mas que ele merecia, merecia. E o Renato já deu umas porradas nele por mim.

- Ele não é louco de encostar mais a mão em mim ou na minha filha. O problema do Filipo logo será resolvido. – Entregou o embrulho que trouxe de presente a Bianca nas mãos do irmão. – Isso é de geladeira...

- Chocolate suíço? – Fernanda fez um gesto afirmativo e Guilherme riu. Bianca adorava doces. Quando era pequena a chamava de formiguinha. – Impressionante como não corre groselha na veia dessa menina ao invés de sangue...

- Eu ouvi... Não vou te dar chocolate!

A voz de Bianca chegou antes de ela entrar na sala. Só após segundos surgiu na escadaria. Ela trazia uma garrafinha de água nas mãos e um sorriso no rosto. O passeio de bicicleta havia feito muito bem a sua mente. Fernanda ignorou completamente o suor que escorria pelo corpo da filha e abraçou com toda sua força, beijou o alto de sua testa e todo seu rosto. Apesar de não deixar transparecer, tinha ficado angustiada com todo o episódio da noite anterior.

- Meu amor, desculpa, desculpa...

- Mãe, estou te sujando toda...

- E mãe importa com isso? – Afastou-se de Bianca apenas para verificar seu corpo. Parecia estar inteira, apesar de visivelmente abatida. – Me desculpa por toda essa confusão, meu amor...

Guilherme cutucou Vitória.

- Fernanda vai ficar lambendo a cria como se tivesse voltado da guerra a manhã inteira... Eu vou descer, hoje é domingo dia de movimento grande... Quer brincar lá embaixo?

A especialidade de Vitória não era cozinha italiana, mas tinha certo conhecimento na área. Seria um excelente passatempo se tornar auxiliar de Guilherme por algumas horas. Ele era engraçado e parecia ter muitos assuntos, um ótimo refresco para a mente.

- Ah, acho que quero sim.

- Beleza. – A Fernanda. – Fer... Vocês fiquem aí a vontade, eu e a Vitória vamos descer porque a polenta, os nhoques e os risotos ainda não aprenderam a se prepararem sozinhos.

- Guilherme, não acredito que você vai explorar a minha visita. Folgado!

Vitória riu.

- Não, eu vou adorar... Tô precisando mesmo ocupar a cabeça. E assim vocês conversam à vontade.

- Viu... Fer, aqui... – Fez um sinal com os dedos apontando para Vitória e para si mesmo. – É o maior *bropt* da cozinha que você já viu. – Vitória deu risada e Fernanda parecia ter ouvido o irmão falar chinês. Guilherme riu e completou. – Bia explica para a arcaica da sua mãe o que é *bropt* que a velha acha que eu xinguei ela, vamos, Vitória!

- Vai tomar no seu cu, garoto insuportável!

Bianca e Vitória não se aguentavam de rir. Fernanda realmente desconhecia a gíria retirada da internet. *Bropt* era apenas uma parceria de amizade que as pessoas torcem para dar certo. Guilherme e a loira chegaram no andar de baixo ainda rindo das tiradas do cozinheiro que fez mais algumas piadas até o caminho da cozinha. Ao chegarem no local de trabalho encontraram mais quatro pedidos além da polenta, dos nhoques e risotos. Sorte que eram entregas programadas, ainda tinham um bom tempo livre para se dedicar a preparação dos pratos. Após se vestir adequadamente e entregar um avental a Vitória, Guilherme avisou aos seus dois ajudantes, Dênis e Yuri, que a loirinha estaria ali para auxiliar no trabalho e passou algumas instruções aos rapazes.

- E eu? – Vitória perguntou. – O que quer que eu faça?

- Nós temos pedidos de nhoque de abobrinha e do tradicional e alguns risotos à moda de Milão. Sabe o preparo?

- Sei, sim, já fiz algumas vezes.

- Ótimo, eu vou cuidar da massa do nhoque e dos molhos. – A Yuri. – Presta atenção na entrega dos pratos, o freguês é

vegetariano e vocês passaram ao garçom brachola, essas coisas não podem acontecer não. – Yuri fez um gesto afirmativo. – Dênis, o Parpadelle é ao molho de que?

- Brócolis. Já preparei.

- Beleza! Vamos trabalhar!

Apesar de não conhecer muito bem a cozinha de Guilherme, Vitória não teve muitas dificuldades de adaptação e em meia hora trabalhando já havia pegado o ritmo da cantina e feito amizade com os dois ajudantes que estavam admirados com sua desenvoltura. O cheiro dos pratos estava tão bom que ultrapassava barreiras e subia até a sala da casa. Chegava até a desconcentrar.

- A lasanha do tio parece que está batendo na porta de casa e berrando: me come, me come pelo amor de Deus. – Bianca comentou em um tom divertido. – Vou ter que andar de bicicleta todos os dias, senão vou ficar enorme morando aqui.

Fernanda percebeu a tática da filha. Toda vez que tentava falar sobre Filipo, ela desviava da conversa com um ou outro assunto. Primeiro falou sobre os machucados no rosto de Vitória, sobre a sex tape vazada de Daniele e Marcelo. Quando a mãe tentou tocar no assunto pela terceira vez, Bianca puxou a conversa para Micróbio e agora usava a desculpa da lasanha.

- Bia, um dia a gente vai ter que conversar sobre seu pai.

- Ele não é meu pai!

- Bia!

- Nunca quis ser... – Bianca disse. – E na moral? Eu fico até feliz, porque eu tenho nojo daquele cara. Eu não entendo como uma pessoa feito você foi gostar de um cara como aquele... Ele é tudo que eu acho insuportável. Arrogante, mauricinho, metido a besta, prepotente, autoritário, machista, mauricinho, presunçoso...

- Você falou mauricinho duas vezes.

- Porque ele é muito mauricinho. Não tem jeito não, mãe... Eu te amo, mas nem perde seu tempo em tentar dar uma solução para algo que não tem solução... Não volto mais para casa. Se você quiser você pode me ver aqui. – Fez uma pausa. – Também não vou ficar muito tempo. Logo arrumo um emprego e arranjo algum lugar aí para cair... Vou trancar a faculdade para trabalhar.

- Você só pode estar ficando louca achando que eu vou aprovar isso. – Bianca revirou os olhos. – Você não vai parar de estudar, não me falta mais nada!

- Mas eu vou ter que trabalhar, meu!

- Não me chama de meu, em primeiro lugar.

Bianca respirou fundo.

- Mãe. Eu te amo. Te amo, te amo, te amo, mas eu não posso deixar as coisas continuarem do jeito que estão. Meu pai é um escroto comigo, eu sou estourada, a gente vai acabar se matando na mesma casa.

- Você é minha filha, eu tenho obrigação de te sustentar.

- Super a minha cara sair de casa para ser independente com a mesada da mamãe. – Disse em um tom revoltado. – Como você me conhece, viu...

Fernanda sorriu.

- Você deve ter nascido reclamando com os médicos, os enfermeiros e com o hospital todo que teve que esperar nove meses, né? – Fernanda comentou fazendo Bianca sorrir. - Deixa de ser apressada e me escuta.

- Foi mal.

A corretora respirou fundo e então disse:

- Você vai morar comigo porque eu vou sair de casa. Não tem mais sentido eu permanecer casada com o Filipo. – Bianca não se aguentou e abriu um sorriso de orelha a orelha. – Quer descer e perguntar ao seu tio onde tem champanhe para estourar?

- Desculpa, mãe... Eu imagino que deve estar sendo difícil para você. Mas é que... Não vou esconder. Caralho, que vontade de estourar champanhe mesmo, de comemorar. – Admitiu. – Mãe, você não tem ideia como essa notícia é boa! É melhor que quando a Nicky voltou para o elenco fixo de Orange is the new black. – Fernanda a encarou confusa. – Meu, você precisa começar a assistir séries... Netflix não é caro...

- Bia, estou falando que vou me separar do seu pai.

- Não, você está falando que vai desamarrar uma âncora do seu pé. Que vai se livrar de um peso morto.

- Ontem eu jantei com o Renato. Seu pai está muito enrolado com a justiça... Perdido mesmo. Se envolveu em falcatrua de político. – Admitiu. - Sabe que mais do que raiva, eu sinto pena dele? O Filipo é tão mesquinho, tão... Digno de pena mesmo.

- Tomara que pague por todo o mal que já fez. – Bianca comentou pensando em sua mãe biológica. Fernanda encarou sem entender. – Para as pessoas, né, mãe?! Ele tem que pagar pelo que fez.

- Claro.

Bianca sorriu.

- O Renato que vai ficar feliz com tudo isso.
- É... – Fernanda sorriu. – Renato é um dos caras mais justos que eu conheço.
- Não estou falando disso... Você sabe o que estou falando.
- O Renato é apenas um amigo, Bia. Um grande amigo e nada mais.
- Sei... – Fez uma pausa. – E a Vitória? O que acha disso?
- O que tem a Vitória? – Fernanda perguntou aflita.
- Sei lá... Tio Marcelo comentou outro dia que a Vitória foi muito injustiçada pelos meus avos e pelo Filipo porque ela é bastarda. Ela deve estar feliz, né? Ela gosta muito de você.
- Você acha?
- Acho sim. Ela é legal. Não tem o jeito de metidinho dos filhos do tio Miguel com a Maria Helena. Engraçado que nem fisicamente eles se parecem né?

Fernanda refletiu por alguns instantes. Era verdade. Os gêmeos de Miguel e Maria Helena eram a cara do pai. Olhos claros e cabelos castanhos escuros. Na infância eram loirinhos, mas o cabelo foi escurecendo. Assim como os de Marcelo, também muito parecidos com o pai. Cabelos escuros e olhos claros. Daniele também tinha o cabelo escuro, era difícil os meninos nascerem loirinhos. Agora Vitória não. Até as sobrancelhas eram aloiradas. Os olhos era azuizinhos como os da avó. Em certos ângulos lembrava Eliane, mas era parecida mesmo com Antônia. Filipo, dos três irmãos, era o que mais lembrava a mãe. Agora estava grisalho, mas na juventude também era bem loirinho.

- Verdade. Ela não parece com os irmãos.
- Eles são doutrinados pela Maria Helena, coitados. Quase um mês que a irmã está aí e nem foram vê-la. Não ia ser assim não se eu tivesse uma irmã.
- Ah... Duvido... Você briga com a própria sombra se deixar, Bia!
- Claro que eu ia encher o saco, igual você com o tio Gui, mas vocês se dão bem, apesar de tudo.

Fernanda sorriu.

- É... Tem um lado bom sim... Pelo menos eu não ouvia as broncas sozinha... Era bom ter alguém pra falar sobre as coisas.
- Se eu tivesse uma irmã, meu pai ia torrar só metade do meu saco. A outra metade ficaria para ela.

Fernanda riu. Bianca tinha cada ideia. A conversa de mãe e filha logo foi interrompida por Guilherme que chamava a família para almoçar. Tinha montado uma lasanha à bolonhesa que estava de comer rezando. Deixou as tarefas adiantadas para almoçar com a irmã e a sobrinha.

- Explorando mesmo a Vitória, tio? – Bianca perguntou. – A menina não tem direito a almoço?
- Não. Ela teve que sair voada.

Fernanda se serviu de uma taça de vinho. Colocou a garrafa sobre a mesa.

- Como assim? Sem explicação?
- Não... Ela lembrou que estava sem o celular antigo e ligou pra uma amiga dela para passar o número novo. É Vale.. Vale...
- Valentine? – Bianca sugeriu.
- Isso mesmo. Então, ela ligou pra essa amiga pra passar o número novo e a amiga não estava muito bem. Aí ela resolveu ir embora, chamou um carro e se mandou.
- De carro?
- É... Ela disse que você e a Bia precisavam conversar, mas que estava tudo bem com ela. Para não se preocupar que ela dava notícias.
- Que coisa estranha. – Bianca comentou. – O que será que aconteceu com a Valentine?

Fernanda se perguntava o mesmo. Vitória não sairia daquela forma caso não fosse algo realmente urgente. Silenciosamente pediu a Deus que não fosse nada tão grave, já havia desgraças demais acontecendo na vida de todos ao seu redor.

(...)

Vitória e Valentine marcaram de se encontrar na praça do pôr-do-sol, a mesma que haviam se encontrado dias atrás. Assim que bateu os olhos na amiga, Vitória percebeu seu abatimento. Os olhos estavam inchados, Valentine parecia ter chorado a noite toda.

- Vale?

A loirinha não precisou falar nada, logo Valentine a abraçou carinhosamente e escondeu seu rosto no pescoço de Vitória. A francesinha chorava de tremer. Estava realmente mexida com o desfecho de sua noite com Marcelo. Conversaram apenas alguns minutos depois. Valentine não escondeu nada, nem mesmo ocultou que tinha dormido com Marcelo, fato que Vitória não encarou com surpresa, já que eles andavam grudados.

- Eu sinto por tudo, Vale... Você não merecia sofrer desse jeito.
- Merecia. Gente idiota merece sofrer...
- Tio Marcelo é foda. Eu assisti o vídeo. Como ele expôs ela desse jeito?
- É um escroto do caralho. Um filho de uma puta nojento! Com todo respeito a sua avó.

Vitória riu.

- Você não é a primeira pessoa que chama a minha avó de puta hoje.
- Sério?
- O Gui, irmão da Fernanda, falou o mesmo. Mas xingou o Filipo.

Valentine riu.

- Coitada da dona Antônia. Os filhos que fazem merda e ela que é homenageada.
- Na verdade é uma ofensa as putas, elas serem comparadas a minha avó. – Valentine a encarou assustada. – Você não sabe o que ela e o Filipo aprontaram. Descobri tudo ontem.

Vitória também contou tudo a Valentine, até revelou a verdade sobre seu assalto. A francesinha estava estupefata com o relato.

- E eu achando que tenho problemas, te incomodando... Por que você não disse que estava com um problemão desses e deixou eu ficar falando da minha vida?
- Porque amigo é assim, Vale. Guarda a dor dele para tratar a do outro. Você que me ensinou isso. Sempre foi minha amiga, apesar das nossas arestas e de muitas vezes ser chata. – Valentine sorriu. – Bora levantar o astral e fazer qualquer coisa?
- O que?
- Estamos na maior cidade da América Latina. O que não falta são coisas para fazer em São Paulo.
- Você tem razão.

As duas se levantaram e decidiram almoçar. Vitória passou o tempo inteiro na cozinha da cantina, mas não comeu nada. Valentine nem havia tomado café. Estavam famintas. Pararam um restaurante e comeram um bom prato de arroz, feijão e filé com fritas acompanhado de refrigerante. Depois seguiram para o Ibirapuera. Valentine não conhecia o parque e ficou encantada com espaço. Decidiram alugar duas bicicletas e passearam por uma hora. Após saírem do parque foram ao shopping para a ruivinha fazer compras, tomaram sorvete e enfim chegaram na mansão dos Vaccara. Nenhuma das duas estava disposta a voltar, mas precisavam regressar na casa nem que fosse para pegar os documentos e a bagagem. Assim que entraram ouviram uma gritaria.

- Sua família não nega a origem italiana. – Valentine comentou. – Desconhecem o silêncio.

Só foram entender o que acontecia quando se aproximaram da piscina da mansão. Muito movimento envolvendo até os funcionários e as crianças. Emílio, o filho mais velho, implorava para que a mãe parasse o que estava fazendo e Mário caia em um choro desesperado. Antônia tentava tomar as rédeas da situação.

- MÃE, NÃO MATA O PAPAI. – Mário se debatia nos braços da empregada Cidinha que segurava o menino para impedir que ele fosse em cima da mãe e se machucasse. Daniele estava fora de si. – ME SOLTA!
- DANIELE, VOCÊS PRECISAM CONVERSAR! VIOLÊNCIA NÃO LEVA A NADA. PELO AMOR DE DEU DEUS!
- DANI, ESCUTA A MINHA MÃE... – Marcelo dizia enquanto se protegia atrás de uma mesa de madeira, não parava quieto, Daniele contornava a mesa de um lado para o outro tentando pegá-lo. – VAMOS CONVERSAR... VOCÊ VAI SE ARREPENDER!
- CONVERSAR? DEPOIS DE VOCÊ ESTRAGAR A MINHA VIDA, SEU MERDA?! – Daniele respondeu com uma faca grande, de cortar churrasco, empunhada em posição de ataque. Tentava atingir Marcelo, mas ele parecia ensaboado. – VOU MATAR VOCÊ, SEU FILHO DE UMA PUTA!

CAPÍTULO 22

As crianças choravam sem parar, a cena era mesmo assustadora. Marcelo tinha conseguido escapar dos arredores da mesa e agora corria pelo jardim. Daniele o acompanhava com a faca em punho. Marcelo até conseguia administrar uma boa distância de sua perseguidora, mas foi traído pelo gramado irregular da área externa. Pisou em uma quantidade de terra um tanto fofa, se desiquilibrou permitindo que Daniele se aproximasse. A pisada em falso fez com que torcesse o tornozelo de forma tão feia que não conseguia nem se levantar, muito menos correr. Ao chegar perto e ver desespero nos olhos do ex-marido, Daniele sorriu diabolicamente.

- DANI, PELO AMOR DE DEUS! – Antônia implorava nervosa. – NÃO FAÇA ISSO!

- As crianças, Dani... – Marcelo suplicou em um murmúrio. – Eu sou pai deles e você é mãe. Você vai mesmo me matar na frente deles? Eles vão crescer traumatizados... – Estava tão nervoso que Daniele se divertia ao ver seus lábios tremerem. – Com ódio de você.

- Eles vão entender quando eu contar para eles o crápula, o grande filho da puta que você sempre foi... EU VOU ACABAR COM VOCÊ!

Daniele levantou a faca o mais alto que pode, na hora de finalizar seu ato, foi interrompida por um forte grito de Valentine.

- FUI EU, DANI! ELE NÃO TEM NADA A VER COM ISSO! – Valentine disse com toda sua força, deu alguns passos à frente para ficar junto da rival e se tornar seu alvo principal. – FIQUEI AFIM DO MARCELO DESDE QUE CHEGUEI! FIZ ISSO PARA CAUSAR BRIGA ENTRE VOCÊS E FICAR COM ELE... SUAS DESCONFIANÇAS ESTAVAM CERTAS. FUI EU QUE POSTEI O VÍDEO DE VOCÊS!

O plano de Valentine foi bem claro, tirando Vitória e o próprio Marcelo, ninguém sabia se ela estava falando a verdade ou não, mas todos entenderam que a ideia da francesinha era causar dúvida e distrair Daniele. Cega de ódio e ciúmes, a desculpa inventada pela outra fez total sentido a Daniele que acabava de eleger sua nova adversária.

- SUA VAGABUNDA, EU VOU TE... AAAAAAAÍ!! ME MACHUCOU!

Marcelo agiu muito rápido, ao ver que Daniele partiria para cima de Valentine, ele esticou toda sua perna fazendo a ex-esposa tropeçar e largar a faca que caiu junto aos pés de Vitória. A loirinha não pensou duas vezes, pegou o objeto cortante e jogou no meio da piscina dando fim ao primeiro ato do show e fazendo todos respirarem mais aliviados. Ao entender que havia sido vítima de uma armadilha, Daniele ficou ainda mais revoltada e começou a socar Marcelo que tentava segurar punhos.

- EU VOU MATAR VOCÊ E ESSA VADIA! – Daniele soltava ameaças no ar enquanto continuava a lutar corporalmente com Marcelo que pouco conseguia se mover por causa da torção do pé. Valentine tentou se meter entre os dois para separar e levou um tapa no rosto de Daniele. O troco veio rápido. Vitória deslocou Valentine de lugar, puxou Daniele pela mão, a fez ficar em pé e quando a mesma conseguiu se erguer, Vitória lhe atingiu com dois fortes tapas no rosto. A atitude da loira pegou todos de surpresa, fez Daniele desequilibrar e cair praticamente nos braços de Filipo que a amparou. Daniele levou a mão a boca sem entender.

- ME SOLTA! ME SOLTA!

- ENCOSTOU EM AMIGO MEU, LEVOU! – Vitória respondia possessa. - TÁ AVISADA!

- VOCÊ TÁ ME AMEAÇANDO, MARGINAL?! BASTARDINHA DE MERDA!

Vitória ergueu a mão e soltou o braço com vontade, dobrando a força do tabefe. Quem estivesse longe era capaz de ouvir o barulho de sua mão encontrando com a face de Daniele. Foi tão enérgica que o anel que usava cortou a boca da outra. Bateu as mãos na própria roupa, como se quisesse limpar e disse:

- Não sou mulher de ameaças!

- Pelo amor de Deus... Chega de brigas! – Matilde, a governanta implorou. – Vocês estão precisando e de uma benzeção nessa casa. Credo em cruz!

- Matilde tem razão... – Dona Antônia tentava acalmar os ânimos. – Filipo, Leva a Daniele para casa, pelo amor de Deus.

Daniele já não estava passando pela garganta de Vitória desde o momento que Fernanda lhe contou sobre seu caso com Filipo. A agressão a Valentine foi a gota d'água. Não foi à toa que lhe acertou três tapas. O primeiro por Valentine, o segundo por Fernanda e o terceiro pela ofensa que tinha acabado de ouvir. Ainda tinha faltado acertar um por Marcelo, mas esse ficaria aguardando uma próxima ocasião.

Controlar Daniele não foi uma tarefa fácil. Filipo teve que carregá-la a força para dentro de casa. A todo custo ela queria se soltar para tirar satisfações com Vitória que também não estava em seu momento de maior sensatez. A estudante apenas sentiu que voltava a respirar normalmente quando entrou em seu quarto e encostou a porta. Valentine deixou escapar uma risada.

- O que foi isso? – Perguntou a loirinha entre risos. – Eu estou acostumada com a "Vitórinha paz e amor"... - Vitória encarou Valentine, tinha pesado mesmo a mão contra Daniele. – O que deu em você? Nunca te vi agir assim...

- Meu lado italiano. Para os brasileiros não, mas na Itália, bastardo é um palavrão muito forte. – Respirou fundo. –

Senti uma revolta misturada com nojo e indignação... Ela fez muito mal em ir pra cima de você... E mais mal ainda em ter sacaneado com a Fernanda. Mordeu a mão de quem estendeu para ajudá-la. Junto com aquele crápula, fez ela sofrer... Fez a Bia sofrer! Eu só não dei uma surra naquela mulher porque estávamos na frente dos filhos dela.

Valentine fez um gesto afirmativo.

- Esses tapas, a Dani mereceu mesmo. Errado foi o escroto do seu tio em expô-la daquele jeito, mas trair amizade assim é foda...

- Você acredita mesmo nisso do tio Marcelo? Ele parecia tão mudado.

- Quem mais faria isso? – Valentine perguntou. – Vem cá, amanhã a gente vai procurar um hotel? Porque... Sem clima nenhum para continuar aqui, né?

Vitória se acomodou na cama e por fim fez um gesto negativo.

- Eu pensei... É melhor a gente ter o inimigo por perto.

- Como assim?

- Em um hotel eu não vou ter como vigiar os passos do meu tio com essa biscateira... Esse filho de uma puta vai pagar por tudo que ele fez a Fernanda e aos meus pais. Se a Dani recebeu o castigo, ele tem que receber um maior. Eu cheguei aqui com o propósito de tirar essa história a limpo. Agora que eu já tirei e sei que ele é mesmo meu pai, eu tenho um novo propósito. Não vou sossegar enquanto não ver o fim desse cara...

O tom usado por Vitória era preocupante. Até Valentine que adorava ver o circo pegando fogo não enxergou aquilo com bons olhos.

- Aí, Vitória, não é melhor você deixar pra lá? – A loirinha fitou Valentine. Era impossível simplesmente deixar para lá. – Quer dizer, me expressei mal... Mas esse cara vai ser punido por uma série de coisas, você mesma disse. Simplesmente esquece ele... Pega a Fernanda, conta a verdade e caí fora dessa. Vocês podem começar uma vida nova em Paris, sem Filipo, Dani e essa merda toda. Ela é jornalista formada, não é? – Vitória confirmou. – Então, eu mesmo posso ver, na revista, algo para ela fazer...

A loirinha sorriu um tanto emocionada. Valentine era mesmo uma boa amiga. Apesar de inicialmente enxergar Fernanda como sua rival, superava aquilo e até se prontificava em ajuda-la. Seria mesmo um bom plano, mas infelizmente não poderia concebê-lo.

- Eu me conheço, Vale. Se eu pudesse superar isso assim... – Fez uma pausa. – O cara estuprou minha mãe... Pelo que o detetive falou, foi o culpado pela morte da mãe da Bia... Fez a vida da Fernanda um inferno, ajudou a acabar com a vida dos dois irmãos. Se ele for condenado só por dinheiro, logo ele sai e está pronto para fazer mais inferno. Se eu tiver meio centímetro de chance de acabar com ele, eu acabo.

Apesar de assustada, Valentine compreendia os motivos de Vitória. Não cabia a ela julgar a amiga. Apenas lhe fez um pedido.

- Só faz um favor... Não troca sua felicidade pela derrota dele. Isso não vale a pena. – Carinhosamente deu um beijo na testa da loira. – Não esquece disso.

(...)

Vitória apenas saiu de seu quarto quase duas horas depois de toda a movimentação por conta de Daniele e Marcelo. Os ânimos pareciam bem mais amenos. Leandro até veio lhe perguntar se poderia pôr a mesa para o jantar.

- Eu não faço questão... Melhor perguntar a minha avó.

- Ela saiu acompanhada de seu avô.

- Saíram?

- Sim. Assim como o doutor Marcelo com os filhos.

- Achei que depois de tudo a Dani ia embora e levar as crianças.

- Ela não teve condições de ir. Como estava muito nervosa, a dona Antônia chamou um médico e ele lhe passou um sedativo. Ela dormiu. O doutor Filipo também resolveu descansar, por causa das recomendações médicas.

- Ele também passou pelo médico?

- Sim. Ele estava com um pouco de dor no peito.

- Entendi. A Fernanda não chegou?

- Ainda não.

- Está certo. Não precisa colocar mesa não, se quiser Leandro, pode jantar, eu me viro.

- Está certo, com licença.

No fundo, Vitória agradeceu aos céus de todos estarem indisponíveis para o jantar. Não estava disposta a conversar

com ninguém daquela casa que não fosse Valentine ou Fernanda. A primeira resolveu sair com uma amiga que Vitória não conhecia para espairecer e a segunda ainda não havia chegado. Se acomodou no sofá e abriu o aplicativo para pedir um delivery, mas nem foi preciso. Um delicioso cheiro de molho de tomate fresco invadiu completamente a sala. Olhou para trás e encontrou o motivo daquele aroma tão gostoso, uma travessa de vidro muito bem embalada era trazida por Fernanda que acabará de chegar da cantina de sua família.

Fernanda apenas saiu da casa do irmão depois do anoitecer. Não jantou, mas quis esperar a hora do jantar para verificar com os próprios olhos se Bianca andava se alimentando direito. Antes de ir para casa, decidiu passar em um empório e escolheu um vinho tinto para acompanhar o prato enviado pelo irmão. A verdade é que apenas passou no empório para fazer hora, andava tão indisposta de voltar para casa ultimamente. A saída de Bianca da mansão apenas piorou tudo. Ao chegar e ver Vitória sozinha, não conseguiu evitar um sorriso.

- Boa noite, sobrinha.

- Boa noite, amor... – Fernanda arregalou os olhos. – Estamos praticamente sozinhas, calma.

A loirinha se aproximou de Fernanda que a cumprimentou com um selinho rápido.

- Me ajuda aqui... O Guilherme fez questão que eu trouxesse lasanha, uma das especialidades da cantina... Uma delícia. Já jantaram?

- Ninguém jantou.

As duas se encaminharam até a cozinha. Deixaram a travessa sobre a mesa e a sacola com o vinho tinto também.

- Ninguém jantou, ninguém em casa... O que aconteceu? Ninguém comentou do vídeo?

- Tudo isso é repercussão do vídeo. Dani tentou esfaquear o Marcelo, Valentine se meteu no meio dos dois, ela bateu na Valentine e eu dei um corretivo nela.

Fernanda quase caiu para trás. Tudo isso em tão poucas horas? Não parecia acreditar nas palavras da loirinha.

- Como assim, Vitória? Você deu um corretivo na Dani?

- Não como eu queria... Mas eu dei três tapas nela. – A corretora arregalou os olhos completamente pasmada. – Qual é, Fer? Ela traiu sua amizade, te fez sofrer pra cacete, acabou com a cabeça do meu tio, agrediu minha melhor amiga e ainda me chamou de bastardinha de merda. – Fernanda fez uma careta, era filha de pai italiano, sabia bem que chamar um italiano de bastardo equivalia a uma ofensa grave. - Mereceu! Não sou feita de ferro não.

Fernanda ainda se sentia embasbacada.

- Eu só não entendi... – Fernanda abriu um sorriso tímido, era contra qualquer tipo de violência, mas Daniele havia aprontado muito mesmo. - Como tudo isso aconteceu?

- Eu vou te explicar enquanto jantamos.

A mulher mais velha se espreguiçou primeiro.

- Precisava de um banho primeiro. Filipo está em casa?

- Dormindo no quarto. O médico veio aqui e atendeu ele e a Daniele, passou um sedativo a ela e recomendou repouso a ele.

- Repouso? Ele voltou a sentir as dores no peito?

- Você sabia disso? – Vitória questionou. - Ele tem algum problema de saúde?

- Até provar o contrário não, mas não se cuida, acha que a idade só chegou para os outros, quer beber feito um louco, não larga o cigarro por nada... Dê uns meses pra cá, volta e meia reclama dessas dores, marquei cardiologista duas vezes e ele não foi.

Vitória riu.

- É porque ele é sem coração...

- Vitória!

- Brincadeira! – A garota disse. – Se eu fosse você, ficava na sua... Ele está dormindo.

Fernanda deu graças a Deus que o marido estava dormindo.

- Posso tomar banho no seu quarto? Aí você me explica tudo.

Vitória sorriu. Naquelas condições adoraria dar uma explicação detalhada a corretora de imóveis. Faria até o “sacrifício” de acompanhá-la no banho. Concordou na hora.

(...)

Valentine chegou no restaurante marcado com a “amiga” na hora exata. Desceu do táxi logo após acertar a corrida com o motorista, assim que colocou os pés na calçada, avistou sua “amiga” sentada em uma mesa na área externa do restaurante com seus dois filhos. Mário logo correu ao seu encontro.

- Tia Valentine, tá tudo bem com a mamãe?

Emílio veio logo atrás.

- Minha mãe está melhor? Você está com raiva dela?

Valentine sorriu para os dois. Tinha dó dos garotos, não tinham culpa de quem eram filhos. Nem pareciam ter saído de Daniele. Só não podia dizer que também não pareciam filhos de Marcelo porque os meninos eram miniaturas do pai. Agachou-se para ficar da altura deles e fez um carinho no rosto dos meninos.

- Olha, quando eu saí de casa, o Leandro falou que a mãe de vocês estava dormindo. O médico deu um remedinho para ela e ela deve dormir por um bom tempo, mas não aconteceu nada de grave.

A “amiga” de Valentine se levantou da cadeira e veio de encontro a ela e aos garotos.

- Emílio, Mário, vocês vão assustar a Vale... – Marcelo disse. – Ela mal saiu do carro e vocês já vieram metralhando a coitada com perguntas. Deixa a menina respirar...

- A Vale disse que a mamãe está dormindo. – Mário comentou preocupado. – Ela não vai acordar nunca mais?

- Claro que vai... O médico só receitou um sedativo porque ela ficou muito nervosa, mas vai ficar tudo bem... – Marcelo garantiu aos filhos. – Faz o seguinte, porque vocês não brincam um pouco lá dentro enquanto a batata frita não chega? O papai e a Vale precisam ter uma conversa de adulto.

Emílio encarou os dois com um olhar desconfiado.

- Vocês estão namorando, não estão?

Marcelo e Valentine se encararam, ambos sem saber onde enfiar a cara. Criança parece que tem um sexto sentido, pergunta cada coisa.

- Não. – Marcelo disse. – A Valentine é só amiga do papai. – Aproximou-se de Emílio e disse em um sussurrou. – Seu irmão está muito preocupado com a sua mãe... Vai lá dentro com ele, brinca um pouco para ver se ele esquece dessa história e distraí... Você já é um homenzinho, a gente não pode deixar ele preocupado. – Deu uma piscadinha cúmplice ao filho mais velho.

- Ajuda o papai com isso? – Emílio fez um gesto de acordo e ganhou um beijo carinhoso no alto da cabeça. – Moleque de ouro! – Á Mário. – Dá um beijo no pai também. – O menino obedeceu. – Isso! Agora vai com seu irmão e daqui a pouco vocês vem comer.

Os dois correram para a área interna do estabelecimento. Depois de toda a confusão, Marcelo julgou ser mais sensato afastar os meninos de todo o cenário da briga e levou os filhos para jantar fora. Além do salão ainda havia os banheiros e uma área kids enorme, para que os filhos dos clientes usufruíssem enquanto os pedidos não chegavam. Até vídeo game havia no local. Como não era a primeira vez que Marcelo levava os meninos ali, eles acharam a área de brinquedos sem problemas. Marcelo puxou uma cadeira para Valentine se acomodar, ela resistiu.

- Por favor, Vale...

- Você mentiu para mim na mensagem. – Valentine acusou. - Disse que estava precisando de ajuda com as crianças e não tinha mais a quem pedir. Só vim por causa deles e os meninos estão ótimos.

- Eu não menti... Eles estão preocupados com a mãe. Você acabou de ver.

- Que vai estar ótima quando acordar. – Valentine disse. – Marcelo, não temos o que conversar. O que foi dito, já foi dito naquele quarto de hotel.

- Não foi. Não foi porque você não acreditou na verdade! – Valentine ergueu os olhos visivelmente irritada. – Aquela filmadora estava no meu quarto com outro intuito, já te expliquei... Eu joguei o pen drive na piscina, apaguei do meu celular, mandei meu note para formatar. Só o menino que está formatando meu computador teve acesso a ele e mesmo assim o vídeo não existia mais porque eu apaguei do computador e esvaziei a lixeira. Só mandei formatar para limpar qualquer resquício do HD. Ele só conseguiria alguma coisa se baixasse um programa especial e suasse sangue para recuperar o arquivo inteiro do HD oculto. Se recuperar o sistema do computador acho que dá para ver até o horário que eu apaguei o vídeo. Eu posso fazer isso para provar que estou dizendo a verdade.

- E como você sabe de tudo isso?

- Eu gosto de informática, sempre gostei... Antes de me formar em administração fiz Ciência da Computação, mas desisti porque tem que se dedicar muito.

Valentine fez um gesto afirmativo.

- Então você está me dizendo que tem conhecimento suficiente para postar um vídeo e apagar qualquer tipo de rastro?

- Não! – Marcelo reagiu. – Você não quer entender!

- Eu queria... Eu juro que queria porque para mim é enlouquecedor pensar que esse cara que eu vi agora com jogo de cintura com os filhos, amoroso, que passou uma noite maravilhosa comigo é o mesmo cara que foi capaz de expor a mãe dos filhos daquele jeito. Já é abominável um cara postar um vídeo expondo uma pessoa daquela maneira, mas o que você fez foi ainda pior. É coisa de psicopata!

Marcelo fez um gesto negativo.

- Você está falando isso dá boca para fora. – Os olhos azuis procuraram pelos de Valentine. – Vale, você sabe que é dá boca para fora, você no fundo sabe que não fui eu... Se você acreditasse na minha culpa, você não se arriscaria como fez hoje. Ela podia ter matado você...

Valentine baixou os olhos.

- Instinto... Mal ou bem você é pai dessas crianças. Não queria que eles vissem a mãe esfaqueando o pai. Qualquer um faria o que eu fiz. – Olhou para ele. – Nada mudou entre a gente, Marcelo. E essa foi nossa última conversa... – Ele tentou segurar seu braço e ela se afastou. – Manda um beijo para as crianças.

(...)

- A força, dona Antônia? - Evaldo questionou. - Isso não vai dar certo, eu acredito que é muito arriscado.

- A força é uma palavra um tanto... - Antônia pensou por instante. - Inadequada.

Doutor Evaldo era um antigo conhecido dos Vaccara. Formado há mais de quarenta anos em medicina, com especialidade em psiquiatria, ele conhecia a família quase inteira, especialmente Marcelo, seu paciente há algum tempo. Evaldo possuía uma clínica particular para tratamento de dependentes químicos localizada no interior do estado e Marcelo já havia sido internado algumas vezes nesse local. O psiquiatra já sabia, quando Antônia e Francesco apareciam, era sinal de problemas.

Não ficou surpreso quando dona Antônia o convidou para uma xícara de café naquela tarde de domingo. A sex tape protagonizada por Marcelo e Daniele já havia chegado ao seu alcance. Imaginou que seu ex-paciente teve uma recaída e voltaria a precisar de seus serviços. Agora a proposta que Antônia lhe fazia era inimaginável.

- Inadequada? Dona Antônia, isso é um absurdo! Eu não posso dopar seu filho e internar o Marcelo a força.

- O Marcelo não precisa de internação. - Francesco reagiu. - Eu conheço meu filho. Ele não cheirou aquelas porcarias. Acho que nem anda bebendo. O Marcelo me explicou sobre o vídeo. Não foi ele que colocou isso na internet.

- Ele te fez de tonto, como sempre fez! - Antônia estourou com o marido. - Por sua culpa ele ficou desse jeito! Você não tem firmeza! - A Evaldo. - Uma pessoa que coloca uma filmadora no próprio quarto e filma uma cena daquelas e em seguida coloca na internet, essa pessoa está em suas melhores condições para tomar uma decisão? É visível que o Marcelo está perturbado, precisa de tratamento!

- Ele pode me procurar amanhã no consultório, atenderei ele com o maior prazer. - Evaldo disse. - Mas eu não quero participar disso! Já seria errado interná-lo sem consentimento ele se drogando, ele estando limpo é praticamente um sequestro!

Antônia não aceitava de forma alguma os argumentos do marido e de Evaldo.

- Eu estou protegendo o meu filho. Amanhã a Daniele vai acordar enlouquecida, com certeza vai querer dar queixa... Será um escândalo. - Fez uma pausa. - Não seria por muito tempo, apenas até a festa de lançamento da nossa nova coleção de joias que ocorrerá na semana que vem. Nossa assessoria de imprensa e jurídica já está fazendo planos para contornar a mídia e o caso já é bem difícil. Um atestado de insanidade daria menos impacto do que um processo.

- Não foi o Marcelo, *cazzo*! - Francesco insistia. Estava tão nervoso que até misturava sua língua mãe com o português. - É uma crueldade com *nostro ragazzo!*

- Eu não posso concordar com isso. - Evaldo se levantou da mesa que dividiam. - Com todo o respeito a amizade que tenho pela senhora e por sua família, dona Antônia, nossa conversa se encerra aqui.

O médico chegou a dar alguns passos. Antônia não se deu por vencida.

- Como vai a manicure, Evaldo?

O médico gelou ao ouvir as palavras manicure. Evaldo tinha um casamento de mais de trinta anos com sua esposa Elizabeth. Tinha filhos e netos. Paralelo ao casamento, o médico possuía um relacionamento amoroso com uma modesta manicure chamada Leide. Desse romance nasceram um casal de gêmeos que já iam completar doze anos de idade. Antônia soube de seu relacionamento clandestino por mero acaso. Leide lhe atendia a domicílio. Certo dia trouxe as crianças, pois não tinha com quem as deixar e, por coincidência, Evaldo apareceu para uma breve visita no mesmo dia.

Ao ver o médico, Antônia percebeu um certo desconforto da manicure, esmiuçou aqui e ali até chegar na verdade. Contou sua descoberta apenas a Francesco e guardou a história para si. Antônia tinha impressão que ela poderia ser de grande valor no futuro. E agora o momento havia chegado.

- Antônia! O que é isso? – Francesco cobrou. – Enlouqueceu?
- Quieto, Francesco. É pelo bem do *Tchelo*.

- Dona Antônia... - Evaldo tentou ponderar. - Eu não sei o que a senhora está dizendo...
- Sabe sim. Claro que sabe. - Antônia afirmou. - Eu tenho o nome da manicure, dos seus filhos, até o endereço que eles vivem. Em uma tarde a Elizabeth resolve essa equação.
- Dona Antônia, aja com sensatez, por favor. A senhora vai acabar com meu casamento. Meu filho está noivo, vai casar daqui há algumas semanas. Eu vou estragar tudo.
- Então não estrague. - Antônia refez a proposta. - Guarde o Marcelo até o final da semana que vem, depois da festa do lançamento da nova coleção, a gente resolve o problema dele. Não estou pedindo mais que duas semanas suas. Muito mais fácil do que lidar com um fim de um longo casamento.

Evaldo, sem saída, fez um gesto afirmativo.

- Tá certo. Eu não recomendo, mas se é assim... Isso tem que ser feito hoje de madrugada. Durante a semana vai chamar a atenção. Eu vou instruir como vamos fazer.

De madrugada era excelente para Antônia. Assim, quando Daniele acordasse, não encontraria mais Marcelo. Pediria para que Filipo conversasse com a ex-mulher do irmão e pedisse para ela não levar a história adiante.

- De madrugada está ótimo.

Apesar do acordo selado, Francesco ainda estava insatisfeito. Na rua, já a caminho de casa, tentava dissuadir a esposa de seu plano.

- Deixa o Marcelo em paz. Vai só piorar a cabeça do menino!
- O Marcelo é assim porque você não soube educar. É frouxo com ele. E o Miguel segue o mesmo caminho com a Vitória. - E o acusou. - Se dependesse de você, nossa família não estaria de pé.

(...)

A última pessoa a chegar na casa dos Vaccara foi Valentine. Após o breve encontro com Marcelo, ela decidiu dar uma volta pela cidade. Queria se distrair e esquecer um pouco dos problemas. Por sorte recebeu um convite para sair. Bianca lhe mandou uma mensagem chamando-a para um pagode.

Rodas de samba não eram muito sua praia, mas resolveu aceitar. Acabou até gostando do passeio e ficando com uma diretora de arte que conheceu naquela mesma noite, mas não passou dos beijos. A publicitária até queria algo a mais, mas a francesinha fugiu das investidas.

- Vale, me procura antes de você viajar... Eu vou adorar te rever.

Entregou um cartão de contatos. Acima havia seu nome, Clara Gurjão, e abaixo seus números de telefone e redes sociais. Valentine guardou o cartão no bolso de sua túnica.

- Obrigada! A noite foi ótima.
- Você ficou com meus números. A sorte está na sua mão.

As duas abriram um sorriso, iam se aproximar para um último beijo quando foram interrompidas por um facho de luz tão forte que chegou a doer os olhos. Logo entenderam do que se tratava, uma ambulância. Com a sirene desligada e a luz alta, o veículo saia do condomínio onde se localizava a mansão dos Vaccara. Valentine apertou os olhos e até conseguiu ler o nome gravado na ambulância: Clínica São Mateus.

- Cada ganso que aparece. - Valentine comentou sem esconder seu aborrecimento. – Ao invés de ligar a sirene, anda com esse canhão de luz aceso quase cegando a gente!
- São Paulo está cheio deles. - Clara lamentou. - Mas onde a gente parou mesmo?

Valentine logo teve seus lábios cobertos pela outra mulher. Clara ainda tentou estender o beijo, mas a ruivinha tratou de encerrar o assunto entre as duas. Desceu do carro e se despediu da publicitária com um aceno. Abriu a casa com a cópia das chaves que Vitória havia lhe fornecido. Passou na cozinha, bebeu água e comeu um pedaço de maçã. Jogou o caroço no lixo que estava semivazio. Apenas havia papéis toalhas e uma seringa descartável.

Bebeu mais meio copo d'água e subiu. No andar de cima encontrou todos os quartos com as portas fechadas. Parou em frente ao de Marcelo. A luz estava acesa. Estaria ele acordado? Ensaiou batidas na porta, mas logo desistiu. Por mais difícil que fosse, o melhor a ser feito era fingir que Marcelo não estava ali. Existiam pessoas mais interessantes pelo mundo. Clara era um exemplo disso. Era mais velha, inteligente, bonita, madura, bem resolvida. Não encontrou a mesma ligação com ela que tinha com Marcelo, mas era uma ótima distração. O melhor era esquecer Marcelo de vez.

(...)

Vitória sentiu um leve roçar em suas pernas e abriu os olhos. Se deparou com Fernanda, com as pernas enroscadas nas suas, tentando se desvencilhar cuidadosamente de seu corpo. Não obteve sucesso.

- Eu não queria te acordar. – Fernanda lamentou. Vitória aplicou um selinho em seus lábios e a corretora sorriu. - Bom dia, amor.

Ver Fernanda despertar sob raios solares fez Vitória acordar disposta.

- Bom dia. - A loirinha respondeu. Espreguiçou-se. - Segunda noite seguida que dormimos juntas.

Fernanda fez um gesto afirmativo.

- E isso não podia ter acontecido, né?

- A gente só dormiu. - A cozinheira complementou em um tom sapeca. - No banho fizemos coisas piores...

- Estou falando sério, menina... O Filipo está em casa. Um quarto de hóspedes e o da Bia vazio, eu ainda vou ter que me explicar porque eu vim dormir com você.

- Porque eu não consigo mais dormir sem você. - Vitória brincou enquanto aplicava beijos no pescoço e nas costas de Fernanda. - Você não deve explicações praquele idiota.

Os cabelos loiros foram acariciados pelas mãos de Fernanda.

- Eu ia adorar falar isso. - Deu um beijinho no ombro de Vitória. - E em breve eu vou poder falar, mas agora não dá. Eu prometi para o Renato que ia conseguir uns documentos importantes para colocar ele na cadeia... Se a gente brigar agora vai piorar a situação. - Carinhosamente beijou a loirinha. - Só um pouquinho de paciência, amor...

Vitória não esboçou nenhuma reação para fazer um pouco de mistério. Ao perceber que Fernanda estava aflita, fez um gesto afirmativo. A mulher mais velha cobriu seus lábios de beijos.

- Sabe o que a Vale me disse ontem? Que eu devia pegar você e me mandar para Paris... Esquecer que o tio Filipo e a Dani existem. Ela ofereceu até um trabalho pra você na revista que ela está trabalhando.

Embora aquele não fosse o tratado inicial das duas, Fernanda adorou saber que a loirinha falava em planos futuros com ela. Abriu um sorriso terno e fez uma pergunta.

- Você gosta de mim um pouquinho?
- O que você acha?
- Eu acho... - Fernanda mirou os olhos azuis. Sorriu e afirmou. - Eu te amo.

Vitória abriu um sorriso largo, apesar de sentir que seus sentimentos eram recíprocos, não esperava que Fernanda fosse se declarar assim, em um rompante. Foi uma ótima surpresa. Não se aguentou, tombou seu corpo sobre o de Fernanda e a beijou do jeito mais carinhoso que conhecia. Segurou o rosto da corretora com a mãos e aprofundou seus lábios entre os da mais velha, chamou a língua de sua amada para uma coreografia sensual que causava arrepios pelo corpo inteiro. Os lábios escaparam em direção ao ouvido de Fernanda e aproveitou para sussurrar.

- Eu também amo você. - Percebeu que a mulher sorria, aprofundou o beijo pelo pescoço, suas mãos se preparavam para se desfazer do roupão de Fernanda, mas a corretora segurou seus punhos e a fez choramingar. - Fer...

- Você está doida, é? Já é dia, vai e vem no corredor, vai que alguém escuta. - Vitória riu. Fernanda podia ser contida no dia-a-dia, mas quando as coisas esquentavam, ela não era exatamente silenciosa. - E eu preciso ir trabalhar... Acho que estou até atrasada. - Esticou a mão e pegou o celular. Arregalou os olhos. - Nossa! Eu estou quase meia hora atrasada. - Pulou da cama. - O Dudu vai me cozinhar viva se eu perder esse cliente!

E sem pensar, Fernanda entrou no banheiro já se despindo para tomar banho. Vitória foi até a porta do lavabo.

- Vai querer alguma roupa minha emprestada?

Fernanda tinha esquecido deste detalhe. No quarto de Vitória havia apenas seu roupão e a roupa que tinha usado no dia anterior que já estava no cesto de roupas sujas. Vitória era menor que ela, as roupas não cairiam bem.

- Faz um favor... Pega uma roupa no meu quarto?

Vitória colocou a primeira roupa que viu pela frente, a calça usada no dia anterior e uma regata preta. Entraram com tanta pressa no banho que a loirinha nem tirou o celular do bolso da calça. Saiu de seu quarto e se encaminhou ao quarto da tia que estava aberto. Deu três batidas e não obteve resposta. Julgou que Filipo havia saído. Atravessou o quarto e entrou no closet. Ouviu vozes e reconheceu o timbre de Filipo e de Daniele. Eles vinham do banheiro, por isso não escutaram suas batidas na

porta. Discutiam fortemente. Vitória agiu rápido. Fechou a porta do closet e deixou apenas uma fresta da largura de dois dedos para poder espiar. Pegou o celular, abriu a câmera, acionou o modo vídeo e começou a gravar.

- ESQUECE ESSA MERDA DE VÍDEO, DANI! - Filipo já estava trocado para sair, ajeitava sua gravata. - NÓS TEMOS PROBLEMAS DE VERDADE, PORRA!

- O desgraçado do seu irmão me expõe daquele jeito, todo mundo dizendo por aí que eu sou uma puta, que eu sou uma vagabunda... - Filipo riu, Daniele foi para cima dele, o executivo segurou seus punhos com força e a empurrou obrigando ela se sentar na poltrona ao lado da cama. - FILHO DA PUTA!

Em resposta, Filipo agarrou seus cabelos e puxou com força. Vitória conseguia pegar tudo com a câmera. Sentia-se completamente trêmula, tinha que fazer um esforço enorme para manter o celular na posição correta. Sua vontade era largar tudo e arrancar Filipo de cima de Daniele. Seus lábios estavam secos. Era angustiante ver aquela cena e ter que ficar quieta. Filipo tinha um e oitenta de altura, era uns vinte centímetros maior que Daniele. Ela se debatia na poltrona e ele puxava mais seu cabelo.

- Tá me machucando, me solta, me solta!

- Então cala a boca e me escuta! Esquece essa merda de vídeo, esquece do bosta do Marcelo, esquece tudo! - Grosseiramente segurou o rosto de Daniele. - Entende uma coisa! Se você quer se dar bem, tem que fazer sacrifícios! - Fez uma pausa. - Eu tive que vazar essa merda!

- Você teve que? Você vazou? - Daniele arqueou as sobrancelhas. - Não foi o Marcelo?

- Não. - Filipo explicou. – Eu criei um fake especialmente para isso. - E admitiu. - Fui eu que postei o vídeo.

(...)

- NÃO, NÃO! - Marcelo se debatia no braço de dois homens fortes vestidos de branco. - EU NÃO USEI NADA! ME SOLTA, ME SOLTA! - Seu corpo estava ensopado de suor, a garganta estava seca. Sentiu uma picada forte no braço esquerdo. Seu corpo tremeu todo como se a injeção que levou no braço fosse uma descarga elétrica. - NÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOO!

Sentiu os olhos rodopiarem, a cabeça girar e caiu. Abriu os olhos. Seu peito pulava alto. Precisou de alguns segundos para compreender que havia sido vítima de um pesadelo. Aos poucos, sua respiração voltava ao normal. O teto daquele lugar não era estranho, mas não parecia com seu quarto. Tentou se sentar, mas percebeu que seus movimentos estavam limitados. Apenas conseguia mover a cabeça. Olhou em volta. Estava usando apenas uma cueca branca. As mãos e os tornozelos estavam amarrados com faixas hospitalares nas grades da cama, essa também hospitalar. Começou a se bater desesperado. Já havia reconhecido o lugar: Clínica São Matheus.

-NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃO! NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOO! – Se debatia desesperado. – NÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOO!

CAPÍTULO 23

- Se a mamãe não acordar? – Emílio perguntou a Marcelo. – Você tem certeza que ela está bem?

- Claro que eu tenho. Filho, muitas vezes, quando a pessoa está muito nervosa, os médicos fazem isso. Eles passam um remedinho que faz a pessoa dormir por algumas horas e quando acorda, ela fica bem de novo. – Marcelo explicava pacientemente ao garoto enquanto o colocava para dormir. - Você soube do vídeo, não soube?

Sem graça, Emílio fez um gesto afirmativo. Por puro azar, foi o primeiro da casa que viu. Um colega de escola, mais velho, mandou *prints* da gravação zombando de sua cara. Não tinha ideia com que cara apareceria no colégio. Mário ainda era muito novo, mas ele já entendia um pouco o que acontecia. Se pudesse não voltaria mais a escola.

- Pois é... Foi muito chato tudo que aconteceu, ela ficou muito nervosa e triste. E com razão. – Fez uma pausa. – O que aconteceu foi muito errado.

- Se você acha isso... Por que você postou aquilo?

- Não postei, filho... – Marcelo garantiu. – O que aconteceu foi um engano. Eu achei que tinha alguém invadindo o meu quarto e coloquei as câmeras para gravar. A sua mãe entrou no quarto e a gente acabou... Acabou namorando. Eu esqueci das câmeras.

- Que nem no Big Brother, é?

Marcelo riu.

- É... Mais ou menos como o Big Brother. Só que quando eu vi que as câmeras pegaram a gente namorando, eu destruí as filmagens. A pessoa que deixou o vídeo vazar conseguiu o arquivo, não sei como. – Fez uma pausa. – Sua mãe e eu não estamos nos entendendo direito, mas eu não ia fazer isso com ela e nem com pessoa nenhuma. Porque isso é errado e é crime. – Emílio fez um gesto afirmativo. – Você é tão novinho e pegando cada coisa complicada... Você deve estar com a cabeça confusa, né?

- Um pouco. – Emílio admitiu e logo emendou. – Se você e a mamãe não se entendem mais, porque vocês estavam namorando no vídeo?

O pai do garoto coçou a cabeça, não era apenas Emílio que se sentia confuso. Respirou fundo, não podia deixar o menino sem resposta.

- Porque às vezes essas coisas acontecem... A nossa cabeça, o nosso coração entende uma coisa, mas o corpo é meio burro e não entende. Quando você for um pouco maior e gostar de uma menina, ou de sei lá... Um menino, você vai entender.

Emílio encarou Marcelo curioso.

- Você já namorou algum menino?

Ele negou com um gesto de cabeça.

- Não... Seu pai gosta de mulheres. Mas tem homens que gostam de meninos, tem mulheres que gostam de meninas e tem gente que gosta de pessoas, independente dela ser menino ou menina.

- Tô ligado. Minha prima Vitória gosta de meninas, né?

- Talvez até mais que eu. – Marcelo brincou e em seguida voltou a falar mais sério. – Ela gosta sim. E não tem nada demais nisso, as pessoas são diferentes. – Emílio se sentou na cama ao lado do pai e o abraçou surpreendendo Marcelo. – Que foi, cara?

- É legal pra caramba quando você tá assim, sem aquelas coisas. – Emílio disse se sentando no colo de Marcelo e enterrando a cabeça em seu peito. Emocionado, Marcelo o apertou nos braços com carinho. – Te amo, pai, mas não gosto quando você fica bêbado.

A mão de Emílio foi acolhida com carinho pela mão maior. Apesar de toda loucura que foi seu dia, fazia muito tempo que Marcelo não se sentia assim, em paz consigo. Simplesmente pleno. Enterrou o nariz sobre os cabelos castanhos do garoto e sentiu um leve cheiro de melão, provavelmente do shampoo infantil que os filhos utilizavam nos cabelos. Beijou o alto da testa de Emílio e silenciosamente fez mais uma vez a promessa de nunca mais ingerir bebidas e muito menos drogas.

Ele devia isso aos filhos. Se continuasse levando a vida que sempre levou era capaz de não estar junto deles quando precisassem de um pai. Daniele podia ter tirado sua vida se não fosse Valentine. Apesar da ruiva duvidar de suas palavras, não conseguia guardar ressentimentos, pelo contrário, seria eternamente grato a ela.

- O papai vacila com esse lance de bebida e daquelas outras coisas, né? – Sem graça, Emílio confirmou. – As coisas vão mudar e vamos ficar bem. Prometo! – Emílio o abraçou de novo. – Mas agora vamos dormir. Teu irmão está no décimo sono.

- O Mário é preguiçoso.

- E você não é, não? – Brincou fazendo cócegas na barriga do garoto que começou a se contorcer de rir e devolveu a brincadeira fazendo cosquinhas no pescoço do pai. Logo caíram no colchão exaustos.

- Aí, aí... – Emílio colocou a mão sobre o abdômen. – A barriga tá doendo de tanto rir. Mas até que foi legal...

- Tá certo, foi legal, mas você está me enrolando pra dormir...

- Eu não quero que chegue amanhã. – Confessou. – Não quero ir para escola.

Aquele era um assunto delicado demais para ser resolvido assim, de uma hora para outra. Marcelo precisava conversar com Daniele, quando a mesma se acalmasse, para resolverem como seria resolvido aquela pendência.

- Amanhã vocês não vão... A gente aproveita o dia e vai passear, tá bem? – Emílio abraçou Marcelo agradecido. – Mas isso não é rotina não. Não pode ficar faltando...

Após dar mais um beijo de boa noite em Emílio e ajeitar os edredons das crianças, Marcelo saiu do quarto. Tomou um susto ao encontrar Antônia no corredor.

- Mãe, o que a senhora está fazendo aí, parada?

- Filho, graças a Deus! – Antônia disse ao ver seu caçula. – Deus que te enviou aqui. Não estou me sentindo muito bem...

A expressão aliviada de Marcelo mudou para uma aflita.

- O que a senhora está sentindo? Quer que eu chame um médico?

- Não, não meu amor, é apenas a maldita da labirintite que atacou novamente. Eu me levantei para ir ao banheiro e senti a tontura. E adivinha, o remédio que sempre anda na minha bolsa, eu esqueci na cozinha.

- E a senhora ia descer a escada com tontura? – Marcelo disse em um tom de bronca. – Dona Antônia, a senhora quer quebrar uma perna ou um braço? – Antônia ia abrir a boca, mas Marcelo falou em cima. – A senhora volta para o quarto que eu vou até a cozinha e pego o remédio. Onde está?

- Eu deixe em cima da mesa.

- Tá certo. Já volto.

Marcelo desceu as escadarias sem saber que ia de encontro com seus algozes. Quando encontrou dona Antônia, ela já voltava da cozinha. Deixou a porta aberta para que dois enfermeiros da clínica São Matheus ficassem à espera de Marcelo. A segunda parte do plano era a mais fácil. Sabia que Marcelo não permitiria que ela descesse até a cozinha naquele estado.

Ao chegar na cozinha, Marcelo acendeu a luz e logo viu a cartela de remédios sobre a mesa. Guardou em seu bolso, pegou um copo d'água para levar a mãe e quando ia apagar a luz, sentiu uma mão grande fechar sobre seu braço. Um sujeito forte, careca, alto e gordo lhe segurou com dedos de aço. O susto foi tão grande que deixou o copo de vidro cair no chão e se espatifar em pedaços.

- Que é isso? Você é ladrão? – Assustado. - Vai assaltar a casa?

- Quieto aí, colega! – O careca lhe disse. – Ninguém quer te machucar.

- O cofre fica no escritório.

O careca sorriu.

- Não sou ladrão, não... – Apertou mais Marcelo que começou a se debater nervoso. – Não vai doer nada, é só uma picadinha!

Tudo foi rápido demais. Ao olhar de relance, Marcelo viu o segundo homem se aproximando com uma seringa, já preparada para aplicação, nas mãos. O sujeito da seringa era bem branco, tão alto quanto o careca e seus cabelos tinham cor de fogo. Marcelo tentou se desvencilhar dos dois, mas o careca fez um bom trabalho lhe segurando. O ruivo aplicou a injeção sem maiores problemas. Marcelo se debateu, em segundos sentiu algo atingir a nuca. Suas vistas viraram um borrão negro.

Como Marcelo relutava contra a medicação, o careca apelou para um golpe de judô para apagá-lo por alguns segundos. Dona Antônia repetiu milhares de vezes que a armadilha não poderia dar errado.

- O que você fez? – O ruivo perguntou preocupado. – Não pode acontecer nada com esse playboy...

- Ele nem vai se lembrar disso amanhã.

De fato, Marcelo não se lembrava como foi removido da casa até a ambulância. Sua última recordação da noite era a do ruivão se aproximando com a seringa. Só sabia que foi atingido por algo. Passado o efeito do tranquilizante, a nuca a começou a latejar.

Ao reconhecer a clínica de doutor Evaldo, Marcelo entendeu que seu pesadelo estava apenas iniciando. Logo compreendeu o que tinha acontecido. Sua internação tinha o consentimento da mãe. Antônia devia ter apelado para Evaldo burlar tantas regras.

Os berros de Marcelo davam para ser ouvidos no portão de entrada da clínica e logo surtiram efeito. Alguém abriu a porta de seu quarto e acendeu as luzes pouco preocupado se iria ferir as vistas do paciente. Marcelo reconheceu seu visitante. Era o ruivão. Pelo crachá de trabalho, Marcelo descobriu seu nome: Anísio. Tentou afrouxar suas amarras se debatendo, queria sair da cama e partir a cara do enfermeiro.

- EU VOU ESTOURAR A CARA DE VOCES E TODA ESSA MERDA, ME SOLTA! ME SOLTA!
- Calma, cara...
- EU VOU ESTOURAR A TUA CARA!
- CALMA, MOLEQUE! DA PRA OUVIR VOCE LÁ DA ENTRADA! – Marcelo se calou para recuperar o fôlego. – Melhor assim... – Fez uma pausa. – Não tenho autorização para te soltar agora... O doutor Evaldo vai chegar daqui a pouco e te avaliar...
- Eu estou limpo! LIMPO! O que vocês estão fazendo é contra lei. – Marcelo acusou enfurecido. – Eu vou meter um processo e fazer de tudo para fechar essa merda! E VOU GRITAR! ATÉ NO INFERNO VAO ME OUVIR!
- Você quem sabe, garotão... Se você não colaborar, eu vou ter que apelar para seringa de novo. Boto para dormir o dia inteiro... O que você prefere?

Marcelo preferia sair daquela cama e dar na cara dos enfermeiros, de Evaldo e quem mais fosse que o ajudou a prender ali, mas tinha que usar a cabeça. Amarrado não tinha muito o que fazer, dopado então, ficaria em uma situação pior. Conhecia Evaldo. Não era um homem agressivo. Provavelmente topou participar daquele circo forçado. Se apresentasse um bom comportamento, Evaldo relaxaria sua situação.

- Ele chega logo?
- Antes do almoço. – Anísio afirmou. Abriu um sorriso debochado. – Garotão esperto! Sabia que a gente ia se entender. – Deu uma tapinha amigável no ombro de Marcelo que quase o fuzilou. – Até daqui a pouco.

Antes de Anísio sair, apagou a luz deixando Marcelo e seus pensamentos no escuro. Ele ainda se debateu mais um pouco para afrouxar as amarras. Não obteve sucesso.

- Merda!

Tinha que arranjar logo um jeito de escapar dali. Evaldo era sua única esperança. O jeito era dançar conforme a música, por isso resolveu ficar calado. Se tudo desse certo, sairia daquela cama antes do almoço.

(...)

O escritório da mansão dos Vaccara, sem dúvida, era o espaço mais tranquilo para uma conversa íntima. Vitória elegeu ali o local perfeito para assistir o vídeo que tinha acabado de gravar em seu celular. Ainda estava em choque com tudo que tinha visto e principalmente ouvido no quarto de Fernanda. Apenas assistiu ao vídeo para ter certeza que a gravação saiu perfeita. Não precisava assistir de novo pois demoraria um bom tempo para esquecer o que viu ao vivo.

Após o término da exibição, mandou uma mensagem para Valentine pedindo que ela lhe encontrasse ali e viesse com seu notebook. Em poucos minutos a francesinha apareceu. Percebeu Vitória tensa.

- Que foi, criatura? – Valentine brincou. – Parece que você me chamou aqui pra desarmar uma bomba relógio.
- De certa forma... É! – Valentine a encarou confusa. – Você já vai entender. Abre o whats no computador. Vou te passar um vídeo.
- Espero que seja gemidão do zap, porque não aguento mais ver a Daniele e o Marcelo trepando. Não dá outra coisa net...
- É sério, Vale... Abre aí!

Valentine obedeceu às ordens da amiga. Em pouco tempo conectou o whatsapp no notebook e baixou o vídeo que Vitória enviou. Pegou emprestado o fone de ouvido da loirinha.

Assim que o vídeo abriu, Valentine reconheceu o casal que protagonizava a filmagem. Novamente Daniele, mas dessa vez estava vestida e seu companheiro de cena havia mudado. Era Filipo. A filmagem tinha menos qualidade que o vídeo da *sex tape*, mas o áudio perfeitamente estava perfeito Valentine acompanhava tudo.

- ESQUECE ESSA MERDA DE VÍDEO, DANI! - Filipo já estava trocado para sair, ajeitava sua gravata. - NÓS TEMOS PROBLEMAS DE VERDADE, PORRA!

- O desgraçado do seu irmão me expõe daquele jeito, todo mundo dizendo por aí que eu sou uma puta, que eu sou uma vagabunda... - Filipo riu, Daniele foi para cima dele, o executivo segurou seus punhos com força e a empurrou obrigando-a se sentar na poltrona ao lado da cama. - FILHO DA PUTA.

Em resposta, Filipo agarrou seus cabelos e puxou com força. Filipo tinha mais que um e oitenta de altura, era uns vinte centímetros maior que Daniele. Ela se debatia na poltrona e ele puxava mais seu cabelo. Era angustiante ver aquela filmagem.

- Tá me machucando, me solta, me solta!

- Então cala a boca e me escuta! Esquece essa merda de vídeo, esquece do bosta do Marcelo, esquece tudo! - Grosseiramente segurou o rosto de Daniele. - Entende uma coisa! Se você quer se dar bem, tem que fazer sacrifícios! - Fez uma pausa. - Eu tive que vazar essa merda!

- Você teve? Você vazou? - Daniele arqueou as sobrancelhas. - Não foi o Marcelo?

- Não. - Filipo explicou. - Criei um fake especialmente para isso. - E admitiu. - Fui eu que postei o vídeo!

Valentine pausou o vídeo. Vitória, que a observava assistindo tudo, sabia exatamente em que parte a outra paralisou a gravação. A expressão de susto misturada com desespero e choque de Valentine não deixava dúvidas. A loirinha quebrou o silêncio.

- Tio Marcelo não teve nada mesmo com isso.

Um container parecia ter despencado sobre a cabeça da outra garota. Um pequeno filme foi produzido pelo cérebro de Valentine. A discussão com Marcelo no quarto do hotel, depois no restaurante. Em momento algum estendeu o benefício da dúvida. E agora a verdade ali, transmitida bem na sua cara, da maneira mais cruel possível. Levou a mão na boca como se tivesse levado um golpe no rosto. Tinha perguntas a fazer.

- Como você conseguiu isso?

- Fernanda dormiu comigo no quarto, ela acordou atrasada, pediu para eu pegar alguma roupa no closet dela. – Vitória se explicou. – Eu bati na porta, como ninguém respondeu, achei que o verme já tinha saído. Entrei no quarto, ouvi a voz dele e da Dani no banheiro, eles estavam discutindo. Eu resolvi me esconder para tentar, sei lá... Ouvir alguma coisa. – Vitória relatava a Valentine e revia todos seus passos. – Eles foram para o quarto, eu fechei as portas de um modo que eu consegui pegar os dois sem eles me verem. Eu queria pegar alguma coisa que comprometesse eles e dei sorte.

A francesinha meneou a cabeça em um gesto de acordo.

- A Fernanda está sabendo disso? Vai entregar isso para a polícia?

- Não... Esperei a Fer sair pra assistir isso. E não adianta eu entregar isso para a polícia.

- Pode não ser uma gravação autorizada judicialmente, mas ele confessa que foi o autor da postagem... Não conta, pelo menos, como evidência?

Vitória fitou Valentine.

- Assiste tudo. Aí a gente conversa. Nossa bomba relógio é norte coreana!

Valentine seguiu mais uma vez as ordens da loira. Colocou novamente os fones de ouvido e deu player na filmagem caseira.

- Filho de uma puta, desgraçado, maldito, maldito! – Dessa vez Filipo não conseguiu controlar os impulsos agressivos de sua amante que lhe acertou uma saraivada de socos e arranhões. – VOCÊ ACABOU COM A MINHA... – Daniele levou um empurrão e caiu com as costas no colchão. Filipo pulou sobre seu corpo e tapou sua boca com a mão, Vitória conseguiu captar a imagem, perfeitamente, mesmo sem se mexer, pois o quarto de Fernanda havia um espelho enorme na parede que refletia a imagem dos dois na cama. Daniele não se dava por vencida, se debateu e conseguiu tirar Filipo de cima de seu corpo com uma mordida forte em seus dedos que o fez gritar e pular para fora da cama. – FILHO DE UMA PUTA!

- Sua vagabunda desgraçada! Você me machucou!

- E VOCÊ ACABOU COM A MINHA VIDA, VOCÊ... – Daniele começou a chorar. – Vou estar marcada para sempre. Você não podia ter feito isso. Como é que eu vou olhar para os meus filhos? Por que você fez isso?

Valentine, que nunca simpatizou com Daniele, teve dó da garota. Por mais que ela tivesse aprontado, ela e Marcelo foram vítimas em toda aquela história. Filipo tinha ido longe demais.

- O Marcelo ia fazer de qualquer jeito. Ele que fez a filmagem. Isso aí caiu literalmente do céu na minha mão. Eu estava tomando meu uísque no jardim, embaixo do guarda sol quando vi o Marcelo todo transtornado chegar perto da janela e atirar uma coisa. Ele não me viu, mas eu o vi. Estava completamente atordoado. Ele atirou o negócio pra ir na piscina, raspou no guarda sol e caiu praticamente nos meus pés. Era um pen driver com aquela pouca vergonha de vocês. – Fez uma pausa. – Por acaso você se lembrou de filho seu quando agiu feito uma vagabunda e meteu o pau do meu irmão na boca enquanto estava comigo? Você é imoral!

Em resposta Filipo ia levar um tapa no rosto, mas ele agiu mais rápido e segurou o pulso de Daniele apertando com força.

- AAAAíí! – Daniele murmurou. Filipo largou seu braço. – Que moral você tem para cobrar alguma decência de alguém? – Daniele esfregava o pulso dolorido e continuava com as acusações. – Traí a mulher, roubou a família, seduziu a mulher do próprio irmão. – Filipo riu por conta do cinismo de Daniele. Ela parecia até acreditar em suas mentiras. De fato, Filipo tinha feito tudo isso, mas Daniele parecia esquecer que o acompanhou em tudo. – E ainda quer dar uma de bom moço!

- Você diz como se não tivesse se aproveitado de cada centavo que foi desviado da Vaccara! Como se não tivesse traído também aquele merda do seu marido! Como se eu tivesse te pegado a força! Não foi assim não... E você sabe... Olha para

mim, Daniele! – Ela não o obedeceu, Filipo, já de saco cheio, segurou seu rosto agressivamente, apertando as bochechas e obrigou a encará-lo. – Eu tô falando com você, olha para mim, porra! – A respiração dos dois estava muito agitada. – Você não é santa, você nunca foi, como eu também não fui! Eu tô enrolado até o pescoço por causa de uns favores que eu aceitei daquele nosso nobre colega, o deputado Navarro... Você lembrou de filho, por acaso, quando deixou eles aqui com a sua mãe e foi comigo até Brasília deitar na cama do Navarro para ele facilitar o meio campo pra gente? Quase pulou do avião direto para o colo do cara e ainda vem pousar de santa! Logo pra cima de mim?

Daniele, possessa de raiva, tentou agredir Filipo e mais uma vez foi jogada na cama. Filipo foi para cima dela, ainda agressivo, mas dessa vez em um tom diferente, sensual, o tesão falava mais alto que qualquer coisa. Daniele tentou escapar, mas com poucas investidas acabou cedendo ao seu desejo e beijou o cunhado com fome. Os dois tinham uma pegada forte, quase selvagem.

Valentine assistia a tudo assustada, o mesmo susto que Vitória havia tomado há alguns minutos. Não pela cena em si, mas pela capacidade de Daniele em superar tudo que tinha ouvido em tão pouco tempo. Vitória correu alguns minutos do vídeo e paralisou aonde lhe interessava, Filipo se levantava da cama atrás de suas roupas. Daniele continuava prostrada no colchão, cobria-se com lençóis.

- Dani, daqui a pouco entra alguém aí! Caí fora!

- Caí fora? – Daniele se perguntou. – Meu amor, a gente acabou... – Filipo arqueou os olhos aborrecido. – Filipo! Achei que a gente tinha se acertado, que foi?

- Dani, DR? Mais, porra?! Assim não dá. – Colocou a camisa. – Se eu soubesse que ia ser assim, continuava com a Fernanda... Pelo menos ela tem argumentação, tem capacidade para sustentar alguma coisa... Já você...

- Como é que? – Daniele se levantou enrolada no lençol e foi para frente de Filipo. – Depois de tudo que você me fez, depois de você ter postado o vídeo... Você tá me chamando de burra?

- Se você ainda tem dúvida, sinal que esperta, você não é... – Filipo disse. – Será que você não enxerga que eu fiz isso pensando na gente? Dani, enxerga um palmo na sua frente, pelo amor de Deus! Esse vídeo caiu literalmente do céu... O inútil do Marcelo deu pra gente um bilhete premiado. – Daniele o encarou sem entender. – Você vai esquecer de fazer escândalo, vai esquecer de Marcelo... Você vai viajar pra Argentina. Vai viajar porque está muito abalada com a repercussão do vídeo... Vai fazer uma longa viagem daqui a quinze dias. Eu vou resolver umas coisas que tenho que resolver aqui e vou ao seu encontro com o dinheiro que a gente tem e começamos a vida em outro lugar e acabou... A gente se livra de deputado, de Marcelo, de Fernanda, de polícia e acabou. Eu vou logo atrás de você e no mais tardar em um mês tudo acaba.

- Quinze dias? O que vai acontecer? – Daniele questionou.

- Tem a festa de lançamento da nova coleção da Vaccara. Minha mãe está organizando um desfile de joias, vai ter por volta de dez milhões em peças nesse evento. Logo após o desfile, essas joias ficaram em exposição. Nós vamos roubar essas pedras e cair fora.

- Você só pode estar ficando louco. Como é que a gente vai sair com dez milhões em joias do país?

- Eu não vou sair. Quem vai sair é você... Pela fronteira de carro. Você com essa cara de coitada, de pobre vão pensar que é sacoleira...

- Você me humilha tanto, me trata desse jeito, por que você acha que eu vou arriscar o meu pescoço? Eu não preciso fugir... Não estou sendo investigada por ninguém... O máximo que eu fiz foi falsificar a assinatura da Fernanda na procuração que você usou para passar os imóveis para frente. Qualquer delação eu sou perdoada e todo mundo vai se interessar pelo que eu tenho a dizer sobre o todo poderoso Filipo Vaccara.

- Você vai arriscar, não apenas o seu pescoço, mas o corpo inteiro... Você não entendeu o que acabou de acontecer aqui? – Se aproximou de Dani. – Eu tenho o seu corpo a hora que eu quiser... Não me olha com essa cara assim não, Dani... Você sabe que é verdade. Deixa de ser hipócrita. – Fez uma pausa. – Sabe porque eu não tenho meias palavras com você? Não me preocupo? Porque eu não preciso! Você, eu pago. – Colocou o terno. – Tenho que trabalhar... Troca os lençóis antes de sair. Te acho gostosinha, mas esse teu perfume vagabundo impregna até a alma. Você trabalha, pode comprar coisa melhor.

A câmera foi desligada por Vitória só depois que Daniele saiu do quarto, depois de chorar bastante. A loirinha teve que se segurar para não sair de seu esconderijo antes para consolar Daniele. Por mais errada que ela fosse, nenhuma mulher merecia ouvir o que ela tinha acabado de ouvir. Estarrecida, Valentine tirou os fones de ouvido.

- Que vontade de vomitar... – Foram as primeiras palavras da francesinha. – Como eu pude chamar o Marcelo de escroto com esse cara na minha frente?

- Qualquer condenação é pouca para ele.

Valentine fez um gesto de acordo.

- Eu nunca pensei que ia dizer isso, mas estou com pena da Dani.

- Eu disse que a bomba que a gente tinha era norte coreana. – Vitória falou. - Você acha que ela vai aceitar essa proposta de fugir com as joias?

- Claro que não, até porque esse vídeo vai ser entregue para polícia. – Não era exatamente a ideia que Vitória compartilhava. Valentine encarou a amiga e adivinhou no que passava por sua cabeça. – Vitória...

- Vale, até a festa ainda tem duas semanas. Ainda tem tempo pra gente pensar sobre.

- Pensar sobre o que criatura? Nesse vídeo eles inocentam a Fernanda, inocentam o Marcelo, falam o nome do deputado

e ainda planejam uma fuga do país com joias roubadas. Você está esperando o que? O Filipo confessar que estava pilotando o avião que acertou as torres gêmeas? Admitir que roubou a taça da copa de 70?

- Não quero agir por impulso.

- Tem horas que eu tenho certeza que seu registro de nascimento está errado e que você não é sagitariana. Como não quer agir por impulso? Tá esperando o que? Alguém roubar seu celular e apagar esse vídeo?

- Salvei na nuvem. Esse risco eu não corro. – Fez uma pausa. – Eu preciso falar com uma pessoa antes de fazer qualquer coisa.

- Só espero que você faça a coisa certa... – Fez uma pausa. – Eu também preciso falar com uma pessoa. Marcelo.

- Vale... – Vitória se preocupou. – Ninguém pode saber desse vídeo. Nem a Fernanda e muito menos o Marcelo. – E pediu. – Por favor...

- Eu não preciso contar como eu soube... Mas eu tenho que pedir perdão à ele. Essa culpa que eu estou sentindo não vai me deixar nem respirar.

A loirinha concordou com um gesto de cabeça afirmativo. Entendia a situação de Valentine. Após ouvir mil recomendações de Vitória, a garota subiu as escadarias rumo ao quarto de Marcelo. Voltou alguns minutos mais tarde, cabisbaixa.

- Marcelo sumiu.

- Acordou cedo e já se mandou?

- Não... Segundo a empregada, ele não dormiu em casa. Nem desfez a cama. – Valentine se explicou. – Embora tenha trazido os filhos ontem de madrugada.

Vitória arqueou as sobrancelhas.

- Que coisa estranha.

- Eu não acho não. – Valentine disse tristonha. – Marcelo tem aquele vício dele infeliz... Você tem problema, vai procurar o que te console, que no caso do Marcelo você sabe bem o que é, né?!

- Você acha que ele saiu pra beber ou se drogar?

- Infelizmente sim. E o pior, eu tenho grande contribuição com isso.

Valentine foi envolvida em um abraço amigo de Vitória.

- Daqui a pouco ele chega em casa. Eu tenho certeza que ele vai te entender... – E prometeu. – Eu vou te ajudar com isso.

(...)

Filipo chegou na Vaccara atrasado por conta de seu encontro com Daniele logo pela manhã. Não chegou nem a entrar em sua sala. Logo partiu para uma reunião com Francesco, Antônia e mais duas pessoas: Hernán, o organizador de festas que Antônia havia contratado para cuidar do desfile de joias que aconteceria em duas semanas e Marco, o chefe do setor de comunicação da Vaccara Joias .

- *Impossibile*, *imposible*, *unmöglich*, *omöjligt*, *impossible*! – Hernán desfilava toda a sorte de idiomas que conhecia para ser compreendido por Marco. Os dois discordavam sobre a data da festividade. Enquanto Hernan queria tempo para organizar melhor os detalhes e toda a logística do evento, Marco solicitava a antecipação para abafar o assunto do momento: o vazamento do vídeo de Daniele e Marcelo. – Deus precisou de seis dias para criar o mundo, porque eu, um reles mortal, devo me conformar com três dias para criar um evento desse tamanho? Eu já fechei data com fornecedor de bebida, de gelo, buffet, modelos. Não tem nenhuma criança aqui não. Não dá para antecipar! As joias, gente... Vai vir uma firma de segurança especializada para transportar as joias sem correr risco. Não posso colocar dez milhões de dólares nas mãos de qualquer um.

- A Vaccara tem seguranças particulares. – Marco argumentou. – Essa história do Marcelo e da mulher precisa morrer de vez.

- Quem vai acabar morrendo sou eu se você insistir nisso! – Hernán se exaltou bateu as mãos espalmadas sobre a mesa de mármore. A cena era até engraçada. Marco era um homem alto e forte, Hernán franzino, mas o primeiro parecia morrer de medo do segundo. – Não existe possibilidade de adiantar essa festa.

- Meninos mantenham a calma... – Antônia pediu. – Vamos trabalhar com as duas possibilidades. – Você, Marco, vai convocar a imprensa para uma coletiva e pensar em algo que o Filipo possa falar a eles para encerrar esse assunto.

- Eu? – Filipo se manifestou. – O problema foi com o Marcelo...

- Vocês vão fazer o que? Colocar um microfone na boca do Marcelo depois de internarem ele a força? – Francesco perguntou e em seguida lamentou. – Coitado do meu garoto, coitado! Nunca me senti tão...

- Menos pai, Marcelo não é nenhum inocente não. – Filipo disse. – Vacilou em ter gravado o vídeo. Não deve estar muito certo da cabeça.

- Claro que não! – Antônia concordou com o filho. – Se depender do seu pai, Marcelo faz capacho de todos nós. – Fez uma pausa. – Mas ele tem razão... O Marcelo não pode sonhar em aparecer para a imprensa. Para todos os efeitos ele está fazendo tratamento médico. E é nessa linha que você vai pensar, Marco. – Marco fez um gesto afirmativo. – O Filipo falou com a

Daniele. Ela não vai falar nada, não é, filho?

- Daniele está muito disposta a colaborar.

- Ótimo! – Antônia disse. – Pelo menos uma boa notícia. – A Hernán. – E você trabalhe para entregar tudo em cinco dias.

- Cinco? – Hernán se assustou. – Mas essa coletiva não é justamente...

- Esse é um plano B, Hernán. Caso algo dê errado, a gente antecipa a festa. Gaste o dinheiro que for. Por dinheiro as pessoas fazem tudo.

- Mas não é essa a questão, dona Antônia. A firma especializada em segurança...

- Qualquer coisa utilizamos gente de casa. Os seguranças mais antigos. Não podemos ficar reféns de datas.

Após essa reunião, Filipo ainda teve alguns compromissos e quando viu as horas já passavam. Quase duas da tarde e nem havia almoçado. A secretária veio lhe perguntar se queria que pedisse algo especial, mas ele não aceitou.

- Vou almoçar em casa, aproveito e tomo um banho. Calor insuportável dessa cidade.

O prédio onde se localizava o escritório da Vaccara não ficava muito longe da mansão. Filipo levou menos de meia hora para chegar em casa. Leandro ia retirar a mesa quando o patrão chegou em casa.

- O que temos de almoço?

- Salmão ao molho teriyaki e salada de folhas, senhor.

- Ótimo. Me sirva o salmão com um suco de abacaxi com bastante gelo. – Percebeu a mesa vazia. – Não tem ninguém em casa?

- A dona Daniele foi para a casa da mãe dela com as crianças. Doutor Marcelo ainda não apareceu. Sua sobrinha e a senhorita Valentine saíram.

- A Fernanda, cadê?

- Ela deve almoçar na rua.

Filipo bufou sem esconder sua irritação.

- Dois dias que a Fernanda não dorme em casa, também não aparece para almoçar... Tá levando vida de solteira.

- Desculpe, mas o senhor está enganado. Dona Fernanda dormiu aqui está noite.

- Leandro, nós dormimos no mesmo quarto. Eu teria notado.

- Acho que ela adormeceu no quarto da Vitória. – Filipo encarou o copeiro surpreso. – De manhã eu a vi saindo de lá...

- Tem certeza?

- Absoluta, doutor. Eu vou providenciar seu salmão.

O mordomo saiu da sala deixando Filipo as sós com suas dúvidas. O executivo se levantou e subiu até o quarto de Vitória. A porta não estava trancada. Abriu o quarto e encontrou tudo muito bem arrumado. Os empregados da casa deviam ter passado por lá. Olhou por cima da cama, abriu armários, o que procurava estava no banheiro. Peças usadas de Fernanda no cesto de roupas para lavar. Pegou a blusa e levou até o nariz. Sim, era o perfume de sua esposa. Leandro não estava errado.

(...)

- Doutor Filipo, desculpe a demora, mas... – Leandro entrou na sala de jantar com a bandeja nas mãos e encontrou apenas Michele, uma das faxineiras, passando pano na sala. – Onde ele está?

- Se está falando do doutor Filipo, já foi. – Michele completou. – E o homem não saiu daqui bom não, mais rápido que um raio e mais grosso que palha de aço. Xingando sei lá quem de tudo quanto é nome. Quase passou por cima de mim.

Leandro deixou a bandeja sobre a mesa. Não conseguiu esconder a preocupação que sentia. Apenas tentou defender Fernanda das críticas do patrão. Já estava arrependido. Michele mediu Leandro de cima abaixo.

- Nossa, Leandro! De preto você ficou cinza! Está pálido. Tá sentindo mal?

- Não, é só... É uma dor de cabeça, mas vai passar. Faz o seu aí e não esquenta comigo.

Michele apenas fez um gesto de acordo. Não gostava de esquentar com os problemas da casa, eles eram muitos e se fosse dar importância para cada um não sobraria tempo para fazer seu trabalho, que era o que de fato importava aos patrões.

(...)

- Então você contou toda a verdade para ela?

Fernanda fez um gesto afirmativo. Levou o garfo até a boca de Vitória e lhe entregou um pedaço da sua torta holandesa. A loirinha provou com entusiasmo.

- Ficou sujo aqui... – Fernanda disse limpando suavemente o canto dos lábios de Vitória que estavam manchados de

chocolate da cobertura do doce. – Falei a verdade para a Lígia... Sabe que eu simpatizei com ela, ela é uma pessoa muito solícita. Acabei fazendo amizade mesmo. – Vitória encarou Fernanda desconfiada. Tinha conhecido Lígia no Guarujá, na mesma noite que teve sua primeira vez com Fernanda. Lígia era casada com Thaís, uma mulher muito bonita, parecia ser uma pessoa muito doce e séria em relação ao casamento, mas nunca se sabe. Fernanda era uma pessoa bem interessante, bonita e as pessoas não eram cegas. A ideia de Lígia estar arrastando uma asa para Fernanda não pareceu tão absurda assim para a jovem. – Que foi?

- Não faz muito tempo que você e a Lígia se conhecem, né?
- Ela veio do Recife há pouco tempo. Tem poucos amigos na cidade.
- E uma das poucas amigas é você...

Fernanda riu da cara de Vitória que fechou o cenho. A corretora pegou mais um pedaço de torta com o garfo e sujou a boca de Vitória com chocolate fazendo a loira ceder e rir.

- Coisa mais fofa essa minha ciumentinha linda...
- Sou enciumada mesmo... – E completou batendo nós próprios braços. - *L'italiano è tutto buono, ma il sangue scorre nelle vene*. ***(Italiano é tudo gente boa, mas o sangue corre nas veias).***

Fernanda riu.

- Italianinha mais esquentada essa que fui arranjar... – Fernanda se divertiu. – Mas você não tem que se preocupar com a Lígia não... Eu procurei ela porque eu quero acabar com meu casamento logo. A Lígia é uma excelente advogada. Vara de família não é a área dela, mas ela me deu um parecer sobre tudo que eu tenho que fazer para dar entrada nos papéis do divórcio o mais rápido possível. – E alertou Vitória. – Ela acredita que o Filipo possa engrossar para uma separação não amigável.

Vitória também imaginava isso. Por mais que não amasse Fernanda, Filipo era prepotente e orgulhoso o bastante para não dar a separação por mero capricho.

- Eu também acho... Você tem que tomar muito cuidado com ele.
- A Lígia acha que, por mais que ele não concorde com a separação, eu devo sair de casa o mais rápido possível. Ela acredita que se ele foi violento com a Bia, ele pode ser comigo também.
- Então a Lígia e eu temos a mesma opinião. O Filipo é perigoso. Um gás vazando, qualquer faísca que seja pode fazer um estrago grande.
- Eu encontrei um apartamento para alugar. É perto do emprego, pequeno e aconchegante. Está ótimo para mim e para a Bia. Só que o prédio é novo. Ainda vão ligar a luz e a água daqui dez, quinze dias no máximo. Vou ficar nele até aparecer algum que me interesse. Eu tenho imóveis em comunhão com o Filipo, mas eu prefiro que fique tudo com ele. Quero me afastar de qualquer coisa que envolva o Filipo.
- Mas você tem direito. Não se casaram em comunhão de bens?
- A minha paz não tem preço. – Segurou na mão de Vitória com carinho. – Só quero levar a minha vida numa boa com a minha filha.

As duas conversaram mais um pouco até que Fernanda se apressou em pedir a conta. Aquele era o horário de seu almoço. Quando Vitória apareceu no escritório a convidado para almoçarem juntas, Fernanda não resistiu e aceitou o convite. Primeiro porque queria a companhia da loirinha e depois porque precisava saber o que aconteceu com Vitória que sumiu quando foi buscar suas roupas.

Fernanda estava tão apressada que não esperou e recorreu as roupas que Bianca deixou em casa. Por sorte encontrou um vestido rosa que caiu como uma luva em seu corpo. Vitória inventou qualquer desculpa e não falou sobre o vídeo. Como já havia dito a Valentine, precisava pensar muito bem antes de exibir aquele vídeo. Após pagarem a conta, as duas saíram de mãos dadas do restaurante e caminharam assim por umas três quadras da Avenida Brigadeiro Faria Lima. Vez ou outra observavam alguma vitrine. Vitória viu uma lingerie exposta em uma casa especializada no assunto e sussurrou algo referente a peça nos ouvidos de Fernanda que caiu na gargalhada com os comentários.

- Menina, mas será que você só pensa nisso?
- E com você do meu lado tem como pensar em coisa melhor?

As duas trocaram um sorriso e Vitória não resistiu, roubou um beijo carinhoso dos lábios da mais velha. Fernanda acariciou seu rosto, mas o clima de paz entre as duas foi embora assim que se separaram. A primeira a notar o homem alto, de terno a sua frente foi Fernanda. Sua espinha gelou. Vitória teve uma reação parecida com a da corretora ao encarar o rosto conhecido à sua frente.

- Eu não acredito no que estou vendo... – O homem de terno disse as duas e em seguida cobrou rispidamente. - O que foi isso que acabei de ver?

(...)

- Eu vou te dar esse boi, mas não é para acostumar... – Anísio disse a Marcelo enquanto desamarrava seus pés. – Se tentar uma graça volta para coleira, garotão...

Nem se quisesse, Marcelo lutaria contra o sujeito. Além dele ser maior, Marcelo sentia seu corpo dolorido. Há horas estava com as mãos e pés esticados na mesma posição. As câimbras tomavam suas pernas. Arrastou-se até o banheiro com dificuldade.

Anísio apenas o liberou das amarras quando percebeu que Marcelo tinha urinado na cama. Tirou a única peça que usava, uma cueca suja e se enfiou embaixo do chuveiro com pressa. Deitou a cabeça para trás e bebeu água do chuveiro. Há horas implorava por um copo d'água e ninguém lhe atendia. Sua garganta estava seca. Ao sentir que a câimbra da perna passava, Marcelo firmou o pé no chão com mais força e sentiu a lajota que estava sob seu pé se quebrar em dois pedaços.

- Que merda é essa, garotão?

Marcelo afastou os cacos com o pé. Era uma espécie de fundo falso no chão. Com certeza esconderijo que algum ex interno usava para malocar algo. Rapidamente Marcelo puxou o tapete antiderrapante do box para esconder o estrago que havia feito.

- Deixei cair o sabonete. Quer pegar pra mim?
- Tá me convidando pra tomar banho? Saí fora, cara! Gosto é de mulher. Não demora!

Marcelo sorriu satisfeito. Era exatamente o que esperava ouvir. Anísio não entraria no banheiro, seu caminho estava livre para explorar sua descoberta. Afastou o tapete antiderrapante e enfiou a mão no buraco do chão. Retirou uma garrafa de plástico. Abriu o conteúdo. Cheirou. Álcool de limpeza. Inspirou mais forte.

O cheiro do álcool tinha o estranho efeito de calmante. Era convidativo. Percebeu que os lábios estavam trêmulos. As mãos também. A boca se encheu de água. Fechou os olhos. A água do chuveiro se misturava com suas lágrimas. Encostou a boca no gargalo da garrafa. Era só virar e pronto. Apenas precisava de um segundo de coragem. Respirou profundamente em busca do tal segundo.

CAPÍTULO 24

- Ôh, garotão! Não tenho o dia inteiro disponível!

A voz de Anísio puxou Marcelo para realidade. Mais um segundo e daria uma golada em álcool de limpeza. Chegaria ao fundo do poço de vez colocando sua vida em risco. Ainda nervoso, Marcelo pensou em despejar o álcool todo pelo ralo, mas desistiu. Sua cabeça começava a trabalhar em algo e o álcool seria uma peça importante. Não poderia desperdiça-lo assim.

Fechou a garrafa e voltou para o esconderijo que havia encontrado. Impaciente, Anísio colocou a cara na porta.

- Eu vou ter que te tirar aí de dentro a força, moleque?

Marcelo tomou uma última ducha e fechou o registro.

- Terminei já. Tem toalha aí?

Anísio riu e jogou uma peça branca e felpuda ao rapaz.

- Não vai se acostumando não com o hotel cinco estrelas. – Marcelo secou a cabeça, o peitoral e enrolou a toalha na cintura. – Hoje é teu dia de sorte. Doutor Evaldo chegou.

- Posso falar com ele?
- Não, ele está com pressa. – "Covarde", pensou Marcelo. Devia era estar fugindo dele. – Mas deixou ordem para te soltar. Se tentar uma graça... Já sabe. – E completou. – Tua mãe mandou umas roupas aí. Se troca logo que vão servir o almoço.

Marcelo esperou Anísio sair do quarto para se trocar. Terminava de colocar os tênis quando alguém bateu em sua porta dizendo que o almoço estava servido. O cardápio era simples, arroz, feijão, filé de frango e salada. Os internados faziam fila no refeitório. Marcelo olhou em volta à procura de alguém. Era normal encontrar conhecidos nesses lugares. Usuários vivem tendo recaídas.

Por sorte encontrou um rosto familiar. Se tratava de um rapaz branco, de cabelos escuros e muito magro. Seu nome também era Marcelo, mas todos o chamavam de Gaguinho. O jovem rapaz sofria de mais problemas graves, além do vício, Gaguinho tinha uma espécie de incapacidade mental leve e a família o abandonou. Doutor Evaldo o deixava ficar ali por mera misericórdia, Gaguinho não tinha nem como custear o próprio tratamento. Marcelo aproximou do rapaz e cumprimentaram-se com intimidade.

- Gaguinho, velho de guerra, e aí...
- Passaram de-de novo a chave em vo-você, Ma-Marcelo?
- É... Dei azar. Eu estou limpo.
- V-Você tá bem. – Gaguinho o mediu de cima abaixo. – Pi-pi-pisante ma-maneiro.

Marcelo observou os próprios tênis. Eram novos, ele tinha ganhado de Natal de Fernanda. Ela tinha bom gosto.

- Valeu.
- Fa-Fa-Faz rolo? – Gaguinho questionou. – E disse em um tom mais baixo. – E-E-Eu tenho meus corres.

Marcelo o fitou curioso.

- Do que você está falando? – Interessado. – Você consegue alguma coisa em troca para mim? – Gaguinho fez um gesto afirmativo. – Qualquer coisa?

Outro sim do rapaz.

- O-O-O que-que você qui-ser.
- Eu gosto muito desse tênis, mas tem uma coisa que você pode conseguir para mim... E em troca você fica com eles.
- O que-que você quer?

Marcelo olhou para os lados, ao perceber que não havia seguranças por perto, se aproximou do rapaz e cochichou a encomenda em seu ouvido. Gaguinho sorriu.

- Só i-isso?
- O mais rápido possível. Você acha que consegue?
- Fá-fá-fácil, fácil. Me encontra na bi-bli-bi-bli...bli...
- Biblioteca?

Gaguinho confirmou. Marcelo sorriu. Anísio tinha razão. Era seu dia de sorte.

(...)

- Irresponsável sim! – Miguel acusou a filha e ainda acrescentou. – Irresponsável e inconsequente! Você tem ideia onde está se metendo, Vitória Vaccara?

A conversa entre Miguel e Vitória logo após o flagrante não foi nada tranquila. O olhar de reprovação do cunhado fez Fernanda gelar, não sabia o que dizer a Miguel e mesmo assim não abriu mão de sair do lado da loirinha. Não achava justo deixar que Vitória lidasse com tudo sozinha. Primeiro Miguel tentou se afastar, mas depois de muita insistência de Vitória e Fernanda,

Miguel aceitou conversar com as duas. Os três se encaminharam até o escritório da corretora. Era muito mais tranquilo que a rua ou qualquer restaurante.

Assim que Fernanda fechou a porta, Vitória tentou se explicar e ouviu as palavras nada gentis do pai. A reação da loira não foi pacífica. Não gostou de ver Miguel tão agitado.

- Você está ficando louco, pai?!

-EU? EU?

- Gente, pelo amor de Deus. Vamos nos acalmar. – Fernanda pediu. Com as mãos fez um gesto para Vitória "baixar a bola". Puxou uma cadeira a Miguel e fez um sinal para ele se sentar. – Aqui ainda é meu ambiente de trabalho.

Ainda transtornado, Miguel se acomodou na cadeira, se desfez do blazer que usava e afrouxou o nó da gravata. Precisava de ar. Fernanda serviu um copo d'água gelado que Miguel tomou de uma vez. Soltou o ar acumulado nos pulmões.

- Melhor? – Fernanda perguntou.

Miguel olhou para Fernanda. Custava acreditar no que tinha acabado de ver.

- Fernanda, sempre te admirei. Achava você bacana, responsável, íntegra...

- Pai, ela continua sendo tudo isso. – Vitória disse. - E é minha namorada.

O executivo fez um gesto negativo.

- Isso é loucura de vocês. O Filipo nunca vai aceitar. – Miguel olhou para a cunhada. – Você conhece com quem é casada. Sabe muito bem qual será a reação dele.

A pior possível. Fernanda, Miguel e Vitória não tinham dúvidas disso. Os três conheciam Filipo muito bem. Mesmo não querendo nada com Fernanda, ele seria capaz de mover céus e terras apenas para atingir ela e Vitória quando soubesse do romance das duas.

O nervosismo de Miguel não era apenas pelo inusitado da situação, mas temia pela segurança da filha. Filipo não era de brincadeira. Fernanda também experimentava essa mesma insegurança. Seus anseios só não eram mais fortes que o sentimento que nutria pela jovem loira.

- Calma, Miguel...

- Calma? – Miguel perguntou nervoso. – Fernanda, você tem ideia o quanto...

- Miguel, eu ouvi as coisas que você tinha a dizer, entendo que você esteja assustado com tudo, mas deixa eu me explicar.

Vitória a interrompeu. Estava inconformada com a reação do pai.

- Fer, você não tem que explicar nada. Eu que dei em cima de você, eu que insisti, se tem alguém que tem culpa nisso, essa pessoa sou eu!

- Você é uma menina! – Miguel voltou com as acusações. – Inconsequente, mas é só uma menina...

Antes que eles voltassem a bater boca, Fernanda reagiu.

- CHEGA VOCES DOIS! – Pai e filha fitaram Fernanda um tanto chocados. Era difícil ver ela perder a paciência com alguém. – Quantas vezes eu tenho que lembrar que aqui é um ambiente de trabalho? O meu ambiente de trabalho! – E emendou com firmeza. – Não tem nenhuma criança aqui não, então vamos nos entender como adultos? – Silêncio dos dois lados, a corretora interpretou aquilo como um "sim". – Ótimo! – Respirou fundo. – Miguel, eu entendo a sua reação, a preocupação, como você é pai, eu sou mãe... E se fosse com a Bia...

- Nunca ia acontecer isso com a Bia porque eu não ia dar corda para essa loucura.

Fernanda fez um gesto negativo.

- Sabia que isso que você está fazendo é um grande desrespeito com os sentimentos da sua filha? – Vitória fez um sinal de acordo. – Eu sei que pode parecer estranho, que é complicado para você... Só que será que é impossível você fazer um esforço para tentar entender?

- Entender? – Miguel se perguntou. – Eu vou entender o que?

- Que a gente está feliz juntas, pai. Que a gente se curte...

- Eu não escolhi gostar da Vitória. Relutei bastante com os meus sentimentos, ela sabe disso, mas eu não consegui. O que eu posso fazer?

Miguel respirou fundo. Talvez não estivesse agindo da melhor maneira. Ia demorar para acostumar com aquela ideia.

- Vocês se gostam mesmo? – As duas fizeram gestos afirmativos. - E o Filipo nisso tudo? O que vocês pretendem?

Fernanda e Vitória se entreolharam. A corretora tratou de responder.

- Você é da família, frequenta nossa casa... Já deve ter notado que nosso casamento praticamente não existe mais. – Fez uma pausa. – Eu tenho algumas pendências, mas eu pretendo pedir o divórcio o mais rápido possível. Até estou procurando um apartamento aqui por perto.
- E o que o Filipo pode fazer com a minha filha?
- Pai, para de me tratar feito criança. – Vitória pediu. – Tá me fazendo passar vergonha.

Fernanda compreendia Miguel. Filipo era agressivo, não podia descartar a hipótese de ele tentar fazer algo. Sua esperança de ter paz ,após a separação, era a prisão de Filipo pelos crimes que havia cometido. Não podia falar a verdade a Miguel, primeiro porque tinha prometido a Renato que tomaria cuidado e depois porque Miguel e Filipo eram irmãos, seria uma insensibilidade sem tamanho. Optou por uma meia verdade.

- O Filipo não vai ser um problema para a Vitória. Eu não permitiria que ela corresse risco algum por minha causa.
- Pai, eu sei que é difícil, mas tenta entender o meu lado... O que eu sinto. A Fernanda sabe que o que eu sinto por ela. Não é uma coisa boba, não é só tesão, não é só desejo... Eu...

Vitoria foi interrompida pela entrada do esbaforido Dudu.

- Fernanda do céu, eu preciso de você urgentemente, aquele condomínio de Santana atrasou o prazo e os clientes tão comendo a minha alma e... – Só então olhou em volta e percebeu que Fernanda tinha visitas. – Desculpa, eu não sabia que tinha mais gente com você aqui. Tudo bem, Vitória?

Cumprimentou a loira com um beijo no rosto.

- Oi, Dudu.
- Dudu, esse é o Miguel, meu cunhado. Miguel, o Dudu, meu chefe e meu grande amigo.

Os dois apertaram as mãos e Dudu logo tratou de se desculpar.

- Eu não sabia que a Fernanda estava recebendo visitas. Desculpe pela intromissão. Geralmente eu bato na porta.

Fernanda prendeu o riso. Como Dudu era cara de pau, nunca batia na porta. Só estava fazendo charme a Miguel.

- Imagina, nós que atrapalhamos vocês aqui... Já estamos de saída, né, filha? – Miguel completou. – Nós tomamos tempo demais da Fernanda.
- Não querem mesmo um café? Eu mesmo que fiz. Meu café é delicioso...

Miguel sorriu.

- Obrigado, estamos satisfeitos. Vamos, Vitória?

Vitória fez um gesto de acordo a Miguel. Realmente tinham tomado tempo demais de Fernanda. Queria continuar aquela conversa com Miguel a sós. Dudu observou pai e filha saírem e apenas quando estavam a uma distância segura comentou com a amiga.

- Gente do céu, os homens dessa família podem não prestar, mas Deus caprichou, né? – Suspirou. – Oh, família de homens gostosos... O sangue é italiano, mas eu descobri de onde a Vitória puxou aquela bundinha arrebitada *Made in Brazil* dela.

Fernanda encarou Dudu.

- Se poupe e me poupe, por favor?! Tô com a cabeça explodindo. – E explicou. – O Miguel acabou de pegar a gente se beijando.

Dudu abriu a boca surpreso. Jurava que Miguel estava ali apenas para decidir algo referente ao apartamento que estava comprando para dar de presente a filha.

- Jura? Mas e aí?
- Ficou puto da vida. Falou um monte. – Dudu tentou segurar o riso, sem sucesso. Fernanda estava impaciente. – Qual é, Dudu?
- Delícia de sogro esse o seu... – Em resposta Fernanda enrolou uma folha de sulfite e usou como se fosse um bastão para dar nas pernas do amigo que ria ainda mais. Fernanda acabou rindo também. – Isso criatura, relaxa, faz um bem danado para a pele.

Fernanda se acomodou em uma das cadeiras do escritório. Dudu entregou um copo d'água em suas mãos. Deu um gole farto.

- Obrigada. Estava precisando. – Respirou fundo. O breve divertimento por conta das piadas de Dudu havia passado, voltava a se abater preocupada com o resultado daquela conversa que teve com o cunhado. – O Miguel é um doce de pessoa, compreensivo e agiu daquele jeito. Imagina o resto.

Dudu fez um carinho em seu braço.

- Calma, bebê, imagina o susto que ele levou. Eu não sou pai, mas você é mãe... Ele quer proteger a neném dele da sapata aliciadora de menores.

Fernanda arregalou os olhos assustada.

- Que horror, Dudu! – Fernanda reagiu. – Como você fala isso? Você sabe que as coisas não são assim. Quem vê acha que eu sou uma espécie de desiquilibrada... O Miguel sempre aceitou muito bem o fato da Vitória ser lésbica.

- Ser lésbica namorando meninas da idade dela, tudo bem, agora uma mulher mais velha e ainda tia? As pessoas são uns amores, mas elas têm os seus limites. Pré-conceitos. – Fernanda carregava um semblante de culpa no rosto. – Mas eu tenho uma boa notícia para te dar...

- Por favor, então dá que eu estou precisando.

- O tempo está ao nosso favor. Ele passa. – Fernanda sorriu. - As pessoas evoluem. A maioria das pessoas evoluem e elas deixam seus pré-conceitos de lado e a vida segue.

- Será que vai acontecer isso com o Miguel?

- Dá tempo ao tempo, amor. – Dudu aconselhou. – Tempo ao tempo que você obterá sua resposta. E agora vamos trabalhar que a gente tem um abacaxi enorme para descascar...

- Tá certo. – Fernanda respondeu. – Ao trabalho.

(...)

- Consegui cancelar a reunião que eu tinha. – Miguel disse a filha ao desligar o celular. – Não preciso voltar para o escritório mais hoje.

Os dois caminhavam pela rua, Miguel com o blazer jogado nas costas e a gravata afrouxada, Vitória com a cabeça um pouco mais fria. O ar da rua lhe fez bem.

- Pai, eu não queria te atrapalhar, fazer você desmarcar compromissos.

- Hoje o meu compromisso é você. Está a pé? - Vitória fez um gesto afirmativo. – Então vamos no meu carro.

- Aonde?

- Por aí...

Vitória aceitou o convite do pai. Acabaram parando em um bar que Miguel sempre frequentava com amigos. Pediram cervejas. Miguel estava silencioso e Vitória entendeu que teria que cutucá-lo.

- Pai, tá se sentindo bem?

- Vitória, como você acha que eu estou me sentindo? Eu saí para fazer meu horário de almoço, vejo a minha filha com a tia na rua e quando me aproximo vocês estão se beijando. Eu descubro que vocês estão fazendo planos, que você se refere a ela como namorada. – Deu um gole em sua cerveja. – A Fernanda é mulher do meu irmão. Ela podia ser sua mãe. Eu conheço o Filipo desde pequeno, ele vai pirar quando descobrir. – Completou. – Eu me preocupo com a sua integridade e até com a da Fernanda. Se para mim é difícil aceitar...

- Pai, para mim também é difícil aceitar o seu casamento com a Maria Helena, mas eu nunca desrespeitei.

Miguel fez um gesto afirmativo.

- Eu sei. E é por isso que eu vou passar por cima das minhas limitações e vou... Respeitar a... Relação de vocês.

Vitória sorriu.

- “Cê” tá falando sério, pai?

Miguel fez um gesto afirmativo. Vitória parecia decidida. O que adiantaria criar um conflito se já tinha perdido aquela batalha? Preferia gastar energia tentando compreender do que brigando com a filha.

- Estou. Eu não vou contar para ninguém o que eu vi e muito menos ficar julgando vocês. Só que eu peço para você e para Fernanda tomarem mais cuidado até... Até ela resolver a situação com o Filipo. – Respirou fundo. – Eu fico triste em dizer isso, ele é meu irmão, mas é um cara perigoso, então toma cuidado. – Fez uma pausa. – E pede para Fernanda tomar também. Eu... Eu gosto muito dela, não queria que acontecesse nada de mal com ela e muito menos com você.

Miguel foi interrompido por uma sessão de beijos no rosto dados pela filha. A garota saiu de sua cadeira e abraçou Miguel sem se importar com o que as pessoas iriam pensar. Acolheu em seus braços querendo transmitir todo seu carinho.

- Pai, eu já te disse que você é um fofo?! Eu te amo! Você é o melhor pai do mundo!

Miguel riu.

- Menos. Menos... – Vitória riu. – Tá feliz? – A garota fez um gesto afirmativo. – E aí? O que a gente faz agora? Tô com a tarde livre.

O celular de Vitória tocou. Pediu licença ao pai e atendeu.

- Oi, Vale. -...- Eu tô com meu pai. -...- Os meninos estão perguntando dele? -...- E minha vó? -...- Eu vou tentar ver o que posso fazer aqui... -...- Qualquer coisa te dou notícias. -...- Beijo, tchau.

Desligou.

- Problemas?

Vitoria confirmou com um aceno.

- É o tio Marcelo.
- O que ele aprontou dessa vez?
- Você soube do vídeo?
- Quem não soube? Seu tio é o pior tipo de homem que eu vi na vida.
- Ele é inocente. Foi tudo um engano! Ele contou para a Valentine.
- E vocês acreditaram? O Marcelo não sabe o que fala. Inocentes são vocês.
- Sabe, sabe sim, pai. E eu acredito nele. Dessa vez o tio foi vítima. – Insistiu. – Eu garanto.

Vitória e Marcelo nunca tiveram grande intimidade. A loirinha não fazia questão de ser próxima dele por conta das confusões que Marcelo sempre arranjou, a forma que Vitória o defendeu fez Miguel repensar sua posição.

- Como assim, você garante? Você está sabendo de alguma coisa que eu não sei?
- Você confia em mim, pai?
- Claro.

Vitoria pensou nas melhores palavras e então disse.

- Pai, eu não posso te dizer em que condições eu ouvi isso, mas eu posso te garantir que o tio Marcelo não postou esse vídeo. – Fez uma pausa. – Eu ouvi o culpado se confessar. Tio Marcelo está sendo julgado por todos de forma errada.

Miguel não esperava ouvir aquilo.

- Está falando sério?
- Claro, pai. Não ia brincar com isso. Só que aconteceu um problema... O tio tá sumido desde ontem a noite. A Vale e eu achamos que aconteceu alguma coisa, imagina como deve estar a cabeça dele com todo mundo o acusando?

Miguel se serviu de um novo copo de cerveja. A cabeça de Marcelo nunca aguentou muita pressão. Ele devia ter recorrido a sua fuga tradicional.

- Deve ter bebido ou cheirado tanto que perdeu a noção.
- Você sabe mais ou menos onde pode encontrá-lo?
- Eu conheço alguns amigos do Marcelo... – Falou em um tom mais baixo. – Pessoal de biqueira... Meio da pesada. Ele sempre se une com um desses quando a coisa aperta.

Era uma hipótese.

- Você sabe onde encontrar eles? Eu posso ir até lá...
- Negativo. É gente perigosa. Eu mesmo vou.
- Então eu vou com você. – E completou. – Não aguento ficar de braços cruzados.

Miguel fez um gesto de acordo. Com Vitória ao seu lado, pelo menos tinha controle sobre ela. Evitaria que a filha entrasse em confusões. Procurariam Marcelo juntos. Era bom que partissem antes de escurecer.

- Tá bom... – Fez um sinal ao garçom. – Traz a conta, por favor.

(...)

Apesar de usar uma calça jeans, tênis e camiseta branca, Valentine sentia que era a pessoa que mais chamava atenção pelas ruas que passou. Virou a tarde procurando Marcelo nas vias mais degradantes do Centro da Cidade e pela antiga

Cracolândia. As imagens que Valentine viu dificilmente sairiam de sua mente. Queria estar com sua câmera para registrar cada cena que tinha passado diante de seus olhos.

Crianças e grávidas empunhando improvisados cachimbos de *crack*. Homens maltrapilhos, que um dia pareciam ter sido pais de família, jogados na calçada, dividindo espaço com cachorros magrelos. Travestis e senhoras destruídas pela vida e pela droga se prostituindo por valores irrisórios ou por garrafas de cachaça. Tantas histórias esperando para serem contadas e ela sem câmera para registrar.

Seus olhos prestavam atenção na discussão de dois viciados quando viu um homem de costas que lhe chamou atenção. O mesmo biótipo de Marcelo, baixinho e forte. Barbudo. Apesar do calor, usava um gorro cinza. Passou dinheiro para um homem careca e gordo e em troca recebeu algo que parecia papelotes de cocaína. O rapaz do gorro agradeceu ao homem e saiu andando. Valentine foi atrás do baixinho. Na metade do quarteirão foi surpreendida pelo sujeito que de repente se virou de frente. Seu rosto estava destruído, os dentes amarelos e deteriorados. Seus olhos, azuis como os de Marcelo, tinham rajas de sangue. Nada a ver com quem procurava.

- Desculpa, moço. Eu achei que era outra pessoa.
- SAI DAQUI, SAI DAQUI, SAI DAQUI!

Valentine não pensou duas vezes. Correu por dois quarteirões até sair da vista do sujeito. Ele já estava drogado, devia estar no auge da crise. Apenas parou quando viu um táxi. Fez sinal e o motorista lhe levou até a estação de metrô mais próxima. Antes de comprar o bilhete, resolveu se sentar e pediu um suco. A imagem daquele homem mexeu fortemente com ela. Não era Marcelo, mas com o passar do tempo podia ser. Pegou o celular e ligou para ele. Caixa postal. Mais uma vez.

- Droga, Marcelo! Onde você se meteu?

(...)

Marcelo folheava impaciente as páginas de uma revista velha de decoração. Todas as publicações disponíveis na biblioteca da clínica tinham pelo menos mais de um ano, nada de interessante. Já tinha feito hora de tudo quanto é jeito e nada de Gaguinho aparecer com suas encomendas. Já estava quase se conformando que seu plano tinha ido por água baixo quando ouviu passos.

- Gaguinho?
- Ma- Ma...

Marcelo se levantou subitamente e foi de encontro ao rapaz magrelo.

- E aí, cara? Conseguiu?
- Con- Consegui. – Respirou. - Me-Meu bagulho?

Marcelo foi até a poltrona onde estava sentado e pegou a sacola com os tênis.

- Tá aqui. – Gaguinho estendeu o braço, mas Marcelo não entregou a sacola. – Espera, cadê as minhas coisas?

Gaguinho fez um sinal e os dois foram para o canto da sala. Segundo o rapaz, ali era um ponto cego. Retirou de sua bermuda um box de cigarros. Abriu o box e Marcelo pode ver o isqueiro e os cigarros de maconha. Gaguinho tinha cumprido a palavra. Guardou o box dentro de sua cueca.

- Valeu, moleque! - Deu um tapinha no ombro. – Você vai me ajudar muito!
- Vo-vo-vou ajudar nada. – E reforçou. – Vo-você não sabe que-quem te pas-sou isso.

Marcelo sorriu.

- Tá certo...

Gaguinho se despediu de Marcelo com um tapinha no ombro e saiu. Marcelo retirou o box da cueca, tirou os cigarros de maconha e deixou dentro de um livro qualquer. O que lhe interessava mesmo era o isqueiro. Apenas tinha encomendado a maconha para despistar Gaguinho. Seria estranho se pedisse apenas o isqueiro. Depois de se livrar da maconha, guardou de volta o box de cigarros na cueca e foi para o refeitório jantar. Agora tinha que controlar sua ansiedade para ninguém sacar sua verdadeira intenção.

(...)

O jantar foi servido na mansão dos Vaccara pontualmente às oito e meia da noite. Na mesa estavam presentes Francesco, Antônia, Filipo, Fernanda, Valentine e Vitória. Matilde servia o jantar pois era a noite de folga do copeiro. A refeição foi feita quase toda em silêncio, para desespero de Francesco. Como um bom italiano, gostava de ver sua gente reunida em volta da mesa. A falta de Bianca, Marcelo, Daniele e as crianças somado ao clima pesado entre Fernanda e Filipo deixava a mesa parecendo um velório. Matilde foi servir vinho ao patriarca da família que recusou. Ela nunca tinha visto o patrão abrir mão de

sua taça de vinho no jantar.

- Seo Francesco, aconteceu alguma coisa?

Francesco sabia que ia comprar uma briga com Antônia, mas decidiu externar sua aflição.

- Estou preocupado com o Tchelo. Não sinto fome nenhuma. – Admitiu. – Não gosto de ficar sem notícias do meu filho.

- Aí, eu também estou. – Matilde confessou. – Onde já se viu? Deixou os meninos, não dormiu em casa e eu notei que sumiram umas roupas dele.

- Sumiram roupas? – Valentine perguntou. – Então ele sumiu por conta própria.

- Ué e você tinha alguma dúvida? – Filipo disse. – Marcelo sempre foi assim. – E falou diretamente a Francesco. – Sossega pai, notícia ruim chega logo.

- Eu vou ficar esperando notícia ruim chegar? É meu filho, cazzo.

Vitória, que até então estava calada, sentiu pena do avô. Qualquer pessoa podia enxergar que Francesco era feito de material diferente de Antônia e Filipo. Ele estava realmente preocupado com Marcelo. A jovem estudante decidiu então dar uma notícia para tentar amenizar o sofrimento do avô. Ele não era nenhum menino e sofria de hipertensão, podia dar trabalho.

- Vô, não fica assim... Pensa uma coisa, não ter notícia ruim, já é uma boa notícia. O Tio Marcelo vai aparecer. E nós não estamos parados. Hoje eu fui com meu pai visitar uns lugares que o tio está acostumado a ir... A Valentine me contou que foi em lugares diferentes. Não estamos de braços cruzados.

Aquela notícia foi uma grande surpresa, tanto para Filipo, quanto para Antônia. Não gostaram nada de saber que Vitória estava metendo o bedelho naquela história.

- Vocês foram atrás do Marcelo?

- Claro, vó. – Vitória disse. – Nós queremos saber dele depois de toda confusão do vídeo. Ontem a Dani só não o esfaqueou por causa da Valentine.

- Essa história é particular de família. – Filipo reagiu. – Com a ordem de quem você se meteu nisso?

Fernanda, que comia silenciosamente, interrompeu sua refeição.

- E com a ordem de quem você acha que pode falar assim com outros? – Perguntou. – A Vitória faz parte da família tanto quanto você, portanto esse é assunto dela sim.

Filipo encarou a esposa.

- Você tá metida nessa palhaçada de busca ao Marcelo? EU TE PROÍBO!

Valentine percebeu que a amiga estava cor de vinho. Pronta para dar uma resposta em Filipo, Antes que ela agisse, apertou sua mão com força. Vitória precisava ser fria, caso contrário poderia trazer problemas a Fernanda. A própria tratou de responder o marido.

- Quando você vai entender que você não manda em ninguém dessa mesa? Não precisa gritar comigo, ao contrário de você, eu sou inteligente e consigo ouvir muito bem os outros. – Vitória não conseguiu conter um sorriso discreto de orgulho. – E eu não me meti nessa busca pelo Marcelo, mas acho louvável a atitude das meninas, o Marcelo deve estar precisando da família. – A Vitória e Valentine. – Se eu puder ajudar em alguma coisa, eu quero ajudar.

- Isso é um absurdo! A maior perda de tempo que eu vi na vida. – Filipo insistia. – Conheço o Marcelo desde pequeno. Eu vi esse moleque nascer, é meu irmão.

- E mesmo assim você não tem consideração nenhuma em ao menos se preocupar com ele. – Vitória acusou. – Eu não preciso da sua autorização para nada. Como a Fernanda disse, essa é minha família também... Mas já que você adora uma satisfação, se o tio Marcelo não aparecer até amanhã, nós vamos registrar o desaparecimento na polícia.

- Polícia? – Antônia se manifestou. – Eu não posso permitir isso, vai ser um escândalo.

- Ainda bem que eu não preciso de sua permissão, né, vózinha?! – Vitória disse com um sorriso irônico. – Estou apenas comunicando.

Inconformada, Antônia se levantou da mesa e disse que agora era sua vez de perder o apetite, subiu as escadas em direção ao quarto. Sem esconder a revolta que sentia, Filipo foi atrás da mãe. Antes de sair ainda jogou na cara do pai.

- Viu a palhaçada que o senhor promoveu falando o nome daquele infeliz na mesa?

Deu as costas e subiu as escadarias. Francesco não pensou duas vezes e soltou em alto e bom som na direção do filho, arrancando risos das três mulheres presentes.

- *Và a fancullo, ingrato!*

(...)

- Ele te disse tudo isso?

Daniele fez um gesto de confirmação e Leandro a acolheu em seus braços. Logo de manhã, Daniele ligou dizendo que precisava encontrá-lo com a maior urgência possível. Leandro fez de tudo para pegar folga para se verem a noite e felizmente deu certo. Chegou em seu pequeno e modesto kitnet na região do Minhocão e encontrou Daniele à sua espera. Ela tinha a chave do imóvel no caso de alguma emergência, e aquilo parecia ser uma emergência. Nunca tinha visto Daniele tão fragilizada. Quando ela lhe contou a forma que Filipo a humilhou, ele se sentiu revoltado.

- Esse cara é um imundo. Eu adoro trabalhar com a dona Fernanda. Ela é uma ótima patroa, mas nem isso vale deixar esse merda desse Filipo inteiro. – Leandro disse inconformado. – Eu vou agora mesmo lá, dar uma lição nesse filho de uma puta.

- Não! Você está louco? Agora que estamos perto?!

- Você ainda pretende ter alguma coisa com esse cara?

- Lê, entende uma coisa... Eu não posso ficar de mãos abanando. – Daniele disse. - Não posso sair dessa história assim... Ou você quer o que? Que eu saia daqui, pegue os meninos na minha mãe e vivemos todos nessa caixa de sapato, cheia de pó do Minhocão e pobreza?

- Eu posso muito bem arrumar um emprego que pague melhor.

- Nada vai pagar melhor do que arrancar dinheiro desse trouxa. – Fez uma pausa. – E não pensa que está sendo fácil para mim, porque não está. – Daniele garantiu. – Estou fazendo isso também pelos meus filhos... Se tivesse uma outra maneira de conseguir um bom dinheiro pra começar a minha vida longe daqui, sem dormir com aquele nojento, eu não pensaria duas vezes em largá-lo, mas não há.

Leandro a encarou.

- Você jura que se existisse outro jeito, você desistiria dele?

- Juro. O cara me colocou a pó. – E admitiu. – Eu preferia roubar um banco, preferia até matar do que dormir com Filipo outra vez.

O copeiro fez uma careta.

- Credo, Dani...

- Esse cara acabou com a minha vida. Colocou meus filhos em exposição... Eu não pensaria duas vezes...

Leandro a abraçou. Queria que Daniele se esquece do que tinha acabado de falar. Viu tanto ódio em seus olhos que ela parecia mesmo até outra pessoa.

(...)

Fernanda enrolou ao máximo para entrar em seu quarto. Queria encontrar Filipo já dormindo por dois motivos: para evitar discussões e porque queria vasculhar seus objetos pessoais para encontrar alguma coisa que pudesse entregar a Renato. Ficou no escritório até tarde e só foi para a parte superior da mansão uma e meia da manhã. Filipo dormia. Com um passo leve, atravessou para o closet e com a lanterna do celular e vasculhou a parte do marido. Encontrou uma pasta cinza na gaveta de sungas.

- Fernanda? – Ao ouvir seu nome, a corretora sentiu a voz gelar. Filipo havia acordado. Ele apertou o interruptor. Percebeu suas coisas reviradas. – Por que você está revirando as minhas coisas?

CAPÍTULO 25

- Eu já disse que não sei do seu talão de cheque! – Filipo respondeu irritado. – E isso são horas de procurar cheque?
- Eu vou precisar deles amanhã. Vi outro dia por aqui, tem certeza que você não viu?
- Fernanda, eu... – Filipo se cortou pois perdeu o fôlego no meio frase. Sentiu uma espécie de fadiga. Volta e meia experimentava esse mal-estar. Respirou fundo e voltou a falar. – Eu não vi nada.

Fernanda percebeu algo estranho.

- Aquela canseira outra vez? – Realmente preocupada. – Você está com dor? Tá precisando de alguma coisa?
- Dor é coisa para fraco. Tô precisando dormir. Se quiser colocar o closet abaixo, atrás desses cheques coloca, mas depois devolve tudo para o lugar. Se tem uma coisa que eu detesto é desorganização. – Irônico. – Estou te esperando na cama.

Fernanda não escondeu uma expressão enojada.

- Eu prefiro dormir no quarto da Bia.
- Não sei porque... Nossa cama é grande. – Mediu Fernanda de cima abaixo. Ela usava um robe branco, que destacava o tom chocolate de sua pele e por baixo um conjunto de babydool da mesma cor. O robe era fechado por uma faixa que marcava sua cintura e evidenciava as curvas de seu corpo. Interessado acariciou o rosto da esposa. – A gente ia se entender muito melhor se você voltasse para o nosso quarto.

Fernanda deu um passo para trás se afastando do marido.

- Eu vou continuar onde estou. Boa noite, Filipo.

Irritado, ele saiu do closet. Fernanda ainda esperou alguns minutos e logo fez o mesmo. Apenas respirou aliviada quando entrou no quarto de Bianca e fechou a porta. Alguns minutos mais tarde ouviu batidas na porta e um sussurro.

- Sou eu, Vitória!

Rapidamente destrancou a porta. Vitória entrou, encostou a porta, passou a chave novamente e cumprimentou Fernanda com um beijo carinhoso na boca. A corretora de imóveis gostou da surpresa.

- O que você está fazendo aqui, hein? Já pensou se alguém vê?
- Precisava ficar sozinha contigo... – Envolveu suas mãos no rosto de Fernanda que aceitou o carinho com prazer. – Eu tô viciada em você. Pensei o dia inteiro no que você me falou hoje...

Fernanda riu.

- Seu pai tem razão. Você é inconsequente.

Vitória sorriu, roubou um beijo quente que fez a pele de Fernanda arrepiar por completo. As respirações das duas mulheres andavam de forma sincronizada. A jovem começou a aplicar beijos e mordidinhas no pescoço da tia.

- Sou inconsequente não. Sou apaixonada por você. – Abriu o robe de Fernanda. – Eu não acredito até agora que você é minha...

Fernanda sorriu. De forma provocativa se desfez da peça de cima ficando apenas de babydool. Percebeu a boca de Vitória se encher de água.

- Vem me amar...

Vitoria não pensou duas vezes em aceitar o convite da namorada. Do lado de fora, Filipo não estava nada feliz. Antes de adormecer, desceu para beber água e quando voltou para o andar de cima, viu uma cena curiosa. Vitoria entrou no quarto de Bianca. A garota não o viu porque estava de costas e Fernanda não teve tempo. Foi rápida. Colocou Vitória para dentro sem interrogações. Parecia que estava acostumada com as visitas de Vitória. Filipo entrou em seu quarto com suas dúvidas e não conseguiu pregar os olhos. Aquela cena tinha tirado a sua paz.

(...)

- Mas será possível que não se pode ter uma refeição em paz dentro desta casa? – Antônia se perguntou. – Ontem não jantamos, agora, o café da manhã, e essa história desagradável do Marcelo continua?! – E disse a Miguel. – Você fez muito mal em ter ido à delegacia.
- Mais de 24 Horas sem notícias! – Miguel rebateu. – Fui em vários lugares e ninguém sabia de nada dele, a Valentine

também não descobriu nada... É caso de polícia sim.

Miguel passou na casa dos pais por volta das nove da manhã, logo após sair da 78° DP, localizada no bairro dos Jardins. O delegado da 78° DP, Manoel Trajano, era seu amigo de faculdade, prometeu se empenhar ao máximo para localizarem Marcelo. Assim que soube do feito de Miguel, a matriarca da família protestou.

Francesco ficou feliz com a notícia. Sempre foi contra internar Marcelo a força. Quem sabe, sentindo-se pressionada, Antônia não mudaria de ideia e falaria com Evaldo para liberar Marcelo? A queixa de desaparecimento seria notícia de qualquer jeito, o que adiantaria mantê-lo preso? Apenas criaria mais especulações.

- Eu acho que você fez muito bem, meu filho. – Francesco disse. – O Marcelo precisa voltar para casa o mais rápido possível. - Percebeu a expressão emburrada de Antônia. – O que é? Você não concorda que o lugar do nosso filho é perto da família dele?

Antônia encarou o marido e então se explicou.

- Claro que concordo. O que eu mais queria era ter meus filhos perto de mim, mas talvez seja bom para o Marcelo não estar em cena agora. Daqui há poucos dias nós teremos o desfile de lançamento da nova coleção de joias. Essa confusão que Marcelo armou com a mulher veio em péssima hora. Até por uma questão de... Preservação do nosso nome, talvez seja melhor ele estar ausente por alguns dias.

- Preservação do nosso nome? – Miguel deu um riso nervoso. – E a questão humanitária, onde fica? – Antônia não respondeu. – Mãe, o Marcelo está desaparecido. O seu filho teve a privacidade dele e da família totalmente exposta e desapareceu.

- Você fala de um jeito como se não fosse o Marcelo que cavou a própria sepultura. – Antônia rebateu. – O Marcelo sempre foi mestre nisso.

- Dessa vez não foi ele. Ele foi tão vítima quanto a Dani... A Vitória me garantiu e eu confio na minha filha.

- Vitória? Devemos confiar nossas fichas em uma garota recém-chegada nesta casa? Que não entende como funciona a engrenagem da nossa família? Ela está há muito tempo afastada de nós, Miguel!

Miguel ingeriu as palavras da mãe, mas não deu por satisfeito.

- Isso não tem nada a ver com distância. Estou aqui toda semana e também não entendo a falta de humanidade sua com seu filho. – Antônia fez uma careta como se tivesse sido atingida por um tiro de arma de fogo. – Bom, eu não vim aqui para discutir, criar mais conflitos do que já temos. Só passei para avisar que registrei a queixa e deixei o número desta casa também, caso apareça algum dado novo, para avisarem. Eu preciso ir trabalhar. Tchau pai, bom dia, mãe.

Francesco fez questão de levar Miguel até a porta de saída de casa. Estava muito feliz com a atitude do filho. Ao retornar à mesa encontrou Antônia com uma expressão aborrecida. Gostava de controlar a família com mãos de ferro. Detestava ser contrariada, ainda mais por Miguel que sempre julgou ser seu filho mais fraco.

- Antônia, o cerco está se fechando. – Francesco alertou. – Ligue para o Evaldo liberar o menino e confessamos tudo ao Miguel. – O *Tchelo* não merece passar por isso.

- O cerco está se fechando... – Repetiu sem esconder o deboche. – Era só o que me faltava! Você acha que eu vou me deixar pressionar pelo molenga do Miguel? Ele não sabe controlar uma menina rebelde, de vinte anos, e vai me manipular?

- Mas ele está certo! – Francesco insistia. – O que estamos fazendo é desumano!

- Você acha que foi por humanidade que chegamos onde chegamos, Francesco? Não seja ridículo! Se hoje temos esse império, se hoje nossa família está de pé e é respeitada por todos foi porque eu nunca larguei o controle de nada. Se dependesse de você, do Miguel e do Marcelo seríamos mais um bando de imigrantes pobres que vieram tentar a sorte em São Paulo e se perderam. – Respirou fundo. – Eu não sei porque perco o meu tempo discutindo com vocês. Nesta casa parece que apenas o Filipo me entende. – Fez uma pausa. – Falando nisso, ele não desceu para tomar café até agora?

- Vai ver saiu cedo.

Leandro veio da cozinha com o café de Francesco nas mãos. Ovos beneditinos. Serviu ao patrão. Antônia aproveitou a proximidade do copeiro para lhe perguntar sobre Filipo.

- Ele saiu de casa logo cedo. Foi até a cozinha querendo falar com a Michele, eu expliquei que ela e a Cidinha saíram cedo para fazer compra de mês e ele foi no mercado atrás delas.

Antônia e Francesco se entreolharam. Os dois conheciam muito bem o filho e sabia o quanto era estranho seu súbito interesse pelas arrumadeiras da casa. Alguma coisa de muito errado estava acontecendo.

- Mas o Filipo falou o que queria com a Michele? – Francesco perguntou ao mordomo.

- Não, senhor. Apenas perguntou que mercado elas costumavam ir e tirou o carro. Desejam mais alguma coisa?

Francesco agradeceu o mordomo e o dispensou. Antônia discou o número de Filipo e logo caiu na caixa postal. Ligou mais uma vez e nada dele atender. Desligou a ligação e comentou com o marido.

- Isso não é bom sinal. Cheiro de problemas eu sinto de longe!

(...)

Filipo atravessou o sinal vermelho em alta velocidade. Por muito pouco não atropelou pessoas que cruzavam a faixa de pedestres. Sua direção estava tão descontrolada quanto sua mente. Não tinha conseguido dormir e não conseguiria fazer nada se não sanasse aquela dúvida de sua cabeça. Vitoria e Fernanda estavam se divertindo ás suas custas? Saiu do quarto cedo, afim de dar uma prensa nas empregadas da casa.

A única pessoa que achou foi Leandro. Perguntou sobre Fernanda e o mordomo informou que ela já havia saído. Provavelmente queria evitar encontrá-lo. Depois perguntou ao copeiro sobre as arrumadeiras. Elas tinham acesso aos quartos, qualquer movimento estranho, elas perceberiam. Quando Leandro informou que elas estavam no mercado, Filipo não pensou duas vezes em ir até lá. Encontrou com as duas matando trabalho enquanto tomavam café na lanchonete da loja. Michele e Cidinha quase caíram para trás quando viram o patrão.

- Doutor Filipo, a gente já ia começar a pegar as coisas. – Cidinha disse. - É que esse horário o mercado está cheio e...

- Não vim atrás de porcaria de compra nenhuma. – A Michele. – Quero falar com você. É você que tem limpado os quartos lá de cima, não é? – Cidinha e Michele se entreolharam. Será que tinha sumido algo e ele ia acusar uma das duas? – No quarto que a Fernanda está dormindo, você tem visto alguma coisa de diferente?

- O quarto da dona Fernanda é como outro quarto qualquer. – Cidinha se manifestou ao perceber a letargia da amiga. – Não tem nada demais.

- EU NÃO FALEI COM VOCÊ! – Filipo reagiu. A Michele. – É você que está arrumando os quartos, não é? FALA!

As pessoas da lanchonete já paravam para olhar o diálogo com curiosidade. A vontade de Michele era ser um avestruz e enterrar a cabeça em um buraco.

- Não tem nada demais no quarto. – Michele afirmou. Filipo apertou os olhos. – Só ás vezes... Nós recolhemos a roupa para lavar... Ás vezes recolhemos as roupas da dona Fernanda e encontra alguma coisa da dona Vitória no meio ou vice-versa.

Irado, Filipo socou a mesa da lanchonete. Ainda tinha perguntas a fazer.

- E o que mais? – Nenhuma das duas respondeu. – Vocês vivem zanzando por aquela casa, de olho na nossa vida. NÃO É POSSÍVEL QUE NÃO TENHAM NOTADO MAIS NADA! – Michele olhou pra Cidinha em um pedido de socorro. Cidinha fez um gesto negativo. Filipo encarou Michele. – Eu estou ligado que você sabe de alguma coisa...

Michele então disse:

- A dona Fernanda fala que está no quarto da Bia, mas ela já dormiu algumas vezes no quarto da dona Vitória. Elas se dão muito bem, né, doutor Filipo?!

- O que você está querendo dizer?

- Que a gente percebe que elas têm muito carinho uma pela outra. Gostam muito de ficar sozinhas... De conversar... É um gostar de tia e sobrinha que não se vê todo dia, por aí... Se é que o senhor me entende.

Para quem sabe ler, um pingo é uma letra. Filipo conhecia muito bem aquele alfabeto. Cidinha não sabia de onde Michele tomou tanta coragem para tocar naquele assunto com o patrão. Filipo ficou tão revoltado que Cidinha pensou que poderia ser agredida por ele ali mesmo. No lugar disso, o patrão deu às costas e saiu visivelmente transtornado. Cidinha soltou todo o ar de seus pulmões, Michele fez o mesmo.

- Mulher, por que você foi abrir a boca justo pra ele? – Cidinha cobrou da amiga. – Isso é assunto de dona Fernanda, não é problema nosso não. – E completou sem esconder o tom de censura. – Ela é tão boa patroa para gente... Agora ele está uma fera com ela.

- Ela pode ser boa sim, mas quem paga meu salário é a família dele. – Michele reagiu. – E não me crucifica não, eu gosto da dona Fernanda, mas estou cheia de boletos para pagar. Pobre não pode se dar ao luxo de ser leal!

- Eu queria era estar longe quando essa bomba estourasse. – Cidinha comentou. – Sempre sobra para o lado mais fraco.

(...)

A bomba que estava prestes a estourar pegava o caminho do serviço de Fernanda. Filipo estava pronto para fazer um escândalo. Sua raiva era tanta que não cabia em si. Descontava o ódio no volante com socos. Nervoso repetia para si mesmo.

- NÃO DÁ PRA ACREDITAR! NÃO DÁ!

A fala de Filipo lembrava o rosnado de um bicho selvagem. Se tornava uma figura completamente animalesca pois chegava a espumar pela boca. Cruzou mais um sinal vermelho e por pouco não colocou tudo a perder. Um caminhão de carga passou por seu caminho. Mais dois centímetros e o veículo levaria à frente toda de seu carro.

- TÁ MALUCO, PLAYBOY?
- VÁ TOMAR NO CU! – Respondeu. – FILHO DA PUTA!

Apesar do estouro com o caminhoneiro, o susto serviu para algo. Caiu em si. Não poderia dirigir nervoso daquele jeito. Daria um fim na sua vida e não em Fernanda. Decidiu encostar o carro e parar em um bar qualquer para se acalmar. Pediu uma água e sentou em uma das mesas na área externa para respirar melhor. Do lado do bar havia uma coloridíssima floricultura que expunha flores de diversas qualidades. Rosas, girassóis, orquídeas, lírios, papoulas...

Papoulas era a flor preferida de Fernanda. A flor de seu buquê de noiva. Aquela vitrine de flores lhe deu uma ideia que era muito mais interessante e menos perigosa do que sair dirigindo feito um louco a caça de Fernanda. Pagou sua água e seguiu para o estabelecimento vizinho. Uma moça de uns vinte anos veio lhe atender.

- Posso ajudar, senhor?
- Pode, pode sim... Eu estou interessado nessas papoulas. Será que você me conseguiria um buquê ou um arranjo bem bonito?
- Uma ótima escolha, senhor... É para alguém especial?
- Uma... Amiga. – Sorriu. – Fernanda. Eu queria enviar um cartão junto.
- Claro, e envio em nome de quem?
- Vitória Vaccara. Eu quero que você marque um encontro entre as duas.

CAPÍTULO 26

- Está ótimo. – Filipo disse entusiasmado ao ler o cartão escrito pela florista. Não poderia ele mesmo escrever pois era capaz de Fernanda reconhecer sua letra. A forma redondinha que a vendedora desenhava as letras não lembrava sua caligrafia.
- Você está me ajudando muito... Qual é mesmo seu nome?
- Veridiana.
- Veridiana. Você vai receber uma ótima gorjeta. Uma pena que vocês também não entregam nos Jardins. – Lamentou. - A minha outra amiga vai ficar sem flores.
- Lamento, nós estamos sem motoboy. Só entregas a pé e pelas redondezas.
- Azar, né? Mas eu arrumo um jeito de ela ir também... Isso é o de menos. – Olhou em torno e viu algo que lhe chamou a atenção. – Aquilo é uma tesoura?

Veridiana olhou para direção que seu cliente apontava.

- É sim, tesoura de poda. Ela é muito boa viu, de ótima qualidade.
- Quanto custa?
- Quarenta reais.

Filipo abriu um sorriso.

- Ótimo. Eu vou levar, pode colocar na mesma nota que as flores. – E comentou em um tom de deboche. – Jardinagem é um dos meus hobbys prediletos.
- É uma excelente forma de relaxar. – Veridiana recolheu a tesoura e colocou dentro da sacola, Filipo pagou todo o gasto com cartão de débito. Ela entregou o pacote. – Não se preocupe. Em menos de meia hora sua amiga recebe as flores.
- Excelente. Fui muito bem atendido. – Comentou. – Sinto que vou virar freguês de vocês, minha amiga adora flores.

Após se despedir da florista, Filipo voltou para dentro do carro, mas não colocou o veículo em movimento. Fez uma ligação para casa. Leandro atendeu.

- Leandro, bom dia, aqui é o doutor Filipo. Eu preciso que você faça um serviço especial para mim... Vou pagar por fora.
- No que eu posso ajudar, doutor?
- Primeiro eu quero saber se a Vitória está em casa. Está?
- Está se aprontando para sair. Acabei de levar um suco para ela no quarto, ela ia entrar no banho.
- Banho? Ótimo... Então você vai fazer o seguinte... Antes de tudo: seja discreto...

Resumidamente passou as ordens ao copeiro. O serviço era bem simples, não tinha como errar. Em poucos minutos Leandro realizou a tarefa ordenada pelo patrão. Cerca de uma hora e meia depois, Filipo chegava em casa. Francesco percebeu um ar estranho no filho que seguiu diretamente para cozinha. Lá encontrou com parte dos funcionários da casa: Leandro, Michele e Cidinha que já tinham voltado do mercado. Ao ver Filipo, as duas logo arrumaram algo para fazer fora da cozinha e o deixaram a sós com o mordomo.

- Conseguiu?
- Sim, foi fácil. Ela ainda estava no banho e não me viu. – Leandro buscou algo em seu bolso e entregou a Filipo. – Aqui está.

Ao pegar o chip do telefone de Vitória nas mãos, Filipo abriu um sorriso diabólico. Antes de sair da cozinha, recompensou Leandro com três bolinhos de notas de cem. Depois Leandro contou, havia três mil reais ali.

- Mais alguma coisa, doutor?
- Mais uma coisa. Eu decidi que vou trabalhar em casa hoje. No meu quarto. Não quero ser interrompido de forma alguma.
- Sim, senhor. Apenas isso?
- Providencie uma mala grande. – E explicou com um ar divertido. – A dona Fernanda vai viajar. Parte hoje à noite.

Leandro afirmou a Filipo que logo ele providenciaria a mala. Filipo subiu para seu quarto com a sacola da floricultura em mãos, cerrou a porta, abriu a sacola e tirou a tesoura de jardineiro da embalagem. Com o objeto em punho, ele caminhou até o closet, escolheu uma peça de Fernanda e a fez em pedaços. Abriu um sorriso satisfeito com o empenho do equipamento.

- Ótimo. Funciona. – Pegou uma pilha de roupas da esposa. – Você vai adorar a surpresinha, meu amor.

(...)

- Acho que a primavera começou adiantada para alguém...

Fernanda estava fechada em sua sala, concentrada, lendo alguns documentos no computador quando ouviu a voz de Dudu interromper o silêncio de sua sala.

- Nossa, já está pensando em primavera? – Fernanda brincou com ar divertido. – Posso saber o que aconteceu? Essa primavera em pleno começo do ano?
- Isso quem tem que me dizer é você, às flores são para você.

Só depois disso que Fernanda desviou os olhos da tela e viu que Dudu carregava um vistoso arranjo feito de papoulas. No meio das flores um envelope vermelho com um possível bilhete do remetente. Impressionada, Fernanda se levantou para admirar a beleza do arranjo.

- Nossa, Dudu, que lindo! – Sorriu encantada. – Adoro papoulas. – Respirou fundo para experimentar o aroma. – Huuumm... Delicia...

Dudu entregou a encomenda nas mãos da corretora que escolheu um local próximo da janela para deixar as flores. O arranjo foi muito bem-vindo, deu um ar pessoal no frio escritório da imobiliária. Fernanda sorriu.

- Ficaram lindas... – Dudu elogiou.
- Deixa eu ler o cartão...
- Achei que não ia ler. – Curioso. – Anda logo.

Fernanda abriu o cartão, passou os olhos rapidamente e abriu um largo sorriso. Guardou o cartão no envelope.

- Obrigada, Dudu... – Debochada. – Pode ir...
- Abraça que eu saio dessa sala sem saber o que está escrito. – Fernanda gargalhou, Dudu era um curioso nato, capaz de roubar o bilhete de Fernanda para descobrir de quem era. – Idiota!

Fernanda entregou a correspondência nas mãos do chefe que leu em voz alta.

- Adoro o tempo que estou ao seu lado e quero mais dele. Muito mais. Estou te esperando hoje... – Leu o nome do restaurante, o endereço e o horário marcado. – Com amor, Vitória. – Dudu riu. – Flores, jantarzinho romântico... – Maroto. - Hoje tem, hein? – Malicioso. – Você também vai dar a sua papoula para ela depois do jantar, ãh? – Ao perceber que tinha deixado a amiga tímida, Dudu continuou com a zoação. – Ficou com vergonha, neném?! – Provocou - Acertei seus planos?
- Dudu vai caçar o que fazer... - Ele continuou com as gargalhadas, Fernanda o guiou até a porta de saída. – Até amanhã.
- Depois eu quero um relatório completo do jantar... Não esquece de ligar para agradecer as flores.

O chefe se despediu com um aceno, Fernanda encostou a porta e após conter sua risada foi telefonar para Vitória. Na primeira tentativa o celular deu fora de serviço, tentou mais algumas vezes e a mesma mensagem. Colocou o telefone na base e resolveu mandar uma mensagem via whatsapp agradecendo as flores e confirmando que iria ao jantar marcado pela loirinha. Mais cedo ou mais tarde Vitória entraria em contato, por isso decidiu voltar ao trabalho. Tinha muitas tarefas para serem realizadas e o tempo passaria mais rápido.

(...)

- Ele não está mesmo dando nenhum tipo de trabalho?

- Não, senhor... Pode relaxar, o garotão está aqui na minha frente batendo bola com os outros. – Anísio comentou com doutor Evaldo ao telefone. – Tá tranquilo... Parece que está em uma colônia de férias.

As palavras do enfermeiro fizeram Evaldo respirar mais tranquilo. Desde que Antônia pediu para que ele internasse Marcelo contra a própria vontade, Evaldo não conseguia tirar o pensamento de sua clínica. Tinha medo de uma reação violenta de Marcelo que colocasse sua clínica ou outros pacientes em risco, mas surpreendentemente Marcelo parecia contribuir para que aquele período de recuperação fosse mais calmo que os anteriores.

- Ele deve estar querendo sair logo. Não tira os olhos dele, Anísio.

- Pode deixar... O garotão está na minha mira.

Marcelo tinha mesmo notado a companhia de Anísio em quase todo seu dia, por isso tomava muito cuidado para não entregar seus planos de bandeja. Se quisesse sair dali logo precisava agir com cautela e esperteza. Gaguinho, o mesmo rapaz que havia conseguido o isqueiro, havia lhe entregado o caminho das pedras. A conversa dos dois ocorreu no refeitório, enquanto terminavam de tomar café da manhã.

- Quem me-me pa-passa as coisas a-aqui é o Fre- Freitas. – Gaguinho explicou. – Que-Que fica na gua-guarita de tarde pra no-noite. Fica mo-ninitorando as câm-câmeras. Vem de mo-moto.

- Ele vem de moto? – Marcelo se interessou, Gaguinho confirmou com um gesto. - Quanto ele cobra para te ajudar? – Gaguinho encarou Marcelo desconfiado. – Calma, cara. Não quero ser teu concorrente não... Mas eu preciso escapar daqui... Será que ele não facilita pra mim?

- A-Acho que nã-não é uma boa i-deia vo-você fazer ne-negócio com ele.

- Por que? Eu posso pagar bem! Como você consegue que ele traz as coisas pra você? – Gaguinho ficou cor de vinho. Marcelo o encarou confuso. – Qual é cara, tu me conhece! Não vou te entregar...

- Não-Nã-o pago na-da.

- E como você traz as coisas pra cá?

- E-Ele... E-le é... – Fez um sinal como se tivesse o pulso deslocado. – En-Entendeu?

- Não. Ele é o que?

Gaguinho olhou para os lados.

- Ele é... Vi – Olhou mais uma vez para os lados com medo. – Viado...

- E daí?

- E-E-E daí que-que... – Quanto mais nervoso ficava, a gagueira se acentuava. Marcelo fez um sinal para seu colega respirar antes de falar. – Ás ve-vezes... E-Eu... – Sussurrou mais uma vez. – Pego ele... – Marcelo arregalou os olhos surpreso com a revelação. – Mas é-é só ás-ás ve-zes... Não sou viado, não.

Marcelo teve vontade de rir. Como o ser humano é... Para negar a homossexualidade, Gaguinho não teve problemas com sua fala. Cada um que aparecia na sua frente... Pouco lhe importava a sexualidade de Gaguinho e muito menos a de Freitas, precisava logo era arrumar um jeito de meter o pé dali. Nunca pensou que teria que trocar sua liberdade por favores sexuais, mas pagaria o preço que fosse para sair dali e sairia pelas mãos de Freitas.

Com informações em mãos, Marcelo começou a agir. Passou boa parte da tarde no pátio, observando os internados fazendo suas atividades. Por volta das cinco da tarde, percebeu que Anísio havia sumido. Devia ter ido embora. A sorte estava a seu favor. Seis horas ouviu um ruído de motor e em seguida a porta automática de carros se abrir. Por ela entrou um sujeito mais ou menos com seu corpo, montado em uma moto preta. Ele usava o uniforme com o logo da clínica estampado. Marcelo se aproximou de Gaguinho que participava de uma roda de altinha.

- É aquele?

Gaguinho jogou um olhar discreto para o sujeito de moto. Agora ele estava sem capacete e Marcelo pode ver melhor seu rosto. Ele era branquinho, tinha olhos escuros e uma barba sombreada. Bonito. Gaguinho confirmou com um gesto.

- E-Ele mesmo.

- Beleza, cara... – Deu um tapinha nas costas do amigo. – Me aguarda aí que eu vou dar uma lição de bola pra vocês.

- Me-metido!

Marcelo nem ouviu a última palavra de Gaguinho. Ia começar a colocar seu plano em prática. Foi até o quarto e trocou a bermuda que usava por um calção de futebol curto. Descartou também a cueca e camisa. Não poderia ser sutil. Voltou para a roda de altinha.

- ABRE QUE EU VOU ENTRAR...

Marcelo fez questão de anunciar sua chegada em alto e bom som para chamar os olhares de todos. Freitas, que tinha acabado de estacionar, espiou-o duplamente curioso. Primeiro porque Marcelo era figura nova para ele. O vigia tinha poucos meses de casa, nunca havia encontrado com Marcelo. E o segundo motivo...

Marcelo era um homem bonito, parecia gostar de esportes e de exibir seu corpo bem cuidado por aí. A bola veio em sua direção e Marcelo não fugiu dela, aproveitou para mostrar toda sua habilidade com a redonda, matou no peito, dominou com a coxa, fez uma graça e passou a bola para outro.

Ao se livrar da pelota, olhou de relance na direção do vigia e percebeu a visão admirada de Freitas. Abriu um sorriso curto e discretamente apertou a própria genitália por cima do calção como se ajustasse o calção em seu corpo, em um claro ato de provocação. A bola girou e voltou em sua direção, dessa vez conseguiu dominar com os pés, deu três quiques e ouviu reclamação dos outros jogadores. Quanto mais tempo ficasse com a bola, Marcelo julgava que era melhor, queria a atenção de Freitas e estava conseguindo.

- Qual é, cara? Pega uma bola pra você sozinha. – Um sujeito que Marcelo nunca tinha visto na vida protestou. – Passa logo, porra!

- Mal aí...

Jogou a bola em direção ao sujeito e rapidamente voltou sua atenção para Freitas. Repetiu o gesto de ajeitar a genitália sobre o calção e recebeu um sorriso curto do vigia. Após uns vinte minutos, a roda de altinha se desfez. Em menos de meia hora seria servido o jantar. Marcelo procurou por Freitas e logo o avistou na guarita de olho nos monitores, como Gaguinho havia falado. Logo teve uma nova ideia, a mangueira usada para aguar as plantas do jardim ficava em um local que era próximo de uma das câmeras de vigilância. Marcelo resolveu se refrescar justamente com a mangueira, bem em frente a câmera de vigilância. Deixou a água cair por seus cabelos, cabeça, ombro, peitoral, costas, barriga e pernas...

Marcelo julgava que Freitas espiava seu banho da guarita e teve certeza logo após o jantar, estava fazendo hora para entrar no quarto quando o vigia saiu da guarita para fazer uma ronda. Circulou entre os pacientes, pelo refeitório e logo tratou de puxar assunto. Marcelo estava se refrescando mais uma vez na mangueira, molhou a cabeça e a nuca. Ao se erguer deparou com Freitas. Abriu um sorriso curto.

- Sofrendo com o calor, campeão?

- É... Tomei um banho, mas estou todo suado de novo. – Marcelo comentou. – Parece que a temperatura não abaixa nem a noite. – Olhou de um jeito provocativo e completou. – Não sei como você consegue ficar assim, de camisa e calça em um tempo desses.

- Faz parte do serviço. – Riu. – Às vezes eu tenho inveja de quem trabalha na praia que pode ficar mais à vontade. - Mediu Marcelo de cima abaixo. De perto era ainda mais interessante. – Como você veio parar aqui? Não parece que você está precisando de internação...

- Longa história. – Marcelo respondeu. Olhou para os lados, aproveitou que não havia ninguém por perto e sussurrou. – Se você passar mais tarde no meu quarto, eu te conto... – Freitas arregalou os olhos assustado. – Já me abriram o jogo e eu sei que você... Que você curte.

- Gago filho da puta! – Freitas disse de cara fechada.

- Calma cara... Não quero estragar esquema de ninguém. – Aproximou do vigia, percebeu que ele parecia atordoado. – Você não tirou os olhos de mim, desde que chegou.

- Anda sem cueca por aí... Quer o que?

- Você! – Marcelo disse no pé do ouvido de Freitas. Notou que tinha eriçado sua pele. – Eu tô na seca, cara... Minha namorada estava grávida, o bebê correndo risco e eu não podia nem encostar nela... Tô há meses sem... Tô desesperado!

- Para com isso, cara... Não me arruma problema. Eu acho que sei quem você, tem um vídeo na net...

- Aquilo tem meses. Eu estou na seca. – Marcelo mentiu. - Sério, cara... Eu curti você... Sou muito melhor que aquele gago magrelo... – Freitas olhou rapidamente o corpo de Marcelo, disso ele não tinha dúvidas. – Quebra essa... Você não gostou do vídeo?

Freitas respirou fundo. Só de lembrar do vídeo sentia seu corpo reagir.

- Vai para o teu quarto e deixa a porta destrancada. De madrugada eu passo lá.

Marcelo abriu sorriso. Seu plano dava certo.

- Vou ficar esperando. – Cínico. – Não vejo a hora...

(...)

- Esses lugares são perigosos pra você andar sozinha... – Micróbio alertou Valentine. – Devia ter chamado a gente.

- O Mi está certo. – Bianca disse. – Não devia ter ido sozinha e por que não me avisaram que o tio sumiu?

Micróbio e Bianca tinham convidado Valentine para virarem a noite em uma balada na Augusta, mas ao saberem do desaparecimento de Marcelo, o programa do trio se transformou em uma ida em um barzinho ali mesmo no Jardins para que

Valentine pudesse explicar melhor o que estava acontecendo. Ela estava visivelmente abatida, não sabia mais o que pensar sobre o que poderia estar acontecendo com Marcelo. Estava se sentindo culpada por não ter acreditado quando ele lhe disse a verdade.

- Desculpa, Bia, mas acho que ninguém teve cabeça. Você tem ideia onde ele pode estar?

Bianca fez um gesto negativo.

- Tio Marcelo é totalmente imprevisível. Única coisa que sei é o final disso tudo, ele longe dos meninos em uma clínica de recuperação. – Bianca lamentou. – O tio estava tão bem...
- Os meninos gostam tanto dele. – Valentine respirou fundo. – Minha cabeça está pesando uma tonelada.
- Fica assim não, Vale... Ele vai aparecer. – Micróbio disse. - E se for internado vai ser bom que aí se trata.

Bianca fez uma careta.

- Aí Mi, era tão deprimente ver o tio ser internado. – Bianca comentou. - A primeira vez que eu vi, eu tinha uns treze anos, fiquei assustada. Ele teve que ser levado em uma ambulância, foi chorando... Aqueles caras todos de branco em volta dele, a ambulância saindo de casa de madrugada.

Valentine ouvia o relato distraída. Deu um gole na cerveja que bebericava e então uma ideia passou por sua cabeça.

- Você disse o que? Ele foi levado em uma ambulância?
- Teve que ser porque ele surtou. Aí, chegando na clínica, ele se convenceu a seguir o tratamento. – Bianca disse. – Mas ele foi levado de um jeito que eu nem gosto de lembrar... Parecia coisa de hospício, sabe? Eu morrendo de dó dele e minha vó preocupada se a sirene da ambulância não ia chamar a atenção dos vizinhos. Sempre preocupada com o que os outros vão dizer. Ela morre de vergonha dele.

As informações rapidamente foram processadas pela cabeça de Valentine. Tinha achado a ponta do novelo.

- Ontem quando eu cheguei na casa da sua avó tinha uma ambulância saindo do condomínio. Era de madrugada.
- Tem certeza?
- Tenho! – Afirmou. - Eu estava com a Clara, ela me deu carona e a ambulância fechou o carro dela... Mas eles estavam com a sirene desligada.

Bianca também tinha o raciocínio rápido. Já tinha entendido onde Valentine queria chegar.

- Você está achando o mesmo que eu? – Bianca questionou.

Micróbio olhou para as duas.

- Não estou entendendo nada. O que vocês acham?

Aquele sumiço repentino, a tranquilidade de Antônia, de Filipo, o empenho em não buscarem informações sobre o desaparecido, a irritação ao descobrirem que Miguel havia aberto uma queixa na polícia. Os fatos começavam a fazer sentido para Valentine.

- Ele pode estar internado, Micróbio. – Valentine explicou. – Pode ter sido levado à força.

Micróbio abriu a boca surpreso.

- Mas podem fazer isso?
- Não é muito bem visto por aí. Mas a gente não pode julgar sem ter certeza de nada. – Valentine tentava puxar pela memória, havia lido o nome da clínica, mas não se lembrava qual era. – E eu já sei como vamos ter certeza de alguma coisa. – A Bianca. – Vou precisar da sua ajuda!

(...)

Fernanda tinha usado boa parte da tarde para redigir relatórios que devia a Dudu e estavam atrasados. O último documento foi finalizado por volta das oito da noite. Não quis nem passar em casa para não atrasar seu jantar com Vitória, ultimamente andava com uma troca de roupa no carro em caso de emergência, passou na sua academia que era há poucos quarteirões dali, tomou banho no vestiário e já saiu do centro esportivo pronta para o jantar. O restaurante escolhido pela loirinha também não era muito distante. Em menos de meia hora estacionava no local. Entregou as chaves do seu carro nas mãos do manobrista e desceu com a bolsa e celular em mãos. Nem sinal de Vitória. Na recepção também não havia nenhum vestígio da loirinha.

- Nenhuma mesa reservada em nome de Vitória Vaccara ou Fernanda Ribeiro Vaccara?
- Não, senhora. Mas temos mesas disponíveis, se a senhora quiser entrar e aguardar sua acompanhante no salão, não há

o menor problema.

- Ok, então eu quero uma mesa para duas pessoas.

A recepcionista do local acompanhou Fernanda até uma mesa que ficava bem no centro do salão e acomodou-a ali. O maitrê veio lhe estender a carta de vinhos, mas Fernanda optou por água. Esperaria pela chegada de Vitória. Decidiu ligar para ela. A mensagem que havia mandado para Vitória nem havia chegado ao destinatário. Mais uma vez o celular estava fora de área. Decidiu tentar ligar em casa. Matilde atendeu e logo passou a loirinha.

- Oi, amor, você se atrasou?

- Oi, Fer... Acabei de chegar em casa. O motorista do vovô teve um problema de saúde e fiquei à disposição dele hoje, nós ficamos o dia todo rodando de uma reunião para outra pela cidade e a tarde fomos de helicóptero até o Guarujá para ele visitar um local. – Vitória disse, estava mesmo com a voz um tanto cansada. – Desculpa... Você disse que eu me atrasei... Pra que?

- Nosso jantar... Eu te liguei o dia todo para agradecer as flores e confirmar nosso jantar.

- Que flores? – Confusa. – Não estou sabendo de flores nenhuma.

- Não foi você que me enviou flores e um convite para jantar?

- Não. – Vitória disse em um tom aflito. – Me conta direito essa história.

- Eu recebi hoje, depois do almoço um arranjo de flores no serviço e um bilhete assinado por você me convidando para jantar no Terraço Itália. Liguei para agradecer o dia todo e o celular estava fora de área. Te mandei mensagem, aí mesmo sem você confirmar, eu vim porque eu fiquei com medo de te dar bolo. – Pausa. – Alguém se passou por você. Só pode ser isso.

- Meu celular não tocou o dia inteiro e... – Vitória retirou o aparelho do bolso da calça. – Ele parece que está sem sinal.

- Alguém armou, Vitória. – Fernanda disse preocupada. – Só pode ser isso.

Vitória se levantou, equilibrava o telefone entre a orelha e o ombro enquanto calçava os sapatos.

- Fica aí, mas em um local discreto, eu vou te encontrar e... Fernanda?

Tarde demais. A corretora derrubou a ligação. Ao ver Filipo adentrar no salão com um olhar duro e sério compreendeu que ele era o autor da brincadeira. Arrumou um jeito de deixar Vitória incomunicável e se passou por ela. Os dois se encararam de longe e Fernanda já tinha certeza: ele sabia de tudo. Filipo não precisou andar mais que alguns metros para alcançá-la. Para Fernanda os segundos pareciam se passar em câmera lenta. Ela estava de pé, os dois se encararam. Filipo abriu um sorriso curto e diabólico.

- Gostou da surpresa, querida?

- Você só pode ser doente. Pra que isso?

- Sem pressa, meu amor... Nossa noite será inesquecível. – E completou. – A diversão está apenas começando.

CAPÍTULO 27

Fernanda ainda tentou se desvencilhar do marido, mas Filipo não permitiu que saísse. Deu um passo curto e fechou seu caminho. Para completar a ação, ele segurou seu pulso. Propositalmente usava uma força a mais do que realmente precisava, ela debateu o braço, mas ele tinha o controle da situação.

- Você está me machucando! – Ela disse enfurecida. – Me solta!

- Calma, meu bem... – Filipo sorria tentando disfarçar a tensão. - Pra que esse estresse? – Sussurrou entredentes. – Uma explicação... É o mínimo que você me deve!

As unhas de Filipo chegavam a entrar na carne de Fernanda. Com medo de piorar a situação, ela deixou se guiar por ele até uma mesa que parecia ser reservada ao casal. Falaria tudo que tinha para falar a Filipo e iria embora de vez. Os dois se acomodaram, uma garrafa de champanhe enterrada em um balde de gelo estava à espera deles. Era o preferido de Filipo, com certeza havia sido um pedido dele. Filipo serviu duas taças.

- Você só pode ser doente... – Fernanda comentou. – Pra que essa armação toda? Usar o nome da Vitória, as flores...

- Como você tem coragem de olhar na minha cara e citar o nome dessa vagabunda, com cheiro de danone, sentada na mesa ao meu lado?

- Você tem um caso com a Dani, quer mesmo levar a conversa para esse lado? – Fernanda jogou na cara de Filipo. – Vamos acabar com isso. Não suporto cinismo.

Filipo riu.

- Que Daniele? Por que você tá enfiando a Daniele nessa conversa?
- Não lembra, não? São tantas assim? Cuidado, hein, que vocês são bem parecidos, pelo que eu pude perceber. A Dani também não presta. – Fernanda perguntou em tom ácido. – Ela diz o que pra você? Que te ama? Te faz se sentir um rei? Que você é o melhor de todos que ela teve? - Olhou para Filipo e riu. – Espero que ela diga pelo menos isso, que você é o melhor, porque depois desse vazamento do vídeo do Marcelo... – Debochada. – O maior ela não pode dizer que é...

Por mais que tentasse bancar o frio, aquele não era o instinto de Filipo. Seu ego, frágil como uma bola de sabão, se feriu gravemente com a comparação de Fernanda. Enfurecido, ele voltou a apertar o pulso da mulher, com certeza deixaria marcas. Ela tentava se soltar, mas ele abusava de sua força física.

- Como você pode ser tão vulgar? Como?
- Estou falando a língua que você e a sua laia entendem... Me solta!
- Eu tenho o direito de saber o que aconteceu!

Fernanda respirou fundo.

- Nosso casamento acabou. E não foi por causa de Vitória, de Daniele ou de qualquer outra... Chegou ao fim! É isso que você queria ouvir? Então ouve: nosso casamento acabou! Eu quero o divórcio!
- Eu vou acabar com a tua raça...
- Me solta! – Filipo se divertia ao ver o desespero de Fernanda com o pulso machucado. Não cedeu. - Me solta! Eu não quero te machucar...- Filipo riu e cravou seus dedos com vontade.
- Tô morrendo de medo de você.
- Devia...

Ele gargalhou.

- Isso aqui não é nada perto do que eu vou fazer com você e com aquela bastardinha de merda...
- Eu já pedi para você me soltar, seu subdesenvolvido... Não me obriga a te machucar.
- Machucar? Isso não é nada perto do que vai acontecer com a sua galetinha metida a macho. Nem saiu da fralda e se meteu com o cara errado... Ela vai pagar por... AAAAAAAAI!

A atenção do restaurante todo se voltou a Filipo com seu grito de dor. Fernanda cumpriu sua ameaça. Não deixou ele nem terminar a frase e enfiou os espetos do garfo que estava ao alcance da sua mão livre no braço do marido. Filipo começou a sangrar e finalmente desgrudou de seu pulso. Um garçom veio verificar o que acontecia, algumas pessoas se levantaram pra apreciar o escândalo que Filipo fazia por causa do sangue e ela aproveitou para pegar sua bolsa e se retirar à francesa. Ao avistar Fernanda cruzar a saída, Filipo abriu a carteira, jogou algumas notas sobre a mesa e foi atrás da esposa. Ela entrou no elevador e ele encurtou o caminho pelas escadarias. Ao chegar no prédio, encontrou apenas um recepcionista no hall de entrada.

- Viu uma mulher usando um vestido preto passar por aqui?
- Passou quase agora, deve ter ido pegar o carro.

Filipo correu em direção ao estacionamento, chegou no local resfolegando e muito cansado. O manobrista até perguntou se ele estava passando bem. Precisou de um minuto para se recompor.

- Passou por aqui uma mulher de vestido preto?
- Com um carro alto, cinza? – Filipo confirmou com um gesto. – Não tem um minuto que ela saiu. O senhor está sangrando, no que posso ajudá-lo?
- Pega meu carro.

Filipo não precisou esperar muito, logo o manobrista aparecia com seu carro. Adivinhou para onde Fernanda se encaminhava, furou alguns sinais vermelho e a alcançou na metade do caminho.

- Droga... – Fernanda murmurou ao ver Filipo no seu encalço. Os dois estavam parados em um sinal vermelho. Para provoca-la, ele parou ao seu lado, buzinou.

- Você vai pagar muito caro por isso aqui!
- Eu falei pra você me deixar em paz... – Fernanda disse. – Eu vou pegar as minhas coisas e caio fora...

Filipo abriu um sorriso amarelo.

- Vamos ver...

(...)

- É essa! – Valentine exclamou apontando para a tela. A Bianca e Micróbio. – Essa foi a ambulância que eu vi quando desci do carro da Clara.

Os dois se entreolharam.

- Tem certeza?

Valentine fez um gesto afirmativo. Sim, era aquela mesmo. A imagem da ambulância foi recuperada com a colaboração de Petrus, porteiro do condomínio onde se localizava a mansão dos Vaccara. Ele era o responsável em observar as câmeras de segurança.

Pelas normas do condomínio, não poderia mostrar a imagem aos moradores do local, aquela filmagem era apenas para o caso de a polícia precisar dela algum dia, mas Bianca conseguiu convencê-lo a quebrar a regra. Ele conhecia a garota desde seus nove anos, não teve coragem de recusar aquele pequeno favor.

- É, o horário indica que a ambulância passou mesmo na noite que o seu tio sumiu. – Micróbio observou. – E o nome da clínica está legível.

Valentine tirou uma caneta de sua bolsa e anotou na própria mão.

- Clínica São Mateus. – Leu em voz alta enquanto terminava de escrever. – Mateus, nome do meu irmão, como eu fui esquecer?

- Foi coisa de segundos, Vale... Você até que foi esperta em ter a ideia de ver nas filmagens. – Bianca comentou. Olhou para Petrus. – E o senhor foi um amigão, ajudou muito a gente.

- Trabalho aqui há mais de vinte anos, conheci seu tio ainda moleque... – Petrus comentou. – Gosto muito dele. Espero que vocês tenham sorte.

- Obrigada, Petrus... Se não fosse por você, não sei por onde iriamos começar... – Bianca deu um tapinha amigável nas costas do porteiro. – O resto deixa com a gente...

Depois de mais um agradecimento, o trio voltou para o carro alugado por Valentine. Micróbio deu palpite do próximo passo.

- Vamos procurar essa clínica no google, eles devem ter um telefone...

- A gente liga e diz que quer falar com o paciente? – Bianca questionou o namorado.

Valentine fez um gesto negativo.

- Crianças, vocês estão sendo ingênuas. Se ele foi levado a força, lógico que a direção da clínica está sabendo e não vão passar ligação nenhuma. Se a gente quer descobrir algo, a gente vai ter que descobrir o endereço desse lugar e ir. – Valentine olhou para Bianca. – Esse nome, São Mateus, não te diz nada?

- Sei lá... Meu tio ficou em tanta clínica e... – Bianca se cortou. – Cara, como eu não pensei nisso antes. Minha vó é amiga de um cara que tem uma clínica dessas de recuperação. Foi a última que ele ficou internado. Fui com a minha mãe visita-lo. – A Micróbio. – Abre o google e procura Clínica São Mateus, Serra Negra.

Rapidamente Micróbio a obedeceu.

- Por que Serra Negra? – Valentine perguntou.

- Porque a gente foi visita-lo em uma clínica em Serra Negra perto daquela região... Achou alguma coisa, Mi?

- Em Serra Negra não, mas tem uma clínica São Mateus em Amparo que é uma cidade antes...

- É clínica de recuperação de dependentes? – Micróbio passou o celular para as mãos da francesinha. Uma informação lhe chamou a atenção. – Bia, o nome do amigo da sua vó por acaso é Evaldo?

- É. Tem o nome do cara?

- Tem... Ele assina como médico responsável... – Valentine disse. – Acho que temos uma pista. – Fez uma pausa. – Alguém sabe como chega a Amparo?

- Vitória... – Micróbio disse.

Valentine arqueou as sobrancelhas.

- Vitória sabe chegar nesse lugar?

- Não... – Micróbio se explicou. – É ela ali?

Valentine e Bianca viraram na mesma hora. Sim, era Vitória. Ela parecia muita agitada, andava olhando como se procurasse por algo. Valentine começou a sacudir os braços e o casal chamou pelo nome da loirinha. Ao ver os três, ela correu

em direção ao carro.

- Graças a Deus que vocês estão aqui... – Entrou pela porta aberta por Micróbio. Esbaforida. – Eu preciso de uma carona até o Terraço Itália.

Valentine nem questionou a amiga, pelo tom que ela usou não tinha tempo para responder perguntas, colocou o carro em movimento.

- O que aconteceu? – Bianca questionou.
- Não sei direito. Sua mãe ligou, alguém se passou por mim e marcou com ela um jantar lá no Terraço Itália. Mandou flores como se fosse eu...
- Aí Meu Deus! – Valentine disse em um tom aflito. – Pode ser quem eu estou pensando?

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Acho que sim. – Vitória respondeu em um fio de voz. – Corre, Vale...
- Como assim? O que vocês sabem e eu não? – Bianca questionou. – Vitória, o que está acontecendo com a minha mãe?
- Agora eu não posso te explicar...
- Não, eu quero saber! – Bianca estava receosa. – Qual é, Vitória?

A loirinha nem teve tempo de responder. A chancela da entrada do condomínio se abriu para Valentine que teve acesso à rua. Logo ali, na entrada de carros, haviam dois automóveis estacionados. Bianca foi a primeira a reconhecer.

- É o carro da minha mãe e o do meu pai! – Aproveitou que o carro de Valentine estava parado e saltou sendo imitada pela motorista, o namorado e a loira. Correu até a calçada e avistou Filipo e Fernanda, os dois estavam fora de seus respectivos carros. Filipo em uma manobra arriscada fechou a passagem de Fernanda e destruiu a frente do carro da esposa. – MÃÃÃÃE!

Ao ouvir o grito de Bianca, Vitória se apressou, primeiro viu a frente do carro de Fernanda destruído e depois avistou a namorada discutindo com Filipo. Os gritos de ambos davam para serem ouvidos a metros de distância. Fernanda tentava socar o peito e os ombros de Filipo que segurava a corretora pelos pulsos. Estavam muito alterados. Vitória nunca tinha visto Fernanda naquele estado.

- VOCÊ PODIA TER ME MATADO... IMBECIL! DOENTE! ME DEIXA PASSAR!
- ISSO É SÓ UMA AMOSTRA GRÁTIS DO INFERNO QUE A SUA VIDA VAI VIRAR! – Filipo a empurrou, Fernanda não caiu porque se apoiou no próprio carro. Bianca e Vitória foram ampará-la ao mesmo tempo. Valentine e Micróbio assistiam à cena sem acreditar. – VAGABUNDA! – Riu. – CHAMOU A FILHINHA E NAMORADINHA PRA TE PROTEGER?
- QUE? – Bianca olhou assustada para Vitória e Fernanda. A corretora se apoiava na loirinha. “Namoradinha”, Bianca repetiu mentalmente. Não tinha ouvido errado e pelo cuidado que Vitória segurava sua mãe, Filipo não estava inventando coisas. Por que Fernanda havia escondido isso dela? – ISSO É VERDADE?
- É! – Filipo confirmou. Olhou para Bianca – VOCÊ FICA AÍ ME RENEGANDO, CRIANDO CONFUSÃO COMIGO, DEFENDENDO TUA MÃE COM UNHAS E DENTES... MAS QUEM VAI PRA CAMA COM A PRÓPRIA SOBRINHA NÃO SOU EU, NÃO! AÍ... TEU GRANDE EXEMPLO NÃO PASSA DE UMA VAGABUNDA NOJENTA E INCESTUOSA!
- SEU VERME DO CARALHO... – Vitória foi pra cima de Filipo que se desvencilhou dando passos para trás. – COVARDE! – Os dois estavam muito agitados. – VOCÊ JÁ TINHA JOGADO SEU CASAMENTO PRO ESPAÇO HÁ MUITO TEMPO, PRA QUE ISSO, PORRA?
- É a diversão desse infeliz infernizar a vida alheia... – Fernanda se manifestou. – Eu já falei pra ele. Só quero pegar as minhas coisas e cair fora. Ele não me deixa passar!
- Calma, amor... – Vitória foi segurar no pulso de Fernanda e ela recolheu o braço. Sentia dor. A loirinha, com mais cuidado tocou em seu pulso e viu as marcas de agressão. Olhou para Filipo que sorria de um jeito debochado, Vitória foi para cima dele e teve que ser contida por Fernanda e Valentine. Micróbio também se enfiou entre os dois para evitar mais tentativas de agressão. – SEU FILHO DA PUTA, VERME!
- Vitória pelo amor de Deus! – Valentine lutava para segurar a amiga que se debatia para se soltar. – Deixa esse merda pra lá, a gente vai em uma delegacia e denuncia, não resolve as coisas assim...
- Não gosta de dar uma de mulher macho, galetinha?! - Filipo provocou. – Vem... Vem pra levar o corretivo que o bunda mole do seu pai não te aplicou quando você merecia... - Vitória conseguiu soltar um dos braços, não dava para partir pra cima de Filipo, mas conseguiu deslocar Micróbio com um empurrão para o lado, juntou o que pode de saliva e cuspiu com força acertando os olhos de Filipo que perdeu completamente a compostura e partiu para cima da loirinha. Apenas não alcançou Vitória porque Micróbio se colocou na frente e separou os dois. – VAGABUNDA! PIRANHA! FILHA DA PUTA! EU VOU TE QUEBRAR TODINHA! BASTARDA! – Petrus finalmente chegava de sua cabine, segurou Filipo por trás enquanto o mesmo lutava para tirar Micróbio de sua frente. – Você, seu bostinha, tira essa pata imunda de cima de mim.
- Cala boca, tio, não quero te machucar não! Fica de boa... – Micróbio falou. Após o cuspe, Vitória parecia mais

conformada, Valentine e Fernanda soltaram as mãos de seu corpo. – Deixa a tia aí pegar as coisas dela que estão na casa e vazar... Para de fazer besteira.

Filipo respirou fundo e fez um gesto afirmativo. Ele também parecia mais conformado. Petrus era forte, iria proteger as mulheres. Se tentasse alguma coisa era capaz de se dar mal.

- Já tirei as coisas dela da casa. – Fernanda encarou Filipo sem entender. – Está tudo no meu porta malas. – A Petrus. – Me solta... Não vou sujar minha mão batendo nessa fedelha!

O porteiro obedeceu. Filipo abriu o porta malas, abriu as duas malas grandes de Fernanda que haviam lá e despejou as roupas todas no chão. Propositalmente em cima de uma poça de lama na calçada. Vitória ensaiou uma reação, mas Valentine a segurou novamente.

- Nem pense...

Bianca, Micróbio e Fernanda se agacharam para salvar as roupas, mas era trabalho perdido, Filipo tinha transformado tudo em trampos. Passou a tarde toda se dedicando a isso. Fernanda não acreditava no que via. Não era a mulher que vivia de dinheiro do marido, cada blusa, cada calça ali tinha um pouco de seu trabalho, da luta em vender os apartamentos, das horas que passava batendo perna com cliente tentando fazer um bom trabalho. Não entendia porque tinha que passar por tanta coisa.

- Cara, você é doente... – Bianca murmurou ao pai. Fernanda mal tinha condições de responder, seus olhos estavam empoçados, um bolo na garganta. Nunca pensou que passaria por tal humilhação na frente da filha. Tantos anos de casamento e era assim que Filipo retribuía. – Você devia se tratar...

- Só estou colocando sua mãe no devido lugar, puta tem mais é que roer calçada! E isso é só o começo!

Vitória conseguiu escapar de Valentine, mas não foi para cima de Filipo. Agachou, abraçou Fernanda e tirou-a de cima da poça. Ela era mais importante do que qualquer soco que desejava dar na cara de Filipo. Queria coloca-la em seu colo e nunca mais soltar se fosse possível. Satisfeito com o show, Filipo pegou seu carro e entrou no condomínio, passando por cima das roupas que viraram trapos, cantando os pneus.

- COMO EU ODEIO SER FILHA DESSE FILHO DA PUTA! – Bianca gritou com toda a força de seus pulmões. Deu um chute forte em uma lixeira. - ODEIO!

- Calma... – Micróbio a abraçou por trás tentando consolar a namorada que também chorava. – Calma... O pior já foi.

- O Micróbio está certo, gente. – Valentine disse. – O pior já passou. Agora a gente tem que ir em uma delegacia e denunciar tudo isso.

- Tá louca? – Micróbio disse. – Capaz de piorar o estado da tia...

- Eu detesto ter que concordar, mas ele está certo. – Bianca disse. – Ir pra uma delegacia comum, nesse estado, não rola.

- Gente, mas isso é caso de violência doméstica... – Valentine insistia. – Vamos pra uma Delegacia da Mulher!

- Fer, o que você quer fazer? – Vitória questionou.

- Esquecer que isso tudo existiu. – Disse deprimida. – Tomar um banho quente, cair na cama e dormir... Se eu for pra uma delegacia ainda é capaz de questionarem se eu tenho certeza que isso mesmo que aconteceu, se eu não me machuquei sozinha. Ir em uma delegacia agora não dá mesmo. Talvez amanhã eu mude de ideia... Só me tira daqui, por favor. – Fernanda pediu a Vitória.

- A gente vai pra casa do tio – Bianca decidiu. - Eu durmo na sala e você fica com o seu quarto

- Não! Como eu vou aparecer assim, nessas condições na frente do seu tio? Ele é esquentado, capaz de caçar confusão. – Esfregou a mão no pulso. Latejava bastante. – Liga para o Dudu... Se ele não se incomodar eu vou dormir na casa dele.

- Tudo bem... – Vitória pegou o celular de Fernanda e se afastou para falar com Dudu. Antes de sair de perto dela, depositou um carinhoso beijo no rosto da corretora. – Dudu...

Bianca observou todo o contato entre a loirinha e a mãe. Decidiu perguntar para Fernanda.

- Como é que... Vocês... Vocês estão mesmo juntas?

Fernanda encarou a filha. Não adiantava mentir.

- Estamos sim. Seu pai não mentiu.

- Mas como isso foi acontecer? – Bianca questionou. – Vocês estão tendo o que afinal? Por que você não me contou e...

- Bia... – Valentine interrompeu. – Eu sei que sua cabeça deve estar uma zona nesse momento, mas sua mãe precisa descansar agora, não está em condições de responder... Tenha um pouquinho de paciência que eu tenho certeza que vocês ainda vão conversar sobre isso.

- É, Bia... Deixa tua mãe respirar um pouco... – Micróbio abraçou a namorada e deu um beijo. – Vai ficar tudo bem...

Os dois foram caminhando juntos em direção ao carro de Valentine. Fernanda aproveitou o afastamento e disse a Valentine.

- Obrigada, viu... Você está sendo muito legal comigo.
- Enquanto você for legal com a minha amiga, eu sou legal com você... – Valentine brincou.

Vitória desligou o celular.

- O Dudu deu ok. Vamos?
- Vamos, pelo amor de Deus. – Fernanda disse decidida. Olhou para a fachada do condomínio. – Não quero nunca mais voltar para esse lugar.

(...)

Dentro de seu quarto, Marcelo caminhava de um lado para o outro. A ansiedade de executar o plano de fuga secava sua boca, deixava seu corpo trêmulo e dava cólicas horríveis. Tinha impressão que o tempo não passava e que nunca Freitas iria até seu quarto. Cansado de caminhar, ele decidiu sentar na cama para aguardar o vigia noturno. Não tirava os olhos da porta. Já estava começando a acreditar que algo deu errado quando ouviu passos e em seguida a maçaneta se mexer. A porta finalmente se abriu.

Era ele. Freitas. Antes de entrar no quarto, olhou com cautela para os lados. Ao ver que a barra estava limpa, entrou e passou a chave na porta. Sorriu ao ver que Marcelo o esperava acordado.

- Ansioso?
- Você não tem ideia, cara... – Marcelo disse em um tom sedutor. – Não consegui fechar os olhos pensando em você...

Até aquele ponto não havia dito mentiras. Freitas sorriu ao ouvir aquela informação.

- Apaixonou, é? – Marcelo sorriu, Freitas maliciosamente passou a mão por seu peitoral, Marcelo o esperava apenas de cueca. – Parece que o tempo demorou mesmo pra passar...
- Aquela hora você reclamou da cueca. Coloquei uma, agora não tem do que se queixar...

Freitas o mediu de cima abaixo. Não podia reclamar de Marcelo estar lhe esperando apenas utilizando uma cueca branca.

- Verdade... Mas sabe que acho que agora eu prefiro sem... – A mão do vigia desceu e passou por cima da virilha de Marcelo, Freitas tentou aplicar um beijo em sua boca, mas Marcelo fugiu. – Que foi? Cadê aquele fogo todo... Era mentira?

- Não, não é isso... É que eu sou um cara que... – Marcelo fez uma pausa. – Eu gosto de um negócio meio diferente... – Freitas o encarou confuso. – Tá ligado naquele livro, cinquenta tons de cinza? – Percebeu um olhar desconfiado do vigia. – Calma cara, você vai gostar...
- Ih... Sei não... – Freitas disse. – Sei não...
- Freitas... Fica frio... – Marcelo veio por trás e mordiscou a orelha do vigia, esfregou seu corpo nas costas do outro e percebeu a pele de Freitas se arrepiando. – Você vai gostar... Eu vou fazer direitinho...
- Aí cara... – Marcelo deu um beijo no ombro de Freitas que sentiu o corpo trêmulo. O tesão falava mais alto que qualquer precaução. – Tá bom... O que você quer que eu faço? - Marcelo sorriu. Seu plano estava dando certo. Sussurrou algo no ouvido de Freitas que sorriu. A barba de Marcelo provocava cócegas. – Mas como a gente vai fazer?
- Você vai ter que confiar em mim...

(...)

- Agora só falta essa mão aqui... – Marcelo enrolou uma blusa sua no pulso de Freitas. Deu um nó firme. A outra ponta da blusa foi amarrada na grade da cama hospitalar. Freitas não desconfiava que se tratava de um plano de fuga, jurava que só iria satisfazer um desejo sexual de Marcelo, transar com um cara amarrado. Até gostou da sensação de deixar ser completamente dominado pelo outro. Ele já tinha desfeito de sua farda de vigia, só faltava Marcelo se livrar da cueca. – Quase pronto...
- Quase? – Freitas se perguntou. Malicioso. – Falta mais o que?
- Um detalhezinho especial... – Marcelo provocou. - Quer ver?
- Não vejo a hora... Mostra...

Marcelo sorriu, aproximou seu rosto de Freitas, o vigia fechou os olhos acreditando que finalmente seria beijado quando Marcelo acertou uma cotovelada em cheio na sua cabeça deixando desacordado por alguns instantes. O rapaz aproveitou da moleza do vigia e finalizou seu trabalho amarrando uma tala na boca de Freitas, impedindo assim que ele gritasse. Rapidamente recolheu o uniforme de Freitas e se vestiu tomando o lugar do vigia. Enterrou bem na cabeça o boné que Freitas usava. Quem visse de longe poderia confundir os dois, já que Freitas também era barbudo.

- Foi mal cara, eu até simpatizei com você, nada pessoal.

Essas foram as últimas palavras que Marcelo disse antes de sair do quarto e deixar Freitas em seu lugar. A única coisa

que levou do cômodo foi o celular e as chaves da moto de Freitas, o álcool que havia achado malocado no chão do banheiro e fósforos. Olhou em volta. Ninguém por perto. Os seguranças noturnos deviam estar tomando um lanche ou algo do tipo. Passou pelo local onde havia jogado bola mais cedo. Ali estavam duas caçambas de lixo grande cheias de folhas secas e material reciclável.

Marcelo jogou todo o restante do álcool nas caçambas e dois fósforos acesos. Em menos de dois segundos duas chamas enormes se criaram na sua frente. Logo alcançariam o quarto onde ficava guardada as ferramentas para a manutenção da casa. Marcelo sabia que aquele local só era aberto de dia, por isso calculou milimétricamente onde deveria incendiar. Queria fugir, não ferir ou machucar alguém.

- FOGO! – Começou a berrar. – FOGO!

Seus gritos acordaram alguns internos que ao verem as chamas começaram a se desesperar. Os seguranças, atraídos pelo burburinho, foram ver o que acontecia e encontraram uma grande confusão.

- Freitas, como isso foi acontecer? – Um dos homens perguntou. Na confusão de tentar atear as chamas e controlar os internados, nem olhou para a cara de quem estava falando.

- Vou lá na frente ligar para os bombeiros. – Marcelo disse. – Celular está sem sinal...

- Beleza, beleza...

Marcelo deu uma última olhada. O fogo logo seria controlado, os seguranças e alguns internos tentavam apagar as chamas com a mangueira do jardim e com baldes d'água. Outros aproveitavam a situação para zoar ou tentar fugir. Da guarita de Freitas, Marcelo viu quatro internos derrubarem o portão principal com solavancos. Ele encontrou o capacete do vigia embaixo da mesa, rapidamente saiu da guarita, montou na moto de Freitas e deu partida. Saiu pelo portão derrubado pelos internos. Um dos guardas o avistou, mas não fez nada e até lhe disse:

- Pega os fujões, Freitas! Qualquer coisa a gente manda reforço!

Marcelo apenas levantou a mão e ergueu o dedo do meio em direção a clínica. Queria ser uma mosquinha para ver a cara dos seguranças e de Evaldo quando encontrassem Freitas nas condições que ele havia deixado. Acelerou a moto e logo encontrou a Rodovia dos Bandeirantes que o levaria de volta para São Paulo. Era delicioso sentir o vento da madrugada batendo em seu peito depois de ter sido trancafiado. O gosto da liberdade era maravilhoso.

(...)

- Eu jurava que você ia dormir lá no Dudu... – Valentine comentou com Vitória. As duas ficaram a sós após deixarem Micróbio em casa. Bianca não quis sair do lado da mãe e também passaria a noite no apartamento de Dudu. – Vocês não estão brigadas depois de tudo, né?

Vitória abriu um sorriso e fez um gesto negativo.

- Não, aquela hora que a Fer pediu para falar sozinha comigo, ela pediu para eu não dormir lá porque ela queria conversar primeiro com a Bia sobre nós duas. Disse que era novidade demais para a Bia...

Valentine fez um gesto afirmativo. Estava de acordo com Fernanda.

- É... E pelo que eu vi a Bia é osso duro de roer... Protege as pessoas que ama com unhas e dentes... Você vai ter que andar na linha.

- É... Ela é osso duro de roer... – Olhou para Valentine de um jeito divertido. – Parece até com alguém que eu conheço.

- Tá falando de mim?

Vitória riu.

- Você tem que admitir que não é a pessoa mais simpática do mundo quando vê que seus amigos se aproximam de outras pessoas. Lembra o que você dizia da Fernanda?

- Não queria que ela te machucasse... – Vitória riu. Valentine era super protetora, e tinha uns ciúmes que sai de baixo. - Sou assim mesmo... Não gosto de ver as pessoas que eu gosto sofrerem, principalmente meus amigos. – Sorriu. – Mas eu sei que a Fernanda é incapaz de fazer mal a alguém... Eu quero vocês bem.

- Você é osso duro de roer... Mas é o meu osso duro de roer... Não trocaria sua amizade por nada. – As duas trocaram um sorriso. – Agora vamos procurar um hotel ou qualquer para se encostar e amanhã eu arrumo um jeito de tirar as minhas, as suas e o que restou das coisas da Fernanda daquela maldita casa.

- Tem certeza que vai sair da casa da vovó?

- Única pessoa que eu ainda tenho alguma ligação ali, além do meu vô é a Matilde. Vou sentir falta dela, mas não tem mais clima pra eu ficar lá... Sem a Fer... Sem o tio Marcelo... Mas é temporário. – E afirmou. – Não falam que os filhos são versões melhoradas dos pais? Eu sou mais ruim que ele... Eu vou voltar e vai ser por cima.

- Simba, deixando o tio Scar de lado... – Valentine brincou para amenizar o clima. - Tenho novidades sobre o seu outro

tio, o Marcelo.

- O que?

- Vamos primeiro parar em algum hotel e eu te conto.

O celular de Valentine tocou. Ela pediu que Vitória atendesse.

- Alô? -...- Ela não pode falar porque está dirigindo. -...- Ele é meu tio, pode falar... -...- Como? -...- Mas foi agora? -...- Onde? -...- Estamos indo, obrigada. – Desligou. Aflita. – Vale, para o carro.

- Que foi?

- Era um investigador. Ontem meu pai deixou o seu número como contato da família, eles não conseguiram falar com meu pai e nem comigo, aí ligaram pra você. - Valentine estacionou. – Você não vai acreditar no que aconteceu com Tio Marcelo.

CAPÍTULO 28

- Fala, Vitória, sem enrolação, por favor.

Vitória fez um sim. O telefonema a deixou tão chocada que nem conseguiu pensar em alguma forma de suavizar a informação que tinha em mãos. Foi direta.

- Aconteceu um acidente com um motociclista na Rodovia dos Bandeirantes e o investigador acredita que o motociclista possa ser o tio Marcelo. O cara está sem identificação. – Vitória explicou. – Ele quer que a gente vá reconhecer o corpo no IML de Guarulhos.

- Corpo, isso quer dizer que...

- Foi um acidente fatal, Valentine. – Vitória disse. Fez uma pausa. – Tio Marcelo pode estar morto. - Valentine levou a boca em choque. – Vale, calma. Não adianta a gente se desesperar antes da hora... A gente tem que reconhecer o corpo primeiro. Você consegue dirigir?

Valentine respirou fundo. Vitória estava certa. Não podia perder a calma naquele momento. Com um gesto fez um sim. Ela e a loirinha bateram no GPS o endereço dado pelo investigador e logo o aparelho forneceu a rota que elas deveriam seguir.

Durante todo o caminho não trocaram uma palavra sequer. Não ligaram o rádio, o único ruído possível de se ouvir eram as respirações tensas e o motor do carro. Por sorte, Valentine achou uma vaga bem ao lado do IML. O lugar era escuro e parecia cenário de um filme de terror. Uma mulher toda de branco veio atender as duas.

- O que desejam?

- Boa noite, eu sou sobrinha do Marcelo Vaccara. – Vitória se apresentou. – Meu tio está desaparecido e o investigador Antunes me avisou que encontraram um corpo sem identificação e trouxeram para cá...

A senhora de branco olhou para as duas jovens mulheres e teve pena delas, como tinha de todos que batiam ali para reconhecer o corpo de um desconhecido. A ruiva devia ser muito próxima do desaparecido, ela parecia não dormir por dias.

- Só um momento. Vou chamar alguém para acompanhar você. Eu preciso de um documento com foto seu. – Vitória entregou seu documento de identificação italiano. A moça verificou. – Só pode ir uma pessoa.

- Tudo bem.

A mulher fez um telefonema solicitando um acompanhante e logo apareceram dois homens. Um rapaz da idade de Vitória e um sujeito mais velho, grisalho de barba por fazer. Ele se apresentou como investigador Antunes. O mesmo homem que Vitória havia falado pelo celular.

- Por favor, por aqui...

Antes de seguir com os dois homens, Vitória e Valentine trocaram um olhar e a loirinha percebeu que a amiga estava desesperada. Ela também estava, nunca pensou que algum dia na vida seria obrigada a passar por aquilo, mas procurava não deixar extravasar sua emoção para não abalar ainda mais os sentimentos de Valentine. Deu um beijo no alto da testa da amiga e seguiu com os dois homens por um corredor ainda mais escuro que o resto do ambiente.

- Eles não demoram. – A mulher de branco tentou tranquilizar Valentine. Em vão.

(...)

- Olha seu estado. – Antônia disse ao filho preocupada. – Eu vou mandar passar uma xícara de café.

- Não! Não quero café! – Filipo insistia. – Estou bem. O que eu quero é o sangue daquela pirralha maldita! Cobrinha com cheiro de leite. Filhote de ratazana! Depois que eu ver o fim daquela bastardinha, ai eu vou me sentir ótimo!

Filipo não estava nem perto de estar ótimo. Sua imagem dizia completamente o contrário. Ele estava descabelado. Em sua camisa ainda havia resquícios da saliva de Vitória e a manga estava suja de sangue por causa da garfada que levou de Fernanda. A boca estava machucada. Filipo chegou em casa tão nervoso por conta da discussão que teve com Vitória e com Fernanda que resolveu beber. Em duas horas consumiu uma garrafa de uísque inteira. Não havia ninguém acordado para lhe censurar. Estava tão bêbado que as pernas não obedeciam. Subiu as escadas, tropeçou e caiu. Cortou a boca na queda. Francesco e Antônia acordaram com a barulheira. Leandro e as empregadas também. Revoltado, Filipo ordenou aos gritos que as empregadas voltassem aos aposentos, Francesco não deixou que Leandro fizesse o mesmo.

- Traz gelo para ele. E passa um café bem forte, por favor.

- EU NÃO VOU TOMAR MERDA DE CAFÉ NENHUM!

- VOCÊ VAI! – Francesco não se intimidou e respondeu na mesma altura. – PRA PASSAR ESSA BEBEDEIRA. E DEPOIS VAI PRA DEBAIXO DE UM CHUVEIRO! VÊ SE ISSO É ESTADO QUE UM PAI DE FAMÍLIA DECENTE CHEGA EM CASA! – A Leandro. – O gelo, por favor.

O copeiro imediatamente se retirou para a cozinha.

- Não fala assim com o menino!

- CHEGA DE PASSAR A MÃO NA CABEÇA DELES! POR SUA CAUSA ELES NUNCA CRESCERAM! – Francesco reagiu. Filipo se acomodou sentado no primeiro degrau da escadaria. Agora a bebedeira o fazia chorar. – Que foi, meu filho? Por que beber desse jeito? Você é um homem tão bonito... Tem uma esposa que qualquer um gostaria de ter... O que está acontecendo?

Filipo fez um gesto negativo.

- Não tenho esposa nenhuma. Meu casamento acabou! Por causa daquela galetinha infernal! Franguinha desgraçada!

- Como assim acabou? – Antônia se perguntou surpresa. – Você e a Fernanda brigaram? Foi isso?

- Fernanda está tendo um caso. Sabe com quem? – Com ódio. – COM A BASTARDINHA DE MERDA QUE VOCÊS ENFIARAM NA NOSSA GOELA BAIXO!

- Que?

- A BASTARDINHA DE MERDA! O VALE PENSÃO QUE AQUELA COZINHEIRA FEDENDO A FRITURA CONSEGUIU QUANDO ENGRAVIDOU DO MIGUEL! A DESGRAÇADA DA VITÓRIA!

Antônia ficou tão em choque que se sentou. Estava sem palavras.

- *CAZZO*! - Francesco soltou também surpreso. - *Non ci posso credere!*

- É verdade, pai. Pode perguntar para as empregadas... Essas horas até as pedras da rua devem estar sabendo... – Filipo estendeu a camisa e mostrou a saliva de Vitória. – Olha o que a galetinha fedendo a leite fez... Cuspiu em mim, aqui na porta do condomínio... Fez um escândalo...

- Eu que não posso acreditar... – Antônia disse a Francesco. – Ligue agora para a portaria. A Vitória está proibida de entrar nesta casa!

- Nem pensar! – Francesco afirmou. - A Vitória entra!

- Que isso, pai? – Filipo se surpreendeu. – Ela me agrediu!

- Exato! – Antônia se juntou ao filho. – Não quero essa menina petulante aqui.

- Ninguém vai proibir a *bambina* de entrar aqui. É minha neta! E outra... *Non sono* um idiota. Como se diz aqui no

Brasil, eu conheço meu gado. Alguma você aprontou! A Vitória não ia te agredir gratuitamente...

- O senhor queria que eu fizesse o que? Peguei a minha mulher de caso com ela.

- Você mereceu... Cansei de te ver com vagabundas. Você não é nenhum santo, Filipo! – E completou. – Já me basta vocês sumirem com o Marcelo! Se proibirem a Vitória de entrar aqui, eu abro a boca!

Na cozinha, Cidinha e Michele estavam com os ouvidos colados na porta, escutando a discussão dos patrões. Leandro terminava de passar o café. Censurou as duas. Matilde, a governanta estava ao lado de Leandro.

- Vocês não têm vergonha não? – Leandro disse. – Se eles pegam uma de vocês fazendo fuxico, sobra pra todo mundo.

- Leandro, está certo! – Matilde alertou. – É melhor cada uma ir para o seu quarto e tratar de dormir. Se estão sem ter o que fazer, tem uma pilha de roupa para lavar e outra para passar.

- Eu não estou fazendo fuxico, estou com medo do Doutor Coisa Ruim ir para cima do seo Francesco... Ele está batendo pino. – Cidinha argumentou. – Você não perceberam?

Michele puxou Cidinha para o quarto.

- Vem, Cidinha. Deixa pra lá, a conversa estava boa, mas agora miou com esse telefonema.

- Telefonema? – Matilde se interessou. – Essa hora?

As duas empregadas mais jovens riram.

- Matilde, agora resolveu dar uma de fuxiqueira também?

- Mas telefonema essa hora nunca é bom. – Matilde fez um sinal da cruz. – O Senhor que nos ajude. – A Leandro. – Vai lá levar o café e vê se você escuta alguma coisa...

Um tanto contrariado, Leandro foi com a missão de trazer informações para a cozinha. Voltou alguns minutos depois. As três estavam ávidas por notícias.

- Pelo que entendi era sobre o Marcelo.

- Marcelinho ligou? – Matilde disse em um tom aliviado. Conhecia-o desde menino, estava extremamente preocupada com ele.

- Não... Mas pelo que entendi é o médico de uma clínica para falar sobre o Marcelo. Deve ser importante mesmo porque o seo Francesco me fez ajudar o doutor Filipo a subir lá para o quarto e pegou as chaves do carro para sair com a dona Antônia.

- Será que eles internaram o Marcelo? – Cidinha especulou.

- Com meu pai também foi assim. – Michele lembrou. – Ligaram para gente ir até o hospital mais ou menos essa hora, chegamos lá e o médico contou que ele tinha enfartado e morrido!

- Avê, Michele! – Cidinha reagiu fazendo um sinal da cruz. – Credo!

- Para de falar besteira, menina! – Matilde rezingou. – Deus vai proteger o Marcelinho e não há de ser nada!

(...)

O intervalo entre Vitória sair e voltar para a entrada do IML não demorou mais que cinco minutos, mas para Valentine pareceu horas. Sua expectativa era tanta que não conseguia ficar parada. De longe viu os sujeitos e Vitória. Ela estava visivelmente emocionada. Não conseguia soltar uma palavra antes de se jogar nos braços da ruiva. Apertou Valentine o quanto pode e entre soluços e lágrimas disse por fim.

- Não é ele... Não é...

- Graças a Deus! – Foi o que Valentine conseguiu balbuciar.

Vitória jamais esqueceria aquele lugar. O corpo estava guardado em uma saleta gelada, como havia chegado aquela noite, ainda passaria por autopsia. Caso não aparecesse ninguém, iria para a geladeira. Estava todo coberto por um lençol branco. A loirinha não teve coragem de puxar o lençol, Antunes que tomou a iniciativa. Vitória levou a mão a boca, visivelmente emocionada.

Tratava-se de um rapaz bonito, possuía características parecidas com as de Marcelo, mas era mais gordo, os lábios maiores, na coxa e no abdômen haviam cicatrizes de alguém que parecia se mutilar e era mais novo. Tanto Vitória quanto Valentine precisaram de beber um copo d'água trazido pela mulher de branco. Antunes veio conversar com as duas.

- Fico feliz que não seja o tio de vocês. Desculpe esse transtorno, mas é assim mesmo.

- Nós entendemos. – Vitória disse. – As buscam continuam?

- Sim... Qualquer coisa ligamos. Boa noite.

- Boa noite.

As duas entraram no carro bem mais aliviadas do que quando chegaram no IML.

- Que sensação horrível. Eu nunca mais quero passar por isso na minha vida.

- Eu não posso nem imaginar. – Valentine disse. – Quer saber? Vamos sair daqui, parar em um lugar qualquer, comer besteira, ser feliz e esquecer que essa noite existiu. Amanhã é um novo dia e se Deus quiser vamos ter notícias do Marcelo. – Não quero ir para um IML viva nunca mais na minha vida!

- Nem eu!

(...)

Da janela do apartamento de Dudu, Fernanda conseguia enxergar um dos cartões postais de São Paulo, a ponte Octavio Frias de Oliveira, conhecida também como Ponte Estaiada, o movimento da marginal Pinheiros e prédios da região da Berrini, do Brooklin e até do Morumbi. Assistia a vida noturna da cidade enquanto bebericava uma taça de vinho e escutava uma música suave tocando baixinho no rádio que havia ligado para quebrar o incômodo silêncio. A sala estava toda escura. Ela havia sentado no chão da varanda para observar a paisagem. Ouviu passos e logo reconheceu a silhueta de Dudu. Ele não acendeu a luz da sala.

- Imaginei que você não ia conseguir dormir hoje.

- O som te acordou?

- Não... Eu senti sede, levantei para ir até a cozinha... – Acomodou-se ao lado de Fernanda. – E a Bia?

- Acabou pegando no sono. – Deu um gole no vinho. – Tão novinha e tendo que enfrentar essa barra.

- Você falou com ela sobre a Vitória?

Fernanda fez um gesto afirmativo.

- Se eu não falasse nada, acho que ela morreria de ansiedade.

- E aí?

- Disse que para ela é estranho... Que ela quer me ver feliz, que gosta muito da Vitória, mas que nunca tinha imaginado que isso pudesse acontecer... Ela disse que precisa se acostumar com a ideia.

- Você acha que ela vai rejeitar vocês?

- Que vocês, Dudu? Eu amo a Vitória e eu não duvido do amor dela... Mas um dia ela vai ter que voltar pra Paris, vai ter que seguir com a vida dela e eu com a minha. Eu amo estar com ela, mas não tenho a mínima ideia do nosso futuro. E isso está começando a me preocupar. – Brincou. - Mais uma ruga pra minha testa.

- Pois é. Mas eu acho que isso é de menos, sabia? Porque quando a gente ama... A gente dá um jeito... Soluções existem para serem encontradas. – Fernanda sorriu. Dudu não estava errado. – O seu maior problema, você se livrou hoje.

- Será? Ok, eu saí de casa, finalmente! Mas existe algo que a gente não pode esquecer nunca. O Filipo é vingativo e baixo. O que ele puder fazer para me atingir...

- Isso também se dá um jeito. – Brincou. - Nada que um matador de aluguel não resolva. Você sabe que eu estou nesse luxo, mas nasci e cresci na Vila Carrão. Meu primo é chefe do tráfico de lá.

- Credo, Dudu, que horror!

- Esse Filipo que mexa com você... Meu primo não vai muito com a minha cara, mas na adolescência a gente era próximo... Ele tinha uma certa dificuldade com as mulheres e acabei ensinando uma coisa ou duas pra ele. – Fernanda riu. - Morre de medo que eu deixe a notícia espalhar. Na frente da família banca o machão, mas só eu sei quantas vezes já caiu nesse colo aqui... Faz de tudo por mim, só pra eu não abrir a boca.

Fernanda gargalhou.

- Só você para me fazer rir...

- Não existe melhor remédio pra um dia de merda! – Deu um beijo no rosto da amiga. – Agora eu vou tomar meu copo d'água e dormir, porque eu tenho que ter o meu soninho da beleza... – Fez um carinho no rosto da corretora. – Deus não dá asa a cobra. Quem dera eu ter nascido com esse rosto... Ia ter Filipo, Vitória, Renato, até o Rodrigo Hilbert se engalfinhando por minha causa. – Beijo o alto da testa da amiga. – Boa noite.

- Boa noite! E obrigada por tudo!

Dudu se retirou, bebeu sua água na cozinha e passou de volta. Desejou mais uma vez boa noite e deixou Fernanda com seus pensamentos ainda acordada.

(...)

- Como fugiu? – Francesco se perguntou nervoso. – Vocês não estavam de olho nele?

- Evaldo, eu te paguei muito bem pra isso! – Antônia cobrou. – O que aconteceu?

Os três se encontraram no apartamento de Evaldo, mas não no apartamento de sua família. Marcaram em uma pequena kitnet que o médico possuía na região sul da cidade. Evaldo sabia que estava muito tarde para reuniões, mas aquele assunto era extremamente delicado para se falar por telefone.

- De alguma forma ele dominou um dos guardas, roubou a roupa dele. Roubou a moto e escapou. – Fez uma pausa. – E

me deu um grande prejuízo porque para desviar a atenção da fuga, ele provocou um incêndio e outros internados aproveitaram a confusão para fugir também.

Francesco se levantou irritado.

- CAZZO! QUANTAS VEZES EU DISSE QUE ISSO NÃO IA DAR CERTO! – A Antônia. – OLHA O QUE VOCÊ FEZ!

- Como eu ia imaginar que ele ia fugir?

- Você não conhece seus filhos? O Marcelo não é nenhum banana! – A Evaldo. – VOCÊS TÊM IDEIA PARA ONDE ESSE MENINO FOI?

- Eu preciso que o senhor se acalme... – Os dois encararam Evaldo. Ele tinha algo a mais para dizer. – Os seguranças da clínica avisaram para a polícia do sumiço da moto do guarda... E começaram a rastrear até que acharam a moto...

Francesco se animou.

- E onde está?

- A moto foi encontrada boiando no Rio Juqueri, na região de Mairiporã, que é caminho de Amparo até São Paulo. Um dos guardas seguiu a moto, disse que o Marcelo vinha muito acima da velocidade permitida e ele viu a moto caída na barragem... – Antônia levou a mão a boca completamente assustada. – Nós acreditamos que talvez ele tenha usado alguma coisa e perdido o controle.

- O que você está falando? – O sofrido Francesco cobrou.- Meu filho sofreu um acidente?

- Tem grandes chances do seu filho ter sido levado pela correnteza ou estar afundado na parte mais profunda do rio. Também foi encontrado um dos sapatos que ele estava usando.

Foi a vez de Francesco se assustar.

- *Dio Santo!*

(...)

Vitória podia contar às vezes que foi recebida no apartamento do pai. Pouco frequentava o local, não por falta de convites de Miguel, mas ela preferia encontra-lo fora dali, em um ambiente que a deixasse à vontade. Por esse motivo, Valentine recebeu sua decisão com surpresa. As duas se encontraram no café da manhã do hotel que se hospedaram após o episódio do IML.

- Você vai ficar na casa do seu pai mesmo?

- Eu falei com ele e ele concordou... Expliquei mais ou menos a situação.

- Mas por que isso agora?

Vitória se serviu de um pouco de suco de maracujá.

- Não dormi direito pensando em tudo que aconteceu... Fiquei muito abalada com aquilo de reconhecer o corpo do meu tio e percebi que eu queria estar mais próxima do meu pai. A gente se fala todo dia, mas fisicamente é outra coisa. Está certo que eu moro em outro país, mas agora, nas férias, eu queria estar mais junto dele e da família.

Valentine riu e não resistiu em fazer uma piada.

- Você se aproximou bastante da esposa do seu tio nessas férias. – Vitória pegou um guardanapo de pano e acertou em Valentine. – Ai... Amiga! Amiga! –Disse como se estivesse falando com um cachorro em treinamento e precisasse ganhar a confiança dele. Em seguida emendou em um tom mais sério. – Acho que eu entendo você... Eu também não dormir muito bem, embora o colchão daqui seja maravilhoso... – Fez uma pausa. – Também senti falta da minha família essa noite.

- Eu tenho irmãos que eu mal conheço. O Fabinho e a Clarisse. E ainda tem a Bia que é irmã de sangue. – Refletiu um pouco. - Por que você não aproveita mais uns dias lá com a sua mãe e seus irmãos? Eles vão adorar...

- Não vou ter cabeça de sair daqui sem encontrar o Marcelo. Ontem a confusão foi tanta que eu nem te contei, né? Nós desconfiamos que ele está internado em uma clínica em Amparo.

- Amparo?

- Uma cidadezinha do interior... Perto de Serra Negra.

E enquanto faziam o desjejum, Valentine contava a Vitória o que havia descoberto com Bianca e Micróbio sobre a visita de uma ambulância em plena madrugada no condomínio da mansão dos Vaccara.

- E você pretende ir até lá?

- Sim. Se quiser a gente pode ir junto hoje à tarde. - E explicou. – Agora de manhã vou ver se recupero a sua e a minha bagagem que estão na casa dos seus avos. Isso se ninguém colocou fogo.

- E eu vou passar no meu pai para marcar presença e depois no Dudu para ver a Fernanda. Eu não sei o que ela decidiu

sobre denunciar o Filipo.

- Ainda bem que o Dudu a liberou do serviço.

- Nem roupa ela tinha para ir... Vai ter que comprar tudo de novo.

- Eu comprava e mandava a fatura para o idiota do Filipo pagar. – Valentine disse. - Só de lembrar da cara daquele infeliz eu sinto náuseas, você acredita? Tomara que ele tenha saído para eu nem cruzar com esse infeliz na sua vó.

- Você tem o endereço do meu pai?

- Não, depois você pega as suas malas aqui, né folgada?!

- Vale, meu pai abriu as portas da casa pra você também... A Clarisse está viajando, só volta mês que vem. Tem espaço.

Valentine fez um gesto negativo.

- Seu pai é um amor, mas aquela mulher dele, fiquei meia hora com ela naquela bendita festa do começo do ano e só Jesus na causa... Ela olha para nossa cara como se fosse desmembrar a gente... Se liga, hein?! Não pensa que você vai ter vida fácil.

Vitória sabia que Valentine estava falando a verdade. Maria Helena fazia questão de ser a personificação da antipatia. Não suportava ver Miguel com nenhuma mulher, nem mesmo com a própria filha. Era ambiciosa, não escondia seu grande interesse em bens materiais e olhava tudo e todos por cima, como se fosse de uma classe superior.

Assim que chegou na casa do pai, Vitória foi surpreendida. Encontrou com Fabinho, seu irmão mais novo, na entrada do prédio. Fabio e Clarisse, os filhos de Miguel com Maria Helena eram gêmeos e tinham diferença de cinco anos com a irmã. Apesar de menor de idade, Fabinho parecia ser mais velho porque era alto e forte. Vitória o avistou apontando na esquina, acompanhado de um cachorro grande. Ele controlava o animal pela guia, estava com a camisa jogada no ombro e usava boné com a aba para trás. Devia estar vindo de um passeio no Parque da Aclimação que ficava há uma quadra do apartamento. Ao ver a irmã, o rapaz abriu um sorriso simpático e acenou.

- Oi, Vitória. Papai comentou que você vai ficar aí uns dias... Chegou agora?

- É... Eu ia mandar uma mensagem para ele descer e me ajudar com as malas, o porteiro não me conhece.

- Eu te ajudo. – Estendeu a guia do cachorro para Vitória segurar. – Só cuidado com o Brutus, ele é bobão, mas ele puxa.

Fabinho deu conta das bagagens de Vitória sozinho. Nem precisaram pedir ajuda a Miguel. Ao se sentir livre, Brutus começou a brincar com a loirinha e Vitória entendeu o porque do nome do cachorro. Era um verdadeiro tanque, quase a derrubava. Fabinho teve que chamar sua atenção para ele sossegar.

- Ele gosta muito de visita, fica doidinho. Você tem cachorro?

- Não... Tinha uma vira-lata quando morava em Curitiba, mas ela morreu de velhice pouco antes de eu ir pra Paris. Eu gosto bastante. Assim que puder eu vou adotar um...

- O Brutus eu ganhei de um amigo que a cadela deu cria. Ele só tem uns meses...

Miguel e Maria Helena chegaram na cozinha e encontraram os dois jovens conversando amistosamente. Miguel abriu um sorriso, Maria Helena fechou o cenho.

- Fábio, isso é jeito de receber visitas? Todo suado...

- Já estava indo tomar um banho.

- Vai mesmo que você tem jiu jitsu daqui a pouco. – Maria Helena alertou. – E eu que vou te levar!

- Tá certo... – Fabinho brincou com o pai. – Fui mega cavalheiro... Fala ai pra ele, Vitória, mereço ou não um aumento de mesada? – Deu uma piscadinha cumplice para a irmã. – Fica à vontade.

O rapaz passou para sala, Miguel bagunçou os cabelos do filho e cumprimentou Vitória com um beijo no rosto.

- Viu como você fez bem em vir pra cá? Por que a Vale não veio?

- Ela acha que fica mais à vontade no hotel, que o apartamento é pequeno, não quer atrapalhar...

- Imagina, sua irmã viajou, só volta daqui um mês. – Miguel olhou para filha. – Meu amor, não pensa que é falta de educação, mas eu vou ter que sair... O prédio tá com um problema na manutenção dos elevadores e eu vou ter que falar com o técnico sobre... Como subsíndico eu tenho essas atribuições já que o síndico está de licença médica.

- Subsíndico? Vai gostar de uma dor de cabeça assim...

Miguel riu.

- Em quarenta minutos estou de volta. A Maria Helena vai mostrar seu quarto.

Miguel saiu pela porta da cozinha deixando madrasta e enteada a sós.

- Como vai Maria Helena? – Vitória perguntou em um tom sério. Trocava pouquíssimas palavras com a esposa do pai. – Tudo bem?

- Não tanto quanto eu gostaria. – Ela aproveitou que o filho estava no banho e Miguel fora de casa para se sentir à

vontade. – O seu pai me contou os motivos que fez você sair da casa dos seus avôs e eu quero te dar um aviso. Eu não gostaria que você ficasse aqui, mas já que você está aqui, por favor, não arrume confusão nesta casa. Nós estamos bem...

Vitória abriu um sorriso irônico.

- Você não é muito fã da hospitalidade brasileira, né?

- Eu não sou fã do cinismo brasileiro... Você está algum tempo fora do país e pode ter esquecido, mas nosso povo é hipócrita. Você achou o que? Que eu iria te receber com um sorriso nos lábios, de portas abertas, fingindo que estou animada em ser sua anfitriã? Não faço número, Vitória. – E completou. – Para mim, o seu quarto em qualquer casa tem que ser aquele. – Apontou para um cubículo ao lado da dispensa que Vitória julgou ser o quarto de empregada. – É ali que filho de serviçal dorme.

Vitoria respirou fundo. Maria Helena viria com artilharia pesada. Ela não ficaria para trás.

- Não tenho vergonha nenhuma da minha mãe ter passado várias noites em quartos como esse... Em ser filha de uma serviçal como você mesmo diz. – Respirou fundo. – Você não gosta de hipocrisia, não é mesmo? Então vamos parar de ser hipócritas... Por que você não pega e revela logo para o meu pai que você sabe que eu sou filha do meu tio? Que meu verdadeiro pai é aquele irmão nojento dele que estuprou uma mulher indefesa? – Maria Helena arregalou os olhos assustada. Nunca imaginou que Vitória tocaria naquele assunto. – Você acha que eu não sei que foi você que descobriu toda a verdade, de alguma forma, e me mandou os e-mails com todas informações?

- Você só pode estar ficando louca...

- Não vem, não! Você não encheu a boca para falar de cinismo? Bora jogar limpo então... Você acha que eu nunca ia ter interesse em saber quem mandou aquele maldito e-mail que acabou com a minha vida? –Fez uma pausa. – Só tinha uma pessoa que sairia beneficiada se essa verdade viesse à tona, Maria Helena... O meu pai, o Miguel. Você sabe muito bem que o vô Francesco é um homem justo... Ele nunca soube dessa tramoia da esposa dele pra proteger o tio... E ele tem mais afinidade pelo Miguel... Trazer à tona o crápula que o Filippo sempre foi seria a forma ideal de você tirar ele da vice-presidência da Vaccara e de quebra eu ia estar fora da sua família... – Fez uma pausa. – Eu não sei de que forma você soube de tudo, se mandou investigar, não me interessa... Eu sei que você fez isso achando que finalmente, depois de 23 anos você ia fazer o aborto que tanto desejou e se livrar de mim, né? Eu não vou cair no seu jogo...

- Eu não sei o que você está dizendo... Você fumou, usou droga ou...

- Sabe, tá careca de saber... Eu tenho como provar que foi você que entregou o Filipo de bandeja... Eu mandei apurar toda a investigação... Um hacker conseguiu rastrear a conta fake que você criou pra mandar os e-mails. Tudo do computador da casa da sua mãe... Ele me confirmou isso há uma porrada de tempo. – Fez uma pausa. – Para quem gosta de dar uma de vilã de novela, você tem um grande problema, Maria Helena... Um grande problema chamado deficiência intelectual! Você é burra! Deixa mais fio solto que robô em pane! – Maria Helena ergueu a mão para dar na cara de Vitória, ela foi mais rápida e segurou a madrasta pelo punho. – Um mal do esperto é que ele acha que é único no mundo!

Maria Helena mediu a loirinha com desprezo.

- Só queria provar ao mundo que eu sempre soube! Que era impossível você ser a filha do Miguel... E sabe Deus se é filha do Filipo também... Sua mãe era pobre e pé rapado faz de tudo para subir na vida... Você tanto pode ser filha do Filipo, como de um motorista, um entregador de marmita, um varredor de rua qualquer...

- Infelizmente eu não tive essa sorte e sou filha daquele verme mesmo... O DNA está aí pra comprovar... E você queria provar? Prova então... Você que me mandou todo aquele dossiê do Filipo provando que ele é um crápula. Que eu sou filha de um merda... Por que você não pega e não joga isso na cara do meu pai de vez? – Vitória desafiou. Maria Helena ficou muda. – Eu sei porque você não faz isso, não é pelos meus olhos azuis... – Fez uma pausa. – Você sabe que ex-mulher é normal de se ver por aí, ex-mulher, ex-namorada, ex-noiva... Mas agora ex-filha? – Sorriu e por fim fez um gesto negativo. – Você sabe muito bem com quem é casada... E você querendo ou não o Miguel vai ser meu pai para sempre. – Afirmou. – Você não pode mudar o amor que ele sente por mim. Não pode apagar da memória dele que a primeira palavra que eu disse foi “papai”, nem todas as vezes que eu voltava correndo da escola e me jogava no braço dele. Nem todas as febres que ele tirou de mim. O fato é que Miguel Vaccara sempre será meu pai e você não pode fazer nada quanto a isso. Eu posso contar tudo para ele agora. Eu tenho certeza que não vai alterar em nada o que ele sente por mim. – Fez uma pausa. – Mas se você contar, você sabe que é capaz dele sentir tanta raiva de você que provavelmente o seu casamento vai começar a ruir por isso. Se já não estiver ruído por outros motivos. – Maria Helena se calou. Vitória falava a verdade. Ela tinha interesse que a história viesse à tona, mas jamais por sua boca. Miguel talvez não a perdoasse. – E agora eu vou falar em uma linguagem que você entende: dinheiro. Se eu fosse você, eu pensava bem antes de contar... Porque meu pai parece bonzinho, mas ninguém abre a cabeça dele. Ele nunca quis se tornar vice-presidente da Vaccara e não vai se convencer do contrário de uma hora pra outra. Meu vô certamente não vai deixar o tio Filipo e o tio Marcelo também não demonstrou interesse. Eu vou ter um terço do dinheiro do meu pai adotivo e metade do meu pai de sangue e sou a neta mais velha... Eu posso muito bem acenar para essa vice-presidência... Vai e conta, conta para todo mundo o que você sabe. vVcê pode estar jogando a vice-presidência da Vaccara no meu colo.

- Você não se atreveria há tanto.

- Eu não tenho interesse, mas algum dia, alguém terá que ocupar esse lugar. – Vitória fez uma pausa. – Eu não estou pedindo muito... Me deixa na minha, para de encher meu saco... Eu não tenho nada contra os seus filhos... Se você quer fazer algo contra mim, faz, mas faz direito, para me quebrar mesmo, ou saí do meu caminho de vez porque eu não vou frear... Estamos entendidas? – Maria Helena não respondeu e Vitória interpretou aquele gesto como um sim. – Agora por favor, onde fica o meu

quarto?

- O segundo a esquerda. – Maria Helena respondeu com ódio. Entredentes. – Fica à vontade!

- Um pouco mais de gentileza... – Vitória pediu para provocar a outra. – A voz pode ser um pouco mais docinha...

- O segundo quarto, a sua esquerda, Vitória. Fica à vontade.

- Obrigada. – Vitória sorriu. Debochada. – Querida!

(...)

Para a sorte de Valentine, Filipo havia saído de casa. Ao chegar na mansão dos Vaccara para pegar suas coisas e as de Vitória, não cruzou com ele. Foi recebida por Francesco e Antônia.

- Então ela vai ficar com o pai? – Antônia questionou. – O Miguel aprova esse comportamento da Vitória? Ela agrediu o meu filho!

- Está no apartamento dele. Eu preferi ficar em um hotel mesmo.

- Sabe... É melhor assim. O Filipo anda muito estourado e nervoso. Ontem acho que ele até teve alta de pressão, mas o teimoso não quis chamar um médico... Não quero que a Vitória se afaste da família... – Francesco afirmou. – Mas até os ânimos se acalmarem é melhor eles não se verem. – A Matilde. – Acompanha a moça até o quarto.

- Não precisa, Matilde... Eu sei o caminho. Com licença...

Valentine subiu as escadarias e entrou no quarto que estava hospedada. Após alguns minutos ouviu passos. Ela terminava de dobrar as roupas quando viu que alguém a esperava na porta. Fechou o cenho.

- O que você está fazendo aqui?

Daniele sorriu.

- Aqui ainda é a casa dos meus sogros. – Olhou para as malas de Valentine. – Pelo jeito você já está de saída... O amiguinho mal virou comida de peixe e você vai embora?

- Comida de peixe? Do que você está falando?

Daniele trancou a porta.

- Não se faz de desentendida não, vagabunda.

- Abre essa porta! Não sei o que você está falando... – Valentine reagiu. – Parece que está bêbada!

- Eu não... Não confunde... Quem enche a cara e saí por aí fazendo merda é teu amigo Marcelo. –Riu. - Você não soube da última, né?

- Vocês têm notícias do Marcelo?

- A polícia está atrás dele... E os bombeiros... Roubou uma moto, saiu dirigindo bêbado e caiu em um rio... Já acharam sapato, roupa, a moto roubada... Só falta o corpo. – Irônica. – A vida é engraçada, né? A pessoa troca a mulher por uma piranha e acaba morta no fundo de um rio. Cíclica até!

- Você não está falando a verdade! – Valentine largou as roupas, tentou passar e Daniele a impediu. – Saí da minha frente!

- Não! A gente tem muito o que conversar!

(...)

- Já vai... Já vai!

Era a primeira vez em 22 anos que Vitória ficava sozinha na casa que era de seu pai. Miguel ainda não tinha voltado da tal reunião do prédio e Maria Helena havia saído com Fabinho que tinha saído para sua aula de jiu jitsu. Brutus começou a latir por conta da campainha e acompanhou Vitória até a porta. A loirinha tinha acabado de se trocar. Pensou que fosse Fabinho ou Maria Helena que esqueceu alguma coisa, eles tinham acabado de descer. Abriu a porta.

- Bia?

- Oi. – Bianca encarou a loirinha, Vitória abriu um sorriso, mas a garota permaneceu séria. – Vim conversar com você... Qual é a tua com a minha mãe?

CAPÍTULO 29

- Bia... Eu... – Vitória buscou as palavras certas. – Não esperava te ver aqui.
- Você queria que eu ficasse quieta? Achava que você era minha amiga e do nada descubro que você e minha mãe... – Cruzou os braços. – Será que ao menos a gente não pode conversar sobre isso?

A vontade que Vitória tinha de matar Filipo apenas cresceu. A forma que ele contou a Bianca sobre seu relacionamento com Fernanda foi completamente covarde. Filipo parecia ser um especialista naquele assunto. A cozinheira podia ler nitidamente a decepção nos olhos da garota. Bianca devia estar se sentindo no mínimo excluída, precisaria de muito jogo de cintura para contornar aquela situação.

- Claro que podemos conversar, mas aqui não. Meu pai ficou de aparecer logo... Pode ser? Só o tempo de eu terminar de me arrumar.
- Tudo bem... Eu espero.

Bianca se acomodou em um dos sofás da sala e Vitória se retirou para o quarto de hóspedes. Estava tão tensa que só respirou tranquila quando fechou a porta do banheiro do quarto e molhou o rosto com água da torneira. Tinha acabado de sair do banho e suava horrores. Inventou a Bianca que precisava se trocar, mas de verdade queria ganhar tempo. Estava mesmo na hora de ter uma conversa com Bianca. Uma conversa franca, dessas que podem mudar a vida de uma pessoa. Só precisava de alguns minutos para criar coragem.

(...)

- DANIELE, EU ESTOU PERDENDO A MINHA PACIÊNCIA COM VOCÊ! – Valentine rosnou visivelmente alterada. - ME DÁ A DROGA DESSA CHAVE!

Daniele abriu um riso debochado causando mais revolta em Valentine.

- Que foi perdeu o *mise en place*, querida? Resolveu descer esse seu narizinho empinado dos tamancos? – Valentine revirou os olhos, até a voz de Daniele lhe causava náuseas. – Você não me engana não... Conheço bem o seu tipo... Dá uma de grã-fina, de menina bem criada, com esse teu francês fajuto, para fazer tipo... Não passa de uma vagabunda que rouba o homem das outras.
- Um homem que você acabou de dizer que virou comida de peixe, Daniele! Um homem que a gente sequer sabe se ainda existe! Teus filhos estão precisando de você agora! Por que você não me esquece? Me deixa em paz!

Já havia se passado quase dez minutos que as duas estavam trancadas no cômodo. Daniele não havia apenas trancado o quarto, também dominou a chave. Valentine bem que tentou tirar dela a força, mas Daniele foi mais rápida e escondeu dentro do sutiã obrigando a ruiva quase implorar para que ela abrisse a porta.

- Eu vou te deixar em paz... Assim que você abrir essas malas... – Valentine a encarou sem entender. – Quem me garante que você não passou a mão em nada? Não quis a ajuda da Matilde para fazer a mala.
- Meu amor, eu não quis porque ao contrário de umas e outras, que são umas inúteis, eu sei me virar muito bem... Agora para de palhaçada e me dá essa chave de uma vez!

Daniele se sentou sobre uma das malas de Valentine e afirmou em um tom decidido.

- Eu só saio daqui depois de conferir tudo... Quem rouba marido dos outros pode muito bem passar a mão em outras coisas.

Valentine abriu um riso nervoso.

- Pra quem não me suporta, você está fazendo muita questão de ficar presa em um quarto comigo, não está?

Daniele voltou a rir.

- Querida... Eu gosto de homem... Eu amo homem! E se eu tivesse esse teu lado, aí, o lado da Vitória... Eu ia escolher uma mulher cem vezes melhor do que você... O que não deve ser muito difícil de achar. – Gargalhou. – Você acha por que o Marcelo nunca se interessou por você, embora você viva correndo atrás dele, feito uma desesperada? – Valentine abriu um sorriso irônico. – É isso mesmo...
- Meu Deus, Dani... Como você é vulgar...
- Homem gosta disso, de mulher quente! Pergunta para o Marcelo! Tenho certeza que ele vai ter o prazer de te falar...
- Com o Marcelo, minha querida, ele não só tem prazer em falar comigo, não! – Afirmou Valentine para ódio de Daniele. – Isso, eu te garanto...

Daniele riu.

- Você tá blefando... – E disse entredentes. – Aposto que você é frígida!

- Tô, blefando, é? – Debochada. – Pergunta para o Marcelo... – O rosto de Daniele já estava cor de vinho. Valentine parecia muito segura para quem estava inventando algo. – E já que você só entende uma linguagem, vou baixar de vez o nível. – Fez um sinal com as mãos. – Comigo ele deu cinco sem sair de cima...

Foi o que bastou para Daniele perder a esportiva de vez e partir para cima de Valentine aos gritos de "vagabunda, piranha". Daniele tentou estapeá-la. Valentine conseguiu se proteger, puxou os cabelos de Daniele e a levou ao chão com um sonoro tabefe no rosto. Antes de cair no chão, Daniele ainda bateu o rosto na quina da cômoda. A adrenalina tomava conta das duas, Daniele, caída no chão acertou um chute no quadril de Valentine que se armou de um objeto perdido sobre a cômoda: um cinto masculino.

Ao ver o cinto nas mãos de Valentine, Daniele tentou escapar, mas foi atingida por uma cintada nas pernas.

- TÁ ME MACHUCANDO, SUA LOUCA!

- EU DISSE QUE ESTAVA PERDENDO A PACIENCIA COM VOCÊ! – Acertou mais duas cintadas, atingindo o braço e as pernas. – Você não está apanhando por causa do Marcelo não. – Deu mais cintadas. - É PARA APRENDER QUE NÃO DEVE SE METER COMIGO!

- EU VOU TE MATAR QUANDO SAIR DAQUI, SUA VADIA, SUA LADRA!

Valentine deixou a cinta de lado e acertou um tapa no rosto de Daniele, obrigou a morena encará-la frente a frente. Estava com ódio.

- Vagabunda, vadia, cachorra tudo bem, agora ladra? Não! Querida, eu uso Dior, eu uso Louis Vuitton, eu uso Prada! Tá sentindo esse cheiro? É de Chanel n°5! – Sem pensar, Valentine desferiu mais tapas na morena. Se sentia culpada por bater em outra pessoa, mas quando lembrava que Daniele estava rindo e tripudiando da possível morte de Marcelo, lembrava da traição de Daniele com a amiga Fernanda, sua revolta falava mais alto. Valentine apenas parou quando sua mão estava doendo e quando sentiu que estava vazia de tanta raiva que despejou sobre a outra. As pernas e braços de Daniele estavam cheio de vergões. Se esforçou tanto que estava até esbaforida. – Qualquer calcinha velha minha custa mais do que esses panos de bunda que você usa!

- Eu vou te por na cadeia por agressão, sua vagabunda!

- Chama a polícia mesmo, os bombeiros, a aeronáutica, guarda costeira, quem você quiser... Chama que eu abro a minha boca sobre você, o Filipo e o esquema com o deputado! Quem é mesmo a ladra de marido? – Daniele engoliu aquele sapo em seco. – Eu sei que vocês estão enrolados até o pescoço e eu tenho como provar! Você pode me mandar para o inferno, garota, mas nós vamos dividir a mesma fogueira! – Com ódio, enfiou a mão no decote de Daniele e arrancou a chave da porta. – E só mais uma coisa... Aquela sua frase... – Repetiu. – "Que foi perdeu o *mise en place*, querida?" Não tem sentido nenhum porque *mise en place* quer dizer postar no lugar e a pronúncia correta é *miz õ plas*. – Jogou a cinta sobre Daniele. – Ignorante!

Com toda calma do mundo, Valentine se levantou, terminou de fechar sua mala e saiu do quarto com a plena certeza de que Daniele não abriria a boca para ninguém sobre a surra que havia levado. Ela tinha muito mais a perder do que a ganhar. O corpo de Daniele estava todo moído. O rosto, que bateu na cômoda, também. Com certeza ela passaria uns dias de molho. Se arrastou até o telefone que ficava no criado mudo e ligou no celular de Leandro. Em poucos minutos ele estava ali.

- O que aconteceu, amor? – Ele perguntou espantado. – Parece que um caminhão por cima de você...

- CALA A BOCA! NÃO ESTÁ VENDO QUE EU CAÍ! EU PRECISO DE GELO!

- Mas a sua perna tá toda lanhada e...

- CALA A BOCA E TRAZ GELO! – De cara feia, Leandro obedeceu às ordens de Daniele. Tinha certeza que aquelas marcas não eram frutos de uma queda. Sozinha no quarto, Daniele tentou se levantar e caiu sentada no chão. – AAAH QUE ÓDIO!

(...)

O cenário escolhido por Vitória para conversar com Bianca era um dos cartões postais mais famosos de São Paulo, o Parque da Aclimação. Algumas famílias e casais faziam piquenique ao redor do lago que ficava localizado dentro da área verde, curtiam o belo dia sem nuvens. As garotas se acomodaram sob a sombra de uma árvore frondosa mais afastada do lago e dos transeuntes para poderem papear em paz. A loirinha se sentou no gramado e Bianca fez o mesmo. Os braços da garota mais jovem continuavam cruzados, sinal de que estava fechada. Vitória precisaria de paciência.

- Como a sua mãe está? – Vitória já tinha falado com Fernanda de manhã, sabia que ela teve uma noite de sono um tanto agitada, apenas utilizou daquele recurso para quebrar o silêncio. – Ela conseguiu dormir?

- Pouca coisa.

- Vocês conversaram? – Bianca fez um "sim". Vitória também já sabia. – E o que você tem para falar comigo então?

- Eu já ouvi o que ela tinha para me dizer... Eu nunca pensei na minha vida que um dia eu diria isso, mas... – Fez uma pausa. - A minha mãe está apaixonada por você... -Bianca assistiu o rosto de Vitória se abrir em um sorriso espontâneo. – A minha mãe... Ela caiu nesse teu charme de europeia falsificada. Não dá pra acreditar...

Vitória sorriu.

- Tem muitas mulheres que assumem atração por outras mulheres, que se descobrem na verdade, depois de anos de casamento com homens. Depois de certa idade. – Olhou para Bianca e sorriu. – Você é tão nova, cara... Tão madura pra algumas coisas, vai criar caso por causa disso? Você não queria ver sua mãe feliz? Parabéns, ela está...

- Não estou criando causa por causa disso não. Se ela tá feliz com uma mulher, eu estou feliz por ela... O problema não é esse! – E disse a Vitória. – O problema é você!

Vitória se assustou.

- Eu?

- É... Você! Minha mãe está envolvida, está apaixonada... Passou por uma puta humilhação por sua causa e você... – Fez uma pausa. – Eu perguntei para ela se vocês estão namorando, se vão casar e ela me disse que você está passando suas férias no Brasil... Que você tem sua vida em Paris e ela tem a dela aqui. – Exaltada. – Qual é, mano? Minha mãe não é passatempo para você ficar de brincadeira com ela não... Eu quebro a tua cara.– Vitória não se aguentou e acabou rindo. Estava vendo a hora que Bianca ia perguntar qual eram suas intenções com Fernanda. Bianca não gostou nada daquela atitude, fechou o cenho. – Vitória, eu estou falando sério contigo! Minha mãe já sofreu demais, eu não vou deixar ela cair em outra esparrela. Aquele pilantra do Filipo já fez ela sofrer demais e eu não vou deixar ele...

Bianca ia falar “e eu não vou deixar ele fazer tudo de novo”, mas a emoção tomou conta de sua voz formando um bolo na garganta. Por um segundo esqueceu de Fernanda e recordou de Malu, sua mãe de sangue. Lembrou-se de várias cenas que fizeram parte de sua infância. As inúmeras discussões e agressões entre Filipo e Malu, a fuga para Bertioga, Filipo invadindo a casa armado e em seguida a perseguição de carro que culminou na morte de Malu. As últimas palavras da mãe ao perder o controle do carro que dirigia: “Não quero morrer, não quero morrer”. Filipo tanto fez que conseguiu acabar com a vida de Malu.

Bianca não suportaria ver Fernanda sofrer nas mãos dele ou de quem quer que fosse. Tinha tanto medo das reações que Filipo poderia tomar apenas para vingar Fernanda. Vitória percebeu o estado de comoção da garota, seus olhos estavam empoçados de lágrimas. Tentou fazer um carinho, mas Bianca desviou de maneira áspera. Não gostava de demonstrar seu lado mais sensível a ninguém. Deu as costas a loirinha e saiu caminhando, Vitória foi atrás.

- Bia... Espera, cara...
- Sai... Você não vai me entender!
- Bia...
- Sai...

Vitória a segurou firme pelo braço.

- Deixa eu tentar... – Fez uma pausa. – Você não estava pensando na Fernanda... Não é? Você estava pensando na sua outra mãe...

Bianca apertou os lábios.

- Não gosto de falar dela, não... Me deixa em paz, cara! Já te dei meu recado e...

- E não deixou eu falar. – Vitória completou. Respirou fundo. – Nunca... Em momento algum eu tenho ou tive intenção de fazer a sua mãe sofrer... Eu não tô brincando com a Fer... – Outra pausa. – Claro que eu tenho a minha vida e ela tem a dela... Mas a gente se ama e a gente vai encontrar um jeito de ajeitar as coisas. Isso é questão de conversar. Agora ouve o que eu estou dizendo, não quero machucar a Fer e muito menos você.

- Preservando ela não esquenta comigo. Não tenho nada com você.

Vitória sorriu. Bianca sempre tentava dar uma de durona. Era típico de sua personalidade.

-Tem... Tem sim. Muito mais do que você pode imaginar.

- O que você quer dizer com isso?

- Primeiro você vai ter que responder... Você tá assim por causa da Maria Luiza, não é?

- Eu já disse que não gosto de falar desse assunto e... – Bianca encarou a loira. – Quem te falou o nome da Malu? A minha mãe?

Vitória fez um gesto negativo.

- A Fernanda, falou pouquíssimo sobre sua mãe verdadeira... Apenas que ela morreu em um acidente de carro quando você era criança e que o Filipo se compadeceu e trouxe você para morar com eles.

- Compadeceu... – Bianca riu de um jeito triste. – Quem vê acha que aquele demônio é um santinho.

- Ele é um demônio mesmo. – Vitória respirou fundo. – Eu tenho uma história terrível dele para te contar.

- O que ele aprontou dessa vez?

- Não é recente não. Isso tem alguns anos já. Ele teve um caso com uma funcionária que trabalhava na Vaccara. – Bianca não se surpreendeu, não podia esperar outra coisa de Filipo. – E ela engravidou dele. Ela era designer de joias. – Bianca arregalou os olhos. - Eles tiveram uma menina que ele não quis assumir... Pagava as despesas dela, mas nunca, de fato, foi um pai

para essa menina. – Ao ouvir sua própria história, Bianca sentiu seus olhos marejarem. Inutilmente ainda tentava se segurar. – Essa designer de joias tentou terminar com ele várias vezes, mas acabava voltando porque ele sempre prometia que seria diferente e tudo acabava da mesma forma, em agressões, o relacionamento deles se tornou doente... Até que um dia ela apanhou tanto que decidiu cair fora... Pegou a filha e fugiu para Bertioga... Para escapar dele... Mas não deu certo.

Bianca colocou as mãos no próprio rosto e começou a chorar. Muito. Vitória a abraçou sem dizer nada. O que falar em um caso desses? Bianca conhecia aquela história trágica mais do que ninguém... Chorava copiosamente nos braços da loirinha. Vitória a apertava com carinho. Teve paciência para esperar Bianca se acalmar para soltá-la. As duas precisaram beber água no bebedouro do parque para se refazerem. Depois resolveram contornar o lago em uma caminhada enquanto conversavam.

- A Malu era linda, Vitória... Linda... – Bianca conseguiu dizer. – Ele destruiu ela... O velório teve de ser com caixão fechado porque ela ficou irreconhecível. – Respirou fundo. – Eu nunca vou esquecer dos gritos dela dizendo que não queria morrer. – Fez um gesto negativo. – Ainda teve a cara de pau de me levar para a Fernanda terminar de criar... Isso nem doença é... Ele é um monstro!

- E por que você nunca disse nada para Fernanda?

Bianca deu os ombros.

- Porque ela é a melhor pessoa que eu conheci na vida. – Bianca disse. – Não queria ser responsável pelo sofrimento dela, não queria perde-la. Se eu tenho alguém de verdade nessa vida, essa pessoa é a Fernanda. Só ela. Esses dias eu contei para o Micróbio... Eu precisava falar senão ia explodir. Ele acha que eu devo falar com ela...

- Eu entendo você... Entendo bastante até. – Fez uma pausa. – Eu soube disso tudo porque eu contratei um detetive para investigar a vida dele antes de chegar ao Brasil.

Bianca encarou a loirinha com surpresa. As duas pararam de caminhar.

- Por que você fez isso? Tem mais alguma coisa nessa história que eu não sei? – As duas se fitaram. Agora era Bianca que percebia que algo estava incomodando Vitória. – Fala, Vitória... Me diz...

- Tem sim.

- O que mais aconteceu? Tem a ver com a morte da Malu?

- Sim e não. Foi uma história que aconteceu alguns anos antes de você nascer. Quatro anos. Acho que o Filipo e a Fer nem eram noivos ainda.

- O que ele aprontou?

Vitória respirou fundo para tomar o último golpe de coragem.

- Ele estuprou uma garota. E a vovó soube disso.

Bianca abriu a boca em choque. Imaginava que Filipo fosse capaz de tudo, mas não sabia que dona Antônia era capaz de fechar os olhos daquela forma.

- Como ela soube?

- Ela gastou uma grana alta para não envolverem o nome dele. O que aconteceu com a sua mãe foi uma reincidência, Bia. Ela não foi a primeira mulher agredida por ele e com certeza não foi a última.

- É revoltante! Dá nojo, dá quase uma úlcera ouvir isso e... O que deu dessa mulher? Deram sumiço nela?

- Não... A vovó conseguiu fazer ela desistir da denúncia. Ela era muito pobre, não tinha muito conhecimento sobre seus direitos... Ela trabalhava na casa da vovó, saiu de lá e ficou aqui por São Paulo...

- Ela era empregada da nossa casa? – Vitória fez um gesto afirmativo. – O que aconteceu com ela depois? Você não teve mais notícias?

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Tive sim. Ela engravidou do Filipo, procurou a vovó para falar sobre. A vovó queria que ela tirasse o bebê, mas ela não aceitou. – Com a voz embargada. – Assim como você teve a Fernanda, essa criança também teve sorte. Ela teve um pai de coração que foi incrível para ela, já que a mãe morreu quando ela tinha treze anos.

Bianca se assustou.

- Ela teve essa criança? – Outro gesto afirmativo de Vitória. Espantada. – Eu tenho um irmão de sangue... – Assustada. – Um irmão...

Emocionada, Vitória a corrigiu.

- Irmã...

- Uma irmã, mas como você sabe que... – Bianca se interrompeu. Sua mente parecia uma casa que estava

completamente apagada e de repente alguém acendeu todos os interruptores de uma vez revelando tudo. Era a vez dos olhos de Vitória estarem empoçados de lágrimas. Bianca se dividia entre sentir pena de Vitória e na felicidade de ouvir aquelas palavras. Um estuprador, em hipótese alguma, deve ser considerado pai de alguém, mas as coisas passaram a fazer mais sentido para Bianca. Desde o primeiro momento que botou os olhos em Vitória, sentiu algo diferente. Como se já se conhecessem. Até parecia com amizade, mas era algo mais doce. Devia ter compreendido errado. – Não pode ser, Vitória... A gente não é... – As duas foram interrompidas por duas meninas que tinha no máximo uns seis anos. Elas eram gêmeas e brincavam de pega-pega. Estavam tão entretidas que nem se incomodaram em passar entre as duas garotas. Bianca sorriu, as gêmeas estavam vestidas iguais. Eram duas figuras. Bianca sempre imaginou como seria ter uma irmã. Olhou de volta para Vitória. Um sentimento de alegria tomou conta de seu peito. Tinha tanta coisa para perguntar, mas seu estado emocional apenas permitiu soltar em um fio de voz. – Irmã?

Vitoria não conseguia dizer mais nada. Apenas confirmou com um gesto de cabeça e recebeu um caloroso abraço da mais jovem que também se desfazia em choro. Nenhuma das duas ousou quebrar aquele silêncio regado a lágrimas que dizia muito mais coisa do que qualquer palavra poderia dizer.

(...)

A reunião que Miguel tinha com o técnico que cuidava da manutenção dos elevadores durou bem mais do que os quarenta minutos que ele havia previsto anteriormente. Com o síndico do prédio afastado por licença médica sobrava trabalho para ser feito. Apenas conseguiu se livrar das tarefas do edifício quase no horário de almoço. Estava prestes a entrar em casa quando seu celular tocou. Era Francesco.

- Oi, pai.
- Miguel, finalmente encontrei você. Estou ligando a manhã inteira.
- Eu estava em uma reunião aqui do prédio. Aconteceu alguma coisa?
- Já vi que você não viu a TV hoje. Tem notícias sobre o Marcelo.
- Que notícias?
- Será que você não pode passar aqui em casa?

O assunto era delicado demais para ser tratado por telefone. Francesco queria o filho ao seu lado, se sentia muito mal e Miguel também poderia lhe ajudar com Mário e Emílio. Francesco não sabia mais o que falar aos dois que não paravam de perguntar sobre Marcelo. Estavam muito assustados com o sumiço do pai. Miguel apareceu na mansão cerca de quarenta minutos depois que desligou do telefonema do pai. Encontrou a casa de pernas para o ar.

Os empregados ainda estavam todos comentando sobre o barraco entre Valentine e Daniele que levou a pior e estava cheia de hematomas. Dona Antônia dormia pois foi obrigada a tomar tranquilizantes e Francesco, com a ajuda de Matilde, tentava acalmar os ânimos dos garotos que estavam bem agitados. Ao ver Miguel, Francesco quase ergueu as mãos ao céu.

- *Grazie a Dio*, você apareceu!
- O que está acontecendo, pai? – Miguel observava Daniele de longe. Ela estava na sala de TV da mansão, o controle nas mãos, mudava toda hora de canal a procura de noticiários para saber se tinham mais informações do ex-marido. Usava uma bolsa de gelo sobre o rosto e parecia resmungar consigo mesmo. – O que vocês fizeram com a Daniele?
- Vamos conversar lá no escritório, eu pedi para o Leandro levar os meninos pra tomar um sorvete, assim podemos falar em paz.

O escritório sem dúvida era o local mais apropriado da casa para se conversar. Francesco cerrou a porta para que ninguém os interrompessem. Miguel estava curioso.

- Pai, você me disse no telefone que tinha notícias do Marcelo, cadê ele?
- Ele não apareceu aqui, mas nós temos notícias do seu irmão. Já até passou na TV. – Fez uma pausa. – Filho, eu fiz uma coisa... Uma coisa que não foi correta. Eu nem sei como estou tendo coragem de te dizer isso... – Fez uma pausa. – Mas eu estava desesperado... Não sabia o que fazer.
- O que, pai? O que vocês fizeram?

Francesco respirou fundo e falou de uma vez só. Não era homem de meias palavras e nem de rodeios.

- Eu permiti que internassem o seu irmão a força na clínica do Evaldo.
- Como assim, pai? – Miguel se espantou. – Isso é ilegal! Por que fizeram isso?
- Eu sei, eu sei, mas sua mãe ficou falando que era o melhor para ele... – Miguel não acreditava no que ouvia, Antônia também participava daquele circo? Francesco se cortou. – A culpa é minha! Minha! Eu que não devia ter dado ouvidos pra ninguém...
- Quem mais sabe disso além de vocês e do pessoal da clínica?
- O Filipo. Mas esse não está nem aí com ninguém! Ontem acabou com o carro da mulher, acabou com o casamento, está sem falar com a filha e o irmão pode estar morto. Sabe o que ele fez? Acordou cedo e disse que ia sair para jogar tênis pois estava muito estressado. – Miguel levantou os olhos, claro que Filipo estaria metido. Não poderia ver uma confusão que já queria se enfiar no meio. – O Filipo parece que nasceu sem alma! Mas isso não importa agora... Aconteceu uma tragédia!

- Do que o senhor está falando?

- Tá na internet já, até na TV... O Marcelo conseguiu roubar uma moto de um dos guardas da clínica e fugiu! Acharam a moto e os sapatos que ele estava usando no fundo de um rio perto de Mairiporã. – O rosto de Miguel se transformou em uma careta de medo. – Começaram fazer as buscas pelo tal rio, mas até agora nada foi encontrado.

- Pai, o Marcelo sempre pilotou muito bem... Não pode ser...

- Acho que ele pode ter bebido e... – Francesco levou a mão no rosto e começou a chorar copiosamente. Miguel teve que socorrê-lo. – Não deram muitas esperanças... A culpa é toda minha! EU NÃO SOUBE PROTEGER MEU FILHO!

- Calma, pai... – Miguel carinhosamente tentava tranquiliza-lo. – Ficar assim não vai adiantar nada... Se não acharam o corpo, ainda há esperanças!

- Eu fui um péssimo pai, pra você e o Marcelo... Eu nunca vou me perdoar!

- Pai... Agora não adianta ficar se martirizando... A gente precisa estar preparado. – Fez uma pausa. – Tem os meninos, tem a Dani... Eles também precisam da gente...

Francesco, ainda choroso, fez um gesto afirmativo.

- Eu sei, meu filho... Por isso eu te chamei aqui. Os meninos, eu não sei mais o que dizer pra eles... Será que você não pode dar um jeito? Explicar o que está acontecendo? A gente está enrolando, mas uma hora eles vão saber... Talvez levar eles daqui, pois a casa está com o clima muito pesado. Você leva tanto jeito com criança...

Aquela não era uma tarefa fácil de ser executada, mas Miguel concordou com Francesco. Primeiro procurou por Daniele. Ela estava muito irritada por conta da surra que havia levado, mas com sua doçura, Miguel conseguiu dobrá-la. Daniele concordou em deixar os meninos com Miguel até que a situação se acalmasse. A primeira etapa feita, Miguel partiu para a segunda parte de seu plano. Localizou Leandro pelo celular e foi na sorveteria onde o copeiro havia levado os garotos para passear. Ao verem Miguel, os dois correram ao seu encontro. Apesar de Filipo morar junto de Marcelo e ser mais próximo, Miguel era o tio que dava mais atenção aos dois.

- Tio, já tem notícia do meu pai? – Mário perguntou.

- A polícia sabe onde ele está? – Emílio questionou em cima.

- Calma, calma... Vocês estão à mil por hora, mais rápidos que o Bolt. – Brincou. Os dois garotos estavam aflitos. – A gente ainda não tem notícias, mas a polícia continua procurando e eles só vão parar quando achar o seu pai. E enquanto isso vocês vão ficar lá em casa... A gente vai passar um final de semana diferente. A Vitória está lá, o Fabinho também...

- Tio, você acha que meu pai vai voltar? – Emílio perguntou.

- Ele nunca deixaria vocês para trás. Ele adora vocês.

- E se ele tiver se machucado? – Mário levantou a hipótese. – Eu vi minha mãe falando que ele estava correndo na moto.

- O seu pai pilota muito bem... Nós vamos rezar pra ele não ter se machucado. – Afirmou Miguel. – Eu trouxe umas roupas de vocês e vamos para casa agora, tudo bem?

Os meninos concordaram. Durante o caminho conversavam animadamente sobre o final de semana com os primos mais velhos na casa do tio. Miguel não participava do papo. Estava preocupado demais. Dependendo de como as coisas fossem andar, talvez ele teria que dar uma má notícia aqueles garotos.

(...)

- Vitória, você tem certeza que é melhor assim? – Bianca questionou. – Eu não sei se eu vou conseguir...

- Tem que conseguir, Bia. Também não gosto de omitir nada da Fer, mas é para o próprio bem dela.

As irmãs estavam paradas na porta do prédio de Dudu, iam visitar Fernanda. Durante o trajeto do Parque da Aclimação até a casa de Dudu, debateram se não era a hora de Fernanda saber a verdade sobre elas. Bianca acreditava que tinha que contar de uma vez para a mãe. Nunca em sua vida pensou em contar a Fernanda a verdade, que Filipo era seu pai de sangue, mas a existência da irmã mais velha a fez mudar de opinião. Não queria manter segredo sobre sua ligação sanguínea com Vitória.

Por mais que doesse, achava que era melhor contar a verdade. Vitória não compartilhava do mesmo ponto de vista. Fernanda tinha que saber, claro, mas não naquela hora. Sua vida já estava conturbada demais por conta da separação. Vitória tinha medo que Fernanda fosse tirar alguma satisfação com o ex-marido e ele partisse para a violência.

- Pior que é bem o tipo dele...

- Claro que é... Filipo é um crápula e a vovó encobre ele. – Vitória disse. – A gente fala a verdade depois que se livrar dele.

- E você acha que ele vai dar sossego pra ela?

- Não. Por isso que ele tem que sumir das nossas vidas! Nenhuma de nós vai ter paz!

- Credo, Vitória... Você fala as coisas de um jeito.

- Maneira de dizer... – Disse em um tom ressabiado. – Vamos subir logo, vai!

As duas se identificaram na portaria e logo foram autorizadas para subir. Fernanda as esperava na porta do apartamento. Dudu havia saído, estava sozinha. Ela parecia aflita.

- Oi, mãe! – Bianca a cumprimentou com um beijo no rosto.

Vitória roubou um selinho de seus lábios.

- Oi amor, tudo bem?

As duas entraram, Fernanda fechou a porta do apartamento.

- Eu não sabia que vocês estavam juntas.
- A gente combinou. – Vitória disse. – Nós compramos umas roupas novas para você e trouxemos almoço. Daquele restaurante japonês que você gosta.
- Vocês não viram TV e nem abriram internet hoje, não é?
- O que foi que aconteceu? – Bianca questionou preocupada.
- O Marcelo... Ele foi visto pilotando uma moto roubada e sofreu um acidente. – Os olhos de Bianca e Vitória se arregalaram. – A moto foi encontrada no fundo de um rio perto de Mairiporã e os sapatos que ele usava também... Estão acreditando que o corpo foi levado pela correnteza.
- Corpo? – Bianca se perguntou. – Então ele...
- Pelo que falaram, só um milagre para ele sair vivo dessa.
- Puta que o pariu... – Vitória soltou em um tom desolado. – Não pode ser! Já é certo?
- Ainda não... Não deram as buscas por encerradas.

Bianca ligou a TV da sala.

- Deve passar alguma coisa no jornal local.

Após alguns segundos, encontraram um canal com notícias sobre Marcelo. A tela da TV dividida em duas. A primeira parte um bombeiro dava entrevistas mostrando onde, exatamente, a moto boiava e onde encontrou os sapatos. A segunda metade da tela trazia uma foto nítida de Marcelo. Uma repórter de uns vinte poucos anos era responsável pela cobertura das buscas.

- O acidente aconteceu de madrugada. A moto e os sapatos usados por Marcelo Vaccara foram encontrados nesta região pela população local. – Ao bombeiro. – As buscas continuarão até quando?
- Nós só vamos interromper o nosso trabalho ao escurecer ou se tiver uma pancada muito forte de chuva. Nosso trabalho é dificultado porque essa região possui pedras muito grandes. Antes de avançarmos de área, precisamos verificar se o corpo não ficou preso em alguma rocha.
- Existe a possibilidade de ele ter se machucado por causa dessas pedras?
- Sim. – Respondeu o bombeiro. – Segundo relatos, ele estava usando capacete quando fugiu com a moto, mas se o impacto foi muito forte, ele pode ter perdido a consciência o que facilitaria para o corpo afundar ou ser levado pela força da corrente.
- E há chances de o acidente ter sido fatal?
- Infelizmente, sim.

(...)

De um límpido quarto de hotel, localizado em Guarulhos, grande São Paulo, o banhado Marcelo assistia a cobertura de sua morte com um sorriso divertido no rosto. Deitado na cama, enrolado em uma toalha, Marcelo buscava notícias pelos canais de TV a cada dez minutos. Seu plano saia melhor que encomenda.

Ao roubar a moto de Freitas, Marcelo logo notou que o tanque não estava muito cheio e não teria como chegar em Guarulhos. Teve então a ideia de se livrar da moto jogando no rio e os sapatos para que todos acreditassem que foi um acidente. Felizmente a carteira de Freitas estava cheia, quase R$700,00. Dinheiro suficiente para Marcelo comprar uma passagem em um ônibus intermunicipal até Guarulhos, adquirir duas trocas de roupa e se hospedar em uma pensão modesta no centro comercial da cidade. Ainda rindo da reportagem que dava sua morte como quase certa, Marcelo comentou com si mesmo em voz alta.

- Você é o cara!

E se levantou animado para completar a segunda parte do plano. Tinha passado em uma loja de cosméticos antes de se hospedar na pensão. Não se sentia completamente seguro em sair por aí sabendo que sua foto estava na internet e na TV. Comprou uma máquina de raspar cabelo. Trocou o canal de jornalismo por um de música. Tocava rock. Com a máquina em mãos, Marcelo seguiu até o banheiro e começou sua transformação. Enquanto se barbeava e raspava a cabeça, cantarolava feliz em frente ao espelho. Estava tão animado que ás vezes até interrompia o que estava fazendo para esboçar uma dancinha, usava o tubo da espuma de barbear como se fosse seu microfone. A verdade é que nunca havia se sentido tão vivo.

CAPÍTULO 30

- Senhora... – Um garçom se aproximou de Valentine. – Sua água, com gelo e limão.
- Obrigada!

O garçom gentilmente serviu a água para Valentine e se afastou da mesa. Depois de toda a adrenalina por conta da briga com Daniele, Valentine recolheu toda sua bagagem e a de Vitória e partiu de volta para o hotel cinco estrelas que havia se hospedado. O combinado com a loirinha era de se encontrarem assim que Valentine recuperasse as malas, mas ela decidiu passar no hotel para tomar um banho e relaxar.

O perfume adocicado de Daniele parecia penetrar em todos seus poros. Após o banho de banheira, Valentine desceu para tomar qualquer coisa, estava sedenta. A água desceu gostosa por sua garganta. Valentine imaginava qual seria a reação de Vitória e Fernanda ao saberem da surra. Seus pensamentos foram interrompidos por uma chamada de celular. Estava tão distraída que atendeu sem nem olhar no visor. Ao ouvir a voz do outro lado da linha, seu corpo todo se arrepiou, como se tivesse encostado em um fio desencapado.

- Vale... – Marcelo repetiu seu nome. – Está me ouvindo? – Valentine sentiu seus olhos marejarem. Lembrou-se de todas ás vezes que brigou e insistiu com Marcelo que ele tinha um timbre muito bonito, que devia tentar a carreira de cantor. Tinha acreditado que nunca mais ouviria aquela voz. Estava tão emocionada que tinha perdido as palavras. – Valentine, você está aí? Estou ouvindo a sua respiração...
- Tô! – Foi o que conseguiu dizer. Marcelo sorriu ao ouvir aquela resposta. Percebeu que Valentine carregava uma certa comoção na voz. Valentine falou em um folego só. – Onde você está? O que aconteceu? Me fala, qualquer lugar que seja, eu vou te encontrar, Marcelo...
- Não, não diz o meu nome! – Marcelo implorou. – Por favor! – Fez uma pausa. – Seu número é o único que eu consegui lembrar, eu te liguei tantas vezes depois que você saiu do restaurante, acho que decorei. Eu sei que você está com raiva de mim por causa do vídeo, mas eu precisava te ver...
- Esquece tudo que eu te disse, pelo amor de Deus! – Com a voz trêmula por conta do choro, completou. – Você está vivo! Não tem mais nada que importa!
- Não fui eu que postei aquele vídeo. – Garantiu. Marcelo também estava emocionado. - Te juro, Vale!
- Eu acredito! Eu sei que não foi você... – Fez uma pausa. – Onde você está, pelo amor de Deus?
- Você está na minha casa?
- Não! Eu saí de lá... História longa! Por favor, onde você está? De quem é esse telefone?

Marcelo sorriu. Era ótimo saber que Valentine não estava perto de Daniele, Filipo e dona Antônia. As três pessoas que mais queriam o seu mal.

- Tô em um telefone público... Eu vou te passar o endereço, mas você tem que prometer uma coisa. Ninguém pode ficar sabendo que eu te liguei. Ninguém, ninguém, Vale...
- Ninguém vai saber... Eu juro! – Valentine garantiu. – Me passa o endereço!
- Eu estava em um hotelzinho em Guarulhos, mas já arranjei outro lugar para ficar... – Riu. – Só não vai estranhar...

Valentine logo imaginou que se tratava de um motel, pensão, casa de cômodos ou qualquer coisa dessa natureza que não tivesse uma boa fama em Guarulhos. Marcelo passou detalhes de como ela deveria fazer para chegar e logo se despediram. Valentine desligou o celular com um sorriso nos lábios. Acenou para o garçom.

- Senhora?
- A conta, por favor!
- Foi apenas a água, R$5,00.

Valentine abriu a carteira. Por sorte tinha o dinheiro trocado.

- Mais uma coisa, onde eu posso comprar roupas masculinas por aqui?
- Tem um shopping há duas quadras daqui.

Valentine abriu um sorriso. Tinha marcado com Marcelo na parte da tarde, ele encarecidamente pediu que ela respeitasse o horário para não levantar suspeitas. Ainda tinha um bom tempo. Ele devia precisar de roupas já que havia fugido sem nada, passaria no shopping. Também precisava sacar dinheiro. Ficou tão agradecida pela informação dada que ofereceu mais cinco reais de gorjeta ao garçom.

(...)

Era a terceira vez no dia que o porteiro do prédio de Dudu interfonava para o apartamento do corretor de imóveis para avisar que estavam chegando visitas para Fernanda. Logo pela manhã, Wagner, o namorado de Dudu soube do acontecido e foi visitá-la. Wagner saiu, chegaram Bianca e Vitória. Quando Bianca se despediu da mãe, Dudu apareceu e avisou sobre a chegada de Renato. O telefone de Fernanda também não parava de tocar.

- Eles não me deixam em paz...

- O nome Vaccara está em alta nas colunas de fofoca. – Bianca comentou enquanto esperava pela chegada do elevador no corredor do prédio. – Primeiro vazou aquele vídeo do tio Marcelo com a Dani, você e o meu pai brigando em público, essas buscas pelo corpo do tio Marcelo...

- Se Deus quiser não vão dar em nada... - Vitória disse. – Tio Marcelo não pode ter morrido.

O elevador chegou, Bianca abriu a porta e deu de cara com Renato.

- Eu chegando e você saindo... – Os dois trocaram um beijo no rosto. Bianca sorriu ao perceber que Renato trazia flores na mão. Ele era muito atencioso. – Sinto muito por tudo, viu, Bia.

- Obrigada, Renato! – Bianca olhou para Fernanda e disse em um tom de brincadeira. – Aí mãe, metade da minha sala se mataria para estar recebendo essas flores... – Para Vitória. – Olho nele, hein!

Fernanda e Renato não sabiam onde enfiar a cara, mas Vitória parecia não se incomodar com as tiradas de Bianca. Vitória deu um tapinha amigável nas costas da mais nova que retribuiu bagunçando os cabelos da loirinha. Pareciam duas crianças se provocando. Fernanda até comentou.

- Eu vou morrer e não sei nada da vida. Jurava que a Bia ia ficar com os dois pés atrás até se acostumar que nós estamos juntas.

- Quem resiste ao meu charme europeu falsificado? – Vitória gracejou. – Vamos entrar, Renato.

Aquele era apenas o segundo encontro entre Vitória e Renato, mas sem dúvida foi muito mais agradável que o primeiro. Vitória até providenciou um vaso para colocar as flores que Renato havia trazido de presente e se sentou para conversar com o professor. Dudu também fez questão de tratar Renato muito bem e até passou um café fresco para servir ao professor enquanto ele, Fernanda e Vitória papeavam.

- Mas como você soube? – Fernanda perguntou. – Aliás, como todo mundo soube?

- A Nanda... Hoje qualquer celular filma... Todo mundo tem internet. Alguém que estava no restaurante fez um vídeo dele te perseguindo, um colunista social viu e foi apurar no restaurante. Um funcionário comentou que ouviu a discussão de vocês e ele fez uma notinha sobre e publicou no Instagram. Aí já viu, né?

Fernanda enterrou as mãos sobre os cabelos.

- Meu Deus, parece que eu não vou ter paz nunca.

- Calma, meu amor... Pensa pelo lado positivo. – Vitória disse. - Essa exposição pode servir pra te proteger. Por enquanto ele não vai tentar fazer nada com você porque todo mundo vai saber que foi ele.

- Vocês acham que ele pode tentar fazer algo? – Renato questionou aflito.

- Claro... – Fernanda disse. – Renato, ele é orgulhoso, egocêntrico demais para levar isso de boa. Você viu o que ele tentou fazer na redação do seu jornal. E eu tenho medo de denunciar...

- Mas não pode, Nanda. Lei Maria da Penha está aí para isso.

- Falei isso para ela. – Dudu comentou enquanto trazia a bandeja com café e água para todos. – Se ela quiser até dou uma licença especial para ela não trabalhar por alguns dias, proíbo a entrada daquele demônio no prédio e ela fica aqui até se sentir segura, mas ela não quer.

- Vocês não estão entendendo. Eu estou segura, mas e essa moça aqui? – Disse apontando para Vitória com um gesto. – E a minha filha? Meu irmão? E vocês que são meus amigos? Eu conheço aquele cretino. Para ele se vingar de mim, ele pode atingir qualquer um de vocês. Se ele já deve estar puto agora, imagina com um processo de agressão nas mãos? Eu não vou pagar para ver... Não mesmo!

- E ele vai ficar impune? – Renato perguntou.

- Não! Você não disse mesmo que ele estava para cair por conta daquela história com o deputado? Vamos dar tempo ao tempo. E eu vou precisar da sua ajuda.

- Como?

- A gente vai fazer um vídeo... Eu vou denunciar os maus tratos dele, que não foram poucos e as agressões. – Estendeu os braços com as marcas dos dedos de Filipo. – Mostramos isso aqui... Tem um jornal de hoje aí, Dudu?

- Tem, eu assino, entregam todos os dias. Por quê?

- Para gente datar o vídeo... – Fernanda explicou. – Quando o Filipo cair por corrupção, no dia seguinte, esse vídeo tem que estar em todos os portais de notícias do Brasil, redes sociais. – A Renato. – Você tem como fazer isso através dos seus contatos?

- Essa ideia é boa, hein? Tenho certeza que cedo ou tarde a polícia vai conseguir farejar as provas que faltam para ele ser preso. – Renato concordou. - Vai ser nitroglicerina pura no chope daquele maldito. – Confessou. – E eu vou adorar te ajudar nessa.

- Eu também. – Dudu disse e em seguida gracejou. – Fer, você sabe que pode contar comigo pra tudo, ficar aqui, depor ao seu favor, esconder um corpo.

- Dudu, menos, por favor! – Fernanda pediu. A Renato. - E eu vou te pagar esse favor... Com uma entrevista exclusiva para acabar de vez com ele. – Dudu e Vitória se entreolharam boquiabertos. Era uma excelente ideia. – Jogo tudo no ventilador, o

desvio de dinheiro da Vaccara, o financiamento de campanha do deputado, pagamentos de propina, o caso com a cunhada.

Renato arregalou os olhos assustado.

- Caso com a cunhada?
- Com a Dani, mulher do Marcelo. Esse irmão dele que está desaparecido. Eu vou te contar tudo.

Enquanto Fernanda e Dudu explanavam para Renato sobre o envolvimento de Daniele com Filipo, a cabeça de Vitória começava a trabalhar longe dali. Cedo ou tarde a polícia farejaria as provas contra Filipo, Renato havia afirmado. Vitória não estava disposta a esperar muito. E já tinha uma ideia clara em sua cabeça como conseguiria as tais provas. Fernanda, Renato e Dudu estavam tão entretidos que nem perceberam quando ela se afastou para fazer uma ligação. Subiu até o terraço da cobertura com o celular, procurou nos contatos o telefone do gerente de seu banco e amigo pessoal Jean Beaumont. Por sorte estava salvo na nuvem. Beaumont que cuidava de suas finanças. Na terceira chamada o homem atendeu.

- *Bonjour, Jean, c'est Victoria, êtes-vous occupé?* **(Bom dia, Jean quem fala é Vitória, está ocupado?)** - ... - *J'aimerais parler de mon compte bancaire. Je voulais faire un gros retrait.* **(Gostaria de falar sobre minha conta no banco. Eu queria fazer uma retirada grande).**

(...)

- Uma coletiva de imprensa? – Antônia questionou um tanto ressabiada enquanto observava Filipo se arrumar. – Você acha que é mesmo necessário?
- O caldo já não está entornado? As coisas não saíram do controle? – Filipo questionou. Antônia não respondeu. Se sentia culpada por tudo que estava acontecendo e Filipo não fazia questão de amenizar sua dor. – Agora tem que dançar conforme a música. O Marco aprovou.

Filipo estava em frente ao espelho. Alguma coisa em sua aparência não satisfazia-o. Ajeitou os cabelos com a mão, o nó da gravata. Fez uma careta e começou a desfazer o nó. Iria trocar de camisa. Aquela não lhe agradou.

- Vai trocar de camisa?
- Essa é muito clara. Eu tenho que passar uma aparência de luto. – Cidinha passava o espanador pelos móveis do quarto. Filipo a chamou. – Cadê minha camisa azul marinho de gola dura?
- Eu acho que está lavando, doutor.

Filipo levantou os olhos irritado.

- Você acha? – Cidinha não respondeu. - É impressionante que vocês nunca têm certeza de nada... Parece que são pagas para não fazer merda nenhuma! SOME DA MINHA FRENTE!

Cidinha não pensou duas vezes e saiu do quarto. Filipo estava de péssimo humor. Antônia estava assustada com a aspereza do filho.

- Filipo, você está exagerando com as meninas. – Filipo foi atrás da camisa no closet. - Sabe como é empregado, adora inventar desculpas para pedir indenização.
- Bota essa miserável no olho da rua e paga para ela desaparecer das nossas vidas que já é um ganho. A casa cheia de empregados que não valem um! – Saiu do armário com uma outra camisa nas mãos. – A Fernanda sabia de tudo dessa casa, o que estava limpo, sujo, onde eu deixei tal coisa... – Colocou a camisa e começou a abotoar. – Essas idiotas não servem nem para aprender. – Rapidamente fez o nó da gravata. Deu uma olhada no relógio. – É melhor eu me apressar... Daqui a pouco os abutres estão aí!

- A coletiva vai ser aqui em casa?
- Vai. Daqui a uma hora. – E afirmou para Antônia. – Confia em mim. É o melhor que a gente faz.

(...)

- Tá me tirando, Bia? – Micróbio questionou assombrado ao terminar de ouvir o relato do encontro de sua namorada com Vitória. Bianca fez um gesto negativo. – MANO DO CÉU, QUE TRETA MONSTRO!
-Fala baixo, meu! – Bianca pediu. – Treta monstro... Quem diz isso sou eu! Chego pra trocar uma ideia com a mina, dizer que minha mãe é mulher de responsa e “pá”! A mina é minha irmã...

A conversa dos namorados ocorria no estoque da cantina. Bianca sabia que aquele assunto exigia o máximo de sigilo, ela e Vitória tinham um trato, entretanto Micróbio tinha que saber. Era muita pressão para sua cabeça e Micróbio tinha se mostrado de confiança. Ele saberia manter o segredo. Aproveitou que naquela manhã o namorado fazia bico de garçom na cantina do tio e quando teve oportunidade contou para ele.

- Mas e aí? Como foi?

- Choradeira danada, né? Como ia ser diferente... – Fez uma pausa. – Velho... Filipo é doente... – Logo em seguida fez um gesto negativo. – Doente não, porque vagabundo que estuprar mulher não é coisa de coitado não... Ele é desumano! E minha vó também... O filho estupra uma mulher, ela encobre e ainda faz o outro assumir a criança? Parece que eu levei umas porradas na cara, tô meio zoada até agora.

- Imagino, cara. Mas um lance eu não entendi... Por que a mãe da Vitória nunca abriu a boca?

- Ah, Mi... Pra uma mulher já é embaçado denunciar isso agora, imagina nos anos 90...

- Anos 90? – Surpreso. – A Vitória tem quantos anos.

- Velha, né? – Bianca comentou em um tom divertido. Logo em seguida voltou a falar sério. – A mãe dela deve ter sofrido muito. Imagina, empregada da casa, aí o canalha vem e violenta ela... A mãe do cara ainda passa a mão na cabeça dele, deve ter metido um terror psicológico nela pra ela não abrir a boca. A pessoa sem informação, sem grana pra tirar, sendo julgada...

- Mas em caso de estupro a lei não permite?

- Permite, mas como ela ia provar que era estupro se estava com medo de denunciar? E eu nem sei se lei estava em vigor nessa época. E eles fazem o bagulho tão demorado que a mulher muitas vezes desiste e tem o filho, ou para em um desses açougues e faz clandestinamente.

- Mulher sem grana. Rica, se precisar, até viaja pra fora do país e faz. A Fabiana, filha do dono lá da firma falaram que foi para os Estados Unidos e resolveu a parada dela lá... Falaram que ela pegou barriga do Bob Esponja e a família fez pressão pra tirar. BO danado... Se ela fosse pobre...

Bianca fez um gesto afirmativo.

- Se fodia. A lei aqui tá é cagando para mulher. – Bianca disse. – Cara, não queria estar lugar da minha mãe.

- Vocês vão contar quando pra ela?

- Por enquanto tem que manter em segredo. Não abre a boca pra ninguém... A Vitória acha melhor baixarem um pouco os ânimos antes de falar pra ela e...

Bianca se interrompeu. Ouviram ruídos e em seguida batidas na porta. Micróbio destrancou. Era Guilherme.

- E aí?! Não te chamei pra ficar de namoro com a minha sobrinha não..

- Foi mal aí, Gui... A gente só estava trocando uma ideia.

- É, tio. – Bianca reforçou. – Não estávamos de sacanagem não. Eu precisava trocar uma ideia importante com o Mi.

- Que ideia é essa? – Guilherme se interessou.

- É... – Bianca se enrolou. Não tinha pensando em uma desculpa plausível. – Eu...

- Sobre a separação dos pais dela. - Micróbio tentou salvá-la. – E tudo que aconteceu ontem...

- QUE? – Guilherme olhou pra Bianca. – Tua mãe separou? – Ansioso. – Que tudo que aconteceu ontem? Por que ela não veio aqui me avisar?

- Como ela ia vir sem roupa? – Micróbio disse. Bianca olhou para ele em tom de censura, mas Micróbio nem seu deu conta e continuou a falar. – E pra vim sem carro também é contra mão...

Guilherme colocou as mãos na cintura. Não lembrava em nada o tio divertido que sempre foi.

- Que história é essa de sem roupa e sem carro? O que tá acontecendo?

- Tio, calma aí... O Micróbio tá exagerando!

- Tô não! – Micróbio retrucou para desespero de Bianca. – O maluco do teu pai acabou com a frente do carro da tua mãe... Nem sei se o seguro cobre aquilo... E as roupas que viraram tudo trapo?! Ele tinha que indenizar ela.

- Ela tá machucada? – Guilherme perguntou desesperado enquanto desabotoava sua doma de cozinheiro. – Onde ela está?

- Ela tá naquele amigo dela, o Dudu. E está bem. – Bianca o tranquilizou. – Ela não está machucada não!

- Ah tá com uns roxos aqui nos braços sim... – Bianca encarou Micróbio. – Que foi? Não tô inventando nada.

- Valeu, Micróbio. – Guilherme arrancou a roupa de qualquer jeito, colocou sua camisa que já ficava guardada na dispensa no caso de alguma urgência. – Assume a cozinha, vou dar uma saída, quem vai trocar ideia com o Filipo agora sou eu!

- Tio, calma aí... – Bianca pediu.

- Nem tenta me parar, Bia! Nem tenta! E “aí” de você se bater fio pra sua mãe!

Guilherme saiu da dispensa visivelmente transtornado. Bianca conhecia muito bem o tio, Guilherme era muito tranquilo, mas se pisassem em seu calo, saí da frente que ele atropelava sem dó. Olhou para Micróbio.

- Não dava pra ter inventado outra desculpa? Agora ele vai tretar pra cima do meu pai! E o tio Gui não alisa não... Se ele pegar meu pai, ele vai quebrar...

- Teu pai estuprou uma mulher, fez tudo o que fez com você, mandou os seguranças dele me surrar, tentou tretar com a tua mãe, pode até ter ajudado a dar sumiço no irmão dele... – Micróbio disse. Abriu um sorriso como se fosse um garoto que tinha acabado de aprontar uma travessura. – Quem disse que eu queria inventar uma desculpa? – Bianca abriu a boca surpresa. – Se tua

mãe não quer resolver as coisas da maneira comum, achei melhor resolver da maneira da quebrada. Teu pai não tá precisando que alisem ele não.

(...)

A mansão do Vaccara estava lotada de profissionais da imprensa. jornalistas, fotógrafos, repórteres de rádio e até uma equipe da TV local. Todos eram recebidos na sala principal, Filipo estava sentado ao lado de dona Antônia respondendo às perguntas dos repórteres.

Daniele se negou a participar da entrevista. Pediu para Leandro dizer que estava abalada demais e foi para a casa de sua família antes que a imprensa chegasse. Não queria aparecer na TV com as marcas dos dedos de Valentine em sua cara. Já Francesco, farto de esperar, resolveu sair de casa para acompanhar as buscas junto com os bombeiros nas margens do rio onde a moto foi encontrada.

Como Filipo havia liberado na portaria do condomínio a entrada dos profissionais da imprensa, Guilherme não precisou ser anunciado para ter acesso a casa dos Vaccara. Ao se identificar na portaria, o zelador logo o deixou entrar pensando que se tratava de mais um repórter.

- Seus colegas chegaram tem uns vinte minutos, mas essas coisas geralmente demoram. Pode entrar.

Guilherme agradeceu ao sujeito e partiu de moto até a casa dos Vaccara. Estacionou próximo do portão que estava apenas encostado. Entrou, atravessou o jardim, toda a área externa e finalmente chegou na casa. Devia ter pelo menos umas trinta pessoas, tirando os funcionários da casa, o assessor de imprensa da Vaccara, Filipo e dona Antônia. Todos ocupavam a sala. Não se intimidou. Estava tão revoltado com o que havia acabado de ouvir de Micróbio que achou até bom ter plateia. Uma repórter loirinha fazia uma pergunta referente ao sumiço de Marcelo. Filipo deu uma resposta curta e em seguida emendou.

- Alguém? Mais alguma pergunta? – Guilherme levantou a mão e se aproximou de Filipo. Ao ver que se tratava do ex-cunhado, sua expressão se fechou. – O que você está fazendo aqui, moleque?

- Eu tenho uma pergunta! Por que você não enfrenta alguém do seu tamanho?
- Olha aqui, ninguém te chamou pra...

Em resposta, Filipo foi derrubado com um potente soco na cara para o choque de todos. Não teve tempo nem de pensar no que estava acontecendo. Guilherme o puxou pelo colarinho da camisa, aplicou mais dois socos e o derrubou com uma cabeçada abrindo seu supercílio fazendo espirrar sangue. No chão, Filipo tentava se proteger da saraivada de chutes que o outro lhe aplicava. Por ser mais jovem e praticante de atividades físicas, Guilherme levava vantagem sobre o loiro.

Antônia começou a hiperventilar, apenas não caiu pois já estava sentada. Era socorrida pelo assessor de imprensa que a abanava com uma pasta de escritório. Ninguém ousou se meter entre Guilherme e Filipo. Todos entenderam que Guilherme estava atordoado demais e poderia sobrar para quem tentasse separá-los. Os fotógrafos trabalhavam tirando retratos e a equipe de TV, com sua filmadora, não perdia nenhum lance. Após se cansar de dar os chutes, Guilherme agarrou o ex-cunhado pelos colarinhos mais uma vez. A respiração dos dois estava bem alterada.

- Fica longe da minha irmã, da minha sobrinha e da minha família! Tá me ouvindo, filho da puta? – Deu um soco na orelha de Filipo. – Dar uma de valentão pra cima de mulher é fácil, né? Se você tretar com a Fernanda você vai se entender é comigo e eu vou acabar com você e com essa tua raça de filho da puta! – Finalizou a surra com uma cotovelada no rosto de Filipo que caiu no chão completamente desorientado. Guilherme se levantou e antes de sair deixou um recado para as câmeras. – Se quiserem me prender por dar uma lição nesse cretino, fica à vontade, polícia. Ele sabe meu endereço, telefone, não vou me esconder não, que eu sou sujeito homem! Se vocês protegessem menos um merda tipo esse aí, ia ter menos mulheres espancadas! – Ao câmera. – Pode desligar, acabou o show!

(...)

O sol de meio-dia batia forte nas margens do rio Mairiporã. Francesco até se desfez do blazer que usava para ficar mais à vontade. Boa parte dos bombeiros continuavam trabalhando a procura de Marcelo, mas parecia não haver novidades.

- Vô! – Francesco se virou e se deparou com Fabinho. O rapaz veio ao seu encontro cumprimentaram-se com um beijo e um abraço. – O vô... Tá tudo bem com o senhor?
- O que você está fazendo aqui, Fabinho?
- Estava na sala de espera do dentista, aí vi uma matéria na TV falando do tio Marcelo, liguei lá pra sua casa e me contaram tudo... Que o senhor veio sozinho pra cá. Peguei um táxi e vim pra ficar com o senhor.

Francesco sorriu, fez um carinho no rosto do neto.

- Obrigado, viu... A Vitória me ligou assim que soube, mas eu disse que não precisava de vir.
- Mas eu quis... Não é bom o senhor ficar sozinho!

Um bombeiro se aproximou dos dois.

- Seo Francesco, parte da nossa equipe vai interromper as buscas para comer alguma coisa. – O homem disse. – Estamos trabalhando desde as cinco da manhã.

- Eu sei que estão fazendo o máximo.

- Eu sugiro que o senhor faça o mesmo. Saia um pouco desse sol e coma alguma coisa. Se o senhor quiser podemos dar carona pra vocês.

Francesco ia agradecer a oferta do bombeiro e negar, mas Fabinho não deixou, respondeu pelos dois.

- Nós aceitamos sim. Obrigado!

- Fabinho...

- Nada de "mas", vô. Muito tempo nesse sol vai desidratar. O senhor não pode ficar mais de três horas sem comer por causa da diabete. – Ao bombeiro. – A gente vai sim.

(...)

O estabelecimento escolhido pelos bombeiros para lanchar era uma mistura de bar com supermercado. Fabinho e Francesco escolheram sucos e sanduíches de mortadela. Fabinho se levantou para acertar a conta no balcão e percebeu que a balconista não parava de encará-lo. Ao entregar o troco, ela comentou com Fabinho.

- Engraçado, você é a cara desse moço que está aparecendo na TV.

- Que moço?

A balconista pegou o celular, abriu em um site de notícias e mostrou a foto do moço a Fabinho. O rapaz sorriu ao ver que ela se referia a Marcelo.

- Ele é meu tio. Tão procurando o corpo dele no rio. Ele sofreu um acidente de moto.

- Seu tio? – A garota perguntou surpresa.

- É... Por que?

- Ontem ele esteve aqui. A gente fica aberto até de madrugada atendendo bêbado.

- Devia estar bêbado, né?

- Bêbado não. Eu lembro que tinha um monte de bêbado e ele entrou e comprou um par de chinelos.

- Chinelos? – Fabinho estranhou.

- Isso! – E recordou. – Eu lembro que ele estava com o pé todo cheio de terra...

- A polícia sabe disso?

- Eu entrei agora, meio-dia, para trabalhar. Aqui a polícia não apareceu.

- Você lembra que horas foi isso?

- Três e quinze da manhã. Seu tio me perguntou as horas. Ele também perguntou onde pegava ônibus para São Paulo. Estranho, né, se ele estava de moto, para que queria pegar ônibus?

Fabinho pensou um pouco. Só podia chegar a uma conclusão. Segundo a polícia, o acidente tinha ocorrido por volta das duas e meia da manhã, se três e quinze ele estava no bar, só existia uma possibilidade.

- Ele não estava mais de moto. – Guardou o dinheiro no bolso. – Obrigado, viu.

Fabinho caminhou até a mesa onde Francesco o esperava.

- Vô, as buscas... Precisamos suspender as buscas. – Fabinho explicou. - O tio Marcelo está vivo.

(...)

- Tô me sentindo tão mal, o Marcelo sumido e nós fazendo compras... – Fernanda comentou com Vitória. As duas saiam de uma loja de sapatos com sacolas nas mãos. – Você devia estar com seu vô.

- Eu me ofereci, ele não quis que eu fosse. O Fabinho foi atrás dele. – Vitória emendou. - E a gente não veio bater perna, estamos fazendo compras porque você está sem nada para vestir. Qualquer notícia o meu vô vai ligar.

O shopping ficava há poucos minutos do apartamento de Dudu. Após Renato se despedir, o casal saiu para fazer compras. Demoraram cerca de uma hora na primeira loja, depois entraram em uma loja de sapatos e saíram depois das duas da tarde. Após uma sugestão de Vitória, se sentaram para tomar café na praça de alimentação. O assunto era um só.

- Você está mesmo decidida a vir morar no Brasil? Abrir mão do seu sonho.

- Eu não estou abrindo mão de sonho nenhum. Meu sonho sempre foi estudar em Paris, na *Le Cordoun Bleu* e isso estou fazendo. Daqui seis meses eu estou formada e posso ter o meu restaurante em qualquer lugar do mundo, inclusive em São Paulo.

- Por que eu sinto que essa decisão tem haver com a sua conversa com a Bianca?

- Porque tem! Com a Bia, com você, com meu pai, minha família. Fer, a minha mãe morreu. Minha tia que me criou

também morreu e eu não tenho tanto contato assim com a família do lado deles. A minha raiz, eu querendo ou não, é essa família Vaccara. O que eu estou fazendo passando anos da minha vida longe de vocês? – Olhou para a namorada e sorriu. – Que foi? – Divertida. - Quer se livrar de mim, é?

- Claro que não. Só não quero que você passe pelo que eu passei... Se empenhar, batalhar, estudar e acabar fazendo algo que não tem nada a ver com o que você sonhou. É um pouco frustrante.

- Você está falando de profissão? – Fernanda confirmou com um gesto. – Fer, você é excelente no que faz, o Dudu vive dizendo que você é o braço direito e esquerdo dele, que é a melhor corretora que ele tem... Eu pensei que você gostava de ser corretora.

- Mas eu gosto. É uma profissão que me deu independência, que não me deixa cair na rotina, que coloca comida no meu prato. Só que... Isso tudo que tem acontecendo na minha vida, essa reaproximação com o Renato também, ver a Bia na faculdade... Eu fico pensando se não estava na hora de eu tirar um período sabático para me dedicar ao jornalismo. Eu tenho uma boa reserva na poupança, alguns investimentos no banco que vão me deixar viver tranquilamente sem trabalhar por algum tempo.

- Se você acha isso importante, você deve sentar com o Dudu e conversar sobre. – Fez uma pausa. – Mas você fala em se dedicar ao jornalismo... Em que sentido?

- Então, eu não sei se é exatamente ao jornalismo. Mas eu gostaria de voltar a escrever. – Sorriu. – Meu sonho de menina era contar histórias para as pessoas sabia? Criar personagens, brincar de faz de conta...

- Você fala em escrever algo tipo ficção?

- Pode ser. Mas no jornalismo a gente não deixa de contar histórias e ter contato com personagens. A gente só não pode criar em cima deles. Eu sinto falta de escrever.

- Tenho certeza que vai ser ótimo esse período pra você. E outra coisa... Sabia que Paris é uma cidade super inspiradora e tem histórias incríveis? Que sua namorada vai ter que ficar mais alguns meses em Paris? E que ela ia adorar te receber em casa?

- Isso é um convite?

- Se for...

- Se for, olha... Estou propensa a aceitar...

- Eu sei um jeito de te convencer.

As duas trocaram mais um beijo e deram continuidade ao almoço. Três mesas depois das que estavam sentadas, duas senhoras olhavam o casal com a cara fechada. Fernanda e Vitória já haviam percebido a censura das mulheres mais velhas, ficaram quietas até que uma delas comentou:

- Descaramento é pecado... – Uma mulher disse para outra em alto e bom som para que chegasse na mesa de Fernanda e Vitória. – E além de tudo é papa anjo.

Vitoria se virou em direção as duas.

- Desculpe, vocês estão incomodadas com alguma coisa por acaso?

- Garota, não sabe tratar os mais velhos, não? - Uma das mulheres disse a Vitoria. Olhou para Fernanda. – Já que pegou para criar, pelo menos dê educação.

Vitoria ia responder, mas foi impedida por Fernanda.

- Deixa, amor... Deixa... Se descaramento é pecado, inveja também é. Isso tudo é recalque porque você tem tudo no lugar, é cheirosa, tá feliz e beijando na boca. Bem diferente dos despencados cheirando a mofo que elas devem encontrar em casa. – Deu um beijo na boca de Vitória. Olhou para as duas senhoras. – Recalcadas!

Apesar da cara feia das duas, Fernanda e Vitória continuaram seus cafés. Saíram do restaurante dando altas risadas. O telefone de Vitória tocou, atendeu.

- Oi... -...- Oi, Fabinho. E aí? -...- Sério? -...- Cara, que notícia boa... Como foi isso? -...- Então está confirmado? -...- Tá... Qualquer coisa me avisa. -...- Beijo, Tchau.

Desligou.

- Que foi?

- Uma balconista viu o tio Marcelo de madrugada, ás três e quinze em um bar. Sóbrio e descalço perguntando sobre pegar ônibus pra São Paulo. Ele não estava pilotando bêbado. Ele não caiu no rio.

- Então ele está escondido por aí? – Vitória fez um gesto afirmativo. – Graças a Deus!

Vitória sorriu emocionada.

- Ele conseguiu fugir de onde estava. E está vivo!

(...)

Valentine nunca tinha ido a Guarulhos, por isso decidiu pegar um carro por aplicativo. Não queria correr o risco de se perder. Quando chegou no endereço que Marcelo havia lhe passado, acreditou que quem havia se perdido era o motorista. Ressabiada, Valentine desceu do carro e caminhou até a igreja. Estava vazia, não era horário de culto. Um sujeito de camisa social azul e calça preta trabalhava consertando o banco de madeira da primeira fila da igreja. Valentine não conseguia ver seu rosto. Ele tinha os cabelos raspados e estava com a cabeça enfiada embaixo do banco, retirava um parafuso espanado de uma das pernas da peça de madeira. O homem viu os dois pés femininos se aproximar.

- Desculpe interromper. O senhor pode me ajudar?

Marcelo sorriu ao reconhecer a voz de Valentine. Respirou fundo e saiu debaixo do banco. Ao ver de quem se tratava a expressão de dúvida do rosto de Valentine deu lugar a uma de surpresa. Marcelo se ergueu.

- Quem vai me ajudar é você. – Emocionado. – Bom te ver, Vale! -Valentine, sempre com uma resposta na ponta da língua, simplesmente perdeu as palavras para sua emoção. Lembrou-se de uma antiga frase que já tinha ouvido em algumas oportunidades: “um gesto, certas vezes, vale mais do que mil palavras”. Valentine não conseguia falar, mas obrigou seu corpo a se mexer e envolveu o corpo de Marcelo em um abraço apertado. – Agora está tudo bem... – Afastou levemente para olhar em seus olhos. – Agora que você está aqui, tá tudo bem...

E sem pensar duas vezes beijou a boca da ruiva de forma intensa, querendo saciar toda sua saudade. A partir daquele beijo, Marcelo teve uma certeza, Valentine era o único vício que não queria se recuperar.

CAPÍTULO 31

- Acabou? – Valentine perguntou, Marcelo confirmou. Eles conversavam em um jardinzinho, atrás da igreja. Sentaram-se sob a sombra de uma árvore. Depois dos calorosos abraços e beijos do reencontro e após garantir a Marcelo que seus filhos estavam bem, Valentine quis saber dele o que realmente aconteceu. Em sua cabeça havia suposições, mas nada de concreto. Marcelo não ocultou nada, nem os menores detalhes. – E essa... – Confusa. – Igreja?

- Um amigo meu é pastor aqui... Nos conhecemos na reabilitação, ele era nóia e se converteu. Agora ele é sério, trabalha de segurança e tudo. Encontramos por acaso. Ele deixou que eu ficasse e em troca eu ajudo ele na manutenção.

Valentine ainda estava em choque com tudo que tinha escutado.

- Sex tape, sequestro, sedução de um guarda gay, incêndio, fuga de moto, morte e carpinteiro de igreja. – Consternada. – Namorar você é a mesma coisa que pegar um filme de ação pela metade. – Marcelo riu. – E você ainda se diverte...

- Rindo para não chorar... Tô encrencado. – Reconheceu. – Mas eu não podia ficar na clínica. Eu estou limpo! As pessoas se precipitaram em me julgar.

A francesinha sentiu uma pontada de culpa. Ela tinha sido uma das pessoas que se precipitou. Não ouviu Marcelo em nenhuma das vezes que ele afirmou que não tinha postado o sex tape. E no final das contas, ele estava certo.

- Sinto péssima por não ter acreditado em você.

- Ah não, vem cá... – Marcelo trouxe Valentine para junto de seu peitoral e deu um beijo em seus cabelos. – Esquece isso, Vale, importante que você está aqui... Que estamos bem... – Os dois sorriram e trocaram um beijo. Marcelo acolheu a mão de Valentine. – Se eu pudesse, queria ser menos filme de ação...

- Não... Eu adoro filme de ação. – Valentine confidenciou fazendo ele sorrir. – Fiquei tão transtornada achando que você morreu que dei uma surra na Dani. – Marcelo arqueou as sobrancelhas surpreso. – Sério. De cinto. – E se explicou. – Ela riu sobre a possibilidade de você estar morto, ainda me falou um monte de bobagem.

- Dani sempre foi ansiosa, ri melhor quem ri por último... Mas agora ela deve estar querendo fazer espetinho de mim, primeiro achou que fui eu que postei aquele vídeo, depois isso.

Valentine respirou fundo. Precisava tratar um assunto delicado com Marcelo.

- Marcelo, ela sabe que não foi você que postou.
- Sabe?
- O Filipo se entregou para ela. Foi ele.

Em resposta, Marcelo socou o gramado do jardim e soltou um "sabia", deixando Valentine sem entender nada. Ele sabia? Preparou-se o caminho todo ensaiando uma maneira de falar com Marcelo sobre o caso de Daniele e Filipo, entretanto, Marcelo parecia estar muito mais informado do que aparentava.

- Você sabia?

- Imaginava. Só ele era crápula o bastante para armar essa. Agora eu vejo o Filipo exatamente como ele é. – E explicou. - Aquele dia que você fez o curativo na minha mão, que você comentou que eu estava estranho, eu peguei os dois na lavanderia se beijando... Fiquei tão puto que quebrei o copo na mão. O Mário tinha acabado de sair da cozinha, se ele tivesse ficado um minuto a mais pegava a mãe e o tio.

Valentine abriu a boca.

- Marcelo...

- Pois é... Não sei como não fui para cima deles. – Respirou fundo. – Pra mim, o Filipo era um segundo pai. Sempre fui muito grudado com ele. Eu demorei, mas eu finalmente enxerguei quem ele é. – E revelou. – E eu vou desmascarar esses dois...

- Marcelo, você já está encrencado...

- Não, não tem erro. Logo que vocês chegaram, lembra que o Filipo foi para o Rio?

- Lembro, claro.

- Ele tinha uns relatórios para entregar para o meu pai e acabou esquecendo dentro do carro, pediu pra eu pegar. No meio desses relatórios tinha um holerite modelo emitido pela Vaccara. Eu fiquei curioso e fui olhar, tinha um imposto nomeado de DPFV que eu nunca tinha ouvido falar.

- DPFV? – Valentine se perguntou. - Isso existe?

- Aí é que eu cheguei. Esse imposto nunca existiu. E descontava de cada funcionário o total de R$12,00. A Vaccara tem cinco mil funcionários, só aí dá um total de 60 mil reais mensais. Por ano quase 720 mil. De um imposto que não existe.

- Um dinheiro razoável.

- Exatamente. Eu fiquei encucado com aquilo e comecei a desconfiar do Filipo. Eu falei com a secretária dele e toda vez que ele saia da sala, eu entrava e arrumava um jeito de mexer no computador. Até que eu consegui entrar na conta bancária e puxei o histórico. Ele deposita religiosamente esses 60 mil em uma conta fora. Só que essa conta está muito gorda pra ter apenas dinheiro desse DPFV. Aí eu comecei a abrir meus olhos e fui reparando em coisas. Ele desvia verba nas pequenas coisas que ninguém nota, mas o montante é de quase duzentos mil por

mês. Essa conta que ele está lá fora é de quase dez milhões de dólares. E eu tenho certeza de que isso não é nada perto do que ele é capaz.

- E como você não notou isso antes?

- Como diretor financeiro, meu cargo é abaixo do dele. Ele corta meus poderes por causa do meu histórico de nóia e com o aval da dona Antônia, mas eu tenho acesso a documentos importantes. Minha mãe confia nele de olhos fechados e influência o meu pai.

- E o Miguel, será que não notou?

- O Miguel não dá expediente, ele tem 3% das ações, mas trabalha fora dali, tem o escritório de advocacia dele.

- O Miguel só tem 3%?

- É.. Meu pai tem 80% da Vaccara. Quando ele morrer nós ficamos com 40% pra dividir em três e minha mãe com os outros 40% e o restante está na mão de pequenos investidores. O Miguel comprou 3% das ações como um pequeno investidor. De verdade, ele é o único dos filhos que tem ações por conta própria atualmente. O Filipo é o vice-presidente porque representa os 80% das ações do meu pai. Ele tem os investimentos pessoais, mas da Vaccara ele é apenas funcionário.

- Entendi. E enquanto seu pai não morre ele está enchendo o porquinho dele com esses desvios... É seu irmão, mas é um canalha, viu.

- E pelo que eu conheço do Filipo, isso não deve ser nada perto do que ele vem aprontando.

- Não é não... – Olhou para Marcelo. – Descobri que foi ele que postou o vídeo por acaso. A Vitória ouviu uma conversa dele com a Dani... Eles tão bem enrolados com questão de dinheiro. Ela gravou um vídeo deles e pode te mostrar.

- Não, a Vitória não pode saber...

- Fica tranquilo... Se tem alguém que não vai te entregar para a Dani e o Filipo, esse alguém é a Vitória. Você não tem ideia o pandemônio que sua casa está. Vitória e Filipo querem o sangue um do outro.

- Por que?

- Fernanda. – Fez uma pausa. – Fernanda e Vitória estão juntas. – Marcelo abriu a boca completamente pasmo. Se não estivesse sentado era capaz de cair. Não fazia nem uma semana que havia se afastado de casa e não tinha percebido nada. – Filipo descobriu, deu uma de esposo ofendido e expulsou a Fernanda de casa com a roupa do corpo, fora que acabou com o carro dela.

- Meu Deus...

- Marcelo, aquilo deve estar uma loucura! Sabe o que aconteceu agora? – Valentine retirou o celular da bolsa. – Filipo convocou uma coletiva de imprensa para falar sobre a sua morte, no meio da coletiva, o irmão da Fernanda invadiu a casa de vocês e deu uma surra no Filipo. Com equipe, de Tv, rádio e o diabo as quartas. E como jornalista ama um mal feito, jogaram no youtube. Ele provou do próprio veneno!

Marcelo levou a mão a boca tentando conter o riso, em vão. Deveria ser algum pecado rir da desgraça alheia dentro de uma igreja, mas Marcelo não se segurou. Filipo não estava sendo castigado, apenas colhia tudo o que havia plantado.

- E eu aqui ilhado, queria ser uma mosca... – Refletiu. – Mosca não. Queria era ser o Guilherme para dar na cara daquele vagabundo. – Riu. - E a Fernanda e a Vitória, hein?

- Você nunca sacou?

- Não!

- Vida de hétero deve ser muito triste sem gaydar. – Valentine gracejou. – Bati o olho na Fernanda no aeroporto, assim que eu cheguei, e saquei na hora!

Marcelo fez um gesto negativo.

- Nunca imaginei. – Pensativo. – Mas também... Depois de passar anos casado com o Filipo, que mulher não desistiria dos homens?

- A Fernanda não é questão de desistência, tenho certeza. Ela se descobriu.

- Melhor para família. Fernanda sempre foi gente boa, merecia alguém que a valorizasse. – Admitiu. – Elas fazem um casal muito bonito. Tá aí, tô feliz por elas!

- Vamos voltar um pouco a fita... Você disse que eu posso te ajudar, como?

- Eu vou fazer um relatório com tudo que te contei e você vai fazer chegar no meu pai. Conheço o velho, ele vai querer fazer uma auditoria.

- E quanto tempo você vai ficar "morto"?

- Quero uma volta triunfal. Para ninguém mais esquecer. Estava pensando na festa de lançamento da coleção de joias desse ano. Mas eu quero saber dessa treta entre a Vitória e o Filipo...

Valentine obedeceu ao namorado, mas falou de Filipo por pouco tempo. Queria curtir Marcelo abordando assuntos mais agradáveis como o futuro deles.

(...)

Do andar inferior da mansão dos Vaccara era possível escutar a voz de Filipo se zangado dentro do quarto com dona Antônia e Marco, assessor de imprensa da Vaccara. Cidinha subiu as escadarias da casa com a bandeja nas mãos tremendo de medo. Deu passos lentos, torcendo para que Filipo estivesse mais calmo quando chegasse no quarto, mas não foi o que aconteceu. Mal abriu a porta e foi recebida com uma saraivada de ofensas.

- Onde você foi pegar esse gelo? No Alasca, sua lerda? Infeliz!

O rosto de Filipo estava tão inchado que ele mal conseguia abrir o olho esquerdo. Apesar de temer o patrão, por dentro, Cidinha se divertia. Filipo tinha recebido uma bela lição. Não era correto comemorar o mal dos outros, mas Cidinha não podia negar que ficou bem satisfeita com a atitude de Guilherme. Deixou a bandeja com o balde sobre o criado mudo.

- Eu estava providenciando um balde grande porque eu pensei...

- Cidinha, você por acaso é paga pra pensar? – Antônia questionou nervosa. – Vai arrumar o que fazer!

Antes de receber mais alguma bronca, a empregada saiu do quarto. Filipo esperou ela encostar a porta e comentou com o assessor de imprensa.

- Viu? Essa desgraçada se divertindo as minhas custas! Um monte de gente rindo da minha cara e você quer que eu releve e não processe aquele brucutu que me agrediu?

- Filipo, você tem muito mais a perder do que aquele sem eira nem beira... Ele pode te acusar de ter agredido a irmã dele e pelo que foi divulgado, de fato aconteceu.

- A Fernanda tá inteira, tão bem que deve estar batendo perna por aí gastando minha grana!

- Você acabou com o carro dela! Ela podia ter se ferido e não quis prestar queixa, você

teve muita sorte. – O assessor afirmou. – E se for esperto esquece essa história e sai dos holofotes!

- Não tem outra saída? – Antônia questionou.

- Tem, processar o cozinheiro e se preparar para uma guerra. – O assessor alertou. - E a munição que eles têm é capaz de derrubar elefante. O que você escolhe, Filipo?

Um tanto contrariado, Filipo se decidiu.

- Manda um comunicado para esses urubus da imprensa que o que houve foi apenas um desentendimento familiar entre meu cunhado e eu. E que eu não tenho mais nada para comentar sobre isso!

(...)

- Menina, o que você vai aprontar? – Dudu perguntou a Vitória. – Não vai prejudicar mais a situação da Fernanda?

- Não, te garanto que eu pensei muito bem. Me ajuda, Dudu.

A conversa dos dois ocorria dentro do escritório de Dudu. Após deixar Fernanda com suas compras em casa, Vitória resolveu procurar por Daniele na imobiliária. Precisava urgentemente conversar com ela, mas a ex-mulher de Marcelo não estava.

- Apareceu com a cara toda lapeada dizendo que caiu e eu dei o dia de folga. – Dudu explicou. – Quem ia querer comprar apartamento com uma pessoa que parece que acabou de sair de um campeonato de MMA?

Vitoria fez uma careta. Precisava mesmo conversar com Daniele, teria que ter um jeito de encontrá-la.

- Sabe para onde ela foi?

- Deve estar na casa da mãe dela.

- Você sabe onde ela mora? – Dudu apenas confirmou com um gesto, estava ocupado imprimindo uns documentos. Com Fernanda e Daniele de molho, seu trabalho aumentava consideravelmente. Não podia dar muita atenção a Vitória. – Você pode me passar?

Dudu parou o que estava fazendo, olhou para Vitória.

- Desculpa me intrometer, mas que pressa é essa de falar com a Daniele?

- Não posso te dizer, Dudu. É assunto particular. E é urgente. Preciso muito desse endereço.

A intuição de Dudu indicava que Vitória estava se metendo em alguma cilada. Daniele era ensaboada demais, podia facilmente enganar a jovem de alguma maneira, entretanto Vitória parecia tão determinada que Dudu sabia que de uma forma ou de outra ela conseguiria encontrar a ex-mulher de Marcelo. Decidiu ajudá-la. Pegou um post It em sua mesa e anotou com uma letra caprichada o endereço da mãe de Daniele. Não era muito longe do escritório. Estendeu o papel, mas antes de entregar a Vitória perguntou mais uma vez se ela estava certa do que ia fazer. Com a afirmativa deixou o endereço nas mãos da loira, não sem expor suas ressalvas.

- Ai, ai, ai, ai, ai Vitória... Você toma cuidado porque essa Dani da nó em pingo d'água. – Vitória o encarou sem entender e Dudu complementou. – Ela é safa... Ofendido que, nas

entrelinhas, você me chamou de velho!

A loirinha leu o endereço, ia procurar Daniele aquela hora mesmo.

- Você é o tiozinho mais charmoso que eu conheço! – Deu um beijo em Dudu e saiu correndo do escritório. – Obrigada!

- Velho é seu pai, aquele gostoso!

Vitória nem ouviu a resposta de Dudu, pois já estava na saída do escritório. Em menos de uma hora chegou no endereço que Dudu passou. Nem teve tempo de encostar o carro. Quando ia fazer a manobra, viu Daniele entrar em um carro preto. Julgou ser um carro de aplicativo. Não pensou duas vezes e passou a discretamente seguir o carro.

O veículo que transportava Daniele passou por diversas ruas até chegar na zona central. Vitória teve que dobrar sua atenção para não perdê-los de vista. O trânsito aumentava na região. Após pegar um mini-engarrafamento, o carro enfim chegava em seu destino. Daniele saltou em frente a um edifício, próximo do Minhocão, que devia ter pelo menos uns cinquenta anos e o carro partiu. Vitoria parou uns metros adiante do prédio. Observava Daniele pelo retrovisor. Ela parecia receosa de algo. Olhou para os lados antes de entrar no enorme condomínio que era judiado pelo tempo e parecia um cenário de um filme fantasmagórico. Daniele sempre gostou de manter seu nariz nas alturas, Vitória não imaginava que ela frequentava aquele lugar.

Com medo de perder alguma jogada importante, Vitória não tirou os olhos do retrovisor nem para olhar no celular. Pelo espelho viu mais uma figura conhecida entrar no prédio. Seu espanto era tanto que não conseguiu manter a voz apenas nos pensamentos.

- Leandro?

Rapidamente olhou na direção do prédio e confirmou o que viu. Sim, era mesmo o copeiro da família que acabava de entrar no mesmo local que Daniele visitava. Não podia ser só coincidência. Vitoria esperou alguns minutos, saltou do carro e foi até o edifício. Por dentro ele parecia ainda mais velho e corroído do que por fora. Uma faxineira varria o chão da entrada.

- Com licença, será que a senhora pode me ajudar?

A faxineira tirou o resto de cigarro da boca, jogou no chão e varreu para junto do lixo.

- Que foi?

- Você conhece o Leandro? Esse cara que acabou de subir...

- Conheço sim. O negão paga pra eu fazer faxina na casa dele. Mas paga mal, viu... A poluição dos carros do Minhocão acaba com isso aqui, dá pra tirar a fuligem do apartamento com colher.

- Quanto a senhora recebe por faxina?

- Dele? Oitenta reais. Não dá pra cobrar mais porque também é morto de fome que nem eu.

- Te dou duzentos se me disser tudo que sabe sobre ele e a moça que entrou um pouco antes dele chegar. A morena bonita.

A faxineira olhou para trás para ver se alguém aparecia. Com o ambiente limpo pegou as duas notas de cem que Vitória retirou de sua carteira e guardou no sutiã. Não confiava nos moradores do prédio, alguns eram mais duros que era ela.

- Eles são namorados, namoridos, tem um cacho, sei lá... Ela tem a chave do apartamento. Dá uma de grã-fina, mas eu sei que no fundo é rodapé. – Fofoqueira. – Lava calcinha no chuveiro. Já viu rico fazer isso? É pobre!

- Sabe mais ou menos quanto tempo eles estão juntos?

- Tem alguns meses, se não completou um ano. O negão até que é sério, parece trabalhador, mas essa aí... Eu sinto o cheiro de vagabunda no ar. Usa roupa de bacana, mas se bobear já bateu muita calçada por ai e... Pra que você quer saber?

- Coisa minha. Você me disse o suficiente. – Vitória respondeu. – Ninguém pode saber que eu vim aqui.

- Mais cem.

- Como?

- Quero mais cem pra ficar quieta. – A faxineira afirmou para espanto de Vitória. – Qual é... Não estou querendo um apartamento no Guarujá. O que são cem reais?

Um tanto contrariada, Vitória retirou sua última nota de cem da carteira. Antes de entregar a mulher, alertou.

- São os últimos.

- Você não vai se arrepender. Se me perguntarem se eu te conheço vou dizer que parece com uma menina que faz catequese com minha filha caçula. – Debochou. – Foi um prazer negociar com você, meu anjo.

(...)

Após a suspensão das buscas, Fabinho e Francesco se dirigiram a delegacia de polícia acompanhada de Ágatha, a moça que afirmou ter visto Marcelo depois que a moto foi jogada no rio. Para que as buscas se encerrassem e voltassem a procurar Marcelo pela cidade, era preciso constar o depoimento de Ágatha no processo. Francesco e Fabinho foram aconselhados a voltarem para casa, mas depois da boa vontade de Ágatha aceitar depor, Fabinho e Francesco não permitiram que ela fosse embora sozinha.

Na saída da delegacia, Francesco pediu que o neto acompanhasse a moça até em casa. Assim o fez. Depois seguiu para sua casa. Ao chegar em seu prédio avistou de longe Mário e Emílio jogando bola com umas meninas do prédio e compreendeu que Miguel os levou para casa. Ao chegar no apartamento de seu pai, encontrou a porta aberta. Uma mala estava do lado de fora. Fabinho entrou em casa e encontrou Miguel com uma aparência nada boa. Seu nariz estava inchado, os cabelos completamente desgrenhados e as mãos pareciam trêmulas. Brutus, alheio ao que acontecia veio recepcionar seu tutor fazendo uma sacolejante festa que Fabinho correspondeu de forma contida. Algo tinha acontecido com Miguel.

- Pai, que foi, cara? Que mala é aquela lá fora?

Miguel não teve tempo de responder, Maria Helena veio do quarto com uma bagagem de mão.

- Oi, filho. Eu já preparei a sua mala. Você vai comigo para sua avó.

Fabinho fitou os pais.

- Que isso, mãe? O que está acontecendo com vocês? – Olhou para Miguel. - Pai?

Miguel olhou para Maria Helena.

- Sua mãe está saindo de casa.
- Como assim? É sério isso, mãe?
- Seu pai não me deu escolha! – Miguel olhou para a esposa revoltado. – Aliás, ele fez a escolha dele. A bastardinha.
- Já disse um milhão de vezes! Não vou por uma filha para fora de casa por causa de um capricho seu! A Vitória pode não gostar de você, mas ela nunca te desrespeitou!
- Apenas a presença dela é um desrespeito a minha pessoa. – A Fabinho. – Como você pode ver, seu pai não cede nem um centímetro, por isso vamos embora daqui.

Fabinho não acreditava no que ouvia.

- Vamos embora? Eu vou ficar! – Afirmou incisivo. – O pai, o vô Francesco e a Vitória precisam de mim! – Fez uma pausa. - Mãe, a menina foi criada em outro estado, mora em outro país. – Fabinho recordou. - O que tem ela ficar alguns dias? Ela é legal... Para de implicar com a garota.
- Ela é uma ofensa, um desrespeito para mim! Mas já que você, Fábio Vaccara, está tão feliz com a sua irmãzinha por perto, fica aí com ela, com seu pai e seus primos que estão aí embaixo! Eu vou pra minha mãe. Essa casa está muito cheia para o meu gosto.

Decidida, Maria Helena saiu carregando a bolsa de mão e puxando a mala maior. Fabinho auxiliou a mãe a descer com bagagem. Ao retornar no apartamento encontrou o pai praticamente na mesma posição.

- Tentei convencer, mas sabe como a mãe é. Logo ela deve cair em si. – Miguel fez um gesto afirmativo. – Sinto muito, pai. No que posso te ajudar?

Miguel sorriu de forma triste.

- Estando aqui já é grande ajuda... – Miguel fez uma pausa. – Eu fiquei feliz em ver você defendendo a sua irmã...
- Eu pequei não tentando me aproximar dela antes... Não tem porque a gente ser inimigo se gostamos tanto de uma mesma pessoa.

Miguel fitou o filho assustado.

- Não vai dizer que você também está de olho na Fernanda e...
- Estou falando do senhor, seo Miguel... – Fabinho disse em tom divertido. Miguel respirou aliviado. Depois que viu a filha aos beijos com a cunhada, Miguel não sabia mais o que esperar dos Vaccara. Debochado. – Mas se bem que a Fernanda é uma coroa de responsa, né? A danada da Vitória se deu bem
- Olha o respeito com a sua tia... Cunhada! – Miguel prontamente se corrigiu arrancando risadas do filho. Fabinho o abraçou, aproveitou que o pai estava sentado no sofá e deixou um beijo no topo de sua cabeça. – Você me entendeu! Essa família ainda vai me levar a loucura!

(...)

Após a conversa com a faxineira, Vitória voltou para seu carro. Esperou até anoitecer. Daniele saiu do prédio por volta das sete da noite. Estava distraída, chamava um carro pelo aplicativo quando ouviu gritarem seu nome. Tomou um susto ao ver Vitória.

- O que você está fazendo aqui?

- São Paulo é uma cidade fascinante. Resolvi fazer um passeio. – Vitória disse irônica. – Posso te dar uma carona? Precisamos conversar.

- Não tenho o que conversar com você.

- Te garanto que vai te interessar. Aqui não é um bom lugar para você ficar com o celular dando bobeira. A gente saí daqui, toma um café e você ouve o que tenho para te dizer.

- Que isso, garota? Fetiche com as mulheres dos seus tios? – Daniele debochou. - Me deixa em paz...

- Não vou levar muito do seu tempo.

- O que você quer?

- Te fazer uma proposta. – Vitória completou. – Você me parece uma mulher inteligente demais para recusar qualquer coisa antes de ouvir o que eu tenho para dizer. – Abriu a porta de seu carro. – E então?

- Eu aceito sua carona. Confesso que fiquei curiosa para ouvir o que você tem a dizer.

Vitoria abriu um sorriso.

- Garanto que você vai gostar.

CAPÍTULO 32

Daniele deu um gole em seu café e repetiu em voz alta tudo o que tinha ouvido de Vitoria. Queria ter certeza que não estava enganada.

- Você quer a cabeça do Filipo por 500 mil. – Riu. – Vitoria, Vitorinha... Você está pensando o que, meu amor?

- Dani, tô falando às claras com você... Não sou criança. Eu sei que as provas que condenam o Filipo estão com você. Você é safa, Dani... Não ia dar o mole de não ter essa carta na manga.

- Vocês falam, falam, falam, mas provar que é bom, nada, né? Quem pulou a cerca em família foi a Fernanda que eu achava que era minha amiga e está indo na onda de boato. Não tenho nada com o Filipo.

Vitoria respirou fundo. A última coisa que queria ouvir era conversa fiada naquele momento. Daniele entendia apenas uma língua, o dinheiro e manteria a conversa naquele idioma.

- Quanto mais você precisa? Podemos negociar.

- Já te disse que o Filipo é meu cunhado. Apenas isso. – Insistia. – E se eu fosse mesmo amante dele e tivesse como condená-lo o meu passe seria muito mais alto que esse aí. No mínimo três milhões de euros.

- Foi isso que ele te prometeu ou foi mais? – Vitória questionou. – Eu não vou te dar mais que isso. E ele também não vai dar... Sabe por quê? Ele não tem respeito nenhum por você. – Daniele fitou o chão. Enquanto tomava seu café, Vitória continuou. – Você sabe que estou dizendo a verdade... Lá no fundo você sabe, não sabe? – Daniele ficou muda. – Aposto que ele diz que está fazendo isso para o bem de vocês, para te proteger... Mas toda vez quem fica na reta é o seu e nunca o dele. Não é? Como foi a historia da sex tape. – Mais silêncio de Daniele. – É bom que você tenha o Leandro na sua vida espero que ao menos ele goste de você, porque o Filipo, ele é o Narciso em pessoa, apaixonado pelo próprio reflexo. Vai morrer afundado na própria arrogância. – Fez uma pausa. – Você devia pensar na proposta que eu te fiz... Você da na

minha mão todas as provas que o condenam, se livra de um estorvo e de brinde leva 500 mil euros sem precisar de humilhações, sem precisar mendigar afeto, nada disso. Quando o Filipo deu essa quantia na sua mão e disse que era seu? Meio milhão de euros, você já pegou em meio milhão de euros? Eu peguei quando meu pai me deu a grana para comprar o bistrô. Foi presente de aniversário. Comemoramos em um jantar a dois, em um restaurante muito agradável nas redondezas do Sena e no final da noite ele me passou o cheque. Tem gente que leva uma vida toda trabalhando de sol a sol e nunca vai ter isso e de repente estava lá. Dinheiro não compra felicidade, mas eu não sou hipócrita de dizer que não ajuda. Ter meio milhão ali, exclusivamente nosso, sem nenhum obstáculo é uma sensação que... É realmente inexplicável. Você já experimentou essa sensação? – Daniele não respondeu. Nunca nem chegou perto disso. – Era o que eu imaginava. Se você mudar de ideia, pode me procurar na casa do meu pai, eu vou ficar alguns dias por lá. – Levantou-se. – Tchau, Daniele. Boa noite.

Apesar do posicionamento da outra, Vitória saiu da cafeteria ainda com certa esperança. Tinha impressão que suas palavras abalaram de alguma forma Daniele. Precisava de conseguir as provas sem citar o vídeo que havia gravado de Daniele e Filipo, tinha medo que algo desse errado e Filipo cismasse em retirar o vídeo de suas mãos. Precisava ser cautelosa.

(...)

Já passava das oito da noite quando Cidinha deixou para trás seu uniforme de trabalho. Aquele tinha sido mais um atribulado dia na casa dos Vaccara. Por conta da visita dos jornalistas, Cidinha tinha trabalhado muito. Não via a hora de chegar em sua casa e fazer uma salmoura nos pés cansados.

Após se trocar nas dependências dos funcionários, a empregada pegou sua bolsa e atravessou a cozinha. Nem se deu o trabalho de acender a luz. Resolveu tomar uma água quando foi surpreendida pelo acionamento de energia. Filipo havia apertado o interruptor e iluminado todo o cômodo.

- Que susto, seo Filipo! – Disse colocando a mão sobre o coração. - Não quis acender a luz para não incomodar!

- Não incomodar ou para não saberem que você está escapando de serviço? – “Essa é boa”, Cidinha pensou. Apesar de possuir um império, dona Antônia pagava muito mal aos funcionários e o que não faltava era serviço para fazer. Se Fernanda não complementasse o salário dos empregados domésticos estariam praticamente morrendo de fome. Agora sem a patroa na casa, Cidinha e o restante dos empregados estavam aflitos com o futuro. – Aposto que pensou nisso.

- Seo Filipo, eu não queria incomodar mesmo. – Afirmou. – Eu posso ajudar em alguma coisa?

Filipo mediu Cidinha de cima abaixo. Nunca tinha a visto sem avental. Ela era uma mulher bonita. Seu rosto era delicado, a pele alva e os olhos verdinhos como duas esmeraldas. Devia ter menos de 30 anos. Os cabelos castanhos escuros e naturalmente ondulados que viviam presos em um rabo de cavalo agora estavam soltos.

- Vai na dispensa e pega uma garrafa do meu uísque.

Ele era assim. Parecia não conhecer as palavras “por favor” e muito menos “obrigado”. Foi até a dispensa e pegou a garrafa de uísque, ao se virar para sair, tomou um novo susto. O

patrão a esperava na porta.

- Seo Filipo, o que senhor está fazendo aqui? – Perguntou apavorada. Uma mulher sabe perfeitamente reconhecer um olhar de assédio e Filipo não fazia menor questão de esconder sua intenção. Cidinha tentou sair da dispensa, mas ele fechava seu caminho. – Me deixa sair! – Apavorada. – Dá licença, por favor!

Filipo sorriu de maneira perversa e então disse:

- Você vive do meu dinheiro, se eu quiser posso me trancar nessa dispensa com você a noite toda. – Ele afirmou fazendo Cidinha tremer de medo e de raiva. Apenas não gritou porque o medo a emudecia. – Sabe que sem aquele uniforme fedendo a gordura você é até gostosinha? Você ia se amarrar em passar uma noite comigo presa nessa dispensa.

Cidinha estava completamente desesperada. Já tinha escutado uma história e outra sobre Filipo tomar liberdade com as empregadas. Como ele sempre a tratou muito mal, achou que tinha se salvado. Estava pronta para estapeá-lo quando os dois ouviram passos pela cozinha seguida de três vozes diferentes. Filipo fez uma careta, puxou a garrafa de uísque das mãos da arrumadeira e se afastou para alívio de Cidinha.

- Tudo que eu peço nessa casa é uma novela... – Comentou com alguém. Cidinha finalmente conseguiu sair da dispensa e descobriu seus salvadores: Miguel, Emílio e Mário. – Quase uma hora para achar um uísque.

Ao ver o pavor no rosto de Cidinha, Miguel percebeu que tinha algo de errado. Mário e Emílio se despediram dos tios e logo saíram a procura da mãe.

- Eles não iam ficar na sua casa?
- A mãe dos meninos me ligou pedindo para trazer. Miguel explicou. – O que estava acontecendo aqui quando cheguei?

Miguel percebeu que Cidinha olhou de relance para seu irmão e em seguida baixou a cabeça sem graça. Filipo não parecia abalado.

- Só fui ajudar essa distraída a achar a garrafa de uísque.

Miguel fitou a empregada.

- Só isso mesmo, Cidinha?
- Qual é, Miguel? Esta duvidando de mim? – Acusou. – Quem traz confusão para dentro de casa é a sua filha... O que ela fez com a Fernanda...
- Não seja hipócrita, Filipo. O seu casamento de vocês já estava fadado ao fracasso há um bom tempo. E a Vitória está longe de ser a principal culpada! O que você fez ontem com a sua mulher foi uma das piores covardias que eu vi na vida...
- Culpa da Vitória! Ela arrastou a Fernanda pra... Pra esse caminho!
- Ela meteu uma arma na cabeça da Fernanda e obrigou alguma coisa por acaso? – Miguel reagiu. Já estava frustrado por conta da saída de Maria Helena de casa, não estava com paciência para o irmão. – Você quer saber? Encontrei as duas na rua e a Fernanda parecia muito mais revigorada com a Vitória do que em todos os anos que esteve com você!

Filipo perdeu a paciência, ameaçou ir para cima do irmão.

- VOCÊ ESTÁ INSINUANDO O QUE?

Miguel, que era um sujeito pacífico, também perdeu a paciência com o irmão.

- VAI VIR ME BATER? O CACETE QUE LEVOU DE MANHÃ NÃO FOI O SUFICIENTE?

Antes que os irmãos se engalfinhassem ali mesmo na sua frente, Cidinha se intrometeu entre os dois afastando Miguel de Filipo. Se fosse outra pessoa até deixaria a briga rolar, pois achava que Filipo merecia uns bons sarrafos, mas Miguel não tinha o mesmo vigor físico de Guilherme. Ele poderia se machucar e não merecia isso. Era um sujeito bom.

- Gente, não aconteceu nada... Essa casa precisa de um pouco de paz, minha Nossa Senhora!

Os dois se encararam, Filipo pegou a garrafa de uísque e seguiu para fora da cozinha permitindo assim que Cidinha respirasse aliviada. Miguel também se desarmou.

- Desculpa, Cidinha. Não queria te meter nisso... O Filipo faz qualquer um perder a cabeça.

- Imagina, eu que tenho que agradecer o senhor durante toda vida.

- Então aconteceu alguma coisa? – Miguel tornou a perguntar. – Fala, Cidinha!

- Não, senhor... Só o seo Filipo que ficou amolado porque eu não achava a garrafa de uísque... Se não fosse o senhor, ele danava comigo. – Afirmou. Cidinha tinha medo da história cair nos ouvidos de dona Antônia. Já tinha sido testemunha que a corda sempre arrebentava para o lado mais fraco. Miguel sorriu. – Que foi?

- O jeito que você fala é engraçado. O modo que você usa as palavras. – Cidinha sorriu. Sempre aparecia alguém comentando de seu sotaque. Quando estava nervosa ficava mais forte. – Você trabalha aqui há tempos e eu nunca perguntei da onde você é?

- Eu vim de Uberaba, é ali no triângulo de Minas.

- Não conheço, mas já ouvi falar. Em Minas só conheço mesmo Belo Horizonte. Conhece?

- Conheço não. Em casa a gente não tinha luxo de viajar por causa de dinheiro. Eu só conheço São Paulo mesmo porque vim procurar serviço.

- Entendi. – Miguel olhou para Cidinha. Ela estava sem uniforme, usava um vestido estampado que lhe caia muito bem. Maquiada, estava bonita. Devia ter algum programa depois do serviço. – Eu te prendendo aqui e você deve estar doida para sair.

- Que isso, seo Miguel. Eu vou direto pra casa mesmo. Se o senhor quiser, eu posso fazer alguma coisa antes de ir. Um suco, um lanche...

- Não, eu estou satisfeito e também estou de saída já. – Gentil. – Se você quiser eu te dou uma carona...

- Imagina se tem cabimento um trem desses. Eu andar de carro com o senhor.

Miguel sorriu.

- Não sabia que eu dirigia tão mal assim...

- Não... Não foi isso que eu quis dizer... – Cidinha disse com o rosto cor de vinho fazendo Miguel achar graça. – É que o senhor é meu patrão.

O advogado fez um gesto negativo.

- Os meus pais são os seus patrões, o que é ótimo porque aí você não precisa ficar me chamando de seo, de senhor...

- Não sei não, seo Miguel...

- Por favor. É apenas uma gentileza. Eu te deixo em alguma estação de metrô até por uma questão de segurança.

Ao ouvir a palavra segurança, Cidinha estremeceu. Por pouco não foi atacada no próprio local de trabalho. Sempre apareciam uns idiotas na rua que falavam coisas desagradáveis quando estava mais arrumada como naquele dia. A ideia da carona não lhe pareceu tão absurda.

- O senhor me deixa mesmo na estação de metrô?

- Vai ser um prazer. Ainda mais se você parar de me chamar de senhor.

(...)

Foi um exercício e tanto para Cidinha parar de se referir a Miguel como senhor. No final da carona, que durou mais de uma hora e meia, por conta de engarrafamento que parecia ter se alastrado por toda a cidade, ela conseguiu dispensar o tratamento especial. Apesar do trânsito e dos problemas que obteve em casa, Miguel estava de bom humor. Cidinha era uma pessoa de origem humilde, esforçada, que tinha uma conversa agradável e uma história de vida interessante que aos poucos Miguel foi descobrindo durante o trajeto. Até foi além do que prometeu e deixou a moça na esquina de casa. Antes de ela saltar do carro a encheu de recomendações. Quando Cidinha chegou em seu modesto apartamento alugado, Franciele, a vizinha que era uma de suas poucas amigas na cidade fez um comentário sobre a caótica mobilidade urbana de São Paulo.

- Chegou cedo! Estão falando que ninguém anda nessa cidade hoje.

- Era pra ter chegado antes. Meu patrão me deu carona até aqui, imagina...

A amiga olhou para Cidinha admirada.

- Aquele que você diz que tem pacto com o demo?

- Não, doutor Filipo não... Aquilo ali é ruim de nascença. O irmão dele, o Miguel que me deu a carona. Nem parecem irmãos. Ele é tão bonzinho... Única coisa ruim era aquela mulher dele, uma metidinha. Mas eles se separaram. A mulher largou porque ele levou a filha pra passar uns dias lá... Acredita? Tem mulher que não sabe valorizar o homem que tem...

- Cidinha, não se anima não. Empregada pra esse povo é apenas passatempo. Eles podem olhar, fazer de um tudo, mas na hora do vamos ver... Eles casam com as metidinhas.

- E quem falou em casamento? Quero nada com patrão não. Só aceitei pra não fazer desfeita com o Miguel e porque ele é respeitador. De sem vergonha já me basta o seo Filipo me atormentando. – E disse. - Sabe o que ele fez hoje? Veio com graça pra cima de mim!

- O safado está te chaleirando? – Cidinha confirmou com um gesto. – Cidinha do céu, abre esse teu olho que isso tem tudo pra dar errado.

- Minha mãe teve um patrão que tomou liberdade com ela. Ela não quis falar nada com medo de não acreditarem e ele quase pegou a força... Ela puxou uma faca pra ele...

- Cidinha, olha lá, hein?!

- Seo Filipo que tente graça comigo. Hoje eu ia dar com a garrafa de uísque na cabeça dele. Se tivesse na pia, pertinho das facas, ele ia ver... Nojento!

Franciele fez uma careta. Já tinha ouvido diversas histórias parecidas com aquela. Nunca terminavam bem.

(...)

- Você chegou em casa só agora? – Fernanda estranhou. – Nossa, Vitória, mas você me deixou aqui o dia ainda estava claro. Já passou das nove da noite.

- Eu encontrei com uma conhecida na rua e a gente parou para tomar um café. Ainda peguei trânsito. – Vitória se explicou. – Cheguei faz uma meia hora tomei um banho quente e estou aqui deitada na cama, só de calcinha, torcendo para que o meu pijama crie vida sozinho, saia da mala e venha até a cama para que eu possa vestir.

Fernanda riu.

- Olha, se você estiver mesmo nessas condições, deitada na cama, só de calcinha, daqui a pouco quem vai estar na sua cama sou eu... – Fernanda sussurrou maliciosa. Pediu a Deus que Dudu não a ouvisse, senão ele ia tirar sarro dela até sua morte.

Do outro lado da linha, Vitória soltava gargalhadas.

- Eu estou com a sua preferida mesmo... Boxer vermelhinha... – Fernanda sorriu, nunca tinha contado a Vitória, mas de fato era a que mais lhe provocava. – Sabe que não é uma má ideia... Não tem ninguém em casa. Cheguei e todo mundo tinha saído.

- Só se for para a Maria Helena mandar dedetizar esse apartamento. – Fernanda gracejou. Irônica. – Do jeito que ela me adora.

- Comigo aqui ela deve mandar dedetizar de qualquer jeito, mas não quero ficar falando de Maria Helena não. – Vitória comentou. Sacana. – Sabe que eu gostei dessa sua ideia mesmo...

- Eu já aluguei o apartamento que eu quero. Logo eu vou estar em casa aí a gente pode ter mais liberdade. – Fernanda disse em um tom carinhoso. – Só ter paciência, amor... Eu vou deixar você descansar.

- Espera, Fer... Eu te liguei pra falar sobre a festa de lançamento de joias da Vaccara. A minha vó decidiu dar a festa depois que soube que o tio Marcelo não morreu.

- Mas ele ainda está desaparecido.

- É, mas ela acredita que ele está bem senão não teria cabeça de jogar a moto no rio pra forjar a própria morte. Eu também acredito que ele está bem... – Vitória confessou e em seguida continuou com o primeiro assunto. – Enfim, a festa será realizada, meu avô ficou de enviar nossos convites.

Fernanda não sabia se aquela era uma boa ideia. Na verdade, o que mais queria era manter distância de tudo que lembrasse Filipo.

- Nossos, Vitória?

- Fer, você é minha namorada, o casamento de vocês está acabado. Se tem alguém que precisa ficar recluso da sociedade esse alguém é ele e não você. Esse cara, além de tudo, é um bandido, você não cometeu crime nenhum.

Fernanda ainda tinha dúvidas.

- Ainda assim... Ele me expulsou de casa com a roupa do corpo.

- Quer melhor volta por cima do que você aparecer nessa festa linda e feliz, como se fosse uma Fênix? Fernanda, escuta o que estou te dizendo. Não tem maior condenação para um sujeito abusivo, como o Filipo, do que ver a vítima dele superar tudo. O alimento dele é saber

que você tem medo, te ver encantoada. Se você for corajosa, ele morre seco. E não vai poder fazer nada porque vai estar em um lugar público.

- Eu queria te dizer que não estou com medo, que eu sou corajosa o bastante, mas eu não sei.

- Claro que você é corajosa. O medo faz parte da coragem, você sabe que sem ele, a coragem não existiria?! – Fez uma pausa. – A gente ainda tem um tempo para você se decidir.

- Se eu não for, você ficaria chateada comigo?

- Não. Mas eu queria muito que você fosse. Promete pensar?

- Tá bom. Pensar no assunto não custa nada. Eu prometo.

Vitória sorriu. Se seus planos dessem certo, queria que Fernanda estivesse ao seu lado para assistir de camarote a derrocada de Filipo.

(...)

- Você tem que ir mesmo? – Marcelo perguntou a Valentine.

A francesinha terminava de se vestir, Marcelo ainda estava nu, embaixo dos lençóis da cama de solteiro. O quartinho que o pastor havia oferecido a Marcelo ficava no mesmo terreno da igreja, mas aos fundos. Tinha um banheiro acoplado e chaves, podendo assim manter a privacidade do casal. Por Valentine ela até dormiria ali, não importaria em se espremer em uma cama de solteiro com o namorado, mas não era bom abusar.

- Garoto, se deu conta que estamos em uma igreja e o que fizemos aqui já é motivo pra Deus castigar a gente pelos próximos dois séculos? – Brincou divertindo Marcelo. – Me ajuda aqui com esse zíper...

Marcelo se aproximou da namorada e subiu o feche das costas do vestido. Colocou uma das cuecas novas que Valentine havia trazido, vestiu a roupa que estava usando.

- Vou te levar até lá fora.

- Não pode ser arriscado?

- Não, estão atrás de um playboy barbudo. – Colocou uma camisa toda suja de tinta que o pastor havia lhe arranjado e um boné tão sujo quanto. – Não tenho nada a ver com esse cara...

- O playboy barbudo é uma delícia, mas sabe que eu gostei dessa versão mais popular também? – Marcelo puxou Valentine para um beijo. – Ela tem uma pegada que benza Deus... – Os dois riram. – Agora vamos, senão eu não saio daqui hoje...

O casal atravessou todo o terreno e entraram pela portinha dos fundos da igreja. Não precisaram atravessar o salão pois havia um corredor lateral que levava até e entrada do local. Valentine passou por uma das portas do corredor e observou que a igreja estava cheia.

- Tem culto toda hora aqui?

- Isso não é culto, é reunião de um pessoal de uma organização que ajuda alcoólicos em recuperação. Tipo o AA. As pessoas chegam, dão o seu depoimento... O pastor tinha me convidado pra participar.

- Sério? E eu te atrasando aqui...

- Não, eu já não ia mesmo...

Os dois saíram da igreja, agora estavam na calçada a espera do carro que havia sido solicitado. Valentine o fitou sem entender.

- Por que você não quis ir?

- Pra que isso? Ficar falando da minha vida pras pessoas? Eu estou limpo, tô me sentindo bem... Não preciso disso.

- Marcelo, mas se isso pode te ajudar a se manter sóbrio...

- Vale, estou sem beber. Eu não preciso frequentar reunião nenhuma pra dizer o que eu devo ou não fazer da minha vida. Eu estou bem...

Um carro encostou. Era o motorista do aplicativo. Valentine olhou para Marcelo, seria tão bom se ele ao menos participasse de uma reunião para ver como era de fato. Não tinham tempo para debater sobre aquele assunto, mas mais tarde conversariam. Valentine deu um beijo no namorado.

- Amanhã estou aqui de novo. Precisa de alguma coisa?

- Se você puder fazer alguma comprinha básica de comida pra eu dar uma força para o pastor... – Enfiou a mão no bolso para retirar a carteira. Ainda tinha um pouco do dinheiro de Freitas. Valentine não permitiu. – Eu tenho dinheiro.

- Guarda que você pode precisar. – Deu um beijo no namorado. – Até amanhã.

- Até.

Marcelo esperou o carro virar a esquina para entrar de volta a igreja. Uma mulher de cinquenta e poucos anos dava o seu depoimento. Falava até que chegou a vender o carro por conta da bebida. O pastor discretamente acenou para Marcelo que correspondeu, mas logo foi embora. Ia jantar e ver TV. Não precisava da ajuda de ninguém.

(...)

As palavras de Vitória retornavam a mente de Daniele como uma faixa musical que estava acionada no *repeat*. Por mais que afirmasse a Vitória que não estava interessada na proposta, no seu íntimo sabia que aquilo não era verdade. Há um bom tempo Filipo não era mais o mesmo e o nome do deputado Navarro Fernandes, envolvido com Filipo não saia mais dos jornais. Estava com medo que ele caísse e levasse Filipo e ela para lama.

Talvez, se decidisse colaborar com a justiça, ainda teria chance de salvar sua pele através de uma delação. Seus problemas apenas ficaram para trás quando viu e abraçou os filhos. Com certeza eram os que mais sofriam com toda aquela história. Ainda abraçado a ela, Emílio comentou:

- Queria tanto que a gente fosse uma família comum.

- Ôh meu bem... Acho que no fundo a mamãe também queria...

- Mãe, dorme comigo hoje, igual você fazia quando eu era criança? – Mário pediu.

Daniele sorriu. Mário não tinha passado dos sete anos.

- Claro, meu amor. Hoje a mamãe vai passar a noite com vocês assistindo Toy Story, faz tempo que não tiramos um dia só para nós, né?

E conforme foi prometido, Daniele dedicou a noite aos meninos. Jantaram, assistiram animação juntos e em seguida adormeceram no quarto de Daniele. Já passava das duas da manhã quando ela acordou com batidas na porta. Deixou os garotos e foi ver o que era.

- Filipo? – Só de olhar a cara do amante, Daniele sabia que ele estava embriagado. Seus

olhos estavam bem vermelhos. – Você está doido? Se alguém ver?

- Não tô nem aí! NEM AÍ!

Seria bobagem tentar argumentar com Filipo naquele estado. Com medo de que os meninos acordassem, Daniele arrastou o amante até o quarto que ele dividia com Fernanda. Filipo a puxou para dentro do cômodo e tentou beijá-la. Daniele se desvencilhou. Os vergões que Valentine havia deixado sobre sua pele ainda ardiam. Não deixou nem que Leandro encostasse nela, mas Filipo não teve a mesma paciência do copeiro. Daniele teve que empurra-lo energicamente.

- Tá me machucando!

Insatisfeito, Filipo ainda puxou pelo braço e questionou.

- Tá fazendo tipo agora?

- Não quero! – Daniele reagiu. – Prometi passar a noite com os meninos, você está bêbado! Me solta!

Filipo apertou mais o braço de Daniele que se debatia.

- Dani, entende uma coisa, não dá pra misturar as estações! – Daniele o encarava assustada. Cada vez mais seu braço era apertado. – Você não é, nunca foi, e nunca será essa mãezinha carinhosa que coloca os filhos para dormir... Você é vagabunda! Nasceu com esse dom, tem cheiro, andando, tá no seu DNA... – Enquanto falava, Filipo passava a boca pelo rosto de Daniele, ela chorava enojada pelo cheiro de álcool. Seu braço era torcido e por isso não conseguia reagir. Ele mordeu sua orelha. – Você é a minha vagabunda pessoal.

Daniele reuniu todas as suas forças e empurrou Filipo com o ombro. Ele cambaleou e Daniele aproveitou para escapar. Mas sua fuga não foi muito longe, estava cansada. Na saída do quarto ele a alcançou, puxou pelos cabelos e derrubou Daniele no colchão de bruços. Com uma das mãos se desfez de sua samba canção, ergueu a camisola que Daniele utilizava e rasgou a calcinha com violência.

Ela não gritou pois sua boca foi calada pelas mãos de Filipo que subiu sobre seu corpo impedindo que se movesse. Filipo podia sentir as lágrimas de Daniele molhando seus dedos, mas mesmo assim a usou sem piedade. Após ser preenchida sem seu consentimento, Daniele fechou os olhos e pedia a todo instante para morrer. Ouvia Filipo murmurar diversas frases, mas a única palavra que escutou com clareza foi o nome de Fernanda.

Apenas conseguiu sair de baixo de seu estuprador quando ele adormeceu. Ele afrouxou seu braço que estava todo dolorido e marcado. Ao vê-lo nu, adormecido sobre a cama, Daniele não conseguiu conter suas lágrimas que se misturavam com ânsia e ódio. Correu para o banheiro da suíte e carimbou o vaso com seu vômito. Logo em seguida correu para o chuveiro e ficou embaixo da água por mais de uma hora, tentando se livrar de uma sujeira que sabia que não saia com água e sabão. Filipo pagaria por cada lágrima que estava derrubando. Tinha chegado ao seu limite.

(...)

Vitoria acordou com batidas na porta. Olhou no relógio do criado mudo, não tinha passado nem das oito da manhã. Dormiu tarde pois ficou conversando com o pai até de madrugada, falando sobre a saída de Maria Helena de casa. Miguel estava muito abalado. Mais

batidas na porta, murmurou um “já vai”, se levantou e foi abrir a porta. Era Fabinho. Ele também devia ter sido acordado, ainda estava com a cara amassada e de samba canção.

- Oi.
- Oi, Vitória, bom dia. Tem visita pra você.
- Visita?
- A tia Dani está aí. Te procurando.

Vitória esfregou os olhos. Devia ser algo realmente importante. Pediu para que Fabinho avisasse que em dez minutos estaria na sala. Rapidamente jogou uma água no corpo e se trocou. Apareceu na sala no tempo prometido. Daniele a esperava. Ela usava uma blusa de manga comprida para esconder os ferimentos e óculos escuros.

- Oi...
- Tem um lugar aqui que a gente possa conversar? Eu quero falar sobre aquela proposta. – Daniele garantiu. – Eu quero ver aquele verme do Filipo sangrar!

CAPÍTULO 33

- Três milhões de euros? – Vitória riu e em seguida fez um gesto negativo. – Que parte você não entendeu que nem eu e nem ninguém vai te dar isso?
- O que eu tenho pode por ele na cadeia e derrubar um deputado, você coloca na mão da Polícia Federal e o Filipo é um homem praticamente acabado.

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Eu sei. Por isso que eu te procurei, mas eu não vou te oferecer mais que isso. Se você tem alguém que pague, vai lá e vende... – Vitória sugeriu. Daniele não esboçou nenhuma reação. – Minha proposta continua quinhentos mil e está muito bem pago.

Daniele sabia que não era verdade. As informações que possuía eram sigilosas, valiam os três milhões e Vitória sabia disso. Por outro lado, Vitória sabia também que não havia ninguém que pagasse tudo aquilo pelas provas. Só uma pessoa pagaria o valor, dona Antônia, mas isso significaria a impunidade de Filipo e ela estava sedenta para ver sua destruição. Mais divertido do que ver sua derrocada, seria ver sua derrocada pelas mãos da bastarda da família. Vitória faria melhor uso daquelas provas do que qualquer outra pessoa. Resolveu fazer uma última tentativa.

- Um milhão!

- Seiscentos mil e não se fala mais nisso. – Vitória rebateu. – Minha última proposta.

Daniele riu, Vitória nunca lhe pareceu tão Vaccara quanto naquele momento.

- Safada! Sabe mesmo negociar, né? – Estendeu a mão para firmar o pacto. – Temos um acordo. Quando você consegue o dinheiro? Eu quero em espécie.

- Preciso de uns dias. Mas eu queria que fosse antes da festa de lançamento.

- Temos um tempo ainda – Daniele calculou. – Liga quando você estiver com o dinheiro. - Daniele se virou para ir embora. Vitória a chamou. Precisava saber de algo antes de ela sair. – Oi?

- Você não queria negociar comigo antes e agora mudou de ideia. – Aproximou-se de Daniele, tocou em seu braço. Por conta da dor, Daniele recolheu. Cuidadosamente Vitória pegou em sua mão e levantou a manga longa da camisa. Marcas arroxeadas pelo punho. – Foi ele que fez isso, não foi?

Daniele puxou a manga da blusa.

- Isso faz diferença para você? Você já me deu dois tapas na cara!

- Dei. Você agrediu uma amiga minha, me ofendeu, estava descontrolada e com uma faca na mão ameaçando uma pessoa de morte na frente dos seus filhos. Sou do seu tamanho, nunca ia bater em alguém menor que eu... Não sou daquele tipo que acha que você procurou e merece levar surra de homem. – Fez uma pausa. – Eu lamento que as coisas tiveram que chegar a esse ponto para você abrir os olhos.

- Eu não preciso de pena de ninguém! Muito menos sua!

- Não é pena, é sororidade.

- E eu devo me sentir lisonjeada por que a pobre menina rica tem empatia por mim? Não quero a sua pena, sororidade, seja lá o que for... Ligue quando tiver os meus seiscentos mil. É o que realmente preciso!

(...)

- Você tá comendo direito mesmo, minha filha? – Matilde questionava Bianca. Aquela era a primeira vez que Bianca voltava a mansão dos Vaccara após sair de casa. Em sua mente, não havia sentido algum manter suas coisas ali se nem Fernanda residia mais na casa. Além de Francesco, as únicas pessoas que lhe interessavam ali eram os funcionários. Todos sempre a trataram com muito carinho. Matilde era praticamente uma segunda mãe. – Você está tão magrinha... – Bianca ia parar pra falar alguma coisa, mas Matilde a interrompeu. – Come seu misto quente, minha filha.

Cidinha sorriu. Ela guardava a louça enquanto assistia Matilde mimando a garota. Se fosse pela governanta, Bianca sairia da mansão rolando de tão cheia. Matilde era assim, só

achava que alguém estava realmente bem quando estava alimentado. E Bianca era magrinha, ela então se aproveitava para encher a garota com suas guloseimas.

- Matilde, eu moro em cima de uma cantina italiana com um tio cozinheiro, de fome eu não morro.

Cidinha riu.

- Liga não, viu Bia... – Cidinha se manifestou em um tom divertido. – Dona Matilde é assim... Só sossega quando vê a gente estufadinho...

- É claro! Ôh meninada que não come, essa de vocês. Até a Vitória que é cozinheira parece um palito de dente, nunca vi!

- A Vitória é magra de ruim, o dia que eu pedi pizza só faltou comer a caixa. – Bianca disse provocando risos em Cidinha e Matilde. – Aquela ali deve ser daquelas que dá prejuízo em rodízio.

- Isso é verdade. Eu fiquei besta quando vi o tamanho do prato dela... Do tamanho do prato do jardineiro daqui de casa... E ele é um homenzarrão de dois metros por dois metros... – Matilde comentou.

As três voltaram a rir. O clima estava bom na cozinha. A visita de Bianca havia trazido uma descontração que há dias a casa dos Vaccara não recebia. Michele, a outra empregada doméstica fixa da casa estava assistindo tudo calada em seu canto enquanto polia a prataria. Ao ouvir o nome de Vitória, resolveu jogar um tantinho de veneno na conversa.

- Ih, Cidinha, prepara o bolso então se for sair com a sua enteada.

Bianca e Matilde olharam para a arrumadeira um tanto confusas. Cidinha parou de rir. Sua expressão se tornou sisuda. Michele era sua amiga, a pessoa que arranjou o emprego na casa dos Vaccara, mas tinha um pequeno defeito, era fofoqueira e venenosa demais. Muitas vezes não media as consequências. Bianca e Matilde logo ficaram curiosas pela declaração de Michele.

- Mi, você hein? Vê maldade em tudo...

- Gente, que clima é esse? – Bianca questionou. – O que aconteceu?

As duas se entreolharam e Cidinha explicou.

- Foi nada demais, Bia. O seu tio Miguel veio aqui ontem, me encontrou quando eu estava indo para minha casa e me deu uma carona. A Michele viu e tá pensando em coisa errada. Ele só foi gentil comigo.

- Bia, não é bem assim não... Ela não estava assim de cabelo preso, toda cagada que nem a gente fica com esse uniforme. – Bianca deu uma risada. – Eu estava lá com o aquele segurança do juiz que mora aqui no condomínio, você sabe aquele lindão que parece o Thiago Lacerda. Eu estava na parada de ônibus, nós dois esperando condução pra ir para o samba e do nada me passa essa gata garota. Linda, toda madame naquele carrão do seu tio Miguel. – Bianca percebeu o rosto de Cidinha se avermelhar e acabou rindo. – E eu lá, plantada na parada de ônibus. Aí hoje chegam flores, é pra dona Antônia, dona Daniele? Não, é pra madame aqui... Adivinha quem mandou?

Bianca abriu a boca surpresa.

- Ele te mandou flores?

- Não foi por maldade não. É que eu esqueci minha jaqueta no carro, aí ele mandou a jaqueta pelo motoboy e as flores porque ele é educado... – Cidinha explicou. – Mas não teve nada demais não, Bia. Eu juro! Eu nem queria pegar carona com ele pra não incomodar, mas ele insistiu, foi respeitador...

- Não devia mesmo! – Matilde repreendeu. – Onde se viu sair passeando de carro com patrão por aí?

- Que isso, Matilde... – Bianca se manifestou. – Não aconteceu nada demais. Meu tio estava de carro e resolveu dar uma carona para Cidinha. Que pecado que ela cometeu?

- Bia, você mede os outros pela sua régua... Dona Maria Helena não pensa como você não. E nem dona Antônia... Se ela pega essa menina de graça com o seo Miguel...

- Mas eu já disse que não tem nada. – Cidinha reforçou. Olhou pra Michele. – Olha o que você fez...

- Mesmo se tivesse. – Bianca afirmou. – Mesmo se tivesse, minha vó não pode te demitir por isso. Tio Miguel foi desrespeitador com você? Te constrangeu?

- De maneira nenhuma.

- Então ninguém tem que se meter, se ele te dá carona, se vocês estão saindo. Vocês são adultos. Nem a Maria Helena tem que se meter já que ela saiu de casa. Ele te falou, não falou?

Cidinha confirmou com um gesto.

- Ele comentou sim.

- Isso você não me disse, sua safada! – Michele comentou em um tom jocoso fazendo todos rir, inclusive Cidinha. – Liga pra ele e agradece as flores, boba!

- É, agradece! – Bianca incentivou. – Ele vai gostar...

- Será?

- Claro, conheço o meu tio. E, caí pra nós, ele podia muito bem ter mandado o boy entregar o casaco e pronto... Vai por mim.

Cidinha abriu um sorriso, ia responder qualquer coisa quando sua expressão mudou de repente. Bianca, Matilde e Michele olharam na direção da porta e compreenderam o porquê daquela repentina seriedade. Filipo estava na porta. Ele e Bianca se fitaram por alguns segundos, mas quem quebrou o silêncio foi Matilde.

- Seo Filipo, o senhor quer alguma coisa?

- Cida, vai até o meu closet agora, o cesto está cheio de roupa suja.

- Cheio? – Matilde questionou. – Mas eu tirei tudo hoje cedo e...

- Você se chama, Cidinha? – Filipo rebateu grosseiramente. Olhou para a Cidinha. – Te dei uma ordem!

Um tanto amedrontada por conta das lembranças da noite anterior, Cidinha seguiu para a suíte do filho dos patrões. Antes de Filipo se retirar da cozinha, Bianca chamou sua atenção.

- Você não pode falar assim com a Matilde e com ninguém dessa casa!

- O que você está fazendo aqui? – Filipo questionou. – Acabou o dinheiro e lembrou que tem casa? Vai lá e chora no colo da sua mãe e do seu tio que de mim você não vai ver nenhum tostão. Isso se sobrou algum dinheiro da sua mãe, eu soube que ela teve que renovar o guarda roupa, né? – Bianca apertou os olhos. – Ela deve estar sentindo falta da boa vida que levava aqui. Pior que ela está velha... Nem se quisesse... Sei lá, rodar bolsinha em calçada conseguiria cliente bom. – Sorriu. – Acho que é teu karma, né? Ser filha de vagabunda!

Em resposta, Bianca tentou avançar em cima de Filipo, mas foi segura por Matilde e Michele. Filipo deu as costas e subiu para o seu quarto. Matilde fez Bianca se sentar.

- FILHO DA PUTA, DESGRAÇADO!
- Bia, não fala assim, ele é seu pai! – Matilde tentava acalmar os ânimos. – Querendo ou não...
- ESSE PAU NO CU É PAI DE ALGUÉM?!
- Eu vou preparar um chá pra você. De camomila, bem forte. – Matilde disse. Olhou para Michele. – Pega um saquinho de chá, lá na dispensa...

Rapidamente a empregada obedeceu a governanta. Enquanto reservava a água na chaleira a espera do chá, Matilde pedia para Bianca se acalmar. Michele voltou a cozinha.

- Onde a Bia se meteu?
- Estava aqui agora mesmo...

Michele abriu a boca assustada.

- Espiã só, dona Matilde... – Fez um sinal para cima da pia onde ficava exposto um belíssimo jogo de facas. – A faca maior sumiu.
- Como assim? Se es...

As duas foram interrompidas por gritos que vinham do andar superior da casa. Logo chegaram a mesma conclusão:

- BIA!

As duas subiram as escadarias correndo. Michele, como era mais jovem, chegou no quarto de Filipo mais rápido. Encontrou a seguinte cena: Leandro segurando Bianca que estava com a faca na mão vociferando ameaças ao pai. Atrás de Leandro e Bianca, a aflita Cidinha que tentava se manter o mais longe possível de Filipo.

- TARADO NOJENTO! – Bianca clamava. – ESCROTO!
- ESSA OFERECIDA QUE VEIO PRA CIMA DE MIM!
- Fiz nada disso não, ele que tomou liberdade comigo. – Cidinha se defendeu. – Desde ontem!
- MENTIRA DESSA VAGABUNDA!
- CHAMA ELA DE VAGABUNDA MAIS UMA VEZ! – Bianca desafiou. – CHAMA QUE EU ENTERRO ESSA FACA NA TUA BARRIGA NA FRENTE DE TODO MUNDO! CLARO QUE ELA ESTÁ FALANDO A VERDADE! VOCÊ ACHA QUE EU NÃO NOTEI O OLHAR DE PAVOR NA CARA DA CIDINHA? MULHER RECONHECE QUANDO A OUTRA ESTÁ NAS MÃOS DE UM BOSTA TIPO VOCÊ!
- PROVA! – Filipo reagiu. Olhou pra Leandro. – O que você viu quando chegou? FALA!

Leandro olhou para Cidinha. Acreditava mesmo que Filipo havia lhe desrespeitado, entretanto tinha que dizer a verdade.

- Quando eu entrei eu vi a Bia apontando a faca para o senhor.
- Claro que apontei! – Bianca se defendeu. – Trouxe a faca porque sabia que ela estava passando por perigo.
- É o que você diz, mas não tem como provar. Dá essa faca para algum adulto antes que

você se machuque, garota!

Matilde tomou a faca das mãos de Bianca.

- Eu mesmo vou guardar isso, benza Deus, essa casa precisa de reza.

A empregada mais velha saiu. Filipo ordenou que todos fizessem o mesmo e avisou a Cidinha.

- Você pode arrumar as suas coisas que você está na rua! E nem se anima que você não vai ver um centavo!

- Eu tenho meus direitos, eu sou registrada na carteira! Eu posso por vocês na justiça!

- Coloca! – Filipo a incentivou. – Coloca mesmo! Do jeito que essa justiça é lenta, é capaz de você ganhar a causa depois que eu morrer!

- Se Deus for bom... – Cidinha resolveu se manifestar, já que estava despedida e sem direito a nada, iria falar tudo que estava preso em sua garganta. – Isso não demora a acontecer! Você não passa de um canalha que vai ter uma morte horrível!

Muito mais aliviada, Cidinha se virou para ir embora. Bianca ia falar mais coisas para o pai, mas Cidinha a puxou. Ele estava furioso, era capaz até de agredir a menina. Ela seria eternamente agradecida a Bianca. Se não fosse ela aparecer, Deus sabe o que teria acontecido. Havia se agachado pra verificar se tinha roupa suja no cesto e Filipo veio por trás encaixando em seu corpo. Em menos de meia hora estavam fora da casa, dentro de um táxi. Bianca insistiu em acompanhar Cidinha até sua casa.

- Vou falar com o meu vô. Ele não vai permitir isso, tenho certeza que vai te devolver o emprego.

- E tem clima pra eu ficar naquela casa, Bia? Eu sei que ele é seu pai, mas o seo Filipo é o demônio. Pra ele vir mexer comigo, só de vingança, pouco custa. Hoje mesmo, ele ouviu a gente falando do seo Miguel e veio pra cima de mim, falando que eu não quis ele pra ficar com seo Miguel... Eu gostava muito daquela casa quando tinha a dona Fernanda, mas sem ela, aquilo virou uma zona... Não volto mais nem...

Bianca fez um gesto afirmativo.

- Pensando por esse lado, você tem razão. É triste eu dizer isso, mas você está mais segura longe dele. – Fez uma pausa. - O meu vô tem que pagar todos os direitos e mais uma indenização em cima. E se eu fosse você, eu denunciava ele para a polícia.

- Eu queria falar com o seu avô antes, afinal, ele que pagava meu salário. Se ele não me pagar, aí eu vou pra polícia. – Cidinha confessou. – A minha preocupação é ficar sem emprego. Não tenho família aqui, pago aluguel... – Fez uma pausa. – Eu sabia que não devia ter pego carona com o seu tio ontem.

- Você não fez nada de errado. A gente até pode falar com ele para ver se ele pode te ajudar. Ás vezes ele conhece alguém que esteja oferecendo emprego, ou ele mesmo.

- Não, não diz nada para o seu tio, não. Vou me sentir humilhada se ele vir me ajudar e ele tem tanto problema... Eu vou arrumar um jeito de me virar.

- Cidinha...

- Deus vai me ajudar, Bia. Vai me dar a mão e vai fazer o seo Filipo colher de volta todos esses desaforos e crueldades que ele fez e faz por aí. Tenho certeza que vai.

(...)

Miguel chegou em seu escritório de advocacia com um copo de isopor nas mãos. Pela fumaça que saia do recipiente, o secretário julgou que se tratava de café. Após repassar os recados, o rapaz avisou ao chefe.

- O senhor tem visita, ela quis esperar no escritório.

- Como assim? – Miguel questionou. – Você sabe que ninguém tem autorização pra entrar no escritório sem a minha presença. Lá dentro tem documentos importantes.

- Desculpa, mas a sua esposa insistiu.

Miguel seguiu até seu escritório. Maria Helena folheava uma revista de fofocas. Ela estava de pernas cruzadas e sacudia a perna de cima, em um claro sinal de nervoso. Miguel deu três batidas na porta para se anunciar.

- Bom dia. – Maria Helena fechou a cara. – Que surpresa você por aqui. Aconteceu alguma coisa?

- Você que deve me dizer!

A ex-esposa respondeu de maneira ríspida deixando Miguel confuso. Virou a folha da revista, Miguel reconheceu a fachada da casa dos seus pais em uma das fotos. Maria Helena virou a revista permitindo que ele lesse a manchete da matéria: “Traição, poder, dinheiro e romance: conheça os bastidores do império Vaccara”. Em outra foto reconheceu seu carro. Um paparazzi havia tirado uma foto sua ao lado de Cidinha dentro do carro, quando saiam da casa na noite anterior. Abaixo da imagem, a seguinte legenda: clima de intimidade entre Miguel Vaccara, o filho do meio, e uma das empregadas da casa. Para saber que Cidinha era empregada da casa, o autor da matéria devia estar muito bem informado.

- Esses caras são inacreditáveis.

Maria Helena quase o fulminou com o olhar.

- É isso que você tem para me dizer? Que você vai me trocar por uma empregadinha mixa? Pela empregada da casa, mais uma vez, e é isso que você me diz? – E imitou Miguel. – Esses caras são inacreditáveis! – Jogou a revista em cima dele, apenas não acertou em cheio porque Miguel desviou rapidamente, mas acabou derrubando uma peça de decoração. – Isso é o que? Uma tara que você tem por mulher de avental cheirando a tempero? Fetiche?

- Você está ficando louca?! – Reagiu. – Será que você não vê que isso é fofoca de revista! Tiraram uma foto de um momento e criaram uma ficção em cima!

- Ela estava dentro do seu carro!

- Claro que estava. A moça estava saindo e eu resolvi dar uma carona! Será que agora é proibido você ser gentil com uma pessoa?

- Não é uma pessoa, é uma empregada da casa dos seus pais! Que cansou de tirar e por a nossa mesa. Será que você não enxerga o absurdo da situação?

- Qual absurdo? Eu ser prestativo com uma moça que sempre foi prestativa para minha família? A Cidinha não quis me dizer o que de fato aconteceu, mas ontem ela foi destratada pelo meu irmão. Gente que nem o Filipo, que nem você, se acha superior aos empregados apenas porque é servido. Isso não faz de você e nem de ninguém melhor que eles! A Cidinha é educada, agradável e trabalhadora. Não merecia a exposição ridícula dessa revista de quinta categoria.

Maria Helena não se conformava.

- Você está preocupado com ela e não com o que as pessoas pensarão de mim?

- Quem vai ser julgada por essa foto infeliz será ela e não você. Provavelmente ela sofreu assédio ontem! – Fez uma pausa. – E sabe de uma coisa? Eu não estou entendendo o que você quer aqui! Você acabou com o nosso casamento.

- Eu mandei você escolher entre a Vitória e eu.

- Você casou com um homem de verdade, Maria Helena, e um homem que se preze jamais vai dar as costas para um filho! Um homem que não se dedica à família, não é um homem de verdade! – Os dois se encararam. Maria Helena parecia muito atingida com as palavras. Miguel completou. – Não existe escolha. Você pode ser minha ex-mulher, mas a Vitória é minha filha pra sempre. – Um silêncio incômodo pairou no ar por alguns instantes. – Se você não vai aceitar a Vitória, eu sou um homem livre porque o nosso casamento está acabado.

Outro golpe duro para a socialite.

- Será que ela vai ser sua filha pra sempre?

- Claro. Já ouviu falar em ex-pai?

Maria Helena abriu sua bolsa. Retirou um envelope pardo do tamanho de uma folha A4. No papel estava colado uma etiqueta com a identificação: “Dossiê Vitória” e deixou sobre a mesa do ex-esposo. Miguel leu em voz baixa e olhou para ela a procura de alguma resposta. Maria Helena sorriu.

- Para tudo sempre existe uma primeira vez. Está aí a história toda da sua filha querida, a história verdadeira dela e de toda família. – Levantou-se. – Ah... E ela está careca de saber de tudo isso. Eu mesmo me encarreguei de mandar quando ela ainda estava na Europa torrando o seu rico dinheirinho. Até me perguntei porque ela não quis te contar, já que vocês são tão parceiros, mas isso já não é problema meu, não é mesmo?! – Se levantou e deu um beijo no rosto de Miguel. – Faça bom proveito de tudo, querido.

E saiu do escritório deixando no ar um rastro de seu perfume acompanhado de muito mistério. A primeira atitude de Miguel foi jogar o papel na lixeira, mas logo em seguida recuperou o envelope. Estava prestes a abrir quando o secretário lhe informou que havia clientes á sua espera. Não podia ler aquele dossiê correndo, por isso decidiu guardar o envelope em uma de suas gavetas e atender o cliente.

- Cadê o Xavier? – Miguel questionou o secretário.

- Ele derrubou café na blusa, precisou usar o banheiro para trocar.

Miguel agradeceu a informação e voltou para sua sala. Deu uma rápida organizada nos objetos que Maria Helena havia bagunçado e pegou a revista que estava jogada no chão. Olhou mais uma vez para as fotos da matéria e se deteve em sua imagem ao lado de Cidinha. O fotógrafo pegou os dois bem de frente. Estavam distraídos conversando sobre alguma coisa. Devia ser algo agradável, ambos pareciam tranquilos.

O advogado se concentrou em Cidinha, ela era tímida, poucos vezes a viu sorrindo dentro da casa. “Ela devia sorrir mais”, Miguel disse para si mesmo. “Tem um sorriso tão bonito”, constatou. O secretário encontrou-o com uma expressão feliz enquanto estava de olho na revista. Deu algumas batidas na porta.

- Seo Miguel, o doutor Xavier.

- Oi?

- Seo Xavier já saiu do banheiro, posso mandar entrar?
- Pode, claro! Eu me distraí, pode mandar entrar, por favor...

(...)

- Traição, poder, dinheiro, romance: conheça os bastidores da família Vaccara. – Marcelo leu a manchete da revista em voz alta e comentou com Daniel, seu colega que lhe deu abrigo na igreja. – Minha mãe deve estar maluca, ela odeia escândalo e olha o que a gente virou, matéria de revista de fofoca.
- Eu quis trazer a revista porque achei que você se interessaria.
- Não, fez bem... É bom eu estar por dentro de tudo. Você leu a matéria?

Daniel fez um gesto afirmativo.

- Li... Eles pegam pesado com você.
- Pois é... Por causa do vídeo da sex tape. Eu te contei que a Vale descobriu que foi o Filipo que postou aquilo? – Outro gesto afirmativo. – A cachorra da Daniele prefere me colocar de canalha daquela história do que denunciar o calhorda do Filipo.
- Marcelo, eu sei que você foi enganado por ela, mas não fale assim. Mal ou bem, ela ainda é mãe dos seus filhos. Por amor aos meninos, tenta se entender com ela.

Marcelo fez um gesto de acordo.

- Eu falo assim, mas é da boca pra fora... No final das contas ela não estava tão errada assim em achar outro cara. Não vou ficar mentindo por aí, né? Nunca fui anjinho... – Sorriu um tanto orgulhoso. – Sempre fui um verdadeiro capeta. Me jogava na bebida, na droga e ela aguentava o tranco até que teve um dia que ela não suportou e cedeu. – Fez uma pausa. – Claro que eu tenho meu pé atrás com a Dani porque ela não foi pra cama com qualquer um, quis o meu irmão, mas eu também não quero o mal dela. Meus filhos sofreriam muito e ela gosta muito deles também. – Fez uma pausa. – Agora o Filipo tem mais é que... Com o perdão da palavra, ele tem mais é que se foder...
- Marcelo você precisa exercitar a compaixão.
- Com qualquer outra pessoa tudo bem, mas com o Filipo não dá. Eu estava pensando aqui... O Filipo é a pessoa mais egoísta que eu conheci na vida. Sempre foi assim. Eu lembro quando eu era criança. Ele e o Miguel adolescentes. Ninguém podia fazer nada para o Miguel que ele queria igual. E se o Miguel gostava de uma garota? Ele dava em cima, ficava cercado só pra conquistar a menina para ela nem notar o Miguel. Como ele sempre foi o filho querido da minha mãe, eu fazia de tudo para ser parecido com ele. Não recebi um terço do carinho, do amor, da devoção que ela destinou a ele. O Filipo teve tudo o que qualquer pessoa pode ter. Não existe justificativa para ele ser assim.
- Vai ver o mal foi esse. Ele sempre teve tudo o que quis. – Marcelo concordou com Daniel. - Não sabe lidar com frustrações. – Daniel deu um tapinha no ombro de Marcelo. – Quem sabe um dia você é capaz de entendê-lo e até perdoá-lo...
- Sinceramente? Eu acho muito difícil, Daniel. – Marcelo confessou. – Praticamente impossível eu deixar para trás tudo que o Filipo fez. Que homem deixaria?

(...)

Após Bianca lhe deixar em casa, Cidinha descansou um pouco, almoçou e logo saiu a

procura de emprego. Contou sua história para uma vizinha que lhe indicou para uma comadre que precisava de uma babá. Resolveu entregar currículos. Passou por diversos lugares e só ouviu promessas. O país estava em crise, não seria fácil encontrar serviço sem recomendação. Chegou em casa de noite. Exausta. Abriu a bolsa para pegar a chave quando ouviu chamarem por ela. Quase tomou um susto ao ver Miguel.

- Oi. – Miguel sorriu. – Tudo bem?

- O que o senhor está fazendo aqui? – Perguntou completamente surpresa. – Aconteceu alguma coisa?

Miguel fez um gesto afirmativo.

- Eu liguei para casa dos meus pais para saber se você recebeu sua jaqueta, se chegou tudo certinho e a Michele me atendeu e contou que você foi demitida pelo Filipo. – Fez uma pausa. – Pensei em te ligar para conversar, mas fiquei com medo de você não me atender, aí resolvi vir até aqui... Será que a gente pode conversar?

A vontade de Cidinha era ligar para Michele e soltar um monte de desaforos. A última pessoa que precisava aparecer aquele noite era Miguel. Ela não tinha que falar nada da demissão aos quatro cantos.

- A Michele é linguaruda. Não tinha nada que amolar o senhor com as minhas coisas.

- Ela não fez por mal, ela está inconformada como eu também estou. – Miguel admitiu. – E outra coisa, esse negócio de senhor, de doutor...

- Eu prefiro assim.

- Pelo que eu estou sabendo, nem mais empregada da minha família você é. Não tem cabimento, Cidinha... Você gostou das flores?

Cidinha fez um gesto afirmativo.

- São lindas. Eu ia agradecer pelas flores, pela jaqueta, pela carona, mas tudo deu errado e achei melhor não complicar mais. – Fez uma pausa. – Não pensa que eu fiquei com raiva de você por alguma coisa que não foi... Só a situação que se complicou.

- Eu fico feliz de você não estar com raiva... – Admitiu. – Meu dia também foi difícil. – Miguel e Cidinha se entreolharam, ele tomou coragem e fez o convite. – Você já jantou?

- Não. Em casa eu como alguma bobagem.

- Janta comigo? – Cidinha fitou Miguel. – Como minha amiga. Aí podemos conversar mais a vontade.

- Não tenho dinheiro para jantar fora, ainda mais em restaurante chique.

- Eu estou te convidando. – Miguel explicou. - Quero levar uma amiga para jantar.

- Quando eu saio com os meus amigos, eu não gosto que eles fiquem pagando minhas coisas. Eu estou com pouco dinheiro.

Miguel sorriu.

- Tudo bem, a gente vai em lugar que dê pra você ir.

Foi a vez da ex-empregada doméstica rir.

- A grana que eu tenho só da pra ir na Birosca da dona Fátima que é ali no final da rua.

- Tudo bem, partiu Birosca da Dona Fátima.

(...)

- Não acredito que o sen... Você, com um terno caro desses, está aqui mesmo, na Birosca da Dona Fátima, dividindo mesa comigo. – Cidinha comentou entre risos. – Vê se pode.

- Imagina, eu devia usar era um terno muito melhor que esse para estar a altura dessa rabada com agrião que eles servem aqui. – Miguel afirmou fazendo Cidinha sorrir. – É bom te ver sorrir depois de tudo que você contou.

A conversa não foi nada fácil para a ex-doméstica. Cidinha contou toda a história do assédio de Filipo para Miguel. As grosserias e gritos de Filipo não sairiam tão fácil de sua mente. Ele tinha o discurso parecido com o de Bianca, queria falar com o pai para devolver o emprego a moça, mas Cidinha já tinha sua decisão tomada.

- Eu quero sair de lá. Sem eu fazer nada, o seo Filipo não me dava paz. Imagina depois dessa situação toda? Não dá mais nem... Só quero meus direitos e tocar a minha vida em paz. Eu sei que é seu irmão, mas eu não ia sentir segura em trabalhar lá, a gente não sabe do que ele é capaz. - Miguel fitou Cidinha por alguns instantes, seu pensamento parecia distante. – Miguel?

- Oi? Desculpa... Eu viajei aqui. O que você está falando?

Cidinha fez um sinal para que ele esquecesse e em seguida questionou:

- Você disse que seu dia não foi muito bom, o problema foi na família?

- É. É algo muito delicado de se tratar. - Pensou um pouco. - Imagina uma bomba que você tem nas mãos, e você não sabe como desativá-la. Mais ou menos isso.

- E tem algo que você possa fazer para mudar a situação?

Miguel pensou um pouco e então disse:

- Acho que não.

- Quando eu era pequena e tinha um problema para resolver, eu achava que sempre só havia duas opções: resolver de uma vez ou ficar pensando numa solução dia e noite até ela aparecer. E a minha mãe falava que existe a terceira opção que a maioria das pessoas desconsideram, mas ela é tão eficaz quanto a primeira e a segunda opção.

- E qual seria a terceira opção?

- Você simplesmente deixar para lá e segue em frente. – Cidinha explicou. – Nem tudo na vida está no nosso alcance e se não tem um modo de resolver, você pelo menos tem que arrumar um jeito de seguir em frente.

Miguel refletiu um pouco e por fim disse.

- Eu não vou esquecer disso. Sua mãe é uma mulher sábia.

Os dois retomaram a conversa. Despediram-se com um beijo no rosto, na porta da casa de Cidinha e em seguida Miguel seguiu para o seu apartamento. Subiu com o envelope pardo que Maria Helena havia lhe entregado dentro de uma pasta. Estava decidido a tirar satisfações com Vitória sobre o exame de DNA que Maria Helena lhe forneceu, mas chegou tarde. A garota havia saído, ia dormir fora. Encontrou apenas um bilhete na porta da geladeira.

“Pai, estou na casa do Dudu, amigo da Fer. Vou dormir lá. Se quiser adoçar sua vida é só abrir a geladeira, beijos, te amo. Vitória”.

Miguel abriu a geladeira e encontrou um belíssimo bolo de cenoura com cobertura de chocolate à sua espera. Ela mesmo havia feito. Sorriu, comeu um pedaço de bolo e seguiu para o seu quarto.

Não conseguiu dormir. Passou a noite analisando fotos de Vitória em diversas fases, procurava traços do irmão em sua filha. Para seu azar, achou alguns. Quando criança, Vitória lembrava muito Filipo. Pensou em diversas formas em como iniciar aquela conversa e chegou a conclusão de que não queria ter conversa alguma com a filha.

Filipo não cortou o cordão umbilical de Vitória. Não estava presente em seus aniversários. Não lhe deu a mão nos primeiros passos. Miguel sentia que apenas ele podia ser pai de Vitória pelo simples fato de ela nunca ter tido nenhum outro. Saiu do quarto com o envelope de Maria Helena em mãos e muito decidido. Usou a boca maior do fogão para transformar o exame de DNA em cinzas. Cidinha estava certa, em algumas situações o "deixa para lá" é a grande saída. Vitória era sua filha e ponto. E o resto? Deixa para lá!

Fernanda e Vitória foram despertadas por um toque de celular. As duas dormiram tarde, relutavam em acordar. Fernanda acabou cedendo e levantou. Esfregou os olhos e atendeu o telefone da namorada.

- Oi... -...- É o celular da Vitória. -...- Ela está dormindo, você quer deixar algum recado? -...- Como? -...- Eu falo com ela, daqui a pouco ela está aí. -...- Obrigada!

Desligou o celular e começou a chamar por Vitória. Como ela dormia profundamente, Fernanda sacudiu seus ombros para despertá-la.

- Oi, Fer! – Ainda tonta de sono, Vitória se sentou. – O que aconteceu?

- Ligaram do escritório da Vaccara. O seu vô não passou muito bem e pediu para te chamar.

(...)

Vitória chegou no escritório sozinha. Fernanda a acompanhou até a porta do prédio, mas não quis descer do carro pois não queria correr o risco de encontrar com Filipo. Após se identificar e receber um crachá provisório, a estudante se dirigiu a presidência da empresa. Olga, a secretária particular de Francesco, acompanhou Vitória até a sala do patriarca. Vitória encontrou o avô junto de seu médico particular.

- *Nonno*, o que foi?

- Ainda bem que você chegou, *mia cara*... Foi uma bobagem.

- Bobagem não, seo Francesco. – O médico o repreendeu. – Com pressão não se brinca. – A Vitória. – Eu coloquei um comprimido embaixo da língua dele e agora estabilizou, mas ele teve um pico de pressão. – O médico guardou o medidor de pressão e o estetoscópio em uma maleta. – É melhor o senhor ir pra casa hoje e tirar o dia para fazer repouso.

- Eu faço repouso aqui... Aquela casa é um inferno!

- Ele tem que tomar uma medicação especial?

- Eu já cuidei disso. Seria bom que ele fizesse novos exames com o cardiologista para ver se precisa readequar o remédio que ele já usa. – O médico explicou a Vitória. – Seo Francesco, é importante que você evite estresse.

Francesco fez um ar de riso.

- Só se eu trocasse de família. – O médico sorriu. – Bom... A minha secretária acerta tudo com você.

- Está certo, com licença.

Vitória esperou Olga sair com o médico para fazer perguntas.

- O senhor passou mal assim, do nada?

- Não foi bem do nada. – E explicou. – Eu recebi uma encomenda anônima que me deixou assim. Uma encomenda com uma denuncia muito grave, quando eu vi, ai, ai, ai... Eu prefiro não lembrar.

- O senhor vai ter que me explicar o que aconteceu. A Olga me disse que o senhor fez questão que me chamassem. Por que isso?

- Porque eu confio em você. Só você pode me ajudar.

- Como assim? Que denuncia é essa vô? Alguma coisa relacionado a empresa?

Francesco fez um gesto afirmativo e então explicou:

- O seu tio Filipo está nos roubando!

Vitória não esboçou nenhuma reação, há algum tempo as atrocidades de Filipo não a chocavam mais. Teve pena de seu *nonno.* Ele estava abalado e por conta do atendimento médico parecia muito frágil.

- A *Nonna* sabe?

Francesco fez um gesto negativo.

- Chegou agora. – Fez uma pausa. – Não é bom que a Antônia saiba. Ela fica cega quando se trata do Filipo.

- Eu queria dizer para o senhor que pode ser uma denuncia falsa, que o senhor não deve acreditar logo de cara, mas sinceramente falando? Eu não acredito que seja falso. O tio Filipo é sedento por poder e dinheiro.

- É triste eu dizer isso porque ele é meu filho, mas infelizmente eu deixei que o Filipo se tornasse um delinquente. Ele está destruindo a nossa família.

Vitória acenou a cabeça em um gesto de acordo. Nunca imaginou que ouviria aquelas palavras do avô. Ele finalmente reconhecia seu erro.

- Tem alguma coisa que eu possa ajudar o senhor?

- Sim... Eu tenho um favor muito importante para te pedir. Só que você vai ter que me prometer sigilo. Será um segredo nosso.

Vitória sorriu. Aquela conversa se tornava interessante.

(...)

Depois que o dossiê de Vitória caiu em suas mãos, Miguel não tinha planos de voltar na casa dos pais tão cedo. Se pudesse escolher exterminaria Filipo do planeta apenas para não olhar mais em sua cara de pau. Também não se sentia nada feliz com dona Antônia, sempre encobrindo as pilantragens que o irmão fazia, mas por conta do acaso teve que voltar logo na manhã seguinte. Tinha esquecido um documento de um processo importantíssimo no escritório

da mansão.

O clima que encontrou não poderia ser pior. A casa parecia em luto por conta da dispensa de Cidinha. Os empregados sabiam o quão injusta foi sua demissão e estavam ressabiados. Pediu um café a Michele e seguiu para o escritório, procurou o documento por todo o canto e não encontrou, perguntou a Leandro se tinha visto o papel.

- Eu não vi esse papel específico, mas eu vi o seo Francesco guardando alguns documentos no cofre, pode ter colocado lá por engano.

- Vou dar uma olhada, obrigado.

Miguel esperou o copeiro sair para abrir o cofre. Encontrou um tanto de dinheiro, joias, apólices, o tal documento que tanto procurou e um revólver antigo, que pertencia a Francesco. Apesar de não ser uma peça nova, a arma estava muito bem conservada e limpa. Retirou a peça do cofre, estava admirava fascinado quando ouviu, de longe, a voz do irmão dando uma bronca em alguém.

Com o revólver em mãos, caminhou pelo cômodo e parou em frente a um porta-retrato que havia três fotos de diferentes tamanhos. Uma de cada filho. A sua e a de Marcelo eram menores que a de Filipo. A ponta da arma encostou no porta-retrato quando ouviu a porta do escritório se abrir.

- Seo Miguel o ca... – Miguel se virou de frente. Michele que trazia a bandeja de café. Ao ver arma nas mãos dele, quase deixou tudo cair. O próprio Miguel que a socorreu. – Desculpa, seo Miguel. Eu vi isso na mão do senhor, me assustei.

Miguel sorriu.

- Calma, Michele, não é minha, é do meu pai. Só estava limpando.

Michele riu aliviada.

- Nem para limpar eu quero chegar perto de um troço desses. – Miguel sorriu. – Desculpa viu. – Deixou o café sobre a mesa. – Com licença.

A empregada saiu e encostou a porta. Miguel girou a chave, deu um gole em seu café e admirou mais uma vez o porta retrato que dividia com os irmãos. Não resistiu e apontou a arma em direção a foto de Filipo. A sorte é que estava descarregada. Se tivesse munição e ao invés de Michele entrasse Filipo, talvez tudo não acabaria em risos como aconteceu.

(...)

- Então ele acreditou nas denúncias que enviei para o escritório? – Marcelo perguntou a Valentine. – A Vitória que te disse?

- Ela não disse assim, abertamente, mas me pediu ajuda para encontrar uma empresa de auditoria que fosse de confiança. Seu pai que pediu para ela ver isso.

- Bola dentro, seo Francesco! – Marcelo comemorou fazendo Valentine sorrir. – No fundo ele sabe que estou falando a verdade.

- E se não sabe, a auditoria vai dizer a verdade. Seu pai está confiante na Vitória. Tem alguma coisa que ela ainda não me contou, mas eu sei que está acontecendo porque eles vivem de segredos agora. E tem mais... Ela sabe que eu sei onde você está. – Valentine abriu a bolsa e retirou dois convites da festa. – Ela me entregou, disse que é para mim e para o meu

acompanhante. E mandou dizer ao meu acompanhante que faz questão que ele vá na festa.

Marcelo sorriu. Vitória era sua aliada, se ela o convidou, é que algo de bom estava prestes a acontecer.

- Eu posso falar com ela?
- Com a Vitória?
- É. Eu confio nela.

Valentine fez um gesto afirmativo, discou para o número de Vitória e ela logo atendeu.

- Vitória, tem uma pessoa querendo falar com você.

Entregou o telefone a Marcelo.

- Vitória?

Do outro lado da linha, Vitória sorriu, um tanto emocionada e realmente feliz em falar com Marcelo. Com a convivência desfez da imagem que tinha pré-concebido do tio. Aproveitaria a nova chance para se aproximar dele. Marcelo não era de todo mal, e se estava com Valentine, ela teria que aprender a conviver com ele.

- Seu doido! Eu sabia que a cadela da Valentine está escondendo o jogo!

Marcelo sorriu.

- Ela não fez por mal, só para me proteger. Eu fui sequestrado e mandando para uma clínica de recuperação a força, pelas mãos da minha mãe. Não quero voltar para lá.
- A *nonna* pesou mesmo a mão. Eu sinto muito.
- Vamos falar de coisa boa. Seu vô mordeu a isca que eu joguei.

Vitória refletiu e então começou a juntar as peças do quebra cabeças.

- Foi você que mandou as provas para o escritório? Como você conseguiu?
- História longa, eu queria te contar pessoalmente. Vem aqui me ver. A Vale te passa o endereço.
- Eu vou adorar. Acho que temos mais coisas incomum do que pensamos e muito para conversar.

Os dois falaram mais um pouco e desligaram. Vitória combinou de visitar Marcelo no dia seguinte. Ela tinha uma proposta para fazer e julgava que ele adoraria ouvi-la. Um pouco antes de dormir, Marcelo foi guardar o convite da festa que Vitória havia lhe enviado. Seria dali há uma semana. Uma semana, não via agora do tempo passar.

(...)

- Meu Deus, como os dias passaram rápido. – Fernanda comentou com Vitória. As duas tomavam café juntas. – Faz uma semana já que eu voltei a trabalhar. E faz uma semana que a Cidinha começou lá no escritório.

Vitória fez um gesto de acordo.

- E uma semana também da surra do Dudu.

- Verdade. Mas graças a Deus isso vai ficar para trás e ele volta hoje. – Fernanda comentou. Vitória estava longe, em sua mente rodava um pequeno resumo do que havia sido aquele tempo de espera. – Vitória?

Dos sete dias que se sucederam, Vitória passou metade deles na casa de Dudu, ao lado de Fernanda. Na mesma noite que Vitória foi visitar Marcelo, Fernanda ligou avisando que algo horrível havia acontecido. Filipo havia iniciado sua promessa de não deixar Fernanda e nem as pessoas que a rodeavam em paz. A primeira vítima foi Dudu. Bêbado, Filipo foi atrás da ex-mulher na construtora, não encontrou, mas Dudu estava de saída do serviço e os dois se esbarraram, discutiram e covardemente, quando Dudu deu as costas, Filipo o derrubou e lhe deu uma surra.

Assustado com tudo, Dudu decidiu passar alguns dias fora, para esquecer o trauma. Abriu uma denuncia contra Filipo, mas ele não chegou a ser preso, apenas intimado a depor. O escritório, que já tinha um desfalque porque uma das recepcionistas havia entrado em licença maternidade, ficou sobrecarregado e Fernanda se viu obrigada a voltar a trabalhar. Mesmo com a sua presença, a demanda ainda era grande pela falta da recepcionista grávida e porque Daniele havia se afastado. Foi então que Fernanda se lembrou de alguém de sua confiança que precisava de emprego.

- Eu, dona Fernanda? – Cidinha questionou surpresa. – Mas eu só trabalhei em casa de família.

- Cidinha, você tem o segundo grau completo, é simpática, aprende as coisas rápido e eu confio em você. A Carla que também é recepcionista e pode tirar qualquer dúvida sua. E tem mais, você vai trabalhar menos e ganhar mais do que ganhava lá na dona Antônia.

Cidinha aceitou à oferta de Fernanda. Em menos de uma semana no novo emprego, ela já estava completamente ambientada. Vitória também ouvia falar muito de Cidinha na casa de seu pai. Miguel fez com que Francesco pagasse todos os direitos da antiga empregada e mais uma indenização por danos morais a Cidinha. Ao chegar em casa contou a novidade aos filhos.

- Convidei a Cidinha para ir na festa de lançamento das joias comigo. -- Vitoria e Fabinho se entreolharam com um ar de riso. – Que foi, gente?

- Olha o seo Miguelito, todo todo... – Fabinho e Vitória disseram ao mesmo tempo enquanto brincavam de bagunçar o cabelo de Miguel. O garoto completou. - Ninguém segura ele.

O grande dia da festa, citado em diversos planos, finalmente havia chegado. Fernanda precisou cutucar Vitória para que ela voltasse a mesa.

- Nossa, você foi tão distante...

Vitoria sorriu.

- Nem tanto. Estava pensando nesses últimos dez dias. Tanta coisa aconteceu... Tio Marcelo voltou do mundo dos mortos, Maria Helena foi embora, meu pai e a Cidinha namorando.

- Segundo ela, eles são só amigos. – Fernanda disse.

- Mas eu conheço o velho, ele tá afim dela... E ela eu acho que também está...

- Velho? – Fernanda questionou indignada. – Seu pai só tem dois anos a mais que eu.

- Eu sei... – Vitória respondeu de um modo jocoso, – Como diz o poeta, panela velha é

que faz comida boa. - Fingindo estar aborrecida, Fernanda se levantou, Vitória a puxou de volta para a mesa. – Boba, você sabe que eu não me importo com isso.

- Vai lá correr atrás de novinha, vai... – Vitória começou a provocar Fernanda com beijinhos. Fernanda acabou correspondendo. – Vou te mostrar umas coisinhas que novinha nenhuma faz...

Fernanda roçou seus lábios entre os da garota, mordeu levemente e a convidou para um beijo lento e quente. Vitória sentiu a mão da corretora descer pelas costas e explorar uma das nádegas. Fernanda desviou o beijo para o pescoço da loira quando ouviu pigarros. Abriu os olhos e se deparou com Dudu que havia acabado de entrar. Ele ainda tinha um pequeno hematoma no rosto da agressão que sofreu, mas trazia uma expressão divertida. As duas se separaram.

- Mais um pouco eu abro a casa ao público para cobrar pelo show, hein!

Em outra situação, Fernanda o repreenderia, mas estava feliz em vê-lo bem. Vitória foi abraçá-lo.

- E aí minhas sapinhas favoritas, batizaram toda minha casa?

- Como nunca. – Vitória brincou. – Essas paredes nunca viram tanta vagina como nos últimos dias.

- Vitória!

Dudu quase se desfazia de rir.

- Não faz a velha careta, Nanda! – Disse entre gargalhadas. – Você acha que eu pensava que vocês iam ficar aqui jogando baralho? – Dudu acomodou-se no sofá. – Me contem as novidades!

- Hoje é a festa de lançamento das joias da Vaccara. – Vitória disse. – E o dia da derrocada do Filipo. Hoje ele vai se arrepender de ter nascido.

Dudu riu.

- Meu amor, e você acha que eu quis voltar hoje pra que? Depois que o nome do Filipo foi ligado ao do deputado, Navarro ele não sai dos jornais, falaram que vai ter protesto na porta e tudo. Vai ser babado, confusão e gritaria, nem se fosse para passar uma noite com o Rodrigo Hilbert eu desistiria de ir nessa festa!

(...)

Sem dúvida a festa era o assunto mais comentado do dia. Daniele tinha dormido na casa de Leandro. Mal acordaram e já estavam discutindo sobre o lançamento das joias. Daniele havia guardado o dinheiro que Vitória lhe entregou pelas provas no apartamento do copeiro. Ele era contra a ida de Daniele ao evento e ela não abria mão de estar lá.

- Dani, as provas já estão com a Vitória e ela já deve ter repassado tudo para a polícia. Ele vai sair preso de qualquer jeito, você estando lá ou não.

- Eu vou! Ninguém vai me impedir de ir. Eu quero assistir o Filipo e a Vitória morrerem abraçados ali, na primeira fila. Cadeia é pouco pra ele.

- O que você está dizendo?

- Eu já tenho um plano em mente eu acabo com o Filipo e faço a Vitória ser presa no meu lugar. Ele vai pagar por tudo que ele me fez e ela por só me dar essa merreca quando sabia que a

informação que eu tinha valia no mínimo cinco vezes mais que isso.

- Dani, esse dinheiro é o suficiente ...

- Não é! Eu não tenho esse seu pensamento medíocre! Eles destruíram a minha vida, agora chegou a minha vez. – Garantiu. - Eu vou acabar com essa italianada idiota!

CAPÍTULO 34

Apesar da festa de lançamento da nova coleção de joias Vaccara ocorrer apenas no período noturno, a cidade amanheceu já falando sobre o assunto. Famílias tradicionais de São Paulo faziam parte da lista de convidados da comemoração. Jornalistas de TV, do jornalismo impresso e diversos profissionais da mídia foram convidados e credenciados para cobrirem o evento. A camada mais popular, embora tivesse pouco acesso ao produto que a Vaccara fornecia, também acompanhava de longe os preparativos da celebração. Na TV e nos portais digitais de informação noticiava-se que o lançamento das joias seria uma das festas que marcariam o ano e prometia entrar para a história de São Paulo.

Francesco e Antônia não economizaram na cerimônia. A ideia de ostentação surgiu de um dos assessores de imprensa da Vaccara. O objetivo era que as pessoas comentassem sobre a festa, o valor e a beleza das joias e esquecessem dos episódios tristes das semanas anteriores que envolviam os nomes de Marcelo, Daniele, Filipo, Fernanda e demais membros dos Vaccara. O que Francesco e Antônia não contavam era que na mesma semana mais uma bomba cairia sobre seu núcleo familiar.

Um famoso deputado federal que estava sendo investigado em uma CPI parlamentar foi flagrado tentando corromper a relatora da ação com propina. Ao invés de dinheiro, o parlamentar tentou comprar o parecer favorável de sua colega com um anel da Vaccara que possuía o valor de um apartamento luxuoso. A relatora, indignada, denunciou seu colega nas redes sociais e logo as pessoas descobriram que o tal deputado tinha uma forte amizade com Filipo e passaram a associar o nome Vaccara com corrupção e jocosamente a internet tratava a família com a alcunha de Vaccara-Corleones. A marca de joias não saia mais dos jornais.

Protestos contra corrupção passaram a surgir na porta do escritório de Francesco e da mansão da família. Valentine estava na costureira, esperando suas encomendas ficarem prontas

enquanto acompanhava uma matéria de TV que citava o nome dos Vaccara. O repórter entrevistava jovens que faziam parte de um grupo que se denominava como caçadores de corruptos. O líder dos jovens era um colega de classe de Bianca. Seu nome era Leonel Ponciano, ele não poupava nas palavras.

- Nós vamos extinguir essa máfia de Corleones das joias que financia esses ratos. Eles estão acabando com o nosso país. – O rapaz afirmava recebendo apoio da massa que se manifestava com aplausos. Abriu um jornal impresso que noticiava sobre a festa de lançamento das joias. – Esse dinheiro é meu, é seu, trabalhador!

E continuava com seu discurso feroz. Valentine esperava sua vez de experimentar o vestido na loja. Na recepção do local, a reportagem era transmitida. A assistente da costureira assistia tudo atenta.

- Uns com tanto e outros com nada, vida injusta, né? Mas esses Corleones todos vão parar na cadeia, se Deus quiser. Tem gente que acha que o Brasil é terra sem lei, mas esse país ainda tem jeito, você não acha?

Para sorte de Valentine, a costureira logo a chamou e nem teve tempo de responder a mulher. Agradeceu aos céus. Não queria ficar discutindo sobre ética e política com uma desconhecida. Estava com pressa. Teria que levar o smoking para Marcelo experimentar e tinha medo que precisasse de mais ajustes. A costureira fez Valentine experimentar o vestido que ia usar e ainda fez umas correções. No final as duas ficaram satisfeitas com o resultado.

- Esse foi um dos vestidos mais bonitos que vieram parar aqui. Você está linda com ele.

Valentine se olhou no espelho do ateliê e gostou do resultado que viu. O vestido verde escuro parecia complementar com seus cabelos cor de fogo, contrastava com a pele clara e evidenciava suas sardas naturais. Satisfeita, Valentine agradeceu o trabalho da costureira, retirou o vestido, pagou e saiu da loja com a encomenda nas mãos. Entrou em uma loja de roupas masculinas, pegou o smoking do namorado e saiu. Chegou no esconderijo de Marcelo no horário de almoço.

- Acabou de passar mais uma matéria sobre a Vaccara. Hoje a coisa vai pegar fogo.

Valentine entregou duas sacolas nas mãos de Marcelo.

- Seu smoking e os sapatos para hoje. Experimenta e vê se os ajustes deram certo. – Apesar de estarem sozinhos, Marcelo resolveu vestir o smoking no banheiro. Enquanto esperava na sala, Valentine falava sobre seu dia. – Lá na costureira eu vi uma reportagem de TV, vão fazer um protesto na porta da festa, acredita?

- FilIpo conseguiu fazer o público pegar raiva da gente com a amizade dele com esse tal de Navarro. – Marcelo comentou enquanto se despia. – Nas vendas acho que isso não vai influenciar muito porque a maioria não consome as nossas joias, mas arranhou a imagem que a gente tinha no mercado. Isso é grave. Estamos sendo comparado a mafiosos.

- Tenho certeza que vocês vão se recuperar disso.

Valentine esperou alguns segundos e enfim Marcelo apareceu na sala vestido com o smoking. Valentine sorriu sem esconder sua admiração. O smoking tinha caído muito bem nele. Os cabelos que foram raspados já começavam a crescer assim como a barba.

- Mas você tá gato, hein... Benza Deus! – Marcelo a puxou para um beijo. Valentine o admirou mais uma vez. – Calça os sapatos.

- Pega aí pra mim.

Marcelo tinha deixado a caixa com os calçados sobre a mesa. Enquanto o namorado ajeitava a gravata em frente ao espelho, Valentine se virou para pegar os sapatos. Ao retirar as sacolas de cima da mesa viu um objeto brilhante e se assustou. De quem era aquele revólver?

- Marcelo, o que é isso?

Marcelo olhou.

- Um revólver? – Disse em um tom óbvio debochando de Valentine. – Que foi?

- Sem brincadeira, Marcelo! O que essa arma está fazendo aqui?

- Não é minha.

- Marcelo...

- Eu juro que não é... – E explicou. – O pastor trabalha de segurança de condomínio particular. Ele anda armado. Deve ter tirado para limpar, alguma coisa assim. Só isso.

Marcelo parecia dizer a verdade. Valentine respirou aliviada.

- Desculpa. Eu pensei besteira... Essa festa está me deixando tensa. Eu fico preocupada com você.

- Não vou fazer nenhuma besteira. Tenho muita raiva do Filipo, mas eu não vou mais fazer coisas que eu possa me machucar. Se eu pegasse essa arma e descarregasse nele, eu acabaria me machucando porque ele acabaria morto e eu preso. – Deu um beijo em Valentine. – As coisas estão começando a dar certo pra gente.

Valentine sorriu. Era melhor esquecer aquela história. Entregou os sapatos ao namorado.

- Calça para eu ver como fica. - Marcelo sorriu e em seguida obedeceu às ordens da ruiva. Um sorriso surgiu no rosto de Valentine aprovando o visual do namorado. -

Vai ser o cara mais gostoso daquela festa. – Afirmou fazendo Marcelo rir. – Ah... Antes que eu me esqueça. – Abriu a bolsa e retirou um envelope. – Vitória pediu para te entregar.

- O que é?

- Não li, né? Vê se eu tenho cara que fica violando correspondência alheia. – Marcelo abriu o envelope, Valentine logo reconheceu a letra de forma bem desenhada da amiga. – Mas vindo da Vitória, aposto que é coisa boa.

Marcelo leu e releu a carta. Abriu um sorriso.

- E aí?

- Coisa boa é pouco. – Marcelo afirmou rindo. – É ótimo. – E completou.- Mas olha, eu não queria ser o Filipo não. E muito menos morrer inimigo da Vitória.

- Você vai ficar me enrolando e...

- Calma... Eu vou te contar tudo...

(...)

Micróbio passou boa parte de sua manhã ocupado no trabalho. Só conseguiu um curto período de folga depois de fazer mais de quatro entregas. Resolveu parar em um bar próximo a

central de motoboys e pediu um lanche. Enquanto seu pedido não chegava, ligou para Bianca. Eles se encontrariam a noite para ir à festa do lançamento das joias e Bianca não havia nem retornando seu bom dia nas mensagens. Como ela não atendeu, decidiu ligar para a casa da garota. Guilherme atendeu.

- Gui, sou eu...
- Fala, Mi!
- Queria falar com a Bia. Pode chamar ela pra mim?
- Ih cara, não vai dar. – Guilherme então explicou. – Ela saiu cedo. Acordei e ela já não estava em casa. Encontrei um bilhete dela dizendo que ia sair pra correr atrás de umas coisas para ir a festa de noite.
- Como assim?
- A Bia é mulher. Deve estar “nos corres" de cabelo, unha, essas coisas...

Micróbio duvidava. Bianca preferia ser convidada para ser presa em um cativeiro do que ir a um salão de beleza.

- Gui, tá ligado que a gente está falando da Bianca, sua sobrinha? – Micróbio questionou. – Ela odeia essas coisas de patricinha.
- Eu sei, mas hoje é diferente, né, mano? Ela não vai para uma festa chique parecendo que vai comer um dogão na quebrada. Vou ter que desligar, se ela ligar eu peço pra ela te procurar, firmeza?
- Firmeza, “tamo junto!”
- “Tamo junto!”

Os dois desligaram. Apesar das palavras de Guilherme, Micróbio não conseguia se sentir aliviado.

- Micróbio... Tem isso aqui para tu pegar lá na casa de um coxinha da Alameda Santos e... – O chefe de Micróbio era pouca coisa mais velho que ele. Apareceu com um envelope pardo nas mãos. – Qual é parça? Tá bodeado?
- Uns lances aí com a minha mina. Ela tá estranha. Sumiu desde de manhã e a gente tem uma festa da firma da família dela para ir a noite. Liguei agora na casa dela, o tio estava lá e disse que ela deve ter ido fazer cabelo e unha.
- E o que tem demais? Se vocês vão pra uma festa, ela foi se arrumar. Parece que nunca saiu com mulher e... – Olhou para Micróbio e disse em um tom de brincadeira para descontrair. – Tu é gay, Micróbio?

Micróbio retirou o envelope das mãos do amigo.

- Tá interessado, é? – Perguntou. Leu o endereço. – Só entregar isso pro coxinha?
- Exatamente. – Micróbio pegou seu capacete. – E sobre o lance da tua mina, não esquenta que ela deve ter saído só pra ir no salão mesmo. Mulher é assim.

“A Bia não”, Micróbio respondeu deu mentalmente. Tinha certeza que alguma coisa ela estava aprontando.

(...)

- Então vai ter um protesto político na porta da festa? – Fernanda perguntou a Dudu que confirmou com um gesto. – Parece que essa família não tem um minuto de paz.

- Não, é?

Os dois estavam em uma loja de roupas de alta costura em um shopping perto do serviço. Aproveitaram o horário de almoço para levarem Cidinha ao estabelecimento. A ex-empregada doméstica estava prestes a desistir de ir à festa acompanhando Miguel por falta de roupa. Após muita insistência de Fernanda e Dudu, ela aceitou a ajuda dos dois para procurar uma peça adequada. Ambos folheavam revistas enquanto esperavam Cidinha terminar de experimentar o vestido escolhido. A vendedora que os atendia surgiu com um sorriso radiante.

- Deu certo? – Fernanda perguntou a funcionária.

- Melhor vocês tirarem as próprias conclusões. - Disse a vendedora. - Vem, Cidinha.

Um tanto acanhada, Cidinha obedeceu às ordens da mulher e seguiu para fora do provador. Fernanda não conseguiu segurar. Sua boca despencou surpresa. Dudu abriu um sorriso.

- Sabia... Eu sabia que não devia ter vindo. Eu vou ligar para o Miguel e dizer que não vou. Ficou estranho, né? Ficou...

- Cidinha, você se olhou no espelho? – Fernanda reagiu. – Você esta maravilhosa, mulher...

- Menina, acabei de descobrir que sou bissexual. – Dudu brincou fazendo Fernanda e a vendedora rirem. Cidinha sentiu suas bochechas enrubescerem. – Deus não dá asas a cobra mesmo. Imagina eu com esse corpo, essa cara e esses olhos verdes, ia cobrar para as pessoas tirarem fotos comigo. Você está ó... – Fez um sinal de positivo.

Cidinha sorriu.

- Tá bom mesmo?

- Filha, você está gata, musa do verão, diva, arrasa-quarteirão. – Dudu afirmou. – Fala para ela, Fer...

- Dudu tem razão. Parece que esse vestido foi feito pra você, Cidinha. Você merece ser dona dele.

- Mas deve ser caro... Assim vai acabar todo o dinheiro da rescisão que eu...

- Que rescisão. Eu mesmo vou pagar. – Dudu afirmou. Conhecia Cidinha há pouco tempo, mas havia simpatizado com a jovem. Além de ser uma boa pessoa, ela era cativante e se portava como uma funcionária exemplar. – Faço questão.

- E eu quero que você vá no salão, receba tratamento de primeira, fique linda. É um presente que eu quero te dar. – Antes que Cidinha negasse, Fernanda rebateu. – Falta de educação recusar presente.

- Mas assim eu fico sem jeito. – Cidinha disse sem graça. – Não sei como agradecer...

- Vá linda e maravilhosa acompanhada do Miguel na festa. – Fernanda afirmou. – Vai ser a melhor forma de agradecer.

Cidinha sorriu. Aceitaria os presentes e o convite de Miguel. Iria ao lançamento de joias.

(...)

Marcelo olhava para o relógio de quinze em quinze minutos. Conforme o horário passava, diminuiu esse período para cinco em cinco minutos. Assim que anoiteceu, Marcelo tomou banho e se trocou. Passou um bom tempo embaixo do chuveiro. Já fazia alguns dias que arquitetava em sua mente o reencontro com a família. Certamente não veria os filhos. Nessas

ocasiões, Daniele deixava os meninos com a avó materna. Iria reencontrar os pais, os irmãos e os sobrinhos. Estava louco para rever todos. Após o término do banho, começou a se trocar. Da sala ouviu os ruídos da igreja. O pastor estava em culto. Ele fazia um belo e grande discurso sobre tentações.

- Ás vezes não entendemos o que acontece em nossa vida. Estamos em um bom caminho, fazendo de tudo para ficar em paz com nossa família, com nossos amigos, com colegas de trabalho, com o mundo, com nós mesmos. Mas então vem um problema que surge do nada e coloca o nosso caminho de ponta cabeça. Como um vendaval, um furacão que devasta uma cidade. O seu problema, que era do tamanho de uma ervilha vai crescendo... Aí ele vai se transformando em ameixa, em um limão, uma laranja, uma manga e quando nos damos conta, parece que estamos levando nas costas um pé carregado de jacas. O problema é maior que a família, maior que nossa casa. E é nessa hora que caímos na armadilha de dizer, por que me abandona, Deus? Por que deixou seu filho fiel sozinho?

O pastor jogou a pergunta no ar e Marcelo podia ouvir o burburinho dos fiéis. Ele terminou de abotoar a camisa e o pastor deu continuidade ao seu discurso.

- Deus não te dá um fardo que você não pode carregar. Se ele é seu, é porque Deus sabe que você aguenta ele. Ele é teu pai, teu criador, conhece você mais do que você mesmo. Quando Jesus carregou a cruz, ele caiu diversas vezes, mas ele se ergueu de novo, e de novo. E é assim que temos de fazer com nossos problemas. Eles não vão ser leves, não vão ser pequenos. E eles vão vir para nós derrubar. Eu não vou te enganar. – Afirmou. – Você vai cair. Vai tombar feio.

Marcelo ajeitou a gravata. Mais burburinhos dos fiéis.

- É meus irmãos. Eu já cai, tu já caiu e vamos cair de novo. E a gente cai de cara na areia, mas não é aquela que não dói, e uma areia movediça que te traga para o fundo do poço. Que pode levar quem você mais ama, que pode te machucar da forma que mais dói. Muita gente cai nessa areia movediça e não consegue se erguer. É engolido pela terra, sabe por quê? Porque essa pessoa perdeu o que é de mais precioso. Quem já se afogou sabe que quanto mais debater, lutar sem inteligência, é pior porque você afunda rápido. Essa luta não ganha na força física.

Marcelo calçou as meias. Ouvia algumas vozes vindas da igreja.

- Muitos de vocês estiveram em um buraco e quando estavam quase se afundando por completo foram resgatados por uma mão. Essa mão aparece para quem ainda tem fé e amor a vida, a própria pele. Por mais pesado que esteja o fardo, não entregue os pontos que você aguenta carregar. Você vai olhar de volta para o seu problema e ver que você é maior que ele! – Afirmou. – Portanto, se vocês enfrentam grandes encrencas e vocês enfrentam... – Marcelo ouviu a risada de alguns fiéis. – Não esqueçam que elas são do tamanho da glória que aguarda vocês.

O pastor deu continuidade ao seu sermão. Marcelo terminou de se vestir, foi pegar a carteira sobre a mesa e se deparou com a arma que Valentine tinha visto de dia. Marcelo encarou a arma e um pequeno filme passou por sua cabeça. Lembrou-se das discussões com Daniele. Recordou-se da voz que o perseguia e que mais tarde descobriu ser fruto da imaginação, consequência do vício e lembrou-se de Filipo.

Filipo. Só de pensar no irmão sentia seu coração bater de forma mais machucada. Aquela tinha sido a maior traição que sofreu na vida, não o adultério de Daniele. A traição fraternal foi a primeira registrada na humanidade. Caim matou o irmão, Abel, por inveja. Abel não teve tempo

de casar com uma mulher, amá-la e ter filhos, mas Caim teve. E os filhos de Caim tiveram descendentes e assim por diante.

Estava no DNA da humanidade o despeito, a maldade, a violência herdada do filho maldoso de Adão e Eva. A pior luta que existe é a do homem contra sua própria natureza. Jamais perdoaria Filipo. Por mais que quisesse lutar, não ia conseguir seguir em frente e ser feliz se não visse o fim de Filipo. Um tanto atordoado por causa da ansiedade e da tensão em rever sua família, Marcelo pegou a arma usada pelo pastor, verificou se estava carregada, guardou no bolso interno do smoking e saiu de casa.

(...)

Miguel chegou no bairro de Cidinha por volta de oito da noite. A rua estava mais escura que nas noites anteriores. Algum vândalo havia atirado pedras contra as lâmpadas. Parou em frente à casa da ex-doméstica, retirou o celular e mandou uma mensagem avisando que estava a sua espera. Cidinha logo respondeu pedindo alguns minutos e ele avisou que a esperaria no carro. O rádio estava ligado em uma estação que tocava músicas nacionais, entretanto a cabeça de Miguel estava longe. Pensava em Maria Helena.

Não exatamente na ex-mulher, mas na bomba que ela havia jogado em suas mãos há alguns dias. O envelope nomeado de “Dossiê Vitória”. Só de lembrar no conteúdo do dossiê, Miguel se sentia tonto, como se tivesse levado um soco de um pugilista peso pesado. “Será que ela vai ser sua filha para sempre?” Volta e meia, a dúvida jogada por Maria Helena teclava em sua mente. Tinha optado por esquecer aquela história, mas sua cabeça insistia em pensar, pensar e pensar...

Miguel achava que ia enlouquecer, fez de tudo para se distrair, mas volta e meia pensava no dossiê. A parte mais difícil era olhar na cara de Filipo, de Antônia e se controlar. Diversas vezes se segurou para não atacar o irmão e a mãe e cobrar explicações. Apenas uma pessoa o fazia esquecer tudo aquilo, Cidinha. Era estranho, mas ao lado dela era como se o mundo fosse diferente do que era. As pessoas eram as mesmas, mas Cidinha, com seu jeito manso, de bichinho do mato, roubava toda sua atenção. Seus pensamentos foram dissolvidos ao ouvir uma mensagem chegar no celular. Era ela avisando que já estava pronta.

Em uma tentativa de descontrair, Miguel começou a cantarolar um trecho da música que tocava no rádio do carro. A luz da sala de Cidinha se apagou. A rua ficou ainda mais escura do que já estava. Logo em seguida ela surgiu no meio da escuridão, completamente iluminada como se fosse a saída de uma caverna escura. Espontaneamente sua boca se abriu demonstrando seu choque. Cidinha estava mais mulher do que se recordava. Os cabelos castanhos, agora cortados um pouco abaixo dos ombros, lhe dava um ar incomum. Ela usava joias emprestadas por Fernanda, um vestido em tom cereja que destacava sua pele alva e o colo bem feito. Os olhos verdes eram bem marcados por uma maquiagem escura e na boca trazia um batom em tom nude. As mãos suadas de Miguel denunciavam o nervosismo. Cidinha abriu um sorriso.

- Oi.

Miguel se obrigou a descer do carro para abrir a porta para a moça. Ela parecia ainda mais bela de perto. Não conseguia esconder seu choque.

- Nossa! Você... Tá diferente...
- Você achou estranho?

Miguel fez um gesto negativo.

- Não. Você está linda. – Admitiu. – Aliás, você é linda.

Cidinha abriu um sorriso tímido.

- A Fernanda e o Dudu que insistiram para eu me arrumar desse jeito...
- Ainda bem que insistiram. – Miguel afirmou. – Tenho certeza que você vai ser a pessoa mais interessante daquela festa.
- Você também está muito bonito. – Miguel sorriu. – Vamos?
- Vamos!

Ele abriu a porta do passageiro e auxiliou a entrada de Cidinha, logo deu a volta e tomou seu lugar na direção. Ligou o carro, uma música romântica tocava no rádio.

- Não está esquecendo nada? – Miguel perguntou. – Podemos ir?

Os dois se entreolharam. Cidinha lembrou de uma conversa que teve com Dudu logo que saíram da loja que compraram o vestido.

- Se tiver um sinal, vai e beija logo.
- Dudu... – Fernanda chamou sua atenção.
- Gente do céu, os dois estão livres, tá na cara que se gostam... – Cidinha quase saia correndo de tanta vergonha, mas Dudu continuou falando. – Tem mais é que beijar mesmo. Não dá uma de Fernanda...
- Eu?
- É, você. Vitória mal saiu das fraldas e teve que tomar atitude senão aposto que você estava até agora dando uma de Hamlet, “ser ou não ser, eis a questão”. – Fernanda acabou rindo e Cidinha a acompanhou. – Timidez é só uma vagabunda que vem para detonar a nossa mente. Você é tímida e o Miguel também... Se um dos dois não tomar atitude vocês vão ficar cem anos na mesma até aparecer uma esperta e tomar a atitude no seu lugar. Se der uma brecha, vai fundo no boy.
- A gente é tão diferente.
- Eu também sou diferente da Vitória, mas no final dá certo. – Fernanda comentou um tanto apaixonada. – Quem vai entender a forma que o coração bate?
- E se não der certo... – Dudu aconselhou. – Como diria o poeta, “não se afobe não, que nada é pra já"...

A brecha estava ali na frente de Cidinha. Contrariando toda sua natureza retraída, seguiu os conselhos do novo chefe e puxou Miguel para um beijo. Percebeu que ele estava nervoso, mas mesmo assim correspondeu a atitude da mulher com intensidade. Separaram quando ouviram vozes na rua. Um vendedor de sorvete que passava oferecendo seu produto gelado. Trocaram olhares, estavam vermelhos como dois pimentões, a timidez inicial voltou. Miguel sorriu satisfeito e Cidinha então disse:

- Acho que dá pra gente ir.

A festa não havia se iniciado, mas a noite já prometia entrar na história.

(...)

Antônia tinha escolhido um belo vestido prata para usar durante a festa. A peça combinava com seus cabelos grisalhos e olhos azulados. Não escolheu nenhuma joia pois iria

usar a pedra que o marido a presenteasse. Aquela era uma tradição entre eles. Pouco antes de irem para a festa anual de lançamento das joias, Francesco a presenteava com a peça mais cara da coleção. Antônia já esperava ganhar o conjunto de diamantes que seria a peça de destaque do desfile. O valor do conjunto equivalia ao preço de uma cobertura triplex no Morumbi. Há mais de quarenta anos agiam assim. Leandro bateu na porta do quarto que já estava aberta.

- Com licença, dona Antônia. O seo Francesco pediu que a senhora descesse até o escritório.

Antônia sorriu.

- Obrigada, Leandro, já estou descendo.

O mordomo se retirou. Antônia terminou de ajeitar seu vestido, passou perfume e se dirigiu ao escritório. Francesco a esperava, mas não estava sozinho. Vitória acompanhava o avô. Sobre a mesa do escritório havia uma caixa de joias vazia. Francesco terminava de abotoar o colar na neta. Ao ver a pedra que Vitória usava, Antônia desfez o sorriso de seu rosto.

- Não sabia que você estava aqui. – Comentou medindo a neta de cima abaixo. Vitória estava muito bonita usando um longo marrom escuro mesclado com tecido nude que realçava seus cabelos claros. A sombra preta e dourada salientava o azul de seus olhos, mas o que chamou atenção de Antônia foram as pedras que a garota usava. Reconhecia diamantes de olhos fechados. Aqueles que enfeitavam o pescoço, as orelhas e o dedo anelar de Vitória custava um valor expressivo. Engoliu em seco. Ao marido. – Você me chamou?

- Chamei, queria que você visse como a Vitória ficou linda com o presente que eu dei para ela.

O olhar de Vitória se encontrou com o de Antônia. Enxergou inveja nas vistas da mulher mais velha. Abriu um sorriso curto e deu um beijo no rosto de Francesco.

- É ou não é o melhor avô do mundo?
- Vocês estão tão próximos, né? – Antônia comentou. – Quem poderia imaginar?
Francesco e Vitória trocaram um sorriso e o avô completou.

- Você não tem ideia o quanto estou feliz com essa proximidade. – Francesco disse dando uma piscadinha cúmplice para a loira. Vitória voltou a sorrir. – Engraçado, sabe que eu, mexendo aqui no cofre, não encontrei o revólver do meu pai?!

- Credo, vô, para que o senhor guarda isso? – Vitória questionou. - Devia se desfazer.
- Vive descarregada. Só guardo mesmo pela lembrança. Ele não tirava a arma do paletó. Sabia que meu pai foi da máfia?
- Sério, vô?
- Francesco, isso é conversa para se ter hoje? Para que você quer aquela velharia agora? – Antônia bronqueou sem esconder sua irritação. – *Porca miséria!*

Após os resmungos, Antônia se retirou do escritório deixando a neta e o avô sozinhos. Francesco olhou para neta e questionou.

- O que deu nela? – Vitória ergueu os ombros, não sabia explicar. Os dois riram e Francesco iniciou um novo assunto. – A Fernanda não vem?

- Nós combinamos de nos encontrar lá na festa. Ela é a pessoa que eu faço questão de estar lá para ver tudo. – Francesco sorriu, Vitória parecia preocupada. – Vô, você tem certeza que pretende fazer isso? Ainda dá tempo de a gente desistir.

- Olha minha querida, se eu disse pra você que estou completamente feliz, seria uma mentira porque eu querendo ou não, é a cabeça do meu filho que está sendo entregue. Mas é o justo. E uma parte de mim está feliz por você. – Vitória sorriu. – De verdade. Você vai me ajudar muito.

- Não era o que eu planejava para minha vida, mas eu também estou feliz, vô. – Afirmou. Os dois trocaram um abraço. – Muito feliz.

Francesco e Vitória ficaram conversando ainda sobre a festa até que Antônia ressurgiu. Já estava na hora de saírem.

- Vão na frente. – Vitória disse. – Eu vou depois.
- Por que, querida? – Francesco questionou.
- Ainda tenho algo importante para fazer. Depois eu pego um carro.

Antônia não teve um bom pressentimento, mas não pode fazer nada. Se tirasse Vitória de casa a força arranjaria uma briga com Francesco. Aquele não era o melhor momento. Ao se despedir alertou a neta.

- Juízo, Vitória!
- Não se preocupe.

Vitória assistiu o casal partir no carro de Francesco que era guiado por Romeu. Não restava mais ninguém na casa além dele e os funcionários. Vitória galgou os degraus e chegou ao segundo andar. Se dirigiu ao antigo quarto de Fernanda e encontrou a porta aberta. Filipo terminava de ajeitar sua gravata. Não notou a presença da loira. Vitória se anunciou com batidas na porta. Ao ver a jovem, Filipo fez uma expressão enojada.

- O que você está fazendo aqui?
- Eu preciso falar com você.
- Não estou disposto a ouvir nada.
- Eu preciso falar com você, pai. – Filipo que estava de costas para a garota se virou. Achou que tinha ouvido errado, mas para não haver dúvidas, Vitória retomou a palavra. – Não é isso que a gente é. Pai e filha? – Filipo parecia assustado. – Eu já sei de tudo.

CAPÍTULO 35

“Eu sei de tudo”. Essas foram as últimas palavras da garota antes de ela e Filipo emergirem em um profundo e significativo silêncio. Vitória tinha passado horas, dias, meses planejando aquele exato momento, seu acerto de contas com Filipo. Ali, na sua frente, as palavras sumiram de sua garganta. Parecia que alguém colocava uma corda em seu pescoço e

apertava até sufocar.

O que dizer para o homem que estuprou sua mãe? Que, em cumplicidade com sua avó, fez o irmão assumir sua paternidade? Que a rejeitou durante toda a vida? Que escondeu sua irmã de sangue? Que enganou Fernanda por anos fazendo ela amar e se apegar em uma criança que era fruto de uma traição? Existia alguma palavra que traduzisse a intensidade do seu repúdio Filipo? Qualquer ofensa era pouco, não chegava perto do que Filipo era de verdade. Ele a fitou por alguns segundos. Os olhos da garota pareciam marejados. Filipo parecia mexido com a revelação da loira.

- É melhor você ir. – Foi o que ele conseguiu dizer tentando parecer frio, mas sua voz vacilante entregava seu estado. – Me deixa em paz.

- Não! Não! Você destrói a vida das pessoas! Você não merece ter paz! – Disse em um tom ríspido. – Você não é digno disso! Eu tenho direito de ter essa conversa. – Afirmou um tanto alterada. Ela também trazia muita perturbação em sua fala. – Eu tenho o direito de estar aqui, olhando para sua cara nojenta e perguntar: Por que você é assim? – Por que você estuprou a minha mãe? Por que você foi tão ruim para Fernanda, para os seus irmãos e para a Bia? – Questionou. – Ninguém age assim gratuitamente. Por que você tem que ser esse demônio?

- Não foi bem assim, sua mãe me deu mole e...

- MENTIRA! MENTIRA! – Vitória interrompeu descontrolada avançando sobre Filipo que tentava segurá-la enquanto ela soltava socos sobre seu peito e se debatia entre suas mãos. – O DETETIVE INVESTIGOU TUDO, EU SEI QUE É MENTIRA! SERÁ QUE UMA VEZ NA VIDA VOCÊ NÃO CONSEGUE SER LIMPO?! – Filipo teve que empurrá-la para não se machucar. Vitória caiu sentada no chão. Apesar do empurrão, ele parecia assustado. Seu corpo tremia. O coração disparava alterando sua respiração. – UMA VEZ NA VIDA, SEJA HOMEM! – E mais uma vez cobrou. – POR QUE VOCÊ É ASSIM?

- O QUE VOCÊ QUER DE MIM? – Filipo reagiu, a jovem se levantou do chão. – VOCÊ ACHA O QUE? QUE ESSA ALTURA DA VIDA EU DEVO TE ABRAÇAR, TE COLOCAR NO COLO E TE CHAMAR DE MINHA FILHA? QUE DEVEMOS SAIR JUNTOS PARA TOMAR UM SORVETE? COMEMORAR O DIA DOS PAIS? – Questionou. Os dois ficaram calados. Ele estava muito atordoado. – Você queria o que? Que a gente fique procurando semelhanças entre nós?

- Eu não tenho nada parecido com você! Graças a Deus!

- Tem! Pior que tem! – Afirmou. – Mais do que você pensa! Mais do que eu queria que tivesse! – Foi então que Vitória viu uma cena até então inédita. Desde pequena sempre imaginou que Filipo fosse capaz de quase tudo, entretanto nunca passou por sua cabeça que um dia veria ele chorar na sua frente. E ele, de uma forma dura, extravasava. Filipo passou a mão no rosto tentando segurar as lágrimas que deslizavam por sua face. A voz entrecortada. – Meus pais chegaram da Itália recém-casados, minha mãe estava grávida...

- Eu sei. – Vitória disse. – Vovô vive falando que eles chegaram no Porto de Santos e...

- Não era dele.

Vitória precisou de alguns segundos para digerir aquela informação. Filipo tinha soltado aquela frase muito rápido, como alguém que está com uma arma na mão, sem coragem para atirar.

- Como é?

- Não era dele! – Filipo afirmou. – Ela estava noiva, lá na Itália e teve um caso com um dos empregados da casa dos pais. – Envergonhado. – Com o jardineiro da casa. – E continuou. –

Ela sempre foi apaixonada por esse cara, eles se correspondiam por cartas, um dia eu encontrei uma caixa no quarto dela, cheia das cartas que ele mandava. Foi por aí que eu descobri que eles tiveram um filho. Eu tinha nove anos, o Marcelo ainda nem era nascido.

- Você nasceu alguns meses depois que eles casaram... – A mente de Vitória começou a juntar peças e a ficha caiu aos poucos. Olhou para Filipo assustada. Por mais que ele lutasse, não conseguia segurar seu choro e a expressão envergonhada. – Bastardo... – Foi a primeira palavra que veio na mente de Vitória. – Você é filho bastardo?!

Muito a contragosto, ele fez um gesto afirmativo. Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Precisavam se refazer. Acalmar os ânimos. “Como a vida é cíclica”, Vitória só conseguia pensar enquanto observava Filipo se recompor. Tantas vezes ele encheu a boca para ofendê-la com aquela alcunha e no final estavam no mesmo barco.

- Eu acho que eu sempre soube. – Filipo criou coragem para falar. – E eu acho que o Francesco também, porque ele nunca foi um pai para mim. – Vitória olhou para ele como se duvidasse. – Não como foi para o Miguel e para o Marcelo.

- Você conseguiu destruir seus dois irmãos. – Vitória o acusou. – Estuprou a mulher que meu pai amava e fez ele assumir uma filha que não era dele. Acabou com o casamento do Marcelo, mesmo ele sempre te admirando.

- Eles tiveram um pai dentro de casa. No sangue deles não corre esse sangue maldito de jardineiro pobretão, de adultério. Eles têm o bem mais precioso que eu nunca vou ter, o sangue legitimo. – Filipo disse. Aquelas palavras deviam estar em sua garganta há anos. – Eles nunca vão precisar carregar essa vergonha que eu carrego.

- Meu avô nunca desconfiou? – Filipo deu os ombros. – Se isso sempre te corroeu tanto, não era mais fácil você falar diretamente com ele do que atingir tanta gente? Do que se destruir cultivando esse ódio e inveja dos seus irmãos? Você cometeu crimes, você...

- Já assistiu O Poderoso Chefão? – Filipo questionou Vitória. Ela fez um gesto afirmativo. Era um clássico adorado por toda a família. Não sabia da existência de um Vaccara que não tenha assistido, ao menos uma vez, a saga da família Corleone. – Tem uma frase que o Dom Corleone fala que é assim: Um homem que não se dedica a família jamais será um homem de verdade. – Olhou para a garota. – Eu não podia fazer isso com a minha família. Com a minha mãe. Destruir a minha mãe perante ao Francesco e aos filhos. Eu tinha que preserva-los.

Vitória encarou Filipo.

- Você acha que cultivou esse ódio todo dentro de você por um ato de amor a sua família? – Perguntou. –Você tem uma visão completamente distorcida do amor, provavelmente porque a minha vó não sabe amar e não te ensinou a amar. Você pode não ter entregado a sua mãe, mas quebrou o coração de pessoas inocentes. De cada uma delas, ao menos uma vez na vida. Meu vô nunca deixou faltar nada a você, muito menos amor... E você não soube aproveitar o pai que teve...

- ELE NÃO É MEU PAI DE VERDADE!

- E VOCÊ TEVE ALGUM OUTRO? – Vitória reagiu. Se aproximou dele e continuou a gritar em frente ao seu rosto. – TEVE? QUE TE DEU AMOR? QUE TE DEU UMA CAMA QUENTE? COLOCOU COMIDA NA SUA MESA? TE DEU SEGURANÇA? – Filipo não respondeu. Vitória fitou-o. – Isso é o que mais me separa de você. Eu sou grata ao Miguel. Eu não tive outro pai que não fosse o Miguel. Você não sabe ser grato. - Fez uma pausa. – Você acha que um casinho juvenil da sua mãe justifica você ser esse merda que está aqui agora? Todo

mundo tem que pagar só porque o principezinho da casa não consegue lidar que o pai dele de verdade é um jardineiro? Você é ridículo! VÁ A MERDA!

Filipo a agarrou pelo braço.

- VEJA LÁ COMO FALA COMIGO, SENÃO EU...

- ME BATE! ME BATE! – Vitória exigiu. – Você sempre foi mesmo covarde! Sem culhão! – Filipo desferiu um forte tapa no rosto da garota que não se intimidou. – Sempre te achei cretino, mas você é pior! Você é fraco, digno de pena! – Vitória levou outro tapa e concluiu sua fala. – Meu pai, o Miguel, me ensinou a ter fibra. Eu não vou precisar de erguer um dedo para te derrubar! – Desvencilhou-se de Filipo. – Covarde!

Filipo assistiu a garota sair do quarto. Ela estava pronta para a noite, apenas ia parar em casa para retocar sua maquiagem. Leandro, que estava escondido no quarto de Marcelo, ao lado da suíte de Filipo, tinha ouvido toda a discussão dos patrões. Ao sair do quarto ainda viu Vitória descer as escadarias.

Vitória pensou que o andar estava vazio e se esqueceu dos empregados da casa. O mordomo esperou um tempo, quando ia descer ouviu um barulho vindo do quarto de Filipo. Correu para ver o que acontecia e encontrou o patrão no chão. Filipo precisou de sua ajuda para se erguer e se sentar na cama.

- Do nada me deu uma canseira, as pernas ficaram pesadas.

- O senhor quer que eu chame alguém?

- Não, não, estou bem. Só levantei rápido. O que você está fazendo aqui em cima?

- Vim ver se o senhor precisava de alguma coisa. – Mentiu. – Posso ajudá-lo?

- Estou bem, só foi uma vertigem... Estou bem. – E solicitou. – Deixe-me sozinho, eu vou terminar de me arrumar porque tenho que estar na festa logo. Como vice-presidente da Vaccara, eu tenho que fazer um discurso sobre a nova coleção. Ainda tem aqueles palhaços manifestantes ... Faça o seguinte, retire o carro, você vai me levar.

Leandro já conhecia o plano de Filipo através de Daniele. A estratégia do empresário era que houvesse uma queda de energia após o desfile. Os geradores de luz também seriam desligados e uma quadrilha invadiria o prédio e roubaria as joias e bens que estivessem com os convidados. Ele já tinha feito contato com a quadrilha, já estava tudo acordado.

Na confusão com os convidados, Filipo aproveitaria e roubaria as joias do desfile (e a polícia acharia que tudo foi obra da quadrilha que roubou os convidados) o que lhe renderia quase vinte milhões de reais. As peças seriam escondidas no terraço que estava em reforma e no dia seguinte retiraria, como se fosse entulho. Quem ia desconfiar um tesouro no meio de destroços? Era um plano sem furos. Leandro abriu um sorriso.

- Está certo, com licença, doutor Filipo.

Filipo demorou alguns minutos para enfim aparecer pronto. Leandro já o esperava de prontidão. Não era a primeira vez que fazia a função do motorista da casa. Pouco antes de sair, Leandro mandou uma mensagem para Daniele, precisava falar urgente com ela. Tinha impressão que Daniele gostaria muito de saber as novidades.

(...)

- É ali? – Micróbio questionou assustado ao ver a quantidade de jornalistas na entrada do

prédio comercial. Também havia algumas pessoas com cartazes em protesto a ligação de Filipo Vacara com o deputado federal investigado em uma CPI. – Cara, tá parecendo entrada da premiação do oscar... – Ele comentou com a namorada. – Tem tapete vermelho e tudo. “Cê é loco”. Vem cá, será que vai caber o tanto de convidado em um apartamento?

Bianca riu.

- Deixa de ser burro, Mi... A festa não vai ser em um dos apartamentos do hotel, vai ser na cobertura. O meu vô é amigo do dono desse hotel. Ele abriu um bar estilo *rooftop*... Ele fez meio estilo cassino, ficou muito show...

- Raul o que?

- *Rooftop*... – Bianca repetiu. – É um bar, um espaço que fica em cima de um arranha céu... No caso daí não é bem no terraço, mas no trigésimo andar do prédio... Tem uma vista incrível lá de cima.

Micróbio estava inconformado.

- Você me fez colocar essa roupa de pinguim, gastou o dia todo no salão pra gente vir numa festa na laje? – Bianca olhou para o namorado, não sabia se ria ou se batia nele. – Bia, essa beca é quase o preço do aluguel do meu quarto... “Cê" tu queria brincar de ser Patricinha chamasse alguém com bala na agulha pra te acompanhar.

- Ei, ei... Que história é essa de brincar de Patricinha?
- Ué, quem some e passa o dia no salão de beleza é o que?
- E quem te falou que eu estava em salão? Eu hein, parece que não me conhece...

O rapaz ruivo olhou para ela e então perguntou.

- Se você não estava no salão, estava onde?

Bianca não estava gostando do rumo que aquela conversa estava tomando.

- Não interessa, cara.
- Que?
- Não interessa! Nunca tomei satisfação dos teus “corre”, porque agora eu tenho que ficar falando dos meus?
- O que você está aprontando, hein? Tô ligado que tu quer zoar nessa festa.
- Coisa minha, Mi... Coisa minha.

Claramente Micróbio estava preocupado. Confiava na namorada, mas às vezes ela dava uma de doidinha e podia se prejudicar. Para evitar discussões, ele sugeriu que entrassem de uma vez. Ao atravessar o tapete vermelho, os dois foram alvo de *flashs* e perguntas nada discretas. Os manifestantes erguiam seus cartazes, mas permaneceram calados. Ao entrarem no prédio, foram conduzidos por um funcionário até um elevador que os levaria diretamente ao salão. Havia alguns elevadores reservados para convidados. Micróbio parecia nem respirar.

- Que foi? – Bianca questionou.
- Tô preocupado, Bia. Vê lá o que tu vai aprontar, hein?!

Bianca deu um selinho no namorado.

- Não vai ser nada de errado. – Afirmou. – É apenas merecido, mas eu não vou entrar em fria.

Apesar das palavras de Bianca, Micróbio ainda estava aflito. A noite nunca terminava bem quando envolvia a família da namorada. O elevador demorou pouco tempo para percorrer os trinta andares. Ao abri a porta de ferro, um outro funcionário estava à espera do casal. Ele os guiou até a entrada do salão. Abriu a porta de vidro e desejou ao casal.

- Bom divertimento, jovens.

Bianca agradeceu a gentileza do trabalhador. Micróbio estava estático. Agora ele entendia porque Bianca riu quando ele comentou que iriam para uma festa na laje. De festa na laje aquele ambiente não lembrava nada. Parecia um cenário de filme hollywoodiano de tão luxuoso. O chão todo em mármore negro iluminado por um poderoso jogo de luzes, flores pelas mesas, ambiente climatizado, garçons, uma pomposa escadaria que deveria levar ao terraço em céu aberto, um serviço de bar que oferecia toda sorte de bebidas e petiscos, aparelhagem de som de último tipo, grupo musical e uma belíssima passarela que dividia o ambiente em dois. Nunca tinha pisado em um lugar com tanto requinte.

- Que foi, Mi? Tudo bem?
- Sei lá... – Admitiu. – Bia, olha esse salão... Teu tio já me levou para trabalhar em uns lugares de rico, mas esse aqui... Nunca me senti tão pequeno.

Bianca sorriu. Agora estava acostumada, mas logo que se tornou uma Vaccara, também estranhava os ambientes que a família frequentava. Tudo muito pomposo, chique, parecia coisa de outro mundo.

- É tudo muito bonito mesmo, mas eu não troco nada disso pelos churras na laje que a gente tá acostumado a ir. Não trocaria você por ninguém daqui... – Micróbio abriu um sorriso tímido e ganhou um beijo da namorada. – Vamos?
- Vamos!

De mãos dadas, o casal entrou no salão. Bianca cumprimentou os avos, alguns conhecidos e logo foram até a mesa que estavam Dudu, Fernanda e Valentine. Bianca ficou feliz em ver a mãe ali. Tinha medo que ela desistisse de ir na última hora, mas Fernanda seguiu com sua decisão até o fim e não apenas apareceu, mas estava linda. Usava um vestido preto com detalhes em tom prata e nude que destacavam seus ombros firmes, o desenho do colo e o tom de sua pele.

- Caprichou, hein, dona Fernanda... – Bianca brincou. – Eu quero ver a cara do seu ex-marido quando te ver assim... Tá a maior gata.
- Se eu pudesse escolher, a última coisa que eu queria ver hoje era a cara do meu ex-marido. – Fernanda confessou. – Mas a Vitória insistiu tanto...
- Ai, você vai me desculpar, mas eu não vejo a hora do Filipo chegar nessa festa. Vai ser o meu momento ... – Dudu confidenciou. – Depois de tudo ele te ver linda desse jeito, cheirosa, feliz e de quebra com uma gatinha feito a Vitória com quase trinta anos há menos que ele a tiracolo? Ele vai enfartar...
- Capaz mesmo. – Bianca comentou. – O pessoal lá da casa tá falando que volta e meia ela está batendo pino, não se cuida... – Olhou para Valentine. – E você minha gata? Toda de verde, parecendo o Peter Pan... – Aproximou de Valentine e disse em tom cômico. – Te quero!

- Bia, vai comer meia tonelada de arroz com feijão para você pelo menos tentar... – Devolveu na mesma moeda fazendo todos rir. Apesar da brincadeira, Valentine estava aflita. Olhou no relógio. – Já são 21:20?

- Ainda são 21:20. – Fernanda comentou. - Está cedo.

- Que foi, Vale? – Micróbio questionou.

- O Marcelo ainda não chegou.

- Ele vem mesmo? – Bianca questionou, Valentine fez um gesto afirmativo. – Hoje que isso pega fogo. Você, tio Marcelo e Dani, meu pai, minha mãe e Vitória, tio Miguel, Maria Helena e Cidinha tudo no mesmo local...

- A Maria Helena vem? – Fernanda questionou surpresa.

- Vem. – Bianca comentou. – O Fabinho contou para Vitória que me contou. Parece que vem acompanhada de um ex-namorado que reencontrou agora. Claramente provocando o tio, já que aqui é território dele.

- E o Miguel com a Cidinha... – Dudu comentou apreensivo e ao mesmo tempo divertido. – Isso vai ser melhor que aqueles programas que vai a família toda e discute...

- Dudu! – Fernanda repreendeu.

- Mas vai mesmo... Só treta monstra... – Bianca comentou.

O assunto da mesa continuou o mesmo, todos davam palpites do que poderia acontecer. Alguns mais sérios e outros partindo para a comicidade. Valentine era a única que não participava da conversa. De três em três minutos conferia o celular para ver o horário. Nem sinal de Marcelo.

(...)

Marcelo viu a tela de seu celular piscar diversas vezes. Olhou no visor e viu que já era quase nove e meia. Saiu cedo de casa e no final se atrasou. Sua sorte era que estava há apenas quatro quadras do endereço onde ocorreria a festa da família. O visor piscou mais uma vez e Marcelo viu uma mensagem de Valentine. Abriu e leu em voz baixa:

“Cadê você? Tá tudo bem?”

Valentine o mataria. Ela se ofereceu para irem juntos, ele insistiu que era mais fácil se encontrarem direto na festa e no final ela estava certa. Agora sua consciência começava a pesar. Na sua frente havia garrafas de cerveja vazias. Três garrafas de cerveja não eram nada para quem estava acostumado a beber como ele estava. Entrou no bar com o intuito de tomar uma água mineral para fazer hora, mas se sentia tão tenso, tão nervoso que achou que uma cerveja talvez o ajudasse a relaxar.

Pediu a primeira que desceu gelada. Pediu a segunda e a terceira o garçom trocou quando viu que Marcelo já havia acabado com a segunda. Quando ia fazer um sinal para o garçom trazer a quarta, o celular começou a acender sozinho e então se deu conta do que estava fazendo.

- Oh... Colega! – Marcelo disse ao garçom que veio lhe atender. – A conta por favor...

Enquanto esperava o garçom trazer sua nota, Marcelo escrevia uma mensagem a Valentine tranquilizando-a. Enviou a mensagem. Foi guardar o celular no bolso e tocou o cabo da arma que tinha trazido consigo. Um frio subiu sua espinha. Não tinha ideia o que pesava mais. Seu remorso por estar bebendo quando havia prometido a Valentine e ao filho que não iria mais beber ou a arma no bolso. Era difícil para ele. Não ia conseguir encarar tudo de cara limpa.

O garçom apareceu com a conta e mais uma garrafa de cerveja.

- A saideira?

Marcelo olhou para as três garrafas vazias. Olhou para o garçom mais uma vez com a garrafa cheia em mãos. O sermão do pastor começava a martelar em sua mente.

"Ás vezes não entendemos o que acontece em nossa vida. Estamos em um bom caminho, fazendo de tudo para ficar em paz com nossa família, com nossos amigos, com colegas de trabalho, com o mundo, com nós mesmos. Mas então vem um problema que surge do nada e coloca o nosso caminho de ponta cabeça"

- Sim, por favor!

O garçom sorriu, abriu a bebida enquanto Marcelo pegava o dinheiro em sua carteira. A cerveja foi depositada no copo. Marcelo lhe entregou o dinheiro, esperou o homem se afastar para dar o primeiro gole na nova cerveja. Essa parecia mais gelada e ainda mais gostosa que a primeira. O líquido chegava a fazer cócegas em sua garganta deixando Marcelo praticamente em estado de êxtase.

Eles não vão ser leves, não vão ser pequenos. E eles vão vir para nos derrubar. Eu não vou te enganar. Você vai cair. Vai tombar feio.

(...)

- É ali... – Filipo disse a Leandro. – Na porta daquele hotel.

Leandro arregalou os olhos. Havia muita gente na porta do hotel. Pelo menos uns cinquenta manifestantes. O mordomo sabia muito bem que o nome dos patrões não era o mais querido do momento. Principalmente o de Filipo. Tinha medo do que poderia acontecer.

- Doutor, não é melhor a gente entrar pelos fundos? O pessoal está furioso.
- Fundos? – Filipo se perguntou enojado. – E eu sou lá homem de entrar em alguma festa por porta de empregado? Tô cagando e andando para esses vândalos! Para lá, em frente a eles.
- Doutor Filipo...
- Isso é uma ordem, Leandro!
- E o senhor tá se sentindo melhor da fraqueza?
- Estou, agora faz o que estou mandando.

Um tanto contrariado, Leandro obedeceu às ordens do patrão. Ao verem que era Filipo descendo do carro importado, os manifestantes começaram a intensificar as vaias, muitos reforçavam o coro de "ladrão, corrupto" entre outras ofensas. Os mais agitados tentavam invadir a área defendida pelos seguranças para agredi-lo. Uma garota com o rosto pintado de verde e amarelo começou a travar uma discussão com o empresário. Leonel, o colega de classe de Bianca que apareceu na TV como um dos líderes do movimento contra a Vaccara, estava ao lado da garota com o rosto pintado de verde e amarelo e começou a puxar um grito que logo se tornou um grito de guerra:

- BRASIL, MOSTRA A TUA CARA, O NOME DO TEU SÓCIO É VACCARA! BRASIL, MOSTRA A TUA CARA, O NOME DO TEU SÓCIO É VACCARA! BRASIL, MOSTRA A TUA CARA, O NOME DO TEU SÓCIO É VACCARA!

Em resposta, Filipo encheu a boca de saliva e cuspiu sobre a garota que tinha o rosto pintado de verde e amarelo. Os manifestantes tentaram mais uma vez quebrar o cordão de segurança para agredir Filipo, mas ele era protegido por dois brutamontes. Leonel foi empurrado por um dos homens. Filipo estava quase chegando na entrada do hotel quando sentiu algo acertar sua testa.

Não pegou em cheio, mas atingiu provocando dor. Era uma pedra portuguesa. Mais alguns objetos passaram a ser atirados, os seguranças reagiram com violência, utilizando bastões e bombas de efeito moral provocando uma grande confusão. Filipo sentiu alguém o puxar para dentro do hotel. Acreditou ser um dos seguranças, mas ao ver quem era se desvencilhou. Renato, o jornalista, amigo de Fernanda, professor de Bianca. Ele agiu rápido. Ao ver o quebra-quebra tirou Filipo do meio. Se algum manifestante o visse, era capaz da briga dobrar e alguém se ferir gravemente.

- Você está bem, cara? – Renato perguntou um tanto desorientado. Efeitos da bomba jogada por um dos seguranças. Em resposta levou um empurrão de Filipo. Apenas não caiu pois era bem mais forte que o empresário. – Você tá louco? EU TE SALVEI!

- VOCÊ É UM MERDA! VOCÊ CAUSOU TODA ESSA CONFUSÃO!

- Eu? – Renato se perguntou desacreditado.

- Escreveu o que não devia naquele seu pasquim de merda! Vai me pagar caro ainda! – Filipo olhou para um funcionário do hotel e disse apontando para Renato. – Jornalista! Não podem ficar aqui dentro não!

- Seu filho da puta! – Renato reagiu esquecendo completamente o profissionalismo. Só não avançou em cima do empresário porque o funcionário juntamente com um outro segurança o colocaram para fora. Renato se debateu e foi empurrado com força no chão. A câmera que estava em seu pescoço foi retirada com violência e destruída pelo cassetete de um dos guarda-costas. O mesmo chutou a câmera em direção a Renato, ele estendeu a mão para pegar os destroços do equipamento e seu braço foi atingido por um cassetete provocando revolta nos manifestantes. Muitos eram alunos de Renato, colegas de classe de Bianca, outros eram colegas de profissão. O segurança ainda disse em tom de gracejo:

- Foi mal aí, “fessor”!

E se afastou dando risadas. Cerca de um terço dos manifestantes se dispersou por conta da bomba que foi atacada. Dos que sobraram, alguns tentavam ajudar Renato de alguma forma e o restante protestava de forma ainda mais enérgica. Filipo ainda não havia subido pois também aspirou um pouco dos componentes químicos da bomba de efeito moral e esperava a tontura passar sentado no hall do hotel. Como a fachada era toda envidraçada, pode ver tudo que aconteceu. Divertiu-se ao ver Renato humilhado. Percebeu que uma emissora de TV havia chegado no local para cobrir o protesto e o filmava. Sem pensar duas vezes ergueu seus dois dedos do meio e apertou sua genital com virilidade em uma clara provocação aos manifestantes e também agora a imprensa. Um deles havia sido ferido. Pedras começaram a atingir a fachada do hotel exatamente no momento que o táxi que trazia Daniele virava a esquina.

- Não tem como parar não.

- Como não tem como parar?

- Tá um quebra-quebra danado. Não tem outra entrada?

- Dá uma volta no quarteirão. – Daniele disse. – Eu vou ligar para uma pessoa e vejo o que está acontecendo.

O taxista obedeceu suas ordens. Daniele discou para Leandro que logo atendeu.

Perguntou se ele sabia de algo.

- Eu vim trazer o Filipo e deu uma confusão danada. Ele discutiu com os manifestantes e parece que a coisa engrossou. Eu mesmo consegui entrar pela porta de serviço.

- Você conseguiu entrar na festa sem convite?

- Consegui. – Afirmou. – Aproveitei a confusão e entrei.

- A italianada tá toda aí?

- Tá! Só o Filipo está lá embaixo e o Marcelo ainda não chegou. O resto está tudo aqui, dona Antônia, seo Francesco, a Bia, o Fabinho, dona Maria Helena...

- A Vitória chegou?

- Chegou junto comigo. Aproveitei que todo mundo estava dando atenção para ela e entrei...

- Ótimo. Eu vou esperar a poeira baixar e já entro... Acho que daqui uma meia hora.

- Beleza. Beijo.

- Outro. – Daniele desligou. Ao motorista. – Fica dando voltas por aí, vamos esperar as coisas se acalmarem para entrar...

- A senhora que manda.

(...)

Se na porta do hotel os ânimos estavam alterados, dentro do salão de festas o clima se encaminhava para a mesma direção. O rompimento de Filipo e Fernanda havia se tornado público e muitos convidados não a esperavam ali. Também muito se falava sobre os desentendimentos entre Daniele e Marcelo, as fotos de Miguel com a empregada, o sex tape e os escândalos envolvendo o nome de Filipo. Na frente dos anfitriões ninguém comentava nada, mas era perceptível que o assunto principal da festa era a vida particular dos Vaccara.

- Que gentinha... – Antônia comentava com o esposo. – Comendo da nossa comida, bebendo do nosso champanhe e ainda acham que podem nos julgar.

- Você que cismou em não cancelar essa festa, eu disse que não era o momento com a nossa família desmoronando! – Francesco disse entre um sorriso e outro tentando passar uma imagem de tranquilidade. – Agora aguente as consequências, o ar de riso, os olhares maldosos...

- Desmoronando... Uma aresta ou outra que resolvemos em dois segundos. – Francesco olhou para a esposa. – Que foi?

- Você é inacreditável... – Foi o que conseguiu dizer.

Antônia acenou para duas pessoas que estava em uma mesa sozinhos, eles pareciam em clima de romance. Francesco apertou os olhos.

- Aquela não é a Maria Helena? – Antônia confirmou com um gesto. – E veio pra cá com outro homem?! Que cara de pau!

- Tudo que ela quer é um escândalo, e sinceramente eu não sei se aguento mais um, por isso não de munição e a trate muito bem... – Francesco obedeceu a esposa, sorriu para Maria Helena e acenou. – Errado foi seu filho.

- Errado? Você queria o que? Que ele negasse estádia a própria filha?

- A Vitória podia muito bem pagar um hotel! – Antônia comentou. – E o casamento do Miguel era o único que estava de pé. Que esposa aguentaria a filha de outra e o marido dando carona para empregada como se ela fosse como uma de nós?

- Antônia, você sabe que o seu filho é o Miguel e não a Maria Helena? – Francesco

bronqueou.

- Infelizmente. Porque se fosse a Maria Helena ela jamais passaria esse tipo de vergonha que o Miguel vai passar. Assistir a esposa, recém-saída de casa, acompanhada por outro na festa da família dele. Miguel é um parvo.

- Não é a mesma situação que o Filipo vai passar? – Francesco questionou. – Com o agravante da outra ser a sobrinha dele?

Antônia olhou para o esposo de uma forma que parecia fulminá-lo. Apenas não respondeu porque ouviu um burburinho no salão. Os fotógrafos da festa, todos se posicionaram na entrada e Antônia ouviu alguma de suas amigas socialites comentar.

- Não acredito que ele veio com a ela! – Alguém murmurou.

Antônia e o marido se entreolharam e curiosos se encaminharam até a entrada para verificar quem era o casal tão especial que chegava. Antônia abriu um sorriso largo para receber os convidados, mas sua expressão se transformou ao ver a imagem do seu filho do meio de braço dado ao lado de Cidinha, sua ex-funcionária. Ao contrário da esposa, Francesco manteve o sorriso no rosto. Miguel parecia tão contente que ficou feliz pelo filho. Após a sessão de fotos da entrada, Francesco foi saudar o casal. Deu dois beijos no rosto do filho e no de Cidinha.

- Que bom que vocês chegaram! – Disse.

Cidinha sorriu.

- Tudo com o senhor, seo Francesco? – Olhou para dona Antônia, encolheu o sorriso. – Como vai?

- Cidinha? Cidinha! – Vitória fez questão de sair de sua mesa para cumprimentar o pai e sua acompanhante. Tanto Dudu quanto Fernanda haviam comentado que Cidinha estava muito bem, mas ela não podia imaginar o quanto. Abriu a boca surpresa. – Meu Deus, você está linda... – Cumprimentou a moça com um beijo no rosto e um abraço. – Você está maravilhosa!

Cidinha sentiu seu rosto corar. Voltou a sorrir. Sempre gostou de Vitória, ela sempre tratava os empregados com muito respeito e amizade.

- Imagina, Vitória! Você está muito bonita também...

- Não, mas você está linda! – Afirmou. – Ela não está linda, vó?

Antônia mediu a ex-empregada de cima abaixo. Reconheceu o vestido vinho que a garota usava. Peça praticamente exclusiva. Cidinha era uma das mulheres mais bem vestidas da festa.

- Eu nunca podia imaginar a Cidinha dessa forma. – Foi o que Antônia conseguiu dizer antes de se afastar.

O mal-estar que aquela saída poderia trazer não teve tempo nem de se instalar devido ao jogo de cintura de Miguel. Ele logo se manifestou evitando qualquer constrangimento.

- Filha, sabe que a Cidinha não veio sozinha, né?

Vitória foi abraçar o pai.

- Desculpa, você também está ótimo! Um gatão! – Foi dar um beijo no rosto e aproveitou para sussurrar. – E a Maria Helena não para de secar vocês dois, tá com uma folha de arruda no

bolso?

Miguel deu risada da brincadeira da filha e logo Vitória os conduziu para uma mesa ao lado da mesa de Fernanda, Dudu, Valentine, Bianca e Micróbio. Após os cumprimentos, Vitória pediu licença a todos e roubou Fernanda da mesa. Precisava conversar com ela em particular. Conseguiram um pouco de privacidade em uma das varadas do salão. Tinha uma bela vista para os arranha–céus da metrópole. Vitória segurou na mão de Fernanda.

- Estou tão feliz de você está aqui... E orgulhosa.

Fernanda entrelaçou seus dedos nos da loirinha.

- Você que me deu força de estar aqui. E eu te agradeço... – Afirmou. – Você com esse jeito doce, esse jeito de menina me faz criar força para enfrentar qualquer coisa... Se não fosse por você, por eu ter me apaixonado por quem você é, eu acho que até hoje eu estaria com uma venda nos olhos. Sem olhar de verdade para o que acontecia com a minha vida. Cada momento que eu estou com você, eu sinto que estou vivendo de verdade... – Vitória sorriu. – Mas acho que você me chamou aqui por um motivo especial, né?

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Eu não quero te assustar, mas parece que deu uma baita confusão ai embaixo entre o Filipo e os manifestantes. Um segurança particular do Filipo soltou bomba de efeito moral, agrediu pessoas...

- Meu Deus! Mas alguém se feriu gravemente?

- Eu pedi para um dos garçons checar e pelo que estão dizendo, não... Foi mais confusão mesmo. O que importa é que ele está aí embaixo, só se recuperando da confusão e a qualquer minuto ele pode subir. O Marcelo também me telefonou e disse que está perto. O meu vô só estava esperando os dois chegarem para começarem com o desfile. A banda já até parou de tocar para dar lugar ao DJ. A qualquer hora o desfile vai começar.

- Você está preocupada com o que o Filipo possa fazer?

- Também... Mas tem algo que eu queria te falar antes. Logo após o desfile, o meu vô tem um comunicado para fazer. Um comunicado que pode mudar a vida de todos nós e antes dele fazer esse comunicado, eu queria dizer que por mais que a minha vida mude... Tudo que eu vou fazer tem um propósito. E eu vou continuar sendo a mesma Vitória. A mesma garota que você conheceu, que é louca por você, que é... – Fernanda calou Vitória com um beijo. Percebeu que Vitória sorria durante o contato dos lábios. Sua mão tomou o pescoço da loirinha para intensificarem mais o carinho. Quando precisaram de ar, se separaram com selinhos. Vitória sorriu. – Adorei!

- Eu percebi você sorrindo.

- Nunca achei que você ia ter coragem de me beijar aqui.

- Tô aprendendo com você... – Olhou para Vitória de um jeito desafiador. – Se bem que... Será que você é tão corajosa assim mesmo? Não me deu um beijo decente essa noite...

Vitória sorriu.

- A senhora está me desafiando dona Fernanda? – Fernanda fez um gesto afirmativo. Seus braços se encontravam atrás das costas da loirinha. – Vamos resolver isso agora.

Fernanda sorriu e sua boca foi tomada pela jovem. No salão alguns casais se levantavam

para dançar. A orquestra havia encerrado sua apresentação e dava a vez para os DJs que tocavam canções mais lentas de décadas passadas. Micróbio puxou Bianca para dançar. Dudu fez o mesmo com Valentine, Miguel também ia convidar Cidinha, mas foi interrompido por um antigo amigo de seu pai que puxou o advogado para sua mesa. Como apenas ia cumprimentar as pessoas, Miguel pediu licença a Cidinha e a deixou só. Era a oportunidade que Antônia precisava. Encaminhou-se até a mesa que o filho ocupava. Ao ver a ex-patroa, Cidinha se esforçou para ser simpática.

- Uma bela festa, dona Antônia. Vocês estão de parabéns!

Antônia não respondeu o elogio da moça. Mais uma vez a mediu de cima abaixo e só então se manifestou.

- Eu sei exatamente como deve estar a sua cabeça.
- Oi?
- Eu sei exatamente como deve estar a sua cabeça. – Antônia repetiu a Cidinha. – É o seu primeiro vestido de grife, não é? – Questionou. – Eu sei que é... Com o salário que você ganhava na minha casa demoraria mais de um ano para conseguir comprar um desses. O primeiro vestido cujo o preço é mais de quatro dígitos à frente da virgula, ninguém esquece. Eu tenho um closet cheio deles. Aliás no meu closet tem peças muito mais caras que essa. Dior, Vallentino, Chanel... Eu nem preciso listar aqui porque até outro dia era você que passava a minha roupa. ..

Cidinha respirou fundo e sorriu.

- É verdade dona Antônia, a senhora tem vestidos que são maravilhosos... Um mais lindo que o outro. Só tem um problema. – Antônia olhou para Cidinha curiosa. – A modelo não ajuda. – Disse em um tom seco que equivaleu a um tabefe na cara da mais velha. – Seu filho olhou para mim quando eu estava usando uma roupa que eu comprei em um saldão. Agora a senhora está aí, com um vestido que deve custar no mínimo cinco vezes mais que o meu salário atual e com um marido que mal está olhando na sua cara. - Fez uma pausa para saborear a cara de indignação da ex-patroa. – Mas acho que a senhora tem coisas maiores para se preocupar... – Fez um sinal em direção a porta. Antônia sentiu sua espinha gelar com a imagem que se formava bem diante de seus olhos. – Eu me preocuparia...

A matriarca não respondeu. Parecia que tinha perdido seu poder de falar. Só possuía olhos para assistir a cena digna de filme velho de oeste que estava prestes a decorrer no hall de entrada do salão. Os dois elevadores chegaram praticamente ao mesmo tempo no último andar do hotel. De um deles desceu Filipo Vaccara e do segundo elevador Marcelo Vaccara. Os fotógrafos já estavam a postos pois esperavam pelo mais velho. Ao verem os dois, os *flashs* começaram a pipocar. Vitória apertou a mão de Fernanda de maneira tensa.

- Cacete! Olha lá, Fer...

Fernanda arregalou os olhos. Seu corpo até se arrepiou com o encontro dos dois.

-Deus que nos proteja.

Os olhares dos irmãos se encontraram instantaneamente. Pareciam mesmo com o mocinho e vilão de um filme de cowboy prontos para um desafio.

- Marcelo... – Valentine sussurrou ao lado de Dudu. – Não faz besteira... – Disse para si

mesmo. – Por favor.

Os dois ficaram cerca de três segundos estáticos. Marcelo que teve a atitude de dar o primeiro passo e caminhar na direção do irmão.

Um filme de alguns segundos passou pela cabeça de Filipo. Marcelo estava diferente, não parecia ser o mesmo garotão imaturo que ele conhecia. Sem barba parecia até mais novo do que era, mas algo em seu olhar havia mudado. Era impossível que o irmão não soubesse de tudo que acontecia. Ele não estaria na festa se não tivesse convite em mãos. Alguém da família estava o tempo todo em contato com ele. Filipo logo concluiu que esse alguém abriu os olhos de Marcelo em relação a Daniele. Só o modo que Marcelo o encarou, Filipo sacou que estava encrencando. Mesmo assim não fugiu do irmão. Não ia bancar o fraco diante de tantas pessoas.

Não trocaram uma palavra se quer. Filipo estendeu a mão ao irmão que o puxou para um abraço apertado. Marcelo aproveitou que sua boca estava próxima do ouvido do irmão e então sussurrou.

- Você não é homem de verdade, Lipo! Não vai ter tempo de ser! Um homem que não se dedica a família nunca será um homem de verdade.

– Os flashes espocavam na direção dos dois. Só de sentir o cheiro da colônia de barba do irmão, Marcelo sentiu seu sangue esquentar, as mãos suarem e uma queimação subir por seu estômago. A arma parecia pesar horrores dentro do bolso de seu paletó. Desfez do abraço, envolveu suas duas mãos no rosto de Filipo e para a surpresa de todos selou os lábios aos lábios do irmão e um beijo que durou alguns segundos. E antes de se soltar do irmão, ainda completou. – Acabou para você, Lipo. – Olhou em seus olhos, segurou seu rosto e garantiu. – Acabou!

Filipo ficou completamente parado. Quem visse de fora e não ouvisse o diálogo acharia que aquele era apenas um ato de carinho mais caloroso entre irmãos. Na Itália, a terra de seus pais, era comum que os homens se cumprimentassem com beijos no rosto. Os mais velhos com beijo na mão. Francesco os criou assim. Filipo, Miguel e Marcelo beijavam sua mão em sinal de respeito. O beijo na boca tinha um significado completamente diferente e Filipo sabia muito bem o que queria dizer. Dudu era outro que estava confuso com a atitude de Marcelo.

- Quando eu disse que essa festa ia estar babado, eu não imaginava esse tipo de babado e... – Apertou a mão de Valentine. – Valentine, você está suando frio?

- O Marcelo vai fazer besteira. – Ela disse enquanto observava o namorado de longe. Ele pousava com o pai para fotos. – Ele vai.

- Criatura, ele acabou de tascar um beijo no irmão, deu uma de superior e...

- Você nunca viu O Poderoso Chefão? – Valentine questionou.

- Aquele filme de máfia italiana? – Valentine fez um gesto afirmativo. – Do Al Pacino e Marlon Brando? – Outro gesto afirmativo. – Não. Por quê?

- Tem uma cena famosa que o personagem do Al Pacino dá um beijo na boca do irmão, Fredo Corleone. Sabe como eles chamam essa cena? Beijo da morte. – E explicou. – Quando um mafioso beija o outro na boca significa que um dos dois tem que morrer. – Dudu sentiu seus poros todos se arrepiarem. - Quando eu fui levar o smoking hoje de manhã, o Marcelo estava com uma arma. - Amedrontado, Dudu levou a mão a boca. Para completar o desespero de Valentine, um garçom passou com champanhes e Marcelo se serviu de uma taça. – Ele vai fazer besteira!

CAPÍTULO 36

- Nossa! – Daniele levou as mãos aos ouvidos para proteger os tímpanos. – Que bagunça é essa?

- Olha, dona... – O taxista comentou. – Pelo que estou vendo é lá no hotel que a senhora ia ficar.

Não era preciso ser muito esperto para chegar a essa conclusão. Da outra vez que tinham passado em frente ao hotel, Daniele e o motorista de táxi presentearam um começo de conflito entre os funcionários do hotel e uma massa que protestava contra Filipo e a Vaccara. Por esse motivo, Daniele resolveu segurar um pouco sua chegada e pediu para o motorista rodar com o carro. Ao invés de diminuir, a confusão agora ganhava um novo contorno com direito a viaturas policiais e mais um carro que logo o motorista identificou.

- É o pessoal do IML ali.

- IML? – Daniele se interessou. Abriu a janela do carro, colocou a cabeça para fora e de fato viu um carro com a identificação do IML encostado na guia da rua. Além do automóvel, também havia peritos trabalhando e convidados da festa sendo contidos por um homem vestido de social que parecia ser da polícia. – O que será que aconteceu?

- Ôh dona, a rua está interditada a partir daquele trecho. – O motorista comentou. – O que eu faço?

- Quanto deu? Eu vou descer!

- Mas nessa confusão?

- Eu preciso saber o que aconteceu. – Daniele afirmou. – Encosta!

O motorista acabou obedecendo as ordens de Daniele. Ela o pagou com o cartão de débito e desceu alguns metros antes do hotel. Foi muito difícil chegar na porta. A polícia estava trabalhando junto dos peritos com as sirenes de seus carros ligadas no último volume. Muitos convidados da festa desceram para espiar o movimento e se amontoavam junto dos funcionários do hotel, dos manifestantes e dos curiosos. A imprensa não parava um minuto com as fotos e takes. Após alguns pedidos de licença e empurrões, Daniele conseguiu chegar mais próximo da faixa de isolamento da cena do crime. Além dos peritos e policiais, Daniele avistou de longe um corpo coberto por um saco preto, próximo do corpo havia uma mochila esportiva e o resto de um colar.

- O que aconteceu?

- Um homem foi empurrado lá do último andar, com a mochila abarrotada de joias dessa joalheria aí que está promovendo a festa. O sujeito despencou com a mochila aberta. Voou pulseira, colar, brincos para todos os lados dessa avenida. Você imagina, né? Aquele bando de arruaceiros que estavam aí embaixo, viraram tudo bicho de vez, um quebra-quebra danado, até o coitado do falecido foi pisoteado. Roubaram tudo dele.

Um dos rapazes que estava na manifestação escutou o depoimento da senhora e reagiu:

- Não é bem assim não, minha tia. Foi uma pequena parte do pessoal que estava com a gente, mal orientado, que avançou, mas não foram todos. Não somos vândalos não, só estávamos lutando por um país melhor. – Afirmou. – E tem mais, de coitado, esse desgraçado que morreu, não tem nada. Veio zoar da nossa cara, roubou uma porrada de gente, teve o fim que

mereceu... Acabou lambendo o chão, roendo calçada.

Daniele olhou para o rapaz e o reconheceu.

- Você já foi na casa dos meus sogros. Você é amigo da Bianca... – Daniele afirmou. – Eu esqueci seu nome...
- Você é parente da Bia?
- Sou tia dela. – Daniele explicou. – Seu nome?
- Leonel. Faço faculdade com ela...
- Leonel... – Daniele repetiu. – Quem foi que morreu?
- O pai da Bia. Filipo Vaccara.

Daniele levou a mão até a boca sem esconder a surpresa. Suas mãos estavam úmidas de suor e tremiam de nervoso. Não conseguia piscar. Parecia que tinha levado uma pancada na cabeça.

- Filipo Vaccara?
- É. O próprio. – Leonel afirmou. – Entrou parecendo um pavão, humilhou todo mundo e agora está aí.

A cabeça de Daniele fervilhava. Apesar de ver o corpo estendido, protegido apenas por um plástico negro, Daniele tinha dificuldade em acreditar que aquilo de fato acontecia. Era mesmo Filipo, seu cunhado, seu amante, seu cúmplice, seu grande inimigo que estava morto? Precisaria de dias para digerir aquele fato. Não sabia nem o que dizer.

- Ele foi empurrado?
- Vai saber, né? Só sendo muito Zé Mané pra cair por acidente. Difícil.
- Foi um assassinato. – Daniele disse para si. – Meu Deus!
- Pra mim foi um desses vândalos que invadiu o prédio. – A senhora curiosa que estava junto aos dois comentou.
- Nós não somos vândalos e muito menos assassinos...

Ao ver que o rapaz e a senhora estavam distraídos conversando entre si, Daniele aproveitou para sair dali à francesa. Aquela história estava apenas começando e Daniele não desejava ter seu nome envolvido. No momento que Filipo caiu do prédio, ela estava acompanhada do motorista. Ele seria seu grande álibi. Por sorte jogou o canhoto comprovando o pagamento da corrida na sua bolsa. A família de Filipo era poderosa, se não estivesse preparada, eles poderiam implicá-la com o caso. O melhor a fazer era tomar distância. Entrou no primeiro táxi vazio que encontrou.

- Para onde, moça?
- Longe. – Disse. – Mais afastado que o senhor puder.

(...)

O último andar do edifício estava praticamente esvaziado. Apenas permaneciam ali funcionários do hotel, a família de Filipo, um médico chamado às pressas para cuidar de Antônia e policiais. Francesco e Vitória atendiam aos investigadores que explicavam todo o processo que iriam passar.

- Eu não tenho condição nenhuma de depor agora. – Francesco disse em um fio de voz,

estava quase sem fôlego, tinha chorado por quase meia hora sem parar. – Não estou me sentindo bem...

- O meu vô tem problemas de saúde, ele realmente está sem condições. – Vitória reforçou. – É obrigatório que ele fale alguma coisa agora?

- Não. Nós apenas estamos colhendo o nome das pessoas presentes. Elas serão convocadas a depor. Vamos ter uma ampla investigação. O meu nome é Ricardo Pessoa e acho que vamos nos ver bastante a partir de agora.

Cidinha, que estava próxima dos três, ouviu parte da conversa e comentou com Vitória.

- Será que não tem a lista das pessoas que foram convidadas para a festa?

- Facilitaria bem o nosso trabalho. – Pessoa disse.

- Tinha uma lista de presença. – Vitória se recordou. – A recepcionista estava ali cuidando de tudo. Eu posso ver com ela.

- Deixa que eu vejo. – Micróbio se ofereceu. Aproximou de Vitória e sussurrou. – Melhor você ficar com a Fernanda, ela está péssima.

"Não podia estar diferente", Vitória pensou. Um dia Fernanda se apaixonou por Filipo, achou que dividiria o restante de sua vida com ele, prometeu que apenas a morte separaria os dois e agora o fatídico dia tinha chegado. Eles podiam não estar mais juntos, mas não deixava de ser triste. Vitória olhava em volta e seu coração apertava. Os tios, os avos, Fernanda, Bianca... Todos passavam por uma dor que ela não sabia que existia. Estava assustada pela forma que tudo ocorreu, mas não conseguia derrubar uma lágrima por conta da morte de seu pai de sangue. Sua preocupação era a família. Filipo não. Ele não poderia colher outra coisa que não fosse ódio e desprezo. Teve de volta a semente que sempre plantou. Olhou para Francesco e Cidinha a tranquilizou.

- Vai lá falar com a Fernanda. Eu cuido dele.

- Certeza? – Vitória questionou.

- Pode ir... – Cidinha afirmou.

Antes de se afastar completamente, Vitória ainda ouviu a ex-empregada dizer a Francesco que solicitaria um chá relaxante para que ele conseguisse se acalmar. Vitória sorriu. Era bom ter Cidinha por perto. Ela era sempre prestativa. Atravessou o salão inteiro e encontrou Fernanda em um dos janelões do salão. Os olhos da corretora estavam perdidos na paisagem. Vitória se aproximou cuidadosamente. Deu um beijo no ombro de Fernanda e outro no rosto.

- Tô aqui do seu lado, viu?! – Segurou na mão de Fernanda. – Pra qualquer coisa que você precisar.

Fernanda apertou sua mão e não disse nada. Queria agradecer a Vitória por estar ali, por se preocupar com ela, entretanto a boca parecia não obedecer aos comandos do cérebro. Não conseguia deixar de pensar em Filipo. Primeiro se recordava do garoto charmoso e confiante que conheceu na época de faculdade e a encantou. Com o passar dos anos, o Filipo rude e áspero foi tomando o espaço do rapaz encantador que Fernanda nem sabia se algum dia realmente existiu.

Apesar de tentar salvar seu casamento diversas vezes, Fernanda sabia que a separação era inevitável. Muitas pessoas comentam que estar casado é difícil, mas não devia ser tão difícil como era sua vida com Filipo. Por mais que lutasse, ela sabia que mais dia ou menos dia acabaria saindo de casa. Filipo era um homem de temperamento violento, mas ela nunca imaginou que as

coisas chegariam aquele ponto. Ela era uma viúva. Era tudo tão assustador, parecia encarar um abismo na ponta de um penhasco.

- Fer... – Vitória interrompeu sua imersão. – Você não quer nada? – A outra fez um gesto negativo. – Nem falar comigo?

- Nossa vida é frágil. Nem é nossa vida de verdade. – Vitória fez um gesto afirmativo. – Aquele dia que eu vi minhas roupas na rua, no chão, eu pensei assim... Que momento a gente se abandonou? Quando a gente virou as costas um para o outro e deixamos as perguntas sem respostas? Quando exatamente o nosso tempo acabou? Você é muito nova ainda... Mas por mais que um casamento esteja desgastado... É estranho pensar que eu vou trocar a foto do Filipo pela de outra pessoa. Não que eu não esteja feliz com você, mas é esquisito... Entende?

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Ninguém se casa pensando em separação, né?

- É. – Fernanda confirmou. – Esses dias todos eu fiquei pensando em tudo que ele poderia fazer para me prejudicar na separação, se ele ia assinar o divórcio logo, se ia querer litigioso... Agora... Nada disso existe mais. – Levou a mão na boca, chorosa, Vitória a abraçou. – Eu queria que o dia de hoje nunca tivesse existido. Devia ser riscado do calendário.

Vitória beijou seu rosto e acolheu em seus braços com carinho. Aqueles dias não seriam nada fáceis para os Vaccara. De longe, Dudu observava a cena enquanto sorvia algo alcoólico. Valentine se aproximou dele.

- Que isso? – A francesinha questionou. – Posso tomar um pouco?

- É forte. – Dudu alertou. Entregou na mão da garota que virou tudo de uma vez. Valentine fez uma careta, detestava uísque. – Louca, estou falando que é forte.

- Estava precisando para relaxar. – Comentou. – Que tragédia, hein? – Murmurou. – Ele ia roubar as joias da própria família e é assassinado desse jeito.

- Você acredita mesmo em assassinato?

- Claro, Dudu, ou você acha que o Filipo tropeçou lá do terraço?

- E suicídio? Ele estava mais enrolado que linha em carretel.

Valentine fez um gesto negativo.

- Acho difícil. Narcisista do jeito que ele era? Se matar? Pra mim foi assassinato. Tenho certeza.

Dudu olhou para Valentine desconfiado.

- Como você tem tanta certeza assim?

- Não sou Alice, né Dudu? Eu vejo a maldade nas pessoas.

- Você viu alguma coisa suspeita?

- Ia ver como se as luzes todas se apagaram e quando acenderam ele já estava lá embaixo? – Valentine se defendeu. – Sabe até quando nós vamos ter que ficar aqui?

- O Micróbio foi atrás da lista de presença dos convidados que estava com a recepcionista. Depois que a gente entregar, ele libera. – Bianca chegou na conversa já trazendo informações. - O investigador colheu uma coisa ou outra, mas ninguém vai dar depoimento hoje.

Valentine respirou aliviada.

- Bom mesmo... Eu estava preocupada com o seu tio... – Comentou fazendo um sinal para Marcelo. Ele estava sentado em um canto, parecia estar fora dali, tinha uma aparência assustada. – Só diz que quer ir embora.

- Típico do tio depois que tem recaída. – Bianca comentou. – Conheço... – Lamentou. - Estava indo tão bem.

- Marcelo vacilou feio. – Valentine disse sem esconder sua revolta. – Falei tanto, tanto, tanto para chegar aqui e ele virar todas. – Aborrecida. – Não posso nem lembrar!

- Ele caiu, né? – Bianca disse. – Está com a testa machucada.

- Deve ter sido naquele apagão que teve. – Dudu comentou. – Coisa medonha.

Bianca observou o tio de longe. Não tinha certeza se Marcelo havia caído. Parecia mais uma pancada. Resolveu encerrar o assunto sem levantar polêmicas.

- É... Ele deve ter caído...

Valentine pediu licença aos dois e foi falar com o namorado. Algo a atormentava desde o momento que as luzes se acenderam e um funcionário do hotel entrou anunciando que um homem havia despencado do terraço. Se sentou ao lado dele.

- Você veio com ela, não veio?

- Que?

- Aquela arma que eu vi de manhã. – Sussurrou ao namorado. – Quando você me puxou para dançar na pista, eu senti a arma. – Valentine revelou ao assustado Marcelo. – Ela está com você?

Marcelo sabia que aquilo renderia uma grande confusão, mas decidiu revelar a verdade a namorada.

- Trouxe. Eu não planejei, mas quando eu vi... Eu trouxe...

- Porra, Marcelo! – Assustada. – Então foi você... Você atirou nele?

- Não! Não fui eu! – Marcelo garantiu. – Eu pensei em fazer isso! Pensei, mas quando eu vi você, a confiança que todo mundo colocou em mim, eu desisti.

- Desistiu e começou a beber feito um doido. – Valentine lembrou. – Não, foi?

Marcelo fez um gesto afirmativo.

- Eu estava com medo de vir, parei em um bar... - Valentine estava possessa. – Não fiz por mal.

Valentine estava muito decepcionada. Isso era fato, mas tinha algo mais importante para fazer. Aquela conversa poderia esperar.

- Cadê a arma? Se a polícia te pega com isso...

- Não sei.

- Como assim?

- Eu fui no banheiro e apaguei. Acho que caí e bati a cabeça na porta. Depois eu reparei que estava sem a arma.

Valentine levou a mão na boca. Encrencando era pouco para Marcelo.

- Isso foi antes da luz apagar ou depois?
- Não sei, não lembro.
- E onde você estava quando o cara entrou falando que o Filipo tinha morrido?
- Não lembro direito. A última coisa que eu lembro é de ter batido a cabeça.

Valentine olhou para o namorado.

- Marcelo, você encontrou com Filipo armado?

Marcelo pensou um pouco. Esforço-se para varrer de sua memória, mas tudo parecia vazio. Então confessou.

- Eu não sei.

Valentine levou a mão a boca.

- Meu Deus!

Em outro extremo do salão, um médico colocava um comprimido sob a língua de Antônia. Sua pressão arterial havia passado de dezoito. Miguel era visivelmente a pessoa mais calma do recinto. Ele permanecia ao lado da mãe. Estava tão alinhado que nem parecia ter perdido um irmão. Fabinho se aproximou do pai e da avó.

- Estava com o vovô. A polícia já está com a lista de convidados nas mãos. Eles liberaram a gente pra ir embora.
- É melhor. Sua vó precisa dormir, seu vô também tem que descansar.
- Como é que eu vou dormir? Meu filho foi assassinado!
- Mãe, é cedo pra gente chegar a qualquer conclusão. – Miguel disse. – A senhora precisa se acalmar! – E recordou. – Nós vamos ter muito o que fazer amanhã...
- Não quero ir pra casa sem o meu filho! EU NÃO SAIO DAQUI SEM O MEU FILHO! EU QUERO O MEU MENINO. MEU LIPO! – Levantou-se e empurrou Miguel. – LIPO! LIPO!

Miguel olhou para Fabinho e disse:

- Vai para casa com a sua irmã e leva o Marcelo para lá. Eu vou dormir na sua avó hoje.

Fabinho fez um gesto afirmativo. Depois de ser controlada a base de calmantes na veia, Antônia caiu em um sono profundo e teve que ser levada para casa nos braços de Miguel. Francesco também foi embora com os dois. Em outro carro foram embora Dudu, Fernanda e Vitória. A loira não passaria a noite na namorada, Fernanda afirmava que preferia ficar sozinha, mas pelo menos a acompanharia até em casa. Cidinha pegou uma carona com Micróbio e Bianca enquanto Fabinho acompanhou Marcelo e Valentine. A francesinha ajudou o garoto a escorar Marcelo até o apartamento e colocá-lo na cama após um banho frio. No final do processo, Valentine agradeceu Fabinho.

- Você me ajudou bastante. A Vitória comentou que você era um cara legal.
- Nada, ela que tem sido gente boa... – Fabinho afirmou. – Até me ajuda com as meninas.

Valentine sorriu.

- Se tem algo que a Vitória entende é de meninas. – Fabinho sorriu. – Agora eu tenho que

ir.

- Por que você não dorme ai com o tio? – Fabinho sugeriu. – Se preferir dorme no quarto de hóspedes e a Vitória dorme comigo ou no quarto do meu pai.

- Obrigada, Fabinho. Você está sendo muito gentil, mas eu vou ficar no hotel mesmo. Até porque, se eu me conheço bem e conheço seu tio, quando ele estiver sóbrio a gente vai acabar se desentendendo, então é melhor fazer isso no hotel. Bom, vocês estão entregues...

Os dois se despediram com um beijo no rosto e Fabinho acompanhou Valentine até o elevador. Apesar de estar cansado, o garoto não se deitou logo que entrou em casa. Pegou as chaves, o paletó que usava e saiu. Um carro o esperava embaixo do prédio.

- Opa, boa noite.

- Bom dia quase, né? – O motorista disse, - Vem cá, o endereço que você colocou... É esse mesmo?

- É sim...

- É perigoso. – Alertou.

- Pode ir, - Fabinho disse, - Não vou me meter em encrenca.

Um tanto contrariado, o motorista seguiu as ordens de Fabinho. Não pegaram muito trânsito durante o caminho. Pararam em um dos extremos da Ponte Octávio Frias de Oliveira, popularmente conhecida como Ponte Estaiada, e Fabinho desceu. Esperou o carro partir e caminhou até o meio da ponte, onde as pistas formavam um xis, bem em cima do Rio Pinheiros.

Fabinho esperou um raro momento calmo e então retirou de seu paletó um objeto brilhante que carregava desde o hotel. Um revolver. Juntou toda sua força e atirou a peça longe, no meio do Rio Pinheiros. Olhou para os lados e ninguém por perto. Caminhou rápido até o ponto onde o carro o deixou. Chamou um novo carro pelo aplicativo e chegou em casa de manhã. Na entrada do prédio, uma surpresa.

- Vitória?

- Chegou só agora? – A loirinha perguntou ao irmão. Não tinha muito convívio com Fabinho, mas já estava começando a conhece-lo. Ele parecia um tanto alterado. – Tudo bem?

- Sim. Fui tomar um pouco de ar. Mas tô bem. Tá tudo bem.

Vitória olhou para o irmão. Ele estava estranho, mas resolveu não prolongar aquela conversa.

- Então tá... Vamos subir?

- Vamos!

(...)

Apesar da luz apagada, do silêncio e da temperatura agradável, Fernanda não conseguiu pregar os olhos durante o resto da noite. Logo cedo se levantou da cama e se enfiou embaixo do chuveiro gelado. Saiu do quarto de hóspedes usando uma roupa comum, de ficar em casa. Dudu já tomava café. Ela olhou para o amigo.

- Não desce nada.

- Mas você precisa comer alguma coisa. Não pode ficar assim. – Fez uma pausa. – Seu irmão ligou para saber como você está, a Bia está muito preocupada com você. A Vitória também ligou. Pelo jeito ninguém dormiu direito hoje nessa família.

- Não consegui nem cochilar. – Fernanda admitiu.

- Quem conseguiria, né? Senta para pelo menos me fazer companhia.

Após muito custo, Dudu convenceu Fernanda a provar um copo de iogurte e comer um pedaço de torrada. Fernanda percebeu um jornal de cima da mesa. Na capa do jornal havia uma foto da cena do crime e outra de arquivo. Filipo muito bem alinhado na imagem. A manchete da notícia era o seguinte:

Confissão ou assassinato?

A matéria era a principal do jornal. O repórter fez um levantamento das acusações que Filipo teria que responder a justiça e uma biografia resumida de sua vida pessoal. Ao lado da matéria havia um quadro com algumas informações do empresário. Ao lado da palavra esposa, Fernanda encontrou seu nome. Sentiu a espinha gelar.

- O Renato que assinou isso? – Questionou Fernanda antes de se recompor.
- Renato foi agredido ontem no quebra-quebra que teve. Trincou o osso do braço, está de gesso.

Fernanda se assustou.

- Coitado.
- Pois é... Vai ficar um tempo de molho. Ele também ligou pra você.
- Eu vou visitá-lo assim que for possível. Mas antes eu vou falar com a Vitória. Agora com o controle da Vaccara, tudo deve cair em cima dela.

- Conflito do Homem Aranha, né? Grandes poderes, vem as grandes responsabilidades.

Fernanda pegou o celular e digitou o número da loirinha.

- Oi... -...- Tá bem. -...- Te ligo daqui a pouco. -...- Também. -...- Beijo. – Desligou e contou a Dudu. – Ela está dirigindo para a casa dos avos, falou que liga quando chegar lá. Você viu que publicaram no jornal que as investigações da polícia começam hoje?

- Vi sim. – Dudu disse. – Pra mim a polícia vai arquivar o caso... Não vai dar em nada...
- Será?

(...)

Cidinha terminava de coar café quando ouviu palmas na porta de casa anunciando visitas. Colocou o rosto na janela e reconheceu Miguel. Ele estava diferente, usava jeans, camisa preta meia manga e tênis, bem distante de seu habitual terno e gravata. A garota foi abrir a porta. Não esperava por sua visita, ainda mais aquela hora da manhã.

- Miguel?
- Posso entrar?
- Claro. Só não repara na bagunça. – Cidinha comentou. Ao entrar na casa, Miguel retirou os óculos escuros que usava e Cidinha pode constatar o quanto ele estava abatido. – Não conseguiu dormir?

Miguel fez um gesto negativo.

- Preocupado com os meus pais. E também pensando no Filipo.

- Senta. Acabei de passar um café.

- Não quero não, senão vou ficar sem sono. – Miguel se justificou. – Desculpa vir tão cedo.

- Achei que você ia acertar os detalhes do enterro, do...

- Eu pedi para um funcionário da Vaccara cuidar dessas coisas pra mim. A polícia ainda não liberou o corpo. O que sobrou do corpo. – Cidinha fez uma careta. – Desculpa.

- Você está com fome? Eu posso fazer alguma coisa pra você comer. Um pãozinho na chapa, um ovo cozido, posso ir na padaria.

- Não... Eu só queria. Deixa eu ficar um pouco com você aqui? – Miguel pediu. – É que a casa dos meus pais estão um inferno com jornalistas na porta, logo a polícia está batendo lá e na minha também deve ter gente ligando toda hora... Eu queria ficar um pouquinho quieto... Tô com dor de cabeça, tô mal...

- Aqui é tão simples, você deve ter uma casa enorme, com tudo.

- Não tem você. – Miguel disse olhando nos olhos de Cidinha para ver sua reação. Como era esperado, a moça enrubesceu as bochechas. Miguel deu um sorriso curto. Achava apaixonante o modo como Cidinha se comportava quando estava com vergonha de algo. – Deixa eu ficar?

Cidinha fez um gesto afirmativo. Ela compreendia pelo que Miguel passava, há alguns anos tinha perdido um irmão atropelado. Ele era bem mais novo, quase um filho. Recebeu muito carinho dos amigos. Faria o mesmo por Miguel. Estendeu os braços e o acolheu em um abraço carinhoso. Miguel escondeu o rosto na curva de seu pescoço, Cidinha percebeu que ele molhava seu ombro e o incentivou.

- Chora... Chora que vai te fazer bem.

Aos poucos Miguel foi soltando suas angústias sobre o ombro de Cidinha. Chorava não apenas pela morte do irmão, mas também por si. Em momento algum teve misericórdia de Filipo. Nem mesmo depois de morto. Não conseguia perdoar o irmão. Filipo o feriu da maneira mais dolorosa que poderia machucar alguém. Miguel se formou em Direito. Para ele não existia crime mais imperdoável que o estupro. Um estuprador nunca age em legítima defesa como um assassino. E seu ato teve consequências. Vitória. A garota sabia que era fruto de uma violência. Devia carregar um peso enorme na consciência para o restante da vida. Esse era o principal motivo que Miguel sofria. Filipo sempre provocava o pior lado das pessoas. Aquele dia Miguel conheceu uma face sua rancorosa e vingativa. Escassa de sentimentos, de empatia. O filho de seus pais estava morto e Miguel se sentia finalmente aliviado de nunca mais ter que ver a cara do irmão

(...)

Os jornalistas faziam plantão na porta do condomínio onde se localizava a mansão dos Vaccara. Quem entrasse ou saísse de carro era assediado por paparazzis. Vitória e Fernanda se comunicavam o tempo inteiro através de mensagens. Depois de Vitória informar que passaria o dia com os avos, Fernanda resolveu ir para casa do seu irmão para ficar ao lado de Bianca. No meio do dia resolveu telefonar para a loira.

- Fer..

- Oi, amor... Estou ligando para saber como as coisas estão aí...

- Acredita que estou trabalhando? – Vitória disse. – Tive uma reunião agora com o assessor de imprensa da Vaccara para alinhar o que vamos falar amanhã na coletiva.

- Você teve cabeça para trabalhar?

- Meu vô está confiando em mim, não posso vacilar com ele. – A loirinha disse. – E a Bia? Mandei mensagens pra ela e ela não respondeu.

- Está um tanto arredia, mas ela está aguentando bem. A relação dela com o Filipo nunca foi um mar de rosa ....

- Ele nunca agiu como pai. Sei como ela se sente.

- Sabe?

- Imagino. - Vitória disse. – É modo de dizer.

As duas trocaram mais algumas palavras de carinho e desligaram. Ao se virar, a jovem teve uma surpresa.

- Vó?

- Era com ela que você estava falando, não é? - Antônia perguntou. – COM A DESGRAÇADA QUE ACABOU COM O MEU FILHO JUNTO COM VOCÊ!

- Vó, eu não quero brigar. Você não está em condições!

- VOCÊS JUNTAS ACABARAM COM A VIDA DELE! ESSA POUCA VERGONHA, ESSE DESCARAMENTO DE VOCÊ COM AQUELA VAGABUNDA!

- CHEGA, VÓ! – Vitória estourou. – A SENHORA NÃO TEM DIREITO DE FALAR ASSIM! EU NUNCA DEI LIBERDADE PARA A SENHORA FALAR DA MINHA VIDA, DO MEU AMOR COM A FERNANDA!

- UMA SEM VERGONHICE DESSAS VOCÊ VEM CHAMAR DE AMOR? EU NUNCA VOU PERDOAR VOCÊS POR DESTRUÍREM A VIDA DO MEU FILHO! ELE NÃO AGUENTOU A HUMILHAÇÃO QUE VOCÊ E ESSA VAGABUNDA FIZERAM ELE PASSAR! – Vitória estava furiosa. Não suportaria aquela mulher desrespeitando Fernanda daquele jeito por muito tempo. – O ÚNICO AMOR EXISTENTE NESSA HISTÓRIA É O MEU PELO MEU FILHO, MEU MENINO QUE AGORA ESTÁ MORTO! VOCÊ NÃO SABE O QUE É AMOR!

- E A SENHORA SABE? – Vitória questionou. Fez um gesto negativo. – O QUE A SENHORA SEMPRE SENTIU FOI DOENÇA MISTURADO COM CULPA! – Vitória afirmou. – DAR LIMITE É UMA FORMA DE AMAR E SENHORA NUNCA SOUBE FAZER ISSO COM O FILIPO! FOI CÚMPLICE, DEIXAVA ELE ACREDITAR QUE ERA O PRINCIPEZINHO DA CASA, MAS NÃO SOUBE AMAR! – As duas estavam com os sentimentos muito aflorados, Vitória levou a discussão adiante. – ENCOBRIU O ESTUPRO DA MINHA MÃE, CONVENCEU O SEU OUTRO FILHO A ME CRIAR COMO SE FOSSE FILHA DE SANGUE, PROVAVELMENTE ENCOBRIU A MORTE DA MÃE DA BIA, SEMPRE PASSANDO A MÃO, SEMPRE FAZENDO VISTA GROSSA. TEM IDEIA QUANTAS PESSOAS SE MACHUCARAM POR CAUSA DO FILIPO? ALGUMA VEZ, NA DROGA DA SUA VIDA, VOCÊ SE COLOCOU NO LUGAR DA MINHA MÃE? VOCÊ IMAGINA A VIOLÊNCIA QUE ELA PASSOU? IMAGINOU A DOR QUE ELA SENTIA CADA VEZ QUE OLHAVA PARA MIM E VIA NA MINHA CARA OS OLHOS, OS TREJEITOS DO CARA QUE VIOLENTOU ELA?! ELA ERA SÓ UMA GAROTA!

Dona Antônia se sentia perdida. Nunca pensou que um dia Vitória lhe diria aquelas palavras.

- C-Como você descobriu?

- Faz diferença isso agora? Por que faria se você nunca se importou e encobriu?! Foi cúmplice de crimes bárbaros! Nunca agiu como uma mãe, mas como comparsa! E no final foi abandonada! – Vitória se lembrou. – Ele ia roubar aquelas joias.

- Nunca cobrei nada do meu filho, nem fidelidade. O que eu fiz foi por amor.

- A SENHORA ACHA QUE AMOR É MESMO ISSO E NÃO O QUE EU SINTO PELA FERNANDA? A SENHORA ENCHE TANTO A BOCA PARA FALAR DE AMOR, MAS ALGUMA VEZ JÁ PENSOU NA MINHA OUTRA VÓ, MÃE DA MINHA MÃE? NA MÃE DA MÃE DE SANGUE DA BIA? ELAS TAMBÉM ERAM MÃES! – Vitória gritou perdendo qualquer controle de seus atos. - ELAS AMAVAM AS FILHAS! - Jogou na cara de Antônia. Revoltada pegou um cinzeiro de mármore que estava sobre a mesa do escritório e jogou em direção a parede fazendo o objeto estraçalhar em mil pedaços. - COMO QUE VOCÊ PODE PENSAR QUE O SEU AMOR PELO SEU FILHO É MAIS IMPORTANTE, MAIS NOBRE E MAIOR DO QUE O AMOR DESSAS MÃES PELAS FILHAS DELAS? – Perguntou a Antônia que não conseguia parar de chorar durante o confronto com a neta mais velha. – O SEU FILHO, O SEU MENINO DESTRUIU A VIDA DE DUAS MULHERES INOCENTES! O SEU FILHO FEZ O IRMÃO CRIAR A SOBRINHA COMO SE FOSSE FILHA! O SEU FILHO FEZ A MULHER CRIAR A FILHA DA AMANTE! O SEU FILHO TEVE UM CASO COM A ESPOSA DO IRMÃO SÓ POR INVEJA DELE! O SEU FILHO TRAIU E DESTRUIU TODA A SUA FAMÍLIA! SABE O QUE O SEU MALDITO FILHO É? MONSTRUOSO!

Antônia caiu na frente de Vitória como se tivesse sido atingida por um tiro ou por um raio. Com certeza sua pressão arterial devia ter se alterado. Vitória não se encurvou para auxiliar a avó. Estava tão atordoada que não reagiu. Passou por seu corpo estendido e abriu a porta do escritório onde ocorria a conversa. Subiu para o quarto que estava hospedada anteriormente, trancou a porta e deitada na cama chorou por tempo indeterminado. Era um sentimento estranho de tristeza, mas ao mesmo tempo se sentia mais leve e liberta. Acabou sendo vencida pelo cansaço e apagou sobre o colchão. Apenas acordou porque ouviu batidas na porta, era Michele.

- Desculpa, Vitória... Não queria te acordar.
- Que horas são?
- Duas da tarde.

Vitória deu um pulo da cama e conferiu o horário no celular.

- Droga, não era para dormir tudo isso. – As lembranças começaram a aparecer em sua mente. – Minha vó?

- Agora está tudo bem, mas ela deu um susto danado. Caiu lá no escritório, o Leandro que encontrou. Sorte que o vizinho aqui do condomínio é médico e estava em casa. – Vitória esfregou os olhos para despertar. – Então, eu vim te acordar porque tem um cara da polícia aí embaixo, ele está falando com o seu vô.

Vitória ficou surpresa. Achou que eles seriam convocados para dar os depoimentos a partir de segunda-feira.

- Eu desço em cinco minutos. Você pode avisar, por favor?
- Posso sim. – Michele disse. – Com licença.
- Obrigada.

Vitoria foi até o banheiro, lavou o rosto, retocou sua maquiagem e desceu. Logo identificou o policial que conversava com o avô. Pessoa, o mesmo da noite anterior. O sujeito a cumprimentou e logo entrou no assunto que o trazia ali.

- Nós queríamos conversar com vocês, fazer alguns esclarecimentos para dar os primeiros passos. Nada demais. Não se trata de um depoimento oficial. Pode ocorrer aqui mesmo. Como o doutor Filipo era um empresário muito importante, nós estamos dando uma atenção especial ao caso. A imprensa está muito interessada.
- Entendo. Mas assim? – Vitória questionou. A gente não tem nem um advogado para acompanhar.

- Não é um depoimento oficial. – Pessoa explicou. – Só uma conversa para gente ter um norte, um ponto de partida. Tudo bem?

Vitória olhou para os avos.

- Por mim tudo bem... Vocês estão em condições?
- Acho que sim. – Francesco disse. Olhou para a esposa. – Antônia?
- Eu quero ser a primeira. – Antônia respondeu com firmeza. – Vamos acabar com isso logo.

Leandro, que estava na sala, a espera de ordens, não gostou nada da presença daquele homem. Estava com medo de onde aquela conversa informal poderia levar.

- Leandro, pode levar o investigador até o escritório. – Vitória pediu. Ao ouvir seu nome, Leandro sentiu a espinha gelar. – Leandro, tudo bem?
- Cl-Claro!

Um tanto inseguro, Leandro obedeceu as ordens da loira e guiou Antônia, Pessoa e o outro investigador que mais tarde se identificou como Ramalho, até o escritório. A senhora encostou a porta, os três se sentaram.

- Dona Antônia, a senhora teve um mal estar ontem... Se sente melhor?
- Sim. Foi passageiro.
- Ótimo. Podemos começar? – Antônia fez um gesto afirmativo. – Será que a senhora pode me contar exatamente o que aconteceu na festa ontem a noite?

- Posso sim. Vou contar tudo o que aconteceu.

CAPÍTULO 37

Depoimento de Antônia

- A senhora pode começar.

- Muito bem. Eu saí da minha casa depois das nove horas da noite, após uma reunião do meu esposo com a nossa neta mais velha, Vitória. Ela é filha do meu filho Miguel. O motorista nos acompanhou até o hotel e a Vitória ficou sozinha com o Filipo em casa. Não quis nos acompanhar.

- Sozinha? – O investigador questionou. Antônia confirmou com um gesto de cabeça. – Os empregados não estavam em casa?

- Alguns, mas é como se não estivessem em casa. São muito desligados, entende? – Antônia completou. – Eu não entendi porque a Vitória quis ficar depois que saímos. Ela e o Filipo sempre estiveram em lados opostos.

- A senhora poderia explicar melhor... - Solicitou Ramalho.

- Claro... A Vitória foi uma filha que o meu filho teve fora do casamento. O Miguel sempre foi muito tolo, caiu na conversa de uma aproveitadora que tentava subir na vida, se deixou seduzir e teve essa filha. O Filipo sempre foi um defensor do que era correto, ele não aceitava muito bem a garota por ela ser fruto de uma relação clandestina e a Vitória sempre fez de tudo para atingir o tio e ofender a todos nós. Agora, por último, ela seduziu a esposa dele.

O policial que fazia anotações se surpreendeu.

- Do tio?

- Parece mentira, né? Uma garota que criamos com tanto amor, tanto carinho, como se ela fosse uma filha legitima, e em troca recebemos ingratidão.

Os investigadores trocaram olhares cumplices. Pessoa, que estava calado, resolveu fazer suas perguntas.

- Dona Antônia, nós conversamos com alguns funcionários do hotel e falaram que mesmo antes da confusão do corte de luz e da queda do seu filho, a festa já estava com o clima um tanto alvoraçado. A senhora pode nos informar o que aconteceu?

Antônia meneou um sim.

- Eu cheguei lá e já havia bastante pessoas. Amigos nossos, clientes antigos da Vaccara, convidados especiais. Todos apreciaram muito o desfile. – Reflexiva. – Teve esse episódio horrível que foi a tragédia que aconteceu com o meu filho, mas eu tenho que admitir... Foi um desfile perfeito.

- Que horas começou o desfile?

- Aproximadamente umas 22h:20. Durou cerca de uma hora.

- 23h:20.

O policial fez uma anotação.

23h20m:

Os convidados compartilhavam da mesma opinião da matriarca italiana. A festa da

Vaccara estava sensacional em todos os sentidos. Todos os elementos da noite eram elogiáveis, começando na escolha do local da festa e terminando nas modelos que se exibiam com joias. Cada peça era mais bonita que a outra. O ponto alto do desfile foi a entrada de uma modelo usando apenas tapa sexo. Seus cabelos enormes cobriam os seios e a moça usava um valiosíssimo conjunto de pedras que equivalia ao preço de uma cobertura duplex em uma cidade grande como São Paulo. A moça foi recebida pela plateia com grande calor, foi praticamente ovacionada.

Após o encerramento do desfile, o mestre de cerimônias chamou pelo proprietário do grupo Vaccara, Senhor Francesco para fazer um discurso. Com a palavra em sua posse, Francesco agradeceu aos presentes, ressaltou a importância daquela nova coleção para a Vaccara e fez um comunicado que pegou todos de surpresa.

- Essa é uma noite muito especial para mim, está é a minha última noite a frente desta empresa. – Afirmou pegando parte da família de surpresa. – A Vaccara vende mais que joias, ela vende sonhos. Não escolhi esse slogan à toa. O que vocês estão vendo agora é um sonho de um imigrante que saiu do seu país de origem com a esperança de fazer a América, como diriam os mais velhos. Um sonho que se tornou realidade, que me deu um lar confortável e deixou a minha mesa e geladeira fartas para que eu tenha o que dar de comer para os meus filhos, meus netos e, daqui a pouco, bisnetos... Eu amo a Vaccara. – Afirmou emocionado. – E por amá-la demais eu acho que ela merece sempre o melhor e os melhores anos da minha vida já se passaram. Eu recebi uma recomendação de um grande amigo, meu médico particular, doutor Figueroa... – Francesco acenou para o médico que estava em uma mesa próxima e recebeu o aceno de volta. – Ele me indicou que eu me cuidasse melhor, a minha saúde não é mais a mesma de alguns anos... E por isso eu tomei a decisão de passar, através de uma procuração judicial, todas as minhas ações da Vaccara para uma pessoa que é da minha extrema confiança. – Francesco fez uma pausa e pode ouvir os primeiros burburinhos e sussurros da plateia. Os convidados não sabiam da bomba que estava prestes a estourar. – A minha escolha não é aleatória. Ela é uma pessoa extremamente competente. – Olhou para Miguel que estava ao lado de Cidinha. Ao fundo, Maria Helena escutava todo o discurso atentamente. Se Miguel fosse o escolhido, ela precisava arrumar alguma maneira de se beneficiar com aquilo. - É uma pessoa que gosta de desafios. – Francesco desviou o olhar para seu filho caçula Marcelo. Estava feliz em vê-lo de volta, inteiro e, apesar de tudo, com boa aparência. – É uma pessoa séria. - Olhou para a esposa. Antônia sorriu jurando ser a contemplada. – E principalmente muito determinada no que faz. – Francesco olhou para Filipo. Como sempre o mais velho transmitia arrogância em seu olhar. Também acreditava que era o escolhido. Estufou o peito. – Então, neste momento, eu chamo aqui no palco a mais nova acionista da Vaccara, proprietária de 80% do nosso grupo... – Antônia sorriu ao ver que o marido usava termos femininos. – A minha neta mais velha, Vitória Vaccara!

Antônia sentiu como se tivesse sido atingida por um punhal. Seu sorriso convencido se desfez na mesma hora. Sentia que aquela havia sido a última expressão de felicidade que deu na vida, pois logo após o desfile aconteceu toda a tragédia.

- Então a sua neta hoje tem total controle acionário sobre a empresa da família? O que o doutor Filipo, como vice presidente da Vaccara, achou disso?

- Eu não tive tempo de falar com ele sobre isso. Em seguida aconteceu toda a tragédia. Mas eu tenho certeza que se ele não morresse da forma horrível que ele morreu, Filipo acabaria morrendo de desgosto. Ela afastaria ele da vice-presidência, como logo fez. Não é segredo para ninguém, Vitória e ele não se suportavam.

Depoimento de Francesco

Antônia demorou cerca de quarenta minutos no escritório da casa. Assim que saiu, Francesco entrou na sala. Ele trazia um olhar de tristeza e conformação no rosto.

- Seo Francesco, esta é apenas uma conversa informal, para nos inteirarmos. – O investigador Pessoa disse. – Como era a sua relação com o seu filho mais velho?

- Difícil. O Lipo é... Era um homem de personalidade forte e muito complicada. Desde garoto sempre foi assim. Primeiro filho, eu acho que a gente falhou em princípios básicos. Ele me viu enriquecer, ganhar poder, prestígio e acho que ele pensou que a vida é assim sempre, sem derrotas. Eu devia ter falado mais alguns "nãos" para ele. Devia ter lutado mais quando a minha esposa me desautorizava na sua frente. Eu tive uma educação muito retrógrada. Cresci ouvindo que a educação dos filhos era uma responsabilidade apenas da mulher e acabei muitas vezes sendo um pai relapso. Quando eu vi que o Filipo estava se tornando uma criança muito difícil eu tentei participar mais e felizmente consegui não repetir alguns erros com o Miguel e o Marcelo. – Fez uma pausa. – Nos últimos tempos o Filipo não tinha mais controle de nada. Não existia o "longe demais". Nada o satisfazia e eu me sentia muito mal por ter falhado tanto. – Outra pausa. – Tão cheio de vida, era inteligente, mas tinha o coração fechado. Meu filho virou um atirador maluco com uma arma na mão, desses que ferem as pessoas de graça. – Lamentou. - Eu queria ajudá-lo.

- O senhor colocou sua neta como a maior acionista da sua empresa, sabendo da rixa entre eles. Como o senhor tentou ajudá-lo?

- Dar limite também é uma forma de um pai amar um filho. Coloquei as ações em nome da Vitória, mas o documento que eu passava as ações não chegou a ser registrado por ideia dela. Eu queria dar uma lição no meu filho depois que soube que estava sendo roubado por ele. Vitória é muito jovem e inexperiente para dirigir uma empresa desse porte. Meu plano era dividir a vice presidência entre Miguel e Marcelo. Eles sim teriam autonomia para dirigir a Vaccara. A ideia desta manobra foi da minha neta. No fundo Vitória seria o que chamamos de Rainha da Inglaterra, não manda de fato. Apenas concordei porque achei que seria uma boa lição para Filipo. Ele perder o que mais valorizava para sua inimiga. O que não contava era com essa tragédia horrível.

- Essa manobra também desvincularia o nome da Vaccara com o nome do seu filho que estava envolvido em crimes financeiros.

- Também fomos vítimas dele. Era meu filho, mas também meu funcionário. Quando um funcionário te lesa, você o desvincula do quadro.

- O senhor pode falar sobre a festa? Depois do seu discurso após o desfile, o que exatamente aconteceu? O senhor tem ideia mais ou menos quanto tempo levou seu discurso?

- Uns quinze minutos. – Francesco afirmou.

- Mais ou menos 23h:35.

Ramalho fez a anotação do horário.

23h:35

Vitória estava sentada entre Fernanda e Valentine quando ouviu seu nome ser chamado pelo avô. Ela não ficou exatamente surpresa, Francesco havia lhe comunicado sua decisão há alguns dias e juntos mexeram com toda a papelada da procuração que lhe dava plenos poderes sobre a Vaccara, mas Vitória se sentia tão ansiosa que se arrepiou de verdade quando o avô

finalmente expôs sua decisão.

A distância que separava a garota loira do palco era de apenas alguns metros, mas naquele momento, Vitória sentiu que caminhou por quilômetros. Era como se cada movimento seu saísse em câmera lenta. A primeira pessoa para quem olhou foi a namorada, Fernanda. Ela parecia muito chocada, mas ainda assim batia palmas como todo o restante dos convidados presentes no salão.

Grande parte daquelas palmas eram falsas e Vitória sabia muito bem disso. As pessoas que estavam ali conheciam a sua história de vida. Na época foi um grande escândalo na sociedade paulista, um playboy admitir que teve um romance com a doméstica da casa e ainda por cima assumir sua filha. Aos olhos de muitos, a garota era apenas um passaporte na vida da empregada para se dar bem. Vitória podia contar nos dedos quantos ali a trataram de forma decente, sem se referir a sua origem com termos pejorativos. Agora teriam que engoli-la.

Para Vitória, o lado mais divertido em todo aquele processo foi cruzar pelo salão e ouvir as palmas secas. Os sussurros e comentários. Ao passar pelas mesas da ex-madrasta, Maria Helena e de Antônia, Vitória quase gargalhou. Filipo foi o último rosto que encarou antes de subir no palco. Ele não conseguia disfarçar seu ódio, a garota abriu um sorriso debochado e então seguiu seu caminho até o microfone.

- Eu só queria morar para sempre na noite de hoje. – Observou os olhares invejosos de Filipo, Antônia e a Maria Helena. Irônica. – Ao lado de tanta gente tão querida. - Sorriu. - Primeiramente eu gostaria de desejar uma belíssima noite para todos vocês. – Todos os olhares do salão de festas eram seus. Sorriu. – Aliás, eu tenho impressão que essa será uma noite inesquecível. Para todos nós. – Vitória fez uma pausa e discretamente pediu para o DJ abaixar um pouco o som, ele obedeceu. – Antes de mais nada, eu queria uma salva de palmas em homenagem ao meu avô, senhor Francesco Vaccara, imigrante italiano, que é brasileiro de alma. Um homem que dedicou sua vida ao trabalho e hoje dignamente se aposenta. Um minuto de palmas, por favor.

Enquanto as pessoas o veneravam, Francesco percebeu Filipo levantar de sua mesa, ele tentou passar pela saída, mas dois seguranças o impediram. Eram as ordens que Francesco havia dado aos funcionários. Não era para deixar que ele escapasse. Francesco sabia do plano do filho de roubar as joias, Vitória havia lhe contado. Um tanto contrariado, Filipo se acomodou em uma mesa vazia. Vitoria fez um sinal e tomou novamente a palavra.

- Eu vou precisar tomar alguns minutos de vocês, eu sei que muitos daqui já conhecem a nossa trajetória, mas eu gostaria de exibir um vídeo contando um pouco sobre o que é a Vaccara. Por favor, prestem muita atenção porque esse vídeo está relacionado a um comunicado importante que será feito logo.

Em poucos minutos o vídeo passou a ser exibido em um telão. Além da história da empresa, a filmagem também exaltava os valores éticos da companhia através de seus funcionários mais antigos. Enquanto as pessoas se distraiam com o vídeo, Dudu comentou com Fernanda.

- Em choque eternamente, hein? – Fernanda sorriu. – Vitória, quero morrer amigo dessa garota.

- Eu estou boba até agora. – Fernanda confidenciou. Olhou para Valentine. – Você estava sabendo?

- Pelo Marcelo, porque ela mesmo guardou segredo.

- Escondendo o jogo... – Dudu jogou um olhar divertido para Valentine que sorriu. – Safada, você! O que mais ela está aprontando?

Valentine juntou seu polegar e dedo indicador, puxou um zíper imaginário da boca e o descartou.

- Aí meu Deus... – Fernanda comentou aflita. – Vitória...

Na mesa do outro lado do salão, Maria Helena cobrava de Fabinho.

- Você vive grudado no seu avô e ele escolhe a bastardinha para dar toda a fortuna?

- Mãe, ele escolheu a Vi porque ela é mais velha. Vou fazer 18 anos agora. E a empresa continua sendo da família, a Vi só vai preservar pra gente...

- Vi? Que Vi, garoto! – Maria Helena quase batia no filho. – Que mundo você vive Fábio Vaccara? Essa bastarda está roubando o que é direito seu e da sua irmã!

Quem também não ficou nada feliz com a decisão tomada por Francesco foi Antônia. Assim que o marido desceu do palco foi atrás dele.

- Você é idiota, enlouqueceu ou que? Como você pode dar o nosso maior patrimônio nas mãos de uma garota que não entende nada de administração de empresas? Nem uma Vaccara ela é direito.

- Não fala assim da minha neta. Ela é uma garota sim, mas é uma garota de fibra. É séria, trabalhadora e principalmente, é honesta. Ela pode até não entender de administração de empresas, mas ela vai montar uma equipe competente para cercá-la.

- O Filipo está há anos como seu vice, já que você queria se afastar devia ter dado uma chance a ele. Como você dá tudo de mão beijada para a Vitória? Justo pra Vitória que fez tanto mal para o nosso filho. – Antônia completou. – Eu vou arrumar um jeito de cancelar judicialmente essa procuração. Você só pode estar com algum distúrbio mental para fazer uma idiotice dessas, uma junta médica vai me dar razão.

- Se eu fosse você, eu ouviria o que a sua neta tem para falar e depois vá procurar um psiquiatra sim, mas para tratar o seu distúrbio em cegar perante a tudo que o seu filho faz!

Os dois investigadores ouviram tudo atentamente.

- Seo Francesco, você pode falar um pouco do temperamento da sua neta? E da relação dela com a família?

- A Vitória é filha do meu menino do meio, o Miguel e puxou muito o temperamento dele. É doce, é sensível, mas também é muito forte. Aguentou e aguenta muito preconceito pela mãe ser de origem humilde. Mas ela foi muito bem-criada, é uma menina e tanto.

- É verdade que ela teve um romance com a tia? Esposa do senhor Filipo.

- Nós conversamos pouco sobre isso. O casamento da Fernanda e do Filipo já estava fracassado há muito tempo. Infelizmente meu filho não foi um esposo digno.

- E a sua nora?

- Uma pessoa muito pacífica, sempre foi franca, integra, criou a minha neta, Bianca, muito bem. Filipo não soube preservar seu casamento e a Fernanda se deixou levar pelo sentimento...

- Podemos falar com sua neta?

- Claro.

Depoimento de Vitória

Francesco nem precisou solicitar que um dos empregados fosse procurar pela garota loira de cabelos curtos. Vitória esperava pelo avô na sala, assim que ele saiu do escritório, ela entrou. Os policiais tornaram a repetir que aquele não se tratava de um depoimento oficial, que era apenas uma interação para esclarecimento de fatos.

- Você mora fora do Brasil, seria importante que permanecesse aqui até que as investigações fossem concluídas. – O investigador Pessoa alertou.

- Eu estou na fase final da minha graduação que é em Paris, eu iria ficar mais alguns meses lá para finalizar o curso e depois voltaria.

- Nos informamos e descobrimos que a senhorita tinha planos de abrir um bistrô em Paris. Desistiu?

- Sempre tive o sonho de conhecer Paris, para quem é apaixonado por gastronomia, aquela cidade é um paraíso, Eu pretendo sim ter um estabelecimento aberto lá, mas por enquanto é um sonho que pode ficar mais para frente. A minha família precisa de mim. E a minha namorada também não pode ir comigo para Paris neste momento.

Pessoa e o outro investigador trocaram um olhar. O primeiro fez uma anotação e o segundo tomou a palavra.

- Sua namorada ou a esposa do seu tio?

- Bom, nem um e nem outro. A Fernanda tem uma vida própria para nós referirmos a ela como namorada daquela, esposa daquele. Ela era mesmo casada com o meu tio e atualmente estamos namorando.

- Ela já tinha separado do seu tio quando vocês começaram a se envolver?

- Não. Eles ainda moravam juntos, embora não levassem uma vida saudável de casal. O Filipo já estava em um caso extraconjugal quando eu retornei ao Brasil e reencontrei a Fernanda.

- Reencontrou?

- A última vez que nós vimos eu ainda era criança. – Vitória esclareceu. – Fui criada pela minha família materna, em Curitiba e meu pai ia me ver lá por conta da minha madrasta.

- Como você pode afirmar que o seu tio tinha um caso extraconjugal?

- Porque eu conheci a amante dele. Toda a família conheceu já que ela era a esposa do meu tio Marcelo, o nome dela é Daniele. – Mais uma troca de olhares, o investigador anotou o nome de Daniele. – Eu cheguei a negociar com a Daniele para reunir provas contra o meu tio.

- As provas que você apresentou contra ele após o desfile? – Pessoa questionou. – Você ficou sozinha com o seu tio aqui, nesta casa, antes da festa, não foi? – Vitória fez um gesto de afirmação. – Pode nos contar tudo o que aconteceu?

Vitória explanou aos dois policiais sua visita a casa do avô e boa parte da conversa que teve com o Filipo antes de saírem para a festa (apenas ocultou a parte que falavam sobre paternidade pois a loirinha considerava que aquele assunto não acrescentaria em nada nas investigações) e sua chegada. Os policiais ainda tinham perguntas.

- Parece que o seu tio não ficou muito feliz com a decisão de seu avô e nem com a sua. Pode falar um pouco sobre? Ele foi mesmo comunicado na festa que estava desligado da Vaccara?

- Sim, foi a condição que impus ao meu avô, eu assumiria as ações se eu pudesse ter autonomia para afastá-lo pessoalmente. Logo que assumi ele foi demitido.

- E isso foi em que horário?

- Não sei dizer precisamente. Acho que era quinze para a meia noite.

23h:45

O vídeo institucional que apresentava a história da Vaccara e fazia homenagem aos funcionários mais antigos da empresa durou cerca de dez minutos. O término do vídeo foi muito aplaudido pelos convidados. Vitória agradeceu a colaboração e paciência de todos mais uma vez e enfim começou a fazer o seu tão aguardado comunicado.

- Bom, esse vídeo é uma homenagem da nova presidência da Vaccara a todos os seus funcionários. Nós escolhemos o seo Agenor que hoje está aqui presente e trabalha na nossa empresa há mais de 40 anos... – Fez um sinal para a mesa onde o senhorzinho estava com a família e o homem recebeu uma salva de palmas. – E a dona Janice que também está aqui presente, nossa funcionária há 37 anos... – Mais palmas. – Para homenagear todos os trabalhadores que confiam, que ajudam a Vaccara crescer a cada dia. Na qualidade de presidente da Vaccara, eu quero afirmar aqui, diante do público presente e da imprensa, que a partir de hoje, além de priorizar a qualidade do nosso produto, a Vaccara será uma instituição que prioriza também a ética de seus funcionários. – Fez uma pausa. – Eu sei que estou me estendendo, mas eu tenho uma história para contar. Há alguns dias, o meu vô recebeu, por meio de correspondência anônima, balancetes, orçamentos da nossa empresa indicando uma cobrança de impostos irregulares na folha de pagamentos dos funcionários. Na verdade, houve uma cobrança mensal de um imposto que nem sequer existe. – Vitória fez uma pausa para dar tempo de o público ingerir a informação. – A Vaccara estava descontando cerca de doze a vinte reais do salário de seus funcionários para esse imposto fantasma resultando em um montante de quase seis milhões por ano. – Mais falatório. Filipo e Antônia se entreolharam assustados. – Como se tratava de um assunto muito grave, nós contratamos uma equipe de auditoria para averiguar os fatos e infelizmente a denúncia estava correta. Nos últimos três anos a Vaccara descontou irregularmente dezoito milhões de reais de seus funcionários. – Imediatamente Filipo se levantou para reagir. O público estava alvoroçado, Vitória fez alguns pedidos de calma, pois ainda não tinha acabado de falar. – Eu sei que tudo que estou falando aqui é muito grave, que amanhã vamos ser massacrados nos jornais, mas esse assunto não pode passar em branco. Eu quero esclarecer que os funcionários serão ressarcidos. A nossa contabilidade já está estudando a melhor forma de devolver esse dinheiro aos trabalhadores porque é assim que agiremos a partir de agora. Com clareza e ética. – Outra pausa. – E pensando nesse sentido é que eu tomei a decisão de afastar o grande culpado desse golpe que todos sofremos hoje. O vice-presidente da nossa empresa, meu tio, Filipo Vaccara está desligado da Vaccara Jóias. O novo vice-presidente será a pessoa que abriu os nossos olhos para esse absurdo que estava acontecendo e está colaborando muito para limparmos essa enorme mancha da história da nossa presidência. Por uma questão, acima de tudo, de justiça, o novo vice-presidente será Marcelo Vaccara. Até o final da semana que vem a nossa contabilidade divulgará como será realizado o ressarcimento dos funcionários. Agora eu peço, por favor, que vocês lembrem que está é uma noite de renascimento e acima de tudo de festa, por isso... – Debochada disse ao DJ. – Música, por favor...

Pessoa parecia muito confuso com tudo que ouviu da loirinha. O segundo policial não

ficou para trás.

- Então o doutor Filipo foi comunicado de sua decisão no meio da festa? Como ele se sentiu quando foi preterido pelo irmão? Essas provas que foram enviadas por correspondência anônima na verdade são as provas que você negociou com a amante dele?

- Não. São dois casos diferentes. Essas provas do imposto que ele inventou dentro da Vaccara foram enviadas pelo meu tio Marcelo para o pai quando ele estava afastado de casa. Ele começou a desconfiar do tio Filipo quando encontrou uns documentos no porta luvas do carro dele e descobriu esse imposto ilegal que estava sendo cobrado. Abriu os nossos olhos como eu disse. – Fez uma pausa. – Já a Daniele tinha outras provas. Eles eram amantes e meu tio Filipo sempre foi um sujeito violento. Para se precaver, ela montou uma espécie de dossiê contra ele para ser usado em caso de emergência. Eu resolvi comprar esse dossiê e entregar para a polícia. Nesse documento estão as provas que o meu tio andava bancando, por baixo dos panos, a campanha eleitoral de um deputado e em troca ganhava favores. Eu comprei tudo dela por meio milhão de euros e entreguei na Polícia Federal que estava averiguando a veracidade de tudo que a Daniele me passou. O tio Marcelo sempre foi dado como o louco da família, mas nesse tempo que estou convivendo com eles eu enxerguei um Marcelo inteligente, ousado, proativo e transparente, que luta pelas coisas. E quando se trata de negócios é interessante você ter esse cara do seu lado porque se ele aprontar alguma coisa, ele mesmo se denuncia. – Fez uma pausa. – Eu não ignoro o problema dele com alcoolismo e nem com as drogas, mas acho que ele ganhando esse voto de confiança vai se sentir mais forte para encarar o tratamento. Confio muito mais nele do que confiava no Filipo.

- Então você confessa publicamente que é uma inimiga de Filipo Vaccara?

- Nunca escondi isso. Ele nunca me aceitou na família e a nossa rixa apenas agravou depois que eu voltei e a Fernanda saiu de casa.

- Você tem ciência que esses fatos a coloca muito implicada no caso?

- Tenho, mas eu não temo nada porque eu não matei o meu tio. Eu não sei se ele levou um tiro, levou uma pancada e tonteou, o que de fato aconteceu, mas eu não fiz nada. Gastei meio milhão de euros para entregá-lo a polícia, se eu fosse a assassina, a troco de que eu perderia esse dinheiro?

- Ninguém ainda sabe se de fato ele foi assassinado. Você que está usando está palavra.

- Usei porque é o que acredito. Já ouviu aquela frase que você atrai o que transmite? Meu tio transmitiu ódio por onde ele passou, logo atraiu. Se odiar o Filipo for o critério para prender alguém, vai faltar cela, investigador. – Afirmou. – Mais alguma pergunta?

- Eu tenho. – Ramalho se manifestou. – Logo depois do seu comunicado, o que aconteceu?

- Tio Filipo tentou partir para cima de mim, mas meu pai o segurou. Ele queria sair da festa, mas o meu vô deu ordens para os seguranças não deixarem ele ir porque a gente sabia que ele ia tentar roubar as joias. Meu tio tinha muitos contatos, com certeza ele conhecia gente para repassar as pedras sem nota, ele estava há muitos anos no ramo. A Dani me contou do plano dele e eu falei para o meu avô. Então minha avó o convenceu a ficar quieto e esperar a festa encerrar porque ela queria evitar mais escândalos.

- E você? Não se incomodou com a presença dele?

- Não. Comemorei bastante com a Fernanda a minha conquista. Convidei-a para dançar.

Pessoa estava admirado. Vitória era nova, mas tinha uma personalidade e tanto.

- Sério?

- Se quiser pode confirmar com ela e os outros convidados. Eles pararam para ver a gente dançar.

Depoimento de Fernanda

Satisfeitos com as palavras de Antônia, Francesco e Vitoria, os policiais deram continuidade as investigações no dia seguinte. A próxima da lista era Fernanda. A consultora imobiliária não se surpreendeu quando logo pela manhã o porteiro tocou o interfone e anunciou a presença dos dois investigadores, Vitória havia passado a noite com ela no apartamento de Dudu e comentou sobre eles. Os policiais apenas não cruzaram com a loirinha, pois Vitória saiu junto de Dudu. Ela precisava resolver algumas coisas sobre a sua permanência em São Paulo.

- Dona Maria Fernanda Ribeiro Vaccara?

- Sou eu.

- Nós nos encontramos no dia do falecimento do seu marido, Filipo Vaccara. Meu nome é Pessoa, esse que me acompanha é o investigador Ramalho. – Fernanda apertou a mão dos dois homens. – Nós queríamos falar um pouco sobre o seu marido e sobre a noite da festa. A senhora pode conversar com a gente?

- Claro. Por favor, se acomodem. Eu posso servir um café? – Os dois homens recusaram. – Então acho que podemos conversar.

Ramalho foi o primeiro a tomar a palavra.

- Nós sabemos que a senhora está em um relacionamento com a sua sobrinha... – O homem iniciou de um modo nada sutil. – Deve ter sido um grande choque para todos.

- A Vitória não é minha sobrinha, o meu único irmão é poucos anos mais velho que ela. A mãe dela teve um relacionamento curto com o meu cunhado, portanto ela é sobrinha do meu ex-marido. Imagino que tenha sido um choque sim porque eu mesmo travei uma batalha interna até aceitar que estava apaixonada por uma garota que tem idade para ser minha filha. Eu vi a Vitória criança e ela virou uma mulher encantadora. Apesar do choque, a maioria das pessoas tentou nos compreender porque viram como estamos felizes e também porque eu saí de uma relação fracassada e abusiva.

- Seu marido era violento? – Pessoa se interessou.

- Era. A maioria das vezes ele utilizava de violência verbal, as palavras serviam para rebaixar a mim e a minha filha. Nos últimos tempos ele andava bebendo muito e acho que a bebida amplificava toda essa agressão que morava nele.

- A senhora se separou há pouco tempo. Não teve medo de ir na festa da família do seu ex-marido?

- Fiquei, claro. Não pela família dele... Os irmãos do Filipo aceitaram bem a minha relação com a Vitória, seo Francesco ainda está com um pé atrás, o que é compreensível e a dona Antônia também... Eu tive medo de ser agredida pelo Filipo. Ultimamente ele andava sem medida nenhuma. Não deixou eu tirar as minhas roupas de casa, machucou o meu braço, fazia terrorismo psicológico e agrediu dois amigos meus. O Renato e o Eduardo.

- E mesmo assim a senhora foi a festa?

- É a família da Vitória também e da minha filha Bianca. Vitória disse que tinha algo importante para acontecer. Ela ia ser anunciada como presidente da Vaccara e queria que eu estivesse junto dela. Eu fui porque eu sabia que era importante pra ela, mas eu tive medo o tempo

todo. Teve uma hora que eu achei que ele ia me agredir.

- Que horas foi isso?
- 0h 07
- Como a senhora sabe exatamente o horário? – Ramalho questionou.

Fernanda pegou seu celular, abriu a galeria de fotos e procurou uma foto que fez com Vitoria. Era uma selfie tirada pela loirinha. No cantinho da imagem Ramalho pode conferir o horário. Como Fernanda havia dito 0h07.

- Ela fez essa selfie do celular dela e logo depois me enviou. Foi um pouco depois dela descer do palco.
- A senhora pode contar exatamente o que aconteceu?
- Posso.

0h07

Da mesa, Fernanda, Dudu, Bianca, Micróbio e Valentine perceberam a pequena confusão formada com a descida de Vitória do palco. Filipo tentou avançar sobre a sobrinha e teve que ser contido por Miguel. Os fotógrafos fizeram a festa e registraram a cena com vários flashs. Vitória se divertia com tudo, parecia que queria mesmo era causar. Ao ver a namorada ameaçada, Fernanda se levantou para ir ao seu encontro, Dudu tentou segurá-la, mas ela não lhe deu ouvidos.

- Nanda, fica longe daquele cara, pelo amor de Deus!
- Me deixa, Dudu!

Com passos decididos alcançou Vitória. Percebeu que os olhares de todos se dirigiam as duas, mas não se intimidou. Estava preocupada com a namorada. Vitória saiu da confusão ás gargalhadas, como se fosse uma criança que tinha acabado de aprontar uma travessura.

- Você está bem?
- Tô ótima, meu amor! – Vitória afirmou. Mediu Fernanda de cima abaixo. – E você está perfeita...

Antônia, que estava próxima, jogou um olhar de ódio sobre as duas.

- Uma pouca vergonha dessas... Vocês são impróprias!

Fernanda ia puxar Vitória pela mão e tirá-la dali o mais rápido possível, mas a loirinha não quis sair. Em um ato de provação tirou o seu celular, abriu a câmera.

- Você é linda. – Vitória disse a Fernanda que espontaneamente sorriu e a loirinha aproveitou para fazer a foto. Roubou um selinho da mulher mais velha, fez outra foto e então disse. – Se achar impróprio, corta na edição, vó...

Fernanda puxou a loirinha antes que ela armasse mais uma confusão, a garota ainda instigou dona Antônia mandando um beijo no ar em sua direção e então ocupou um lugar na mesa de Dudu, Bianca, Micróbio e Valentine.

- Pisa menos, hein Vitórinha! – Bianca disse fazendo todos rirem. – Acionista majoritária, toda poderosa!

- Lacrou! – Dudu elogiou também animado.

- Vitória, mitou demais mesmo! – Micróbio afirmou. – Mas e aí? O que você vai fazer agora? Teu tio vai ser preso, vai rolar o que? Você vai falar com os jornalistas?

- Claro que não, né... – Valentine disse. – Primeiro ela tem que montar uma equipe pra aí divulgar alguma coisa, não é Vitória?

Vitória sorriu.

- Eu? Primeiro eu vou é comemorar!

- Opa! – Marcelo se aproximou com uma garrafa de champanhe fechada. – Foi aqui que eu ouvi falar em comemoração?

- MEU VICE! – Vitória abraçou o tio animada. – PARABÉNS!

Valentine aproveitou que Marcelo estava distraído e retirou a champanhe das mãos dele e colocou sobre a mesa. Assim que Vitória se separou do tio, Fernanda percebeu que Valentine puxou Marcelo para um canto. A expressão dela não estava muito feliz, certamente porque Marcelo estava embriagado. Fernanda teve seus pensamentos interrompidos pelo estouro do champanhe. Miguel havia aberto a garrafa. Ele estava muito feliz e orgulhoso pela filha. Sabia o quanto lutou para estar ali.

- UM BRINDE A NOSSA PRESIDENTE! – Bianca propôs erguendo sua taça. Cidinha enchia as outras taças, Vitória preferia tomar a bebida direto da garrafa. Bianca brincou. - E NESSE CASO NÃO VAI TER GOLPE.

As taças se encontraram no ar. Na pista de dança, o DJ começou a tocar sucessos passados e aos poucos os convidados iam dançar. Micróbio e Bianca logo foram para o local acompanhados por Miguel e Cidinha. Vitória se levantou, animada, e estendeu a mão a Fernanda. A mais velha não sabia se era uma boa ideia. Dudu quase a expulsou da mesa.

- Mulher, vai!

- Não sei se é uma boa ideia, as pessoas podem comentar.

- Vamos, amor... - Vitória insistiu. – Eu amo essa música!

- Fernanda, as pessoas vão comentar de qualquer jeito, agora o que não pode acontecer é você cometer o pecado de não dançar Cher! Bora comemorar que você se livrou do chato do seu ex e cantar esse hino da liberdade! Vai que eu olho as coisas por aqui!

Embora ainda estivesse tímida, Fernanda aceitou o convite de Vitória. A loirinha segurou em sua mão e a guiou até a pista de dança que já estava bem cheia. Vitória puxava Fernanda por uma das mãos e com a outra segurava a garrafa de champanhe que estava pela metade. Embrenhou-se no meio dos outros dançarinos. Para não se perder da namorada, Fernanda a agarrou pela cintura. Vitória gostou daquele contato e provocou a mais velha com umas reboladinhas, elas encontraram um espaço para dançar mais à vontade bem no meio da pista. Vitória virou um pouco de champanhe na boca e esboçou os primeiros passos.

Fernanda entrou na onda da namorada, puxou a garrafa de champanhe e deu uma golada generosa, fechou os olhos e começou a dançar livremente, mexendo os braços, ombros e quadril. Toda sua tensão parecia se transformar em energia. Ao ver a mãe se divertindo ao lado de Vitória, Bianca decidiu incentivá-la e começou a bater palmas no ritmo da música, logo foi acompanhada pelo restante dos dançarinos.

De longe e feliz pela amiga, Dudu observava todo o movimento da pista. Valentine, mal-

humorada, voltou para a mesa e se acomodou em seu lugar.

- Merda de vida, viu!

- Que foi?

- Marcelo! Ele encheu a cara, daqui a pouco da perda total. – Disse aborrecida. – Vim para o Brasil para passar férias e resolvo sair com o cara mais complicado no mundo. – Dudu riu.

- Eu tenho uma sede para ser trouxa que nem eu mesmo entendo.

- Dois. Não posso ver homem problema que já estou lá, pegando a senha para entrar na fila. – Dudu comentou fazendo a ruiva rir. – Ah, esquece um pouco... – Fez um sinal para a pista de dança. – Por que você não se joga?

- Não estou muito no clima e... Espera, que tipo de gay o senhor é que não se joga quando toca Cher?

Dudu abriu um riso sem graça.

- Ainda não estou 100%. Você sabe que o Filipo me agrediu, não sabe? – Valentine fez um gesto afirmativo. Vitória havia lhe avisado. Dudu fez questão de ir a festa pois sabia que Vitória preparava algo grande contra o tio e queria ver sua derrocada de perto. – Seguindo ordens médicas...

- Desculpa, Dudu... A Vitória tinha comentado, minha cabeça que está uma lástima... – Ele fez um gesto para que ela não se importasse. - Aliás, cadê a Vitória?

- Está ali comemorando as ações dela e o sete de setembro da Fernanda.

Valentine olhou para a pista e então viu a loirinha acompanhada da namorada. As duas esboçavam uma coreografia que só de ver de longe, Valentine considerou quente. A estudante podia sentir o busto de Fernanda encostando em suas costas, o nariz da mais velha passando por seus cabelos curtos, Fernanda soprou levemente sua nuca. Vitória se virou de frente, pegou a garrafa que estava na mão de Fernanda e virou com tudo, seus lábios rasparam o ombro desnudo da mulher negra, percebeu a pele de Fernanda se arrepiar. O que mais gostava de fazer quando ia para uma balada era beber enquanto tocavam músicas que tinham um bom ritmo para dançar. Adorava experimentar aquele tipo de adrenalina. Fernanda tomou a garrafa de volta e deu mais um gole. As taças do champanhe já começavam a fazer efeito. Abraçou a namorada e começou a cantar acompanhada da loira.

- Chama os bombeiros. – Dudu gracejou.

Os dois riram. Não apenas pelo estado etílico do casal, mas também porque Dudu observou e alertou Valentine que eles não eram os únicos que observavam Fernanda e Vitória. Do balcão do bar, Filipo não tirava os olhos das duas. Se pudesse invadiria a pista e acabaria com elas ali mesmo.

- Que tiro foi esse? – Valentine brincou fazendo Dudu gargalhar. – Isso que eu chamo de recado enviado e dado com sucesso.

- Eu acho é pouco... – Dudu disse. – Embuste tem mais é que levar galha mesmo...

Na pista, Vitória e Fernanda continuaram dançando juntas até o término da música quando foram homenageadas com aplausos por conta da coreografia. Outra música agitada começou, Vitória sacudiu a champanhe e percebeu que havia acabado. Sussurrou no ouvido da namorada que ia buscar mais e Fernanda se prontificou a ir com ela até o bar. Para não se perder, Fernanda fez o mesmo procedimento que utilizou quando entrou na pista, abraçou a namorada

pela cintura. Na saída da pista cruzaram com a última pessoa que queriam ver pela frente: Filipo.

Apesar do susto, Vitória não fugiu do olhar fulminante do tio. Ele sabia que se tentasse alguma coisa acabaria sendo contido pelos seguranças, por isso não moveu de onde estava. Seu olhar se desviou para a ex-esposa. Fernanda sentiu um arrepio na espinha. Tinha certeza que se estivessem sozinhos, Filipo a agrediria. O ex-marido lhe lembrou um leão assistindo sua presa de dentro de uma jaula.

- Você quer enganar quem? – Filipo questionou Fernanda. – Você é ridícula. – Olhou para Vitória. – Com a sua grana, o poder que você tem agora e a sua idade... Com tanta mulher gostosa por aí, você foi escolher a mais fria? A Fernanda e uma geladeira não tem diferença nenhuma.

- Vai ver o que eu tinha do meu lado não me inspirava. Você... – Fernanda ia responder, mas Vitória a conteve.

- Deixa ele... Está no chão, derrotado... Um leão sem dentes! – Olhou para Filipo. – Eu não disse que para te derrubar eu não precisava erguer um dedo?! – Debochada. – Não precisei! Você é fraco pra mim, Filipo. Entuba essa! – E repetiu lentamente. - Muito fraco!

Em resposta Filipo partiu para cima da loira. Vitória apenas não foi atingida porque Fabinho se meteu entre os dois. O garoto estava no bar quando viu o encontro dos três e sorrateiramente se aproximou caso a irmã precisasse. Fabinho era jovem, mas já tinha uma boa altura e praticava esportes, músculos suficientes para segurar o tio encrenqueiro. Fernanda puxou a garota para longe.

- ME SOLTA! ME SOLTA! VOU QUEBRAR ESSA VAGABUNDA!

Filipo estava muito agitado, Fabinho teve que empurrá-lo e usar da força para tomar controle da situação. Não tinha gostado nada do que ouviu.

- NÃO FALA ASSIM DA MINHA IRMÃ!

O empresário tentou partir para cima do sobrinho, mas dessa vez quem o segurou foi Francesco.

- Chega, Filipo! É uma criança! – Francesco o puxou pelo braço e o retirou dali. – Você não tem senso do ridículo? – Questionou. – Será que você não aprendeu nada do que eu te ensinei, meu filho?

Em resposta Francesco levou uma cusparada no rosto.

- Não me chama de filho! VERME! VOCÊS VÃO ME PAGAR POR TUDO ISSO!

Fernanda percebeu que seu relato tinha deixado os dois policiais incomodados. Eles já tinham informação que Filipo era um homem de personalidade forte, que tinha diversos desafetos, mas não podiam imaginar que chegava até aquele ponto. Nem o pai escapava de sua fúria. A cada momento o caso parecia se complicar mais.

- Dona Fernanda, qual foi a última vez que você viu seu ex-marido?

- Ele estava falando com alguém no celular. Eu não sei quem era porque ele estava distante de mim.

Pessoa olhou para Ramalho e comentou.

- A última ligação dele foi por volta de 0h16. Meia hora antes do horário da morte. Sorte que ele estava sem o paletó quando teve a queda e o celular estava no bolso do paletó, senão estaria destruído. – Pessoa explicou a Fernanda. – Dona Fernanda, a senhora comentou que seu ex-cunhado, Marcelo, estava bebendo? Ele já teve problemas com bebida, não teve?

- Sim, mas ele estava controlado até o momento que eu vi. – Fernanda afirmou. – O que o Marcelo teve foi uma recaída.

- A senhora acredita que a indiscrição do seu relacionamento com a sua sobrinha contribuiu para o doutor Filipo planejar o roubo das joias? Ele tinha planos de fugir?

- A Vitória tinha filmado uma conversa dele com a amante que ele explica para ela todo o plano de fuga e ele nem sabia que estávamos juntas nessa época. Esse vídeo foi entregue a Polícia Federal em anexo as outras provas que a Vitória conseguiu com a Daniele. A própria Vitória me disse. – Fernanda explicou. - E sobre a indiscrição do meu namoro... Eu acredito que as pessoas se preocupam demais com a vida alheia. – Se eu fosse um homem, alguém acharia indiscreto eu namorar uma garota mais jovem? Ou a indiscrição é pelo namoro ser entre duas mulheres? Quem sabe por ser um namoro interracial? Se as pessoas prestam atenção em nós duas, não é culpa nossa, mas sim porque ainda vivemos em uma sociedade machista, homofóbica, racista e, acima de tudo, insensível. – Fernanda afirmou. – Vocês têm mais alguma pergunta?

Os dois homens se entreolharam, Fernanda os deixou sem palavras. Não tinham mais o que questionar.

- Por enquanto é só, dona Fernanda. A senhora será convocada para prestar depoimento na polícia.

Depoimento de Marcelo

Pessoa e Ramalho passaram o restante do dia fazendo visitas aos convidados da festa. Antes de saírem do apartamento de Fernanda, também quiseram falar com Dudu. Procuraram por Micróbio em seu serviço e por Maria Helena e seu acompanhante. Miguel chegou em seu apartamento por volta das dezenove horas e encontrou Fabinho, na área de lazer do prédio, brincando de altinha com os filhos de Marcelo. Vitoria observava o irmão com os priminhos. Ao ver o pai, Vitória deixou os garotos com Fabinho e foi conversar com Miguel.

- A Dani deixou os meninos na vó para eles verem o tio Marcelo... Vocês trocaram a personalidade da Dani e eu não sei?

Miguel riu.

- Eu falei com ela. Os meninos têm direito de ver o pai, né? Por mais que o Marcelo tenha errado, ele é pai. Foi meio complicado, mas eu garanti que eles vão ficar bem.

- Seo Miguel, seo Miguel... Sempre dando um jeito em tudo. – Vitória comentou orgulhosa. – Foi bom eles terem vindo... Ainda não souberam da morte do Filipo, obriga a gente a se animar. – Fez uma pausa. – Os policiais estão lá em cima com o tio. A gente desceu para dar privacidade.

- Eles me procuraram hoje à tarde no escritório.

- E aí?

- Uma conversa difícil... É estranho pensar no seu tio morto. – Entristecido olhou para os sobrinhos. – Lipo e eu tínhamos a mesma diferença de idade do Emílio e o Mário, mas a gente

nunca brincava juntos. Meu pai falava que o Filipo tinha o coração fechado e era verdade.

Vitoria fez um gesto afirmativo. Ia falar qualquer coisa, mas foi atingida por uma bolada na cabeça. Fabinho havia deixado a redonda escapar.

- Foi mal, Vi...

A garota fechou a cara.

- Dá a bola.
- Vi, foi sem querer.
- Passa essa bola, Fábio! – Disse em um tom sério. Um tanto contrariado, o garoto jogou nas mãos da irmã. A garota colocou a bola embaixo do braço, tirou a camisa xadrez que usava por cima da regata, se desfez do par de botas de canos curtos que calçava. – Tem lugar para mais um aí nessa pelada?

Miguel sorriu. Nunca imaginou que veria aquela cena, Vitória e o irmão brincando de altinha com os sobrinhos enquanto a noite começava a cair em São Paulo. Pelo menos aquela geração de Vaccaras parecia mais tranquila que a sua. Motivado pelos filhos e sobrinhos, Miguel tirou seu blazer, arregaçou as mangas da camisa social, deixou os óculos de grau junto da camisa embolada de Vitória e se levantou para se juntar aos mais novos.

- Lugar para mais dois! – Disse. – Também vou entrar.

(...)

No apartamento, Marcelo recebia os dois policiais. Não conseguia disfarçar seu incômodo com a presença deles. Desde pequeno sempre foi assim, odiava qualquer coisa que lembrasse repressão ou falta de liberdade. Os dois homens não paravam de fazer perguntas sobre Filipo e sobre sua trajetória na festa, acabou perdendo a paciência.

- Eu não sei responder o que vocês estão me perguntando! Não consigo lembrar direito. Teve um apagão!
- Então o senhor lembra que as luzes foram desligadas?
- Não. Eu entrei no banheiro, aí eu bati a cabeça. E não lembro de mais nada!
- Há relatos que o senhor bebeu.
- Bebi sim. – Marcelo confirmou. – Minha namorada brigou comigo por causa disso e eu fui no banheiro lavar o rosto.
- Você lembra que horas foi isso?

Marcelo fez um gesto negativo.

- Um pouco depois da 0h:00.

Pessoa fez uma anotação:

Um pouco depois da meia noite

- Será que você não tem uma gota, um pingo de juízo? – Valentine cobrou irritada. – Porra, Marcelo, as pessoas estão confiando em você! Não parece, mas a Vitória é muito séria! Será que você vai por tudo a perder justo agora que você tem a melhor chance da sua vida?!
- Para de me tratar feito um garoto que não sabe o que está fazendo!

- Eu faço isso porque parece que você não sabe mesmo! Que merda, Marcelo! – Ele baixou a cabeça como um menino que recebe uma bronca da mãe. Valentine respirou fundo. Detestava estar fazendo aquele papel, se sentia a maior idiota do planeta. – Marcelo, vai jogar uma água na cara e se recompor. Você não está em condição nenhuma de conversar sobre qualquer coisa e eu muito menos. A gente vai acabar falando o que não deve e se machucando.

- Toda vez que alguma coisa na minha vida dá certo parece que vem um bonde e sai passando por cima de tudo, levando tudo...

- Outra hora a gente conversa! – Valentine disse entredentes.

A ruiva se afastou e Marcelo viu Valentine se juntar a Dudu. O garçom passou com uma bandeja com doses de uísque, Marcelo vacilou, mas acabou aceitando uma dose. Cambaleando chegou ao banheiro. O chão estava molhado. Sentia muito calor e retirou o paletó. As imagens começavam a se confundir em sua mente e tudo se transformava em um borrão. Apenas sabia que tinha batido a cabeça porque tinha um galo no alto da cabeça. Até deixou os policiais passarem a mão e tirar fotos do hematoma.

- E quando você acordou?

- Eu não lembro de nada. – Marcelo afirmou aflito. – Só lembro de acordar no dia seguinte... E... – Uma imagem inédita passou por sua cabeça. - E-Eu acordei no quarto do meu sobrinho. Ele que me trouxe para cá junto da Valentine.

- Nós já falamos com essa moça. O nome do seu sobrinho é...

- Fábio Vaccara. Mas o Fabinho é criança... Dezessete anos. – Marcelo comentou. – O que um menino de dezessete anos vai saber de um assassinato de um empresário?

- Como o senhor sabe que foi assassinato?

- E-Eu não sei. – Disse em um tom vacilante. – Foi modo de dizer. Se vocês não me levarem a mal, será que a gente pode encerrar essa conversa? Eu ainda estou muito abalado com tudo que aconteceu... Meus filhos estão aí embaixo e faz tempo que estou longe deles.

Os policiais trocaram olhares e então Pessoa fez um gesto afirmativo.

- Tudo bem, Marcelo. Por enquanto é apenas isso.

Marcelo levou os policiais até o elevador e ao voltar para o apartamento seguiu até a cozinha. Pegou um copo d'água e virou de uma vez. Suas mãos estavam trêmulas, estava apavorado. Em poucos minutos, Miguel, Vitória, Fabinho, Mário e Emílio entraram no apartamento fazendo algazarra. Vitória foi tomar banho em seu quarto enquanto Miguel cuidava de dar banho nas crianças. Fabinho foi beber água e Marcelo foi atrás do sobrinho na cozinha. Ele estava pálido e Fabinho logo percebeu.

- Tudo bem, tio? – Deu um gole em sua água. – Aconteceu alguma coisa?

- Isso você vai ter que me dizer. Eu lembrei, Fabinho... – Fabinho fitou Marcelo sem entender. – Você me bateu no banheiro, lá na festa. Me deu um golpe por trás eu bati a cabeça e desmaiei. Eu lembro que te vi pelo espelho antes de você me bater. Quando acordei já estava sem a minha arma. – Fabinho baixou a cabeça se entregando. – Foi você que roubou a arma de mim, não foi? Por que você pegou a minha arma?

Fabinho engoliu em seco esperava que Marcelo acreditasse em seus motivos.

- Eu posso explicar...

CAPÍTULO 38

Depoimento de Bianca

Os dois policiais passaram os três dias seguintes procurando convidados da festa para ouvir a versão dos fatos de todos. Bianca foi uma das últimas da lista que recebeu a visita dos detetives. A garota terminava de se arrumar para sua primeira aula no retorno a faculdade quando Guilherme apareceu para comunicar que os homens estavam a sua espera na sala. Bianca era uma das líderes de sua turma, tinha compromissos no campus, mas aquele era um assunto mais urgente. Mandou um aviso no grupo dos colegas comunicando sua ausência e em seguida foi até a sala. Guilherme desceu para o restaurante permitindo assim que Bianca conversasse mais à vontade com Pessoa e Ramalho. Após as apresentações de praxe, se iniciaram as perguntas.

- Você chegou a falar com o seu pai? Por tudo que ouvi, eu posso concluir que foi uma noite difícil para ele...

- Meu pai fazia qualquer noite ou dia difícil. Ele está acostumado. – Bianca completou. – Estava. – Corrigiu-se. - Eu falei com ele sim. Mandei ele deixar a minha mãe e a Vitória em paz.

- Que horas foi isso?

- Um pouco antes do corte de luz.

- Você sabia dos planos do seu pai de roubar as joias e fugir?

- A Vitória filmou ele contando para a amante e me contou. Ele tinha acertado com um funcionário do hotel para que cortasse a energia do hotel e desligasse os geradores de emergência. O alarme do cofre do hotel estaria desativado e ele aproveitaria para pegar as joias e levar para o terraço. Lá no terraço do hotel eles estão fazendo uma pequena reforma, está tudo muito bagunçado com cimento fresco, entulho, ferramentas. O plano dele era colocar as joias junto do entulho e no dia seguinte pegaria tudo e fugiria. A Vitória então teve a ideia de trocar as joias verdadeiras por réplicas e quando ele fosse pegar, a polícia daria o flagrante e ele seria preso logo pela manhã, só que ninguém esperava o ataque dos manifestantes na escuridão.

- Vândalos. – Ramalho disse em um tom enojado. – Eles fizeram um quebra-quebra danado, roubaram bolsas, cartões, dinheiro, celulares.

- A intenção não deve ter sido essa. Tem muita gente que aproveita a confusão para se infiltrar. – Bianca explicou. - Esses aí não têm nada a ver com o protesto.

- Bando de vagabundos! – Ramalho afirmou para a raiva de Bianca. – Será que você pode contar como tudo aconteceu?

- Posso. Foi um pouco antes das luzes se apagarem.

Um pouco antes das luzes se apagarem

Após trocar algumas palavras mais duras com o pai, Filipo conseguiu se desvencilhar de Francesco. Olhou em seu relógio de pulso e viu que faltavam poucos minutos para por seu plano em ação. Diversas vezes durante a preparação do roubo, Filipo teve dúvidas se colocaria em prática ou não pois sabia que aquele era um caminho sem volta, mas depois de ver Vitória ocupando o posto mais alto da Vaccara e humilhá-lo publicamente, ele decidiu que seguiria o planejado. A qualquer hora poderia ser preso.

Um tanto nervoso procurou no celular pelo contato de Moura, um *concierge* que trabalhava naquele hotel há mais de quinze anos. Moura conhecia as instalações do local como ninguém. Ele receberia uma gorda recompensa para desligar a energia e os geradores do local. Nunca mais carregaria bagagens de hóspedes pelo resto da vida. Moura logo atendeu.

- Está tudo pronto aí?

- Só aguardando suas ordens. – Moura afirmou a Filipo. – Você quem manda, patrão.

- Então vai rolar... Marca aí uns cinco minutos e dá início aos trabalhos. Vou desligar aqui.

- Tá certo, patrão, boa sorte.

Filipo desligou o telefone. Decidiu tomar um uísque para relaxar um pouco. Ao se virar trombou com sua filha caçula. Bianca travava a passagem fazendo o empresário perder a paciência.

- Você pode sair da minha frente? – Bianca permaneceu imóvel. – O que você quer, inferno?!

- Vi tudo que você fez agora... O vô, o Fabinho que é criança... Você enlouqueceu de vez?

- Bianca, eu não estou com paciência para você não. Saí da minha frente!

- Não vou tomar muito seu tempo... Só quero dar um recado. Você não vai acabar com a vida da minha mãe... De novo não! Fica longe dela e da Vitória! Para o seu bem...

- Nossa... Estou morrendo de medo.

A fala de Filipo foi interrompida por diversos gritos. Era o apagão que ele e Moura tinham programado minutos antes. Como o chão do salão era preto, o local virou uma escuridão quase completa. Apenas a luz do luar, que entrava pelos janelões permitia alguma visão. Algumas pessoas começaram a se queixar do calor e da queda de energia. Bianca acendeu a lanterna do celular e conseguiu avistar o pai se perdendo na multidão. Com certeza ele ia descer as escadarias para pegar as joias. Bianca seguiu o caminho dele. As mesas, cadeiras e os convidados eram obstáculos no meio da escuridão.

Ao passar pela aparelhagem de som, Bianca acabou tropeçando em um fio groso e caiu. Demorou alguns segundos para encontrar seu celular no breu. Quando encontrou o aparelho e acionou a lanterna foi atingida por alguém pisando em sua mão, outra pessoa pisou na sua perna. Todos tentava fugir ou se proteger de alguma forma. Cerca de dez manifestantes conseguiram entrar no hotel pela porta de serviço e invadiram a festa formando uma confusão danada.

Eles chutavam cadeiras, puxavam as toalhas da mesa provocando a queda de copos, talheres, pratos e arranjos, penduraram uma tela enorme com uma arte tirando sarro de Filipo e dois começaram a pichar o salão com um spray fluorescente que brilhava no escuro. Apesar de toda a correria, Bianca conseguiu ler a mensagem deixada por um dos rapazes “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta”.

- E o seu pai nisso tudo? – Pessoa se interessou.

- A última vez que vi meu pai ele tinha saído do salão. Eu não consegui alcançá-lo.

- Você disse que um dos manifestantes pichou a seguinte frase: “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta". – Bianca confirmou. – De alguma forma é uma referência a você... Você tem ideia quem foi a pessoa que pichou?

- Não. Tem várias pessoas que eu gosto e o Filipo não suportava.

- Inclusive seu namorado, Welligton e seu tio Guilherme Ribeiro que dias antes aplicou uma surra na vítima e estava bastante revoltado com ele.

- Tio Gui perdeu a cabeça no dia da surra, mas ele não estava na festa. Sábado é o dia que ele mais trabalha.

- Acredita que ele pode comprovar que estava trabalhando?

- Acredito que sim. Temos a lista de reservas na cantina. É só ligar para alguns dos clientes que eles podem confirmar que meu tio passou a noite aqui.

Ramalho tinha uma pergunta.

- E o seu namorado? Ele estava na festa, nós falamos com ele...
- Se falaram com ele, vocês sabem que o Micróbio não tem envolvimento com o movimento estudantil. Meu pai não gostava do Micróbio, mas o Mi é inofensivo e pacífico. Não acredito que faria nada contra ele.
- Você comentou que tinha uma relação difícil com seu pai... Era por conta do namoro com esse rapaz?
- Sinceramente? Era por tudo. Acho que ele era contra a minha adoção, sempre quis ter um filho homem. Meu pai era machista, intolerante, para ele eu sempre fui toda errada. Saí de casa porque não aguentava mais a tirania dele.

Os dois homens se deram por satisfeitos com a conversa de Bianca. Despediram-se da garota que desceu para a cantina. O restaurante ainda não havia sido aberto. Guilherme abria uma massa de nhoque. Bianca se sentou na mesa da cozinha.

- Conversa difícil com os homens?
- Embaçado... Até tentaram envolver você.
- Vão quebrar a cara. Um dos fornecedores de vinho apareceu para jantar e ficou com a família toda até as duas da manhã. Ele me viu aqui o tempo todo.
- Falei isso pra eles. – Bianca disse atarantada.
- Você não quer contar o que está acontecendo?
- Tio, meu pai morreu, foi assassinado, sei lá... Eu fico aqui parada, tentando lembrar um momento bom que eu tive com ele... Um momento legal e nada... Não é esquisito? Parece que quem morreu foi, sei lá... Um estranho...

Guilherme olhou para a sobrinha.

- Eu sei que isso está te afetando, que não é fácil perder um pai, ainda mais nessas condições... Mas eu estou falando de outra coisa. Você está estranha desde antes da festa. Sumiu, disse que foi para o salão de beleza... Você sabe que eu saio com a Irene que é a cabeleireira de lá... Eu liguei pra ela e ela nunca te viu mais gorda... O que tá pegando, hein, Bia?! – A garota o encarou ressabiada. – Bia, aqui é o teu tio Gui, teu chapa... Pode se abrir, cara... Sem vacilo.

Bianca coçou a cabeça. Estava precisando mesmo conversar com alguém.

- Você promete não falar para o Micróbio?
- Prometo... Fala aí...
- Você sabe aquele pessoal que estava lá na porta do hotel? Tem uma galera que eu conheço da faculdade. Aquele dia que eu sumi, eu fui ajudar eles com os cartazes, fui panfletar para chamar o pessoal para o manifesto contra o meu pai...

Guilherme riu.

- E qual o segredo? Todo mundo sabe que você sempre foi a comunista da família... – Ele disse fazendo Bianca rir. – Não entendi.
- Eu meio que sabia que eles iam tentar fazer uma ação mais quente do que ficar lá na

porta. A Vitória me contou do plano do meu pai e eu falei com o Leonel, que é um amigo meu da faculdade, sobre invadir... A ideia era pendurar o grafite do meu pai preso. Só que nessas ações muita gente errada se envolve... Acho que a galera perdeu o controle e os vândalos aproveitaram para invadir junto com o Leonel.

- Você acha que um desses caras pode ter empurrado o seu pai?

- Ou atirado. Ainda não acharam perfuração porque o corpo chegou lá embaixo em um estado que só Deus... – Guilherme fez uma careta. – Mas a polícia não descartou a possibilidade de ele ter levado um tiro.

- Quem fez devia estar com muito ódio. Única coisa que o Filipo sabia cativar das pessoas. – Bianca fez um gesto de acordo. – Mas voltando um pouco ao assunto. Por que você não fala com o seu amigo? As vezes ele pode ter visto alguma coisa suspeita ou ouvido.

- Não queria falar com o Leonel agora... É que... Rolou um lance meio estranho.

- Que lance?

- Eu não te disse que fui ajudar o pessoal a fazer os cartazes e tal? – Guilherme fez um gesto afirmativo. – Então... Meio que rolou um clima entre o Leonel e eu...

- Como assim? Você não está com o Micróbio?

- Escuta...

O grêmio estudantil foi o local escolhido para que os estudantes guardassem o material todo que seria utilizado na manifestação. Bianca tinha passado boa parte da manhã panfletando pela cidade convidando pessoas para participarem do ato. Ao chegar no local encontrou Leonel. O rapaz estava todo sujo de tinta e terminava de dar os toques finais ao grafite que seria exposto a noite, na invasão da festa. Bianca sorriu.

- Cada vez que eu olho para essa tela eu tomo um susto. – Bianca confidenciou ao amigo.

A tela era enorme. Trazia o rosto de Filipo atrás das grandes. Os olhos azuis do empresário foram substituídos por um par de diamantes.

- Seu pai até que é bonitinho. Por que o susto?

- Essa tela é gigante. Como vai ser levada daqui?

- Sempre dou um jeito. – Brincou. – Ainda vão decidir a frase que vai no rodapé “A corrupção vem com a riqueza” ou “Quando a justiça se torna lei, a rebelião se torna dever”.

- Acho que gosto mais da segunda... Forte, né?

Leonel fez um gesto afirmativo. Olhou para Bianca. Ela estava bonita aquela manhã. Na verdade Leonel sempre achava a garota bonita, mas aquela manhã tinha algo diferente que ele não sabia especificar. Sorriu.

- É a sua cara. – O rapaz falou. - A frase.

- E você? Qual escolheria?

- A segunda também. Porque é de interesse público... – Fez uma pausa, olhou para Bianca de um jeito carinhoso. - Agora se fosse uma mensagem particular para o seu pai... Acho que recorreria a Chico Buarque.

- Nossa, que menino culto... O que você escolheria? “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.” – Bianca arriscou. Leonel fez um gesto negativo. – O que seria então?

- “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta...”

Bianca gargalhou.

- Que convencido! – Foi dar um tapinha no ombro do amigo, Leonel aproveitou para segurar seu braço e se aproximar da garota. Foi então que Bianca se deu conta que o amigo estava flertando com ela. – Léo, que isso?

- Você não gosta nem um pouco de mim?

Leonel era um cara bonito. Discreto, seus olhos castanhos sempre estavam escondidos atrás dos óculos de grau. Os cabelos escuros sempre desgrenhados, barba por fazer. Inteligente, integro, doce, companheiro. Não era difícil gostar dele.

- Claro que eu gosto. – Bianca mal terminou de falar e recebeu os lábios do garoto sobre os seus. Ela ficou sem reação e apenas sentiu o movimento da boca do rapaz. Leonel tentou pedir passagem para sua língua, mas a garota não permitiu fazendo com que Leonel se afastasse. – Léo... Eu estou com o Micróbio! – Leonel se assustou. Achou que o lance de Bianca e Micróbio não era sério. – Tô gostando dele como eu nunca gostei de outro cara.

- Desculpa, eu não podia imaginar... A gente só se fala sobre lances da faculdade. Aí quando você falou que gostava...

- Eu gosto de você, mas como amigo. Acho nada a ver a gente acabar com uma amizade tão legal por causa de uns beijos.

- Pra mim não seriam apenas uns beijos. Bia, estou quase um ano nessa... Só que você não dava deixa... Desculpa se eu entendi errado.

Guilherme escutou tudo com atenção.

- Você não vai falar nada, tio?

- Que fita, hein?! No jornal que eu li eles estavam mesmo comentando sobre essa frase aí que o cara pichou: “Você não gosta de mim, mas sua filha gosta”. Então foi esse Leonel que escreveu? - Bianca acreditava que sim. - Ele estava na festa.

- Estava tio. E eu não contei para polícia, mas o Leonel saiu logo atrás do meu pai.

Guilherme abriu a boca surpreso.

- Você acha que pode ter sido ele?

- Como é que eu vou saber? Eu fico pensando, se ele encontrou meu pai e os dois discutiram... Eu conheço o Léo, deve ter ficado puto pelo que o meu pai fez com o Renato lá na portaria e ele ainda cuspiu na cara de uma das meninas.

- Que história doida, hein? Será que a polícia chega nesse cara?

- Por enquanto acho que não. Eu fui uma das últimas pessoas que eles vieram conversar. Só faltava uma pessoa na lista pelo que eles falaram.

- Quem? – Guilherme questionou.

- A Cidinha.

Depoimento de Cidinha

Dudu tinha acabado de liberar Cidinha para almoçar quando os dois policiais entraram na imobiliária e se identificaram. A ex-doméstica era a última pessoa da lista de convidados da festa que foi selecionada pela polícia para participar do esclarecimento de fatos. A conversa ocorreu no escritório de Fernanda. Dudu tinha conseguido um adiantamento de férias para que a amiga organizasse sua vida e o local estava vago.

- Vocês só não reparem na bagunça. – Cidinha solicitou. – Essas cadeiras aí o Dudu quer mandar para o conserto, quebrou quando invadiram o escritório há uns dias...

- Invadiram?

- O seo Filipo veio atrás da Fernanda. Ele quebrou tudo, até sobrou para o coitado do Dudu.

- Ah sim... – Pessoa então recordou. – Na nossa conversa com o seo Carlos Eduardo Feitosa ele comentou qualquer coisa sobre o desentendimento dos dois. Nós podemos começar, dona Aparecida?

- Sim, senhor...

- Primeiramente vamos recapitular... A senhora trabalhava na casa dos Vaccara, certo?

- Certo. Eu era arrumadeira. Cheguei de Minas e logo a Fernanda me contratou. Eu não tinha referências daqui, mas ela não se importou com isso porque eu era indicação da Michele que até hoje é arrumadeira lá na casa do seo Francesco.

- E por que a senhora saiu da casa deles?

- Fui demitida.

- Por que?

- Não fiz nada de errado. O seo Filipo me demitiu porque estava de amolação comigo. Na verdade, sempre esteve, mas nós últimos tempos ele passou de qualquer limite. Estava com muitos problemas e descontava nos empregados. Eles tanto não tinham motivos para me demitir que o seo Francesco reconheceu e pagou uma indenização e a Fernanda me indicou para trabalhar aqui com o Dudu. A Bianca, filha do seo Filipo estava lá no dia da minha demissão e viu que foi injusta.

- Tirando o doutor Filipo, você gostava da casa dos Vaccara?

- Das pessoas até gostava, só dona Antônia era meio nariz em pé, mas a Fernanda sempre foi uma boa patroa. Tem empregado aí que é roubado pelo patrão, que escondem até comida, trata a gente feito cachorro. Ela nunca foi desrespeitosa e nem nada do tipo. Agora eu prefiro trabalhar aqui porque o serviço é bem mais leve que fazer faxina, eu ganho melhor e ainda o Dudu permitiu que eu estudasse quando tivesse tempo livre. – Sorriu. – Estou pensando até em tentar fazer faculdade. Estou mais feliz aqui.

- O Filipo chegou a ser agressivo com você, como patrão?

Um tanto sem graça, Cidinha fez um gesto afirmativo.

- Ele xingava, falava que eu era burra, que não sabia fazer nada direito. Esse tipo de coisa. Me explicaram que isso é assédio moral.

- Apenas isso? – Ramalho questionou.

- Não.... Nos últimos dias ele tomou liberdade comigo, pediu para eu pegar um uísque na dispensa e me encurralou com uma conversa estranha, que a família dele pagava o meu salário e se ele quisesse podia virar a noite ali comigo. Se o Miguel não chegasse danando com ele, só Deus sabe o que ia ser de mim.

- Ele te assediou? – Cidinha fez um gesto afirmativo para a pergunta de Pessoa. – Por que você não o denunciou?

- Vergonha... Nesses casos sempre culpam a mulher. A roupa que ela está usando, se está de batom, se estava no lugar errado. Tratam a gente como se fosse nada. Não lembram do caso daquele juiz que liberou um sujeito que gozou no pescoço de uma mulher dentro do ônibus, ele cheio de passagem na polícia por estupro? Quem ia me garantir que o seo Filipo não ia atrás de mim depois?

Pessoa compreendeu Cidinha. Infelizmente a maioria dos assédios e estupros não eram denunciados por esse motivo. As vítimas não tinham confiança o suficiente na polícia. Ramalho tinha a mente mais fechada que o amigo.

- Mas você aceitou ir à festa com o irmão da vítima?
- Aí que está a diferença. – Cidinha explicou. – Eu dei consentimento ao Miguel para sair comigo. Em momento algum que eu trabalhei naquela casa, e mesmo fora dela, o Miguel tentou forçar alguma coisa. – Disse deixando Ramalho sem graça. – Nós temos nos aproximado, Miguel é uma pessoa doce e agradável, não vi mal nenhum acompanhá-lo na festa. A dona Antônia que não gostou muito da minha presença e nem o Filipo, mas no geral eu fui muito bem tratada pelo restante da família.
- Vamos falar da festa. Você disse que ele não gostou da sua presença, vocês conversaram?
- A gente se esbarrou sem querer durante o blecaute que teve. Eu estava perto dos janelões e por isso deu para gente se ver.

Durante o blecaute

Miguel e Cidinha estavam de saída da pista de dança quando as luzes do salão se apagaram. Com medo de se perder, Miguel segurou em sua mão e juntos encaminharam até a área mais clara do salão, um dos janelões iluminados pela luz do luar. Miguel retirou o celular do bolso e iluminou o rosto de Cidinha que acabou sorrindo.

- Você está bem?
- Tô sim... O que será que aconteceu, hein? – Ela questionou.
- Nem os geradores funcionaram. – Miguel observou.
- Será que demora muito para voltar? – Cidinha questionou. – Estou morrendo de sede.
- Fica aqui, eu vou buscar alguma coisa para beber.
- Imagina, Miguel. Espera a luz voltar... Essa escuridão toda, capaz de você pisar em falso e torcer o pé, pode se machucar.
- Indo com o celular não tem perigo e eu também quero tomar alguma coisa. – Admitiu. – Você fica aqui pra gente não se perder. Tá bom?
- Tá...

Miguel então tomou uma atitude que certamente não tomaria se as luzes estivessem acesas, puxou a garota e depositou um beijo rápido em seus lábios. Os dois trocaram um sorriso e Cidinha assistiu ele sumir na escuridão. Ao se virar esbarrou em um homem tomou um susto ao ver Filipo. O ex-patrão a mediu de cima abaixo e então disse:

- Seo Filipo...
- Você não sabe mesmo o seu lugar, não é?

Cidinha não teve tempo de responder pois Filipo logo deu as costas e se encaminhou em direção a saída. Certamente Cidinha foi uma das últimas pessoas que trocou palavras com Filipo. Pessoa e Ramalho ouviram todo o relato atentos.

- A senhora tem certeza que era ele?
- Estava escuro, mas deu para reconhecer porque eu estava perto da janela e ali estava mais iluminado. Quando eu ouvi aquele pessoal da manifestação invadindo a festa, para me proteger, eu entrei na primeira porta que eu vi. Era o banheiro feminino e encontrei a Fernanda lá

com o Dudu. Eles também se esconderam ali para se proteger. Só saímos de lá quando a luz acendeu.

- O senhor Carlos Eduardo comentou sobre isso. Quando a luz acendeu o Filipo já havia despencado do prédio. Tem certeza que ficou no banheiro esse tempo todo?

- Eles ficaram o tempo todo comigo. – Cidinha afirmou. – Nós tentamos gravar o quebra-quebra lá do banheiro, no vídeo deve ter o horário. E eu mandei uma mensagem para o Miguel avisando que iria ao banheiro.

- Posso dar uma olhada nesse vídeo e na mensagem?

Cidinha entregou seu aparelho a Pessoa. De fato, havia uma mensagem a Miguel avisando que estava no banheiro e perguntando onde ele estava. Miguel apenas disse que estava bem e que era para ela sair dali apenas quando a confusão toda acabasse. O vídeo não era possível ver nada, mas dava para ouvir a voz dos três tentando relatar o quebra-quebra. O celular registrava o horário e pelas contas dos investigadores batia com o horário que Filipo despencou do prédio. Cidinha tinha um álibi, Ramalho insistia com as perguntas.

- Ouviu algum barulho de tiro?

- Não. Mas se ouvisse também podia passar batido. Estava uma gritaria grande.

- Após a senhora sair do banheiro, o que aconteceu?

- A gente saiu e estava aquela confusão danada. Um segurança do hotel tinha acabado de avisar a dona Antônia que encontraram o corpo do seo Filipo lá na calçada. Ela desmaiou, teve que ser atendida pelo médico.

- E o Miguel?

- Ele estava próximo do Leandro quando eu o vi. – Cidinha disse e logo em seguida refletiu. – É, próximo do Leandro.

- Quem é Leandro?

- O copeiro da família Vaccara.

- Copeiro? – Pessoa perguntou. – Os empregados foram convidados para a festa?

- Duvido muito. Nem quando a festa era no jardim da casa deles a dona Antônia gostava que a gente aparecesse. Eu ainda sou branca e ela não implicava tanto, mas a Michele e o Leandro que são negros, ela não gostava não. Absurdo, né? Racismo nos dias de hoje. A nora dela e a neta também são negras.

- Sem sombra de dúvidas é um absurdo. – Ramalho disse. – Mas o que esse copeiro estava fazendo na festa se ele não foi convidado?

- Eu não sei dizer... Mas o Leandro deve ter uma explicação. Deve ter um motivo para ele estar lá.

Depoimento de Leandro

Com a revelação da presença de Leandro no salão, os dois investigadores tiveram que esticar seu trabalho. Voltaram a mansão dos Vaccara para conversar com o mordomo. O papo entre o copeiro e os investigadores ocorreu na cozinha e em particular.

- Então você estava mesmo na festa?

- O doutor Filipo não havia se sentido bem para dirigir. Ele e a Vitória tiveram uma discussão muito forte antes da festa e ele ficou muito abalado, pediu para que eu dirigisse.

- Sobre o que eles discutiam?

- Bom... Eles nunca se deram bem, bastava estarem no mesmo ambiente e já estavam se

estranhando. – Fez uma pausa. – Mas dessa vez tinha um motivo especial sim. Eu estava no quarto da dona Antônia, recolhendo uns copos quando ouvi a conversa deles. A Vitória estava acusando o doutor Filipo de ser o pai dela.

- Pai? – Os dois sujeitos se surpreenderam não esperavam por aquela reviravolta. Pessoa se interessou. – O senhor pode explicar melhor?

- Posso sim. Eu quis ficar por perto com medo de acontecer alguma coisa e acabei ouvindo tudo. Vou contar para vocês.

Leandro repetiu tudo que havia ouvido da discussão de Filipo e Vitória. Não escondeu nada, nem mesmo a verdade sobre a paternidade de Filipo deixando os dois homens pasmados. O depoimento do mordomo contribuiria muito com as investigações. Após quase uma hora de conversa, se despediram de Leandro. O mordomo os acompanhou até a saída e em seguida procurou por dona Antônia. A patroa estava no escritório. Ela olhava antigas fotos da família que estavam guardadas em uma caixa de madeira. Sentia saudade de Filipo.

- Dona Antônia, será que eu posso falar com a senhora?

- Agora estou ocupada, Leandro.

- Mas é um assunto urgente.

- Aconteceu alguma coisa?

- Sim. Eu estou pedindo minhas contas. – Antônia o encarou surpresa. Leandro era seu melhor funcionário. Até Filipo que sempre implicava com os empregados não tinha queixas do mordomo. – Não vou mais trabalhar aqui.

- Mas por quê? Aconteceu alguma coisa?

- Vou mudar de estado, dona Antônia... Eu juntei um dinheiro durante esses anos que eu trabalhei aqui e agora que tenho uma quantia razoável, eu tomei essa decisão. Eu vou embora de São Paulo.

(...)

Na delegacia Pessoa e Ramalho continuavam trabalhando em cima do caso de Filipo. O delegado designou seus dois melhores investigadores para se dedicar exclusivamente aquele caso pois se tratava de um Vaccara, um dos nomes mais importantes na sociedade paulistana. Em um painel, Pessoa colocou fotos dos personagens do caso. A foto de Filipo estava no meio. Em volta fotos dos suspeitos: Marcelo, Vitória, Miguel, Leandro, Francesco, Antônia, Daniele, Dudu, Bianca, Fernanda e Cidinha. As fotos de Cidinha, Dudu e Fernanda havia no canto três esferas pintadas em azul. Nas de Bianca, Antônia e Francesco estavam em amarelo. E nas fotos restantes a esfera era pintada em vermelho. Guimarães explicava ao delegado o porquê daquelas esferas coloridas.

- Os de amarelo realmente tinham bons motivos para acabar com a vítima e esses em vermelho são os que preocupam de verdade. – Ramalho começou a explicar.

- Esse Marcelo tem um histórico que pesa contra. Ele sempre foi problemático, é dependente químico, estava embriagado e não lembra exatamente o que aconteceu. Além do fato da sua esposa ter tido um caso com a vítima. – Pessoa tomou a palavra. - A Vitória é uma inimiga pública do Filipo Vaccara e ainda tem o agravante de ter nos ocultado sua possível ligação sanguínea com a vítima. O Miguel foi muito impreciso em suas respostas e é pai de criação da garota. Se a história que o copeiro nos contou for verdade, ele foi muito prejudicado.

E do outro lado nós temos o copeiro que entrou na festa de penetra. O que ele estaria fazendo ali? – Pessoa questionou.

- Em amarelo colocamos os pais. Dona Antônia parecia amar o filho, mas como ela reagiria sabendo que ele causou um grande desfalque na empresa e que terá que devolver uma fortuna aos funcionários? O doutor Francesco parece estar passando por um remorso muito grande. Ele admite que errou com o filho. Talvez em uma discussão acalorada tenha feito besteira. Bianca é a filha reconhecida da vítima, sempre teve uma relação muito difícil com o pai e ela admitiu que a última vez que se falaram foi de uma maneira nada amistosa. E em último, também em amarelo a amante, Daniele. – Ramalho disse.

- Ela não estava na festa na hora, mas foi vista aos arredores. Um funcionário do hotel a reconheceu por foto. Nós fomos conversar com ela e ela provou que estava em um táxi na hora do assassinato. Tem até uma nota fiscal da corrida paga pelo cartão de débito. O que pesa contra a moça é o fato dela ser cúmplice da vítima como o vídeo fornecido pela Vitória comprova. Ela sabia de todo o plano, pode ter pago alguém para executar o serviço. – Ramalho disse. – Que eu acho que pode muito bem ter sido feito pelo copeiro.

- Existe a possibilidade. – Pessoa confessou. – Mas ainda é cedo para chegarmos a essa conclusão. – E por último, mas não menos importante temos a esposa da vítima, Fernanda Ribeiro Vaccara. Ela largou o marido para ficar com a sobrinha e sofria agressões da vítima. Por outro lado, ela não tem um histórico agressivo e já havia se livrado do casamento. A outra moça é a dona Aparecida, ex-empregada da casa. Ela foi assediada pela vítima, demitida e deu a volta por cima. As duas apresentaram o mesmo álibi. Estavam juntas no momento do crime, o Eduardo Feitosa estava com elas. As mensagens para o senhor Miguel e vídeo podem comprovar que de fato estavam juntas.

O delegado estava de pé, analisou o painel com cuidado. Era mesmo um caso difícil. A vítima parecia ser detestada por todos. Até os suspeitos que apresentaram o álibi do vídeo, o delegado desconfiava. Eles podiam ter atrasado o horário do celular e gravar o vídeo logo após a morte de Filipo forjando o horário. Seu instinto dizia que todos aqueles suspeitos deviam estar com esferas vermelhas.

- Me mantenham informado sobre o caso e apertem todos esses, mesmo quem vocês não consideram tão suspeitos. Eu vou precisar sair.

O delegado saiu e no caminho cruzou com o chefe da perícia. Ele tinha novidades sobre o caso.

- Duas informações para vocês. – O perito disse a Pessoa e Ramalho. – Primeiro, o corpo da vítima está liberado para o enterro. Segunda informação, essa bem interessante. Não foi encontrada nenhuma perfuração e a queda foi de costas.

- Então a hipótese de suicídio está descartada. E ferimento a bala também. – Ramalho concluiu. – Não há marcas de uma segunda pessoa no local do crime?

- Há marcas de várias pessoas porque estava ocorrendo uma obra no terraço. Será difícil identificar alguma pegada do assassino. A da vítima apenas descobrimos porque ela pisou no cimento fresco e ficou a marca.

- Que boa notícia. Só que não. – Ramalho comentou.

- Mas tem um detalhe importante na autopsia que talvez esclareça muita coisa. – O perito comentou. – Um detalhe que talvez tenha passado despercebido.

- O que? – Ramalho se interessou.

- Eu vou explicar... Esse tal de Filipo realmente estava com os dias contados.

O corpo de Filipo foi enterrado um dia após a liberação. A família inteira esteve presente, desde Francesco até os filhos de Marcelo. Depois do enterro a polícia deu continuidade as investigações. Agora todos seriam convocados para os depoimentos oficiais na delegacia. Fernanda havia sido chamada para depor dois dias após o enterro. Vitória tinha se comprometido em acompanhá-la, mas tinha compromissos profissionais, uma reunião com o setor de contabilidade da Vaccara para conversarem sobre o ressarcimento dos funcionários.

- O Dudu ficou de ir comigo. De lá a gente vai fazer uma visita ao Renato, eu estou devendo isso para ele, coitado. Depois ainda quero ver um sofá para o apartamento novo, amanhã eu pego as chaves.

- Eu queria ir, mas essa reunião eu não posso faltar mesmo. E ainda tem a posse do Marcelo para o começo da semana que vem.

- Tudo bem, amor... Eu sei que as coisas estão corridas pra você. – Aplicou um beijo na namorada. – Vou ficar bem.

- Qualquer coisa me liga, tudo bem?

- Tá bom. Fica tranquila.

As duas trocaram mais um beijo e Fernanda saiu do restaurante que haviam almoçado. Ela e Dudu se encontraram na delegacia. Quem colheu seu depoimento foi Pessoa acompanhado de um escrivão. Repetiu a mesma história que havia contado há alguns dias para os dois investigadores. Após assinar algumas vias foi liberada para ir para casa. Na saída da delegacia cruzou com Daniele. Há alguns dias não se viam pois Daniele acompanhou o enterro de Filipo de longe e havia se demitido da imobiliária de Dudu. Apesar dos olhares de censura, Daniele foi cumprimentar os dois, ainda deu os pêsames a Fernanda.

- Mas é muita cara de pau sua... – Fernanda disse. Agora não tinha mais nada a perder, não precisava manter as aparências com Daniele. – Depois de tudo vir me cumprimentar como se nada tivesse acontecido.

- Como é que você foi capaz de trair assim uma amiga? – Dudu questionou revoltado. – Você é tão suja quanto o Filipo!

- Vocês falam como se todo mundo fosse santo, é fácil chegar bater na minha cara, né? – Daniele se defendeu. – Não existe ninguém bobo nessa família não... – A Fernanda. - O Filipo te achava uma mosca morta, mas você não pensou duas vezes em trocar ele pela filha e compactuar com a vingança da Vitória, não é?

Fernanda parecia ter levado um golpe. Não estava certa do que ouviu.

- O que você disse? Repete! – Transtornada, Fernanda sentiu sua respiração acelerar. Sua cabeça dava voltas, segurou na mão de Daniele com força. – REPETE!

- Tá me machucando, sua louca!

- REPETE! REPETE, DANIELE! – Dudu estava assustado. Fernanda parecia descontrolada. – REPETE!

- A Vitória é filha de sangue do Filipo. Irmã de sangue da Bia! – Daniele repetiu a história que Leandro havia lhe contado logo após a morte Filipo. Daniele sorriu. Podia se dar por satisfeita, Filipo estava morto e pela cara de Fernanda, Vitória com grandes problemas. – Ela contou tudo para a Bia! Ela não te contou? Tão apaixonada e não te falou a verdade? Eu estou sendo a sua amiga! Você está trocou o Filipo por uma cópia muito mal feita dele. O sangue dos

dois é o mesmo! E é sangue ruim!

CAPÍTULO 39

- FERNANDA, FERNANDA! NÃO DE OUVIDOS PRA ESSA MULHER!

Dudu tentava segurar a amiga de todo jeito, mas Fernanda estava completamente esgotada psicologicamente depois de ser tão pressionada no depoimento. Não aguentava mais tantas tramoias e mentiras em sua volta. Ultimamente andava com medo até de onde pisar, era como se vivesse em um campo minado por vinte quatro horas. As palavras de Daniele tiveram o efeito de um fósforo aceso jogado no tanque de querosene que era sua cabeça naquele instante. Não deu ouvidos a Dudu, furiosa entrou em seu carro sozinha e partiu cantando pneus.

- DROGA! – Dudu xingou. Daniele assistia a tudo com ar de riso. – O QUE VOCÊ GANHOU COM ISSO? INFERNO!

Daniele sorriu.

- É para aquela pirralha metida da Vitória aprender a pagar uma informação o que realmente ela vale. Vitória é jovem ainda, tem muito o que aprender. Ás vezes a pechincha sai muito mais cara do que o preço total. Ela conseguiu as provas contra o Filipo, mas custou para ela, além dos seiscentos mil euros, a confiança da Fernanda. – Daniele encarou Dudu e afirmou. – Apesar de tudo, eu não desgosto da Fernanda... Ela merece coisa melhor que o sangue ruim dos Vaccara. Você que é amigo, abre o olho dela, Dudu!

(...)

“A Vitória é filha de sangue do Filipo".

“Tão apaixonada e não te contou?”

“Você está trocou o Filipo por uma cópia muito mal feita dele. O sangue dos dois é o mesmo! E é sangue ruim!

Aquelas três frases ditas por Daniele rodeavam a cabeça de Fernanda desde que ela pegou o carro. As palmas de suas mãos, empapadas de suor, seguravam o volante do veículo com afinco. Seu corpo inteiro transpirava, as vistas estavam confusas e a mente parecia fervilhar de tanta raiva que estava sentido. Mesmo depois de morto, Filipo arrumava um jeito de interromper

sua felicidade. Se Daniele estava falando a verdade, será que Bianca sabia de tudo? E Vitória? Será que a polícia também sabia disso?

Seus pensamentos foram atrapalhados por um sinal vermelho. Por pouco não ultrapassou. Parou no último segundo e logo um caminhão atravessou sua frente. Por centímetros não bateu seriamente com o carro. Respirou fundo. Ela precisava esfriar a cabeça caso quisesse chegar inteira em seu destino. E queria chegar. Tinha muitas perguntas que precisavam de respostas.

(...)

Vitoria, em sua nova sala, encerrava uma ligação internacional quando Yumê, sua nova secretária apareceu na porta. Vitória desligou o telefone.

- Vitória, licença, tem uma pessoa querendo falar com você, mas ela não marcou horário.
- De quem se trata?
- É a Fernanda, sua... – Por pouco Yumê não soltou a palavra tia. Não havia sido por mal, tratava-se de um lapso. – A dona Fernanda.
- Deixe-a entrar. Por favor, providencie café e água para nós.
- Claro.

Yumê se retirou aliviada. Caso Filipo ainda fosse seu chefe, ela estava frita. Ele não deixaria aquela quase gafe passar em branco. Sorte que Vitória não tinha puxado o gênio de seu antigo chefe. Ela era gentil. Vitória não compreendia o que Fernanda estava fazendo ali, mas a esperou com um sorriso no rosto.

A expressão se desfez quando Fernaanda se pôs na sua frente. Seus cabelos estavam mais revoltos que o comum, como se tivessem sido puxados e seus olhos estavam inquietos. Fernanda respirava tão pesadamente que Vitória podia ver seu peito subir e descer em ritmo acelerado. Fernanda não estava bem.

- Oi, amor... Aconteceu alguma coisa?

Os olhos da mais velha desceram por toda figura de Vitória. Como pode ser tão cega? A personalidade de Vitória podia se distanciar de Filipo, mas a aparência não. Os cabelos aloirados, os olhos... A boca. Miguel também tinha olhos claros, mas puxavam mais para o verde. O azul ardósia dos olhos de Vitória eram de seu marido morto. Nas dependências da Vaccara, Vitória lembrava ainda mais Filipo. Fernanda não sabia em quais circunstâncias aquilo ocorreu, mas ao botar os olhos em Vitoria, Fernanda soube que Daniele não blefou. Ela estava diante de uma de sangue filha de Filipo Vaccara.

Desde que Vitória apresentou interesse em sua pessoa, Fernanda se perguntava o que uma garota tão linda quanto ela, que podia ter a mulher que quisesse, queria dela. Alguém com o dobro de sua idade e ainda por cima cheia de problemas. Dependendo do que Vitória falasse, Fernanda teria a resposta de sua pergunta. Uma única questão poderia custar sua felicidade, mas não poderia deixar fazê-la, mesmo que aquilo lhe custasse caro.

- Por que você me escondeu esse tempo todo? – Fernanda questionou sem nenhum rodeio. Vitória, um tanto confusa, fitou-a. – Por que você não me contou que ele era o seu pai? – Vitória sentiu seus olhos empoçarem e o rosto arder. Enxergou decepção nos olhos de Fernanda e compreendeu que aquele sentimento havia sido provocado por sua causa. – Por que você não me disse que era filha de sangue daquele demônio do Filipo? Por que eu soube pela Daniele e não por você?

(...)

Micróbio trabalhava em uma central de entregas no centro da cidade. Passava a manhã e a tarde percorrendo São Paulo em cima de duas rodas entregando papéis e documentos importantes. Entrava e saia de escritórios e prédios comerciais o dia inteiro e não tinha horário fixo para almoçar. Por volta das três da tarde, Micróbio passou pela central para ver se tinha alguma demanda para ele. Alecrim, seu encarregado tinha algumas entregas para despachar, mas resolveu passar para outro e deixar Micróbio livre.

- E aí, família?! Tem mais algum corre pra mim?
- Sua minazinha passou aí..
- A Bia?
- É... Ela mesmo. Não tem dez minutos.
- O que ela queria?
- Está tentando falar com você... Ela parecia preocupada, vai fazer o teu almoço e leva um lero com a mina...
- Tá certo, Alecrim, valeu...

O encarregado fez um gesto afirmativo e Micróbio se afastou com o capacete embaixo do braço e o celular na mão. Verificou sua conversa com Bianca nas mensagens. Além de um recado pedindo para procurá-la, Micróbio encontrou três ligações perdidas da garota. Começou a digitar algo, mas desistiu. Achou melhor ligar direto. Na segunda chamada Bianca atendeu.

- Oi, Mi...
- Oi, cara... Cheguei aqui na central agora... Onde você está?
- No Viaduto do Chá. Me encontra lá no Bar do Toca?
- Tá, já estou indo...

O Bar do Toca era um ponto de encontro comum entre o casal. Como Bianca estudava e Micróbio trabalhava de fazia curso técnico, muitas vezes se encontravam rapidamente ali, no horário de almoço do rapaz. Assim que entrou no estabelecimento, um dos garçons cumprimentou Bianca. A garota pediu uma cerveja e esperou por Micróbio. Em poucos minutos o rapaz entrava no bar, sorriu ao ver Bianca, ele saldou o garçom que serviu a cerveja para a garota e seguiu até a mesa de sua namorada. Cumprimento-a com um beijo.

- Ainda bem que você não demorou... – Bianca disse. - Precisava te ver...
- Aconteceu alguma coisa? – O ruivo perguntou. Bianca fitou o motoboy. Tinha perdido seu pai e era uma das suspeitas do possível assassinato. Era óbvio que aconteceu algo. – Quer dizer... Além de tudo que aconteceu?
- Você tem tempo? Posso terminar minha cerveja e a gente dá uma volta?
- Beleza!

Em pouco tempo, Micróbio e Bianca caminhavam lado a lado sobre o Viaduto do Chá. Enquanto curtiam a vista panorâmica do Vale do Anhangabaú, os dois conversavam.

- Você disse que queria trocar uma ideia?
- É... – Bianca confirmou. – Eu só não sei se é uma conversa ou desabafo. Dois policiais vieram me procurar...
- Eles queriam seu depoimento?
- Eles disseram que era uma conversa informal... Pelo que está sendo dito, eu fui uma das

últimas pessoas que o meu pai falou antes de morrer. Eles queriam saber o que a gente falou... Essas coisas...

- E você falou?

- Não tudo.

Micróbio olhou para a garota.

- O que você escondeu deles?

- Não me olha assim... Foi uma conversa rápida... Se der algum BO eu digo que não contei tudo o que eu sabia porque não era um depoimento oficial. – Bianca se explicou. – Não queria prejudicar ninguém.

- Prejudicar? Como assim?

- É que se eu disser o que eu sei, talvez eu prejudique algumas pessoas... Eu estou com medo...

- Que pessoas são essas?

- São duas pessoas. A primeira delas é a Vitória.

- A Vitória?

- Ela é suspeita número um, né? Eu sei que ela e meu pai nunca se entenderam... Ela ainda ajudou o Filipo a ser expulso da Vaccara e ficou com a minha mãe. Se me perguntassem um possível assassino, meu palpite era a Vitória...

- Eu achei que você gostasse dela.

- Eu adoro a Vitória. Eu, mais do que ninguém, entendo a revolta que ela sente... Se eu estivesse no lugar dela eu estaria com muito ódio. Por isso que eu acho que pode ter sido ela... – Bianca falou. – A vida toda dela foi um engano.

Micróbio fez um gesto afirmativo. Por esse lado, Bianca tinha razão. O que não faltava para Vitória eram motivos para Vitória matar o Filipo.

- Você disse que tinha medo de prejudicar duas pessoas. Quem é a segunda pessoa?

- O Leonel...

- Da tua classe? – Bianca fez um gesto afirmativo. – Como o Leonel poderia estar envolvido?

- Tá ligado a manifestação que teve? – Micróbio confirmou. – O Leonel estava liderando os caras... Eles estavam muito revoltados com toda a roubalheira que o meu pai estava enrolado.

- Mas você acha que por causa disso ele mataria o seu pai?

- Tem outro lance que aconteceu... – Bianca coçou a cabeça um tanto sem graça. – Que eu preciso te contar...

- O que foi?

Bianca respirou fundo e disse.

- O Leonel se declarou pra mim.

O ruivo arregalou os olhos.

- O que?

- Ele se declarou... – Micróbio fechou a cara. – Não fica assim...

- Como ele se declarou?

- Aí, Mi... Não tem nada ver... Se eu soubesse que você ia ficar assim.

- Você não respondeu a minha pergunta.

Bianca virou os olhos já arrependida de ter procurado Micróbio.

- Rolou um beijo. Ele me beijou... Nós estávamos conversando sobre o meu pai e tal e ele achou de falar... Eu gosto dele, mas como amigo. Eu não vejo o Léo de outra maneira... Nunca dei abertura para isso...

- E mesmo assim ele não te respeitou e nem respeitou a gente...

- Ele nem sabia... – Micróbio não escondeu seu semblante aborrecido. – Nossa conversa sempre é sobre lance de faculdade... Ele achava que a gente só tinha ficado aquela noite.

- E por que você acha que pode ter sido ele?

- Porque ele falou que está gostando de mim há quase um ano... Porque ele acompanhou as merdas que eu passava com o meu pai, porque ele sabia que eu estava sofrendo... Ele estava na festa e eu vi o Leonel perto do meu pai na hora do apagão. – Aflita. – Eu tenho medo de ele ter feito uma besteira... Eu não sei mais o que pensar. Minha cabeça está uma loucura.

Micróbio coçou os cabelos.

- Ele estava perto do seu pai?

- Talvez tenha sido a última pessoa que tenha visto com ele. – Fez uma pausa. – Sei lá... Aquela adrenalina toda... Eu estou muito preocupada.

O motoboy se sentia chateado. Ele chegou a conhecer Leonel. Era um cara interessante, inteligente, bonitão, o tipo que chama atenção das garotas. Por que tinha que gostar justo da sua namorada? E por que Bianca também nunca disse ao garoto que tinha um namorado? Estava com medo de ela não ter dito porque no fundo tinha interesse por Leonel. Apesar das dúvidas assombrarem sua cabeça, Micróbio abraçou a namorada tentando tranquilizá-la.

- Você me deixou tranquilo.

Bianca se separou do garoto para poder olhar em seus olhos.

- Tranquilo?

- Tranquilo... Você estava estranha por causa do lance do Leonel, não é?

- Tam- Também...

Micróbio encarou a moça.

- Também? Tem outro lance...

- Não! – Bianca rebateu de modo agressivo deixando Micróbio sem entender. – Foi mal... – Bianca respirou fundo. – Eu tô nervosa com toda essa merda. Você me desculpa?

Micróbio fez um gesto afirmativo. Passaram mais algum tempo juntos e logo Micróbio teve que voltar ao serviço. Alecrim percebeu sua expressão confusa.

- Brigou com a minazinha, é?

- Mais ou menos. – Mentiu. – Tem alguma coisa pra mim?

- Uma documentação para pegar na Vila Madalena e levar em Santana. – Alecrim disse. – Você tá bem pra ir?

- Tô tranquilo. – Micróbio mentiu. Se já estava preocupado com Bianca, sua preocupação triplicou. A princípio ficou aliviado quando julgou que Bianca estava estranha por causa de Leonel, mas depois voltou a ficar com o pé atrás. Tinha medo de descobrir o que estava por trás

daquilo. O melhor era focar no trabalho para não esquentar a cabeça. – Tô tranquilo...

- Certeza?

- Absoluta. Não estou preocupado com nada não.

Micróbio disse com falsa convicção. Não queria estar preocupado. Bianca não ia ter coragem de fazer aquilo com o pai... Pelo menos Micróbio queria acreditar que não teria... Não queria pensar em uma possibilidade contrária aquela. Um tanto agitado saiu com a pasta de documentos. Havia chão para correr até Santana.

(...)

Fernanda entrou no escritório com um semblante de tormento tão grande que Vitória suspendeu o café e pediu um chá calmante. Apesar do transtorno visível em sua feição, Fernanda tentava não perder as estribeiras. A sensatez e calmaria eram marcas registradas suas. A afloração de sentimentos e explosões algumas vezes eram inevitáveis, mas Fernanda não gostava de passar aquilo. Quando se deixava o controle um pouco de mão, Fernanda tinha a impressão que recapturá-lo era uma tarefa árdua demais. Vitória não tirava os olhos da mais velha, não conseguia parar de pensar nas perguntas que a outra havia feito. Fernanda aguardou e tomou o chá. Ela não ficaria muito mais tempo sem suas respostas e Vitória tinha dimensão o quanto aquelas respostas a machucariam.

- Você está melhor? – Vitória questionou preocupada. – Fer...

Fernanda fitou a loirinha. Queria tanto que a história que Daniele lhe contou não passasse de uma mentira deslavada. Pediu a Deus que não fosse verdade, mas Deus não lhe atendeu. Sentia no coração que era tudo verdade. Fernanda tomou o chá e entregou a xícara vazia nas mãos de Vitória que deixou sobre a mesa. A loira estava para lá de aflita.

- Eu encontrei com a Dani na porta delegacia... Nós discutimos e nos ofendemos... Então... – Fernanda emudeceu e em seguida retomou a palavra, como se precisasse daquela pausa para reviver toda a cena na porta da delegacia. - Ela me contou que você é filha do Filipo e irmã da Bia. – Respirou fundo mais uma vez. Vitória sentia uma suave parede de lágrimas se construir na frente de suas vistas. - A pistoleira da Daniele me contou. – Fernanda repetiu, talvez com o intuito de ela mesmo acreditar o que dizia. - Por que eu tenho que saber de algo, que vai mudar a minha vida pelo avesso, através da Daniele? – Com um fio de voz dolorido concluiu. – Você dorme comigo. Por que eu soube por aquela mulher abominável e não por você?

Vitória baixou a cabeça. Não conseguia nem olhar para Fernanda. Suas mãos tremelicavam como se experimentasse passar por uma convulsão. Os dedos de ferro de Fernanda se fecharam sobre seus punhos provocando um choque que a fez erguer a cabeça e fitar as orbes castanhas que agora se apresentavam envoltas de tristeza e decepção. Vitória sentia seu queixo tremular.

- Fer... Eu...

Seu nervosismo era tanto a voz parecia se esconder. Fernanda insistia.

- Você precisa me contar! Vitória eu quero ouvir de você! – Fernanda cobrou, a loirinha fez um gesto negativo. Não aguentava mais falar de dor. Fernanda soltou seus punhos e sacudiu seus ombros. – Você me provou esse tempo todo que não era uma criança, que é uma mulher.

Aja como uma mulher e fale!

A voz de Fernanda, apesar de forte, saiu chorosa. Ela soltou os ombros da garota e Vitória deu um passo para trás de modo que pode admirá-la melhor. Fernanda era uma mulher e tanto. Mesmo se esvaindo em sofrimento, ela não perdia sua fibra. Precisava no mínimo estar a altura dela. Vitória juntou todos os seus cacos, respirou fundo e tomou as palavras para si.

- Minha mãe foi violentada pelo Filipo. – Fernanda fechou os olhos horrorizada. - Ele descobriu que ela e meu pai estavam juntos, que estavam apaixonados e começou a dar em cima dela, ela não quis nada com ele. De raiva, ele... – Baixou a cabeça. – Ele pegou ela a força na cozinha da casa dos meu avos...

Em um golpe só, tomada pela coragem, Vitória despejou em Fernanda todos os detalhes tenebrosos que sabia daquela roteiro aterrorizante que era sua real origem. Não deixou escapar a participação de dona Antônia encobrindo os crimes do filho e nem mesmo o empurrão que Maria Helena deu mandando o dossiê para o seu e-mail instigando para que fosse atrás de tudo. A única pergunta que Vitória não soube responder a Fernanda era como Maria Helena teve acesso aquelas informações. Ela não tinha ideia em que circunstâncias a ex-madrasta havia montado aquele dossiê e pouco lhe interessava.

O DNA que fez usando seu material genético comparado a uma escova de dentes utilizada por Filipo e ao protetor dentário que surrupiou do quarto de Bianca indicava que a madrasta não forjou o resultado do teste de DNA. Ela e Bianca eram meia irmãs, filhas Filipo. O testemunho de Celeste , uma ex-empregada da casa dos Vaccara, amiga de sua mãe, somado ao resultado de DNA era o suficiente para Vitória chegar a conclusão que infelizmente Maria Helena não mentiu com o dossiê.

Por mais que Vitória insistisse em acompanhá-la, Fernanda quis sair do prédio sozinha. Ela estava decepcionada com Vitória, triste por tudo que havia passado e muito machucada. Parecia que um caminhão havia passado em cima de seu corpo. Andou sem destino por muito tempo.

Por volta das sete da noite entrou em uma cafeteria, pediu um cappuccino e um misto quente. Enquanto bebericava seu cappuccino, Fernanda repassava alguns fragmentos da conversa que teve com Vitória no escritório. Não se perdoava o quanto foi ingênua.

- Ele era doente... – Vitória comentou. - Ele teve uma decepção muito grande com a minha vó e achava que o mundo devia algo para ele... Minha vó casou com o vô Francesco grávida de outro homem... Um sujeito simples que ela se envolveu na juventude...

- Então ele...

- Era bastardo. – Vitória concluiu. - Ele sempre foi tão bastardo quanto eu...

“O mundo é redondo”, Fernanda pensava enquanto termina seu misto quente. Tantas voltas que o universo deu e a história de Filipo sempre retornou ao mesmo ponto. Ele era um filho de fora do casamento que conseguiu gerar duas filhas. Ambas fora de seu casamento. A primeira, reconhecidamente bastarda e a segunda não o suportava assim como ele não suportava sua verdadeira origem.

O filho legítimo que teria com Fernanda, este nunca veio ao mundo por conta dele mesmo. Fernanda perdeu um bebê logo após descobrir um caso dele fora do casamento. Fernanda estava próxima da escadaria da mansão. Os dois discutiram fortemente e em um jogo de corpo dado pelo marido, Fernanda se desiquilibrou e caiu da escada. Na queda teve uma

hemorragia e perdeu o filho. Ficaram separados por algum tempo, mas acabaram se reconciliando.

Meses depois, Bianca chegou em casa. Vitória tinha razão, Filipo era doente. Enquanto procurava retomar seu casamento, estava atormentando a vida de Malu e Bianca. Após terminar o cappuccino, Fernanda pagou sua conta e pegou o carro. Primeiro pensou em seguir para Dudu, onde estava morando provisoriamente, mas mudou de ideia e chegou na cantina do irmão. Guilherme estava sozinho, Bianca tinha ido ao apartamento de Dudu atrás da mãe e por um motivo especial.

- A Daniele esteve aqui? – Fernanda questionou surpresa.

- Encheu a cabeça da menina dizendo que encontrou você, que vocês conversaram sobre algumas coisas... – Fernanda revirou os olhos. Daniele era mesmo muito baixa. Queria machucá-la usando Bianca. Ao olhar Guilherme, Fernanda compreendeu que o irmão já sabia do que se tratava. – Ela falou algumas coisas envolvendo a Bia, o Filipo e a Vitória. Eu...

Fernanda respirou fundo e confirmou a Guilherme.

- Ela não mentiu, Gui... Ela não mentiu. – Os dois se entreolharam e Guilherme se afundou nos braços da irmã oferecendo e também querendo conforto. Ele sempre foi muito ligado a Bianca. Aquela história mexia muito com ele. Acabou chorando nos ombros da mais velha. Não sabiam precisar por quanto tempo ficaram abraçados. – Fica assim não, Gui... As coisas não mudaram. A falta de caráter do Filipo não vai doutrinar o meu amor pela minha filha.

Guilherme fitou a irmã.

- Deve ser louco ter um filho, não é?

- Não é para amador. Bianca é a pessoa mais importante da minha vida. – Respirou fundo. – Ninguém pode mensurar a dor que estou sentindo. Só o Miguel. Ele criou uma filha enganado. E o caso dele ainda é pior. Foi enganado pelo irmão e pela mãe. Eu... Eu pedi para a Vitória falar com ele. Contar a verdade. Por mais que doa, ele tem o direito de saber.

- E você e a Vitória? Eu sei que ela devia ter contado, mas...

Fernanda fez um gesto negativo.

- Não tem “mas”, Gui... Estava na cara que essa história não ia dar certo. Achei melhor a gente parar por aqui...

- Então vocês...

- Eu terminei com a Vitória. – Fez uma pausa, eu fui atrás dela para fazer uma pergunta... Ela veio de Paris com o intuito de acabar com o Filipo. De vingar os pais dela e ela conseguiu. E eu precisava saber de algo.

- O que?

- Eu precisava saber se eu fui um instrumento nessa vingança dela. Perguntei pra ela.

- E o que ela disse?

(...)

- Eu amo você, Fernanda... Amo... Eu admiro a mulher que você é, eu admiro o seu caráter, o seu carinho... Você me envolveu de um jeito que eu pensei que eu jamais poderia imaginar... Esse tempo todo que eu estou aqui, era para ser o pior período da minha vida porque eu convivi com duas pessoas terríveis que é o Filipo e a minha vó, mas você deixou tudo menos

terrível com o seu carinho, o seu amor, a sua docilidade... Você deixa a minha vida muito mais bonita que é. O que a gente viveu, o nosso amor, os nossos sentimentos não são de mentira... Mas não foi o que planejei a princípio. – Vitória respirou fundo. – Eu sempre gostei de você... Mas inicialmente eu me aproximei pra atingir o Filipo.

Vitória acabava de repetir a Miguel tudo que havia dito a Fernanda. Apenas não falou porque Fernanda perdeu sua confiança. Ia contar, mas precisava de tomar coragem. O advogado tinha chegado da rua e passou no quarto da filha para ver como ela estava e a encontrou em estado deplorável. A loirinha chegou em casa com o rosto todo vermelho de tanto chorar e arrasada devido ao término. Não chegou nem a jantar. Miguel também abriu mão de jantar para ouvir Vitória e consolá-la.

- Eu tinha que contar a verdade. Não tinha?

- Claro que tinha. Por mais que seja dolorido pra vocês duas. Uma relação nascida da mentira não ia dar certo.

- Então você acha que não tem chances dela me perdoar?

- Claro que tem... Vocês se gostam. A Fernanda não abriria mão de um casamento se não estivesse realmente apaixonada. Só quis dizer que a verdade sempre deve prevalecer... Foi assim que eu te ensinei, não foi? – Vitória fez um gesto afirmativo. Encarou os olhos verdades de Miguel e pensou em tudo que ele havia dito e no conselho que Fernanda lhe deu antes de ir embora. Miguel não merecia mesmo ser enganado. Miguel percebeu o olhar significativo de Vitória. Procurou pela mão da loirinha. – Que foi, filha?

Vitória segurou a mão de Miguel.

- Me chama de filha de novo?

- Filha. – Miguel repetiu. – Filha, filha, filha, filha. Mil vezes minha filha. – Miguel afirmou a Vitória que votou a se comover. – Mesmo tendo nascido minha sobrinha. – Vitória encarou Miguel assustada. Ele estava bastante sereno. – Eu sei que você quer me contar. Eu soube de tudo... Eu queria que você me contasse pra nós dois... Pra gente dividir esse peso juntos. – Passou os dedos por baixo dos olhos de Vitória secando suas lágrimas. – Eu amo você de qualquer jeito, garota... Você é o bebê que estava na barriga de uma pessoa que eu amei demais. A filha que eu desejei, que eu pedi saúde, que eu comemorei cada aniversário, cada gol do Palmeiras... Você adoça a minha vida... – Vitória o abraçou emocionada murmurando um pedido de desculpas. – Tá tudo bem, filha... – Beijou sua testa em um gesto de proteção e carinho. – Minha filha...

CAPÍTULO 40

A cabeça de Fernanda pesava horrores quando cruzou o hall do prédio de Dudu. Antes de seguir para o apartamento do amigo, Fernanda passou em uma farmácia, comprou remédio para dor de cabeça e tomou, mas de nada adiantou. Sua enxaqueca tinha nome e sobrenome. Vitória Vaccara, e não passaria tão cedo.

O término com Vitória só não foi o episódio mais amargo que havia experimentado na vida pois já havia perdido seus pais e havia sido casada com Filipo que lhe proporcionou diversos dissabores, mas com certeza o término com a garota estava entre um dos episódios do topo. Certa vez leu em algum lugar que a decepção machuca porque nunca é vinda de inimigos. Da forma mais dolorosa possível, Fernanda comprovava que aquela frase era verídica. Abriu a porta com a cópia das chaves de Dudu e logo se deparou com Bianca. Dudu havia convencido Bianca a permanecer ali para não desencontrar da mãe. Espertamente serviu um chá com algumas gotinhas de um tranquilizante natural que usava nas noites de insônia e Bianca acabou pegando no sono no sofá. Dudu jogava uma coberta em seu corpo quando Fernanda chegou.

- Eu fui procurar ela no Gui, ele disse que ela estava aqui… Você acredita que a vampira da Daniele foi atrás dela pra fazer intriga?

- Ela me contou… Essa menina te adora… Morrendo de medo de você estar aborrecida com ela. - Fernanda sorriu. - Por falar em menina que te adora… A Vitória ligou atrás de você, preocupada. – Fernanda fitou Dudu. – Ela me contou tudo.

Os dois se encararam e Dudu pode enxergar toda a dor e desconfiança que pairava nos olhos de Fernanda em relação a Vitória. Abraçou a amiga e sentiu ela afundar o rosto em seu pescoço em um choro desmedido. Quando esteve próxima de Gui, Fernanda ainda se segurou um pouco porque o que o irmão tinha de bom coração também tinha de intenso, não queria que ele pegasse ranço de Vitória, mas diante de Dudu não se conteve.

O corretor era muito mais maduro que Guilherme e Bianca. Só ele poderia compreender que a raiva que Fernanda sentia naquele instante era proporcional à sua paixão pela garota e que apesar da mágoa, aquela não era uma posição definitiva. Dudu era um otimista de carteirinha e acreditava que muito água ainda rolaria por baixo daquela ponte.

- Por que ela tinha que ter feito isso? Tá doendo tanto!

- As pessoas erram, bebê... É assim mesmo. Eu sei que o histórico familiar da Vitória não ajuda tanto... Mas pensa por um lado, ela tinha todos os motivos do mundo para mentir pra você, mas ela quis deixar tudo em pratos limpos falando a verdade. Isso demonstra as intenções de verdade que ela tem com você... Se ela quisesse te machucar, ela permaneceria mentindo.

- Eu pensei, pensei nisso... Mas é que agora quando eu olho pra ela...

- Você vê o Filipo, né? – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Eu entendo você... Quando a Bia me contou e eu pensei nela e pensei em tudo que aconteceu. – Fez uma pausa. - É tão óbvio, né?

- Não quero comparar a Vitória com o Filipo, mas hoje quando ela disse que se aproximou de mim para me usar como instrumento de vingança, me deu tanto medo...

- Ela estava com raiva dele e raiva é uma vagabunda que faz a gente se perder algumas vezes... E outra coisa, bebê... Isso foi no passado.

- Mas aconteceu. – Fernanda argumentou.

- Eu sei... – Dudu falou. – E imagino o quanto está doendo, mas quer saber de uma coisa?

Tem um ditado russo que diz assim: “A carruagem do passado não nos leva muito longe". Eu sei que dói sim, que você saiu muito ferida da sua história com o Filipo, mas o que está no passado, já se foi... É passado. Você é nova, Vitória chega a ofender de tão jovem... Vocês têm uma vida inteira pela frente. Como diria o poeta... Tempo... – Colocou a mão sob o coração de Fernanda. – É um dos deuses mais lindos... – Fernanda sorriu. – Agora basta saber... Será que a carruagem do passado te leva tão longe quanto você merece ir nessa vida? – Fernanda e Dudu trocaram um olhar cheio de cumplicidade.- Não precisa responder agora. Tire seu tempo para pensar.

(...)

Em outro extremo da metrópole, uma cena parecida com aquela era protagonizada por Vitória e Valentine. A ruiva estava enfrentando sérios problemas com Marcelo e sua dependência química, mas não podia deixar de se importar com Vitória e todo conflito que passava. Ao ver a loirinha na sua frente com um semblante carregado de tristeza e desespero, Valentine a acolheu sem pestanejar. Vitoria resolveu sair para tentar esquecer um pouco seus problemas e quase sem pensar chegou no hotel que Valentine estava hospedada. Ao encontrar a loira no jardim do hotel, Valentine a abraçou e permaneceu assim até que Vitória se sentisse confortável para se manifestar.

Só depois de algum tempo Vitória falou sobre e o término. Valentine estava triste por ela e por Fernanda, a quem havia aprendido a gostar, mas não estava surpresa. Ela foi a primeira pessoa que observou que o interesse de Vitória pela esposa de Filipo era uma forma de atingi-lo como também foi a primeira que notou que Vitória encantava-se verdadeiramente por Fernanda e aquela mistura de estações podia custar caro a loirinha, como havia custado.

- Está com ódio de mim... – Vitória dizia a Valentine entre um suspiro e outro. – Eu consegui ver claramente nos olhos dela... Não era para as coisas serem assim... Ela acabou comigo.

As duas estavam na cozinha do apartamento de Miguel. Depois que Vitória contou tudo o que aconteceu, Valentine resolveu acompanhá-la até em casa, não sem antes passarem em uma lanchonete e comprarem algo. Vitoria não havia comido nada praticamente o dia inteiro e a ansiedade de toda aquela situação instigava a fome de Valentine.

- Eu sabia que isso ia terminar em sofrimento. Quando você bateu o olho nela no aeroporto eu já soube... Você quer da uma de icewoman, mas de mulher de gelo você não tem nada... Você é intensa, se apaixona e mergulha de cabeça. Bom, você é sagitariana, não precisa dizer mais nada. E tem mais... Você já ciscou muito por aí, mas no fundo teu sonho é levar vida careta, casadinha com a mulher que ama, com cachorro, gato, papagaio, periquito e filho... Foi assim com a Claire. - Vitória baixou a cabeça. – Tinha certeza que você não ia conseguir se aproximar da Fernanda só para atingir o finado não...

- Não sei o que eu faço... Eu sou louca por ela, eu me apaixonei de verdade, eu...

Valentine respirou fundo e então disse.

- A primeira coisa que você pode fazer, meu amor, é me ouvir uma vez na vida... – Vitória secava as lágrimas com as costas das mãos. – A segunda... Dá um tempo pra ela...

- Mas se o tempo passar, não é pior?

- Algumas vezes não... É machucado, Vitória. Vai ficar marquinha pra não esquecer... Mas a dor tem uma hora que passa... E se prepara pra encarar a Bia que aquela ali pra defender a

mãe é igual zagueiro, sai dando bico na cara de quem for... Amanhã você procura por ela e trate de limpar um pouco sua barra. Ela deve estar querendo seu rim.

- Com razão, né? – Vitória comentou desanimada. – E o Marcelo?

- Tenho duas boas e uma má noticia, qual você quer primeiro?

- As boas, pelo amor de Deus...

- A arma que no Marcelo levou não matou o Filipo.

Vitoria sorriu.

- Que bom, então não foi ele?

- Isso nem ele sabe dizer, já que ele bebeu tanto e a memória deu “tilt". A outra boa notícia é sobre seu irmão. Ele é um rapaz de juízo e seu pai não tá pagando a academia dele á toa. Ele que deu o apagão no Marcelo na noite da festa.

Vitória arregalou os olhos surpresa.

- O que? Como assim?

- Fabinho percebeu que Marcelo estava bebendo, armado e com a mão coçando pra fazer besteira, foi atrás do tio no banheiro da festa e meteu um golpe de jiu jitsu nele, Marcelo bateu com a cabeça, apagou e ele roubou o revólver para o Marcelo não fazer bobagem.

Vitoria estava estupefata com aquela história. Nunca poderia imaginar.

- O Fabinho? Não é coisa da cabeça do tio?

- Não é... Eu fui falar com o Fabinho e ele me confirmou.

Vitoria estava desnorteada.

- Mas o Fabinho é um garoto...

- Que de Fabinho só tem o nome, não é querida? Ele é bem parrudinho, tem uma parede cheia de medalhas e faixas que ganhou no jiu-jitsu e tem um braço da grossura da minha perna... Seu irmãozinho é um homem e tem muito mais juízo que o tio dele.

- Se a arma está com ele, então é melhor entregar logo a polícia...

- Aí é que mora o problema. Fabinho ficou com medo de pegarem ele com a arma e se livrou dela... Jogou no fundo do Rio Pinheiros.

- No fundo do rio? – Vitória levou a mão a cabeça. – Mas por que ele foi fazer isso?

- Assustado... O corpo é de homem, mas ainda é moleque, Vitória...

Vitória fitou Valentine.

- Você acha que... Que é verdade?

- O que? Que ele jogou a arma no rio? Por que ele mentiria?

Vitória deu os ombros.

- Ele é muito apegado ao meu pai e ao meu vô.

Valentine se assustou.

- Você acha que ele mataria...

- Não... Isso não, mas acho que ele seria leal o suficiente em proteger um dos dois.

- Mas matar...

- O Filipo não se matou. – Vitória afirmou. – Ele era narcisista demais para isso. Alguém matou, Valentine. – Preocupada. – Alguém matou.

(...)

Ao descer para tomar seu desjejum, Francesco estranhou a mesa vazia. Antônia não estava no quarto, julgou que a esposa havia acordado antes dele e foi tomar café. Matilde lhe explicou que Antônia já havia saído quando ela voltou do mercado com o pão fresco.

- Eu acho que ela foi tomar café em outro lugar. Eu fui ajudar a Michele com o café e me atrasei. É que é muita coisa para nós duas, seo Francesco. A Cidinha e o Leandro fazem falta...

- Essa casa está cada vez mais vazia. Os empregados, meus filhos, netos e agora a Antônia... Onde essa mulher se meteu? Será que ela está bem?

Antônia estava gozando da mais perfeita saúde. Havia marcado uma reunião cedo com Marco Bernades, um recém ex-funcionário da Vaccara. Ele era diretor de comunicação da empresa. Vitória o demitiu ao descobrir que Marco repassava 30% de seu salário para Filipo para permanecer contratado. O sujeito não estava nada satisfeito com a nova direção da Vaccara. Antônia também não estava satisfeita e precisava dos serviços de Marco para agredir uma inimiga incomum: Vitória.

- A senhora quer que eu espalhe fake news sobre a índole da sua neta?

- Quero. Ela matou o meu filho. Eu quero que ela pague por isso. Eu sei que você não engoliu sua demissão.

- A Vitória poderia ter sido mais flexível sobre a minha situação. – Marco comentou um tanto aborrecido. – Quanto a senhora pretende me pagar?

- O que você receberia em dois anos de trabalho. Integralmente.

Marco fez um gesto afirmativo.

- Negócio fechado.

(...)

- Vitória, Vitória... Acorda...

A loira demorou um tanto para reconhecer a voz que lhe chamava apressadamente. Só compreendeu que era Fabinho quando abriu os olhos.

- Oi... Que horas são?

- Quase meio-dia.

- Caramba... – Vitória se sentou na cama. Sua cabeça pesava horrores, ainda resultado da ressaca pós término. Esfregou os olhos para despertar. – Demorei para dormir, mas também, quando dormi, eu ferrei no sono... Era para eu estar na Vaccara.

- O pai deu ordem para sua secretária desmarcar seus compromissos de hoje. Ele queria que você descansasse, capaz de brigar se souber que te acordei. – Fabinho disse. – Mas é urgente...

- O que houve?

- Eu fui lá na casa do vô para ver como as coisas estão... – Vitória abriu um sorriso. Achava bonito o cuidado de Fabinho com o avô. – Aconteceu um lance estranho... Sabe o Matheus, aquele menino que ás vezes procura o Emílio pra brincar? - Vitória teve que puxar da

memória para se lembrar do garoto. Era um vizinho de condomínio, filho de um empresário emergente, ele e Emílio eram da mesma sala e os pais de Matheus eram vizinhos de Francesco e Antônia. - Ele ligou pra lá procurando o Emílio, eu falei que o Emílio não estava e ele falou que tinha esquecido que o Emílio ia viajar nas férias.

- Férias? – Vitória questionou sem entender. – Com quem, se a Dani não pode viajar? Ela está respondendo os processos como cúmplice do Filipo.

- Pois é, eu achei estranho e fui procurar o Emílio na casa da mãe da Dani.

- E ela deixou você falar com ele?

- Fui esperto, esperei ela sair para tocar lá, a vó dos meninos deixou eu sair com eles para tomar um sorvete... E eu sondei... Eles não sabem direito, mas a Dani falou alguma coisa sobre ir pra Foz do Iguaçu e proibiu eles de falarem para qualquer pessoa.

Um sinal de alerta acendeu na cabeça de Vitória.

- Foz do Iguaçu é fronteira com Argentina e Paraguai. Será que ela pretende fugir com os garotos para o exterior?

- Foi o que eu pensei, até porque o Leandro pediu as contas e você falou que eles tão juntos...Você acha que eu devo avisar ao tio Marcelo?

Aquela notícia era de interesse de Marcelo, mas Vitória tinha medo que ele trocasse os pés pelas mãos sabendo o que Daniele aprontava debaixo dos panos. Tinha uma ideia melhor.

- Fabinho, vamos sair... – E explicou ao irmão. – A polícia tem que saber de toda essa história. Se a Dani está planejando fugir com Leandro é que ela tem culpa no cartório.

(...)

Fernanda acordou cedo. Apesar de estar psicologicamente quebrada por conta de Vitória, Fernanda não se permitiu entrar em uma depressão pós término. Sua vida precisava andar. A primeira tarefa do dia foi uma conversa com Bianca. Pediu que a menina lhe contasse com detalhes sobre a descoberta de sua ligação sanguínea com Vitória. A conversa foi muito difícil para as duas, mas foi esclarecedora. Um abraço longo no término do relato fez Bianca compreender que Fernanda, apesar das mágoas com Vitória, estava feliz por elas.

Na parte da tarde, Fernanda saiu e por volta da seis apareceu na cantina de Guilherme. Precisava comunicar uma decisão a família.

- Você vai escrever uma carta aberta denunciando como o Filipo te tratava? – Guilherme questionou curioso.

- Sim... Eu vou falar tudo... O Renato vai me ajudar com a divulgação.

- Mas... – Guilherme ainda tinha suas dúvidas. - Você mesmo não disse que esse circo todo pode atrapalhar a polícia?

- Se eu ficar calada, eu posso prejudicar a Vitória. Vocês viram as notícias que começaram a divulgar dela agora a tarde? Estão espalhando mentiras como se fossem verdades.

- Um absurdo em cima do outro. – Bianca comentou. – Até notícia que a Vitória foi enviada a Paris pra se tratar por causa de drogas, comportamento violento. Conheço as pessoas de longe, Vitória é mega-careta.

- Aí é que está. Com certeza alguém está pagando alguma pessoa especializada em soltar fake news porque essas notícias se espalham rápido. Eles querem expor a Vitoria como agressiva e transgressora para jogarem a opinião pública em cima dela. – Fernanda explicou. - Todo

mundo está pintando o Filipo como um coitado e ela como a suspeita número um. Isso pode influenciar as pessoas e a investigação da polícia. – Fez uma pausa. – Se eu me calar, as pessoas podem criar teorias loucas e uma mentira virar verdade... – Tornou a repetir. – Não quero prejudicar a Vitória. – Guilherme e Bianca se entreolharam.- Isso não quer dizer nada... – Fernanda rebateu. - Eu continuo não querendo vê-la. Só acho injusto uma inocente sair prejudicada.

- Você tem certeza da inocência dela, mãe?

- Até provar o contrário todos são inocentes. – Fernanda afirmou. – Por que eu não teria?

- Motivos para matar ele é o que mais ela tem... – Guilherme disse. - E está mais que provado que as pessoas podem ser surpreendentes.

Fernanda se calou. Nesse quesito tinha que concordar com o irmão. As pessoas eram mesmo surpreendentes.

(...)

Três dias depois

Duas da tarde. Término de horário de almoço. Cidinha tinha marcado um encontro com Miguel próximo a construtora. Os dois estavam com o tempo muito corrido. Animada com o novo emprego, Cidinha tinha decidido retomar os estudos e fazia um cursinho noturno para retirar sua credencial como corretora. Miguel também andava ocupado com seu escritório, os problemas da família e da Vaccara. Aproveitavam as brechas para namorarem. Após almoçarem juntos, Miguel deu uma carona a Cidinha até próximo da construtora. Ela não deixou que ele seguisse adiante.

- Mas por que isso?

- Espia, Miguel... Olha a zoada que está na porta. Se os jornalistas te reconhecerem?

Miguel deu espiada. Coçou a cabeça em um gesto de preocupação.

- É... A bomba que a Fernanda jogou na internet explodiu.

A bomba que Miguel se referia era o vídeo produzido pela ex-cunhada e Renato. No vídeo, de mais de cinco minutos, Fernanda lia uma carta que ela mesmo havia redigido no qual relatava o comportamento abusivo do ex-marido e desmentia os boatos espalhados pelas fake news que Antônia havia produzido contra a neta.

Fernanda estava magoada com Vitória, mas não podia deixar ela ser condenada pelo cruel júri das redes sociais. Não era justo Filipo sair como um Mártir. Seu comportamento reservado foi deixado de lado e expôs sua intimidade mostrando até fotos de seus hematomas que haviam sido feitos por Filipo, seu carro batido e as roupas rasgadas por ele.

Desde a publicação do vídeo, a grande mídia estava atrás das corretora. Cercaram seu local de trabalho e sua antiga residência, a casa dos Vaccara. Cidinha conseguiu entrar na construtora com muito custo. Os jornalistas estavam sedentos por notícias. Encontrou um atarantado Dudu em sua sala.

- Eles não acreditaram quando eu falei que a Fernanda não estava. Ainda bem que não descobriram o meu endereço.

- Tomara que não descubram mesmo, aí que você perde a paz de vez. – Cidinha disse.

Os dois foram interrompidos por batidas na porta. Era Jeremias, um dos corretores.

- Vocês estão com a TV ligada? Não estão vendo?
- O que?
- A Dani acabou de ser presa. Estava fugindo do país com os filhos. Parece que a polícia descobriu que ela matou o cunhado...

Dudu ligou correndo a TV e pegou a reportagem já no finalzinho. Daniele havia sido presa tentando embarcar para Foz Do Iguaçu em uma rodoviária. Saiu do terminal algemada e as crianças estavam sob os cuidados de uma assistente social.

- Gente do céu... Coitado desses meninos... Imagina o Marcelo assistindo isso... – Cidinha se manifestou. - “Nó"! Será que ele está sabendo?
- Vou descobrir agora...

Dudu fez uma ligação para Valentine. Ela não atendeu logo. Apesar de estar no silencioso, ela se levantou da onde estava para atender. A ruiva acompanhava Marcelo em uma decisão muito importante que ele havia tomado na vida. Iria participar de uma reunião dos Alcoólicos Anônimos. Já tinha participado de algumas, mas dessa vez daria um passo além. Valentine não queria sair da sala, mas como o celular não parava, ela pediu licença e foi atender. Alguns minutos depois voltava. Incentivado por um dos Alcoólicos em recuperação, Marcelo dava seu primeiro passo sozinho. Quando Valentine entrou na sala o encontrou se apresentando para todos.

- O meu nome é Marcelo. Eu tenho 34 anos, sou pai de duas crianças e sou vice presidente de uma grande empresa que a maioria de vocês já deve ter ouvido falar, o nome dela é Vaccara Jóias. Eu estou aqui porque eu sou viciado em álcool e drogas. – Fez uma pausa. – Eu não sei bem o que dizer porque eu já vi algumas reuniões, mas eu nunca senti que eu precisava participar... Eu não sei... Eu... Bebo desde os meus catorze anos. Roubava vinho da adega do meu pai... Estou há vinte anos bebendo e nesses vinte anos eu bebi amizades, bebi minha ex-mulher, bebi alguns sonhos... – Entristecido. - Bebi minha juventude... Bebi a guarda dos meus filhos... Tudo, tudo, tudo de alguma forma, eu transformei em bebida e droga... E eu não quero mais isso pra mim... Eu não quero beber, não quero me drogar nunca mais... Mas pra nunca mais fazer isso, eu preciso aprender a dizer por hoje não. E é por isso que estou aqui. Eu quero construir o meu feliz para sempre com os meus filhos e a minha namorada e quero começar hoje dizendo não para a bebida e a droga.

Marcelo lançou um olhar um tanto reservado para o público que em poucos segundos o aplaudiu. Ao término da reunião, recebeu um abraço carinhoso de Valentine.

- Você foi muito bem... Nem parecia que foi a sua primeira vez falando...
- Eu estava tremendo mais que vara. – Brincou. Marcelo havia notado uma certa tensão no olhar de Valentine. Primeiro achou que era impressão, mas percebeu que não era quando sentaram-se frente a frente na mesa de uma padaria e puderam se olhar.
- O que foi?
- Eu tenho algo para te contar... Sobre a Dani... É sério.

(...)

Se a imprensa já estava em polvorosa por conta do vídeo de Fernanda desmentindo as

fake news, a prisão de Daniele foi a cereja do bolo. Vários jornalistas a esperavam na porta da delegacia. As crianças haviam sido levadas para o Conselho Tutelar. Na casa dos Vaccara, a TV estava sintonizada em um canal que havia interrompido a programação para transmitir a prisão da possível assassina de Filipo Vaccara ao vivo. Até os empregados assistiam o desfecho do caso na TV da cozinha.

Avisada por um telefonema de Cidinha, Fernanda ligou a TV e também assistia ao vivo. Daniele estava inconformada.

- Só uma pessoa pode ter assassinado Filipo. Quem roubou o poder, a posição, o dinheiro e a esposa dele. Só pode ter sido ela... – Afirmou diante das câmeras. – Quem matou Filipo Vaccara foi a sobrinha dele Vitória Vaccara!

- Desgraçada! – Vitória disse para si, já que assistia TV sozinha na casa do pai. E prometeu. – Você me paga, Daniele!

CAPÍTULO 41

- Essa é a última caixa mesmo ou já é um delírio meu? – Dudu questionou depois de depositar uma caixa de papelão grande com os livros de Fernanda dentro sobre a mesa da sala. – Eu estou morto...

O corretor se jogou ao lado de Fernanda que estava sentada sobre o sofá. Ela se encontrava tão cansada quanto ele. Os dois haviam feito a mudança de Fernanda para o novo apartamento dela. Depois de um mês, finalmente sua nova casa estava pronta. Se quisesse, Fernanda podia ter mudado antes, mas Dudu sugeriu que ela fosse apenas quando o apartamento estivesse com pronto. Fechar o contrato e decorar o local exigiram tempo e paciência de Fernanda, mas o resultado final tinha válido a pena. Estava do jeito que ela sempre sonhou como sua casa ideal: acolhedora, discreta e prática.

- Somos dois... Mas valeu a pena, não valeu?

Dudu sorriu. Olhou em volta.

- Valeu sim... Tá muito lindo... E muito a sua cara também... Ficou perfeito...
- Esse apartamento foi meu colete salva-vidas, sabia? – Fernanda disse.

Dudu sabia que era verdade. Ele e Fernanda se conheciam há muitos anos. Nem mesmo quando Bianca era pequena e Fernanda tinha que se dividir entre a criação da filha e a construtora, Dudu viu a vida de sua amiga tão atribulada. Filipo podia ter morrido, mas nem por isso deixava de incomodar menos a vida de Fernanda.

Após gravar um vídeo expondo o comportamento agressivo de Filipo e postar em suas redes sociais com intuito de desmentir as fake news inventadas por Antônia, Fernanda possuía poucos momentos de paz. A imprensa estava sempre em seu pé, voltar ao trabalho estava fora de cogitação. Sem o trabalho para distrair, Fernanda se concentrava em sua vida pessoal e logo a cabeça viajava até Vitória.

Naquele um mês, ela e a loirinha não haviam se visto por desejo dela. Vitória lhe mandava algumas mensagens, mas Fernanda evitava aprofundar o assunto. Acreditava nas palavras de Vitória, acreditava que ela realmente estava apaixonada, mas não conseguia simplesmente esquecer de tudo. Suas feridas não se fechariam de uma hora para a outra.

Por não manter contato com Vitória, parecia que os pensamentos na garota se tornavam mais intensos. Fernanda sabia que a loirinha estava bem através de Bianca, que volta e meia trazia notícias da irmã, mas apenas saber de Vitória era pouco. Sentia falta de conviver com ela, da forma encaixada que dormiam quando estavam juntas, do seu cheiro pelos lençóis, seu riso escandaloso e o sorriso escancarado.

Preocupava-se também com os rumos que a investigação tomava. Por mais que tenha se enganado com a intenção inicial de Vitória, Fernanda a conhecia e sabia que ela não seria capaz de matar Filipo. Tinha medo que a falsa narrativa de Daniele levasse Vitória a cadeia injustamente. Também por isso gravou o vídeo, para tentar proteger Vitória do julgamento da opinião pública. Ela havia sido uma das maiores vítimas do mau-caratismo de Filipo. O único momento que conseguia se desligar de toda aquela história era quando se concentrava em sua mudança. Saber que estava montando seu apartamento era como renovar a esperança em dias melhores. Como afirmou a Dudu, o apartamento foi seu colete salva-vidas.

- Depois que isso tudo passar, você devia tirar férias... Por uns dois anos seguidos...
- É uma ótima ideia, pena que meu chefe é um chato... – Fernanda brincou. Dudu mostrou a língua. O interfone tocou. – Nossa, que rápido!
- Você tá esperando alguém?
- Eu pedi um combinado japa pra gente... – Fernanda se levantou para atender o interfone. – Deve ser o entregador...

A corretora voltou alguns segundos depois para a sala de estar.

- É a Bia... Ela tinha dito mesmo que passaria aqui... Tenho que mandar fazer a chave para ela.
- Quando ela vem de vez?
- Não vem... Ela disse que morando com o tio fica mais fácil de ver o Micróbio... Vou ter que me contentar com alguns dias e só...
- Pelo menos ele parece ser um cara legal...

Disso Fernanda não podia se queixar mesmo. Micróbio era meio desligado, mas um bom menino. Em poucos minutos o rapaz apareceu ao lado de Bianca no apartamento. A corretora abriu um sorriso ao ver sua filha. Bianca estava com uma aparência bem melhor do que nos últimos dias. As duas se cumprimentaram com beijos e abraços.

- Estou vindo lá da Vaccara...

- Está tudo bem? – Fernanda questionou.

- Acho que sim. Tio Marcelo e Vitória vão conseguir devolver a primeira parcela do imposto fantasma que o Filipo criou para roubar os funcionários no final desse ano, junto do décimo terceiro. Eles estavam tratando disso.

- Eles estão dando conta de tudo? – Dudu questionou.

- Apesar de toda crise de imagem e essa dívida da Vaccara, estão sim... Tio Marcelo manja muito de administração e a Vitória e o tio Miguel sabem tratar com as pessoas. Está rolando.

- Menos mal, né? – Fernanda comentou.

- Eu preciso falar com vocês... O vovô foi chamado na delegacia.

- Por causa da Dani? Ela não provou que não foi ela?

Sim, Daniele havia provado que não estava na festa e sim dentro de um táxi na hora da morte de Filipo. O histórico de seu cartão de débito marcou o horário da transação para o pagamento do táxi, livrando-a da suspeita de ter passado despercebida pela festa. A polícia ainda quebrou seu sigilo telefônico e não encontrou nenhum indício que indicasse que Daniele havia encomendado o crime. Com a inocência comprovada, ela foi solta dentro de uma semana.

- Provou, mas ele não foi lá por isso não. Parece que a polícia descobriu o que aconteceu com o Filipo... – Bianca explicou. Dudu e Fernanda se entreolharam surpresos. – Eles precisam de uns relatórios que só ficarão prontos amanhã... Eles pediram pra gente se reunir na casa do vovô amanhã cedo para que eles revelem o que aconteceu. Você vai?

- Claro... Que horas?

- Ás nove. – Bianca disse. - Finalmente vamos descobrir quem matou o todo poderoso Filipo Vaccara.

(...)

Apesar da reunião na casa dos Vaccara estar marcada para as nove da manhã, desde cedo havia movimentação na porta do condomínio onde ficava a residência da família quatrocentona. Alguém da polícia vazou a imprensa que o caso Filipo Vaccara estava solucionado e que o nome do possível assassino seria revelado a família.

A notícia logo se espalhou entre os profissionais da mídia e na data marcada a imprensa fazia plantão na entrada do condomínio. Fernanda foi acompanhada de seu irmão Guilherme, Dudu e Bianca. Os quatro foram no carro de Guilherme tentando despistar os jornalistas. Em vão. Logo que chegaram foram barrados na porta por repórteres e fotógrafos. Apenas conseguiram entrar com o carro quando os seguranças do condomínio interferiram.

Fernanda desceu do veículo suando em bicas. Aquela era a primeira vez que entraria na sua antiga casa depois de muito tempo e encararia os ex-sogros e toda família de Filipo. Também seria a primeira vez, depois de dias, que ficaria frente a frente com Vitória. Além de ter que lidar com todos aqueles sentimentos, precisava ouvir o que a polícia havia descoberto sobre a morte de Filipo. Seu estômago chegava a queimar de tanta ansiedade. Michele veio lhe abrir a porta, a

cumprimentou formalmente e orientou que o grupo fosse até a sala principal da casa. Ao chegar no local, Fernanda encontrou vários rostos conhecidos. Antônia, Francesco, Miguel, Marcelo, Maria Helena, Fabinho, Valentine, Cidinha e Vitória.

O clima de tensão era palpável no ar. Apesar de muitos desafetos reunidos, Francesco fez questão que todos estivessem presentes para ouvir o que a polícia tinha a dizer. Não queria ficar repetindo aquela história por milhões e milhões de vezes. Fernanda desejou um bom dia geral e se recolheu ao lado da filha, do irmão e de Dudu. Vitória não tirava os olhos da ex-namorada. Sentia saudade dela. Apenas trocavam mensagens e Fernanda sempre apresentava um comportamento distante, fruto de sua mágoa. Esperaram os policiais por cerca de meia hora. Fernanda pediu licença para ir ao jardim tomar um ar acompanhada do irmão. Vitória, não se aguentando mais, se levantou para ir atrás dela, mas interrompeu sua ação. Estava quase chegando no jardim quando ouviu um princípio de discussão. Reconheceu as vozes. Retornou a sala. Daniele havia chegado e não estava em missão de paz.

- É UM ABSURDO, DEPOIS DE EU PROVAR POR “A" MAIS “B” QUE NÃO FUI EU QUE MATEI AQUELE INSENTO, VOCÊS ME OBRIGAREM A VIR AQUI OLHAR PRA CARA DESSE VERME COM ESSA SEM VERGONHA, LADRA DE MARIDO! – Daniele vociferou em direção a Marcelo e Valentine que estavam lado a lado. – ISSO É UMA REUNIÃO FAMILIAR, MINHA FILHA! – Daniele disse a Valentine. – VOCÊ NÃO SE TOCA? VOCÊ É MARMITINHA DA VEZ DO ZÉ DROGUINHA!

Marcelo fechou a cara, mas não se moveu, apenas respondeu a altura.

- SE TEM ALGUEM AQUI QUE NÃO DEVIA ESTAR PRESENTE, ESSE ALGUEM ERA VOCÊ. – Marcelo reagiu. E questionou Antônia. – Foi você que chamou essa mulher aqui?

- Eu? – Antônia revirou os olhos com desprezo e se retirou da sala atrás de um uísque. Ultimamente a bebida era seu maior refúgio. Por ela, Daniele tinha que sumir da face da Terra depois de ter causado tanto caos entre seus filhos.

- Fui eu. – Francesco afirmou ao filho.

- Por que, pai?

- Porque, você querendo ou não, a senhora Vaccara sou eu! -Daniele jogou na cara de Marcelo. – Se tem alguém que tem algum direito de frequentar essa casa, ou o que sobrou dela, sou eu, não essa vagabunda aí...

- Isso eu concordo... – Valentine se manifestou. – De frequência nessa casa você ganha de qualquer um aqui, porque era frequência no marido, frequência no irmão do marido, frequência no mordomo... Uma festa de frequências era só chegar e entrar na fila...

A troca de ofensas apenas não se transformou em uma briga física pois Miguel agiu rápido e segurou Daniele enquanto Marcelo afastava Valentine de perto dela. Daniele estava atacada.

- VOCÊ TA SE ACHANDO MUITO POR CIMA AGORA, EU QUERO VER QUANDO FOR PROVADO QUE ESSE DERROTADO SE ENCHEU TANTO DE DROGA E MATOU AQUELE VERME! – Olhou para todos. – ESTÁ NA CARA QUE FOI ISSO QUE ACONTECEU... FOI ELE! – Olhou para Vitória. – Ou será que foi uma das bastardinhas para vingar a mamãezinha golpista?

Vitória perdeu a cabeça e quase foi para cima de Daniele, mas foi contida por Bianca,

Cidinha e Fabinho. Respirou fundo. Aquilo era tudo que Daniele queria; causar confusão. Ela já estava mais do que perdida mesmo. Vitória fez um sinal para largarem ela.

- Deixa pra lá... Eu não chuto cachorro morto...

- O único cachorro morto que tem nessa história é o seu titio... – Olhou para Miguel querendo feri-lo. Miguel a segurava. – Ah não... O tio é você... Pode me soltar? – Pediu. Olhou para Maria Helena e Cidinha. – Nossa, Miguel, pra que me apertar desse jeito? Eu nem faço seu tipo, nem uso avental.

Em resposta, Miguel a largou com raiva. Por pouco também não perdeu a cabeça.

- DANIELE, VOCÊ AINDA ESTÁ NA MINHA CASA... – Francesco lembrou ela. – Chega de show!

- Não seja por isso, seo Francesco... – Daniele se manifestou. Fernanda e Guilherme voltavam do jardim assim como Marcelo e Valentine voltavam da outra sala e Antônia aparecia de volta com um copo de uísque nas mãos. Olhou para Fernanda e disse de forma provocativa. – Ao contrário de uns e outros, eu já provei minha inocência... Se eu fosse o senhor, tomava cuidado que essas aí, com cara de santinha, são as piores. – Afirmou sem tirar os olhos de Fernanda. – Enfim... Como eu não tenho mais o que fazer, estou indo... – Jogou um beijo no ar. – Até breve...

- Não tão rápido, senhora... – Uma voz masculina disse. Era Pessoa acompanhado do investigador Ramalho. Os dois haviam acabado de chegar, Michele abriu a porta e os conduziu até a sala principal da casa. Ouviram parte do diálogo de Daniele com o sogro e Pessoa aproveitou o gancho para anunciar sua chegada. – Ainda há muita coisa para ser esclarecida.

- O meu advogado já provou que a minha prisão foi uma arbitrariedade. Eu tentei fugir porque eu sei que sempre arrumam um jeito de incriminar quem tem menos dinheiro, mas o meu advogado provou com a quebra do sigilo telefônico e as transações do cartão que eu não estava na festa quando o Filipo virou mingau.

O policial fez um gesto afirmativo.

- De fato a senhora não estava envolvida diretamente com a morte de Filipo Vaccara. A quebra do sigilo telefônico comprovou que a senhora é inocente neste caso. – Daniele sorriu. – Mas também a quebra do sigilo telefônico entregou diversos outros crimes cometidos pela senhora. – O sorriso de Daniele morreu em seu rosto, para a secreta satisfação de todos. – A senhora e a vítima tinha um envolvimento amoroso e também uma espécie de parceria criminosa. Foi cúmplice de cada delito que a vítima cometeu dentro da empresa da família e ajudou ele a cometer outros. Ontem a tarde, o seu outro amante, senhor Leandro da Silva foi detido pela polícia no Paraná, em Foz do Iguaçu. Ele esta preso para averiguarmos um grande valor de dinheiro não declarado que ele tentava transportar para fora do Brasil. O testemunho dele e a quebra de seu sigilo telefônico deixaram a senhora bem encrencada.

- O que isso quer dizer?

- A senhora está presa sob acusação dos crimes de lavagem de dinheiro, corrupção passiva e ativa, tráfico de influência, entre outros crimes, senhora Daniele Vaccara.

Um policial se aproximou para algemar Daniele. Marcelo, corrigiu o policial sem esconder sua satisfação.

- Daniele qualquer outra coisa. Vaccara nunca mais.

Enquanto era levada por um dos policiais, Daniele gritava em alto em bom som.

- ESSA CORJA TODA TEM RABO PRESO, MAS CADEIA NESSE PAÍS É SÓ PRA QUEM NÃO TEM DINHEIRO! ISSO NÃO VAI FICAR ASSIM... VOCÊS VÃO VER!

Guilherme assistia tudo em choque sussurrou no ouvido de Fernanda.

- Depois acham que só pobre que é barraqueiro... Espia só...

Fernanda nem teve tempo de bronquear o irmão, Pessoa pediu para falar com o pai da vítima. Junto dos investigadores, seo Francesco seguiu para o escritório da casa. O ambiente na sala continuava muito tenso. Maria Helena ensaiou ir embora, mas Miguel não permitiu. A ex-mulher havia feito um dossiê contra seu irmão, por causa do dossiê Vitória voltou ao Brasil e contribuiu bastante com a derrocada de Filipo. Ele podia muito bem ter tentado agredi-la de alguma forma e ela, em defesa, o empurrou.

Ao lado de Miguel estava seu filho Fabinho, também preocupado. Não tanto com a mãe, mas com o pai e seu tio Marcelo. Ambos foram traídos pelo irmão da pior forma. Marcelo por meio de Daniele e Miguel pela mãe de Vitória. Fabinho conhecia seu pai, condenava qualquer tipo de violência, principalmente contra mulher. Eliane, sua paixão de adolescência, havia sido estuprada por Filipo. Por conta desse estupro, Vitória nasceu e Miguel a criou como sua filha enganadamente. Talvez, em um ato de revolta, ele tenha resolvido se vingar do irmão. O jovem garoto, agitado, se levantou e passou em frente a Marcelo e Valentine.

O casal estava de mãos dadas. Valentine passava força ao namorado que trazia um olhar inquieto. Desde que o delegado saiu acompanhado do pai, Marcelo esperava que eles voltassem lhe dando voz de prisão. Ele lembrava de poucos flashes da noite da morte de Filipo. Estava feliz por conta da derrocada do irmão. Antes de chegar ao evento, bebeu um pouco para relaxar. Lembrava-se que chegou na festa, todo o furor causado pois muito o consideravam morto. Recordou-se do encontro com Filipo na porta do elevador e o beijo que aplicou em seus lábios.

Muitos consideraram aquele apenas um gesto caloroso de carinho entre irmãos, mas os mais atenciosos sabiam que Judas beijou Cristo antes de traí-lo. Se ele tivesse matado o irmão, aceitaria sua condenação de bom grado. Filipo tinha quebrado seu coração quando dormiu com sua esposa. Quebrou o coração de quase todos ali naquela sala, desde os pais até a filha. Como marido, Marcelo não era um bom exemplo, mas considerava seus filhos a parte mais bela de sua vida. Como Filipo podia ter errado tanto com Bianca? Ela estava tão inquieta. Silenciosamente, Marcelo pedia a Deus para ser o culpado. Ele já tinha uma vida cheia de erros, preferia responder por assassinato do que ver uma sobrinha sua acusada pelo homicídio do pai.

Bianca se levantou e imitando o gesto da avó, dona Antônia, foi buscar algo para beber. Sentia sede, mas sentia ainda mais necessidade de se movimentar. Um desconforto muito grande atingia sua cabeça e Bianca sabia muito bem o nome daquele desconforto. Remorso. Queria estar sofrendo pela perda de Filipo, mas no fundo pouco lhe importava se ele tinha morrido.

Oras, como podia sofrer por um sujeito que acabou com a vida de sua mãe biológica e lhe fez mentir a vida inteira para sua mãe de criação, a mulher mais bem intencionada que conheceu na vida? Estava preocupada sim com Fernanda, com vô Francesco, com os primos, tios, com a irmã. Sentia remorso por não conseguir partilhar a dor deles, mas seu sentimento por Filipo continuava o mesmo do que quando ele estava vivo, puro desprezo. Incomodada com a dor de cabeça, Bianca se acomodou ao lado de Vitória. A loirinha segurou sua mão com carinho. De longe, elas eram observadas por uma ansiosa Fernanda e por Guilherme.

- A Bia é ligada mesmo na Vitória, né? – Guilherme observou.

- Normal, elas tem idade próximas, Bia sempre quis ter uma irmã. Pelo menos algo de bom nessa tragédia toda.

- Sei não...

- Que história é essa de sei não?

- Já pensou se foi a Vitória que deu cabo do Filipo?

- A Vitória? Não...

- Por que não? O cara ferrou com a vida dela, fez o irmão criar ela como se fosse filha, sempre a rejeitou, você mesmo me disse que ela chegou aqui querendo vingança. Ela, com essa cara de anjinha... Não coloco minha mão no fogo. Pior que a Bia vai sofrer muito... Quero nem ver...

- Ela tinha raiva dele, mas daí a matar... – Fernanda observava Vitória. Ela parecia a mais tranquila da sala.

- Ela não te enganou uma vez? – Guilherme disse. Os olhares de Fernanda e Vitória se encontraram. A loirinha tentou ensaiar um sorriso. Fernanda desviou o olhar querendo se manter imune a Vitória. – Hoje em dia, eu não boto a minha mão no fogo nem por mim.

Até algumas semana atrás, Fernanda julgava que Vitória seria incapaz de ser cruel com alguém até experimentar seu veneno. Vitória havia lhe ensinando que a linha entre o bem e o mal é bem mais tênue do que imaginava. Guilherme estava certo quanto a isso. As pessoas não são confiáveis. Apenas disse ao irmão.

- Eu também, Gui... Eu também...

Mais uma vez ela e Vitória se encararam, mas logo quebraram o olhar ao ouvir a porta do escritório se abrir. Antônia estava colada a porta. Vitória, que até então parecia tranquila, foi a primeira a se levantar e ansiosamente perguntar ao avô.

- Já sabem quem matou ele?

- Sim... – Francesco disse em tom firme. – Nós já sabemos como Filipo morreu...

- Como foi? – Miguel questionou.

O olhar de Francesco passou de um a um pela sala. Maria Helena, Miguel, Fabinho, Fernanda, Cidinha, Bianca, Dudu, Guilherme, Valentine, Marcelo, Vitória e por fim parou em sua esposa Antônia. Francesco tomou coragem e revelou:

- Foi um acidente...

(...)

- Um acidente? – Um dos jornalistas questionou Miguel. O, agora, filho mais velho estava ao lado dos pais, de Marcelo e do investigador Pessoa. – Essa foi a conclusão que a polícia chegou após esse tempo todo de investigação?

O plano inicial da família Vaccara era apenas emitir uma nota oficial, através de sua assessoria de imprensa, lamentando todo o ocorrido sobre o caso, mas com tantas especulações e boatos estourando pelas redes sociais, Bianca falou com seu professor Renato que deu a ideia de contarem todos os detalhes aos jornalistas. Dessa forma, com uma palavra oficial de alguém da família, os boatos e as Fake News logo perderiam forças. Miguel decidiu tomar a frente da situação já que seus pais não estavam em condições de dar entrevistas.

- Sim... Meu irmão tinha planos de trair a nossa família... Através da quebra de sigilo do celular dele, a polícia descobriu que ele havia armado o saque na festa, por isso ele estava com a mochila de joias na hora que faleceu. Ele subiu no terraço do prédio porque ele iria esconder as joias em algum lugar dali para pegar no dia seguinte. O Filipo sempre foi muito inteligente, havia planejado um esquema com funcionários do hotel, tudo estava encaixado. Ele apenas não contava que teria um mal súbito, se desequilibraria e cairia do alto do prédio, como aconteceu.

- Então está completamente descartada a possibilidade de assassinato? – Outro questionou.

- Completamente. – O investigador tomou a palavra. – A vítima estava fumando quando ela caiu. Encontramos a guimba do cigarro que ele fumava próximo ao ponto que ele estava. O terraço passava por reforma e no chão havia cimento fresco. No cimento há apenas pegadas do senhor Filipo, para que o empurrassem, era preciso que a pessoa se aproximasse para encostar nele e não há pegadas de uma segunda pessoa no cimento fresco. O doutor Filipo teve uma noite muito difícil, segundo relatos dos próprios familiares, ele discutiu com algumas pessoas, se aborreceu e segundo exames da autópsia, ele teve um infarto... Acreditamos que devido a dor do infarto e também ao álcool, o senhor Filipo tenha se desiquilibrado e caído do prédio.

Um terceiro repórter ergueu a mão.

- Filipo Vaccara tinha problemas cardíacos crônicos?

- Meu irmão era hipertenso, sempre levou uma vida agitada, algumas vezes abusava do álcool, andava relapso com a saúde e com as atividades esportivas. – Miguel disse.

- De acordo com o depoimento do senhor Leandro da Silva, o mordomo que levou o doutor Filipo até a festa, ele chegou a apresentar um mal estar antes de sair de casa. – Pessoa completou.

- É verídico que a cunhada e amante da vítima, Daniele Medeiros, estava implicada com o caso e foi presa?

Os olhares todos se concentraram em Marcelo. Ele respirou fundo e explicou pacientemente ao jornalista.

- Ex-cunhada da vítima, minha ex-mulher. A Daniele e meu irmão tiveram um caso e firmaram uma parceria criminosa e ela foi presa por crimes que não tem a ver com esse acidente que tirou a vida do meu irmão. – Marcelo disse. - Eu lamento muito por isso, porque, apesar de tudo, a Daniele é mãe dos meus filhos que ainda são pequenos e estão lidando com situações tão difíceis.

Enquanto a família Vaccara atendia a imprensa, Fernanda tratava de arrumar um jeito de escapar de todo aquele movimento. Oficialmente o caso estava encerrado, não tinha mais nada a fazer ali. Apenas queria tocar sua vida, ou tentar tocá-la em paz. Bianca ficou na casa dos avos Guilherme a deixou em um posto de gasolina e seguiu com Dudu. Ela precisava sacar dinheiro, ele queria deixá-la em casa, mas Fernanda o dispensou. Seu apartamento era o inverso do caminho de Guilherme. Após sacar algum dinheiro no vinte quatro horas do posto, Fernanda pegou o celular para pedir um carro por aplicativo.

- Fer... – Fernanda levantou a cabeça e se surpreendeu ao ver Vitória. A loirinha havia aproveitado que os jornalistas estavam distraídos com a coletiva de imprensa para sair do condomínio e ir atrás Fernanda usando a moto que Bianca ainda não havia retirado da casa dos avos. – Tudo bem?

- Oi, Vitória... Eu não vi você saindo...

- Sai seguido de vocês.... – Vitória explicou. – Eu precisava falar com você... Será que a gente pode conversar?

Fernanda ainda carregava no peito o sentimento que devia se manter longe de Vitória para o bem das duas, mas não teve coragem de dizer não a ela. Agora que a polícia havia esclarecido os fatos, um enorme peso saia de suas costas. Precisava tirar outro peso para enfim seguir em frente.

- Podemos sim.

- Você quer tomar um café?

- Podemos tomar na minha casa? – Fernanda ofereceu. – Acho que lá podemos ficar mais a vontade...

Vitória sorriu e concordou.

- Está certo...

(...)

Ao entrar no apartamento de Fernanda, Vitória abriu um sorriso. Achou aquele espaço a cara de corretora. Em cada detalhe viu um toque da mulher mais velha. Sentiu um aperto em seu peito. Se não tivessem brigado, talvez tivesse ajudado Fernanda a escolher as cortinas, o sofá, a cor das paredes. Vitória não ligava muito para decoração e Fernanda, por sua experiência com imóveis, tinha olho melhor para aquilo, mas o que incomodava Vitória é o fato de não estar participando mais da vida de Fernanda e por culpa sua.

- Fica a vontade, Vitória...

- Ficou lindo aqui...

Fernanda sorriu.

- Ainda preciso dar uma organizada em algumas coisas, o Dudu e a Bia me ajudaram. Você vai querer café mesmo ou um chá, um suco, refrigerante?

- Um café está ótimo...

Fernanda se retirou até a cozinha, Vitória aproveitou para dar uma espiada na paisagem da varanda. Fernanda estava muito bem localizada com uma vista a uma praça bastante arborizada. Acomodou-se em uma das poltronas da sala e minutos depois Fernanda apareceu com uma bandeja com xícaras de café e garrafa térmica.

- Acabei de passar...

- Obrigada. – Vitória pegou uma das xícaras e deu um gole. – Está ótimo...

- Eu não adocei, você gosta de puro, não é? – Vitória fez um gesto afirmativo. – Eu lembrei disso... – Vitória sorriu. – Que história do seu tio, hein?

- Você acredita nela? – Fernanda encarou Vitória sem entender. – Eu acho que só vou acreditar daqui uns dias... Agora eu só quero curtir o alívio dessa história ter acabado...

- Você acha que acabou mesmo?

- Ainda vão encher o nosso saco por causa dos crimes dele, por causa da Dani, mas acho que o pior já passou... Eles pegaram no seu pé por causa do vídeo, né?

- Encheram sim, mas eu não me arrependo não... As pessoas estavam acreditando nas

fake news, acreditando que o Filipo era uma boa pessoa. Ele não merecia sair por cima depois de tudo. – Fernanda respirou fundo. – Eu sei que agora ele está morto, mas eu precisava reagir...

- Com a Dani provando a inocência dela, as suspeitas recaíram em cima de mim... Se a polícia não descobrisse que foi um acidente, eu estaria muito ferrada.

- Você teve seus erros, mas não é justo você pagar por algo que você não cometeu.

- Como você tinha certeza que eu não matei ele?

- Porque você é sagitariana. - Fernanda brincou. – Até mataria alguém, mas jamais ficaria calada... – Vitória riu e se levantou. Fernanda estava certa. Por impulso, movida a raiva, mataria, mas jamais conseguiria guardar segredo sobre. Era inquieta demais para isso. – Eu me enganei com as suas intenções comigo, mas isso não quer dizer que eu não a conheço...

- E um dia será que você me perdoa? – Vitória perguntou dando um passo encurtando sua distância de Fernanda. Fez um carinho em seu rosto. – Porque eu acho que nunca vou me perdoar de ter te machucado...

As duas se entreolharam. Vitória via que a mais velha implorava por um beijo, entretanto nada fez. Não queria abusar de sua vulnerabilidade. Se tivesse que acontecer algo, era melhor que Fernanda iniciasse qualquer coisa.

- Não foi legal comigo ter me envolvido nas contas que você tinha que acertar com o Filipo. Eu não fiz nada de errado com você.

- Eu sei... E eu não sei mais como te pedir desculpas por isso... Eu faço qualquer coisa pra você me perdoar... Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Fernanda fez um gesto afirmativo.

- Tem sim. Não seja tão dura com você... – Vitória sentiu seus olhos se empoçarem. Fernanda a abraçou e deixou um beijo no topo de sua cabeça. – Eu queria que tudo fosse menos complicado do que é... Você tem noção de que você é irmã de sangue da minha filha? Imagina... Você passar uma vida inteira tentando engravidar, seu marido se negando, quando você consegue, você perde porque discutiu com ele... Aí uma menina praticamente cai no seu colo, sem pai nem mãe, e anos depois você descobre que, por mais de dez anos, você criou e amou uma criança que foi fruto de uma traição dele? Antes de pensar em voltar pra você, eu tenho que me acostumar com isso... E eu não sei quanto tempo isso pode levar... Entende?

Vitória fez um gesto afirmativo.

- Eu estou feliz em ouvir isso porque ao menos eu ainda tenho alguma esperança... – Vitoria respirou fundo. – Você sabe que eu vou voltar para Paris no final dessa semana com a Valentine, não sabe?

- Eu achei que vocês iam ficar de vez aqui.

- Valentine tem algumas coisas para fazer lá, mas ela volta para o Brasil. Ela foi para Floripa se despedir da família e descobriu que a mãe estava escondendo um tratamento de câncer... Ela quer trazer a mãe para um hospital especializado aqui em São Paulo, só vai pra lá para resolver umas pendências e depois volta. E eu... Devido a tudo que aconteceu, eu acho que eu vou dar um tempo... Não tanto tempo como da última vez... – Fernanda fez um gesto afirmativo. – Eu comprei um presente de despedida para você... – Vitória abriu sua bolsa e retirou um livro. Fernanda sorriu ao ver que se tratava do primeiro fascículo impresso de um cursinho de francês. – É uma língua muito interessante.

Fernanda sorriu e começou a folhear o livro. Na página de rosto encontrou uma dedicatória.

“Fernanda,

eu não tenho mais palavras para lhe pedir desculpas por ter usado você. Esse presente não é um pedido de desculpas, mas quando eu passei na livraria e vi esse livro, eu lembrei de você. Hoje faz mais de um mês que não nos vemos e nesse um mês não teve um dia que eu não deixei de sentir saudade do seu sorriso, da sua pele, do seu corpo e principalmente da sua alma. Naquela feirinha de antiguidades eu lembro que você me falou que hoje em dia as pessoas têm preguiça de consertar as coisas e acabam perdendo a essência delas... Eu quero recuperar a nossa essência e se algum dia, eu tiver uma oportunidade, eu não vou pensar duas vezes em consertar as coisas entre a gente... Isso não é um adeus, mas um “até um dia”... Ainda te espero para saborear a quichê *“a lá Fernanda"* no meu bistrô.

Beijos, Vitória”.

A página de rosto do fascículo foi umedecida por duas lágrimas grossas de Fernanda. A mulher mais velha fechou o livro e deixou ser abraçada pela loirinha.

- Vou sentir falta do seu charme de européia falsificado...

Vitória riu.

- Posso te ensinar a primeira frase do cursinho? - Fernanda sorriu e fez um gesto afirmativo. Vitória disse didaticamente. - Je t'aime, mon amour...

- Je t'aime aussi...

Os lábios naturalmente se atraíram e quando Fernanda se deu conta trocavam um beijo apaixonado com um gosto salgado de lágrimas e uma adiantada saudade. Vitória cerrava suas mãos desmazelando os cachos da cabeça de Fernanda ditando o ritmo passional do beijo. Ela sabia que ficaria um bom tempo sem encostar naquela boca e queria se despedir. Quando pararam de se beijar, não tiveram coragem de se separar. Mantiveram as testas coladas. Fernanda acariciou o rosto da mais nova. Trocaram um selinho.

- Eu só preciso de tempo... Tudo bem?

- Eu sempre falei que era questão de tempo...

As duas mulheres sorriram e voltaram a se beijar. Se era tempo que Fernanda precisava, não tinha problema, ela saberia esperar.

(...)

Ao ser avisada que tinha visitas, Daniele não se animou muito. Provavelmente era sua mãe. Já podia até prever o que ela falaria “Eu avisei para não se meter com essa gente, nunca da certo pobre e rico se juntarem" entre outras lamentações que estava cansada de ouvir desde que havia começado a namorar Marcelo.

Sua mãe era assim, uma mulher simples, que sempre se conformou com pouco. Sentimental demais, não tinha sua ambição e determinação. O guarda abriu a porta da sala e conduziu Daniele. Ao entrar na saleta, Daniele se sentiu envergonhada. Um sujeito muito bonito estava a espera. Ele tinha cabelos aloirados que combinava com sua pele alva. Os olhos eram azuis, lábios carnudos salientados por sua barba por fazer. Um terno italiano, caríssimo, cobria

seu corpo esbelto e definido. Mal se aproximou dele e Daniele sentiu seu perfume caro.

- Daniele Medeiros? – O homem sorriu. – Que prazer em te conhecer...
- Você é?
- Meu nome é Gustavo... Eu estou aqui em nome do doutor Navarro.

Daniele arregalou os olhos. Navarro era o deputado que tinha negociações com Filipo. Ela o conheceu apresentada pelo próprio Filipo. Filipo tinha convencido Daniele a jogar certo charme para cima do deputado para poder negociarem com mais facilidade. Navarro quis mais que charme e foram para cama uma única vez com o consentimento de Filipo. Daniele chegava a lembrar das palavras do falecido amante para convencê-la.

- É importante, Dani... Se você fizer tudo caprichado a gente vai ter o cara nas mãos... Além de grana, ele tem muita influência.
- Isso é nojento... – Daniele dizia enquanto observava Navarro de longe. Tinha zero atração por ele. Navarro estava longe de ser um galã e ainda tinha idade para ser avô de Daniele. Ele sorriu para ela que fechou a cara. – Não dá...
- Dani...
- Aquele homem é nojento... Ele tem cheiro de podre.

Após muito insistir, Filipo convenceu Daniele aceitar Navarro. Passou uma noite com ele e após isso não se viram mais. Por que ele mandaria alguém ali?

- Navarro? Deputado?
- Sou sobrinho dele. O meu tio tem visto os noticiários e anda cada vez mais incomodado com essa investigação da Vaccara financiar a campanha dele.
- Se está incomodando ele, que não aceitasse antes... Tão falando aí que vão me oferecer delação. Se oferecerem mesmo... Eu aceito e a casa vai cair para muita gente... – Deu os ombros. – Eu não tenho mais nada a perder...
- Eu não diria isso... O tio Navarro é um homem muito generoso... – Irônico. – Digamos que ele se comoveu com a sua história... – Daniele o encarou confusa. – E quer ajudá-la. Em troca você apenas se negaria em aceitar essa delação....

Daniele arregalou os olhos.

- Vocês são doidos em falarem isso aqui! E se vocês acham que eu vou perder a chance de delação por causa de merreca, eu...
- Daniele... – Gustavo disse calmo. – Daniele... Se você for uma mulher esperta, como eu acredito que seja... Você vai aceitar fazer esse pequeno favorzinho para o meu tio...

Daniele olhou em seus olhos. Gustavo era mesmo bonito.

- Estamos em uma delegacia de polícia... É arriscado, você vir aqui, ainda mais falar sobre isso, pode piorar a minha situação se o delegado ouvir.
- Se o delegado ouvir... – Gustavo repetiu com ar risonho e cínico. Sem pensar duas vezes. Ele segurou a mão de Daniele que estava sobre a mesa que separava os dois. – Não seja ingênua, menina... Policial ganhando salário de fome, tendo que fazer apreensão de R-15 com calibre 38, sem saber se volta para família ou não, Danizinha... Isso aqui... Isso aqui é Brasil... – Fez um carinho com seu dedão sobre mão de Daniele para tranquilizá-la. – E você sabe como funcionam as coisas no Brasil...

- Você está dizendo que... – Gustavo fez um gesto afirmativo confirmado que o delegado estava ciente do que ele fazia ali. Daniele não escondeu sua surpresa. – Nossa!

- O tio Navarro quer chegar longe... Essa investigação do finado Filipo... – Deu os ombros. – Isso aí vai acabar em pizza... Todo mundo sabe... Não vai pegar nada de verdade e tal... Claro que a imprensa vai ter os presentinhos dela, umas duas secretárias, um assessor talvez, esse tão de Marco que andou espalhando Fake News, mas é peixe pequeno... O tio Navarro mesmo tá dormindo feito bebê em relação a isso.

- Se ele está tão tranquilo, o que você está fazendo aqui?

- Tio Navarro quer se reeleger e não quer ficar desgastando a imagem com o nome dele vinculado a isso... – Gustavo fez uma pausa. – Você já ouviu falar no Carlinhos?

- Carlinhos?

- Meu primo, filho do tio Navarro... Ele é um rapaz assim, da nossa idade, e ele quer se tornar prefeito de São Paulo para atender um pedido do pai... Ele precisa de uma esposa para isso porque não existe prefeito sem primeira dama, todo mundo sabe... Só que o Carlinhos é um carinha meio... – Gustavo disse com ar risonho. – Desinteressado no assunto se você é que me entende... – Irônico. – Eu tenho um carinho imenso de verdade pelo meu primo... Mas muita gente talvez não ache isso legal...

- Entendi... Você e ele...

- Temos uma relação muito próxima porque dividimos apartamento, você sabe como as pessoas podem ser maldosas com um cara tão sensível quanto o Carlinhos... E a gente está atrás de uma esposa para ele e o Navarro lembrou de você... – Debochado. - Vocês se conheceram mais intimamente e ele ficou impressionado com a sua... Habilidade social...

- Você sabe que tem coisas que nem todo dinheiro no mundo muda, se o cara é...

- Ninguém tá nem aí se o Carlinhos é ou não...

- Nem você está aí? Porque se ele casar, você...

- Vou ficar muito feliz por ele... Sentimentalismo é uma coisa meio passada e eu te confesso que a minha praia é outra, mas pagando bem, que mal tem? Mas voltando a você... O Carlinhos é um cara tão generoso quanto o pai... Vocês formariam um belo casal. Casal vinte.

- Todo mundo ia me atacar, me apontar... Tem os meus filhos.

- Isso é inicialmente... Mas depois esquecem. Deixa as crianças com o pai... A gente soube que o pai queria a guarda deles. Um sacrifício ou outro a gente sempre tem que fazer. Eu mesmo... Meu sonho de garoto não era assim ter essa relação “próxima" com meu primo... Ás vezes eu tenho que ter uma imaginação fértil e pensar em uma atriz, uma modelo bonita na hora... E vai... Tô sendo franco com você. Tio Navarro podia pagar qualquer outra garota, mas digamos que você é a nora dos sonhos dele. Ele ficou impressionado mesmo com a sua habilidade social e quer ter você por perto... E o contrato de casamento é muito bom... Isso em troca de manter essa versão que você não sabe dos rolos do finado Filipo...

- Quem me garante que vai dar certo? Se o Navarro cair...

- Isso é fora de cogitação... Tem muito tubarão interessado que ele não caia porque se o Navarro cair em uma delação... – Risonho. – É capaz até da gente descobrir se a Capitu traiu ou não o Bentinho. – Gustavo brincou. – Ele já viu muita coisa... Ele está seguro... Existe um grande acordo nacional... Envolvendo Supremo, tudo... Quanto a isso você fica tranquila... - Daniele sorriu já bastante envolvida com a ideia. – O que você diz?

Foi a vez de Daniele provocar Gustavo. Com o pé, sutilmente subiu a barra da calça do rapaz e esfregou seu pé sobre a pele dele. Sentiu seus pelos se arrepiarem com o toque suave.

- Se a gente puder compartilhar uma relação tão próxima como você tem com seu primo... – Os dois trocaram um olhar malicioso e intenso. – Acho que podemos conversar sim... Quem sabe a minha habilidade social também não te impressione?

Gustavo sorriu. Era exatamente o que pretendia ouvir.

- Bem vinda a família Navarro, priminha...

(...)

- Mas é muita sacanagem mesmo... – Fabinho comentou com Vitória e Miguel. – A Dani ainda manteve no depoimento a versão que desconhecia todas as negociações do tio Filipo.

Já era início de noite. Os três assistiam TV na sala do apartamento de Miguel. Após o dia exaustivo, apenas queriam descansar. Assim que Vitória chegou em casa, Fabinho pediu uma pizza e então sentaram para assistir TV. No jornal da noite, entre as noticias, estava o desfecho da morte de Filipo e da prisão de Daniele. Após a visita de Gustavo, ela decidiu não aceitar a delação e manteve a versão que desconhecia as negociações de Filipo. O delegado repassava a notícia a imprensa e era o assunto da noite nos jornais.

- Isso não vai dar em nada... Quem vai pagar é peixe pequeno e idiota tipo o Leandro que tá preso dependendo de defensor público. – Vitória afirmou. – Nesse país as coisas são assim...

- Verdade, né? – Fabinho comentou desgostoso. – Que bosta!

- Vocês são novos pra apresentar essa posição tão conformista... – Miguel reagiu. – Eu não concordo com isso!

- Pai... As coisas são assim aqui desde que mundo é mundo... Quem tem dinheiro sai impune... Não vê o assassino do Filipo? – Vitória questionou. Fabinho e Miguel olharam pra ela surpresos. – Qual é? Vocês acreditaram mesmo que ele não foi assassinado? Tá na cara que o vovô pagou para encobrir a história verdadeira...

Fabinho e Miguel se entreolharam. O rapaz mais jovem parecia pender para o lado da irmã. Miguel não.

- Dá onde você tirou isso?

- Dá cara que o vovô saiu do escritório. Ele saiu arrasado demais para tudo ter sido um acidente... A polícia é corrupta, pai... Eles devem ter descoberto o que aconteceu, negociaram e inventaram essa versão do acidente...

- Eu tô com a Vitória... Pra mim o vovô negociou com eles também. E negociou pra proteger alguém... Ou o tio Marcelo ou a vovó.

- É isso. – Vitória disse. – Pra mim foi exatamente isso que aconteceu. E essa investigação da Vaccara... Só peixe pequeno vai preso. Isso aqui é o reino da hipocrisia e da demagogia. Vai tudo acabar ó... – Vitória deu uma mordida em seu pedaço de pizza. – Em pizza!

- Chega vocês dois! – Miguel reagiu irritado e decepcionado com os filhos. – Alguém aqui tem prova de alguma coisa para sair acusando alguém de suborno? O avô de vocês não comprou ninguém! Eu não quero vocês falando dessa forma... – Fabinho e Vitória se entreolharam sem graças. – Eu sei que a nossa família passou por muita coisa, o avô de vocês cometeu erros, nós vivemos em um país que acontece coisas absurdas, mas nem tudo esta perdido. – Fabinho e Vitória não pareciam tão crentes nas palavras de Miguel e mesmo assim ele continuou. – Eu sou advogado! Se eu desacreditar na justiça, como eu vou trabalhar amanhã?! - Miguel afirmou. – Apesar de tudo, ainda existe leis nesse país sim!

(...)

O investigador Pessoa estava dentro de seu carro particular, o rádio ligado, tocando Legião Urbana, “Que País é esse?”. Pessoa cantarolava junto com a música. O carro estava estacionado em frente ao condomínio onde se localizava a mansão da família Vaccara. Pessoa esperava Ramalho, seu parceiro de serviço. Os policiais haviam voltado a mansão para acertar um detalhe que havia ficado pendente com Francesco.

Pessoa interrompeu sua cantoria com a chegada de Ramalho que se anunciou dando batidinhas no vidro. Pessoa destravou as portas. Ramalho entrou. Trazia um sorriso largo no rosto.

- E aí, o velho cumpriu a palavra?

- Cumpriu! – Ramalho abriu sua mochila. Havia bolos e bolos de euros. Francesco apenas precisou de alguns telefonemas para levantar a quantia pedida pelos policiais. Era um dinheiro razoável, mas valia por sua paz de espírito. – Dinheiro vivo!

- Não tem risco de alguém descobrir o assassino do cara não?

- Pessoa, coloca uma coisa na cabeça. Filipo Vaccara enfartou e morreu porque se desequilibrou e caiu. Ele realmente enfartou, agora o que aconteceu entre ele e a pessoa que o velho viu subir as escadas... Esquece! E essa é a única versão existente! Tá me entendendo? – Pessoa fez um gesto afirmativo. Ramalho ordenou. – Se o velho preferiu assim, deixa estar como está!. Agora toca o carro daqui... Já pensou a gente é assaltado? Essa área tem muito ladrão!

Pessoa virou a chave do carro.

- Deus me livre de bandido! Soube ontem, que um parceiro meu de anos morreu em um assalto. O cara levou quinze reais dele. Morrer por causa de quinze reais. É brincadeira?

- É, meu Brasil, brasileiro... – Reflexivo. – Que país é esse?

CAPÍTULO 42

Guarulhos, dois anos depois

O voo 538, originado de Paris, chegou a Guarulhos por volta das duas horas da tarde. Assim que desceram da aeronave, os passageiros se depararam com um dia tão ensolarado que parecia até verão e não outono. A maioria deles exibia uma cara amassada de sono, pois ainda estavam no fuso horário da Cidade Luz.

Todo o trâmite pós desembarque durou cerca de uma hora. Vitória fazia tudo em ritmo lento. Era uma das mais sonolentas. Fernanda, ao seu lado, estava mais disposta. Ela trazia em seus braços a pequena Sayuri, uma menina de origem japonesa, de cinco anos de idade que Fernanda e Vitória criavam juntas. Sayuri dormia pesadamente causando inveja em Vitória.

- A vida é engraçada, não é? Eu ralo igual louca no bistrô e a minha meta de vida é essa

da Sayuri. Ter alguém que me carregue no colo para lá e para cá, me alimente, me deixa ver TV o dia todo, me encha de mimos.

- E a única tarefa que ela faz o dia todo é juntar os brinquedos que ela usa. - Fernanda comentou humorada. - Invejável.

- Outro dia eu mandei ela juntar os brinquedos que ela usou, aí ela disse era pra gente brincar de faxina. Ela era minha patroa e era pra eu ajuntar os brinquedos que ela ia sair. Ela foi para a sala e ficou vendo Toy Story…

- E você, Vitória? - Fernada questionou desconfiada. - Você não juntou os brinquedos, não é?

- Eu era empregada dela e… - Vitória refletiu e só então se deu conta que foi passada para trás. - Ela me enganou! - Derreteu-se. - Meu sushizinho é tão esperto… - Fernanda a fitou. Como toda mãe de primeira viagem, Vitória era completamente coruja. Se Fernanda não brecasse, Sayuri acabaria ficando mal acostumada. Vitória tratou de endurecer antes que ela, Vitória, levasse uma bronca de Fernanda. - Que vai ficar de castigo assim que acordar… - Voltou a se derreter observando a menina dormir. - Tão esperta!

Fernanda revirou os olhos e encerrou a conversa com um pequeno sorriso. Apesar da jornada atribulada cuidando de Sayuri, da casa, terminando seu mestrado e ainda retomando sua carreira de jornalista como repórter de uma revista especializada em atualidades, Fernanda não podia reclamar da vida.

Ela e Vitória residiam em um apartamento no coração de Paris, estavam há um ano e oito meses em um relacionamento sério, cheio de cumplicidade e ainda havia herdado metade de todo o patrimônio que Filipo possuía. Guilherme havia conseguido uma bolsa de estudos em uma renomada escola de culinária francesa, morava há poucas quadras da irmã e era aprendiz de Vitória no bistrô. Tinha uma mulher apaixonada, uma família amorosa, amigos leais, estabilidade financeira e morava em uma das cidades mais românticas do mundo. Seu único porém era a saudade de Bianca, mas isso se resolvia com tecnologia e viagens de seis em seis meses.

Com a herança do pai, Bianca vivia muito bem. Com a sua parte do patrimônio herdado de Filipo, Bianca havia aberto uma ONG chamada Malus e Elianes homenagem a sua mãe de sangue e a mãe de Vitória) especializada em oferecer atendimentos a mulheres vítimas de relacionamentos abusivos e de violência doméstica. Entre os serviços da ONG havia atendimento psicológicos, atividades profissionalizantes para emancipar mulheres que estavam em relacionamentos doentios pois não tinham como se manter financeiramente, cursos de noção de direitos entre outras atividades. Animada com a ONG, Bianca já pensava em sua segunda faculdade, Serviço Social. Ela e Micróbio moravam no apartamento que Fernanda havia comprado para si. Dois meses depois que Vitória voltou para Paris, Fernanda soube que seu irmão ganhou uma bolsa de estudos na Europa. Ao contar a novidade para Bianca, a garota deu uma sugestão a mãe.

- Por que você não vai com o tio?

- Pra Paris? - Fernanda se assustou. - Largar tudo assim? E você? Como fica?

- Qual é, Fer?! - Guilherme reagiu. - Bia é criança que já faz criança. Vamos sair vazado, vou precisar de alguém mesmo para rachar as contas lá.

Fernanda arregalou os olhos assustada.

-Você tá grávida? - Fernanda começou a metralhar a garota. - O tanto que eu te disse pra usar camisinha, pra tomar a…

- Tô nada, mãe… Bate na madeira! O tio que fica dando ideia nada ver… - Bianca retrucou. - Mas uma coisa ele está certo. Já sou mulher feita… Estou pensando até em casar.

- Casar? - Fernanda se surpreendeu.

- Me juntar, porque casar é coisa de velho. - Bianca disse. - Mas o Micróbio e eu estamos pensando em morar juntos sim…

- Mas você é tão nova… Vocês estão juntos há quanto tempo?

- Namorar, namorar oficial acho que tem uns três meses, mas já tem um tempo que a gente fica... Ah... Eu gosto dele. Vou ficar enrolando? Melhor se juntar logo…

- E vocês vão morar onde?

- Aqui… - Guilherme se intrometeu. - Baita de um apê… - Fernanda fechou a cara em direção ao irmão. - Qual é, Nanda?! Você vai para Paris comigo… Todo mundo sabe que você tá sofrendo longe da tua francesinha fajuta... Vai ficar aqui pra que? Terra de ninguém...

- Ih, se liga no cara… Nem foi e já tá com o espírito de burguês safado…

- Nunca. O homem sai da ZL, mas a ZL não sai do homem. – Guilherme brincou. – Já diz o ditado.

Bianca riu. Fernanda não conseguia compartilhar do clima descontraído do irmão e da filha.

- Mãe, não fica preocupada… O Mi é legal, eu vou ficar com quem me faz bem e você devia fazer o mesmo.

- Vitória engrossou com a bola no pé, beleza, errou… - Guilherme disse. - Mas, cara, ela tá arrependida… A garota é louca por você… A gente via…

- Mãe, você mesmo estava falando em dar um tempo do Brasil, de retomar sua carreira de jornalista… A Valentine conhece uma porrada de jornalista lá, você é fluente no inglês, tenho certeza que ela pode te ajudar a encontrar emprego, você pode fazer tantas coisas… Você merece tanto ser feliz. Por que você não pensa sobre o assunto? Aqui você não consegue trabalhar mesmo.

Fernanda embarcou ao lado de Guilherme um mês depois daquela conversa com Bianca. Não disse nada a Vitória. Valentine lhe passou o endereço do bistrô. Era um estabelecimento pequeno e bastante acolhedor. Vitória estava linda, em sua branquíssima doma de chef, na porta do bistrô. Ao ver Fernanda, abriu um sorriso de orelha a orelha.

- Fer... – Murmurou surpresa. - O que você está fazendo aqui?

Fernanda ergueu os ombros rendida.

- Matando a saudade do seu francês fajuto... Vim provar minha quichê... Vim...

Vitória abriu ainda mais seu sorriso e atendeu ao desejo urgente de seu corpo tomando os lábios de Fernanda. Não tinha ideia como ela foi parar ali e quanto tempo ficaria, apenas precisava matar a saudade. Ao se separarem, Fernanda riu.

- Sempre abusada, menina... Eu vim para...

- Ficar pra sempre...

Fernanda fez um carinho nos cabelos loiros da garota.

- Eu vim passar uns dias com o Gui... Ele esta estudando aqui...

- Você vai ficar para sempre...

E sem dar tempo de Fernanda pensar, Vitória voltou a beijá-la. Quando ouviu Vitória afirmar que ela ficaria para sempre, Fernanda interpretou aquilo como um rompante apaixonado da loira. Ela sempre foi doidinha mesmo. Agora, caminhando lado a lado com Vitória e segurando Sayuri, Fernanda compreendeu que maior loucura seria não ter ficado de vez em Paris. Jamais havia se sentido tão completa. Ao chegarem na saída do aeroporto, Romeu, o motorista particular de Francesco Vaccara, as esperava. Vitória ia chamar um carro por aplicativo quando Fernanda avistou o funcionário.

- Aquele não é o Romeu?

- É… Deve ter sido meu pai que deu ordens pra ele buscar a gente. - Vitória comentou. - Não gosto de dar trabalho… Falei pra ele que a gente ia sozinha.

Fernanda acenou ao motorista. Enquanto o homem caminhava em direção a elas, a jornalista disse a sua esposa.

- Agora que ele está aqui, vamos aproveitar… Até porque eu devo estar carregando o sushi mais pesado do mundo… - Fernanda brincou.

Romeu se aproximou das duas. Cumprimentou-as formalmente. Os planos de Vitória e Fernanda eram se hospedar no apartamento que Dudu dividia com seu novo namorado, Giuliano. Apesar de ser menor que a mansão de Francesco e Antônia, elas se sentiam mais a vontade na casa do amigo do que naquele casarão. Aquele local já havia sido cenário de diversas cenas tristes que marcaram a história da família. Episódios que Vitória e Fernanda gostariam de esquecer.

Os planos de seguirem para o apartamento de Dudu tiveram que ser abortados. Romeu portava notícias que não eram boas novas.

- Dona Vitória, dona Fernanda, o seo Miguel ordenou que eu levasse vocês diretamente para a casa do doutor Francesco.

- Mas a gente queria descansar, tomar um banho… - Vitória disse. - Depois nós vamos até lá para visitar os noivos.

Vitória e Fernanda já tinham planos de viajar para São Paulo por conta de um evento especial. Marcelo e Valentine finalmente oficializariam seu casamento no final do mês de maio. Marcelo continuava a frente da Vaccara e comandava a empresa com o auxílio de Miguel e sob a tutela de Vitória. Ela não podia estar presente a todo momento, mas como acompanhava toda a administração de perto por meio de e mails e videoconferências.

Marcelo andava sendo bastante elogiado pelo pai, por Miguel e pelos funcionários. Valentine também ia muito bem na sua vida profissional. Ela continuava fotografando, mas ao invés de top models, sua câmera ganhou as ruas. A visita que fez a cracolândia, na época do desaparecimento de Marcelo, havia tocado seu coração. A população de rua, os viciados, sempre tão marginalizados pela sociedade, foram os alvos de suas lentes. Tudo começou como um hobby, ao mostrar as primeiras fotos para Bianca, a garota se surpreendeu.

- Nossa, Vale… Por que não mostra isso para as pessoas? Você devia tentar fazer uma exposição.

- Imagina, pirralha… Um passatempo… Meu negócio são as modelos…

- Eu acho que você leva o maior jeito… - Micróbio comentou. - Você vive dizendo que anda cheia de ficar paparicando patricinha…

- Eu também… - Marcelo disse se sentando ao lado da ruiva.

- Sua opinião não vale, tio Marcelo… - Bianca retrucou. E brincou. - Pra você a Vale é boa em tudo que ela faz… - Disse arrancando risos de todos.

- Não mentiu! - Valentine brincou provocando mais risos enquanto roubava um beijo de Marcelo.

- Não mesmo… Melhor namorada…

- Namorada… - Matilde revirou os olhos. A governanta, ainda trabalhava na casa dos Vaccara. - Vê se você tem idade de namorar, Tchelo, quase quarenta anos na cara com dois filhos… Ela fica mais aqui que na casa dela. - Risonha. - Isso tinha que dar em casamento… Você é devagar quase parando. Daqui a pouco o Fabinho casando e você aí, parado!

Apesar do tom brincalhão da empregada, Marcelo e Valentine sentiram o rosto corar e foram alvo de piadas de Micróbio e Bianca. Algumas semanas depois anunciaram para família o casamento, motivo por qual Vitória, Fernanda e Sayuri compraram as passagens para o Brasil. Poucos meses antes do casamento, uma notícia desagradável chegou a família. O patriarca, Francesco havia detectado alguns problemas em seu exame de sangue. Após exames mais específicos, foi diagnosticado com leucemia.

Vitória veio para o Brasil assim que soube do ocorrido, logo que Francesco iniciou o tratamento e as sessões de quimioterapia. Apesar de todo cuidado recebido, a idade avançada o deixava cada vez mais debilitado e com baixa imunidade. Trinta dias antes do casamento, o médico de Francesco detectou que uma pneumonia tomava os pulmões do patriarca. Mais dias no hospital, médicos, exames e Francesco não conseguia reagir mais. Com pouco mais dez dias para o casamento, Fabinho ligou para irmã com um ar melancólico e fúnebre.

- Mas se está em casa, ele está tão mal assim? - Vitória questionou.

- Ele está em casa porque tem praticamente uma UTI montada no quarto dele. Você sabe como ele fica rabugento quando vai para hospital, ai o pai e tio Marcelo acharam melhor trazer todo o equipamento pra cá… Mas você quer um conselho? Adianta a sua viagem para dar tempo… - Fabinho prendeu a respiração. - Eu não sei até quando ele vai aguentar. O médico mandou a gente se preparar.

Vitória despediu-se de Fabinho arrasada. Há muito tempo Francesco andava com a saúde debilitada. O assassinato de Filipo já havia fragilizado bastante seu estado e com o passar do tempo a situação apenas piorou. Vitória passou o quadro a Fernanda.

- Coitado do seo Francesco. Apesar de tudo, ele é uma boa pessoa e se arrependeu dos erros. - Fernanda comentou. - Eu tenho impressão que a saúde dele piorou muito depois que sua avó teve o derrame… Ele vendo a situação dela, sem andar…

- E o Alzheimer dela também se manifestou, ela perdendo a noção das coisas… Deve ser muito difícil. Ele amou e ainda ama muito ela, mesmo depois de tudo… Você sabe que eu desconfio que foi a minha vó que matou o Filipo e o vovô encobriu? Até hoje penso nisso…

- Eu acho que não… Eu concordo que as circunstâncias foram estranhas, mas não… Era filho deles… Tira isso da cabeça, Vitória. - Fez uma pausa. - Vamos adiantar a viagem sim… Mesmo depois da morte do Filipo, seo Francesco sempre foi muito gentil comigo. Eu queria vê-lo.

Fernanda e Vitória tentaram adiantar a vinda o quanto puderam, mas chegaram em cima da hora. Fernanda logo matou a charada ao ver a expressão tristonha de Romeu. Ele trabalhava

há um bom tempo com os Vaccaras. Devia simpatizar com o patrão e estava sofrendo por conta de sua doença.

- Ele piorou, Romeu?

- Infelizmente, dona Fernanda. - Romeu admitiu. - O seo Miguel pediu para que eu esperasse vocês porque o médico desenganou o seo Francesco hoje de manhã… - Romeu disse com a voz embargada. Ele gostava mesmo do patrão. - Ele disse que é uma questão de horas. - Romeu explicou. Vitória se agitou. - Ele tem chamado muito pela senhora, dona Vitória… O seo Miguel pediu para que eu as levasse direto…

- Claro… - Vitória falou. - Vamos!

(...)

Dentro do carro, o clima era quieto e melancólico. O silêncio apenas não era completo, pois Sayuri havia acordado e assistia um desenho animado em seu tablet. Como Sayuri estava junto de Vitória, Fernanda aproveitou para mexer no celular. Uma notícia de um portal lhe chamou atenção. Era uma matéria jornalística sobre o casamento do ano com sua noiva, Daniele Medeiros.

Dudu, em sua última visita a Paris, chegou a comentar algo sobre Daniele ter conseguido se safar das acusações. Poucos meses depois de se livrar da polícia, Daniele apareceu na imprensa como noiva de Carlinhos Navarro, um dos maiores playboys de São Paulo, filho do deputado Navarro, envolvido nas negociações ilegais de Filipo. Segundo a matéria, Daniele e Carlinhos se casariam em breve. A matéria ainda fazia um perfil completo da noiva e a definia como uma moça bela, recatada e do lar. Fernanda respirou fundo e soltou um riso indignado que chamou atenção de Vitória e Sayuri.

- Que foi, mamã?

- Nada, meu amor… Mamãe leu algo que não gostou, mas não é nada de importante. Volta para o seu desenho. - Sayuri obedeceu a Fernanda. A mais velha disse a Vitória virando o celular em sua direção. - Viu isso?

Vitória deu uma lida rápida.

- Essa é boa. Fez o que fez, não está ai nem para os filhos… Depois que Marcelo recuperou a guarda deles, ela não aparece nem nos aniversários dos meninos. - Vitoria comentou. - Bela, recatada e do lar… Justo a Dani, maior va… - Vitória levou um cutucão de Fernanda para não falar palavrão na frente da filha. Sayuri percebeu algo estranho e olhou para a loira de forma curiosa. - Lorosa. Dani, a moça mais valorosa que eu conheci na vida… - Fernanda apertou os lábios se segurando para não rir. - Que tem muito valor, sabe, filha… Um anjo de pessoa.

- Ela vai estar na casa do vô Miguel?

- Não, mas seus priminhos vão estar… - Fernanda disse. - Lembra que eles foram visitar a gente com a tia Valentine e tio Marcelo?

- O meu tio bebê também vai estar lá?

Vitória e Fernanda riram. Desde que contaram a menina que Vitória ganharia um irmãozinho, Sayuri volta e meia tocava no assunto.

- Vai sim, mas ele ainda está morando na barriga da tia Cidinha. - Fernanda explicou. - E vai demorar um pouco para nascer…

- E vai demorar pra gente chegar?

O carro parou em um sinal vermelho. Vitória deu uma olhada e se preocupou. Um tremendo engarrafamento bem a frente.

- Pelo jeito vai… - Irritada disse a filha. - Bem vinda a São Paulo, Sushizinho…

(...)

Apesar do dia bonito e da família estar ali, toda reunida, não havia lugar para sorrisos, ruídos de crianças correndo pela casa e risadas altas na mansão dos Vaccara. Todos sentiam que em questão de horas, a morte chegaria naquele lugar. Vânia, uma das funcionárias contratadas após a morte de Filipo, trouxe da cozinha uma rodada de café e chá para todos. Ninguém havia solicitado, mas Matilde ordenou que ela levasse de qualquer jeito. Vânia deixou a bandeja, mas ninguém se serviu. Apenas houve algum movimento quando Marcelo voltou do quarto-UTI do pai. Ele estava bem abatido. Minutos antes Miguel havia saído do quarto com a mesma cara. Fabinho se levantou e perguntou ao tio.

- E aí?

- Continua chamando pela sua irmã… Eu não sei se ele vai aguentar esperar não…

- A Vitória mandou uma mensagem… - Bianca informou. - Disse que pegou engarrafamento. - Lamentações em geral. - Mas em quinze minutos está chegando… Tomara que de tempo.

Marcelo se sentou ao lado de Valentine e teve sua mão coberta pela noiva. Fabinho, muito grudado ao vô, era um dos mais abatidos. Ele estava sentado ao lado de Clarisse, a outra filha de Miguel. Cidinha gentilmente colocou um pouco de chá e levou ao garoto.

- Obrigado, Cidinha. Valeu!

- Pensa em coisa triste não… Pensa em coisa boa. Logo você vai conhecer sua sobrinha…

Fabinho sorriu.

- Verdade, né?

- A vida é engraçada. - Clarisse comentou. - A filha da Vitória é nossa sobrinha e sobrinha da Bia ao mesmo tempo.

- E do Davi que ainda vai nascer. - Fabinho comentou apontando discretamente para a barriga de Cidinha. - Vai ser uns seis anos mais velha que o tio.

- Verdade. - Clarisse falou. - Ela quis adotar tão cedo, né? A Vitória vai fazer 25 ainda.

- A adoção da Say não foi planejada… - Fabinho explicou a irmã. - A mae biológica era uma garçonete brasileira que trabalhava lá no bistrô, ela engravidou de um japonês que conheceu na Europa, ela foi atropelada e morreu, quando foram localizar a família dela, eles não quiseram saber da Say que foi para adoção. A Vitória e a Fernanda resolveram adotar ela.

- Quase igual a história da Bia… - Clarisse comentou. - Os dois foram interrompidos por um ruído de carro próximo. - Acho que são elas.

A suposição de Clarisse se confirmou alguns minutos depois. Fernanda e Vitória apareceram na sala de estar da mansão com uma expressão cansada e encontraram um ar fúnebre pairando sobre a família. O médico havia voltado a sala com uma má notícia. Francesco havia piorado e voltava a chamar pela neta. Todos estavam preocupados de ela não chegar há tempo.

- Filha, é melhor você vê-lo logo. - Miguel falou. - Ele já está esperando há muito tempo… Depois a gente conversa melhor.

Antes de entrar no quarto/UTI, Vitória passou no banheiro, se higienizou, colocou a vestimenta adequada e então entrou no quarto do avô. Um médico veio orientá-la.

- Ele não pode ter fortes emoções. Cuidado.
- Está certo…

Vitória colocou a máscara respiratória sobre o nariz e boca, respirou fundo para tomar coragem e seguiu em direção ao leito do avô. Francesco estava de olhos fechados. Muito mais magro do que Vitória se lembrava. Seus cabelos, branquinhos, estavam raspados devido a quimioterapia. O bigode, outrora farto e muito bem cuidado não existia mais por conta dos medicamentos. Sua pele estava tão branca que tinha aparência azulada. Francesco devia estar sem ver sol há tempos. O peito de Vitória se apertou ao vê-lo assim.

- Vô… Sou eu… Tudo bem…

Lentamente, Francesco abriu os olhos e Vitória observou uma névoa diante das orbes do avô. O azul das íris não continha quase nada de vida. Vitória sentiu o peito se apertar mais. Teve medo de não ser mais reconhecida pelo avô.

- *Mia carissíma*, Vitória. Belíssima. Que bom que você está aqui…

Vitória sorriu. Apesar da voz bem fraquinha e em estado debilitado, ele a reconheceu. *Mia caríssima* era uma forma amorosa que Francesco gostava se se referir a neta. Sempre admirou muito Vitória e depois que a neta desmascarou Filipo e salvou seu legado na Vaccara, a admiração se tornou um sentimento mais doce: gratidão. Vitória se encurvou para falar bem perto do ouvido de Francesco.

- Estou, vô. Vim antes do combinado só para passar um tempo com o senhor… Segurou na mão do avô. Estava um tanto gelada. - A Fernanda e a Saysay também estão aí…

Os lábios de Francesco se moveram na tentativa de um sorriso. Apesar de toda a situação envolvendo seu filho, Francesco não guardava mágoas de Fernanda. Pelo contrário, era grato por ela ter criado sua neta, Bianca, tão bem e por fazer sua outra neta feliz. O único porém que tinha com a corretora de imóveis é o fato de ela ter se mudado de vez para Paris ao invés de convencer Vitória a ficar no Brasil.

- Peça desculpa à ela por tudo… No nome de sua avó também.

Ao contrário de Francesco, Antônia não demonstrava nenhuma símpatia por Fernanda. Por mais que a polícia tivesse concluído que Filipo morreu de enfarto, a matriarca sempre fez questão de deixar bem claro que para ela Fernanda e Vitória eram as culpadas pela morte do filho.

Vitória não se importava. Desde que soube que a avó cobria os crimes de Filipo, incluindo o estupro de sua mãe, Vitória alimentava um profundo desprezo por Antônia. Em respeito ao avô, nada falava, mas pouco se importava como estava a avó. Ela havia se tornado uma desconhecida. Por conta da idade, do seu estado de saúde mental e físico debilitado, Antônia não pode responder por seus crimes, mas de certa forma havia recebido sua punição com a morte prematura do filho logo após ele traí-la tramando um golpe contra o seu maior legado. Além da

morte filho, Antônia vivia presa em uma cadeira de rodas por conta de uma doença nos ossos que impediam quase todos seus movimentos. Pior castigo para uma mulher tão ativa como ela sempre foi. A perda da independência. Vitória abriu um curto sorriso.

- Fernanda e Say lhe mandaram um beijo. Me falaram que o senhor estava me chamando…

- Filipo…

Vitória arqueou as sobrancelhas. O avô estaria delirando?

- Vô, o Filipo…

- Não foi… - Disse com a voz enfraquecida. - Não foi enfarto. - Vitória arregalou os olhos. Sempre desconfiou que o avô sabia. - Ele foi assassinado. - Francesco falava com certa dificuldade.

- Vô, o senhor não pode falar muito.

- Eu não tenho muito tempo… - Francesco disse. - Eu guardei o quanto pude. - Fez uma pausa. - Eu tenho direito de morrer em paz… - Vitória sentiu seus olhos se empoçarem. - Você é *mia cara*… Só você pode me ouvir… É o meu último pedido Me ouça. - Fez uma pausa. Sua respiração estava fraca. - Não foi enfarto. Não foi acidente. Eu vi alguém subindo aquela escada, naquela noite…

Vitória sentiu sua espinha gelar. Desconfiar era bem diferente de ouvir de Francesco que de fato aconteceu algo. Apesar de ter se passado dois anos, falar sobre aquela noite ainda abalava a chef de cozinha. Era um assunto delicado.

- Se o senhor sabia… Por que não disse a polícia?

- O Filipo fez mal há muita gente. Antônia nunca me disse nada, mas criei como meu filho e ele feriu os irmãos. - Francesco revelou deixando claro que de alguma forma sabia que Filipo não era seu filho de sangue. - Ele já estava morto.

- E o senhor conseguiu conviver tanto tempo com esse segredo?

- Ás vezes você ter memória fraca é uma dádiva. Eu queria cuidar de vocês. O Filipo estava morto, mas eu precisava cuidar de vocês. Eu preferi não dividir a minha dor com ninguém. - E repetiu algo que Vitória já tinha ouvido de Marcelo, Miguel e até Filipo falarem. - Um homem que não se dedica à família, não é um homem de verdade.

Vitória sorriu.

- Poderoso Chefão, dom Francesco Corleone? - Olhou para o avô. - Você queria preservar alguém, não é? Pagou os policiais para darem a versão do enfarto que é uma mentira. Quem foi, vô? Será que você consegue me contar o que você viu?

Francesco murmurou um sim.

- Eu não vi o que aconteceu… Mas eu vi um vulto subindo pela escadaria do terraço… Quando chegou no topo, eu vi quem era.

- Quem era?

Francesco fez um gesto negativo.

- É o suficiente… Eu amo você.

Aliviado, Francesco ensaiou um último sorriso e a vida então escapou por seus olhos azuis que agora pareciam duas pedras preciosas. Apesar de ter levado o nome literalmente para o túmulo, Francesco tinha confessado, enfim, seu erro por amor. Por amor, como um Deus, egoísta, livrou um culpado de responder por um crime. A morte de seu filho. Francesco devia amar muito quem ele estava protegendo. Vitória, com os olhos empoçados de lágrimas e tristeza, passou a mão pela face gélida do avô fechando seus olhos para o descanso tão merecido.

(...)

O velório de Francesco Vaccara foi um verdadeiro acontecimento na cidade de São Paulo. Apesar dos escândalos financeiros de anos atrás, a Vaccara era uma empresa tradicionalíssima na megalópole e Francesco um empresário muito querido, tanto pelos grandes empresários como também pela classe trabalhadora.

Apesar de possuir dinheiro, Francesco era um homem de trato simples com seus funcionários. A cerimônia fúnebre foi no Teatro Municipal da cidade e aberta ao público. Muitos amigos, conhecidos, concorrentes, admiradores, funcionários da Vaccara compareceram para se despedir do homem.

Após o velório, o corpo seguiu para cremação. Dessa vez os Vaccara quiseram privacidade. A pedido do próprio Francesco, ainda em vida, suas cinzas seriam jogadas no mar de Ubatuba, onda a família Vaccara possuía uma casa de veraneio. Por volta das três da tarde um cortejo de carros seguiu para o Litoral Norte de São Paulo.

O primeiro carro, conduzido por Romeu levava dona Antônia e Camila, sua cuidadora de plantão. O segundo carro trazia a família de Miguel. O advogado e Cidinha na frente. Fabinho e Clarisse estavam atrás. O terceiro veículo levava o núcleo familiar de Marcelo. Além dele e Valentine, Mário e Emílio ocupavam os bancos traseiros. O quarto carro era o de Bianca. Além dela e Micróbio também estavam Michele, Matilde e Vânia, as empregadas da mansão. O último carro era o de Dudu. Apesar de Fernanda não morar mais no Brasil, ele mantinha amizade com a família por meio de Valentine e Bianca. Dudu levava em seu carro, seu namorado Giuliano, Vitória, Fernanda e a pequena Sayuri. Por ordem de Miguel, os carros todos foram guardados na casa de veraneio da família e seguiram a pé até a praia que ficava há poucos metros da casa.

- Mãe… - Sayuri puxou a blusa de uma distante Vitória. - Posso ir lá com a Bia?
- Oi? - Vitória perguntou distraída.
- Pode sim, filha… - Fernanda autorizou. - Mas não solta da mão da sua irmã.

A garotinha fez um gesto afirmativo, soltou a mão de Vitória e saiu correndo embrenhando-se entre Bianca e Micróbio. Apesar da distância física, Bianca procurava sempre manter contato com Sayuri por chamadas de vídeos e telefonemas. Sempre quis ter uma irmã e agora, por um acaso da vida, sua irmã mais velha criava sua irmã caçula junto de sua mãe, que por ora era sua cunhada, já que era esposa de sua meia irmã de sangue. Sayuri não entendia muito bem todas aquelas ligações, ela era pequena demais para isso. Algumas pessoas de fora comentavam maldosamente sobre o elo confuso que havia se formado na família com o romance entre tia e sobrinha, mas na prática aquilo pouco fazia diferença. Eram uma família como outra qualquer.

Vitória, de olho na cena que se desenhava a sua frente, abriu um sorriso. Fabinho segurava a urna com as cinzas do avô enquanto Clarisse e Camila seguiam lado a lado conversando. Camila empurrava a cadeira de Antônia. Fabinho já havia comentado algo sobre o interesse de Clarisse na cuidadora da avó e pelo que Vitória via, o interesse era mútuo. Aquele

era o grande castigo de Maria Helena. Clarisse, assim como Vitória se interessava por garotas. Fabinho, um tanto influenciado por Vitória, estava no primeiro ano de Gastronomia. Os dois podiam não ser irmãos de sangue de Vitória, mas tinham muita coisa da loirinha.

Atrás do trio de jovens e Antônia, Marcelo e Miguel seguiam se amparando. Como bons descendentes de italianos que eram, gostavam de um contato corpo a corpo e se apoiavam em um abraço fraterno. Miguel segurava a mão do sobrinho, Mário e Marcelo a de Emílio. Cidinha, Valentine estavam atrás dos respectivos parceiros acompanhada das empregadas da casa. Dudu e Giuliano andavam de mãos dadas enquanto Micróbio e Bianca seguravam as mãos de Sayuri. Embora o momento fosse triste, Vitória lacrimejou de felicidade por ver a união presente ali.

Sua lágrima foi amparada pelo dedos de Fernanda. Suavemente ela tocou seu rosto.

- Não fica assim.
- Estava pensando nas coisas que ele me disse lá no quarto…
- O que ele te disse?

Vitória olhou mais uma vez aquele retrato da família a sua frente. Clarisse não estava na festa, mas Fabinho estava. Ele podia muito bem ter empurrado o tio do alto do prédio para se vingar do pai enganado. Antônia, na cadeira de rodas, havia se amargurado totalmente para a vida após a morte do filho. Filipo havia arquitetado um grande golpe que seria uma facada nas costas da mãe. Sua amargura seria remorso? E Marcelo e Miguel? Qualquer um dos dois tinham motivos mais que suficientes para tirar a vida do irmão em um ataque de raiva. Cidinha, tão humilhada por Filipo, teria ido a forrá em um ato de violência? Seria tão inocente como aparentava? E Valentine? Tão apaixonada por Marcelo que se vingaria por ele? Micróbio mataria pelo mesmo motivo para se vingar de todo mal que Filipo havia aprontado para Bianca? E Bianca? Até ameaçá-lo com uma faca já havia ameaçado. Dudu? Agredido por fisicamente por Filipo, será que se vingaria? Quem quer que fosse, Francesco não revelou verdade pois sabia que poderia causar enorme sofrimento a alguém que amava. Mas quem? Só podia ser uma daquelas pessoas. Mas qual delas? Quem era o dono da silhueta que havia subido as escadarias naquela noite infeliz? Por que o avô fez isso?

- Vitória? - Fernanda a chamou. - Você pode falar o que seu avô te disse no quarto?

Seria Fernanda? Se havia alguém que tinha motivos para tirar a vida de Filipo, esse alguém era Fernanda. Humilhada, enganada, agredida uma vida inteira. Ferida. Uma mulher nesse estado pode ser perigosa como um caco de vidro. Quando pisado pode machucar.

Vitória não sabia responder, mas se a polícia chegasse ao nome de Fernanda, Vitória sofreria bastante, não pelo ato em si, mas por saber que depois de tudo, Fernanda seria condenada e marcada para sempre. O avô protegeria Fernanda para preservar ela, Vitória, de todo o sofrimento? Para Bianca não ter que lidar com o trauma da mãe matar pai? "É o suficiente… Eu amo você", aquela era a frase do avô quando questionou quem se tratava. Era tão mais fácil ele falar um nome. Ele não quis falar. Vitória fitou Fernanda. Mataria? Vitória sabia que a resposta era afirmativa. Fernanda já havia perdido um filho e não queria experimentar aquela dor de novo. Filipo havia ameaçado todos. Nem mesmo preservou a filha. " Se foi mesmo ela… Até o crime dela é bonito…", era a única coisa que Vitória conseguia pensar. Ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém, mas Filipo passou uma vida plantando ódio nas pessoas. Seu assassinato havia sido consequência de tudo que plantou. Ele estava morto e aquela família viva. Entendeu o avô. Precisava cuidar deles.

- Disse que um homem de verdade apenas é homem de verdade quando ele se dedica a família. - Sorriu. - Disse que me amava… É que era pra eu cuidar de vocês… Ah… E que memória fraca é uma dádiva…

- Memória fraca? - Fernanda perguntou confusa.

- Vai entender… Eu vou cumprir o que ele me pediu. Eu vou cuidar de vocês.

Minutos depois despediu-se do avô. Além das cinzas de Francesco, a brisa da bela Ubatuba também levaria para o fundo do mar o segredo sobre o assassino de Filipo. O assunto morreu com Francesco e por vontade de Vitória, assim permaneceria. Morto. Vitória sentia as lágrimas escorrendo por seu rosto. Foi amparada por um abraço da mulher que amava.

Apesar passagem de Francesco, ela estava feliz e em paz. Não se incomodou com as lágrimas morrendo em seus lábios. Como boa amante da culinária que era, admirava todos os sabores. A felicidade também podia ter gosto salgado de lágrimas. A vida é assim mesmo... Agridoce.

Fim